Mario Tosti
a igreja sobre o rio
A missão dos Capuchinhos da Úmbria no Amazonas
CULTURA
Edições
Governo do Estado

a igreja sobre o rio

A missão dos Capuchinhos da Úmbria no Amazonas

VARIA

28

Mario Tosti

a igreja sobre o rio

A missão dos Capuchinhos da Úmbria no Amazonas

Roma – Manaus, 2012
Secretaria de Cultura do Estado

Ao frei Hilarino de Milão, frade menor capuchinho, professor universitário, que me abriu as portas de Universidade.
A todos missionários capuchinhos da Província Seráfica mortos no Amazonas.

Tradução do italiano: frei Francisco Lopes de Sousa Neto, OFMCap.
Revisão em maio de 2012 por frei Hermínio Bezerra de Oliveira, OFMCap.
Este livro está em conformidade com as normas do Acordo Ortográfico assinado por todos os países de língua portuguesa e em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Università degli Studi di Perugia
Dipartimento di Scienze Umane e della Formazione

Provincia Serafica
Frati Minori Cappuccini dell'Umbria

Copyright © 2012 by
Secretaria de Cultura do Estado, Manaus.

EDITOR RESPONSÁVEL ¶ Antônio Ausier Ramos

COORDENAÇÃO EDITORIAL ¶ Jeordane Oliveira de Andrade

CAPA ¶ Ângelo Lopes

PROJETO GRÁFICO E FINALIZAÇÃO ¶ André Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA ¶ Gráfica Moderna

REVISÃO ¶ Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO ¶ Ediana Palma

ISBN 978-88-88001-87-6
ISBN 978-85-64218-38-3

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz
Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

INTRODUÇÃO[1]

A Amazônia, um mundo esplêndido, exuberante e frágil, é uma área que ocupa quase 50 por cento do território do Brasil e é considerada, pela imensa floresta tropical virgem que a cobre, o pulmão do mundo. De leste a oeste, em toda a sua extensão, é atravessada pelo rio Amazonas, o rio de maior curso d'água do planeta. Descoberto na primeira viagem de Américo Vespúcio (1499), que subiu por poucas milhas o ramo principal, foi explorado pela primeira vez por Francisco de Orellana que, partindo de Quito em 1541 com a expedição de Gonzalo Pizarro, desceu a parte oriental dos Andes ao longo do vale do rio Napo, e chegando ao rio principal, o percorreu até a foz. Foi Orellana que, retornando à Europa, deu ao curso d'água o nome de rio Amazonas, cuja bacia hidrográfica corresponde precisamente à região amazônica.

Dividida entre sete países (Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, menores trechos que pertencem à Venezuela e Guiana), a Amazônia assume em quatro desses países uma verdadeira identidade administrativa, formando outras tantas circunscrições que levam todas o nome local de Amazonas. A maior delas fica no Brasil e tem como capital a cidade de Manaus, situada a 20 km da confluência da margem esquerda do rio Negro, que desce do norte, com o Solimões que vem do oeste e que dali em diante recebe o nome de Amazonas.

Até 1800, os assentamentos de brancos na região foram muito escassos, limitados às faixas de mata ciliar acessíveis via água, onde se encontravam guarnições militares de controle, missões católicas e

---

1 Lista de abreviações: AA.EE.SS = Arquivo da Congregação para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, Cidade do Vaticano; ADAS = Arquivo Diocese do Alto Solimões, Tabatinga (Amazonas – Brasil); AGC = Arquivo Geral da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, Roma; APCA = Arquivo da Província dos Frades Menores Capuchinhos, Assis; ACPF = Arquivo da Congregação *Propaganda Fide*, Roma; ASV = Arquivo Secreto Vaticano, Cidade do Vaticano; Aviprocam = Arquivo da Vice-Província dos Capuchinhos do Amazonas (Manaus – Brasil).

centros de coleta de madeiras tropicais e das especiarias recolhidas na floresta. Também Manaus, fundada no século 17, teve controles exigentes dos dignitários da terra e comerciantes de borracha.[2] Do ponto de vista religioso, em 1719 vem instituída a Diocese do Grão-Pará, que incorporava na sua jurisdição inclusive o rio Amazonas e o rio Solimões; em 1755, a Diocese do Grão Pará foi dividida em três vicariatos-gerais: o Vicariato de Cametá, com sede em Cametá, rio Tocantins, o Vicariato de Santarém, com sede em Santarém, rio Amazonas, o Vicariato "do Amazonas" com sede em "Cidade da Barra", hoje Manaus, no rio Negro. A Diocese "do Amazonas", porém, vem a ser fundada somente em 1892, com sede em Manaus, capital do "Estado do Amazonas" e o primeiro bispo foi dom José Lourenço da Costa Aguiar.[3]

Para compreender profundamente o esforço de evangelização e a atividade social e caritativa dos frades menores capuchinhos da Úmbria, que há quase cem anos governam a "Igreja sobre o rio", como vem definida a Diocese de Alto Solimões, no Amazonas, parece útil definir o quadro da Igreja latino-americana entre os séculos 18 e 19. É notório que o fim do domínio colonial (a partir de 1824 o domínio espanhol sobre o continente sul-americano pode-se dizer extinto) provocou um radical e violento processo de desarticulação e desmembramento da Igreja latino-americana: os seminários foram fechados, as ordenações sacerdotais suspensas, as igrejas saqueadas. Um dado resume e ilustra a dimensão quantitativa dessa radical decadência: dos

---

2 A. Seppilli, *L'esplorazione dell'Amazzonia*, Torino, 1964; De Salles, *Geografia econômica do Amazonas*, Manaus, 1971.

3 Com a Bula (27, abril, 1892) Ad universas orbis Ecclesias, Leão XIII separava da Diocese de Belém do Pará a Diocese do Amzonas, cf. Metodio da Nembro, *Storia dell'attività missionária dei Minori Cappuccini nel Brasile (1538? – 1889)*, Roma, 1958, 408; ainda M. Barbosa, *A Igreja no Brasil*, Rio de Janeiro, 1945. Notícias também em: ADAS, *Resumo histórico, Papéis avulsos (1909-1943)*. Para um quadro geral da Igreja na América Latina, da reorganização feita por Gregório XVI ao Concílio Vaticano II, cf. J. A. Mayeur, L'America Latina, In: *Storia del Cristianesimo*. Religione-Politica-Cultura. Vol. 11, *Liberalismo, industrializzazione, espansione europea (1830-1914)*, Roma, 2003, 831-835, também: *Dalle missioni alle chiese locali (1846-1965)* a cura di J. Metzler, In: *Storia della Chiesa 24*, Cinisello Balamo (Milano) 1990, 552-646; G. Pizzorusso – M. Sanfillipo, *Dagli indiani agli emigranti. L'attenzione dalla Chiesa romana al Nuovo Mondo, 1492-1908* (Archivio Storico dell'emigrazione italiana. Quaderni, 1) Viterbo, 2005.

seis arcebispos e dos trinta e dois bispos que compunham a hierarquia católica ao início da Guerra de Independência, em 1826, restavam em toda a América espanhola somente um arcebispo e nove bispos.[4]

No início do século 20 existiam na América Latina 113 circunscrições eclesiásticas, 20 sedes metropolitanas e 93 dioceses; à exceção do México e do Brasil, que possuíam respectivamente seis e duas arquidioceses, a maioria dos países dispunha ao máximo de uma sede metropolitana. Não existia circunscrição eclesiástica com menos de 200.000 quilômetros quadrados e muitas dioceses tinham grande parte do território em áreas agora ainda inexploradas.[5] No Brasil, a situação beirava ao inacreditável. No norte, o país era dividido em sete dioceses sufragâneas da igreja metropolitana da Bahia, enquanto o sul tinha oito dioceses, mais a Arquidiocese do Rio de Janeiro. No total, dezessete sedes, para mais de oito milhões de quilômetros quadrados; cada circunscrição possuía, portanto, um território mais ou menos como o da Itália.[6]

Na América Latina era comum, e Leão XIII confirmou tal isenção, que nas ordenações episcopais o prelado consagrante não fosse assistido por outros dois bispos, tendo em vista a impossibilidade prática, na maioria das vezes de encontrá-los.[7] Em geral, os bispos não eram exemplo também na qualidade do zelo pastoral, mas segundo a maior parte

---

[4] G. La Bella, La Chiesa e il mondo degli altri in America Latina, In: *La Chiesa e le culture. Missioni cattoliche e "scontro di civiltà"*, a cura di A. Giovagnoli, Milano, 2005, in particolare, p. 56.

[5] No Peru, calcula-se, no fim do século 18, mais de 300.000 índios ainda não civilizados. No Paraguai, a única Diocese existente possuía grandes áreas do próprio território totalmente desconhecidas seja do bispo que dos freis. No Equador e Argentina existiam mais vicariatos apostólicos que dioceses canonicamente eretas. *Ibidem*.

[6] Somente no Estado de Minas Gerais, com um território duas vezes maior que o da Itália, tinham somente dois bispos. Não eram poucos os bispos que reconheciam a impossibilidade de cumprir as obrigações da visita pastoral. De 96 relatórios enviados a Roma por ocasião da visita *ad limina*, entre 1894 e 1899, somente 26 bispos declararam ter visitado integralmente o território da própria circunscrição eclesiástica, mas de não tê-lo realizado nos tempos estabelecidos pelas normas canônicas. O bispo de Goiás escreve: "Não possuo uma mesa episcopal, nem dinheiro, nem estipêndio. A visita pastoral não pode realizar-se porque para deslocar-me preciso de recursos financeiros que não possuo": *ivi*, 57.

[7] *Ibidem*. As notícias são tiradas de: Q. Aldea – E. Cárdenas, *Manual de Historia de La Iglesia X, La Iglesia Del siglo XX en España, Portugal y America Latina*, Barcellona, 1987, 473. Vide ainda: M. C. de Lima, *Breve História da Igreja no Brasil*, Rio de Janeiro, 2001.

dos testemunhos da época, eram como generais sem exército. O problema mais grave, todavia, era aquele do clero; comunicados e relatórios enviados a Roma pelos bispos diocesanos e daquele restritíssimo grupo de núncios que operava na América Latina no início do século 18, são pontilhados de repetidas referências ao problema do clero. A escassez de sacerdotes era particularmente dramática nos países territorialmente grandes e com poucas dioceses com Argentina e Brasil que, sem dúvida, apresentava a pior situação. Em 1882, numa correspondência enviada a Roma, se sublinha que a insuficiência do clero comprometia seriamente a situação do país.[8]

Foi Leão XIII o primeiro papa a perceber as graves dificuldades da Igreja neste continente, sejam aquelas internas, "o renovamento pastoral", sejam aquelas externas, ou seja, as suas relações com os Estados e com a mais ampla sociedade civil. As celebrações pelo quarto centenário do descobrimento da América, em 1892, ofereceram ao ex-bispo de Perúgia a primeira ocasião pública para refletir sobre as consequências daqueles acontecimentos e manifestar a "diligência" da Sé Apostólica pelas "amantíssimas populações da América Latina", e ainda promover um revigoramento da fé católica e da Igreja naquele continente.[9] Em Roma, como sabemos, o planeta latino-americano era um continente largamente desconhecido. Foi para preencher essas lacunas que a Santa Sé decidiu iniciar uma vasta pesquisa de conhecimento da situação; a síntese desse amplo trabalho investigativo está recolhido no volumoso relatório de maio de 1894, redigido pela Sacra Congregação para os assuntos eclesiásticos extraordinários.[10]

---

8 Em 1900, a Diocese do Pará tinha 68 sacerdotes seculares e 7 religiosos para 487 igrejas e capelas e mais de 600.000 fiéis. A arquidiocese de São Salvador da Bahia com mais de 2 milhões de fiéis podia contar com 346 sacerdotes e São Paulo com 1.800.000 fiéis não tinha mais que 200 sacerdotes seculares e 50 religiosos. G. La Bella, *La Chiesa e il mondo*, 59.

9 Ivi, 62-69. Mais exatas considerações sobre a particular atenção que Leão XIII dedicou à consolidação do catolicismo latino-americano em A. M. Pazos, *Objectifs de la diplomatie vaticane dans l'Amerique latine à l'époque de Léon XIII*, in Le pontificat de Leon XIII renaissances du SaintSiège? Études réunies par P. Levillain – J. M. Ticchi (Collection de l'École Française de Rome, 368), Rome, 2006, 243-250)

10 Cf. *Sulle condizioni politico-religiose delle Repubbliche Americane del Centro e del Sud*, Tomo I, Maggio 1894. O volumoso relatório é conservado em AA.EE.SS., América, 1894-1895, pos. 61; citado em G. La Bella, *La Chiesa e il mondo*, 63, nota 48.

O espírito de liberdade e de independência, a imigração maciça de europeus, que levavam ao continente comportamentos morais e sociais cheios de perigos, a ação da maçonaria, percebida como um verdadeiro Estado no Estado, são os problemas que emergem do longo relacionamento que, não obstante os limites, assinalam a passagem da cristandade sul-americana da marginalização e desvalorização à dignidade de continente do futuro e de esperança das Igrejas cristãs.[11] Além disso, a partir da ultima década do século 18, o Brasil conheceu uma imponente explosão demográfica, alimentada, sobretudo, de fluxos migratórios da Europa, tanto que, no início do século 19, se podia registrar a média, para cada sacerdote, cerca de 6.852 fiéis.[12]

Entre as zonas mais afetadas pelo fenômeno migratório situa-se justamente a Amazônia, que naquela conjuntura estava no centro do comércio mundial de borracha. Descrevia bem a sua situação dom Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará e do Amazonas, que numa conferência realizada em Manaus em maio de 1883, depois traduzida e impressa em Turim, convidava calorosamente as autoridades locais e a Santa Sé a colaborar para realizar a sua "civilização".[13] Justamente agora "que a ciência, a indústria, o comércio" começavam a descobrir "o recôndito e opulentíssimo tesouro das riquezas naturais" presentes na Amazônia era indispensável – segundo dom Macedo – "levantar o nível intelectual e moral dos povos da Amazônia". Para ele, agir rapidamente rumo à "civilização" daquela terra era, sobretudo, uma questão econômica, política e social: precisava transformar o viver incerto e retirante daqueles povos em populações estáveis, organizadas em famílias, ligadas à terra.[14]

---

11 *Ibidem*.

12 J. A. Mayeur, *L'America Latina*, 831-835.

13 *L'Amazzonia mezzo di svolgere il suo incivilimento*. Conferência realizada em Manaus no Palácio da Assembleia Provincial na presença do Exmo. Senhor Presidente da Província e de um grande número de pessoas ilustres no dia 21 de maio de 1883, por dom Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará e do Amazonas. Primeira versão do português para o italiano por um padre da Companhia de Jesus, Turim, 1884.

14 A situação descrita por dom Macedo era aquela "de um povo vivente, espalhado por um vastíssimo território deserto, abandonado à própria sorte, viciado em excessivo ócio e bacanais, sem nenhuma instrução civil ou religiosa e em parte ainda selvagem": ivi, 17.

Nessa missão a Igreja deveria exercer um papel fundamental, mas não sendo possível utilizar tantos sacerdotes quanto era necessário para exercer uma "benéfica influência" sobre toda a vasta extensão da região,[15] a solução era constituir "um corpo de missionários dispostos a desdobrar toda a energia das suas almas pela missão perpétua daquela população até agora completamente abandonada"; missionários que deveriam desenvolver a sua ação num "navio-igreja" em condições de percorrer continuamente a imensa rede fluvial, "levando as luzes e os auxílios do espírito às populações cristãs e pagãs".[16] Cristoforo, "portador de Cristo", também em honra de Cristóvão Colombo, deveria ser o nome deste "templo-flutuante", que deveria "agilizar a difusão do fecundo germe da civilização cristã, até as mais incultas e remotas paragens da Amazônia".[17] Um plano de evangelização que entendia adaptar-se às circunstâncias para levar a "moral e a religião", enquanto cabia à autoridade civil "dar-lhes a escola, a administração da justiça, a medicina". "Devemos ter, é o jeito – escreve dom Macedo – um ministério evangélico ambulante, como teremos, à imitação da Suécia, professores ambulantes, como teremos juízes ambulantes, como teremos médicos ambulantes, como já temos em grande escala comércio ambulante. É uma necessidade premente à qual todos devemos render-nos se desejamos manter relações com este povo para ajudá-lo, protegê-lo, defendê-lo, educá-lo e inspirar-lhe os nobres sentimentos da honra e do dever".[18] As vantagens desse projeto, de um navio, isto é, consagrado ao serviço religioso do grande vale, não eram somente espirituais porque – escreve dom Macedo – "a moralização dos cidadãos aumenta a prosperidade do Estado".[19]

A obra dos religiosos torna-se indispensável, sobretudo nas áreas do Norte e do Nordeste, subdesenvolvidas e pouco servidas de clero secular. Consciente dos problemas brasileiros, Roma enviou homens

---

15 "A experiência demonstra que um sacerdote só, isolado em locais, que para a vida do espírito são verdadeiros desertos, sem os exemplos e encorajamentos de um companheiro sacerdote, está em perigo evidente de perder o espírito do seu estado, submergir-se na atividade mercantilista, e por fim naufragar na fé": ivi, 27.

16 Ivi, 19.

17 Ivi, 21.

18 Ivi, 22.

19 Ivi,37.

e dinheiro, facilitou o desenvolvimento institucional e o alinhamento ao modelo europeu por meio da multiplicação de dioceses, colégios, seminários, santuários, festas e congressos eucarísticos. Falou-se nesse período que durou, segundo alguns historiadores até 1960, de "triunfalismo da organização".[20] Com um clero pela metade enviado a formar-se na Europa e outra metade importada da Europa, essa Igreja prosseguiu a sua reforma e o seu robustecer institucional; os reforços europeus foram consideráveis: lazaristas, redentoristas, dominicanos franceses, irmãs de São José de Chambéry, capuchinhos franceses e italianos, salesianos italianos, carmelitas holandeses, beneditinos belgas e alemães, franciscanos alemães, jesuítas, chegaram às áreas mais remotas e inóspitas do continente latino-americano.

É num semelhante horizonte que se deve pôr também a origem da missão dos capuchinhos umbros no Amazonas e é para recuperar as etapas dos cem anos da sua presença na terra que este livro foi concebido, na consciência da profunda mudança que, nos últimos anos, do ponto de vista historiográfico, se verificou na história das missões católicas; uma história que não teve dificuldade de servir-se dos aportes derivados da história da cultura e das mentalidades ou, ainda, da antropologia religiosa.[21] Todavia, as páginas que seguem são sobretudo orientadas à reconstrução interna da história da missão; um estudo do passado que insiste na lenta penetração dos missionários numa terra hostil e selvagem, sobre a sua obra de civilização, por meio da construção de igrejas, oratórios e pequenas manufaturas, sobre os seus contatos com as populações locais e sobre as modalidades do anunciar a mensagem cristã e da sua adaptação a uma realidade, na maioria das vezes, primitiva.[22]

---

20 J. A. Mayeur, *L'America Latina*, 831-835.

21 Sobre *uma renovada perspectiva pontuais as reflexões* de A. Giovagnoli, *Universalismo cattolico e missioni Ad Gentes*, in La Chiesa e Le culture, a cura di Id., 15-35. Inoltre: Il cammino dell'evangelizzazione. Problemi storiografici. Atos do XII Congresso de Estudos da Associação italiana dos professores de história da Igreja. Palermo, 1922; setembro, 2000, *a cura di G. Martina* – U. Dovere, Bologna, 2001.

22 No decorrer do tempo, diversas foram as obras que tentaram reconstruir tal presença; em particular: Francesco da Vicenza, *I missionari cappuccini della Província Serafica*, Città di Castello, 1931, em particular 368-387; mais recente: E. Picucci, *Missionari all'inferno*, Perugia, 1982; *I Cappuccini Umbri in Amazzonia. 75 anni di presenza*, Perugia, 1985. A recorrência do centenário favoreceu a publicação de textos, nem sempre, todavia, histori-

Dos relatórios dos prefeitos e da correspondência dos missionários, duas das fontes mais utilizadas no presente trabalho emergem de modo inequívoco que o método pastoral usado, ao menos até os umbrais do Concílio Vaticano II, eram aquele que, com em português se acostumou a chamar "desobriga" (literalmente liberar-se da obrigação de alguma coisa); não se tratava, certamente, de uma evangelização, mas de uma forma de entrar em contato com as populações indígenas, conhecer-lhes e administrar-lhes os sacramentos. Aparece uma concepção de evangelização que se identifica com uma "pastoral dos sacramentos" e particularmente com a regularização da situação conjugal, julgada prioritária para começar qualquer ação sistemática que conduzisse à plena e madura adesão à fé católica. Não se pode deixar de ver como, ao menos nessa fase, prevaleça, em vez de uma abordagem cultural um etnocentrismo intelectual que os antropólogos definiram como "civilizar os bárbaros"; "civilização", com efeito, é o termo mais usado para indicar a comunicação do Evangelho e as atividades do apostolado: uma concepção que leva à necessidade de destruir o que se entende como errado segundo os parâmetros da cultura considerada superior, em nome de uma superioridade intelectual e moral que justifica tais atos. Foi a partir da metade dos anos trinta que se inicia um esforço para compreender as estruturas sociais das populações indígenas e entre os missionários que mais se dedicaram ao contato com os índios, em particular com os Ticuna, sem dúvida se deve recordar frei Fidélis de Alviano, que chegou ao Brasil em 1926. Para superar as dificuldades de comunicação e realizar melhor a obra de catequese, frei Fidélis idealizou inclusive uma gramática e um dicionário da língua

---

camente confiáveis: V. Anderlini – P. Gioia – M. Ginettelli, *Dal Rio Seco al Rio delle Amazzoni. Un secolo di missioni gualdesi in Brasile*, Gualdo Tadino, 2009; *Amazônia, desafios e prospectivas para a missão*, organizadores R. Possidônio C. Mata e Cecília Tada, Paulinas, 2009, em particular 33-60 (A Igreja na Amazônia. Resgate histórico de Possidônio C. Mata). Mais em geral sobre a presença da Ordem: Metodio da Nembro, *Storia dell'attività missionaria*; Id., *Cappuccini nel Brasile. Missione e Custodia del Maranhão (1892-1956)*, Milano, 1957; *Capuchinhos no Brasil*, organizador C. A. Zagonel, São Luís (MA), 2001; Valentí Serra de Manresa, *Capuchinos catalanes in tierras de America*, in Estúdios Franciscanos 103 (2002) 229-238; Id., *Caputxins Catalans a La costa atlàntica nicaragienca: El Vicariat aposòlic de Bluesfields(1913-1943)*, in Analecta Sacra Tarraconensia 74 (2001) 497-520; Id., *Algunes problemàtiques de mentalitat i cuyltura em l'evangelització colonial*: El caputxins catalans a La Guiana Durant El segle XVIII, Barcelona, 2004.

ticuna que, em 1945, tornou-se um volume publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico Nacional Brasileiro.[23]

Certamente as coisas ainda se encaminham numa perspectiva fortemente "eurocêntrica", no sentido em que, também, o dicionário e a gramática continuam a ser uma tentativa de englobar a cultura indígena naquela europeia, porém não se pode omitir que aqueles foram anos em que se pode assistir a um sincero esforço para compreender a civilização e a cultura dos índios, superando, por consequência, alguns juízos negativos envolvendo a esfera moral e comportamental dos índios. Houve ainda um esforço para divulgar a cultura material e o artesanato indígena, levando para mostras e exposições produtos manufaturados à Europa, como aconteceu, por exemplo, por ocasião da exposição de 1949, em Roma, cujo material será a base para a fundação do museu permanente de Assis.[24]

Com o decreto *Ad Gentes*, de 7 de dezembro de 1965, o Concílio Vaticano II abria novos desafios para a evangelização; daquele documento emerge em modo exato que o Evangelho não impõe conteúdos culturais preestabelecidos e uniformes, mas revela novas relações vitais, interpessoais, a começar daquelas imanentes ao mistério de Deus, os quais se debruçam sobre o ser e a vida do homem e o chamam a uma nova dignidade e uma renovada esperança. Nesse contexto, emerge a figura de dom Adalberto Marzi, nomeado administrador apostólico em 25 de abril de 1959 e sucessivamente, do papa João XXIII, em 4 de fevereiro de 1961, por ocasião da celebração do cinquentenário de fundação da prelazia, elevada à dignidade episcopal. Aqueles anos do episcopado de dom Marzi foram anos nos quais a América Latina foi profundamente agitada pela "teologia da libertação".

O período de incubação desse "novo modo de fazer teologia", como a define Gustavo Gutiérrez, foram os anos sessenta quando o con-

---

23 L. Canonici, *Padre Fedele: l'apostolo dei Ticuna*, in Voce Serafica di Assisi 21(1980); Fedele d'Alviano, Gramática dicionário, verbos e frases e vocabulário prático da lingua dos indios Ticuna, In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 183, Rio de Janeiro, 1944.

24 Fredegando d'Anversa, *Il museo francescano dei frati minori cappuccini in Assisi*. Discorso inaugurale, Roma, 1929; notícias sobre a origem também em: L. Matarazzi, *Guida al museo degli Indios dell'Amazzonia*, Assisi s.d.; Museo Missionario dei Cappuccini umbri, Assisi, 1990.

tinente latino-americano atravessou umas das conjunturas políticas mais críticas da sua história. Um período caracterizado, por um lado, pela crise das teorias desenvolvimentistas e dos modelos por essas defendidas e do outro por uma acelerada politização em toda a América Latina dos setores mais significativos,[25] do outro lado, sobretudo nos ambientes eclesiásticos, se viviam naqueles anos de expectativas teológico-pastorais suscitadas pelo Vaticano II, do qual se esperavam reformas capazes de superar os abismos históricos entre "Igreja e mundo" que se refletiam claramente nas contradições socioeconômicas e políticas sempre mais estridentes. Anos difíceis, que marcaram a passagem de um modelo de evangelização de caráter colonialista a uma inculturação da fé, com um processo de socialização do indivíduo guiado pela encarnação na realidade e da evangelização libertadora. Frequentemente as contraposições se radicalizaram e em todo o continente, não só grupos de cristãos, tomaram posições revolucionárias; a própria experiência cristã começou a organizar um modo novo de viver, de refletir, de comunicar, de celebrar a fé; aquele inclusive da opção real e efetiva pelos interesses e as lutas dos condenados da terra. Foram anos de euforia pastoral, basta pensar na segunda conferência do episcopado latino-americano celebrada em Medellín (1968), mas também anos de involução de atitudes cada vez sempre mais repressivas, favorecidas também pelo endurecimento dos governos latino-americanos.[26]

É nesse contexto histórico que devemos ressaltar os pontos fundamentais da ação pastoral de dom Marzi, a essa altura em condições de saúde sempre instáveis e que progressivamente pioraram, mas que não o impediram, depois de uma convalescença em 1981 num hospital de Perúgia, de retornar no mesmo ano ao Brasil para a consagração do bispo capuchinho, natural de Benjamin Constant, dom Alcimar Caldas Magalhães.[27] No clima pós-conciliar, formou-se ainda uma matriz numerosa de jovens missionários, que fizeram emergir, de modo sempre mais evidente, os grandes paradoxos de uma terra

---

25 S. Scatena, *In populo pauperum: la Chiesa latino-americana dal Concilio a Medellin*. 1962-1968, Bologna, 2008, que tem o aval do prefácio de Gustavo Gutiérrez.

26 *Ibidem*.

27 M. Collarini, mons. Adalberto Marzi da Spello. Nel 50º del suo sacerdozio, In: *Voce Serafica di Assisi*, 74/3 (1997) 7-15.

como o Amazonas: muita terra e muitos sem-terra, muitas riquezas e muita pobreza. Mas sobretudo se constrói uma estratégia missionária que leva os apóstolos capuchinhos a conhecer as causas do empobrecimento do povo e a contribuir para expelir as forças do mal operantes em tantas situações desumanas, que ferem o direito de cidadania daquela gente. Com eles e com tantos outros comprometidos com a Amazônia naqueles anos, a consciência missionária se reacende, a nova evangelização visa à promoção integral da pessoa, o que implica defesa da vida em todas as suas formas: a vida humana em perigo diante da lógica de exploração e violência, com a consequente defesa de índios, seringueiros e povos do rio. Foram criados institutos de formação superior, se estudam os processos de exclusão social e até mesmo a ecologia com o objetivo de "abrasileirar" sempre mais as estruturas eclesiais. Nesse contexto, os frades umbros parecem chegar à conclusão de que a Igreja devia "sujar as mãos" e colocar em relevo o direito de todas as populações que vivem na região, indigentes em primeiro lugar. Eram já então claras, ao menos para os capuchinhos da Úmbria, as novas linhas de evangelização da Amazônia, um projeto confirmado em 2003 pela recém-criada comissão episcopal da Amazônia.[28]

Certamente o cenário mudou: hoje se fala de "agonia" da grande floresta. Desmatamento, biopirataria, queimadas, narcotráfico, estrangulamento das periferias urbanas, invasões e violações das áreas indígenas, são alguns dos desafios que requerem a intervenção de mulheres e homens conscientizados. Tarefas árduas, carregadas de dificuldades, mas também de esperança, que veem em primeiro plano o redesenhar da missão, no sentido de encarnar o Evangelho nas culturas e sintonizar-se com as grandes aspirações da humanidade, a partir exatamente dos pobres; a refundação da identidade, revisitando o passado à luz do presente, na fidelidade à experiência originária e ao hoje; a renovação da instituição eclesial, que deve ser instrumento e sustento da evangelização e das pessoas.

---

28 M. Castagno, Brasile: una Chiesa al bivio, In: *Missione oggi* (2004/2) 33-36; *Globalizaciòn y nueva evangelizaciòn en America Latina y el Caribe*. Reflexione del Celam, 1999-2003 (Colecciòn Documentos Celam, 165), Bogotà, 2003; M. J. de Godoy, Brasile: quale Chiesa per il XXI secolo? In: *Missione oggi* (2002/2) 42-44.28

Este volume nasce da convenção que em junho de 2005 vem estipulada entre a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos da Província da Úmbria e o Departamento de Ciências Humanas e da Formação-Secção de estudos histórico-artísticos, por ocasião do 1.º Centenário da presença missionária da Ordem no Amazonas. Quatro anos de trabalho durante os quais tantos foram os débitos contraídos pelo autor com homens e instituições que colaboraram e deram suporte à pesquisa. Antes de tudo a doutora Chiara Coletti e o doutor Filippo Maria Troiani, que participaram da catalogação dos documentos conservados no Arquivo Histórico da Província, em Assis (Secção Missões); Piotr Lula e frei Gustavo Alves dos Santos Filho, arquivistas da cúria provincial, que com grande cortesia e disponibilidade agilizaram o acesso a uma documentação geralmente não muito organizada; dom Alcimar Magalhães, bispo de Alto Solimões, frei Paulo Xavier, Vice-Provincial, frei Gino Alberati, frei Fulgêncio Monacelli e frei Mario Monacelli, a cuja memória vai uma comovida recordação, que tornaram possível a consulta da documentação conservada nos arquivos amazonenses.

Um débito particular de reconhecimento vai a todos os frades da cúria provincial, muitos desses meus alunos no Instituto Teológico de Assis, pelo interesse com que acompanharam as várias fases do trabalho; as suas perguntas, o seu encorajamento, durante os dias passados serenamente com eles no convento, foram um grande estímulo. Um agradecimento especial a frei Mario Collarini, a memória histórica da missão, que leu e corrigiu todas as páginas do volume, fornecendo-me preciosos conselhos; Carla Vitali, do Centro Missionário de Assis, que assumiu a honra de selecionar as fotos históricas publicadas no volume; trabalho nada fácil, considerando a quantidade impressionante de material; e o fez demonstrando grande capacidade e gosto. Um particular reconhecimento devo também ao frei Gabriele Ingegneri que incluiu o volume na prestigiada coleção do Instituto Histórico dos Capuchinhos. Sentimentos de estima e amizade me unem agora mais que nunca ao frei Celestino Di Nardo, que me convenceu no longínquo 2005 a aceitar o encargo e que discutiu comigo a impostação da última parte do volume, aquela que narra a história mais recente da missão.

Reconhecimento devo ainda a frei Ennio Tiacci, ministro provincial quando foi realizada a convenção; ele, já então, era convicto de que a celebração não devesse transformar-se numa recordação hagiográfica e que somente uma reconstrução histórica baseada sobre o confronto das fontes pudesse ser útil para projetar o futuro. Uma linha reafirmada pelo atual ministro provincial, frei Antonio Maria Tofanelli que se prodigou para favorecer as pesquisas nos arquivos romanos, e continuou a interessar-se pelos progressos do trabalho deixando-me sempre na mais absoluta liberdade. Resta, para mim, a marca mais significativa da escola histórica capuchinha, uma tradição de alto nível que ainda hoje testemunha o valor que a cultura e um sério empenho científico envolvem o interior da Ordem. Por isso foi lógico dedicar este volume também a frei Hilarino de Milão que, com alegria franciscana, me acolheu no longínquo 1978, no seu Instituto de História da Faculdade de Magistério da Universidade de Perugia, sem poupar-me o sacrifício, o esforço e o rigor que a estrada da pesquisa comportava. Na mesma linha, é bom e justo recordar ainda frei Stanislao de Campagnola, professor emérito da Universidade de Perugia; a sua contribuição, também a esta pesquisa, como o foi para tantas outras, poderia ter sido fundamental, mas a sua saúde não o permitiu; todavia a ideia de que uma vez foi examinada com o seu escrúpulo foi motivo de permanente aprofundamento. Um agradecimento sincero, enfim, à amiga e colega Rita Chiacchella, que leu com atenção o corpulento manuscrito. Depois de mais de trinta anos de colaboração entre nós existe atualmente uma plena sintonia, que supera o âmbito acadêmico e inclui a esfera pessoal e familiar.

CAPÍTULO PRIMEIRO

1. A conturbada posse da Missão

"A Província Seráfica capuchinha, qual herdeira legítima do espírito de S. Francisco teve sempre especial atenção às santas missões e sempre nutriu no próprio seio bons missionários. Como prova disso basta recordar o grande Santo de Leonissa, coração e orgulho desta nossa amada província". Assim inicia a *Cronaca della Missione di Rio Negro nel Brasile* [...] uma fonte que, por mais de quinze anos seguirá, quase quotidianamente, com entusiasmo e paixão, as vicissitudes da instalação dos capuchinhos umbros no Amazonas.[1] A história dessa missão pode ser também inserida muito facilmente no contexto mais generalizado da história missionária da Igreja Católica na América Latina entre os séculos 18 e 19. Como é notório, a verdadeira história das missões no Brasil, no sentido de uma ação planejada e coesa, não mais ligada a iniciativas particulares, valorosas, mas quase sempre aventureiras, inicia a partir de 1891, quando, caindo o Império, emana a Constituição, que previa um regime de separação entre Igreja e Estado; uma dissociação que deixava, todavia, amplos espaços de liberdade às iniciativas de evangelização. Ao mesmo tempo o Brasil conheceu uma imponente explosão demográfica alimentada sobretudo de fluxos migratórios da Europa, tanto que, no início do século 19, se podiam registram uma média de 6.852 fiéis para cada sacerdote. A essa altura a obra dos religiosos torna-se indispensável, sobretudo nas áreas do Norte e Nordeste, subdesenvolvidas e pouco servidas pelo clero secular.

---

[1] APCA, 101, *Missioni – Storia*, 3, Cronaca (1906-1911), Cronaca della Missione di Rio Negro nel Brasile (America) proposta dalla Sacra Congregazione di *Propaganda Fide* e dal rev.mo p. generale Pacifico Seggiano [...] alla nostra Provincia Serafica il 5 marzo 1909 ed accettata con lettera del 10, marzo, 1909 dal M. R. P. Giulio da Perugia ministro provinciale e suo Definitorio Provinciale (de agora em diante Cronaca della Missione).

A intenção do santo padre Pio X, de confiar uma nova missão à Ordem dos Capuchinhos, foi diretamente comunicada pelo cardeal secretário de Estado Merry Del Val ao Ministro Geral, Fr. Pacífico de Seggiano,[2] o qual imediatamente se lembrou da solicitação já feita no passado pela Província da Úmbria e convocou urgentemente a Roma, com tal escopo, o ministro provincial, Giulio de Perúgia.[3]

Eram já passados diversos anos desde quando a decisão da Congregação da *Propaganda Fide* e dos superiores capuchinhos de confiar diretamente às províncias, individualmente, as missões dependentes da Ordem, que os religiosos da Úmbria haviam insistentemente pedido a concessão de uma missão. Tinham recordado muitas vezes aos superiores romanos o esforço dos frades da Província Seráfica na atividade missionária na Suíça, Tunísia e Síria, nas Índias orientais e até no Brasil, quase querendo destacar a natural predisposição dos herdeiros de S. Francisco para enfrentar uma incisiva atividade de evangelização, mas um pouco pelo escasso número de religiosos, consequência dos acontecimentos dolorosos pela conclusão da unidade nacional, com as supressões e as apropriações de bens por parte do Estado e um pouco pela escassa solicitude demonstrada sobre a questão pelos padres provinciais e pelos membros do definitório, este desejo nunca havia en-

---

2 A Secretaria de Estado comunicou, com carta datada de 30 de janeiro de 1909, a oferta da missão no rio Negro ao Ministro Geral e pregador apostólico, Fr. Pacifico da Seggiano o qual, com carta de 3 de fevereiro de 1909, respondia: "Se bem [...] no momento atual na Ordem se agravou não pouco a cura e direção de 36 missões e faça pesados sacrifícios para fazer progredir no melhor modo possível, também estou contente em assegurar a Vossa Eminência que a Ordem está prontíssima a enfrentar e sustentar novos sacrifícios"; acrescentando logo depois que: "Certamente a província à qual será confiada a missão do rio Negro não poderá imediatamente ao início dispor de muito efetivo pessoal". AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup. II, minuta da carta do Ministro Geral ao cardeal secretário de Estado, Roma, 3, fevereiro, 1909.

3 "Mui reverendo Padre Provincial, por ocasião da sua última vinda a Roma nos manifestastes o desejo de ter uma missão no exterior. Naquele momento não pudemos satisfazer a sua solicitação, porque não existiam à nossa disposição. Agora aceitamos uma no Brasil e acreditamos que possa convir a esta província. Por carta é muito difícil nos entendermos sobre este assunto importante. Portanto, pedimos de poder dirigir-se a Roma para tratar do assunto [...], APCA, 103, *Missioni-Varie*, 1, Fondazione Rio Negro (1909), p. Pacifico da Seggiano a p. Giulio da Perugia, Roma, 28, febbraio, 1909.

contrado correspondência.[4] Agora, finalmente, aquela esperança podia concretizar-se e Fr. Giulio, indo especificamente a Roma, depois de ter falado da missão com o Ministro Geral e ter tido dela uma "sumária notícia" do secretário para as missões, aceitou, prontamente, a proposta, reservando-se todavia de encaminhar toda a questão ao definitório da província.[5] Fr. Giulio retornou à Úmbria, precisamente a Espoleto, lugar de sua residência, satisfeito de poder submeter aos seus frades a oferta há tempos esperada e no definitório, convocado em Assis nos dias 9-10 de março, o contentamento torna-se unânime e encontrou concretização na aceitação definitiva da missão, comunicada no mesmo dia ao Ministro Geral e aos definidores gerais com uma carta.[6]

---

4 Uma mudança importante nesse sentido ocorreu provavelmente com a eleição ao vértice da província de Fr. Giulio de Perugia (3 maio 1907). Apenas eleito, falou diretamente com o Ministro Geral, primeiro com Bernardo Christen de Andermatt e depois com Fr. Pacifico de Saggiano e, verificadas as "boas disposições", em outubro de 1908, fez o definitório provincial formular um pedido formal ao superior-geral que, sucessivamente, encontrando-o em Roma, fez-lhe saber que de imediato não tinha "em mãos" alguma missão disponível, mas que "tão logo aparecesse alguma lhe seria imediatamente proposta"; *Cronaca della Missione*, c. 5.

5 Podemos conhecer as primeiras notícias da missão, a sua origem, a história, pela carta que Fr. Pacifico enviou ao ministro provincial, talvez na mesma ocasião da reunião do definitório, de modo tal que informasse também os outros frades. "Manaos, cidade ao norte do Brasil, é a residência aonde devem ir os novos missionários. Desta estação poderão pouco a pouco expandir-se ao longo do rio Negro. Em Manaos no presente, encontram-se missionários da Província de Milão. Estes são realmente muito ocupados, para atender aos muitos trabalhos que têm em outros estados da vastíssima missão do Marangone (sic). Portanto, o provincial de Milão cede de bom grado à Província da Úmbria a residência de Manaos, onde esta dará início à nova missão, que o Santo Padre deseja ver iniciada naquelas longínquas terras do rio Negro". Na carta se forneciam notícias sobre a escola, frequentada por cerca de 285 meninos, que aprendiam com professores leigos música, geografia, história, geometria, português, francês e inglês; a educação da juventude era julgada indispensável para o progresso espiritual das populações que, escreve, eram "indiferentes em matéria religiosa, para não dizer ímpios". Preponderavam o protestantismo, a maçonaria e o espiritismo, mas os missionários eram bastante respeitados: "Os meninos vão todos à Missa nos domingos e festas de preceito, ajudam a cantar na igreja, aprendem o catecismo". APCA,103, *Missioni-Varie*, 1, Fondazione Rio Negro (1909), p. Pacifico da Saggiano a p. Giulio da Perugia, Roma, 5, marzo, 1900. Notícias circunstanciais em: Metodio da Nembro, *I Cappuccini nel Brasile*, in particolare 236-259.

6 A missiva está conservada em APCA, 103, *Missioni-Varie*, 1, Fondazione Rio Negro (1909), Assisi, 10, marzo, 1909, e é também inteiramente transcrita na *Cronaca della Missione*, c. 9-11. "O nosso m. r. frei provincial desde o início de seu governo propôs pedir

Tendo apenas recebido a resposta dos frades da Úmbria o Ministro Geral comunicou ao pontífice a ocorrida aceitação da missão,

---

ao rev.mo padre-geral uma missão externa para a nossa seráfica província. O definitório, tendo visto com bons olhos a proposta, fez muitas vezes argumentos e considerações. Finalmente, se chegou à conclusão de tomar uma resolução definitiva, decidindo fazer ao rev.mo padre-geral o referido pedido e dando o encargo ao próprio padre provincial de fazer as práticas necessárias. Ele, aproveitando a ocasião favorável de encontrar-se em Roma, manifestou mais de uma vez ao rev.mo frei geral antes e depois aos rev.mos padres definidores as nossas intenções de ter uma missão externa, encontrando sempre elogio, encorajamento e aprovação. O definitório provincial, informado do bom começo das práticas feitas pelo provincial reconhecendo na complacência e na aprovação dos superiores-gerais um sinal manifesto da vontade de Deus, na congregação do dia 12 de outubro de 1908 decide transmitir ao rev.mo frei geral a solicitação de confiar à nossa Seráfica Província uma missão externa possivelmente na América, e com preferência no Brasil. Nos albores de janeiro, o nosso m. r. frei. provincial devendo andar a Roma, manifestou ao rev.mo frei geral a nossa decisão, fazendo-lhe verbalmente o pedido formal. Mas não existindo à disposição nenhuma missão, o reverendíssimo frei geral, enquanto acolhia favoravelmente o nosso pedido, prometia que na primeira ocasião nos favoreceria. E Deus quis que isso fosse o mais rápido do que esperávamos. De fato, na data de 28 de fevereiro o reverendíssimo frei geral chamava a Roma o m. r. frei. provincial para comunicar-lhe que tendo a Santa Sé oferecido à nossa Ordem a missão do Rio Negro no Brasil, era disposto a confiá-la à nossa província. E o provincial, indo a Roma [...] a aceitou, entanto, verbalmente em nome da província, reservando-se de posteriormente fazê-lo por escrito juntamente com seu definitório. Para o qual, convocados os definidores em congregação extraordinária em nosso convento de Assis, junto à tumba de nosso seráfico pai e sendo informados pelo provincial das práticas felizmente conduzidas a bom termo, ainda das intenções dos nossos reverendíssimos superiores-gerais, apoiados na leitura da carta do reverendíssimo frei geral e tendo examinando o modo melhor pelo qual a província poderá satisfazer os deveres aos quais a nova missão apostólica lhe impõe, foi determinada a aceitação formal da citada missão. Portanto, nós, abaixo-assinados, para a glória de Deus e pela saúde das almas redimidas com o preciosismo sangue de Jesus Cristo em obséquio aos desejos de nosso amantíssimo pai SS. Pio X e em decoro da nossa Ordem, em nome desta nossa seráfica província, aceitamos formalmente a missão do Rio Negro no Brasil. No comunicar aos reverendíssimos padres esta nossa formal aceitação, entendemos também exprimir a eles os nossos humildes sim, mas férvidos agradecimentos pelo cuidado e benevolência com que acolheram, favoreceram, e favoreceram o nosso pedido. E nós, do nosso canto, confiantes na ajuda de Deus, da Virgem Imaculada e do nosso Seráfico Pai, de quem reconhecemos a inspiração de nossos santos propósitos e a pronta e favorável acolhida feita à nossa solicitação, prometemos seriamente não medir esforços para conseguir cumprir o empenho que agora assumimos diante de Deus e dos homens, diante da Igreja e da Ordem. Com todo o respeito. [...]" A missiva, enviada de Assis em 10 de março de 1909, é assinada por Fr. Giulio de Perugia, ministro provincial e pelos definidores: Fr. Bernardo de Ceglie, Fr. Giacomo de Civitella, Fr. Serafino de Trevi, Fr. Clemente de Massa.

obtendo em 26 de abril de 1909, a resposta oficial da Secretaria de Estado, o cardeal Merry Del Val congratulando-se pela "generosa iniciativa" assumida pelos "zelosos padres" da província úmbria, recordava ao Ministro Geral que a missão se estava construindo sob a jurisdição da Congregação de *Propaganda Fide* e que, portanto, à referida correspondiam todas as práticas ulteriores.[7] Seis dias antes, Fr. Giulio tinha mandado imprimir e divulgar em toda a província uma carta circular com a qual comunicava "a boa notícia": a aspiração de haver diretamente confiada uma missão estava agora realizada. Na mesma circular comunicava os nomes dos primeiros missionários, que deveriam partir no fim de junho. Prontamente, de fato, em 3 de junho de 1909, Fr. Venanzio, procurador e comissário-geral da Ordem, escrevia ao padre superior do Maranhão para comunicar-lhe que, desde 26 de abril, a missão do rio Negro estava confiada à Província da Úmbria; nos primeiros dias de julho deveriam chegar os primeiros capuchinhos umbros e todavia a recomendação era a de permanecer no lugar até quando os novos missionários estivessem em condições de "cuidar do sagrado ministério". Para não alarmar a população – escrevia Fr. Venanzio – "será melhor não falar de tal projeto, e quando chegar o momento de partir, partam pouco a pouco, de modo que o povo nem mesmo perceba tal mudança, usando nessa prática a máxima prudência, onde não se perca o grande bem operado por eles em Manaus".[8]

Ao selecionar os quatro missionários, Fr. Giulio levou certamente em máxima consideração as recomendações que lhe tinha feito o Ministro Geral na carta de 5 de março de 1909: "recomendamos fortemente [...] de ter um olhar ampliado sobre a escolha dos sujeitos, não vendo o sacrifício que a província deve fazer; porque isso será

---

[7] Cópia da carta em APCA, 103, *Missioni-Varie*, 1, Fondazione Rio Negro (1909), Card. Merry del Val al ministro generale, dal Vaticano, 26, aprile, 1909. Carta transcrita também na *Cronaca della Missione*, c. 12. Com carta de 4 de julho de 1909, o secretário de Estado comunicava também ao bispo de Manaus a concessão do Rio Negro aos padres capuchinhos: "Depois de muitas buscas se pode obter para o território do Rio Negro a obra dos padres capuchinhos; e com alegria se espera que também para aquela desgraçada região as fadigas dos missionários tornem-se frutuosas". Cópia da carta em APCA, 104, *Missioni-Varie*, 7, Miscellanea.

[8] APCA,103, *Missioni-Varie*, 1, Fondazione Rio Negro (1909), Roma, 3, giugno, 1909.

recompensado do Supremo e celeste Patrão".[9] Os primeiros missionários, que por sugestão do Ministro Geral foram escolhidos por "vocação e não por convocação a toda a província", especificando, porém, que estes haviam "manifestado por escrito o vivo desejo e disposição de partir livre e espontaneamente", foram portanto: Fr. Domingos de Gualdo Tadino, leitor de eloquência e guardião do convento de Todi, que assumiu também a responsabilidade da missão, Fr. Hermenegildo de Foligno e Fr. Agatângelo de Espoleto, estudantes de eloquência em Todi, juntos com o frade leigo Fr. Martinho de Ceglie. Antes de partir os quatro religiosos foram enviados pelo padre provincial ao convento de Monterone para aprender da condessa Antinori e do senhor Picellera os rudimentos da língua portuguesa; não obstante o pouco tempo à disposição "alguma coisa aprenderam, ao menos aquilo que lhes pudesse servir para a viagem e para as mais necessárias e primitivas relações", está escrito na *Cronaca della Missione.*[10] A mesma fonte reporta pontualmente a crônica dos dias que precederam a partida[11] que aconteceu em 23 de junho, depois da função litúrgica, "que foi como-

[9] Sempre, segundo o padre-geral, para substituir os padres milaneses eram necessários ao menos três padres e um frade leigo, mas, – prosseguia – "O quanto antes será possível, é necessário que a província mande outros, para estabelecerem-se ao longo do Rio Negro, porque, de outro modo, o apostolado deles permaneceria restrito somente à cidade de Manaos, e isto não correspondia à vontade do Santo Padre", APCA, 13, *Missioni-Varie*, 1, Fondazione Rio Negro (1909), p. Pacifico da Seggiano, ministro generale a p. Giulio da Perugia, ministro provinciale, Roma, 5, marzo, 1909.

[10] *Cronaca della Missione*, c. 19.

[11] Os quatro missionários preparam vestes "apropriadas ao clima" e no dia 15 foram encontrar o padre provincial em Assis; na manhã do dia 17 foi celebrada uma missa "na tumba do seráfico pai Francisco" e sempre Fr. Giulio dirigiu aos missionários "breves mas comoventes palavras que portou às lágrimas os presentes". Em 22 de junho estavam de novo em Espoleto, então lugar de residência da província para a despedida final, consagrada com um almoço para o qual foram convidados, além do vigário-geral de Espoleto, monsenhor Faloci Pulignani, também Fr. Tommaso de Montenero, ex-provincial, Fr. Alessandro de Lucca, Fr. Girolamo de Civitella e Fr. Daniele de Città di Castello, mestres leitores dos missionários. "Durante o almoço – prossegue a crônica – foram lidas poesias de felicitações de vários jovens sacerdotes, dos clérigos estudantes, e do leitor Fr. Daniele. Perto do fim do almoço, falou também mons. Faloci, fazendo votos aos missionários e à província de ótimos e férteis frutos numa semelhante santa e generosa empresa, recordando um fato histórico da vida do frei. s. Francisco bem apropriado à circunstância. Do que se pode compreender que em vez de ter sido uma recreação, foi um dia de comoção geral". *Cronaca della Missione*, c. 19-20.

vedora";[12] os quatro missionários partiram para Roma, acompanhados do padre provincial, para serem recebidos pelo sumo pontífice tendo este, está escrito no *Libro Campione*, "precedentemente mostrado o desejo de abençoá-los";[13] de Roma prosseguiram em direção a Nápoles onde, depois de ter visitado o santuário de Pompeia, na tarde de 30 de junho, embarcaram no navio alemão Burgmaster indo ao porto de Marselha de onde, com um navio inglês, chegariam primeiro a Lisboa e depois a Manaus.[14]

Durante a viagem Nápoles-Marselha todos os missionários sofreram terrivelmente o mal do mar, um mal-estar certamente sem graves consequências, mas incômodo e, acima de tudo, sendo a tripulação da nave formada somente por marinheiros alemães, as dificuldades de comunicação tornaram o desconforto ainda mais inquietante, inclusive do ponto de vista moral. Chegaram a Marselha em 2 de julho, pelas 12 horas; depois de passar em Tangier, no dia 9 do mesmo mês chegaram a Lisboa. À espera do navio inglês, que deveria portá-los ao Brasil, os missionários umbros pensaram em visitar a cidade, mas ficaram profundamente perturbados. O país estava de fato às vésperas da revolução republicana que desencadearia um profundo processo de laicização da sociedade, com características marcadamente anticleri-

---

12 "O dia, porém, que constitui para a nossa província seráfica uma data verdadeiramente memorável foi o dia, ou melhor, a manhã de 23 de junho de 1909. Pelas 8 horas, depois que os missionários sacerdotes tinham celebrado a s. Missa e o leigo feito a s. comunhão, segundo o horário estabelecido, começou a Missa solene,cantada pelos estudantes dirigidos pelo caríssimo maestro Giudieri Pro Itinerantibus celebrada pelo frei guardião local rev. Fr. Agostino de Fossato, a quem assistiam os missionários diante à balaustrada do altar e os religiosos e seculares na igreja e no coro [...] Terminada a Missa, foi exposto o SS.mo e sendo entoado e cantado alternadamente o Veni Creator Spiritus com as orações próprias e depois de que o celebrante Fr. Agostino fez a bênção dos crucifixos, terminada a qual dirigiu as últimas palavras de despedida aos missionários em nome de todos os superiores e confrades da província. [...]. às referida palavras respondeu o r. Fr. Domingos também em nome dos seus confrades missionários exprimindo sentimentos de perfeita obediência à vontade dos superiores e de Deus [...], protestou de serem e permanecerem ligados e constantes aos ensinamentos da S. Madre Igreja Católica Apostólica Romana". *Cronaca della Missione*, cc. 20-21.

13 APCA, *Campione di Provincia 1900-1955*, 50.

14 *Cronaca della Missione*, 21. Mas uma detalhada descrição da viagem dos primeiros missionários está contida no volume: [Eusebio da Civitella], *Missione di Alto Solimões affidata ai Minori Cappuccini Umbri*. N. 2, Roma, 1914, particularmente as páginas 8-23.

cais;[15] esses foram constrangidos, para evitar zombarias ou pior, reações violentas, a tirar o hábito e vestir roupas civis.[16]

A viagem para Manaus foi, segundo o testemunho dos próprios missionários, muito mais agradável: tripulação gentil e cortês que, além do inglês, falava também um pouco de português, que serviu para fazer um pouco de conversação e em fazer entender ao menos as suas necessidades. A encantadora ilha da Madeira foi a última imagem da terra que conservaram nos olhos, depois, por mais de nove dias, somente água; foram os dias mais difíceis: "dias tétricos, melancólicos – refere a *Cronaca* – que somente quem já navegou o mar abandonando a pátria e as pessoas queridas pode experimentar".[17] Chegaram a Belém do Pará acolhidos pelos capuchinhos milaneses em 19 de julho; ali permanecendo três dias, durante os quais visitaram, acompanhados do superior Fr. João Pedro de Sesto San Giovanni, as obras missionárias instituídas pelos confrades e as autoridades civis e eclesiásticas. No dia 22, pelas 15 horas, embarcaram novamente para Manaus; navegaram ao longo do curso do rio Amazonas por quatro dias e à tarde do dia 26 chegaram ao porto da cidade onde foram acolhidos pelos missionários milaneses.[18]

Manaus, núcleo do processo de evangelização, contava então com cerca de 10.000 habitantes, e era o centro do comércio de borracha; na cidade estavam os capuchinhos da província milanesa, os quais se ocupavam da Igreja de S. Sebastião e de um colégio e, de lá, muito regularmente, visitavam o Alto Solimões e as cidades de São Paulo de Olivença e de Remate de Males, mas não iam de boa vontade ao rio Negro, que haviam rejeitado mais uma vez em 1907, assim, quando este território vem aceito pelos capuchinhos da Úmbria, os confrades milaneses colheram a ocasião para retirar-se de Manaus e do Alto Solimões, julgando por demais extensa e dispendiosa a área a eles atribuída. Todavia, o superior da província milanesa achou por bem

---

15 A. Matos Ferreira, Spagna e Portogallo, In: *Liberalismo, Industrializzazione, Espansione europea (1830-1914). Storia del cristianesimo*. Religione-Politica-Cultura II, a cura de J. Gadille – J. M. Mayeur, Roma, 2003, 564-572.

16 *Cronaca della Missione*, 22.

17 *Ibidem*.

18 *Ibidem*, 23.

deixar os seus frades em Manaus até de que os missionários umbros se ambientassem.

A missão inicia, portanto, com uma convivência com os confrades milaneses, que parece, tenham suportado as despesas de hospedagem e de apoio dos quatro missionários umbros, ao menos por um ano, mas também com o bispo, não sem embaraço porque "é verdade que ele é acessível, até demais" escrevia Fr. Agatângelo em 28 de julho de 1909, mas os frades umbros não queriam "adquirir obrigações" e sobretudo ser "livres e independentes em tudo e por tudo" na missão.[19] No mais, as conflituosas relações entre uma parte do clero e o bispo, e entre este último e o seu vigário, tornavam ainda mais necessária a autonomia dos missionários umbros.[20] É certo que os sentimentos que

---

19 A primeira carta de Fr. Agatângelo ao ministro provincial foi transcrita na *Cronaca della missione*, 23-23; na mesma, depois de haver descrito a viagem, escrevia: "Dia 26 [...] chegamos a Manaos, recebidos no porto pelo superior Fr. Alfredo. Mas mto. rev. frei., que dor porque em primeiro lugar somos sem casa e por hora habitamos e levamos vida comum com o bispo. É verdade que ele é acessível até demais, por assim dizer, mas aqui nos falta tudo, até mesmo a água para nos lavarmos, o que é um mal universal aqui em Manaus, onde, além do mais é toda a água do Rio Negro que serve também para beber. É verdade que se filtra a tal fim, mas mantém uma cor rosácea escura. No mais, coabitar com o bispo não nos convém, inclusive para não adquirir obrigações e assim ser livres e independentes em tudo e por tudo na nossa missão. Além disso, a casa onde habitam os milaneses é restritíssima e desorganizada, mal apenas suficiente para eles acomodando-se desconfortavelmente. No momento se estão fazendo as práticas para alugar algumas salas limítrofes à casa, que foi propriedade dos frades menores algum tempo; usurpada agora e possuída por um sacerdote [...] que ademais ter a nossa filiação, é caríssima pelo alto preço. Paciência, se fará o melhor. Mas onde encontrar os meios? As despesas são tantas, enormes, as entradas, ao contrário, exíguas. Precisa manter o colégio (isto é, a escola para os meninos, porque o tão decantado com cerca de 280 meninos é uma barraca vizinha à igreja, dividida em duas seções onde se concede a instrução primária a alguns meninos que na verdade poderão ser uma centena). É necessário a própria manutenção, e se, Deus nos guarde, sobrevém alguma enfermidade? Esperamos que o Senhor não permita tudo isto [...] No Rio Negro não podemos ainda aventurar-nos; e além disso nos disse o bispo que naquelas partes não se conhece nem mesmo a moeda".

20 Indicação nesse sentido se vê na carta que dom Frederico Costa, bispo de Manaus escreveu ao secretário de Estado, card. Raffaele Merry Del Val; depois de ter definido a sua Diocese "imensa e quase completamente descristianizada", lamentava-se da hostilidade de um sacerdote (mons. Hipólito Costa), que "tinha completamente iludido a confiança que a Santa Sé havia depositado nele"; enquanto em outras dioceses, continuava, o bispo podia com a ajuda de "fortes auxiliares e elementos bons", em Manaus ele se encontrava "quase completamente abandonado, tendo como bons auxiliares apenas os rev. padres

transparecem nas primeiras cartas são de desconforto e desilusão: "os meus companheiros estão abatidos e eu também –, escreve ainda Fr. Agatângelo – se sente a mudança do clima, as comidas, se bem que feitas nas melhores condições possíveis, são de difícil digestão, e ainda mais as próprias autoridades [...] parecem [...] mais indiferentes à obra apostólica".[21] Essas notícias, escassamente reconfortantes, perturbam não pouco o frei provincial que decide ir a Roma, encontrar-se com o Ministro Geral; entre as várias hipóteses levantadas sobre a implantação da missão, pensou-se em envolver o núncio apostólico no Brasil, ou então de confiá-la à direção da *Propaganda Fide*, de modo a obter os recursos necessários; também a Secretaria de Estado vem, com uma carta, devidamente informada pelo padre provincial.[22] No final do ano, depois das cartas dos seus missionários, Fr. Giulio parece pro-

---

capuchinhos. "Por isso pedia a nomeação de Fr. Davi de Desenzano como vigário-geral da Diocese, "a fim de poder desempenhar as minhas obrigações e executar as ordens da Santa Sé". AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., IV, Manaos, maio, 1909.

21 A carta de Fr. Agatângelo, escrita de Manaus em 28 de julho de 1909 com a crônica da viagem e as primeiras impressões dos missionários, está transcrita no volume: [Eusebio da Civitella], *Missione di Alto Solimões*, em particular p. 22.

22 "Excelência reverendíssima, o provincial dos menores capuchinhos da Úmbria, tendo recebido repetidas notícias dos seus missionários partidos para a missão a eles confiada em Rio Negro no Brasil, submete a Vossa Excelência Reverendíssima as seguintes graves dificuldades pelas quais estão impossibilitados de levar adiante a vida naqueles lugares e implantar a missão no mencionado Rio. Advirto que os citados padres missionários encontram-se em Manaus onde devem estar por um tempo se faz notar:
1.º – Em Manaus não tem casa nem dinheiro para providenciá-la.
2.º – Existe a antiga casa da missão contígua à Igreja de S. Sebastião, mas esta é de pertinência de mons. Hipólito Costa, que não cede senão por um preço bastante elevado de cerca 200.000 liras.
3.º – Existe também um contrato de cessão de terreno contíguo à mesma igreja, feito pelo citado monsenhor feito com duríssimas condições. Mas para construir no referido lugar são necessários cerca de 200.000 liras.
4.º – Os padres missionários não têm a possibilidade de haver o dinheiro exigido, nem a Ordem pode dá-los e muito menos a província, porque é paupérrima.
5.º – Faz notar que, por causa da passagem instantânea do clima da Itália àquele mortal do Amazonas, os missionários têm absoluta necessidade de serem servidos de todo o necessário, para que possam aclimatar-se e assim tornarem-se úteis à evangelização. Caso contrário, não farão outra coisa que perder a vida sem nenhum resultado. Dos quatro que partiram no mês de julho, um já está gravemente enfermo de beribéri.
6.º – O Rio Negro, sendo paupérrimo por não possuir ao menos movimentação monetária, não pode fornecer aos missionários o necessário para viver e para fundar aí a missão.

fundamente perturbado, escreve a Roma ao Fr. Giacomo de Civitella, a fim de que informe ao padre-geral e Fr. Clemente de Terzorio, secretário-geral das missões: "Envio-lhe as últimas cartas dos missionários, a fim de que as leia, considere tudo e fale a respeito [...] Vos peço de interessar-vos e ajudar-me inclusive com o conselho, porque me encontro muito perturbado".[23] A resposta foi a convocação a Roma do padre provincial.[24]

Assim, das primeiras cartas, transparece toda a desilusão dos novos missionários pela terra a evangelizar, uma terra hostil, em que a temperatura, sobretudo "das 4 da tarde às 9 da noite" quando cessava uma certa ventilação, chegava a níveis insuportáveis. Escrevia ainda Fr. Agatângelo: "O suor é contínuo e os mosquitos são ávidos";[25] juízos não menos severos eram dedicados aos costumes da população: "a população anda toda levemente vestida, a vida assim é mole e as crianças pequenas, ao menos até aos cinco anos, andam nos trajes que usava Adão antes de pecar [...] no campo – escreve ainda Fr. Agatângelo – como eu mesmo pude observar ao longo das margens do rio Amazo-

---

Dito isto, se pode prever que os citados padres nunca poderão evangelizar o Rio Negro, conforme a vontade da Santa Sé.

7.º A situação crítica em que se encontram os referidos padres em Manaus é fortemente agravada pela hostilidade de mons. Hipólito Costa, o qual parece restituído ao grau de vigário-geral da Diocese de Manaus. Assim, a eles falta também o apoio que poderiam ter tido do antigo vigário [...] Humilhando a Vossa Excelência Reverendíssima as enumeradas gravíssimas dificuldades e necessidades, lhe suplica fortemente a querer proceder em modo tal que seja tornada possível a permanência dos missionários e a efetuação dos desejos da Santa Sé". APCA,103, *Missioni-Varie*,1, Fondazione Rio Negro (1909), minuta della lettera al segretario di Stato, s.d. mas provavelmente 25-26 agosto 1909.

[23] APCA,103, *Missioni-Varie*, 1, Fondazione Rio Negro (1909), minuta della lettera di p. Giulio a p. Giacomo da Civitella, Spoleto, 2, novembre, 1909.

[24] "Para melhor entendimento sobre os assuntos da missão e de outros, o reverendíssimo padre-geral estima que a coisa mais oportuna seja conferir pessoalmente, portanto, vos espera aqui em Roma o quanto antes", *Ibidem*, carta de Fr. Giacomo de Civitella ao padre provincial, Roma, 3, novembro, 1909. O mesmo ministro provincial tinha providenciado a informar também ao Ministro Geral das suas preocupações: "São necessárias somas em quantidade e onde se encontram? Não têm nem mesmo a casa e para comprá-la seria necessária a fortuna de Torlonia". AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., IV, lettere inviate da Spoleto Il 27, agosto, 1909 e Il 2, novembre, 1909.

[25] [Eusebio da Civitella] *Missione di Alto Solimões*, 22.

nas, também os homens adultos andam em trajes de Adão, com qual vantagem da moralidade doméstica, não o sei.[26]

De grande conforto, ao início, foi a presença dos confrades milaneses; os capuchinhos umbros ficaram junto a eles até o fim de dezembro de 1909, dedicando-se principalmente ao estudo da língua; depois, no início de janeiro de 1910, os frades lombardos se retiraram de Manaus. Foi um momento terrível porque, quase contemporaneamente, os missionários umbros experimentaram os primeiros sinais do mal-estar físico, tanto que Fr. Agatângelo foi constrangido a implorar do superior da missão lombarda uma ulterior ajuda, concretizando-se no envio a Manaus de Fr. Júlio de Nova. Jovem de 25 anos, há dois em missão na casa de Canindé, chegou a Manaus cheio de entusiasmo em 20 de janeiro. Passado apenas o tempo de aclimatar-se, partiu imediatamente em direção ao interior, chegando em 25 de março do mesmo ano a Remate de Males, pequeno vilarejo na divisa com o Peru. De lá escreveu a Fr. Agatângelo: "Encontro-me no fim do trabalho a mim permitido pela obediência. Visitei quase todos os rios e me aproximei deste pobre povo por todos abandonado".[27] Preparava-se para retomar a estrada para retornar a Manaus e, portanto, voltar ao Pará, quando adoeceu gravemente e foi constrangido a deter-se em Belém do Solimões; ali esperou em vão durante dias a passagem do batelão e, sem curar-se, morreu em sete de maio na casa do proprietário do lugar Romualdo Mafra.[28]

A missão tinha feito sua primeira vítima: medo entre os frades umbros e espanto em Assis onde, nesse meio tempo, no Capítulo ocorrido nos dias 29-30 de abril de 1910, sob a presidência do Ministro Geral, tinha sido eleito o novo provincial, Fr. Giacomo de Civitella, que imediatamente tomou para si a sorte da nascente missão. Cerca de um mês mais tarde foi publicado o decreto da Sacra Congregação Consistorial (23 de maio de 1910) com o qual se estabelecia, em modo definitivo, que a área confiada aos capuchinhos umbros era aquela situada ao longo do rio Solimões, sob a imediata jurisdição da

---

[26] *Ibidem*, 23.

[27] A sua viagem durou cerca de dois meses, sempre em barco, durante os quais administrou 106 batismos e celebrou 39 matrimônios, *Ibidem*, 26.

[28] *Ibidem*.

Propaganda Fide. Feito o esclarecimento sobre a residência designada aos capuchinhos umbros, o provincial pensou logo em reforçar o grupo dos missionários e comunicou a eles o envio de Fr. José de Leonissa. Na mesma carta, agradecia aos missionários pelas esmolas relativas à aplicação de 280 missas, que esses tinham oferecido à província, recomendava de não desesperar-se pela insalubridade da localidade destacando ("se soube tarde demais") e de confiar-se ao Senhor; nesse ínterim ele procuraria encontrar uma residência em Manaus, ao menos até quando fosse possível construir uma base missionária na região assinalada e, se possível, para demonstrar aos frades o seu interesse ao melhoramento das suas condições de vida, teria inclusive mandado o fuzil solicitado por Fr. Hermenegildo, advertindo todavia que "estas expedições se executam muito mal".[29] Na mesma missiva, Fr. Giacomo recordava também o início das práticas para nomeação do prefeito apostólico junto à Congregação da *Propaganda Fide*; constando em relatório que do evento oferece o volume *Cronaca della Missione*, o novo provincial, de acordo com o definitório, em carta enviada ao Ministro Geral e à Congregação da *Propaganda Fide*, propôs oferecer o encargo a Fr.

[29] "Reverendíssimo padre caríssimo, recebi vossa valorosa correspondência com as esmolas para aplicação de santas missas n.º 280. Asseguro-vos que fizestes a esta nossa cara província uma verdadeira caridade porque o pequeno fundo desta é reduzido e verdadeiramente exíguo [...] Portanto, peço também V. P. a quem tanto está no coração o bem da província, que tendes esmolas de missas não deixe de mandar-me, porque, mesmo a 2 liras passam por boas esmolas. Já saberá que a nossa missão foi elevada à Prefeitura apostólica independente, espero que o reverendíssimo geral consiga junto à Propaganda a nomeação oficial do superior prefeito, até hoje não sei de nada. Compreendo que as localidades citadas são insalubres, mas verdadeiramente se soube tarde demais. O Senhor, para a glória de quem exponhais a vida, saberá prestar-vos os meios para render-vos imunes a tantos perigos. Eu agora estou fazendo as práticas para conseguir-vos um lugar em Manaos, ao menos até quando não tenhais certa alguma residência na nova missão [...] O Fr. José de Leonissa partirá o mais tardar no final de agosto e chegará ao Pará mais ou menos em 16 de setembro. Se poderei tê-lo, mandarei um fuzil ao Fr. Hermenegildo, mas acredite que estas expedições se executam muito mal. Antes de partir de Roma vos expedi dois pacotes de objetos sacros: recebeu-os? A expedição foi feita dirigida a um missionário nosso no Rio de Janeiro, porque os navios europeus não levam encomendas a custo correto". ADAS, *Protocollo riservatissimo*, lettera del ministro provinciale a p. Agatângelo, Foligno, 12, luglio, 1910.

Agatângelo.[30] Mas inesperadamente, em 31 de julho, um telegrama de Fr. Domingos, anunciava a morte, por "febre amarela", do frade capuchinho. Desânimo e dor na província. Fr. Giacomo, com uma carta de 1.º de agosto, enviada a Fr. Domingos, comunicava seu sofrimento: "se todos versam lágrimas por ele, se todos o choram inconsoláveis, eu estou verdadeiramente traspassado! Nunca poderia imaginar uma vítima assim prematura, depois especialmente que tinha superado a crise de beribéri".[31]

Imaginando o desconforto e a depressão dos missionários, o próprio ministro provincial se apressava em comunicar a ida, junto com Fr. José, também de Fr. Antonino de Frascaro, da Província de Alessandria, que tinha desde 1909 pedido para fazer parte da mis-

---

30 AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., IV, il ministro provinciale al ministro generale, Foligno, 24, luglio, 1910.

31 ADAS, *Protocollo riservatissimo*, lettera del ministro provinciale a p. Domenico, Foligno, 10, agosto, 1910. Mirto, tal era seu nome antes de vestir o hábito religioso, havia nascido em Espoleto em 28 de outubro de 1883 dos cônjuges Ângelo Mirti e Beatrice Colli; ficando órfão de pai, foi educado pela mãe que o enviou ao convento capuchinho de Espoleto. Estudou no convento de Gualdo e depois a Montemalbe até que, em 31 de janeiro de 1900, abraçou definitivamente a vida capuchinha. Estudou filosofia e teologia e tornou-se sacerdote, mas tendo sabido da notícia da instituição da missão, "inflamado do mesmo fervor do beato mártir Agatângelo de Vendôme, morto na África em defesa da santa fé" ([Eusebio da Civitella], *Missione di Alto Solimões*, 29), pediu e obteve permissão para fazer parte da primeira expedição. Quase imediatamente adoeceu de beribéri e, para respirar melhor ar e curar-se, foi enviado ao Pará, na estação de Santo Antônio do Prata, pertencente aos capuchinhos da Lombardia. Melhorando, retornou a Manaus onde logo se distinguiu pela sua habilidade de pregador e de confessor. A morte o colheu na tarde de 28 de julho de 1910 no hospital onde foi prontamente internado. Também o Ministro Geral, Fr. Pacifico de Seggiano, enviava uma carta ao Fr. Domingos: "o mui reverendíssimo frei provincial da Úmbria já nos tinha comunicado a triste notícia. Agora nos vem confirmada do seu precioso relatório dando-nos a exatidão. Vós não podeis crer o quanto foi dolorosa ao nosso coração tal perda. O bom Agatângelo dava ótimas esperanças para os futuros eventos desta missão. Mas em tudo é preciso adorar os divinos decretos. Entanto, esperamos que do céu interceda para o bom progresso da missão. Ao mesmo tempo recomendamos a todos de tomar ânimo trabalhando com prudência na vinha do Senhor, que Deus abençoará as suas obras apostólicas com frutos copiosos. Da parte nossa não cessaremos de rezar e suplicar ao Altíssimo a fim de que assista todos em ótima saúde e não tenhamos que lamentar outras vítimas [...]". ADAS, *Protocollo riservatissimo*, Roma, 5, settembre, 1910.

são no Amazonas.[32] Na mesma carta, abordando a questão da nomeação do prefeito apostólico, o Fr. Giacomo parece adiantar a ideia de que, morto Fr. Agatângelo, a escolha da *Propaganda Fide* não poderia ser outra que ele: "Escrevia-me ontem o secretário da missão que ele quanto antes apresentará (*more solito*) a tríade à S. Congregação para a eleição do superior e retenho que será preferível V. P.".[33] A escolha da S. Congregação cai, em vez, sobre o Fr. Evangelista de Cefalônia, lente de sacra teologia no convento de Foligno que, segundo a história da *Cronaca della Missione*, tinha já pedido "para ser contado entre os missionários afortunados do Alto Solimões".[34] Sempre segundo a mesma fonte, teria sido o próprio ministro provincial de acordo com o definitório, a propor a Roma a nomeação do Fr. Evangelista.[35]

Na realidade, provavelmente o ministro provincial tinha-se adequado à vontade do Ministro Geral; de fato, entre os papéis da *Propaganda Fide* está conservada a carta de Fr. Pacífico de Seggiano, ministro-geral da Ordem, com a qual, junto com o definitório geral, propõe à Congregação a nomeação de Fr. Evangelista de Cefalônia como prefeito da nova Missão do Alto Solimões. Nessa, depois de um breve perfil do

---

32 *Cronaca della Missione*, 26.

33 ADAS, *Protocollo riservatissimo*, lettera del ministro provinciale a p. Domenico, Foligno, 10, agosto, 1910. Anexava à carta uma cópia do decreto constituinte da missão, de modo que, junto com os outros missionários, podia iniciar "a fazer qualquer incursão para ter conhecimento dos lugares e fixar algum ponto mais importante para fundar ali uma residência. Para fazer tal coisa, faça-se acompanhar por um padre milanês como mais práticos dos lugares, das pessoas e costumes. Recomendo-o de ter sempre uma residência em Manaus para ter comunicação mais fácil com a Europa e porque serve como procuradoria da missão". De fato, o provincial, depois da notícia da morte de Fr. Agatângelo, comunicou ao Ministro Geral que: "estando assim as coisas, ao menos por enquanto, serei obrigado a preferir o Fr. Domingos de Gualdo". AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., IV Foligno, 1.º, agosto, 1910.

34 *Cronaca della Missione*, 27. O decreto da S. Congregação de *Propaganda Fide*, assinado pelo card. Gotti, que nomeia prefeito apostólico no Alto Solimões Fr. Evangelista de Cefalônia está reproduzido em ADAS, *Protocollo riservatissimo*, 18, Roma, 6, settembre, 1910.

35 *Cronaca della Missione*, 27. Em efeito, numa carta enviada de Foligno em 23 de agosto de 1910 ao Ministro Geral, Fr. Giacomo de Civitella propunha a designação de Fr. Evangelista como prefeito da missão. AGC, *Acta Missonum*, H94, Solimões Sup., IV, Foligno, 23, agosto, 1910.

candidato,[36] destacando-se as suas qualidades, o zelo apostólico, além do que, coisa não secundária, considerado o cenário do serviço missionário, a sua "sã constituição física".

Não sabemos se a proposta foi previamente concordada com a Província da Úmbria, fato é que, como resulta da documentação, tal designação parece não ter encontrado o consenso junto aos missionários. Numa carta a Fr. Domingos, o ministro provincial augurava que a demonstração hostil à nomeação "não provocasse sofrimento entre os missionários[37] e sucessivamente, depois que o provincial tinha comunicado o dia exato da chegada à missão do novo prefeito, recomendava de "fazer encontrar tudo em ordem [...] de ser humildes e todos de pleno acordo trabalharem para a glória de Deus, pela saúde e o decoro da Ordem e da nossa Madre província".[38] O próprio Fr. Evangelista, no dia anterior à partida, escreveu uma carta a Fr. Domingos

---

36 Da mesma missiva vinham a conhecimento que Fr. Evangelista nascera em Cefalônia (Diocese de Zante e Cefalônia) aos 15 de maio de 1882 "dos cônjuges Pietro Gálea e Ângela Abele; no batismo – continua a carta – recebeu o nome de Filippo. Aos 14 anos manifestou a vocação religiosa à Ordem dos menores capuchinhos, pediu e conseguiu ser admitido ao Colégio Seráfico de Gualdo Tadino e desde então permaneceu sempre na Província da Úmbria, tendo uma conduta exemplar. Completados os cursos ginasiais e a filosofia, estudou em Foligno por quatro anos inteiros e com louvável proveito, a s. teologia. Concluído o curso completo dos estudos, dedicou-se à sacra pregação, dando ótimos ensaios de hábil pastor evangélico. Nesse mesmo tempo concorria à cátedra de s. teologia, e com esplêndida votação vinha proclamado professor da citada faculdade, ofício que até agora exerce com verdadeiro proveito espiritual e científico dos jovens estudantes, que o veneram como pai. Fr. Evangelista conhece muito bem três línguas: a italiana, a latina e a grega, e porque teve sempre o propósito de dedicar-se à vida apostólica, agora tendo sido confiada à sua província uma missão própria, ele já estuda a língua portuguesa acolá falada, e dada a firmeza do seu caráter, e acuidade da sua inteligência, não tardará muito a dominá-la completamente. Mas além da cultura cientifica, no Fr. Evangelista se admirou sempre uma moralidade intemerata, de modo que os seus costumes nunca deram motivo à mais leve suspeita. Sem ostentada exageração foi sempre zeloso observador dos deveres sacerdotais, da Regra e das Constituições, de todas as obrigações professadas, acompanhando em suas operações com sincera modéstia e severidade religiosa. E com um reto juízo prático, também nas coisas temporais, que gerou a admiração e a complacência de todos os seus confrades, especialmente os superiores". ACPF, *Nuova Serie*, vol. 492, 193-194, Roma, 30, agosto, 1910.

37 ADAS, *Protocollo riservatissimo*, lettera del ministro provinciale a p. Domenico da Gualdo Tadino, Foligno, 9, settembre, 1910.

38 *Ibidem*, Foligno, 19, novembre, 1910.

e aos missionários na qual, depois de haver aceitado a nomeação, se dizia muito "contristado" por esta, enquanto sendo jovem, com pouca experiência e intimidado "pelas dificuldades enormes" que deveria encontrar na fundação de uma missão "em lugares assim difíceis e escabrosos".[39] Todavia, esperava nos "sábios conselhos" e na "valorosa obra" dos confrades missionários e, em virtude disso, se declarava "resignado à vontade divina" e pronto para enfrentar a longa viagem com ânimo alegre. Segundo o seu programa, chegaria juntamente com Fr. Alessandro de Piacenza e a Fr. Paulo de Massa Carrara, no Pará, no dia 16 de dezembro; ali ficaria "por certo tempo" para aclimatar-se e aprender a língua. A resposta de Fr. Domingos resulta muito contrariada, seja porque, pela primeira vez, por meio da sua carta, sabia da nomeação do novo prefeito, seja porque ele mesmo não indicava em modo preciso a data da sua chegada à missão: "eu não entro no mérito das deliberações tomadas por V.P.M.R. de deter-se por algum tempo no Pará, mas para minha normativa, gostaria de saber quanto tempo pretende demorar. Ao mesmo tempo gostaria de saber quais ordens e entendimentos tem a nosso respeito".[40]

2. Missões e diplomacia. Da ereção da Prefeitura do Rio Negro à Prefeitura de Alto Solimões (30 de novembro de 1909 – 23 de maio de 1910)

No entanto em Manaus, com decreto de 30 de setembro de 1909, o bispo de Manaus, dom Frederico Benício de Souza Costa, tinha entregado a Igreja de São Sebastião aos padres capuchinhos;[41] sucessivamente, em 30 de novembro, um decreto da Sacra Congregação do concílio instituía a nova prefeitura apostólica do Rio Negro e, como consequência, o Fr. Camillo d'Albino confirmava ao ministro provincial da Úmbria a retirada dos capuchinhos milaneses de Manaus

---

[39] *Ibidem*, lettera del prefetto apostolico a p. Domenico da Gualdo Tadino, Foligno, 22, novembre, 1910.

[40] *Ibidem*, lettera di p. Domenico da Gualdo Tadino al prefetto apostolico, Manaos, 18, dicembre, 1910.

[41] *Ibidem*, 9.

até o final de janeiro.[42] Num segundo momento o decreto de ereção da Prefeitura do Rio Negro vem retirado com a intenção de integrá-lo e acrescentá-lo, considerada a extrema pobreza do rio Negro, os proventos do Alto Solimões e Javari. A situação torna-se clara somente no fim de maio de 1910, quando saiu o decreto que criava a Prefeitura Apostólica do Alto Solimões, confiada aos capuchinhos; "o decreto não diz de qual província, mas se entende que somos nós" – escrevia em agosto do mesmo ano Fr. Hermenegildo ao padre provincial. Todavia, difundiram-se entre os missionários desentendimentos e irritações pelo modo como a questão foi concluída; reações que foram pacatas e quase de resignação em Fr. Domingos, mas vivaz e enérgicas em Fr. Hermenegildo, que numa carta ao provincial definiu a missão "a mais miserável e terrível do mundo universo", espaço no qual "o paludismo e malária reinam soberanos".[43]

Os eventos que portaram, no arco de pouco mais de cinco meses, a modificar a atitude originária do decreto da Santa Sé para aquela vasta região amazônica vão inseridos no mais amplo contexto da restauração da Igreja brasileira, depois do advento da república e, sobretudo, depois do Concílio Plenário Latino-Americano (1899). A secular separação de Roma, os traumas provocados pelo processo independentista, o rompimento da ordem colonial e a política anticlerical posta em evidência pelos governos das novas repúblicas, a difusão das missões protestantes, a epidêmica carência de clero e influente presença maçônica tinham produzido uma crise na vida e nas estruturas do catolicismo sul-americano. Foi Leão XIII o primeiro a perceber as graves dificuldades da Igreja neste continente e a sua ação reformista foi, sobretudo, centrada sobre um radical e sistemático melhoramento espiritual e cultural do clero, favorecendo a criação de novas dioceses, a promoção de novas ordens religiosas e a fundação de universidades. Chamou ainda a atenção sobre o cuidado e a evangelização dos índios e pretendeu que os frades intensificassem os seus esforços em tal sentido.

---

[42] *Ibidem*, Maragnone, 6, dicembre, 1909.

[43] M. Collarini, Perché l'Alto Solimões e non il Rio Negro? In: *I Cappuccini umbri in Amazzonia. 75 anni di presenza*, Perugia, 1985, 39.

No momento em que a velha Europa torna-se "terra de missão", Leão XIII percebeu a importância deste continente para as igrejas cristãs; mas a obra-prima da política latino-americana de papa Pecci continua sendo o Concílio Plenário Latino-Americano, que ocorreu em Roma entre 29 de maio e 19 de julho de 1899. A julgar pelos bispos envolvidos, o concílio era o acontecimento mais importante na história da América Latina, depois da "conversão" do continente ao cristianismo, mas na realidade, a base, como é notório, não foi momento de grande troca e aprofundamento teológico pastoral; mesmo se hoje for reavaliado e vem considerado, mesmo com os seus limites, o evento, graças ao qual as igrejas particulares puderam sair da angústia dos próprios horizontes nacionais.[44] Prece que foi justo por ocasião dos trabalhos do concílio que se discutiu pela primeira vez a divisão do imenso território da Diocese do Amazonas, que compreendia uma extensão de aproximadamente quatro vezes os territórios da Espanha, França, Alemanha, e Itália colocados juntos. Foi particularmente dom Alessandro Le Roy, superior-geral dos frades do Espírito Santo, uma congregação que tinha amadurecido uma notável experiência missionária amazônica, a apresentar à Santa Sé um primeiro projeto, sustentado da convicção de que imensos territórios não poderiam ser adequadamente evangelizados "por um só prelado, por mais boa vontade que tivesse".[45]

Outro documento importante, que convidava à reflexão e a agir em direção a uma divisão mais racional daquela região, foi o relatório do núncio apostólico no Brasil dom Giulio Tonti, feito depois de uma viagem ao Amazonas;[46] neste, o prelado aconselhava dividir em grandes áreas aquela região e de confiá-las a ordens religiosas. Seja a proposta de Le Roy que o relatório de dom Tonti foram submetidos aos cardeais componentes da Sagrada Congregação para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários na reunião de 22 de dezembro de 1904; a decisão adotada foi aquela de sugerir ao santo padre que procedesse à divisão da Diocese de Manaus com a ereção de prelazias *nullius*, a

---

44 G. La Bella, *La Chiesa e il mondo degli altri*, 69-71.

45 AA.EE.SS, Brasile, Anno 1904, fasc. 114, Pos. 637, Sessione 1048, Circa le condizioni religiose della diocesi delle Amazzoni o Manaos delle Amazzoni, 22, dicembre, 1904, 9.

46 *Ibidem*, Rapporto del nunzio apostolico mons. Tonti al card. segretario di Stato Raffaele Merry del Val, Petropolis, 9, ottobre, 1904, 57-74.

serem transformadas depois em dioceses. O secretário de Estado comunicou a resolução ao núncio apostólico do Brasil que, por sua vez, informou ao bispo de Manaus, o qual, naturalmente, não demonstrou muito entusiasmo pela decisão; demorou a responder e quando o fez comunicou que, devendo ir a Roma, haveria de tratar pessoalmente da questão com a Santa Sé.

Entre dezembro de 1904 e julho de 1905, ativaram-se toda uma série de contatos entre o núncio e as personalidades leigas e eclesiásticas, mais eminentes do Brasil, que somente teve o êxito de evidenciar o escasso conhecimento que tinham os próprios brasileiros daquela região: "se pode dizer com toda a verdade – escrevia dom Tonti a Merry Del Val – que os brasileiros cultos, em geral, não conhecem de *visu* o seu país no seu conjunto; e pouquíssimos são aqueles que têm um conhecimento suficiente deste ou daquele Estado da Federação. E se isso é válido para o país em geral, o é muito mais para os Estados limítrofes das extremas e para os pontos mais distantes de cada um dos Estados da Federação das respectivas capitais. Dentre estes se deve enumerar o Estado do Amazonas, cujo território anormal constitui hoje a Diocese de Manaus, que é o mais vasto dos Estados da Federação Brasileira e o último no Norte da região".[47]

Terminadas as consultas, o núncio enviou a Roma, em três relatórios, os resultados das pesquisas que foram, em modo oficial, examinados pelos cardeais da Congregação na sessão de 13 de julho de 1905. Com base nas indicações do núncio, o projeto de "desmembramento" da Diocese de Manaus, aprovado pelos cardeais, previa a instituição na região amazônica de três prefeituras apostólicas, ou ainda, caso não fosse possível, debruçar-se sobre a fundação de três "centros missionários"; em nível local, antes de instituir a prefeitura ou prelazia de Tefé, era necessário estabelecer os confins exatos e verificar, consideradas as conflituosas relações diplomáticas do Brasil com a França e Inglaterra, a possibilidade que ali continuassem a exercer o apostolado os frades

[47] *Ibidem*, Brasile, Anno 1905, fasc. 1124, Pos. 649, p. 42; lettera di mons. Tonti, nunzio apostolico in Brasile al cardinale segretario di Stato Merry del Val, Petropolis, 7, maggio, 1905.

do Espírito Santo.[48] As soluções propostas vêm aprovadas por Pio X e comunicadas ao núncio.[49]

Foram justamente as reservas restantes da proposta da Santa Sé por parte do superior-geral da Congregação dos Frades do Espírito Santo, em particular referentes a não definição dos confins da prefeitura ou prelazia de Tefé e os consequentes conflituosos contatos que se seguiriam com o bispo e o clero de Manaus, a bloquear a realização do projeto.[50] Merry Del Val, pelo fim do mês de agosto de 1905, informou ao núncio das dificuldades restantes dos frades do Espírito Santo em relação ao projeto de divisão da Diocese de Manaus aprovado, por indicação do próprio dom Tonti, pela Congregação na sessão de 13 de julho de 1905.[51] O núncio, depois de cerca de dois meses, enviou a Roma um novo longo parecer, no qual sugeria de, por enquanto, instituir somente "centros de missão", independentes do ordinário diocesano e diretamente dependentes da Santa Sé.[52] O núncio retomava, substancialmente, a segunda hipótese do seu primeiro projeto de divisão, mas ulteriores consultas com os bispos e o clero do Brasil o tinham aconselhado, por causa da escassa densidade populacional e da extrema pobreza da área, a abandonar a ideia de dividir em três áreas missionárias o território do Acre, como também de fundar um

---

48 Da sucessiva correspondência da Secretaria de Estado com algumas ordens religiosas, conhecemos que a preferência da Santa Sé, no caso em que a presença dos padres do Espírito Santo não fosse a mais adequada, orientava-se, em primeiro lugar, em direção aos capuchinhos holandeses e em segunda ordem aos redentoristas, aos oblatos, aos frades menores e aos beneditinos. Os capuchinhos holandeses ocupados naquele tempo numa missão em Bornéu não aceitaram a tarefa, mas aparece evidente a tendência da Santa Sé de confiar primordialmente a missão naquelas terras à Ordem capuchinha. A correspondência em: *Ibidem*, Brasile, Anno 1905, fasc. 127, Pos. 658.

49 ASV, *Archivio Nunziatura in Brasile*, fasc. 526, Pos. 107, 2-3; lettera del cardinale Merry del Val al nunzio apostolico mons. Tonti, Roma, 20, luglio, 1905.

50 AA.EE.SS., Brasile, Anno 1905, fasc. 127, Pos. 658, 19-21; lettera del superiore generale della congregazione dei padri dello Spirito Santo al cardinale segretario di Stato, Parigi, 2, agosto, 1905.

51 ASV, *Archivio Nunziatura in Brasile*, fasc. 526, Pos. 107, 4-5; Merry del Val al nunzio apostolico mons. Tonti, Roma, 26, agosto, 1905.

52 AA.EE.SS., Brasile, Anno 1905, fasc. 127, Pos. 658, p. 40; lettera di mons. Tonti, nunzio apostolico in Brasile al cardinale segretario di Stato Merry del Val, Petropolis, 23, ottobre, 1905.

centro missionário em Tefé, independente da jurisdição do bispo de Manaus, dada a relativa vizinhança dos sois centros. Para facilitar a evangelização da Amazônia, sugeriu de levar em consideração outros dois territórios: o vale do alto rio Negro e o vale do alto rio Branco que, junto com outro centro no vale do rio Juruá, com sede em Tefé, poderia completar a divisão da região amazônica e tornar mais ágil a atividade missionária.

A nova proposta do núncio advertia também a respeito da escolha dos religiosos a quem confiar as missões e convidava Roma a considerar os novos equilíbrios diplomáticos internacionais e de "proceder [...] com a máxima cautela para não dar pretexto à medíocre calúnia, ou seja, de que se queira explorar o Brasil em benefício da Europa [...] alimentando a corrente da opinião contraria à admissão no país das comunidades religiosas europeias.[53]

As informações do núncio foram consideradas pela Santa Sé como uma solicitação para suspender a aplicação do projeto de divisão da Diocese de Manaus; de resto, o descontentamento do clero pelo possível desmembramento e a vacância da sede episcopal pela morte do bispo, aconselhavam uma atitude prudente.[54] A decisão definitiva de dividir a Diocese de Manaus vem tomada somente da sessão da

---

53 *Ibidem*, 43; lettera di mons. Tonti, nunzio apostolico in Brasile al cardinale segretario di Stato Merry del Val, Petropolis, 23, ottobre, 1905.

54 Esta cautela era também compartilhada e aconselhada inclusive por dom Tonti que no início de junho de 1906 escrevia a Merry Del Val: "é necessário ter-se uma ideia das condições do Brasil no campo religioso e conhecer a extrema suscetibilidade nacional deste povo. Somente quem se encontra aqui há algum tempo pode perceber. Não se pode negar que, não obstante exista no Brasil um partido forte e hostil à Igreja, começa aos poucos a revelar-se um princípio de um bom renascimento do sentimento religioso, o qual se deve incessantemente alimentar e reforçar, porém, entenda-se, gradualmente e com a máxima prudência. O Brasil no presente período sob o ponto de vista religioso pode comparar-se a um enfermo apenas saído de uma doença mortal e recém-entrado em convalescência. Que se, em vez de alimentar-se este doente, com refeição limitada, leve e gradual, se quisesse forçar a comer lauto banquete com o pretexto de revigorá-lo mais rapidamente as forças sem dar tempo ao tempo, se teria como consequência o efeito contrário àquele que se pretende, ou seja, de acelerar a morte do enfermo, em vez de revigorar-lhe as forças físicas". AA.EE.SS., Brasile, Anno 1905, fasc. 131, Pos. 665-667, 75-79; lettera di mons. Tonti, nunzio apostólico in Brasile al cardinale di Stato Merry del Val, Petropolis, 3, giugno, 1906.

Congregação de 5 de fevereiro de 1907 na qual vem proposto instituir três centros missionários: Tefé, rio Branco e rio Negro.[55]

Naquele tempo, o desenrolar dos acontecimentos tinha levado um jovem prelado, dom Frederico Costa, a ocupar o posto de bispo de Manaus; ele mesmo na casa dos trinta anos, tinha dado prova de inteligência e espírito de sacrifício na administração da Prelazia de Santarém e não se tinha oposto de modo prejudicial ao desmembramento da sua Diocese, garantindo-se o fato de que esta continuasse a ser provida ao menos dos meios necessários à manutenção.[56] Também o novo núncio apostólico, dom Alessandro Bavona, empreendeu ao projeto um novo ímpeto e empenhou-se solícito para encontrar uma ordem religiosa a quem confiar a Missão do Rio Negro, sendo as outras já confiadas aos frades do Espírito Santo (Tefé) e aos beneditinos (rio Branco). Considerada a carência da presença de religiosos no Brasil, consequência das leis do período imperial que tinha vetado o noviciado, dom Bavona aconselhou Roma para insistir junto aos capuchinhos, muito numerosos naquela área.[57] Finalmente, com uma carta datada de 22 de maio de 1909, o núncio ao bispo de Manaus a aceitação da parte da Ordem dos Capuchinhos da missão;[58] restava esclarecer o termo a ser utilizado no decreto oficial de instituição que, segundo dom Bavona, deveria ser, para não ferir a sensibilidade das autoridades civis e eclesiásticas brasileiras, aquele de prelazia *nullius* ou prefeitura apostólica.[59]

No final do mês de outubro de 1909, o cardeal secretário de Estado enviava uma carta ao cardeal Gaetano De Lai, secretário da Sacra Congregação Consistorial, com as instruções para a redação do decreto de instituição da Prefeitura do Rio Negro, confirmada na audiência do dia 12 de outubro pelo santo padre, a ser confiada aos capuchinhos da Província da Úmbria e totalmente ligada à Sacra Congregação de

---

[55] *Ibidem*, Sessione 1083-3, fasc. 62, Brasile: dismembrazione della Diocese di Manaos. Relazione verbale febbraio, 1907.

[56] *Ibidem*.

[57] AA.EE.SS., Anno 1907-1908, fasc.141, Pos. 701-702, p. 57; lettera del nunzio apostolico al cardinale segretario di Stato, Petropolis, 11, gennaio, 1908.

[58] A minuta da carta está conservada in: ASV, *Archivio Nunziatura in Brasile*, fasc. 612, Pos. 124, 148.

[59] ASV, *Archivio Segretaria di Stato*, Anno 1910, fasc. 8, Rubr. 283, 126-127; lettera del nunzio apostolico al cardinale segretario di Stato, Petropolis, 15, febbraio, 1909.

Propaganda Fide.[60] Nesse meio tempo, como sabemos, os primeiros missionários capuchinhos tinham partido, chegando em 26 de julho de 1909 à cidade de Manaus; entre agosto e dezembro se registra uma intensa correspondência entre o frei provincial, o frei geral, a Secretaria de Estado e *Propaganda Fide*, tendo ao centro das preocupações, ou na verdade o desespero, do frei provincial, perturbado com as primeiras cartas dos seus missionários que referiam uma situação de fato crítica do ponto de vista ambiental e pouco favorável a começar um sério projeto de evangelização.

Às recomendações de Merry Del Val ao núncio dom Bavona de esforçar-se de todos os modos para que os frades umbros pudessem radicar-se no território e dar inicio à sua obra missionária,[61] seguiu-se a modificação do decreto de instituição da Prefeitura Apostólica do Rio Negro.[62] Também em relação às instâncias do novo bispo de Manaus, que tinha imediatamente feito uma visita pastoral ao interior, que o tinha mantido longe da sede episcopal por mais de um ano, e do núncio, finalmente a Santa Sé tinha individuado na Amazônia sete centros missionários; àqueles já existentes (rio Branco, rio Negro, Manaus, Purus, Juruá, Acre), vem acrescentado o Alto Solimões e foi justamente este último que o núncio, consideradas as dificuldades e as reservas alegadas pelos capuchinhos umbros, propôs de confiar aos frades umbros, por cinco anos, juntamente com a atribuição originária.[63] A resposta da Santa Sé comunicada ao núncio com um telegrama foi a de confiar a nova Prefeitura do Alto Solimões aos frades do Espírito

---

60 *Ibidem*, 145-146 e 124-125; minuta della lettera del cardinale segretario di stato al cardinale segretario della sacra congregazione concistoriale, Roma, 23, ottobre, 1909; minuta della lettera del cardinale segretario di stato al cardinale Girolamo Maria Gotti, prefetto della sacra congregazione de Propaganda Fide, Roma, 18, marzo, 1909.

61 ASV, *Archivio Nunziatura in Brasile*, fasc. 612, Pos. 124, p. 52; lettera del cardinale segretario di Stato al nunzio, dal Vaticano, 25, novembre, 1909.

62 ASV, *Archivio Segretaria di Stato*, Anno 1910, fasc. 8, Rubr. 282, p. 147; lettera dell'Officiale della Sacra Congregazione Concistoriale al Segretario della sacra congregazione degli AA.EE.SS., Roma, 7, dicembre, 1909.

63 ASV, *Archivio nunziatura in Brasile*, fasc. 612, Pos.124, 53-56, rapporto del nunzio apostolico al cardinale segretario di Stato, Petropolis, 22, dicembre, 1909.

Santo, tendo esses amadurecido muito mais experiência missionária na área amazônica.[64]

A opinião da Santa Sé, corria o risco, porém, de mortificar os pobres capuchinhos umbros que, tendo expressado fortíssimas reservas sobre a aceitação da Prefeitura do Rio Negro, podiam encontrar-se numa condição muito difícil de continuar; o núncio intervém novamente, criticou abertamente a disposição que tinha permitido aos capuchinhos milaneses de afastar-se daquela área e propôs que os frades umbros pudessem, ao menos, exercer a atividade missionária junto com os religiosos franceses.[65]

Sobre a questão intervém também Fr. Camillo d'Albino, provincial milanês, que numa longa carta a dom Scapinelli de Leguigno, secretário para os Assuntos Extraordinários, informava sobre o "estado moral e material do rio Negro"; notícias recolhidas durante a viagem feita por ele ao Amazonas na qualidade de visitador-geral dessa missão confiada à província capuchinha milanesa.[66] Fr. Camillo recordava que, se bem a primeira aparição dos frades capuchinhos no Amazonas datava de 1894, a sua residência estável em Manaus vinha somente de 1906, quando o governador do Estado e o administrador apostólico da Diocese pressionaram Fr. João Pedro, então superior regular da missão capuchinha do norte do Brasil a fim de que abrisse "uma colônia indígena no rio Negro", pegando o modelo de duas florescentes missões que os frades tinham em Santo Antônio do Prata e Ourém, no Estado do Pará.[67] Diligentemente, Fr. João Pedro junto com Fr. Davi de Desenzano, foi a Manaus, e para ter uma ideia exata dos lugares e

---

64 *Ibidem*, 64; il cardinale segretario di Stato al nunzio apostolico, Roma, 21, marzo, 1910.

65 *Ibidem*, 63-65; lettera del nunzio apostolico al cardinale segretario di Stato, Petropolis, 23, marzo, 1910.

66 Fr. Camillo d'Albino partiu da Itália em 16 de agosto de 1909 e voltou, cerca de seis meses e meio depois, em primeiro de março de 1910. Uma cópia do relatório de sua viagem está conservada em APCA, 103, *Missioni-Varie*, 2, Fondazione Prefettura Apostólica "Alto Solimões" (1910), Milano, 17, marzo, 1910. Sobre a presença dos capuchinhos milaneses no Norte do Brasil veja-se o volume de Metodio da Nembro, *I Cappuccini nel Brasile*, em particular 250-259.

67 APCA, 103, *Missioni-Varie*, 2, Fondazione Prefettura Apostolica "Alto Solimões" (1910), Camillo d'Albino a mons. Scapinelli, Roma, 24, marzo, 1910 (cópia).

verificar as reais dificuldades que a instituição de uma missão comportava, iniciou a visitar o rio Negro.

A impressão que trouxe foi muito ruim: era uma área paupérrima que não podia sustentar uma missão senão com a presença de adequados recursos da parte das autoridades civis e religiosas; todavia o governador recuou imediatamente, por causa justamente do ingente esforço financeiro pedido pelos capuchinhos para organizarem a missão, enquanto o administrador da Diocese ofereceu aos frades a Igreja de S. Sebastião, com um pedaço de terreno contíguo para que construíssem a sua habitação. O superior aceitou a proposta e deixou como responsável da nova missão Fr. Davi, o qual, sucessivamente, viria a unir-se a outro sacerdote e um frade leigo.[68] Desse modo, Fr. Davi tinha referido a Fr. Camillo o êxito das suas viagens missionárias ao longo do rio: "subi pelo menos três vezes o rio Negro, fazendo o melhor para operar um pouco de bem entre aquela gente, mas em vão; vendo que nada poderia obter, tendo de retirar-me desanimado e desencorajado. Aquelas populações são extremamente brutalizadas e selvagens. Em parte se compõem de índios que vivem nas aldeias postas ao longo do rio; as outras, pelo abandono em que vêm deixadas por cerca de vinte anos, reduziram-se igualmente ao estado selvagem. Acolá os meios de subsistência para o missionário são muito limitados e muitas vezes se deve tentar encontrar com o que matar a fome".[69]

A história de Fr. Davi era ao mesmo tempo confirmada pelo próprio Fr. Camillo; durante a sua prolongada estada no norte do Brasil, e no rio Negro em particular, ele de fato tinha amadurecido a sensação de "pretender fundar uma missão estável e construir igrejas, escolas, e abrir colônias no rio Negro, sem primeiro ter assegurados auxílios pecuniários fixos e suficientes, seria pretender o impossível". Todos, portanto, prosseguia Fr. Camillo, eram concordes "em ter compaixão dos capuchinhos da Úmbria [...]; isto é, querer infligir àqueles bons religiosos a humilhação de certo e inesquecível insucesso".[70] Pedia então a dom Scapinelli que intercedesse à Santa Sé para que suprimisse

---

[68] *Ibidem.*

[69] *Ibidem.*

[70] *Ibidem.*

a instituição da missão ou então, caso não fosse possível, de confiá-la a outras ordens religiosas, por exemplo, os padres beneditinos de rio Branco, bem-dotados de recursos financeiros. Os capuchinhos da Úmbria poderiam encontrar – escrevia – emprego em outras zonas; eram capazes de ajudar os missionários milaneses na cura pastoral da paróquia de S. Sebastião, "formando-se ali como um pequeno centro de práticas religiosas e de piedade cristã", ou, então, poderiam assumir definitivamente o cuidado espiritual do rio Javari e do Solimões, a eles confiada pelo bispo diocesano que, escrevia ainda, "não cessa de louvar e apreciar a obra dos ditos padres missionários". É verdade, continuava Fr. Camillo, que o "rio Javari e rio Solimões são muito mais insalubres que o rio Negro por causa das febres palustres que predominam, mas os missionários facilmente encontram meios para viver".

Portanto, a proposta do provincial milanês consistia em confiar aos capuchinhos umbros o cuidado espiritual do rio Japurá, do rio Javari e daquele trecho do rio Solimões, "que corre de Tabatinga a Fonte Boa inclusive, com os seus principais afluentes Içá e Jutaí e os outros afluentes menores [...] onde há diversos anos os ditos religiosos estão trabalhando com feliz resultado e onde são muito benquistos e estimados".[71] A súplica de Fr. Camillo, apresentada como ele mesmo recorda por ordem do frade-geral, unida à solicitude de dom Bavona, provavelmente encontraram consenso nos aposentos dos palácios romanos e em 26 de maio de 1910 o cardeal secretário de Estado comunicava ao núncio a decisão de instituir as prefeituras apostólicas de Tefé e Alto Solimões, confiando-lhes respectivamente aos frades do Espírito Santo e aos capuchinhos da Província da Úmbria.[72] Concluía-se assim uma atormentada história que, posta entre instâncias nacionais, equilíbrios internacionais, exigências pastorais e concorrência entre ordens religiosas, havia, finalmente, aberto à atividade missionária uma região

---

71 *Ibidem.*

72 ASV, *Archivio nunziatura in Brasile*, fasc. 612, Pos. 124, p. 62; lettera del cardinale segretario di Stato al nunzio apostolico, dal Vaticano, 26, maggio, 1910. Uma brevíssima síntese do percurso que portou os capuchinhos umbros da Prefeitura do Rio Negro àquela do Alto Solimões é traçada por C. Bonizzi, Prelatura Del Rio Negro: "rifiuto" o "furto"? In: *Continenti 7* (2004) 39-41. A Fr. Claudio Bonizzi devo grande parte das informações e da documentação utilizada para reconstruir tal história. Agradeço-o naturalmente pela disponibilidade demonstrada.

desconhecida, difícil, mas indispensável para completar o projeto de restauração da Igreja Católica no continente latino-americano iniciado no final do pontificado de Leão XIII.

3. Entre evangelização e civilização. A obra do primeiro prefeito apostólico Evangelista da Cefalônia

O primeiro prefeito apostólico da missão amazônica escreveu a sua primeira carta ao ministro provincial na vigília de Natal de 1910, do Prata, no Pará, onde tinha chegado, junto aos outros missionários, cerca de cinco dias antes. Tinha sido uma viagem terrível: "sofri as penas do purgatório em vinte dias de mar [...] vomitei continuamente por seis dias sem poder tomar nem mesmo uma xícara de caldo", escreve o pobre frade; igual sorte tinha sofrido Fr. Alessandro, enquanto Fr. Paulo – anota – nunca tinha estado tão bem como "nos dias de tempestade".[73] Para acolhê-lo se apresentara Fr. João Pedro de Sesto, superior do lugar, o qual o tinha informado de dois fatos que perturbaram muito o novo prefeito; em primeiro lugar, lhe comunicou o estado de depressão de Fr. Domingos, consequência do fato de que não recebia notícias vindas da província. Também a chegada de novos missionários e a nomeação do novo prefeito soube por *Annali francescani*. Secundariamente, o mesmo Fr. Domingos tinha decidido fechar a escola das missões em Manaus, um colégio que acolhia cerca de trezentas crianças; seu fechamento, segundo Fr. Evangelista, teria causado um forte dano à imagem da missão, sobretudo considerando-se o fato de que já era difundido na cidade o ditado que "os capuchinhos de hoje não são mais aqueles de antes".[74]

Daí a decisão de não ir com os dois missionários ao Maranhão, mas de chegar logo a Manaus para impedir, se possível, o fechamento da escola. Antes de partir – o navio para Manaus era na verdade pre-

---

[73] APCA, 105, *Missioni-Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Prata, 24, dicembre, 1910.

[74] *Ibidem*. Na parte final da carta, pede ao provincial para enviar-lhe, quanto antes, os decretos da *Propaganda Fide*, desculpa-se "pelo modo de escrever", culpa de uma saúde ainda frágil, e o atualiza sobre o número das missas aplicadas segundo a sua intenção; eram dez, poucas, admite, mas "o mar não quis mais que isso".

visto para o início de janeiro – Fr. Evangelista encontrou tempo para escrever outra carta ao ministro provincial; uma missiva tingida de pessimismo, quase até ao desconforto; primeiro se lamenta do clima e da saúde: "ainda não me recuperei bem: este maldito calor me destrói em suor, em certos momentos me debilita"; depois ataca a escolha de Roma por ter instituído uma prefeitura naquela parte do mundo: "nenhum destes missionários imaginava que se quisesse formar uma semelhante prefeitura"; em Roma – era convicto Fr. Evangelista – conheciam as reais condições em que se encontravam naquele território, mas à província não o haviam nunca "sinceramente manifestado [...] nos contentaram sempre – continuava desgostoso – com as esperanças e os equívocos".[75]

Finalmente em 13 de janeiro de 1911, junto com Fr. Antonino de Frascaro e Fr. José de Leonissa, Fr. Evangelista, chega a Manaus; a cidade era presa por uma guerra civil: "as autoridades governativas e civis ainda se olham com olhar de viés – escrevia o capuchinho umbro – [...] Manaus não é mais aquela de três anos atrás, a população se encontra ainda sob o pesadelo e o temor do bombardeamento [...] e muitos parecem ainda meio atordoados".[76] Também a Igreja local estava em desordem: "o bispo fora, o vigário nem mesmo existe, mons. Hipólito, por indícios políticos, foi obrigado a permanecer na Europa, de modo que a pobre Diocese é agora governada ora por um, ora por outro. Estamos na América – anota desconfiado Fr. Evangelista – e não admira que paraíso e inferno tenham o mesmo significado".[77] No entanto, apesar da confusão, Fr. Evangelista apresentou suas credenciais à cúria, para ter atribuída a prefeitura; os seus documentos vêm

---

75 "O 'lamento' de Fr. Evangelista termina com uma ulterior nota de pessimismo, de molde apocalíptico: na Itália como vão as coisas? Os jornais do Brasil publicaram uma profecia de um religioso franciscano feita há cinquenta anos: nessa se dizia que 1910 deveria ser funesto para Lisboa, 1911 será para Roma e que em 1920 o papa retornará a Roma passando sobre os cadáveres". *Ibidem.*

76 *Ibidem*, Manaus, 3 de fevereiro de 1911.

77 *Ibidem.* Iniciando a sua carta, Fr. Evangelista procura dar uma explicação pelo atraso com que tinha comunicado as notícias da missão; tinha de fato chegado a Manaus, como sabemos, em 13 de janeiro, mas escreve ao provincial somente em 3 de fevereiro: "não foi nem por negligência, nem por preguiça, mas pela absoluta falta de tempo e algumas vezes também por indisposição de saúde, já que nesta bendita ou maldita terra um dia se está menos mal e cinco indisposto".

considerados válidos pelo governador provisório da Diocese que se apressou em comunicar a notícia, por meio de um aviso impresso, a todos os bispos do Brasil.

Exauridas as práticas institucionais, o prefeito-missionário voltou o próprio olhar para adentrar na região interiorana, pensou em enviar ao longo do rio dois missionários; num primeiro momento, havia imaginado encarregar a missão a Fr. Hermenegildo e Fr. Antonino, mas depois as condições de saúde de Fr. Hermenegildo o fizeram ceder, "para não expô-lo ao manifesto perigo de perdê-lo ou estragá-lo para sempre". Assim sendo, partiram Fr. Antonino e Fr. Domingos, o primeiro pelo rio Javari e o segundo pelo Solimões. Para prover a missão, Fr. Evangelista foi obrigado a cavar fundo "o mesquinho caixa"; a despesa girou em torno de cinquenta mil liras italianas, soma necessária para comprar o indispensável para os dois missionários e pagar os dois rapazes que deveriam acompanhá-los. A saída acontece do porto de Manaus às cinco horas "do dia consagrado à Purificação de Maria Santíssima", com as felicitações e augúrios dos confrades.[78]

Um sério problema a ser resolvido era, segundo o prefeito, aquele da residência: "é necessário pensar em estabelecer-se aqui em Manaus de modo definitivo, já que a residência é indispensável e talvez seja indispensável que esta torne-se a residência definitiva do prefeito e de todos os missionários", porque afastar-se de Manaus – escrevia Fr. Evangelista – significava ficar fora de qualquer comunicação".[79] Para completar, conforme narra o prefeito, a habitação que hospedava os primeiros missionários era não só insalubre e custava muito, mas ainda lhes expunha ao contato com pessoas "de nenhuma boa fama". A ideia de Fr. Evangelista era aquela de construir a sede da missão num terreno situado ao lado da igreja, de propriedade de mons. Hipólito, que já a partir de 1906 tinha cedido aos capuchinhos lombardos com a condição de que esses, com as próprias despesas, construíssem a casa; na realidade, a construção não foi nem ao menos iniciada e o terreno tinha retornado à propriedade do bispo.

---

[78] [Eusebio da Civitella] *Missione di Alto Solimões*, 34.

[79] APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza Personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 3, febbraio, 1911.

O projeto já tinha sido apresentado, tratava-se somente de convencer o prelado a oferecer a mesma possibilidade aos frades umbros, mas o problema era aquele de conseguir o dinheiro, cerca de 180.000 liras italianas, para construir a residência missionária. Uma soma notável com a qual, segundo Fr. Evangelista, na Itália então se podiam construir ao menos "três bons conventos" e que ao invés no Amazonas era apenas suficiente para erguer "uma modesta casa longa apenas 35 metros e larga 11".[80] Tinha ainda que pensar em construir as residências do interior da missão, ao menos duas – segundo o prefeito – eram indispensáveis: uma em São Paulo de Olivença e uma em Remate de Males que pareciam, a seu ver, os lugares "menos piores em respeito à saúde". Haver pontos de apoio no interior era indispensável, porque, se os missionários, durante as suas viagens, fossem "atacados por febres maláricas", não poderiam facilmente retornar a Manaus e seria muito mais cômodo "recuperar-se na casa do interior que certamente não será privada de algum conforto para não expor a ida do missionário a perigo manifesto".[81] Portanto, era necessário insistir com o fato de que a província enfrentasse um sacrifício e apoiasse, sem demora, o pedido do prefeito, que não se mostra maleável com os vértices da Ordem: "Brevemente se dirá para fundar uma nova missão, especialmente como a nossa, as outras talvez sejam privilegiadas, e certo, outra triste como essa não se pode encontrar, mas de qualquer maneira para começar aqui é necessário um elemento indispensável em princípio, uma forte soma em dinheiro ou então não concluiremos nada jamais. Com o tempo faremos até a restituição, mas agora temos necessidade".[82]

Nas suas primeiras cartas Fr. Evangelista insiste muito sobre a precariedade da missão, porque está convencido, e o confirma também numa das cartas, que na província tenham passado uma ideia errada da missão: "na nossa província se vai formando um falso con-

---

[80] *Ibidem*, Manaus, 11, febbaio, 1911.

[81] "No interior – especificava o prefeito – não tem a febre amarela, mas existem as febres palustres que levam o homem à tumba e o tornam em tudo incapaz". Referia o caso recente de dois missionários beneditinos que, tendo contraído a febre malárica, retornaram a Manaus na esperança de serem curados, mas verificando que "nada os ajudava a salvar-se, com a primeira embarcação, pegaram o voo para a Europa, mas os capuchinhos – continuava – poderão permitir-se este luxo?". *Ibidem*.

[82] *Ibidem*.

ceito da nossa missão e isso é um mal; alguém escreveu congratulando-nos porque agora temos uma missão boa, sã e rica; venham aqui e depois verão", conclui desencorajado o prefeito.[83] Não sabemos como na província fossem acolhidas as funestas notícias de Fr. Evangelista; certamente o provincial, Fr. Giacomo de Civitella, demonstrou atenção pelos problemas financeiros, mas convidou o prefeito a dirigir-se diretamente ao Ministro Geral e ao secretário das missões para que representassem a causa junto à *Propaganda Fide*, de modo a "obter qualquer forte subsídio" enquanto a província não podia "absolutamente versar aquilo que não tem".[84]

Infelizmente a resposta da cúria geral não deixava espaço à esperança: o Fr. Pacífico exprimia toda a sua dor pelo desanimador estado financeiro da missão, mas a respeito da solicitação do prefeito de autorizar e avalizar as despesas necessárias para a construção da casa era categórico: "devemos fazer-vos ciente de que nós não podemos autorizar-vos a fazer uma despesa assim vistosa". Convidava-o, portanto, a dirigir-se ao bispo diocesano, dom Souza Costa, a "alguma boa família" local, à *Propaganda Fide*, ou ao mons. Mosè d'Orlèans, procurador de Lion, ao qual aconselhava de enviar um detalhado relatório sobre o estado da nova missão. Mas, provavelmente, a coisa que mais

---

83 Com efeito, a descrição que Fr. Evangelista faz do Solimões é em cores muito fortes: escassamente habitado, distâncias enormes, que mantêm distantes os missionários por meses e meses, sem a possibilidade de ser informado sobre a saúde deles, alimentação pesada, constituída de farinha de mandioca, tartarugas, "macaco" e acompanhada da água do rio filtrada, ar malsão em Manaus, talvez melhor – acrescenta o prefeito – no Alto Solimões, mas, escreve ao provincial, "Se soubesses onde é o Alto Solimões, lá se está em comunicação unicamente com o Senhor, em espírito, entenda-se, ou então se estaria menos mal". Para tornar mais verossímil a sua descrição Fr. Evangelista tinha anexado à carta um cartão ilustrado: "o postal que incluo é a nossa capital constituída de quatorze daquelas cabanas: com sorte, fora desta cidade se encontra uma cabana mais ou menos grande, à distância de duas ou três horas de barco, naquelas cabanas, que do mês de junho a novembro são habitadas pelos guardas e de novembro a junho também pelos seringueiros, ou seja, aqueles que extraem a borracha, o missionário naquele tempo exerce o seu ministério. Terminado o tempo da borracha a gente se vai e nós permanecemos com pouca ou nenhuma população". *Ibidem*.

84 ADAS, *Protocollo riservatissimo*, lettera del ministro provinciale al prefetto apostolico, Foligno, 21, marzo, 1911. Não faltam nem mesmo exortações e encorajamentos: "no princípio – escrevia Fr. Giacomo – as dificuldades se apresentam sempre intransponíveis, enquanto depois, com o passar do tempo, Deo adiuvante, desaparecem".

irritou Fr. Evangelista foi o convite por parte do Ministro Geral para que superasse as dificuldades intensificando as incursões ao interior.[85] Ainda, havia menos de dois meses, numa carta ao provincial, referindo a experiência dos padres capuchinhos milaneses e em particular do Fr. Josué de Lodi, o único que tinha percorrido o território da missão, havia escrito: "uma excursão, se vai bem, renderá de oito a dez contos (sic). E isso quando os missionários vão uma vez a cada 6 ou 7 anos". Portanto, terá pensado Fr. Evangelista, Assis e Roma não comungam todos os seus apelos e suas preocupações não pareciam preocupar nem um pouco mais os confrades capuchinhos. Bem revela esse estado de ânimo a carta que escreveu ao ministro provincial no final de junho de 1911. Depois de ter esperado em vão, por mais de dois meses, uma resposta a certas necessidades, na carta o prefeito se deixa levar à ironia, que substitui o desaponto: "Há muito tempo não recebo alguma sua, talvez não haja recebido a última minha escrita no mês de março; mas também daqueles que recebestes, vejo que diversas pequenas questões lhe escapam, talvez porque as minhas fossem longas demais, ou ainda que o seu frei secretário ponha tudo em qualquer lugar e... seja lá o que Deus quiser".[86]

Portanto, o primeiro prefeito, ao menos ao início, teve de superar não só a frieza de Roma e da província, mas também a desconfiança dos próprios missionários, em particular de Fr. Domingos, que certamente não conservava inveja ou rancor pela nomeação, habituado como era de obedecer aos superiores. Mas o frade de Gualdo Tadino, inteligente e intimamente, consciente das dificuldades que a missão apresentava, exigia concretude e, sobretudo, um projeto que pudesse em pouco tempo radicá-la naquela terra inóspita. Já havia experimen-

---

[85] *Ibidem*, p. Pacifico al prefetto, Roma, 1.º, aprile, 1911.

[86] APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 22, giugno, 1911. Nas cartas, recordemos, o prefeito sublinhava a urgência de ter à disposição a coleção dos decretos da *Propaganda Fide*, que o secretário das missões lhe havia prometido, "mas que depois terminou como normalmente acontece com as promessas dos romanos"; tinha pedido, ainda, à província "duas ou três juntas de missais", mas, recorda Fr. Evangelista com sarcasmo, "nem de uma nem de outra se fez menção alguma; talvez porque as cartas, atravessando o oceano, tenham perdido aquelas linhas: coisa nada impossível".

tado a dureza da perda de dois missionários, Fr. Giulio e Fr. Agatângelo e, sentindo-se diretamente envolvido, não aceitava incertezas de rumo ou pior, subestimações da situação.

O novo prefeito, em vez, homem de cultura, teórico, dotado de certa doutrina, provavelmente ao início tinha minimizado o ambiente e a necessidade de arregaçar imediatamente as mangas e trabalhar ativamente para colocar raízes na missão, agora ainda a ser toda construída. Todavia, no curso de um ano, por uma intensa correspondência com a província e as autoridades romanas, conseguiu reerguer a sorte da missão e a dar-lhe um mínimo de perspectiva e de esperança. Não foi uma empresa fácil; jogavam claramente contra o entusiasmo e fervor seu e dos missionários, o ambiente hostil de Manaus, marcado por um forte laicismo, a consciência pouco a pouco mais evidente de que levar o Evangelho ao inferno dos territórios da prefeitura era tarefa não simples, considerando o clima, as dificuldades e os perigos da viagem. Muitas vezes lamentou a escassez dos recursos à disposição, convidou a província a sustentar, com mais convicção, o esforço da instalação da missão, escreveu a cardeais e à *Propaganda Fide*, mas os resultados foram ao contrário, desanimadores; não obstante isso, entre os proventos das missas, a caridade pública e as entradas consequentes da administração dos sacramentos, tinha conseguido acumular recursos para projetar ao menos a montagem da primeira presença missionária em São Paulo de Olivença, o lugar considerado mais idôneo, pelo ar e pela localização estratégica, a tornar-se o centro propulsor da nova prefeitura. Não teria certamente imaginado que, em vez daqueles míseros recursos, seriam necessários para curar os missionários; a partir de julho de 1911, justamente como consequência das primeiras missões itinerantes dos seus frades, a doença atormentou a jovem missão capuchinha.

Fr. Antonino apenas voltou a Manaus, foi logo internado, depois liberado, mas provavelmente infectado de beribéri, e, portanto, obrigado a refugiar-se no Pará;[87] era intenção do prefeito fazê-lo acom-

[87] O prefeito atribuía grande parte dos sofrimentos advindos a Fr. Antonino a "pouca prudência do mesmo [...] a moralidade deste missionário é ótima – escrevia Fr. Evangelista – tem bom coração e possui um verdadeiro espírito de trabalho. Há um só defeito pernicioso a ele e a nós, ou seja, aquele de ser desorganizado nas suas coisas, relações etc. [...] e

panhar-se por Fr. Hermenegildo que, todavia, não gozava de ótima saúde: "um dia está em pé e dois deitado – escrevia – mas nem mesmo quando está de pé pode dizer que está bem".[88] Para ele, a melhor solução, sempre segundo Fr. Evangelista, seria aquela de fazê-lo retornar à província por algum tempo de modo que recuperasse as forças e pudesse depois tornar à missão para desenvolver toda a sua enérgica ação.[89] Enquanto a atenção era concentrada sobre Fr. Antonino e Fr. Hermenegildo, adoeceu também Fr. Alessandro; uma rápida elevação da temperatura levou os médicos do hospital a diagnosticarem a "febre amarela". Também Fr. Alessandro, como Fr. Antonino e Fr. Paulo, fazia parte do grupo de capuchinhos que, tendo amadurecido uma forte orientação para a atividade missionária, vindo a conhecer o início da nova missão no Brasil, pediram para ser agregados aos capuchinhos umbros; para Fr. Alessandro não foi fácil, porque encontrou a hostilidade do seu frade provincial, que não o considerava apto para semelhante tarefa. Ele tinha procurado, na verdade, de todas as maneiras, partir para o Chile, provocando animada reação dos superiores que o descrevem como um frade de "discreta habilidade e de boa vontade", com uma "ótima saúde", mas que algumas vezes tendia a exaltar-se, o que deixava pressupor, segundo o provincial de Parma, "alguma volubilidade, talvez herdada dos genitores; como prova do seu modo de pensar, certo que com pouca ou nenhuma sensibilidade, o provincial avisava que sua mãe estava internada num manicômio.[90] Mas em 17

---

um pouco imprudente no tratar os seculares. Na viagem feita por ele se perderam muitas coisas, deixando aqui e ali até objetos sacros: e suas pequenas narrativas são exageradas e dele não ganhei senão despesas". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione Annuale, 1911, Manaus, 23, gennaio, 1912. Conforme relato de Fr. Evangelista, o frade capuchinho piemontês teve alta do hospital de Manaus não porque fosse curado, mas porque havia "feito grande confusão com médicos, enfermeiros e freiras"; APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, 1911. Do Pará, por conselho dos médicos, foi mandado ao Ceará onde permaneceu até janeiro de 1912. *Ibidem*, 12, agosto, 1911.

[88] *Ibidem*, p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 11, luglio, 1911.

[89] De fato, Fr. Hermenegildo será levado ao Pará, onde as suas condições de saúde melhoraram muitíssimo e na metade de setembro de 1911 voltará a Manaus. *Ibidem*, 12, agosto, 1911.

[90] *Ibidem*, 1-A, il ministro provinciale di Parma al ministro provinciale dell'Umbria, Reggio Emilia, 24, ottobre, 1910.

de dezembro Fr. Alessandro estava já no Pará, depois de uma viagem junto com Fr. Evangelista e Fr. Paulo da Massa, que ele mesmo, numa carta ao provincial, escrita a bordo da nave alemã que lhes transportava, define "bastante bom".[91]

Diante de um cenário assim trágico, deplorado pela doença, compreendem-se as palavras escritas por Fr. Evangelista ao ministro provincial: "eu não sei onde bater a cabeça";[92] além de tudo, como evidenciava na mesma carta, o pequeno fundo acumulado durante a missão itinerante de Fr. Domingos, e destinado a contribuir com a abertura da residência missionária de São Paulo de Olivença, tinha sido todo empenhado para hospital, viagens e os cuidados.[93] Talvez naquela circunstância o prefeito amadurecesse de verdade a ideia de renunciar; pediu para retornar à Itália para poder esclarecer e verificar: "com as cartas nada será jamais concluído. Eu julgaria necessário um recíproco entendimento de viva-voz para ver como se encontrará um meio para resolver as dificuldades".[94] Terá sido o envio por parte da *Propaganda Fide* da soma de 2.000 liras, como subsídio extraordinário "para as obras da [...] missão",[95] ou mesmo a possibilidade ventilada de amadurecer os confins da prefeitura, consequência da viagem à Amazônia de Fr. Giovanni Genocchi, dos missionários do Sagrado Coração, que na qualidade de delegado pontifício foi encarregado de estudar a reforma dos confins da Prefeitura de Iquitos, que o rio Javari

---

[91] Na carta, escrita em 3 de dezembro de 1910, além de confirmar os sofrimentos seus e de Fr. Evangelista por causa do enjoo e a perfeita forma de Fr. Paulo que era "sempre alegre" e comia "com apetite de leão", lamenta a escassa qualidade das bebidas: "Aqui sobre o navio se come bem e se bebe mal. Sobre isso não sei o que pensam estes alemães, o fato é que não dão senão água, nada de vinho nem cerveja, desse jeito – anota gracejando – nos habituamos à vida do Alto Solimões". *Ibidem*, p. Alessandro al ministro provinciale, Leiscoes (nave tedesca), 3, dicembre, 1910.

[92] *Ibidem*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 11, luglio, 1911.

[93] *Ibidem*, Fr. Evangelista defende sempre a sua escolha de empregar os míseros recursos da missão para curar os missionários: "os meus irmãos não são carne para o açougue e a vida do missionário a estimo mais preciosa que todo o ouro do mundo". *Ibidem*, p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 30, novembre, 1911.

[94] *Ibidem*, p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 11 luglio 1911.

[95] ADAS, Protocollo riservatissimo, copia della lettera del prefetto della Congregazione al ministro provinciale, Roma, luglio, 1911.

dividia daquela do Alto Solimões,[96] ou ainda a decisiva tomada de posição do frade provincial a respeito do pedido de retorno, fato é que Fr. Evangelista, que foi também obrigado a transcorrer 13 dias no hospital com suspeita de febre amarela,[97] vem com conselhos mais humildes no final de novembro, escreveu uma carta ao ministro provincial e uma a Fr. Giulio nas quais demonstra haver superado o período de crises e de pensar somente no modo como robustecer a presença missionária capuchinha no Alto Solimões.

Merece ser referida pela humanidade, mas também pela insólita determinação, a carta de resposta de Fr. Giacomo de Civitella, ministro provincial; ele compreendeu que no Amazonas os seus frades estavam passando um momento delicadíssimo e que o risco que toda a empresa, com o retorno à Itália do prefeito e de Fr. Hermenegildo, pudesse falir era grande, "a sua de 11 de julho próximo passado – escrevia Fr. Giacomo – impressionou-me muito, nem tanto pelas coisas que narra a respeito dos missionários doentes, quanto mais pelo fato de que percebo que V.P. perturba-se muito facilmente"; não retinha ponderável um retorno de Fr. Hermenegildo à província, não só pela despesa da viagem nada irrelevante quanto pelo desânimo que haveriam de sentir os outros missionários e pela humilhação da província.[98] Nem mesmo a proposta de um encontro para esclarecer de modo direto as várias questões que atormentavam a instituição era acolhida: "Propõe-me uma conversa? Como? E com que propósito? Escreva antes colocando tudo com clareza de modo que os superiores possam dar um luminoso

---

96 APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 30, novembre, 1911.

97 *Ibidem*.

98 "Diz-me para chamar novamente à província Fr. Hermenegildo e depois caso melhorasse de saúde este retornaria. É possível que V. P. não compreenda que vir aqui e depois retornar lá comporta a despesa não indiferente de cerca 4.000 liras por um só indivíduo? E depois as consequências morais? E o desânimo que causaria à província? O meu parecer é este: curar ao máximo possível todos os confrades aproveitando inclusive, como já fez, os vizinhos milaneses [...] Feito isto depois se verá e, se alguém não poderia absolutamente resistir, se chamará definitivamente à província e se será necessário chamar de novo todos, se fará também isto e se acabará todo pensamento de missão na nossa província!!!". ADAS, *Protcollo riservatissimo*, copia della lettera del ministro provinciale al prefetto, s.l., s.d., mas provavelmente datada no mês de agosto de 1911.

e bem ponderado conselho [...] Nós rezamos como sempre, para que o Senhor assista V.P. e os seus dependentes, mas também é preciso um pouco de coragem apostólica".[99] Na mesma linha, também a resposta de Roma, confiada à pena do secretário-geral das missões Fr. Clemente de Terzorio: "O revmo frei geral recebeu a sua apreciadíssima carta [...] Posso assegurar-vos de que é muito sentido pelo quadro que lhe fez da prefeitura. Ele reconhece que existem grandes dificuldades nas missões, mas não crê oportuno que também P.V.M.Rev. neste momento, e depois por breve tempo, deixe a missão para vir a falar-lhe. Ele me disse que escreva externando aquilo que gostaria de exprimir verbalmente e se verá a possibilidade de acomodar cada coisa. Vós não deveis deixar-vos abater pelas dificuldades que encontra, mas é preciso procurar afrontá-las e superá-las [...] Nem também é bom que o Fr. Hermenegildo retorne assim cedo à província. Se continua doente, mande-o mudar de ares com aqueles de Milão".[100]

Fr. Evangelista conseguiu logo recuperar a força de ânimo, ao ponto de propor, para resolver o problema da construção da residência, renunciar à cidadania inglesa e pedir às autoridades a "naturalização brasileira". O governo federal, de fato, doava terrenos até grandes aos pobres, mas não aos estrangeiros; a sua ideia era de, uma vez obtida a naturalização, construir a prefeitura como ente moral e, em virtude disso, pedir ao governo um terreno para instituir uma "colônia agrícola industrial".[101] Um procedimento, ao que parece, seguido pelos franceses e alemães que tinham "jurisdição eclesiástica" e que Fr. Evangelista considerava, evidentemente, fácil de concretizar, tanto que, na mesma carta a Fr. Giulio de Perúgia, ministro provincial do triênio 1907-1910, expõe de modo detalhado o seu plano: "Em São Paulo de Olivença, dois colégios de erudição masculina e feminina. Na colônia que distará duas horas a cavalo de São Paulo, colégio de artes

---

99 *Ibidem*. Na parte final da carta, quase querendo reanimar o prefeito que doença e desespero estavam presentes em todo o mundo, o provincial escrevia: "Também nós aqui nos encontramos rodeados pela cólera; se bem que os jornais ainda silenciam e por isso devemos perder o ânimo?"

100 ADAS, *Protocollo riservatissimo*, p. Clemente da Terzorio al prefetto apostolico, Roma, 6, agosto, 1911.

101 APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915) p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 30, novembre, 1911.

e ofícios e agricultura racional. Certo que tudo isso não se fará do dia pra noite, mas venho metendo as favas no moinho".[102] No entanto, para melhor preparar-se à realização do seu ambicioso desígnio, pedia que lhe enviasse "alguma obra de agricultura racional", ou então que pagasse a assinatura de alguma "revista agrícola", pedindo conselho e ajuda ao irmão de mons. Faloci que era empregado no Ministério da Agricultura.[103]

No mesmo dia escrevia uma carta também ao ministro provincial com a qual informava sobre a ideia de iniciar a prática para a naturalização junto ao governo brasileiro e que desde o mês de setembro tinha sido ativada a primeira base missionária em São Paulo de Olivença, onde já eram presentes e operosos Fr. Alessandro, Fr. Domingos e Fr. Martinho; no mês de janeiro seria iniciada a construção da igreja e da residência missionária em dois terrenos concedidos pela intendência local.[104] Portanto, o empenho depois da crise se reforçava e havia necessidade de novos missionários que o prefeito recomendava serem selecionados "entre os mais prudentes, virtuosos e prontos ao sacrifício de abnegação".[105] A solicitação do prefeito maravilhou não pouco o ministro provincial ao qual havia perguntado repetidamente nas últimas cartas se seria necessário enviar novos frades em missão, sem jamais obter uma resposta e agora – escrevia respondendo a Fr. Evangelista – "entra *ex abrupto* a pedir missionários".

Recordando a ironia com a qual Fr. Evangelista, ao início do seu serviço missionário, havia estigmatizado a falta de respostas a tantos pedidos seus, Fr. Giacomo de Civitella não perdeu a ocasião para recordar-lhe o episódio e com sarcasmo anotou: "Isto me faz supor que vós não haveis recebido a última minha que foi até registrada, ou então que as cartas passando pelo mar perderam o significado, como escrevia um certo frei missionário a um padre daqui".[106] Não faltavam

---

[102] *Ibidem.*

[103] *Ibidem.* Demonstrando, todavia, que a crise já estava passando, ele pedia também que lhe fossem enviadas partituras de música sacra e as apostilas do curso de filosofia, lecionado por um professor da Gregoriana.

[104] *Ibidem*, p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 30, novembre, 1911.

[105] *Ibidem.* Se fosse possível, Fr. Evangelista pedia para enviar em missão Fr. Estanislao: "seria uma fortuna para a missão, me faria dois serviços: escola e música".

[106] *Ibidem*, minuta della lettera del ministro provinciale al p. Evangelista, s.l. e s.d.

naturalmente na carta do provincial os cumprimentos pela instalação da primeira estação missionária em São Paulo de Olivença, mas também o pedido de informações a cerca da saúde dos diversos frades e, em particular, de Fr. Domingos, um dos primeiros missionários a partir para o Amazonas; de fato, na província se tinha difundido certa preocupação pela sua saúde.

Não se tratava das habituais doenças equatoriais, mas de alguma coisa mais complexa; "estado nostálgico" o definiu o provincial, talvez depressão, gerada provavelmente da dor ainda não absorvida pela morte de Fr. Agatângelo e das inesperadas fadigas que o exercício missionário comportava. Tudo teve início com a carta que o capuchinho de Gualdo enviou ao prefeito e na qual pedia para retornar à província por causa do seu estado de abatimento: "Em consequência do meu acentuado estado nervoso e apreensivo, eu não sinto possuir mais energia e força de vontade para afrontar e vencer as dificuldades que se encontram na vida do missionário".[107] Parece que o prefeito tenha tentado persuadir o missionário a rever sua decisão, mas em vão: "certo que a obra de Fr. Domingos me seria muito útil, mas tendo desencontrado nele exaltações de tal modo a comprometer seriamente o não pouco obstáculo ao avançar da missão, prefiro que retorne antes que me escangalhe a obra começada".[108]

Na realidade, como sabemos, a relação entre os dois não foi de imediato cordial; depois o clima, a aspereza da vida missionária e a profunda diversidade de caráter tinham provavelmente acuitado o confronto: "Ele se crê um perseguido – escrevi a Fr. Evangelista – e tem uma ideia fixa de que eu tenha ordens especiais a seu respeito e em tudo o que faço ou ordeno, encontra motivo de contrariedade". Da Itália foi unânime a resposta de tentar de todos os modos para fazer permanecer Fr. Domingos em terra de missão; o seu retorno teria sido danoso, para a província e também para a *Popaganda Fide*.[109] No final

---

107 *Ibidem*. O texto da carta de Fr. Domingos de Gualdo Tadino está inserido na missiva que Fr. Evangelista escreveu a propósito ao ministro provincial, Manaus, 29, settembre, 1911.

108 *Ibidem*.

109 ADAS, *Protocollo riservatissimo*, p. Clemente da Terzorio al prefetto apostolico, Roma, 30, ottobre, 1911. Escrevia Fr. Clemente, também em nome do Ministro Geral: "Tanto eu quanto o r.mo frei geral recebemos suas cartas com as quais pede a obe-

do mês de janeiro de 1912, Fr. Domingos encontrava-se em São Paulo de Olivença; tinha sido enviado ali pelo prefeito para ajudar Fr. Alessandro na construção da nova igreja; ofereceram-lhe inclusive o cargo de superior da nova base missionária, mas ele – recorda Fr. Evangelista – não quis saber de nada.[110] Ainda no fim de janeiro, fazendo o balanço de um ano de permanência na prefeitura, Fr. Evangelista podia olhar o futuro com certa confiança: "se Deus não nos mandar doenças, então, temos uma esperança de vencer, mas ai se vêm as doenças! São centenas de francos que desaparecem como fumaça ao vento".[111] De resto o balanço de um ano de atividade missionária não era de fato negativo. Foram feitas as primeiras missões itinerantes ao interior que tinham dado bons frutos, seja do ponto de vista pastoral e econômi-

---

diência a Fr. Domingos. Podemos assegurar que, para nós, aumentam os incômodos que vai criando à p.v.m.r.ma, mas se o dito padre retorna à província falará mal da missão e portanto um outro grande mal a deplorar. Portanto, considerado que também em Propaganda se faria um papel desagradável, o r.mo. frei geral me disse que tente ainda uma vez se consegue dobrá-lo, exortando-o a permanecer na missão. Em todo caso, depois de haver tentado todas as vias, se virdes que é mesmo impossível e que seja mesmo necessário enviá-lo à província, nos escreva que se providenciará. No entanto, vos recomendo também em nome do r.mo frei geral de não deixar-se abater por estas dificuldades suscitadas pelo demônio. Esperamos que mediante a sua constância e atividade pouco a pouco se conseguirá fazer uma boa base à nova missão [...]". Fr. Evangelista tinha enviado também uma carta ao Ministro Geral na qual havia escrito: "aconteceu o que se previa. Ele se crê um perseguido: diz que foi mandado à missão por castigo e meteu na cabeça que eu possuo especiais instruções para ele. O seu comportamento desencoraja os missionários e obstaculiza o caminho da nascente missão". AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., IV. p. Evangelista al ministro generale, Manaus, 29, settembre, 1911.

[110] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione annuale, 1911, Manaus, 23, gennaio, 1912. A responsabilidade foi assim confiada ao Fr. Alessandro que, "graças à sua premunição", havia obtido da intendência dois grandes terrenos para construir a igreja e a casa missionária. O prefeito tinha expressado a vontade de visitar a estação no Natal, mas os missionários o tinham desaconselhado: "aquela gente – escrevem – tem grande respeito e estima pela autoridade eclesiástica e não vê com bons olhos que o seu prelado resida fora da sua prelazia, e fizeram de tudo para ajudar os missionários para preparar a residência do prefeito e a igreja e dissemos a eles que o prefeito não virá enquanto não estiver pronta uma e outra". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista a p. Giulio da Perugia, Manaus, 30, novembre, 1911.

[111] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione annuale, 1911.

co,[112] foram fixadas as bases da primeira estância missionária, onde já residiam três confrades (Fr. Alessandro, Fr. Domingos e Fr. Martinho), foi concedida a possibilidade de manter a guarda da Igreja de S. Sebastião em Manaus, que continuava a ser por enquanto a verdadeira fonte de sustento da missão capuchinha. Consciente disso, o prefeito escrevia: "o nosso lugar de trabalho é sempre em Manaus [...] e precisamente a Igreja de S. Sebastião [...] tem sempre o que fazer e a fadiga se multiplica pelo excessivo calor. Por isso as doenças e a pouca saúde dos pobres missionários. São porém estas fadigas que nos sustentam e sem as quais seria impossível enfrentar as imensas despesas que nos vêm de encontro. Se não se tivesse o recurso de Manaus, é certo que no interior não se poderia viver".[113] Em Manaus, cidadezinha que desde o princípio tinha sido o epicentro da missão, no início de 1912, residiam seis missionários: o noviço Fr. Francisco de Désio, Fr. Paulo de Massa, Fr. Hermenegildo de Foligno, Fr. José de Leonissa, Fr. Antonino de Frascaro, que no fim de janeiro estava ainda recuperando-se no Ceará, e Fr. Evangelista, o primeiro prefeito apostólico.

4. A primeira desobriga *de Fr. Domingos de Gualdo Tadino*

Enquanto isso, aos dois de junho, depois de cerca de cinco meses, retornava a Manaus Fr. Domingos, que diligentemente compilou um guia conciso da sua viagem ao interior da nova prefeitura apostó-

---

[112] Falando ainda do relatório anual do prefeito, Fr. Antonino durante a sua excursão ao longo dos rios Javari e Curuçá, havia administrado 72 batismos e celebrado 10 matrimônios e "talvez tenha feito ainda mais, porém, dos seus papéis ilegíveis e desordenados – anota Fr. Evangelista – é impossível garimpar cifras e nomes". Mais produtiva, a missão de Fr. Domingos que havia administrado 743 batismos e celebrado 86 matrimônios, recuperando uma modesta soma de dinheiro com a qual pensava em começar a construção da Igreja de São Paulo de Olivença. *Ibidem.*

[113] Na Igreja de S. Sebastião, e geralmente em Manaus, sempre segundo as informações fornecidas pelo prefeito, durante o ano: "Foram ouvidas 5.630 confissões não contando as numerosíssimas ouvidas nas quatro casas de religiosas. Distribuiu-se a Eucaristia 8.000 vezes. A primeira Eucaristia foi ministrada a 75 crianças. Foram feitos 35 discursos e 28 explicações do Evangelho. Foram assistidos 56 moribundos. Foram feitas 24 reuniões, 12 das quais aos nossos terciários que somam 150; e 12 aos associados do Sagrado Coração de Jesus, cujo número é de 454 de ambos os sexos". *Ibidem.*

lica. Tendo partido na tarde de 2 de fevereiro com o Fr. Antonino de Frascaro e dois rapazes, Teodoro e Feliciano, com a tarefa de sacristãos, depois de dez dias de navegação chegou a Remate de Males, onde se hospedou na casa de Manoel de Poncās pagando cinco mil-réis diários por cabeça. O centro habitado era um município, contava então com cerca de 2.000 habitantes e era dotado de agência postal, coletoria de impostos e de um destacamento de polícia; os habitantes eram, a maioria, dedicados ao comércio e haviam como habitação barracos de madeira "bem altas da terra", sendo a área, por boa parte do ano, "toda alagada"; na estação das chuvas o trânsito e a comunicação aconteciam por meio de "barquetas", com evidente dificuldade que, todavia, aumentava nos meses nos quais ia "secando a inundação", além do que "mosquitos e outros insetos como pium, mucuim, maruim" tornavam-se "insuportáveis". Duas cabanas eram reservadas ao culto, uma era dedicada a S. Sebastião e outra a S. Francisco, mas não escapou ao missionário que a pouca distância deles estava nascendo "uma bela construção", identificando-se como um templo maçônico.

A atividade pastoral começou com um curso de pregação, mas, evidencia Fr. Domingos, com "pouco auditório e nenhuma correspondência"; o missionário capuchinho conseguiu somente administrar seis batismos, abençoou um matrimônio, ouviu a confissão de dois doentes, a um dos quais administrou também o viático e o óleo santo, deixando a impressão de que, no fundo: "a instrução religiosa, a devoção e a moral católicas são muito em baixa".[114] Em 23 de fevereiro, Fr. Domingos separou-se do confrade missionário e, embarcando no vapor, partiu para Esperança, vilarejo localizado na foz do rio Javari; não havendo uma capela, prestou os serviços religiosos também para os fiéis de Tabatinga, Santo Antônio do Javari, Aramaçá na sede da aduana federal, onde tinha se alojado. De Esperança, no dia 1.º de

---

[114] APCA, 102, *Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione di un viaggio di p. Domenico, 1911; copia della relazione è conservata anche in AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., IV, p. Domenico da Gualdo. Relazione, Manaus, 3, gennaio, 1911. Junto com Fr. Domingos partiu também Fr. Antonino de Frascaro e os dois frades deveriam alcançar nessa primeira excursão um duplo objetivo: "o primeiro e principal era aquele de cumprir as obras possíveis do ministério sacerdotal, o outro, secundário, de observar o lugar mais adequado para estabelecer uma primeira residência". [Eusebio da Civitella], *Missione di Alto Solimões*, 35.

março, com uma embarcação peruana, chegou a Guanabara, um centro de barracos do lado direito do rio Solimões, "alto, bem arejado e suficientemente saudável", propriedade do capitão Jorge Hayden; daqui, terminadas as costumeiras celebrações religiosas e administrados 9 batismos e 2 matrimônios, de barco chegou a Capacete e depois, a cerca de duas horas de viagem, Sururuá, um vilarejo de quatro barracos, "uma das quais muito mal conservada" servia como capela.[115]

A última etapa da missão foi Belém do Solimões, aonde chegou no dia 7 de março, depois de duas horas de viagem, a bordo do barco a vapor *Andresen*.[116] Vila situada do lado esquerdo do Solimões, de propriedade do coronel Romualdo Mafra, era majoritariamente habitada por uma tribo de índios Ticuna, que Fr. Domingos define "civilizada", com uma língua própria, "dificílima, quase toda gutural e sem articulação silabar". Por isso Fr. Domingos foi obrigado a prestar o serviço religioso por intermédio de um intérprete.

Em Belém o missionário foi tratado com muita deferência pela família Mafra, mas compreendeu também os inconvenientes que tais estreitas relações entre missionários e grandes proprietários de terra poderiam representar; a relação muito direta acabava por sujeitar os primeiros às exigências dos segundos, que utilizavam a religião inclusive com a finalidade de controle social, diverso e afastado do horizonte espiritual dos missionários; assim referiu Fr. Domingos: "O Mafra tratou-me muito delicadamente, mas não gostei que me obrigasse a estabelecer a

---

[115] APCA, 102, *Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione di un viaggio di p. Domenico, 1911. Por ocasião do 75.º ano da presença dos capuchinhos umbros no Alto Solimões o periódico *Voce Serafica* publicou a carta que Fr. Domingos enviou ao Ministro Geral, com a qual comunicava a morte de Fr. Giulio e de Fr. Agatângelo e o relatório da primeira viagem. Cf. *Due storiche* lettere di p. Domenico da Gualdo Tadino, *Ibidem*, LXIV, 1985, 2, 16-21; o número precedente publicou também uma "crônica" de Fr. Domingos, de agosto de 1909 a fevereiro de 1911, infelizmente sem especificar a origem e a localização do documento; cf. Dalla cronaca di p. Domenico da Gualdo Tadino, *Ibidem*, 1, 14-18.

[116] Durante o deslocamento, Fr. Domingos teve também a oportunidade de verificar a existência de dois vilarejos importantes: Ourique e Tupy, propriedade do senhor Mirandolino Caldas. Apesar de serem bem povoados, decide não parar, porque foi informado da inimizade existente entre a população de um desses, Tupy, e os habitantes de Capacete e Sururuá: "eu era estranho à situação – escreve no relatório – mas se temiam vinganças". *Ibidem*.

quota de 5 mil-réis pelos batismos". Evidentemente o capitão Mafra, definido "diretor" da tribo, considerava a administração do sacramento também um ato civil que sancionava a entrada de um novo indivíduo na comunidade governada por ele. Das poucas páginas do relatório de Fr. Domingos, emergem de modo evidente as dificuldades que encontraram os primeiros missionários ao realizar essas excursões ao interior do território da prefeitura; percebeu-se que fora dos centros maiores e das residências secundárias, existia uma multidão de indígenas, espalhados nos "igarapés", disseminados ao longo dos rios, moradores das malocas, suas casas plurifamiliares. Populações que, a partir de então, foram o centro da atenção dos capuchinhos, que partindo dos vilarejos mais importantes empreenderam excursões ao interior, com verdadeiras e próprias "missões itinerantes", realizadas, porém, com a ajuda e o consenso dos grandes proprietários de terra, verdadeiros "príncipes feudais", herdeiros dos "conquistadores" espanhóis; a estes, de fato, pertenciam as terras e os homens eram sempre os mesmos que gerenciavam o comércio e forneciam aos missionários as embarcações, as casas com refúgio e os acompanhavam na sua ação pastoral.

Estes eram, sobretudo, comerciantes de borracha, provenientes do Nordeste brasileiro entre os séculos 18 e 19, em seguida ao *boom* econômico da borracha, particularmente presente no Alto Solimões, tornaram-se os patrões incontestáveis da região e ainda a única mediação entre os missionários e os índios. Eles criaram o "seringal", centro das atividades produtivas e comerciais, zona vetada aos missionários. Somente a partir dos anos trinta, com a ação do Fr. Fidélis d'Alviano, os missionários capuchinhos umbros procuram entrar em contato direto com os índios. Nesse meio tempo, Fr. Evangelista, com certo orgulho, referia ao ministro provincial o feliz êxito da primeira "missão itinerante"; o relatório de Fr. Domingos confirmava de modo incontestável as notícias fornecidas: "Do relatório que dele recebi não tenho nada que retratar sobre o que vos escrevi a propósito da nossa prefeitura, antes, nenhum pode fazer ideia sobre os perigos e dificuldades das viagens. O trabalho é imenso e cansativo: nós devemos fazer tudo começando da primeira pedrinha".[117] Não era certamente um

[117] APCA,105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), lettera di p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 22, giugno, 1911.

panorama negativo, deliberadamente acentuado, aquele pintado pelo prefeito; efetivamente a primeira missão itinerante tinha apurado que os principais lugares de missão da prefeitura ou não havia uma igreja, ou estava em péssimas condições materiais, como São Paulo de Olivença, ou ainda era de propriedade patronal, como em Tonantins.[118] São Paulo de Olivença, todavia, parecia o lugar mais saudável, "o único lugar onde o ar é bom", anotava Fr. Evangelista, e justamente lá talvez se pudesse estabelecer o núcleo central da missão. De resto era já estabelecida uma comissão para a construção da igreja e talvez já no fim do mês de agosto – ainda de acordo com as expectativas do prefeito – era possível estabelecer naquele local "uma residência de dois padres e um leigo".[119]

No entanto, em 22 de junho, ou seja, vinte dias depois, Fr. Domingos retornava a Manaus e também o outro missionário, Fr. Antonino; chegou ao meio-dia e duas horas depois já estava no hospital.[120] Durante a viagem ao longo do rio Javari foi infectado por "febres palustres", voltou atrás com a ideia de retornar a Manaus, mas teve de parar em Remate de Males "com a esperança – escreve Fr. Evangelista – de curar-se" e retomar a sua atividade missionária. Infelizmente aquela parada podia revelar-se desastrosa para a saúde do pobre frade, "nestes lugares – continua o prefeito – uma pequena imprudência se paga caro" e provavelmente foi só graças à "férrea constituição" de Fr. Antonino que também naquele ano a missão "não abriu um novo sepulcro".[121]

Da sua parte, Fr. Antonino atribuiu a sua cura a N. Sr.ª do Bom Conselho, à qual, desde o início, havia confiado a sua vocação mis-

---

118 *Ibidem.*

119 *Ibidem.*

120 Um sintético relatório da viagem foi enviado também ao Ministro Geral; AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., Manaos, 31, gennaio, 1912. Uma breve síntese, que levou o frade capuchinho às nascentes do rio Curuçá, está também in: [Eusebio da Civitella], *Missione di Alto Solimões*, 36-37.

121 APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), lettera di p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 22, giugno, 1911. Boas notícias em vez, sobre o estado de saúde dos outros missionários: "encontram-se discretamente bem. Qualquer leve incômodo de vez em quando sentimos sempre. É indispensável nesse clima. Enquanto estamos em Manaus alguma cobertura podemos dar, mas no interior é preciso fazer da necessidade virtude".

sionária. Tinha sido uma escolha precoce aquela do frade capuchinho piemontês, que tinha muitas vezes escrito ao Ministro Geral para ver satisfeita a sua vontade de ser enviado a uma das missões que a Ordem cuidava em várias partes do mundo.

Quando vem informado da nova missão confiada aos capuchinhos da Província Seráfica, não hesitou em escrever ao provincial insistindo para ser agregado. Uma carta cheia de excitação, na qual declarava já ter lido e saber muitas coisas daquelas regiões longínquas, de falar um pouco da língua portuguesa e, sobretudo, de ser especialista em canto e música sacra, "de flores e de adornos para a igreja", de ser um mestre no ensino do catecismo aos jovens, especialista, enfim, numa sequência de atividades que se poderiam considerar indispensáveis para iniciar uma eficiente ação pastoral naquelas longínquas regiões.[122] A resposta de Fr. Giulio de Perúgia se fez esperar quase um ano; somente no final de julho de 1910 Fr. Antonino pôde ter do Ministro Geral a carta "obediencial" que o autorizava a partir para a Missão no Alto Solimões.[123] Em 30 de setembro de 1910 depois de uma viagem que definiu "ótima", feita junto a três confrades milaneses

---

[122] *Ibidem*, 1-A, p. Antonino da Frascaro al ministro provinciale, Casale Monferrato, 24, settembre, 1909. Na mesma carta, destaca as dificuldades que ao seu pedido teria posto o ministro provincial, considerando o exíguo número de frades incardinados na Província de Alessandria. Recomendava por isso prudência e ponderação, a agir sempre em acordo com o ministro geral, mas sobretudo de manter a coisa no mais absoluto segredo para não colocar em agitação os confrades e porque: "não o venha logo a saber a veneranda e amantíssima minha mãe que sofreria muito".

[123] *Ibidem*, p. Antonino da Frascaro al ministro provinciale, 9, luglio, 1910, escrita de Tortona, onde junto com outros confrades foi enviado pelo provincial para a formação dos postulantes: "peço, portanto, endereçar-me aqui diretamente a resposta sobre o que há tempos lhe escrevi, ajude a recordar a minha solicitação formal que agora entendo renovar ainda, para queira dignar-se, se o crê conveniente, agregar-me à próxima expedição dos seus missionários para a Missão do Rio Negro e favorecer-me com a resposta decisiva". Da outra carta escrita de Tortona e datada de 20 de julho de 1910, endereçada também ao Fr. Giulio de Perúgia, tomamos conhecimento que o Ministro Geral havia finalmente concedido a Obediência: "sou feliz em poder comunicar-lhe de ter recebido por meio do m.r. padre provincial, Carta obediencial para a Missão do Alto Solimões [...] Peço para notificar-me e o dia estabelecido para a partida da próxima expedição destes seus missionários, aos quais terei a fortuna de poder associar-me e comunicar-me em igual modo quais as modalidades e efeitos de vestiário, livros etc. [...] deverei levar comigo".

e a Fr. José de Leonissa, estava no Maranhão;[124] aqui ficou hóspede dos capuchinhos milaneses até o início de dezembro, para aclimatar-se e para aprender a língua à espera dos outros missionários enviados pela província, entre os quais o novo prefeito. Depois, todos juntos, partiriam para Manaus.[125]

5. Ao longo dos rios: a lenta instalação da missão

Em São Paulo de Olivença, contudo, a construção da habitação e da igreja não progredia rapidamente e isso preocupava muito o prefeito, porque sabia que, mais cedo ou mais tarde, a cômoda casa que ocupavam os missionários seria pedida pelo proprietário; mas a residência, perguntava-se Fr. Evangelista e comunicava sua dúvida ao provincial, "era melhor comprá-la já feita ou construí-la dos fundamentos?" Aquelas já existentes, sendo umas ligadas às outras, segundo Fr. Evangelista, tiravam dos missionários "toda a liberdade, até mesmo de falar" e depois, construídas de barro, não tinham solidez e portanto não podiam garantir segurança. Muito melhor, portanto, construir uma toda nova. Uma escolha que implicava despesa de cerca de 80.000 liras, considerando que todo o material, mas também carpinteiros e pedreiros deveriam vir de Manaus. Uma soma significativa, que de-

---

[124] *Ibidem*, p. Antonino da Frascaro al ministro provinciale, S. Luiz do Maranhão, 30, settembre, 1910. Assim dá a notícia ao provincial da viagem realizada: "fizemos uma ótima viagem e que graças ao Bom Deus e à SS. Virgem (Mater B. Consili de quem uma santa grande imagem nos acompanhava e diante da qual celebrávamos também no esplêndido salão público do elegante navio a vapor [...] nos 3 dias festivos) tudo nos favoreceu para a mais próspera e feliz viagem que nunca poderíamos imaginar; os três companheiros de Milão e o nosso caríssimo Giuseppe sofreram um pouco de enjoo nos primeiros dias e eu que, graças à cara Nossa Senhora do Bom Conselho, me conservei sempre com o máximo bom humor e de nada de fato vim a sofrer, servia um pouco a eles como enfermeiro e me esforçava para que estivessem alegres, mas depois de restabelecidos mais a saúde nos divertimos santamente".

[125] Uma certa amargura vem evidenciada da consciência de que o novo prefeito era já em viagem para o Amazonas, mas deste não haviam ouvido o nome: "eu e o caríssimo Fr. José de Leonissa, com o vivo desejo de saber o nome do nosso superior na prefeitura apostólica, nos ressentimos um pouquinho e murmuramos um pouco de v. p.": *Ibidem*, p. Antonino da Frascaro al ministro provinciale, S. Luiz do Maranhão, 9, dicembre, 1910.

veria pesar totalmente sobre os ombros dos missionários; era difícil, de fato, por várias razões, esperar a ajuda e sacrifício da população. Demonstrava-o o fato de que São Paulo de Olivença, embora sendo município, possuía uma igreja que era "uma verdadeira indecência",[126] todos o reconheciam e tinham uma certa vergonha por isso, mas depois de dois anos de solicitações por parte dos missionários ainda não tinha sido reservada a quantia necessária para começar a construção da nova igreja. Imagina, escreve desencorajado Fr. Evangelista, se essa gente "será disposta a ajudar-nos efetivamente na construção da nossa casa".[127] Aos lentos progressos, porém, na arrumação material da primeira base missionária, juntava-se uma estimulante atividade espiritual, levada adiante pelos missionários por meio das suas "apostólicas excursões".

Dos relatórios dos missionários emerge, inequivocamente, que o método pastoral usado, ao menos até as portas do Concílio Vaticano II, era aquele que, em português, vem chamado desobriga; não se tratava, certo, de evangelização, mas ao invés, uma forma de entrar em contato com as populações indígenas, conhecê-las e administrar-lhes os sacramentos. Uma concepção de evangelização que se identifica com a "pastoral dos sacramentos" e particularmente com a regularização da condição conjugal, julgada prioritária, para prosseguir com qualquer ação sistemática que conduzisse à plena e madura adesão à fé católica. Geralmente os missionários adotavam essa estratégia: Toda vez que decidiam realizar uma desobriga, iam até a foz do rio a ser visitado e ali esperavam a passagem de um barco que os levasse em direção à nascente do mesmo rio, sendo impossível subir em canoa a correnteza do rio. Uma vez alcançado o topo do rio, voltavam de canoa, percurso certamente não fácil nem seguro, mas com os remos e a correnteza favorável, se podia enfrentar e permitia aos missionários demorar em cada barracão, para prestar o serviço espiritual. Fazendo ponto de apoio em São Paulo de Olivença, os missionários ali residen-

---

[126] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione annuale, 1912, S. Paulo de Olivença, 13, marzo, 1913; Fr. Evangelista, na primavera de 1913, começou a sua primeira viagem ao interior da nova prefeitura.

[127] *Ibidem.*

tes começaram a subir e descer todos os principais rios e cursos d'água, começando do rio Içá, nunca antes explorado por algum missionário.

Foi Fr. Domingos quem, em 24 de setembro de 1912, saindo de Santo Antônio, "por uma vereda da selva", entrou no rio Jacurapá, chegando quase às nascentes e depois desceu, de barco, até a confluência com o rio Içá; durante a descida, o capuchinho de Gualdo parou em cada barracão e administrou 52 batismos, 4 crismas e celebrou também um matrimônio. Em 16 de outubro chegou à foz do rio Içá, de onde, com um vapor, foi até aos confins com o Peru; "dali em diante – anota Fr. Evangelista no seu relatório – o rio muda o nome de Içá para Putumaio, e não faz mais parte da nossa prefeitura".[128] Fr. Domingos permaneceu ao longo do rio Içá de 4 a 18 de novembro; um rio que define "belo e estético, grande e terrível, turvo e tempestuoso como o Solimões"; "pobre e de produtos muito desprezados", era ainda pouco habitado, não existiam vilarejos relevantes, mas só barracos espalhados; nenhum sinal em suas margens de populações indígenas, teve somente notícia de uma tribo que ocupava um território situado muito mais no interior da floresta.[129] Também Fr. Antonino de Frascaro tinha feito, no mesmo período, uma longa excursão ao longo dos rios Solimões, Javari, Itacoaí e Curuçá,[130] enquanto Fr. Alessandro de Piacenza permaneceu quase todo o ano de 1912 ao longo dos rios da nova prefeitura; na primavera tinha chegado a Tabatinga, então verdadeira fortaleza, onde celebrou a missa sob uma grande latada enfeitada pelos próprios soldados com palmeiras e ramos; de Tabatinga chegou à ilha de Aramaçá, de onde, com a canoa, foi para Belém do Solimões. Ali passou as festas pascais para voltar logo depois a São Paulo de Olivença, aonde chegou pela metade de abril.[131]

A desobriga mais desafiante de Fr. Alessandro foi aquela realizada no rio Javari e no seu afluente Curuçá; estes eram de fato, no dizer de todos, "os mais mortais [...] do Amazonas", especialmente por causa "dos vastos e contínuos pântanos" que se encontravam ao longo

---

[128] *Ibidem.*

[129] *Ibidem.*

[130] Os resultados dessas viagens foram: 143 batismos, 4 crismas, administração de 50 comunhões e a escuta de 60 confissões: *Ibidem.*

[131] *Ibidem.*

de suas margens; Fr. Alessandro chegou no fim do mês de agosto até Santa Fé e depois de canoa, com a ajuda de um rapaz, parando em todos os vilarejos, gastou mais de um mês para voltar até Remate de Males; de lá subiu novamente pelo Curuçá, afluente do Javari, até chegar Santo Antônio de onde iniciou, sempre em canoa, a descida. Uma viagem difícil: raramente o missionário capuchinho conseguiu comer uma vez ao dia e não só por causa da enorme distância entre um vilarejo e outro, mas também pela extrema pobreza das populações encontradas, todos seringueiros, prejudicados pela crise da borracha, que não puderam oferecer-lhes senão – recorda Fr. Evangelista – "um pouco de guariba (macaco) com farinha de mandioca".[132]

No Natal, finalmente havia chegado a Remate de Males, mas o esforço feito e "o clima pestilento do Javari" produziram seus tristes efeitos mesmo sobre a robusta constituição de Fr. Alessandro. Depois de cerca de um mês do seu retorno a São Paulo de Olivença, manifestaram-se nele fortes febres; quando Fr. Evangelista, ao início de março, foi à estação missionária, o encontrou "num estado digno de compaixão". Essa inesperada situação contribuiu, contudo, para encerrar uma história desagradável que envolvia justamente o frade piacentino e tinha causado profundo embaraço ao prefeito. Antes de enfrentar a excursão nos rios Javari e Curuçá, Fr. Alessando de Piacenza tinha ido a Manaus para informar ao prefeito acerca da situação da missão de São Paulo de Olivença; as notícias não eram certamente reconfortantes: o município não tinha ainda entregue os terrenos; a missão, em geral, revelava-se mais pobre do que se poderia imaginar e por outro lado a indiferença e a ignorância religiosas, não obstante os sacrifícios dos missionários, não davam sinal de diminuição.

Fr. Evangelista não se amedrontou, pôs a culpa no caráter dos brasileiros,[133] recordou ao frade que todos, província, Ordem e Igreja, conheciam as condições da missão e que "nada encontramos, que viemos sem um centavo e que devemos fundar uma missão em tempos

[132] *Ibidem.*

[133] "Se não conhecesse o caráter do brasileiro [...] Essa gente não se preocupa com coisas essenciais, muito menos se preocupará em doar alguma coisa, ainda que seja a favor dela mesma". ADAS, *Protocollo riservatissimo*, p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 27, settembre, 1912.

tão críticos e em lugares tão difíceis somente com o suor do nosso rosto".[134] Mas aquilo que não conseguiu justificar e que o impressionou fortemente foi a condição psíquica de Fr. Alessandro: "no seu rosto se lia um não sei o que de misterioso", recorda Fr. Evangelista. Aconteceu que, partido Fr. Alessandro, começaram a circular na comunidade e na cidade "certos juízos a seu respeito" que constringiram o prefeito a investigar; como tivesse permanecido várias vezes com as monjas do Instituto Benjamin Constant, Fr. Evangelista pediu para falar com a madre superiora e dela teve a confirmação do comportamento irrespeitável e inconveniente de Fr. Alessandro. Segundo o testemunho da superiora, o frade havia falado mal do Ministro Geral (culpado de tê-lo mandado à força àquela missão enquanto sabemos que ele queria ir para o Chile), dos confrades missionários, fracos e inoperantes, e do próprio prefeito, réu por usar uma medida diferente com os missionários da Província da Úmbria e com os outros e de gastar, além disso, de modo errado, os míseros recursos; no fim, chegou a exprimir abertamente a decisão de abandonar a Ordem.[135]

O comportamento de Fr. Alessandro tinha "truncado as mãos" e ferido o coração do prefeito, que aproveitou para aconselhar o provincial para não admitir à missão "indivíduos que diretamente ou indiretamente não se conheçam a fundo as consequências do que sucede ou que poderá suceder – continuava – somente muito tarde poderão ser conhecidos, portanto, nunca será bastante conhecê-los antes".[136] Pede, portanto, para repatriar imediatamente Fr. Alessandro: "creio que a única via de salvação seja que v.p.m.r. entre em contato com o frei geral e telegraficamente o chamem à Itália sem dizer o motivo, aí chegando farão aquilo que acreditarem melhor".[137]

O provincial, de acordo com o Ministro Geral, não teve o mesmo entendimento: "Avise-o seriamente e lhe diga claramente que se não emendar-se será obrigado a recorrer ao frei geral, para que o faça retornar definitivamente da missão por meio de *Propaganda*".[138] Tal-

---

[134] *Ibidem.*
[135] *Ibidem.*
[136] *Ibidem.*
[137] *Ibidem.*
[138] *Ibidem*, Foligno, 3, dicembre, 1912.

vez em São Paulo de Olivença devesse ocorrer o colóquio esclarecedor, mas o "péssimo estado de saúde" de Fr. Alessandro aconselhou o prefeito a adiar a dolorida conversa.[139] Na realidade, aquele encontro nunca acontecerá; de fato, nos primeiros meses do ano de 1914, inesperadamente, Fr. Alessandro abandonou a residência missionária sem dizer a ninguém as suas intenções. Então, o prefeito com uma carta convidou Fr. Domingos para ir até Remate de Males verificar a situação e eventualmente pedir informações sobre o paradeiro do religioso. Fr. Domingos, sem discutir, foi a Remate. Ali chegou dia 12 de março e descendo do barco à terra, depois de uma breve parada na capela, começou a pedir informações sobre Fr. Alessandro; "ninguém soube dar-me notícias exatas", escreveu Fr. Domingos ao prefeito.

Na realidade, circulavam tantas notícias sobre a sua sorte, mas muitas dessas convergiam no sustentar que o missionário "havia abandonado o hábito"; o agente postal do lugar afirmou que Fr. Alessandro, com a saúde instável, antes do Natal de 1913, se tinha transferido a Iquitos para curar-se, deixando-lhe confiadas duas malas as quais se dizia disposto a entregá-las ao confrade do missionário. Abrindo-as, Fr. Domingos encontrou todos os instrumentos do missionário: "o altar portátil, o registro dos batismos, crismas e matrimônios, três hábitos, uma rede e poucas velas".[140]

A apostasia de Fr. Alessandro e a intensa atividade pastoral ao longo dos rios não levaram naturalmente a transcurar o serviço religioso, sobretudo em São Paulo de Olivença; aqui, em todos os dias festivos um missionário pregava e toda tarde havia catecismo para cerca de 50 crianças. A presença estável e discreta em São Paulo de Olivença era Fr. Martinho; depois da morte de Fr. Agatângelo, do grupo dos primeiros quatro missionários que partiram no junho de 1909 da Úmbria, permaneciam Fr. Domingos, Fr. Hermenegildo e Fr. Martinho; das histórias de Fr. Domingos e de Fr. Hermenegildo, já falamos no modo em que nos permitiram as fontes que restaram.

---

139 "Ainda não falei com Fr. Alessandro sobre aquele assunto, porque o encontrei em péssimo estado de saúde": *Ibidem*, S. Paulo de Olivença, 13, marzo, 1913.

140 A carta de Fr. Domingos ao prefeito está transcrita na *Cronaca della Missione*, 150-151. Solimões Sup., IV, Manaus, 7, febbraio, 1914.

Mas à margem permaneceu Fr. Martinho e sobre ele convém então gastar algumas linhas. Vestiu o hábito capuchinho aos vinte e cinco anos no convento de Amélia, em 1903, e vem enviado pelos superiores a exercer o seu trabalho na enfermaria do convento de Espoleto; pediu ele mesmo para ser agregado à esquadra dos missionários que em junho de 1909 partiram para o Brasil, onde, como está escrito no necrológico, publicado na *Voce Serafica* no ano da morte (1937), "deveu cumprir os ofícios de Marta e Maria".[141] Com efeito, Fr. Martinho encontrou-se sozinho, cuidando da primeira residência missionária em São Paulo de Olivença; quando os confrades partiam para suas missões itinerantes ele deveria dedicar-se às fadigas materiais da construção exercendo todos os papéis: "ele era o diretor dos trabalhos, era o pedreiro, o carregador, o cozinheiro, o catequista e o médico".[142]

Pode-se pensar que a intensa atividade do missionário o impedisse de dar notícias à província; a primeira carta ao provincial mandou-a somente após cinco anos da sua chegada à missão. Na realidade, Fr. Martinho não sabia escrever e sofria muito por essa condição; ao final, provavelmente para não ser acusado de indolência ou pior de esquecimento, num italiano sofrido e aproximativo escreveu ao ministro provincial: "Depois de tanto tempo, quase cinco anos que parti da província sem ter-lhe escrito uma vez. Mas não é que eu vos tenha esquecido, eu sempre me recordo da caridade usada comigo, mas a questão é que eu não sei escrever e me envergonho de escrever, outras vezes escrevi e não tive coragem de mandar".[143] E depois de São Paulo a sua atenção se concentrou na construção da nova casa em Tonantins; passou meses em meio à floresta, "cortando árvores para aprontar o material", um esforço que o definhou no físico e no espírito; ele mesmo pediu ao ministro provincial para retornar à Itália para recuperar as forças e a vontade.[144]

---

141 Alla memoria del caro ex Missionario Fr. Martino da Ceglie Messapico, In: *Voce Serafica* 17/12/(1937)184-186.

142 Ibidem.

143 APCA,106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 2 M-P, fra. Martino da Ceglie al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença [1914].

144 "Assim não se pode andar adiante: prefeito doente, Jocundo doente, esses de Manaus todos já exaustos e de meia-idade e se em breve não virão ajudar-nos, adeus missão, adeus minhas fadigas e esforços de 10 anos que nos reduziram ao fim. Eu estou

No início de agosto de 1920, Fr. Martinho encontra-se no estabelecimento balneário de Castellamare di Stabia; ali permaneceu por uma quinzena de dias e depois voltou para casa, na Púlia. As suas condições, todavia, não melhoravam, um médico que o tinha visitado o encontrou "com fígado defeituoso"; em 1922 foi submetido a uma intervenção "difícil e dolorosa" no hospital de Lucca. Recuperando-se rapidamente, em novembro estava pronto para partir novamente para a missão; chegou a Gênova, com a intenção de embarcar, mas a falência da companhia que gerenciava o tráfego para o Brasil o obrigaria a chegar ao Amazonas via Rio; uma viagem muito longa, que fez pensar ao frade de tomar a estrada para Liverpool, de onde partiam navios direto para Manaus. E assim aconteceu. Partiu em 19 de dezembro e chegou a Manaus aos 18 de janeiro de 1923.[145] A sua permanência na missão seria, infelizmente, de pouca duração; em agosto de 1925 foi obrigado a retornar à província definitivamente, onde, até quando pôde, continuou a ocupar-se da sorte dos confrades missionários, sobretudo recolhendo fundos. Em 1927 o avanço da doença levou-o à cama, imobilizado por algum tempo, por dez anos, "nem mais uma palavra, nenhum domínio do seu organismo"; morrerá em 31 de outubro de 1937 em Foligno, na nova enfermaria do convento.[146]

Fr. Martinho aparece certamente como uma das pilastras sobre a qual se implantou a missão dos capuchinhos umbros; trabalhador incansável e obediente, sempre pronto a exercer os serviços mais simples e humildes, cauto nos juízos e confiável também aos olhos das autoridades eclesiásticas, que não hesitaram a dirigir-se a ele para terem informações diretas e completas sobre pequenas ou grandes disputas que a convivência missionária de homens, mais que estressados do cansaço e da doença, levavam inevitavelmente consigo. Sabemos que Fr. Evangelista teve de enfrentar questões com Fr. Domingos, que pediu para

---

cansado, exaurido de forças e quero voltar à Itália [...] para recuperar-me um pouco. Também a minha mãe morreu e não sei se na província lhe fizeram os sufrágios de costume, caso contrário peço a santa caridade pela minha pobre mãe": *Ibidem*, fra. Martino da Ceglie al ministro provinciale, Manaus s.d. [ma, 1919].

145 Todas as notícias são retiradas da correspondência que Fr. Martinho, depois de inicial titubeação, trocou com os ministros provinciais e conservado em APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 2 M-P.

146 *Alla memoria del caro ex Missionario*, 184.

voltar à Itália, com Fr. Alessandro, que primeiro ameaçou e depois saiu da Ordem; talvez tudo isso instilou alguma dúvida, em particular no provincial, na real capacidade do prefeito de administrar as relações e de regular a vida da missão; foi assim que o ministro provincial, diante do enésimo problema, pediu justamente a ele informações sobre a real conduta do prefeito que, como veremos, conseguiu evidenciar bem e realmente o caráter de um homem cauteloso e indeciso, que só muito lentamente conseguiu ter consciência da importância e dos condicionamentos que o clima, a doença e não raramente a fome comportavam nas relações e na salvaguarda de posições hierárquicas. De resto, a superar esses aspectos de caráter não o ajudaram muito nem mesmo as autoridades romanas e provinciais; Fr. Evangelista, consciente do dilatar-se do esforço missionário além de Manaus, mas também do fato de que no Amazonas "entre a vida e a morte o passo é curto", pediu a nomeação de dois "discretos conselheiros" para ser ajudado no dar "uma direção reta à missão" e também a nomeação do vice-prefeito; coisas sobre cujas atuações havia recebido amplas garantias do próprio ministro--geral, quando o havia recebido para comunicar o envio, em qualidade de prefeito, ao Alto Solimões.[147] Mas Roma, por meio de Fr. Clemente, secretário-geral das missões, respondeu que aquelas nomeações não eram consideradas urgentes, que a missão era "pouco numerosa", um vice-prefeito não era necessário e que nos casos difíceis o prefeito deveria consultar-se com "os frades mais maduros".[148]

6. A instituição da Paróquia de São Sebastião em Manaus (1912)

O histórico do ano 1912 representa um marco na história da missão: as viagens dos missionários ao longo dos maiores rios do território da prefeitura, a instalação definitiva em São Paulo de Olivença e, sobretudo, o consolidar-se da presença em Manaus, considerada, como sabemos, essencial para o futuro da missão. O evento mais importante nesse sentido foi o decreto do bispo Costa que elevava a capela de

[147] ADAS, *Protocollo riservatissimo*, p. Evangelista al ministro generale, Manaus, 10, april,e 1912.

[148] *Ibidem*, p. Clemente da Terzorio al prefetto, Roma, 16, giugno, 1912.

S. Sebastião à dignidade de paróquia e a aceitação de sua parte, da proposta de confiá-la, na qualidade de pároco, a Fr. José de Leonissa, missionário capuchinho.[149] Naturalmente a elevação de importância do lugar sagrado impunha imediatos reparos dele, em particular da cúpula, definida pelo prefeito "apodrecida" tanto que "nos dias de chuva derramava água de todo lado e ninguém podia garantir que num mês ou noutro não pudesse portanto acontecer alguma desgraça".[150]

A população de Manaus, particularmente devota de S. Sebastião, respondeu de modo entusiasmado às solicitações dos capuchinhos, e não obstante os temores do prefeito, a restauração da igreja, confiada ao empresário italiano Silvio Centofanti, ele que havia terminado meses antes os trabalhos do interior da igreja de uma capela-gruta dedicada a N. Sr.ª de Lourdes;[151] as obras estavam, na primavera

---

149 ADAS, *Protocollo riservatissimo*. O decreto de ereção vem datado aos 8 de setembro de 1912 e a apresentação como pároco de Fr. José ao bispo, por parte de Fr. Evangelista, é de 10 de setembro de 1912. Assim, Fr. Evangelista narra o acontecimento: "Era o dia 8 de setembro, dia santo da Natividade de Nossa Senhora. Nesse dia tinha terminado a reunião dos bispos e prefeitos apostólicos do Amazonas [...] Por isso deveria acontecer na catedral o solene pontifical do bispo diocesano. Eu recebi um convite urgente para assistir ao pontifical juntamente com os meus missionários: e eis que, inter missarum solemmnia, dom Amando Bahlniann (prelado de Santarém) sobe ao púlpito e em alto e bom tom lê o decreto do bispo de Manaus, pelo qual vinha ereta nesta cidade uma nova paróquia, sob o título de Paróquia de S. Sebastião e confiada aos menores capuchinhos. Para mim e para todos foi uma agradável surpresa. Portanto, cumpridas as normais formalidades, apresentei o novo pároco na pessoa do rev. Fr. José de Leonissa, nosso missionário que acolhido benevolente pelo bispo, foi eleito e declarado vigário (este é o apelativo que aqui se dá ao pároco) de S. Sebastião. No dia 15 de setembro ele tomava solenemente posse da nova paróquia. A Missa foi cantada in terzo com música escolhida: assistia o excelentíssimo bispo diocesano com o clero secular e o povo numeroso escutou com prazer as primeiras palavras, os primeiros avisos dirigidos pelo novo pároco". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione annuale, 1912.

150 *Ibidem*.

151 Quem financiou inteiramente as reformas da capela-gruta foi o juiz do Supremo Tribunal Brasileiro, o senhor Raymundo Perdigão, devotíssimo da Virgem de Lourdes. Fr. Evangelista aceitou a proposta "Mais ainda porque de tais grutas não existiam em nenhuma do Estado amazônico; todavia a devoção dos fiéis a Nossa Senhora de Lourdes era notável". A execução, confiada ao empreiteiro italiano Silvio Centofanti, "foi por todas considerada um grande sucesso, seja do ponto de vista artístico que religioso. Dia 15 de agosto, por ocasião da solene inauguração, era bonito ver o povo de Manaus, que sem distinção de idade e de condição acompanhava processional-

de 1913, num estado bastante avançado, e a coisa mais importante: foram recolhidas ofertas tais que se poderia fazer da igreja confiada aos capuchinhos "um templo digno da bela cidade de Manaus".[152] Notícias menos alegres chegavam, em vez do "fronte" sobre a habitação dos frades; surgiu a ocasião de adquirir em leilão a outra metade da casa cedida aos frades; seriam necessários cerca de 15.000 liras, mas – escreve Fr. Evangelista – "os meios pecuniários faltavam como ainda hoje".[153] Conseguiu-se somente manter na posse dos frades um horto que era anexo à casa posta em leilão,[154] enquanto cheias de esperança, mas sem nenhum êxito concreto foram as tratativas com o Consulado italiano para obter um subsídio destinado à instituição de uma escola para acolher os jovens da numerosa colônia italiana residente em Manaus.[155]

Juntamente às atividades conexas com a direção da paróquia os capuchinhos dirigiam três fraternidades pertencentes à Ordem Terceira, formadas quase completamente por mulheres; uma dessas tinha sede em S. Sebastião. Na mesma igreja encontrava-se ainda a associação dedicada

---

mente a imagem da Imaculada Rainha entre as ruas da cidade e d'Ela invocava graças e proteção": *Ibidem*.

152 *Ibidem*.

153 *Ibidem*.

154 "Visto que era impossível reter aquela parte da casa, usei mil maneiras para salvar ao menos aquela parte do horto que estava anexada à parte da casa posta em leilão; que, se também este fosse parar nas mãos do novo proprietário teríamos perdido qualquer comodidade e liberdade. E graças a Deus consegui": *Ibidem*.

155 Cópia da carta ao cônsul, na qual o prefeito destacava o rolo que poderia exercer a presença missionária em relação à comunidade italiana de Manaus, está em: ADAS, *Protocollo riservatissimo*, p. Evangelista al console italiano, Manaus, 8, dicembre, 1912. Mais detalhado é o acerto de contas que o mesmo prefeito faz no seu relatório de 1912, do qual emergem interessantes e curiosas considerações sobre a presença e a atividade dos italianos em Manaus: "em Manaus existe uma colônia italiana muito numerosa, mas que infelizmente não honra a própria bandeira. Na quase totalidade é composta por meridionais que, emigrando para Manaus com o único objetivo de fazer dinheiro e para obter isso não se interessam pelo decoro civil nem com o sentimento religioso. Quase todos se submetem a fazer os serviços mais abjetos, como de estivadores, garis e engraxates, de modo que em Manaus a palavra italiano é sinônimo de estivador. Agora, o cônsul italiano, para tentar remediar esta situação, tinha prometido fazer-me possuir gratuitamente uma casa com local apto para um colégio, com a condição que eu estabelecesse neste uma secção especial para os filhos dos italianos. Eu aceitei, e ele ocupou-se realmente da coisa: mas até agora não vi algum resultado". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione annuale, 1912.

ao Sagrado Coração de Jesus[156] e um centro catequético, ativo na quinta e no domingo, conduzido pelas irmãs de Santa Doroteia; construída a paróquia, os capuchinhos julgaram necessário ativar um outro centro catequético em S. João, confiando-o aos cuidados de "ótimas senhoras". Igualmente exigente revelava-se o encargo dos capelães e confessores das irmãs de Sant'Ana, que assistiam os doentes nos dois hospitais da cidade e das órfãs por elas educadas no Instituto Benjamin Constant.

7. Os progressos da missão nas realizações do prefeito (1913-1914)

A situação parecia, portanto, começar lentamente a melhorar; na correspondência com o ministro provincial, o prefeito não acrescenta particulares queixas e a essa altura pensa conhecer em profundidade os seus confrades missionários; de cada um declara haver compreendido atitudes e insuficiências.[157] "Nemo dat quod non habet" era a locução que Fr. Evangelista usava escrevendo ao provincial e que bem resumia o seu estado de espírito. O seu verdadeiro tormento era a convicção de que, a quase todos os capuchinhos ocupados do Alto Solimões, faltava – como escrevia – "aquilo que se chama atividade propriamente dita" e especificava: "Se sabe que numa missão a ser fundada não se encontra anda feito, e se existisse alguma coisa precisaria procurar desenvolvê-la, mas para fazer isso é preciso que o missionário encarregado de um serviço saiba governar-se com um pouco de critério prático e bom-senso.[158] Essencialmente, conforme sua análise, os seus missionários eram bastante capazes para "rezar, pregar e confessar", mas privados de uma forma mental, para assim dizer, "empreendedora", ou seja, em grado de

---

[156] Ainda segundo as notícias do prefeito, esta associação contava com mais de 400 membros que frequentavam os sacramentos de modo constante, especialmente na primeira sexta-feira do mês, além do que, comentava: "era bonito vê-los acorrer ao sagrado templo como em dia de festa, com uma devoção e um fervor incomuns": *Ibidem*.

[157] "V. P. não pode negar que o bem e o mal, o progresso e o regresso da missão depende justamente da atitude dos indivíduos no cumprir o próprio dever". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 10, novembre, 1913.

[158] *Ibidem*.

construir, enriquecer e fazer progredir a atividade missionária: "concretiza-se pouco e mais que isso não se faz – anota Fr. Evangelista – porque se acostuma com aquele [...] Deus providebit".[159] O "expoente" principal de tal comportamento era, segundo o prefeito, Fr. Domingos, um frade dotado de grandes qualidades, de costumes irrepreensíveis, que poderia produzir em São Paulo de Olivença transformações em todo aquele povo, mas que em vez disso – ainda conforme o prefeito – se tinha demonstrado "o eterno Fr. Domingos" que com sua "eterna indecisão e inconstância" não tinha concluído quase nada.[160]

Fr. Hermenegildo era dotado – segundo o prefeito – de limitados recursos intelectuais e estava mais doente, portanto – escreve – "faz muito pouco". Alguma melhora na saúde recebeu submetendo-se a um tratamento "trazido de Paris",[161] mas na realidade foram melhoras temporárias que se esvaíram no momento em que, durante as festas pascais, o prefeito lhe confiou "um pouco de trabalho".[162] Bastante claro também o juízo sobre Fr. José, que define "uma santa mulherzinha"; um frade que trabalha muito para a glória de Deus, mas que colhia pouco porque se perdia nos detalhes, sobretudo nos assuntos relativos à aqui-

---

159 *Ibidem.*

160 Certo que entre os dois desde o início, como sabemos, as relações foram difíceis, mas agora o prefeito se declara "cansado e cheio" [...] me faz escrever cartas sobre cartas e no final nem aquilo que faz nem aquilo que pensa". Segundo Fr. Evangelista, a este ponto o capuchinho de Gualdo Tadino havia amadurecido certas convicções que – escreve – "nem mesmo com a eloquência de S. João Crisóstomo se pode tirar da sua cabeça" e em particular por ter sido enviado em missão "por castigo" e de ser "desmoralizado" na província. "É melhor não falar-lhe e deixá-lo viver", conclui melancolicamente Fr. Evangelista: *Ibidem.*

161 *Ibidem*, Manaus, 20, dicembre, 1913.

162 *Ibidem*, Manaus, 15, giugno, 1914. Conforme ainda o prefeito, ele precisaria de "uma cura radical": "o pobre Fr. Hermenegildo foi precipitado demais ao anunciar sua melhora [...] o homem precisa de uma cura radical: se vê com que ocorreu no tempo da Páscoa quando teve um pouco de trabalho o que provocou achaques que ainda continuam assim". No seu relatório ao Ministro Geral o frade confirma substancialmente o quadro fornecido pelo prefeito: "de janeiro de 1910 a 1911 meu ofício não foi outro senão o de assistir às confissões e raramente à noite levar o sacramento aos pobres moribundos. Fiz dez sermões quase como prova, mas desgraçadamente não fiquei nada satisfeito. A causa disso é a fraqueza do peito, a fraquíssima voz como também ainda a falta de perfeito e franco domínio da língua". AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., IV, Manaos, 1.º, gennaio, 1911.

sição da casa havia demonstrado evidentes limites operativos.[163] Além de tudo, segundo o testemunho dos capuchinhos milaneses, referido ao prefeito, Fr. José ficou traumatizado com a ideia fixa de dever morrer, em completa solidão, em qualquer ângulo perdido da floresta, sem o conforto religioso, esse fato, para um superior que não tinha numerosos missionários – comentava Fr. Evangelista –, era "um grande aperto".[164]

Fr. Antonino tinha demonstrado ser um frade capaz de grandes sacrifícios, mas não era dotado da necessária prudência para lidar com o povo; além do mais, se encontrava havia tempos num precário estado de saúde que provavelmente haveria impedido no futuro uma participação sua nas excursões ao interior da missão.[165] Com efeito, no final de 1913 foi o próprio frade que escreveu ao Ministro Geral, suplicando para ser transferido para outra missão onde o clima fosse mais ameno.[166]

Fr. Alessandro até a sua apostasia demonstrava haver boas qualidades, mas a vontade, presumida ou verdadeira, difundida no círculo nos confrades missionários, de abandonar o hábito e a missão o tornavam um sujeito pouco afável; e ainda havia demonstrado repetidamente comportamentos pouco equilibrados, tanto que fez Fr. Evangelista afirmar que ele "tinha um parafuso a menos".[167]

---

163 "Para os interesses da casa, pois, nem se fala; é uma verdadeira desgraça". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 10, novembre, 1913.

164 *Ibidem*, Manaus, s.d. [ma, giugno, 1914].

165 *Ibidem*, Manaus, 10, novembre, 1913.

166 AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., IV, Manaos, 18, ottobre, 1913 e 25, ottobre, 1913. Parece que o ministro tenha acolhido o pedido de Fr. Antonino e tenha enviado um vale internacional de 2.000 liras ao prefeito para mandá-lo de volta; no entanto, Fr. Antonino estava internado no hospital, mas os médicos declararam a impossibilidade de curá-lo em Manaus. Fr. Evangelista, que aparece por demais contrariado pelo comportamento do missionário, pensava de mandá-lo por um tempo ao Pará, mesmo se, para o deslocamento, nutria preocupação. "Por ora o mandarei ao Pará, esperando a ordem para repatriá-lo, mas se puder ser dispensado disso, o farei, já que me envergonho de mandá-lo. Para entrar no hospital precisamos de uma face de ladrões: esta é a segunda vez que pedimos compaixão". Evidentemente Fr. Antonino havia continuado a atormentar, como na primeira vez da sua internação, médicos e freiras: "quando sairá daqui, vivo ou morto – bradou Fr. Evangelista – farei cantar um Te Deum in terzo". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 20, dicembre, 1913.

167 "é certo que, até que se prove o contrário, não convém dar-lhe absoluta confiança: aquilo que fez não se pode desculpar somente com o atenuante da descontração":

Opiniões lisonjeiras, reservava aos dois novos missionários, Fr. Jocundo e Fr. Ludovico de S. Giovanni Rotondo; o primeiro o definia "educado e distinto, sério e informado do verdadeiro espírito do missionário", o segundo, apesar de ser ainda muito jovem e, portanto, precisaria adquirir experiência, prometia "ser bem-sucedido".[168]

O quadro delineado sugeria ao provincial que selecionasse com cuidado os novos missionários, estudando bem a sua vocação porque – escrevia – se o missionário não havia uma disposição natural, facilmente, diante das primeiras dificuldades, perderia o ânimo e começava "a queixar-se aos superiores". Era igualmente necessário levar em consideração mais adequadamente os seus dotes intelectuais; não enviar certamente somente frades instruídos e doutos mas, certo, se soubessem "um pouco de tudo, seria sorte".[169] Vinha assim enfrentar a questão da nomeação do pároco da paróquia de S. Sebastião, recentemente recebida em Manaus; evidentemente Fr. Evangelista não considerava Fr. José o sacerdote apto para tirar da paróquia todas as vantagens materiais e espirituais que podia oferecer; considerando que Manaus se apresentava como uma cidade cosmopolita, exigia um indivíduo que, ao menos, falasse francês e inglês e que, sobretudo, soubesse lidar com as "baixarias do clero", ativando uma escola da ação católica e de educação cristã da juventude; teria sido, depois da reconstrução da igreja, "uma das lições mais bonitas para estes frades".[170]

Entretanto, no relatório anual, que então foi enviado às autoridades romanas e da província, não nos dois primeiros meses do ano, tempo em que os missionários estavam mais ocupados, mas nos meses de julho ou agosto, "abraçando sempre uma metade de dois anos", Fr. Evangelista, não obstante "a escassez dos indivíduos, as dificuldades [...] e as provas", podia confessar que a futura colheita não seria fraca e que "um relativo progresso na missão" tinha ocorrido.[171] Certamente,

Ibidem, Manaus, 10, novembre, 1913.

168 APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 10, novembre, 1913.

169 *Ibidem*.

170 *Ibidem*. Na carta acrescentava também o nome de Fr. Gaudioso de Massa, ex-missionário em Candia, amigo de Fr. Jocundo, que junto com ele apresentou pedido para a missão, como sujeito idôneo para assumir o cargo de pároco de S. Sebastião.

171 *Ibidem*, Manaus, s.d. ma, giugno, 1914.

poderia se obter muito mais, sobretudo em São Paulo de Olivença, mas escreve: "não posso mudar a cabeça dos homens"; a referência era claramente à inconstância de Fr. Domingos que mesmo elogiando no relatório oficial, andava, todavia – escreve – "contra a minha consciência". Mas a satisfação do prefeito não era partilhada na província, onde, passados cinco anos, se tinha compreendido os recursos, humanos e financeiros, que a manutenção da missão no Amazonas comportava; o ministro provincial criou coragem e escreveu ao geral para que se dirigisse à Santa Sé para obter a "mudança de missão, pedindo que se concedesse outra em locais melhores e mais apta para as condições da província por demais deficiente de pessoal e financeiramente".[172]

Uma parte considerável do ponderado relatório, que se compõe de cerca de 60 páginas, é dedicada à atividade de Fr. Jocundo em Tonantins; ali tinha ido inclusive o prefeito para verificar pessoalmente os progressos da instalação da residência missionária, que nunca havia visitado, e tinha ficado favoravelmente surpreso com a acolhida "simpática e solene" da população.[173] Durante a visita o prefeito havia ainda tirado "umas trinta e cinco fotografias" e assim documentou também com as imagens os lugares mais importantes da missão, tais como Tonantins, São Paulo de Olivença e Remate de Males; de uma carta sucessiva se conhece que as fotografias foram anexadas ao relatório de 1913-1914.[174] Resumindo, o natural pessimismo de Fr. Evangelista estava lentamente dando lugar à satisfação de ver, ainda que lentamente, a missão crescer: "é chegado o momento do natural desenvolvimento da missão e, da nossa parte, devemos fazer de tudo para não pará-lo, porque poderia ser desastroso. Uma vez que o Senhor dignou-se ouvir as orações de tantas almas pias, e abençoar os sacrifícios que nossa província mãe fez, devemos agora fazer

---

172 AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., IV, Il ministro provinciale al ministro generale, Foligno, 31, luglio, 1914. Naquele momento Fr. Hermenegildo estava na Itália, não existiam pedidos por parte dos religiosos para ir em missão e portanto o provincial pensou que seria aquele o tempo oportuno para levar adiante um pedido que muitos na província compartilhavam.

173 "Houve lá uma acolhida simpática e solene: as festas que se seguiram foram revestidas de uma santa simplicidade e mística solene. Imagine v. p. ouvir aqueles caboclos cantarem, Missa, vésperas, Te Deum e tudo". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 15, giugno, 1914.

174 *Ibidem*, Manaus, 29, novembre, 1914.

o supremo esforço para nos organizar regularmente". Provavelmente a satisfação de Fr. Evangelista fosse também e consequência da solução da questão da residência em Manaus; de fato, a partir da metade de novembro de 1914, puderam ter como residência a grande casa contígua à Igreja de S. Sebastião; não puderam comprá-la por ser caro demais o preço, mas adquiriram com a condição de instituir, a partir do ano de 1916, um colégio para os jovens; a Diocese, proprietária do imóvel, receberia, como compensação, um percentual das prestações pagas pelos alunos do colégio.[175] Obviamente, num negócio assim importante, que poderia tornar menos problemática a presença missionária dos frades no Alto Solimões, o prefeito exigia um colóquio direto com as autoridades da província e, portanto, convidava-lhes a se ocupar de todas as práticas necessárias para favorecer o seu retorno à Itália.[176]

À solicitação por parte do ministro provincial para ser mais explícito acerca do objeto do colóquio, Fr. Evangelista ilustrou posteriormente o seu projeto; ele era convencido de que, uma vez organizado o colégio, devesse transferir-se definitivamente para o interior, para coordenar melhor as atividades relativas à construção dos novos centros missionários; todavia a sua partida de Manaus o obrigava à escolha de um superior capaz de levar adiante a paróquia, o colégio e todas as outras atividades religiosas, já bem iniciadas e disso, admitia o prefeito, pretendia pensar pessoalmente com o provincial. A resposta do provincial, mesmo diante da reação impaciente do prefeito, foi muito evasiva; Fr. Evangelista, em

---

[175] "Agora vos dou a grata notícia que, desde o dia 20, estamos morando na casa grande contígua à igreja. Não pude adquiri-la por contrato de compra e venda, porque as forças não dão; custaria cerca de 150.000 liras. Recebi a casa com a condição, e por contrato que ainda se deve fazer, de abrir no mês de janeiro de 1916 um colégio, mas um colégio regular; a Diocese receberá um percentual sobre aquilo que pagará cada um dos alunos. Sobre este colégio é necessário que nos entendamos pessoalmente, porque, sendo uma coisa bem feita, serão infinitas as vantagens que receberemos. Teremos a ocasião de conduzir toda Manaus e de fazer um bem inestimável à juventude; é certo que o nosso colégio seria o preferido, e ao mesmo tempo poderia dar uma grande ajuda à prefeitura": *Ibidem*.

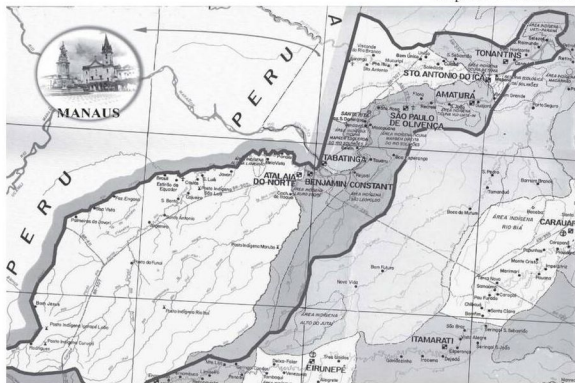
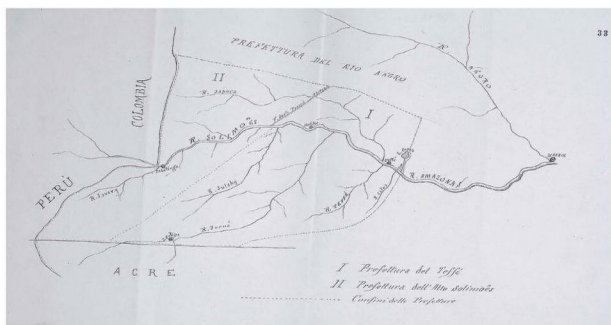
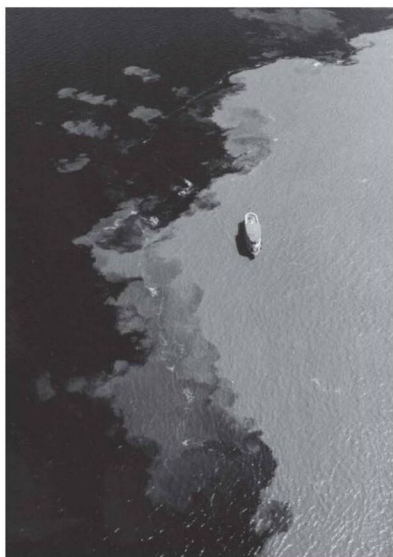
[176] "Eu virei no mês de março: preciso da obediência? É impossível que eu possa esperar resposta por escrito, já que não chegaria senão daqui a três meses, e não terei depois tempo para tomar minhas disposições para o interior. Seria melhor que me passasse um telegrama com a simples palavra de SIM ou NÃO e, depois por segurança, mande uma carta; assim eu terei tempo para tomar todas as minhas medidas": *Ibidem*.

prática, foi imputado por não compartilhar as escolhas com os demais missionários, por andar adiante, enfim, muito sozinho. Uma acusação que lhe fazem desde o início, sobretudo pelos primeiros missionários que talvez, de algum modo, se sentiam na vanguarda e, portanto, fundadores da missão, e à qual ele respondeu que sempre se aconselhara "com quem poderia me dar conselhos" e que sempre se comportara de acordo com as normas dadas aos superiores pelo secretário das missões. Certamente, acrescentava, "Com todos não me aconselhei porque nessa hora teria enlouquecido e declarado a morte da missão antes que nascesse"; depois, dirigindo-se diretamente ao provincial, quase a rasgar o seu consenso, escrevia: "Sabeis por experiência que os superiores são o alvo de todos os dardos, e que não podendo evitar tudo, é preciso que estes sejam superiores e, por amor ou por força, aos súditos façamos ser súditos, de outro modo vem a confusão e da confusão a desordem".[177] Tendo o testemunho de Fr. Paulo que, a pedido do prefeito e do provincial, escreveu uma carta para ilustrar a situação material e religiosa da missão, no interior dos frades tinha penetrado "o antagonismo"; segundo o confrade, faltava a "paz", a união e a "fraternidade", mas a responsabilidade não era do prefeito, que tinha feito de tudo – segundo Fr. Paulo – para "manter a serenidade".[178]

[177] *Ibidem*, Manaus, 30, dicembre, 1914.

[178] Não negava que às vezes o prefeito tivesse usado a sua força para fazer valer as suas posições e que, por isso – escrevia ainda – havia frades que não o viam com bons olhos e que, para provocá-lo, comportavam-se de modo individualista ("procuram fazer tudo que lhes seja cômodo", todavia o prefeito, ainda conforme o seu juízo, era um homem "bom e caritativo", sempre pronto a cumprir o próprio dever. APCA, 106, *Missioni – corrispondenza personale*, 2. M-P, fra. Paolo da Massa al ministro provinciale, Manaus, 11, dicembre, 1912. Na mesma carta, ilustrando a situação dos missionários, além daqueles que conhecemos, cita o nome de um frade leigo, Francisco, de idade muito avançada e de saúde débil e cuja única ocupação era aquela de "tocar o órgão quando temos funções litúrgicas na igreja". Trata-se de Fr. Francisco de Désio, vindo ao Brasil com os capuchinhos milaneses e que permaneceu em Manaus por sua vontade.

Divisão política do Brasil

Mapa do Alto Solimões

Proposta dos prefeitos de nova delimitação dos confins (APCF, 1915)

Encontro das águas

Dom Evangelista da Cefalônia

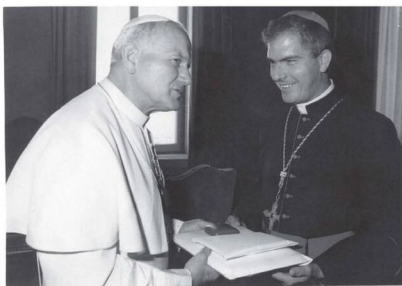
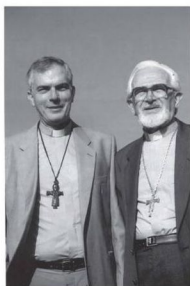
Dom Evangelista e frei Domenico da Gualdo Tadino

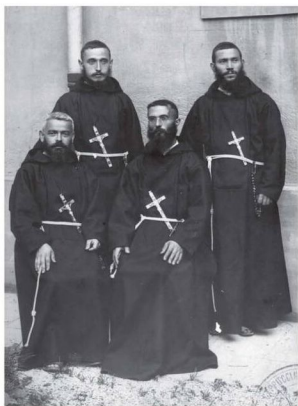
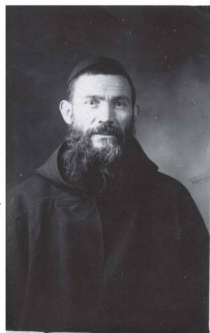
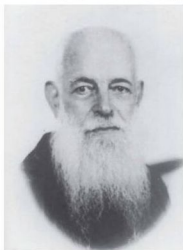
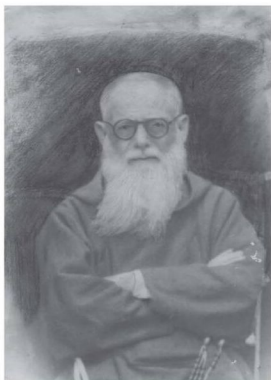
Dom Tommaso de Marcellano

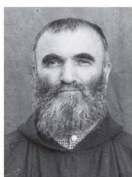
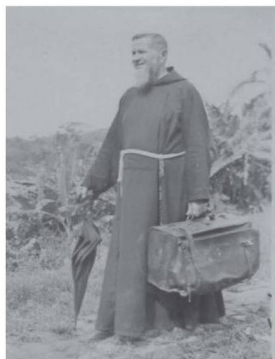
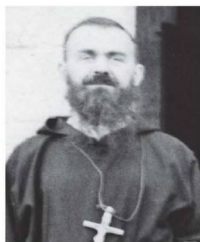
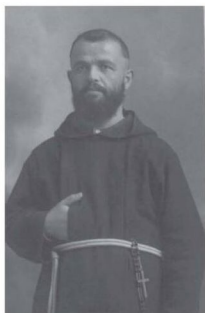
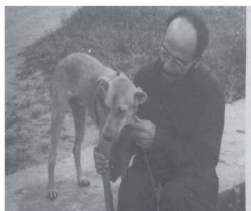
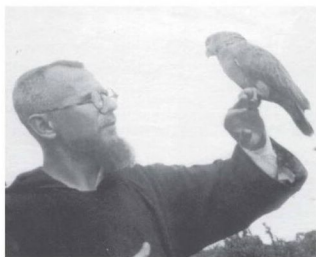
Dom Venceslao Ponti de Spoleto

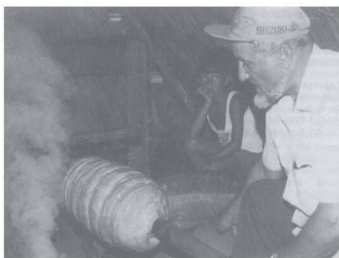
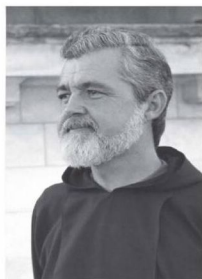
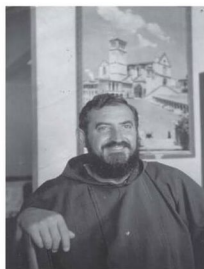
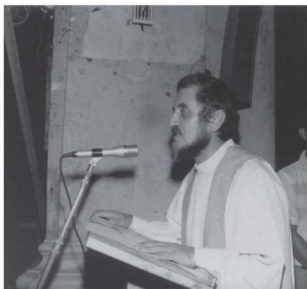
Dom Cesario Minali

Dom Adalberto Marzi

Dom Alcimar Evangelista Caldas Magalhães

Dom Alcimar com dom Adalberto Marzi e com o papa João Paulo II

Frei Adalberto Marzi, frei Anastasio de Montecastelli e frei Giuseppe de Grello, partindo para a missão

Os primeiros quatro missionários: frei Agatângelo da Spoleto, Fr. Martino de Ceglie Messapico, frei Hermenegildo de Foligno e frei Domenico de Gualdo Tadino

No sentido horário da parte superior direita:
Frei Agatângelo de Spoleto
Fr. Martino de Ceglie Messapico
Frei Francesco de Désio
Frei Giulio de Nova Milanese
Frei Domenico de Gualdo Tadino
Frei Hermenegildo de Foligno

No sentido horário da parte superior esquerda:

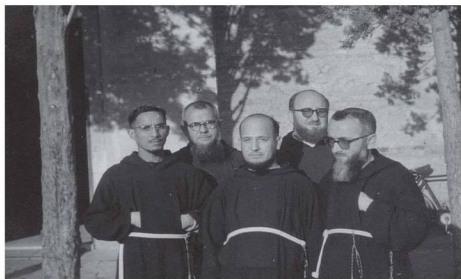
Frei Giuseppe de Leonessa
Frei Giocondo de Soliera
Frei Luca de Gualdo T.
Frei Diego de Ferentillo
Frei Ludovico de Leonessa
Frei Antonino de Perúgia

No sentido horário da parte superior
esquerda:
Frei Pacífico de Panicale
Frei Fedele de Alviano
Frei Pio de Casacastalda
Frei Fedele de Alviano com os
Ticuna
Frei Ambrogio de Gaifana

No sentido horário da parte superior esquerda: Frei Stanislao de Leonessa
Frei Matteo de Acquasparta
Frei Silvestro de Pontepáttoli
Frei Michelangelo de Marenella
Frei Roberto de San Severino Marche
Frei Filippo de Montenero

No sentido horário da parte superior esquerda: Frei Rinaldo de San Salvo
Frei Lorenzo de Porto
Frei Tommaso de Foligno
Frei Antonino de Perúgia
Frei Giuseppe de Grello

No sentido horário da parte superior:
Frei Geremia de Intermésoli com os Ticuna
Frei Silvano Monini
Frei Evaristo da Morano
Frei Benigno Falchi
Frei Arsênio Sampalmieri

No sentido horário da
parte superior esquerda:
Frei Gino Alberati
Frei Pio Conti
Frei Fulgenzio Monacelli
Frei Valerio Di Carlo e o
Coral de S. Sebastião
Frei Ciro Aprígio

No sentido horário da parte superior esquerda: Frei Mario Monacelli
Frei Paolo Maria Braghini
Frei Bernardino Vagnarelli
Frei Silvio de Arezzo

Dom Cesario Minali com um grupo de missionários

Frei Ermenegildo de Foligno, frei Giuseppe de Leonessa, frei Antonino de Perúgia

O frei provincial frei Raniero Vinciotti com os missionários

Grupo de missionários que viajam para a Amazônia

Frei Alberto de Manaus, frei Rinaldo de San Salvo, frei Geremia de Intermesoli, frei Filippo de Montenero, frei Silvio de Arezzo

Missionários com dom Marzi

Grupo de missionários

Frei Benigno, frei Bianco, Fr. Húmilis, frei Filippo com um grupo de clérigos

Grupo de missionários (1980)

CAPÍTULO SEGUNDO

1. A divisão da prefeitura em três zonas

No final de julho de 1913, Fr. Evangelista comunicou ao Ministro Geral a intenção de dividir a prefeitura em três zonas, às quais deveriam corresponder "outras tantas" residências, e isso para "diminuir as dificuldades dos missionários" e "facilitar a frequência e exatidão" do ministério deles;[179] três, de fato, eram os centros para a maior parte do ano, também em concomitância com a extração da borracha, poderiam aproveitar-se da maior quantidade de gente e estes eram: Remate de Males, São Paulo de Olivença e Tonantins. Nesses deveriam residir permanentemente os missionários, que depois de pouco tempo teriam de instituir ainda "outras tantas escolas independentes de qualquer encargo e de absoluta propriedade da missão", na qual educar a juventude da qual se podia esperar um pouco de bem: "é indiscutível – escrevia o prefeito – que das gerações presentes, corrompidas até ao excesso, não podemos esperar nada de bom: todos os nossos cuidados devem voltar-se à geração nascente providenciando-lhe o necessário para a sua educação religiosa e civil".[180]

Assim, no relatório daquele ano o prefeito expõe de modo bastante claro a situação global das três localidades, iniciando por São Paulo de Olivença, onde era sua intenção adquirir uma casa bastante confortável e funcional para hospedar os missionários em retorno das excursões ao interior, muitas vezes, infelizmente, não só exaustos, mas também doentes. Fr. Evangelista não estava satisfeito, contudo, com o andamento das obras; de maio até o fim de junho, os dois missionários residentes, Fr. Domingos e Fr. Martinho, tinham sido constrangidos a abandonar repentinamente a sua cômoda residência. O proprietário da casa que os hospedara, voltou de Manaus com a família e os dois missionários tiveram de arranjar-se "numa tapera úmida, anti-hi-

---

179 AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., IV, Manaos, 30, luglio, 1913.

180 APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia(1910-1915), frei Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 27, luglio, 1913.

giênica e privada de suficiente proteção".[181] A nova casa era, além de tudo, situada longe demais da igreja e o proprietário exigia um aluguel exorbitante, calculado em cerca de 70 liras por mês. Nem mesmo a construção da igreja fazia progressos; frei Domingos, para estimular o povo, pensou em colocar a primeira pedra, mas foi inútil. O ambiente destacava o prefeito, do ponto de vista religioso, parecia indiferente e muito politiqueiro; depois de três anos de presença quase contínua dos missionários, toda a vida religiosa parecia resumir-se ainda em "atos clamorosos por ocasião das festas", que infelizmente eram também "profanadas – escreve o prefeito – pelas danças e bebedeiras"; de resto, na igreja, ia pouca gente aos domingos e restava vazia nos outros dias.[182] O prefeito visitou a residência de São Paulo de Olivença em março de 1913 e, como sabemos, não demonstrou estar satisfeito com a obra de Fr. Domingos; todavia, no relatório, menciona tal questão e elogia, em vez, sua atividade consistente na pregação, na catequese e também na alfabetização primária, com a abertura, em maio de 1913, de uma sala escolar, logo frequentada por 15 alunos, mas pouco tempo constrangido a fechar, porque o lugar encontrou-se debaixo de um desencontro político, que se tornou verdadeira luta armada, entre facções rivais com um morto e com "prisões e intimidações".[183]

Durante 1913, dentre outras coisas, Fr. Domingos tinha feito incursões ao interior, em particular, de 5 a 16 de fevereiro e de 18 a 25 de julho, ao longo do rio Jacurapá; de 22 a 26 de junho havia, em vez, visitado a comunidade de Belém, situada na margem esquerda do Solimões. Fazia parte da área confiada a Fr. Domingos, também o po-

---

[181] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno 1913, Manaus, 3, luglio, 1914, 2. Uma versão muito mais ampla do relatório do prefeito, rica de episódios e provavelmente ajustada de modo a satisfazer a curiosidade dos leitores europeus, aos quais era dirigido ["Sem gastar um tostão, sem expor-vos a perigos, fareis uma viagem ao Alto Solimões, onde vereis a obra dos missionários e coisas novas"], foi também impressa: [Eusebio da Civitella] *Missione di Alto Solimões affidatta ai Minori Cappuccini Umbri,* N. 3, Roma, 1915.

[182] APCA, 102, *Misssioni – Relazioni annuali e quinquennali,* 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno 1913, 3.

[183] Escreve o prefeito: "Esses viram primeiro, a casa enche-se gente que pensaram encontrar ali um lugar de salvamento; e então tiveram que permanecer quase a sós com os soldados, já que fugiram todos os habitantes. Voltou à calma, mas só nestes últimos dias foi possível reabrir a escola": *Ibidem.*

voado de Maturá, dito também Amaturá, mas as ocupações do capuchinho de Gualdo Tadino o impediram de exercer ali o seu ministério e assim o prefeito enviou o novo missionário, Fr. Jocundo de Soliera, que logo estimulou nele sentimentos de confiança e segurança. Na residência de Remate de Males o prefeito havia enviado, por sua vez, Fr. Antonino de Frascaro e Fr. Alessandro de Piacenza; era um dos lugares mais insalubres da missão, e Fr. Alessandro, apenas chegando, adoeceu da "terrível febre", intermitente e periódica, denominada "sezão";[184] de nada adiantaram os cuidados recebidos dos confrades em São Paulo, foi necessário, para curá-lo de verdade, interná-lo no melhor hospital da cidade de Manaus, a "Beneficência Portugueza", aonde chegou ao mês de abril de 1913.[185] Restabelecendo-se, no mês de julho pôde retornar a Remate de Males, mas apenas um mês depois – escreve o prefeito – "a febre sezão [...] começou a fazer novamente as suas tristes visitas". A essa altura, como sabemos, outras fontes testemunham a sua apostasia; a partir do mês de dezembro se perde o seu rastro e provavelmente Fr. Alessandro transferiu-se para o Chile para encontrar-se com seu irmão. Mas, na sua narração, Fr. Evangelista não acena nada sobre este acontecimento, que certamente não acrescentava glória à missão e à província; prefere oferecer uma versão mais atenuada da questão e escreve: "Ele, esperando de uma semana ou outra uma melhora definitiva, esteve em Remate de Males até o mês de dezembro, não obstante que eu, os confrades e amigos o aconselhássemos retornar a Manaus. Enfim, vendo que a doença continuava, e movido também por outras razões, abandonou definitivamente a missão".[186]

Fr. Antonino, em vez, partiu pela metade do mês de janeiro tendo como meta o rio Javari, um afluente do Solimões, "rico em produtos naturais como borracha e cacau", e no passado, segundo a descrição do frei jesuíta Samuel Fritz,[187] habitado por numerosas tribos

---

[184] É o mesmo prefeito quem descreve os terríveis sintomas da doença: "acompanhada nas primeiras horas de frio que dos arrepios e faz bater os dentes e então dá um calor que faz sair de todo o corpo um abundante suor": ivi, 7.

[185] O prefeito destaca como no interior da missão "uma verdadeira cura não é possível [...]: há falta de médico, de farmácia, falta, por fim, de alimentação necessária": ivi, 8.

[186] *Ibidem*.

[187] Samuel Fritz (1650-1730), nascido na Boêmia, foi missionário e explorador: *Lexikon fur Theologie und Kirche IV*, Freiburg – Basel – Rom – Wien, 1995, 161; *O Diário*

de índios, mas agora só pelos "Majorunas", chamados erroneamente – escreve Fr. Evangelista – "Manjeronas" e dos quais se contavam, sempre conforme o prefeito, "estórias e usos bem tristes de crueldade e de sangue".[188] Durante a viagem, Fr. Antonino passou pelos vilarejos ao longo do Solimões, em Santa Cruz, Belém, um dos mais vastos "barracões" do Solimões, de propriedade, como sabemos, de Romualdo Mafra, e depois em Tupy, Guanabara, Oriente e Conceição, até chegar no sábado santo a Remate de Males. Exatamente no fim do mês de abril o atacaram as febres; transferiu-se por algumas semanas ao lago do Boia, onde o clima era muito melhor para recuperar-se, e uma vez restabelecido, iniciou sua exploração pelo alto Javari. Mas a viagem durou só um dia: chegando ao barracão chamado Santa Teresa, "cai gravemente doente"; por uma dezena de dias, foi de fato duradouro o estado de depressão geral que se temeu pela sua vida. Em seguida, levemente recuperado, voltou atrás até Remate e de lá de barco, chegou a São Paulo de Olivença, de onde, na tarde de 19 de agosto, prosseguiu viagem para Manaus. Nem mesmo os cuidados que lhe foram prestados no melhor nosocômio da cidade por cerca de um mês lhe adiantaram, os próprios médicos aconselharam que fosse repatriado. Assim de fato ocorre em oito de fevereiro de 1914.[189] Ainda mais uma vez a incursão no rio Javari vem confiada a Fr. Jocundo.

Frei Jocundo chegou a Remate em 24 de setembro de 1913 e no dia seguinte embarcou no vapor que fazia viagens até a ponta do rio Javari, "até a ponta, isto é, no lugar em que o curso d'água perde o nome de Javari e recebe o de Jaquirana".[190] Cinco dias de navegação a subir, depois começou a descida e o serviço religioso que Fr. Jocundo fez, subindo a bordo de um grande barco um *batelão*, de propriedade de um vendedor ambulante que percorria o mesmo itinerário; a ocasião representou uma grande facilidade, mas também um enorme sacrifício, porque o vendedor (regatão), escreve Fr. Evangelista, pegando as considerações de Fr. Jocundo, "queria andar dia e noite", de tal

---

do Padre Samuel Fritz, org. R. F. Pinto, Manaus (AM), 2006, com relativa ulterior bibliografia nas p. 269-272.

[188] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennale*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno 1913, 11.

[189] Ivi, 10.

[190] Ivi, 11.

modo que o pobre missionário – escreve o prefeito – "também à noite era obrigado a satisfazer às necessidades espirituais dos fiéis".[191] E, no entanto, a excursão religiosa de Fr. Jocundo não tinha começado com os melhores auspícios; justamente no início em Miraflores, o dono do lugar, diante da proposta do missionário de administrar os sacramentos, parece que tenha respondido bruscamente: "o batismo dos meus filhos quero que consista somente em escrever o nome deles no livro do estado civil e em inscrevê-los no tempo oportuno na maçonaria".[192]

Os filhos do proprietário não receberam o batismo e foi, contudo, um mau sinal que não desencorajou Fr. Jocundo, que continuou a descida do rio, passando por Campo Alegre, Santa Fé, Japurá e São João, até chegar, em 10 de outubro, ao Javari-Miry, afluente do Javari; não adentrou, todavia, o referido rio porque corria em grande parte no território da Prefeitura de Iquitos (Peru). Não penetrou nem mesmo no rio Curuçá, um curso d'água que exigia ao menos um mês para prestar de modo exaustivo o serviço missionário; demorou alguns dias na foz para permitir aos indígenas dos vilarejos mais próximos apresentarem-se para receber os serviços religiosos, mas isso provocou a partida do vendedor ambulante que naturalmente, demorando tempo demais num lugar, favoreceria a concorrência e "perderia seu negócio".[193] Para satisfazer os deveres espirituais daquelas populações, Fr. Jocundo decide continuar sua viagem de canoa e "esta – escreve no relatório o prefeito – conforme sua solicitação vinha gentilmente concedida pelo proprietário de cada um dos barracões, que a mandavam com remadores até o outro barracão mais próximo".[194] Depois do delta do Curuçá, Fr. Jocundo visitou os vilarejos de Cachia, Três Unidos, Santo Eusébio, Boa Fé, Vista Alegre, Macao, Boa Esperança e Antequera.[195]

Em todas as localidades o missionário esteve ocupado naquela pastoral dos sacramentos que caracteriza a primeira fase da presen-

---

[191] Ivi, 12.
[192] *Ibidem.*
[193] Ivi, 13.
[194] *Ibidem.*
[195] *Ibidem.* De Antequera passou sucessivamente às localidades de Jahuarcuaca, S. João da Serra, Bom Futuro, Chimera, Jurara, Taboca. S. Ana, Lamarão, Nova Vida, S. Thereza e Jaburu: ivi, 17.

ça missionária no Alto Solimões: batismos, crismas e matrimônios, e numa quantidade muito pequena, aliás, quase ausente, confissão e comunhão; "não querem saber de jeito nenhum", escrevia o prefeito. Durante essa longa incursão, Fr. Jocundo teve modo de verificar certamente o apoio fornecido à sua atividade pastoral pelos patrões dos vilarejos, mas também, como escreve Fr. Evangelista, "o despudorado domínio" que muitos desses exercitavam. Mantinham o controle sobre tudo, sobre os recursos do território, mas também sobre as pessoas e eram eles, muitas vezes, a decidir os matrimônios e o número de filhos. Acontece assim que, Fr. Jocundo, num vilarejo, foi convidado pelo patrão para celebrar o matrimônio entre dois jovens, mas à fatídica pergunta feita à esposa se ouviu responder: "não quero"; naquele instante viu-se a ira do patrão que começou a nominar a pobre moça, na igreja, com os epítetos mais injuriosos e somente com a intervenção decisiva do missionário se evitou um drama.[196]

Uma revelação interessante dessa interminável excursão ao longo do Javari foi o impacto do missionário com o culto aos santos: "Este é entre os nossos fiéis um ponto de suma importância" – escreve o prefeito no seu relatório –, tendo compreendido como, na realidade, a veneração dos santos e de suas imagens chegava muitas vezes a confundir-se com aspectos de fetichismo.[197] Depois de cerca de 40 dias, em quatro de dezembro de 1913, Fr. Jocundo tinha voltado a Remate; o rio Javari, pouco antes de desaguar no Solimões, recebe no seu lado leste as águas do seu afluente Itacoaí e justamente na foz desse afluen-

[196] Ivi, 15. O matrimônio não foi celebrado, mas isto não impediu ao patrão de obrigar os dois a conviverem. Num outro vilarejo, também o patrão, pretendia que Fr. Jocundo unisse em matrimônio uma menina de apenas 11 anos. Também nesse caso, o missionário, com determinação, conseguiu persuadir o patrão e os pais da garota a renunciarem ao ato.

[197] "O santo é muitas vezes, como também a madeira representando o santo, objeto de um culto absoluto e por isso idolátrico. E isso é mais ainda lamentável, tanto mais seja este culto ao santo meramente exterior, parecendo até que se apague o seu sentimento religioso. Fazem a festa do santo, portanto são religiosos; portam consigo a imagem do santo, portanto deve proteger-lhes; morrem com duas velas acesas ao santo, então devem salvar-se. São estas as concepções dos nativos que fazem chorar o coração do missionário, que demonstram o nível religioso destas populações e que deixam ver, quais e quantos esforços serão necessários para formar nestas almas o verdadeiro sentimento cristão": ivi, 18.

te, em ambas as margens, surgia Remate de Males, o maior centro da prefeitura. Nascido havia poucos anos, contava já com 2.000 habitantes, sendo um importante centro de comércio e de contrabando com o vizinho Peru; fora o clima, Remate era considerada uma localidade assustadora também do ponto de vista religioso: nenhuma criança no catecismo, dez mulheres na missa dominical e o sacerdote considerado somente – escreve o prefeito – "como objeto de luxo para certos atos religiosos externos".[198]

Aqui, Fr. Jocundo, tendo encontrado Fr. Alessandro num estado "digno de compaixão", decide prosseguir o serviço religioso ao menos até as ilhas que surgiam na boca do Javari; partiu em 10 de novembro descendo justo até as ilhas formadas pelo encontro dos rios Javari e Maranhão.[199] O missionário visitou somente a maior das ilhas, isto é, aquela de Aramaçá, 40 quilômetros de circunferência, 800 habitantes, sem uma igreja nem escola, também em relação ao fato de que essa ilha, como também as outras, periodicamente – anotava o prefeito – permanecia "alagada por alguns dias pelas águas do rio".[200] Frei Jocundo julgou a população da ilha "a mais moral e a mais religiosa" da prefeitura e individuou a razão no fato de que nessa quase não existiam as árvores de borracha que, segundo o missionário, habituavam o homem ao ócio inoperante, constringindo-o a trabalhar só alguns meses do ano; abundavam em vez "todas as espécies de frutas, de modo a

---

198 Ivi, 19.

199 Ivi, 20. O encontro das águas dos dois rios e a formação do pequeno arquipélago, assim é descrito pelo prefeito: "enquanto do lado leste chega a corrente terrível do Javari, do lado oeste chega ainda mais terrível aquela do Maranhão, que do Peru entra no Brasil. Parece assistir-se uma luta enorme de gigantes, cada qual com vontade de abater o rival para apoderar-se de seus espólios. Aqui quem perde é o Javari; o Maranhão tem enfim o barlavento: mas parece que a enorme luta combatida tenha feito perder ao vencedor e ao vencido a própria fisionomia, nenhum pode cantar vitória completa: aqui as águas reunidas deixam o nome de um e do outro e tomam o nome de Solimões. Diz o provérbio que, entre dois adversários o terceiro lucra e assim no espaço onde ocorre o impacto entre os dois rios, a terra encontra um modo de dominar em alguns pontos, formando assim um bom número de pequenas ilhas; cinco sobre a foz do Maranhão e três na boca do Javari".

200 Ivi, 21.

manter sempre abastecidas, por todo o ano, as praças de Remate de Males e de Nazareth", no Peru.[201]

2. Frei Ludovico de San Giovanni Rotondo ao longo do rio Japurá e do rio Negro

No território da prefeitura estava incluído também o rio Japurá, este corria por um longo trecho em território colombiano e ali para o chamado Caquetá; no ponto em que se comunicava com o Orinoco e começava a correr em território brasileiro, adquiria o nome de Japurá. Cheio de corredeiras e, portanto, dificilmente navegável, pouco habitado e por isso há diversos anos não visitado por nenhum sacerdote, chamou a atenção de Fr. Ludovico de S. Giovanni Rotondo. Aos 13 de março partiu de Manaus e aos 17 chegou à foz do rio Japurá; outros quatros dias de navegação de barco para chegar ao alto Japurá brasileiro e de lá descer o rio prestando o serviço religioso em Vista Alegre, Maguari e Mamori, atormentado pelos "piuns" e assustado com "horrendos monstros", como o jacaré e o boto, "capazes de virar – anota o prefeito acreditando no relato de Fr. Jocundo – o barco e devorar as pessoas".[202] Em Tamandaré encontrou "o encarregado do governo como protetor dos índios"; pôde assim observar e conhecer de perto, por sua intercessão, "uma parte dos seus estranhos costumes".[203]

---

[201] *Ibidem.*

[202] Ivi, 24.

[203] *Ibidem.* Em particular, através da mediação do encarregado governamental, encontrou os indígenas da tribo dos Piranhas dos quais descreve alguns costumes e tradições: "Estes orgulham-se de levar na cabeça um barrete decorado com listras de ouro, que lhes faz parecer muitos capitães de navio. Têm o seu médico que é ao mesmo tempo o seu sacerdote, que usa como divisas especiais longos bigodes pintados sobre as bochechas com a tinta formada pelo suco de algumas árvores. Quando aqueles índios adoecem, é inútil falar com eles sobre medicamentos europeus: pedem o seu médico e seguem somente os seus conselhos e os seus cuidados. Esta normalmente é muito simples: aquele médico pega um charuto e o passa duas ou três vezes sobre a face do doente. Depois o acende e fumando faz passar a fumaça da sua boca àquela do enfermo. Terminada essa simples operação, o médico vai embora deixando o doente plenamente satisfeito": ivi, 26. Permaneceu impresso na mente de Fr. Ludovico também o modo como os índios se saudavam depois de um longo período de distanciamento: "um se joga entre os braços do outro e assim permanecem pelo menos por

Fr. Jocundo passou as festas pascais entre Igualdade, Humaitá e Simpatia, onde chegou em 27 de março; dali passou a exercer o sagrado ministério em Mameluca, Veneza, São Bento, Mocó, Nova Olinda, Recreio, Carcará, Santa Fé, Floresta e Bom Futuro, uma viagem fatigante que acabou por portar um mal-estar a Fr. Ludovico.[204] Mesmo recuperando-se logo, não considera prudente continuar a viagem e no final de abril chegou a Manaus.[205]

Na divisão do território do Alto Solimões feita pelo prefeito, a residência de Tonantins vem confiada a Fr. Jocundo que nela chegou, pela primeira vez, em nove de março de 1913, quarta-feira santa. Em Tonantins havia duas igrejas, uma dedicada a São Pedro e outra a São Francisco das Chagas; todos os anos, alternadamente, as funções pascais aconteciam numa das igrejas; aquele ano cabia a São Pedro, um pouco distante do centro habitado, mas ao menos em boas condições, ao contrário daquela de São Francisco que, se bem fosse mais central, era atualmente "deformada e decadente".[206] Entusiasmo e participação marcaram as duas procissões, aquela "do encontro" e a de "Jesus morto".[207] Mas a verdadeira novidade foi o rito da Via Crúcis, pela primeira vez apresentado ao povo de Tonantins, que, segundo o teste-

---

dez minutos e em todo esse tempo sorriem, riem às gargalhadas, proferindo somente duas ou três palavras ininteligíveis": ivi, 28.

204 "A excursão do Japurá – escreve o prefeito – feita entre tantos sacrifícios e fadigas o tinha extenuado. Começou a sentir uma grande fraqueza e enquanto na manhã de 22 de abril estava celebrando a Santa Missa, sentiu um suor frio escorrer-lhe pela fronte e depois de alguns instantes desmaiou": ivi, 28.

205 *Ibidem*.

206 Ivi, 29.

207 A primeira procissão, dita "do encontro", aconteceu de manhã às 8 horas. Primeiro saíram ordenadamente as mulheres, levando a imagem de Maria Santíssima e quando já estavam distantes da igreja, seguimos eu com os homens trazendo conosco a imagem de Jesus que traz a cruz às costas". O encontro dos dois cortejos acontece em frente à outra capela, aquela de São Francisco, onde Fr. Jocundo fez uma pregação "de circunstância". A segunda procissão, aquela de Jesus morto, ocorreu em vez à tarde, com a participação inclusive dos fiéis de lugares vizinhos, tanto que se apresentava, segundo conta Fr. Jocundo, "imponente". *Relazione dell'evangelica escursione compiuta nel Rio Solimões*, nell'anno 1913 (de agora em diante Relazione frei. Giocondo), 2-3. A Relazione é anexada à carta enviada por Fr. Jocundo ao ministro provincial de São Paulo de Olivença em 10 de agosto de 1913. Cf. APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 7. F-G. A mesma foi também impressa no opúsculo: [Eusebio da Civitella], *Missione di Alto Solimões* N. 2, 43-74.

munho do missionário, "ficou profundamente impressionado e silencioso e comovido voltou para casa".[208] Superados, todavia, os dias da Páscoa e, portanto, da exercitação religiosa, a situação local apareceu a Fr. Jocundo com toda a sua problemática; poucos eram aqueles que conheciam as "mais elementares noções da doutrina cristã"; igualmente poucos eram os que sabiam fazer o sinal da cruz ou que sabiam de memória orações habituais como o Pai-Nosso e a Ave-Maria, ou ainda que entendessem os mandamentos da Lei de Deus e os preceitos da Santa Madre Igreja.[209] Também em Tonantins como no resto de todo o território da prefeitura era muito difundido o concubinato; o matrimônio – acentuava o prefeito – parecia "uma coisa de luxo, reservado às pessoas mais ricas" e mostrar no interno da família "o fruto de amores ilícitos", escreve ainda, "não representa nenhuma desonra".[210]

A forte presença da maçonaria, que se tinha atualmente "insinuada também subindo os rios do Amazonas",[211] tornava as dificuldades da evangelização, aos olhos do missionário, quase insuportáveis; além do que, também, a tradicional presença missionária que se tinha configurado no passado mais como "comércio da religião" e que havia atribuído ao missionário a imagem mais de um vendedor ambulante que vai mercantilizando os sacramentos", continuava um problema a ser superado; uma imagem a ser apagada para aumentar de modo considerável "a possibilidade de fruto espiritual".[212] Todavia, também em Tonantins, única estratégia possível parecia aquela de abandonar os adultos ao próprio e irrecuperável destino e de dedicar a todas as atenções aos jovens; motivado por tal convencimento, Fr. Jocundo instituiu uma escola, persuadido de que o seu funcionamento teria feito o missionário adquirir "uma estima e um predomínio indiscu-

---

[208] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno 1913, 30.

[209] *Ibidem*.

[210] Ivi, 31.

[211] Escreve o prefeito: "A maçonaria tem no Brasil inúmeros prosélitos. Apresentando-se sob o aspecto de sociedade filantrópica, insinuou-se também subindo os rios do Amazonas inoculando astutamente o seu mortal veneno de modo que os adeptos nem mesmo se dão conta de serem vítimas. Continuam a declarar-se católicos, mas no entanto o potente e sutil veneno lhes atrofia o verdadeiro sentimento cristão e a sua religião se reduz a uma simples exterioridade": *Ibidem*.

[212] Ivi, 32.

tível".[213] Uma escola, gratuita para os filhos dos pobres, que era um meio para o aprendizado do catecismo e da gramática, um lugar no qual o missionário ensinava aos pequenos a ler e escrever, mas também as orações fundamentais da religião cristã; uma experiência julgada positivamente pelo prefeito que, no seu relatório da visita efetuada a Tonantins, faz referência a uma "pequena sociedade que vai crescendo religiosamente".[214]

Frei Jocundo não podia descuidar-se, naturalmente, do território confiado à residência missionária de Tonantins; em particular ao longo do Solimões existiam vilarejos nos quais o missionário não andava havia mais de cinco anos. Chegou assim a Porto Rico, Espírito Santo, exerceu serviço religioso em Amaturá, Novo Paraíso, adentrando-se também no rio Javari, para voltar a Tonantins, exatamente em tempo para festejar o Natal. Foi aquele um Natal especial para o povo de Tonantins, de fato Fr. Jocundo conseguiu montar "um modesto, mas bem organizado presépio" na Igreja de São Pedro; uma verdadeira novidade para aqueles fiéis que, numerosos, segundo a narração do prefeito, compareceram, "até o dia da Epifania", para ver aquela insólita representação pastoral. Frei Jocundo conseguiu também restaurar a Igreja de São Francisco das Chagas, antes, mais que uma restauração, foi uma nova edificação, de modo que convidou o prefeito a vir a Tonantins para reconsagrar e reinaugurar a nova igreja. Frei Evangelista aceitou o convite e em nove de maio, acompanhado por frei Paulo, chegou à residência missionária. Acolhido com um *Te Deum*, do badalar dos sinos e dos tiros de mosquetão, Fr. Evangelista predispôs-se a presidir à consagração da nova igreja; foi uma cerimônia belíssima e emocionante, recorda o prefeito, que lhe fez tornar à mente "as colinas e os cantos das [...] crianças da Itália".[215] Aproveitou a permanência em Tonantins para efetuar, em canoa, uma breve incursão ao interior; assim, no seu relatório, reconta aquela experiência: "Fui recebido [...] em cada barraco com o máximo respeito que se possa imaginar. Ao

---

213 Ivi, 38.

214 A escola foi aberta em 17 de janeiro de 1914 e foi logo frequentada por cerca de 26 meninos; o seu horário era o seguinte: pela manhã de 8 às 11 e das 14 às 16 à tarde. Nos mesmos horários funcionava também uma escola para a s meninas, confiada ao cuidado de uma professora voluntária: *Ibidem*.

215 Ivi, 43.

ouvir dos remadores que quem vinha a visitar era "o bispo", aqueles pobrezinhos ficavam tão confusos que não sabiam como balbuciar alguma palavra. Quando estava para deixá-los, todos se ajoelhavam para receber a bênção e a recebiam com tanta fé que me comoviam profundamente. E todos queriam dar-me um pequeno presente: alguns, frutas, outro uma galinha, outro um pássaro caçado na mata ou ainda algum peixe, o que naturalmente aceitei agradecido".[216]

Em 1913 estava consolidada também de modo notório a presença dos capuchinhos em Manaus; apesar do problema da residência, não ainda resolvido de modo digno, a condução da paróquia de São Sebastião permitia aos missionários de ter agora não somente o sustento, mas inclusive os recursos para conduzir, embora com dificuldades, o resto da atividade missionária. Na cidade os capuchinhos umbros haviam ativado três centros de catequese, animavam três congregações da Ordem Terceira Franciscana e também cuidavam da capelania do Instituto Benjamin Constant; impulsionados pelo fato de serem os confessores das quatro casas religiosas presentes na cidade, em pouco tempo, tornaram-se um ponto de referência para todos aqueles que desejavam aceder a esse sacramento um serviço não indiferente, que constringia, segundo o testemunho do prefeito, Fr. José a trabalhar "também uma parte da noite".[217] Finalmente, em cinco de setembro, concluíram-se os trabalhos de restauração da igreja, agora encimada por uma nova cúpula, inteiramente construída em cimento armado e dotada no topo de um "candelabro [...] circundado de oito janelas com vidros coloridos"; o pintor italiano Siro Centofanti tinha pintado oito anjos "com altura de três metros em posição estática", quatro dos quais tinham nas mãos cartelas que representavam "lemas escriturários relativos ao martírio do Santo Mártir". Nos quatro ângulos foram pintados os quatro evangelistas.[218] Para marcar o evento foram organizados três dias de festa, com música da banda do regimento da polícia e uma vistosa iluminação com luz elétrica; a festa confir-

---

216 Ivi, 46.
217 Ivi, 50.
218 A restauração da cúpula comportou ainda a reconstrução do interior; vem completamente pintado de novo, pelo mesmo pintor, o espaço entorno ao altar-mor e às duas capelas laterais, dedicadas ao Sagrado Coração e à Sagrada Família: ivi, 52.

mou solenemente a presença dos capuchinhos umbros em Manaus; esquecidos já os capuchinhos lombardos, a imprensa local, "de todas as cores", deu grande relevo ao evento contribuindo para a construção de uma opinião pública favorável à presença dos frades umbros, que haviam sabido trazer de volta " à arte e ao público decoro o importante edifício do templo de São Sebastião".[219]

3. *"Tudo depende de Manaus": a crise do comércio da borracha e a missão*

Frei Jocundo retornou a Tonantins em 29 de maio; nos três meses da sua permanência em Manaus, para não perder o resultado "de tantas fadigas e sacrifícios", foi mandado para substituí-lo Fr. Ludovico de San Giovanni Rotondo. Ele continuou o trabalho apostólico do confrade, a escola, o catecismo, a pregação, mas – escreve o prefeito – "as fadigas e o ser novo àquele clima" consumaram a sua saúde.[220] Quando Fr. Jocundo retornou a Tonantins, encontrou o confrade "com forte febre" e sem demora o exortou a embarcar no mesmo barco que retornava a Manaus. Ali, Fr. Ludovico chegou na tarde do dia sete de junho. A doença de Fr. Ludovico, segundo o prefeito, era somente consequência "do novo clima ao qual não era ainda habituado e de fraqueza. Portanto, em Manaus foi fácil recuperar a saúde perdida".[221]

O ano de 1914 foi de reviravolta, sobretudo a respeito da situação dos missionários em Manaus; finalmente conseguiram a posse da casa de propriedade da mitra diocesana, situada justo vizinha à Igreja de São Sebastião; o desejo do prefeito, como sabemos, era aquele de comprá-la, mas o preço exorbitante pedido pelo vendedor o convenceu a aceitar as condições oferecidas pelo bispo, que, certamente, como reconhecia o próprio prefeito, eram muito comprometedora para os frades umbros. Além do que, a oportunidade de habitar numa casa próxima à igreja, onde acontecia grande parte das atividades dos

---

219 Ivi, 53.

220 APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno 1914, Manaus, 1.º, novembre, 1915, 35.

221 *Ibidem*.

missionários, era uma perspectiva que não podia ser rejeitada. Além de tudo, a casa deveria ser reestruturada em função da presença dos religiosos e por isso todo o andar superior foi adaptado às exigências da vida comum dos frades, incluindo a construção de uma pequena capela "para a recitação do ofício divino e para as outras práticas usadas em nossa Ordem".[222]

O andar térreo devia ser completamente reestruturado para abrigar um colégio a ser aberto, conforme uma das cláusulas do contrato, até 15 de janeiro de 1916. Uma empresa árdua que, todavia, constituía um ponto central da estratégia missionária de Fr. Evangelista; ele já conhecia bem a realidade da cidade e se fazia porta-voz dos tantos católicos que, na falta de um colégio católico, eram obrigados a matricular os filhos numa escola protestante ou pior, abandonar-lhes ao ócio pelas ruas ou no porto; os capuchinhos milaneses tinham aberto um colégio frequentado por mais de trezentos meninos, depois, forçados a abandonar o local, fecharam também o colégio. À objeção de que era inadequado investir recursos numa cidade que entre outras coisas ficava fora dos confins da prefeitura, Fr. Evangelista respondia que uma casa em Manaus "era indispensável para as correspondências e comunicações com a Europa, para o reabastecimento da missão e para a cura dos missionários extremados pela inclemência do clima e por mil privações".[223] Além do mais, Manaus era a capital da região amazônica e – escreve o prefeito – "toda a vida não só material, econômica, mas inclusive moral e intelectual do Estado do Amazonas parte e toma influência da sua capital [...] Corrompido o centro, necessariamente se corrompem as partes. Se daqui partem somente preconceitos religiosos, desprezo pelo que é santo e corrupção, é inútil esperar frutos eficazes e duradouros no território da nossa prefeitura apostólica e nos outros lugares. Nenhuma dessas há vida própria e independente como podem ter cidades e municípios na Europa; tudo depende de Manaus. A influência desta, seja econômica, política, moral, que religiosa, é especialíssima e quase diria absoluta".[224]

[222] Ivi, 40.
[223] Ivi, 41.
[224] Ivi, 42.

Uma ênfase do papel da cidade amazônica, em parte devida certamente à necessidade de fazer aceitar na província e em Roma, a assinatura de um contrato com a Diocese muito oneroso, mas que na realidade apresentava bem algumas dinâmicas políticas e socioeconômicas de uma cidade e de um território; a sua compreensão seria útil, mais tarde, para consolidar a presença missionária não somente em Manaus, mas em todo o Alto Solimões. Como sabemos, a presença capuchinha em Manaus girava toda em torno da Igreja de São Sebastião, transformada em paróquia e confiada aos cuidados de Fr. José de Leonissa,[225] auxiliado por Fr. Hermenegildo de Foligno, de Fr. Ludovico de S. Giovanni Rotondo e por frei Paulo de Massa. Em 1914 a instrução catequética vem confiada às irmãs de Santa Doroteia; na paróquia, no dia da festa da Natividade de Maria, oito de setembro, vem instituída a Obra Pia de S. Doroteia, tendo como diretor o pároco e vice-diretora a superiora das irmãs.

Parece que foi a primeira paróquia do Amazonas a instituir tal confraria; o objetivo principal era aquele de conceder a instrução religiosa aos meninos e meninas e tudo deveria ocorrer, considerando o clima secularista da cidade, "sem ostentação [...] quase insensivelmente e com toda prudência".[226]

A iniciativa teve certo sucesso, tanto que Fr. José pensou em dilatar no resto da paróquia a iniciativa, instituindo outros três centros catequéticos: na colônia de Campos Sales, no colégio Nossa Senhora de Nazaré e o terceiro no Alto de Nazaré; na visão de Fr. José justamente este último se revestia de um papel especial, de fato, agia nessa área uma igreja protestante e era necessário contrastar o seu proselitismo.

Frei José tinha já visitado quase todo o território paroquial e tinha visto que as distâncias que separavam S. Sebastião de alguns centros paroquiais eram enormes, a colônia de Campos Sales, por exemplo, distava do centro da cidade mais ou menos 30 quilômetros; difícil imaginar que aqueles fiéis pudessem participar constantemente das

[225] O edifício sacro, situado exatamente no coração da cidade, próximo ao magnífico teatro, estimulava a benevolência do povo e não foi difícil para o pároco, depois da restauração da igreja, recuperar os recursos para comprar novos sinos mandados fundir "nos Estados Unidos da América do Norte": ivi, 51.

[226] Ivi, 45.

funções religiosas ou que mandassem os próprios filhos ao catecismo. Se a frequência ao catecismo vem aumentada instituindo *in loco* uma escola, era necessário também construir uma igreja; foi realizada uma reunião dos chefes de família e estabelecido "os dias de trabalho que cada um deveria dar voluntariamente para a construção".[227] Entusiasmo inicial, mas depois os trabalhos, que depois se arrefeceram; Fr. José foi obrigado, um dia na semana, a ficar, da manhã até de tarde, no canteiro para encorajar e acompanhar os trabalhos que, além do mais, não se apresentavam particularmente difíceis, porque as paredes da igreja foram construídas com "grandes troncos e terra batida", conseguidos nos "imensos bosques próximos", que podiam fornecer "madeira à vontade".[228]

Diversas eram as motivações que sustentavam a construção de uma igreja no bairro chamado Vila Municipal; centro de muito peso com um número considerável de habitantes, mas, sobretudo, pertencentes a um grupo social que vem definido como "de uma certa condição". Já em 1913 o bispo dom Frederico Benício de Souza Costa tinha concedido a faculdade de celebrar a missa numa residência privada, mas com a esperança de que se procedesse à construção de uma igreja; assim foi comprado um pedaço de terra; "quarenta metros de fundo situado no ângulo direito da praça Silvério Nery, foi instituída a tradicional comissão, da qual vem chamado a fazer parte também Fr. José, e finalmente em dois de agosto de 1914 se procede à colocação da primeira pedra.[229] A cerimônia foi imponente e viu a participação de todas as autoridades civis e religiosas, mas justamente naquele dia chegou a Manaus "o sinistro anúncio da conflagração europeia"; um raio em céu sereno – escreve no seu relatório Fr. Evangelista – que contrariou todos os projetos começados.

Ainda que distante o conflito europeu, haveria de dar outro golpe mortal ao comércio, que representava a alma da economia de Manaus: "este já profundamente abalado pela crise da borracha elástica – escreve o prefeito – com o fechamento das principais linhas

---

227 Vem ainda pedido uma contribuição mensal de cada família equivalente a cerca de três liras: ivi,46.

228 *Ibidem*.

229 Ivi, 47.

de exportação e importação vinha a receber um golpe fatal". Quase imediatamente se verificaram na cidade dificuldades em encontrar materiais, mão de obra e também no recebimento de ofertas; pouco valeram tentativas tais como a constituição de outra comissão, toda formada por senhoras, para catar alguma oferta ou ainda a celebração da festa de Nossa Senhora de Nazaré, a quem a igreja em construção era dedicada.[230]

Completava o quadro do associacionismo religioso, ligado à paróquia de São Sebastião, a Pia União das Filhas de Maria, que além da finalidade de aperfeiçoamento moral, desenvolvia um papel importante de assistência durante as celebrações religiosas,[231] e as Damas da Caridade de S. Vicente de Paulo com a função de "descobrir e prover os necessitados". Toda segunda-feira se reuniam, "para tomar conhecimento das várias necessidades dos infelizes, saber o parecer das visitadoras, distribuírem esmolas, liberarem bônus para o médico e a farmácia"; no total eram cerca de 160 damas, divididas entre contribuintes, benfeitoras e visitadoras.[232] Um problema particular que a entrada da Itália na guerra trouxe aos religiosos, também aos missionários, foi a chamada às armas inclusive dos "reformados"; Fr. Hermenegildo, Fr. Ludovico e frei Martinho obtiveram a dispensa e numa carta ao provincial também frei Paulo pedia informações, desejando em seu coração que tal derrogação não valesse também para ele, cansado e somente desejoso de retornar à Itália.[233]

---

[230] Todo o apurado na festa vem destinado à obra de construção da igreja, mas no fim de 1915, "sobre os fundamentos", tinha somente "uma parte das paredes que permanecem ainda pela metade e estão esperando novos sacrifícios e almas generosas": ivi, 48.

[231] A congregação vem oficializada em 25 de março de 1914, com uma solene cerimônia da qual participou também o administrador apostólico da Diocese; logo pode contar com 78 jovens, pertencentes a todas as classes sociais. Natural complemento da congregação dedicada às Filhas de Maria, da qual não era senão a fase preparatória foi outra denominada Dos Anjos, instituída em 31 de maio de 1914: ivi, 49.

[232] Ivi, 50-51.

[233] "Quanto a mim, pessoalmente não vejo a hora (sic) e o momento de poder sair daqui e retornar à minha província". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 2, M-P, fra. Paolo al ministro provinciale, Manaus, 10, maggio, 1916. Uma expressão que não passou despercebida, tanto que o provincial sentiu-se no dever de perguntar aos outros missionários, em particular a Fr. Domingos, o verdadeiro sentido que deveria atribuir à mesma; coube ao próprio frei Paulo esclarecer o exato significado de suas palavras: "naturalmente as condições bastante tristes nas quais nos encontramos

As preocupações dos missionários pela explosão do primeiro conflito mundial e pelas suas repercussões também na economia do Alto Solimões tinham, com efeito, razão de ser; de fato, no curso do ano de 1913, se manifestou, em toda a sua gravidade, a crise do comércio da borracha; esta comportou não somente um redimensionamento da atividade econômica local, com consequentes fenômenos de empobrecimento de inteiras faixas da população, constritas muitas vezes a emigrar, mas também uma redução dos tráfegos com a Europa, tanto que dos seis navios que ligavam as costas brasileiras com tal continente, restaram somente três.

Segundo a análise do prefeito, que havia recolhido vozes que circulavam em Manaus, a responsabilidade da crise deveria ser atribuída em primeiro lugar à política do governo brasileiro, conduzida por homens muito atentos aos próprios interesses e pouco àqueles do Estado, e em segundo a astúcia dos ingleses que, em pouco tempo, com as sementes americanas, tinham começado a cultivação das plantas na Ásia, colocando no mercado uma grande quantidade de borracha a preço mais conveniente daquele brasileiro.[234] Não escapou ao prefeito porém que, se de uma parte a crise financeira conduzia a uma diminuição

---

neste período de tempo [...] ano bastante desencorajador [...] mas nem por isso eu com aquela expressão pedi para partir desta missão, além do mais as dificuldades são enormes por mais razões especialmente o viajar por mar e mais ainda estando já para terminar o sétimo ano da minha vinda nesta terra encontro-me disposto em tudo e por tudo e terminar o decênio como mandam nossas regras, salvo condições graves me obrigassem": ivi, Manaus, 17, aprile, 1917.

[234] As análises do prefeito a respeito da crise estavam contidas numa carta enviada ao ministro provincial e datada de 13 de janeiro de 1914: "me pergunta a causa da crise que flagela o Amazonas. Várias são as causas da crise e a última delas certamente não será o descuido do governo do Brasil que, arrastado por uma política pessoal e partidária, abandona os interesses vitais do país e pouco a pouco o conduz à ruína total. A causa principal, porém, é a refinada astúcia dos ingleses: esses souberam tirar proveito da plácida sonolência do governo brasileiro; enquanto este dormia, aqueles vigiavam, e enquanto transportavam a preciosa borracha, transportavam para a Ásia também uma infinita quantidade de semente; tanta quantidade que depois de três anos já rendeu para eles três partes da borracha que se consome em todo o comércio do mundo". Um extrato da carta está publicado no volume: [Eusebio da Civitella], *Missione di Alto Solimões*, 126-129, onde, todavia, se precisa que não foram somente os ingleses a concorrer "à ruína financeira da Amazônia", mas uma grande responsabilidade tinha também a Bélgica que havia iniciado a cultivar uma imensa plantação de borracha no Congo": ivi, 129-130.

das entradas da missão derivadas da administração dos sacramentos o da celebração das funções religiosas,[235] da outra tinha colocado no mercado, a bom preço, uma quantidade de imóveis que poderiam definitivamente resolver o problema das residências missionárias e dos espaços necessários para desenvolver dignamente e com proveito a atividade educativo-escolástica, considerada pelos capuchinhos umbros como essencial para dar sólidos fundamentos à atividade missionária e fazê-la progredir. Na metade do ano, Fr. Evangelista tinha também terminado sua viagem ao interior da missão, pôde constatar assim *in loco* as necessidades dela e estudar os meios mais fáceis para realizar o seu programa.[236] Mas a realização de tal programa era consciente o prefeito, requeria um forte esforço financeiro que as míseras entradas da missão, correspondentes a cerca de 911 "contos de réis", não podiam sustentar e a crise em ato, bem como razões estritamente conexas à natureza da missão, não alimentavam esperanças de um futuro melhor.[237]

---

[235] Numa carta do início de agosto de 1913, o prefeito rapidamente, mas eficazmente, descrevia as repercussões que a crise da borracha portava à missão, e escrevia: "As missas que os milaneses nos forneciam não podem nos dar mais, porque com a crise que atravessamos diminuíram muito. Escrevi também a todas as nossas outras missões no Brasil e todos deram a mesma resposta [...] os recursos de Manaus não serão desprezíveis, a paróquia será de boa ajuda [...] Hoje não se pode determinar quanto dá precisamente a paróquia porque por causa da crise faltam esmolas e ofertas. Uma boa parte da população é de empregados do governo e não recebem os seus honorários, alguns há nove meses, outros há dois anos, no presente em Manaus não corre dinheiro e isso o sentimos também nós". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Evangelista da Cefalônia (1910-1915). Frei Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 6, agosto, 1913.

[236] Ivi, Manaus, 27, luglio, 1913.

[237] Três eram as causas estruturais que impediam – segundo o prefeito – qualquer futuro melhoramento: a primeira era atribuída ao estado de abandono religioso ao qual aquelas populações foram deixadas até agora; a segunda era o contínuo contato com "gente heterogênea emigrada da Europa, que além de ter como único objetivo a exploração destas populações, a maior parte destes, além de não serem religiosos, são gente fugida das mãos da justiça europeia"; a terceira e última, que era afinal consequência das outras duas "foi a conduta indigna daqueles poucos ministros do santuário que, além de terem exercido uma vergonhosa comercialização do sacro, tornaram-se pedra de escândalo para estas populações de modo que hoje veem o missionário com olhos de desconfiança e com a persuasão que ele não é outro que um explorador": *Ibidem.*

O prefeito, consciente de tais situações, havia repetidamente pedido cooperação, em primeiro lugar, à *Propaganda Fide*, mas tinha recebido somente um subsídio extraordinário de 1.000 liras; tinha também feito recurso, por meio da mediação de frei Giovanni Genocchi, no Brasil, para tratar da instituição da missão do Putumaio, à Obra da Propagação da Fé de Lion, e havia recebido um subsídio de 5.000 liras; ainda o Ministro Geral tinha contribuído, enviando ao prefeito 3.000 liras. Enfim, uma discreta soma que Fr. Evangelista pensava empregar para adquirir uma residência em São Paulo de Olivença.[238] Mas no fim de setembro a crise chegou ao ápice: "Estes dias a crise se agravou de tal modo – escrevia Fr. Evangelista – que o comércio há quatro dias está completamente fechado e no interior o serviço não vende mais nada"; apresentava-se de modo urgente a exigência de vir em auxílio dos missionários residentes no interior, mas isso significava empregar o dinheiro acumulado para comprar a residência de São Paulo. O pobre prefeito estava angustiado, não queria perder a ocasião para dotar de uma casa decente os seus missionários de São Paulo de Olivença, mas não podia não garantir a eles ao menos as habituais necessidades: "deixar de comprar esta casinha seria o mesmo que fazer-se escapar uma fortuna, já que o proprietário a vende por preço mínimo, porque, se bem digo, foi pego pelo pescoço pela necessidade. Que devo fazer? Para comprar a referida casa me faltariam outros sete mil francos; mas se gasto aquele pouco dinheiro que tenho para a casa não poderei subsidiar as despesas ordinárias dos missionários, que prevejo por uns oito meses nada ganharão". Também o Ministro Geral tinha sido informado e também a ele e ao prefeito havia repetido que deixar passar a ocasião de comprar aquela casa teria sido uma verdadeira vilania.[239]

Complicados e problemáticos também os eventos relativos à aquisição de uma habitação em Manaus; o bispo, dom Federico Benicio de Souza Costa, queria ajudar os capuchinhos umbros, mas parece que tinha as mãos atadas pelos acontecimentos passados que o tinham

---

[238] Da mesma carta vimos a conhecer o fato de que o pedido ao consulado italiano de um subsídio extraordinário para implantar uma escola para os jovens da numerosa colônia italiana não foi acolhida: *Ibidem*.

[239] Ivi, Manaus, 25, settembre, 1913. Os boatos sobre uma provável redefinição dos confins das prefeituras amazônicas aconselharam o prefeito "a suspender as tratativas da compra da casa em São Paulo de Olivença": ivi, Manaus, 10, novembre, 1913.

levado a hipotecar todo o patrimônio da Diocese; assim, na falta de uma solução iminente, Fr. Evangelista aconselhava o provincial a encontrar diretamente o bispo de Manaus, em setembro, por ocasião da peregrinação dos bispos brasileiros a Roma e naquela circunstância, reforçando o pedido com os auspícios de alguma autoridade vaticana, exprimir ao bispo "o vivo desejo que os capuchinhos residentes em Manaus tenham quanto antes uma casa própria, gratuitamente cedida pela Diocese".[240] Restava aberto ainda o problema da reforma dos confins da prefeitura; das notícias em posse do prefeito, a intenção parecia aquela de criar três prefeituras no Acre, de aumentar a Prefeitura de Tefé e de unir àquela do Alto Solimões o território de rio Negro. Uma solução que não contentava em nada o prefeito: "Se farão tudo isso e dessa forma a Santa Sé não eliminará as dificuldades existentes";[241] aumentava de fato o território, mas os recursos – escrevia ainda o prefeito – eram sempre os mesmos e não pareciam suficientes para o sustento da missão.[242] Portanto, depois de haver julgado atentamente com o prefeito de Tefé, numa reunião na casa do bispo de Manaus, a proposta para uma nova definição dos confins das prefeituras amazônicas, que teria resolvido definitivamente o problema da relação entre recursos e territórios, comungada por Fr. Evangelista, era a seguinte: "unir a nossa prefeitura à Prefeitura de Tefé; a Prefeitura do Rio Negro(criada em outubro de 1910, mas que não encontraram a quem confiá-la) unida à prelazia de Rio Branco; e invés de criar duas prefeituras no território do Acre, façamos uma só que compreenda todo o rio Purus e esta damos a nós".[243]

---

[240] Certo que na província, também por consequência da lentidão das comunicações, não havia um quadro atualizado da situação da missão, em particular de Manaus; se confundia, por exemplo, o nome do bispo: "O bispo de Manaus não é aquele administrador de quem me fala: graças a Deus é morto. Foi aquele que traiu o bispo presente [dom Frederico Benício da Costa] e que sacrificou o patrimônio da Diocese. Ao bispo devemos muito, se dispusesse livremente do patrimônio, nós possuiríamos uma casa em Manaus invejável. Procure-o e converse com ele: ele irá visitar Assis, é muito amante da Úmbria. Merece toda gentileza": ivi, Manaus, 6, agosto, 1913.

[241] Ivi, Manaus, 27, luglio, 1913.

[242] Ivi, Manaus, 6, agosto, 1913.

[243] A experiência amadurecida naqueles anos e o conhecimento direto de um território, do qual em Roma se tinha em vez somente vagas percepções, autorizavam Fr. Evangelista a afirmar com segurança: "a Santa Sé pode mandar aqui qualquer visitador

4. Frei Jocundo de Soliera: "o martelo dos perversos e dos viciosos"

Grande parte das páginas dos dois relatórios que o prefeito enviou à província para ilustrar a atividade dos missionários nos anos 1913 e 1914, ao todo mais de cem páginas, ocupa-se da figura de Fr. Jocundo de Soliera, vindo à missão no início de agosto de 1912. O primeiro conhecimento de Fr. Jocundo, o ministro provincial o teve no final de setembro de 1909, quando pediu aos confrades lucanos notícias e informações de frei Paulo, um frade que tinha manifestado a vontade de ser enviado à missão dos capuchinhos umbros no Amazonas; respondeu justamente Fr. Jocundo, que então era um dos definidores provinciais, o qual aconselhou ao provincial muita prudência e cautela porque, na província, julgam frei Paulo um homem certamente dotado de "uma suficiente saúde corporal e uma não desprezível inteligência mental", mas incerto na vocação: "Se se devesse julgar pelo precedente e pelo modo como atualmente se comporta, se deveria perguntar o que tinha de vocação religiosa e agora tem bem pouca".

O conselho era aquele de mantê-lo na Úmbria por ao menos um ano, sob observação, para valorar bem seu comportamento: "Ele, encontrando-se em um novo ambiente, rodeado de confrades que não têm razão para duvidar dele, mostrará todos os dotes de que é provido; e assim com segurança de sucesso V. P. depois poderá mandá-lo às missões. Mandá-lo agora diretamente – concluía Fr. Jocundo – seria, a meu ver, uma grande imprudência".[244] Os conselhos e a prudência sugeridos por Fr. Jocundo permaneceram provavelmente impressos na mente do provincial que, quando foi o frade lucano, ex-definidor, a apresentar o pedido para ser enviado à missão, foi obrigado a esperar,

---

para estudar a situação que não encontrará uma divisão mais racional. Se não farão assim, poderão fazer qualquer outra reforma, mas as coisas continuarão assim como estão": *Ibidem*. Em 1921, por decreto da Sacra Congregação de *Propaganda Fide*, todo o valado do rio Japurá, da foz do rio Auaty-Paraná até os confins entre o Brasil e a Colômbia, foi assinalada à limítrofe Prefeitura de Tefé; Francesco da Vicenza, *I Missionari Cappuccini*, 369.

[244] APACA,105, *Missioni – Corrispondenze personale*, 7, F-G, P. Giocondo da Soliera al ministro provinciale, Monte S. Quirico (Lucca), 27, settembre, 1910.

antes de ser ouvido, mais de um ano.[245] Diversos foram os motivos de tal lentidão; num primeiro momento, o provincial pegou como pretexto o fato de que o prefeito não tinha acrescentado nenhum pedido para enviar novos missionários, depois veio um encargo de pregador por ocasião das festas pascais, junto ao cárcere de Lucca; a realidade é que o provincial de Lucca não queria privar-se de outro frade, que, dentre outras coisas, desenvolvia dignamente a função de lente de teologia, dificilmente substituível.[246]

No fim, graças também à intervenção do Ministro Geral, lhe foi concedido partir, mas outro problema se apresentou; de fato, a não aceitação do pedido de Fr. Gaudioso, outro frade da Província de Lucca, que havia pedido para ir ao Amazonas, o havia forçado a fazer a viagem sozinho. Frei Jocundo havia expressado muitas vezes a vontade de partir mesmo sozinho, mas as autoridades não pensavam o mesmo e o constrangeram a esperar a partida de dois outros confrades milaneses de modo que pudesse unir-se a eles;[247] depois de uma visita aos pais, no início de julho de 1912, chegou a Milão, acolhido pelos capuchinhos; da capital lombarda sairia depois juntamente com Fr. Ludovico de S. Giovanni Rotondo, para Paris e de lá, chegando a Le Havre, faria rota em direção ao Brasil.[248] Viagem em primeira classe,

---

[245] A solicitação de ser enviado em missão traz a data de 14 de setembro de 1911, mas a partida acontece somente em setembro de 1912. Havia enviado pedido para ser enviado à missão, outro confrade de Fr. Jocundo, Fr. Gaudioso de Massa, mas o seu pedido não foi aceito.

[246] Ivi, em particular as cartas de 16 e 31 de janeiro de 1912, escritas de Monte S. Quirico (Lucca).

[247] Grande desaponto demonstrou Fr. Jocundo ao saber de tal novo adiamento: ivi, lettere del 18, aprile, 1912 e del 25, aprile, 1912.

[248] Ivi, Milano, 2, luglio, 1912. A descrição da viagem é detalhadíssima e justificada pelo fato que poderia servir aos futuros missionários, não só pelo que resguarda às etapas do itinerário, mas também no sugerir comportamentos que poderiam revelar-se de ajuda no futuro; curiosa, e segundo Fr. Jocundo, muito eficaz, o costume de "engolir uma boa purga" que deveria evitar o incômodo enjoo. Justo sobre esta atenta gestão das funções "motoras e intestinais", além do mar calmo e da ajuda de Deus, Fr. Jocundo atribuiu a perfeita condição que gozaram os dois frades durante a longa viagem: "purga antes de partir de Milão, magnésia calcinada purgativa, duas vezes na semana sobre o navio a vapor; purga antes de descer no Pará; outra antes de partir do Pará, e uma outra ainda antes de chegar a Manaus. O faço sorrir, não é verdade? – escrevia contente Fr. Jocundo – e mesmo que isto talvez lhe seja causa de riso, para nós em vez, foi e é ainda causa de ótima saúde": ivi, Manaus, 3, agosto, 1912. De ou-

absolutamente cordial, refere Fr. Jocundo, apesar de que a maioria dos passageiros "fosse de [...] protestantes e hebreus".[249] Os dois novos missionários chegaram ao Pará em 19 de julho, acolhido por Fr. João Pedro, superior do Pará;[250] chegaram a Manaus na manhã de 27 de julho, impressionados pela acolhida que o barco recebeu: "tiros intermináveis, sons de banda e pública demonstração". Só depois perceberam que tais boas-vindas eram reservadas ao prefeito da cidade, que vinha também no barco; mas – escreve Fr. Jocundo – "entre tantos e tantos que olhavam para o prefeito, tinham três rostos que olhavam para nós: eram Fr. Hermenegildo, frei Paulo, há pouco recuperado de gravíssimas febres e o nosso cozinheiro Francisco".[251]

Acolhidos benevolamente também pelo prefeito, que os havia esperado na própria residência, porque havia diversos meses sofria de "um forte resfriado de corpo e de peito", os dois missionários cuidaram imediatamente do problema de aprendizagem da língua e, para isso, Fr. Jocundo pediu ao provincial o envio de uma cópia da gramática português-brasileira dos Frisoni, impressa pela Hoepli, já que em

---

tras cartas temos notícia que diversos missionários, para afastar o mesmo incômodo, costumavam meter dentro dos ouvidos flocos de algodão.

249 "Todos se aproximavan de nós – escreve Fr. Jocundo – e esses maltratando o idioma italiano e nós estragando a língua portuguesa e inglesa, conseguíamos conversar suficientemente". A mesma coisa não podia afirmar dos passageiros de terceira classe, uma centena de portugueses que se dirigia ao Pará e a Manaus, embarcados em Lisboa, barulhentos e incômodos que não hesitavam em gritar, assoviar e pronunciar palavras injuriosas toda vez que no horizonte apareciam os religiosos, foi em vão o protesto de Fr. Jocundo ao capitão que respondeu de modo gentil, mas inconsequente, por isso, a única solução foi "não passar mais daqueles lados": *Ibidem*.

250 Ainda uma vez, da correspondência emerge de modo claro a importante contribuição que os capuchinhos milaneses, e Fr. João Pedro em particular, ofereceram à estabilização da Missão no Alto Solimões; Fr. João Pedro – afirma Fr. Jocundo – não obstante "tenha sentido vivamente a exclusão de Manaus da missão lombarda, não cessa nunca de ajudar-nos em toda necessidade. É ele quem, ano após ano, sustenta com esmolas de Missas (cinco liras cada uma) os nossos padres de São Paulo de Olivenza (sic): quando algum dos nossos missionários, necessitado de recuperar a saúde, vai ao Pará, o recebe como um verdadeiro pai: e também a mim e a Fr. Ludovico não somente prodigou com toda gentileza, mas antes da nossa partida do Pará, quis comprar-nos um despertador por um custo de 32 liras": *Ibidem*.

251 *Ibidem*.

Manaus eram disponíveis somente edições "em língua forasteira".[252] Depois dos três primeiros meses transcursos em ótima saúde, os dois missionários começaram a se ressentir do clima e adoeceram ambos: "enquanto estavam no que há de mais belo no aprendizado da nova língua, começaram a sentir um mal-estar indefinido, com dor de cabeça, ânsia de vômito seguida de agudas dores nas vísceras com forte febre"; para Fr. Ludovico foi inclusive necessária a internação no hospital da cidade.[253]

Somente com a chegada do novo ano, os dois religiosos se recuperaram e puderam dar início à sua atividade missionária nas zonas internas. Frei Jocundo, depois de uma parada em São Paulo de Olivença, foi até Tonantins para celebrar as festas pascais. A acolhida foi muito fria; somente depois de uma discreta peregrinação lhe vem dada hospitalidade, com gentileza, numa casa privada. Em Tonantins, como sabemos, havia então duas capelas, uma dedicada a São Francisco, situada no centro da cidade, cômoda, mas um tanto mal-acabada, a outra de São Pedro, bem conservada, mas distante do lugar, com uma estrada de acesso "quase sempre muito lamacenta"; foi nessa capela que Fr. Jocundo celebrou os ritos pascais culminantes das duas procissões da sexta-feira santa e do rito da Via Crúcis.[254]

Depois do triunfo das celebrações pascais, todavia, Fr. Jocundo, nas semanas sucessivas, foi forçado a tomar pé da dura realidade, que era aquela de uma comunidade na qual triunfavam "a ignorância religiosa mais deplorável, o concubinato generalizado de modo assustador

---

[252] *Ibidem*. De uma carta sucessiva, datada de 20 de novembro de 1912, vimos, a saber, que a gramática chegou à sua destinação.

[253] Ivi, Manaus, 20, novembre, 1912. A primeira ideia de Fr. Jocundo era de que a doença os havia atingido porque tinham "se esforçado demais para estudar a língua portuguesa"; sucessivamente, em vez, percebeu os verdadeiros motivos: "a verdadeira causa – escrevera ao provincial – está no clima, no ambiente. O calor aqui é excepcional, nos primeiros tempos em que um aqui se encontra permanece quase atordoado. A água, para ser bebida, convém que seja bem filtrada e mesmo assim permanece não muito boa e um pouco pesada, de modo que aquela filtrada hoje não deve ser bebida amanhã. Ora, com um clima quentíssimo (e ao mesmo tempo úmido) e com água pouco saudável, com o acréscimo de inumeráveis insetos e de habitações relativamente muito restritas, explica-se facilmente como quase todas as doenças que afligem a Amazônia tenham por base principal o estômago e os intestinos".

[254] Cf. neste volume a nota 29.

e a infame maçonaria";[255] para contrastar tal situação, o missionário iniciou cursos de instrução religiosa para os jovens, mas os resultados, também segundo o seu testemunho, foram muito magros. Em abril, antes de deixar a cidade para uma incursão ao longo do rio Solimões, Fr. Jocundo se deu conta de que se tinham aproximado dos sacramentos somente 14 jovens e cinco pessoas adultas.[256]

Permaneceu 12 dias em Tonantins, depois partiu de canoa para chegar a Espírito Santo, que havia cinco anos não era visitado por um missionário; a descrição de todas as privações, dos sacrifícios e das dificuldades assume tons épicos. Na hora do almoço, todos "acocorados" ao redor de uma esteira a comer, se tudo ia bem, tartaruga e peixe; durante a excursão – anota Fr. Jocundo no seu *Relatório* – "é preciso esquecer o pão e o vinho. No lugar do vinho – acrescenta – tem a água do rio que é quase sempre mais ou menos insalubre; e no lugar do pão tem a chamada "farinha", que para um estômago europeu [...] é muito indigesta".[257] A presença de carrapatos e mosquitos obrigava os missionários a levar sempre o "mosquiteiro", uma espécie de tela que devia cobrir a rede e que permitia um pouco de repouso, desde que, não se tocasse e dançasse toda a noite, como normalmente acontecia após a celebração de um matrimônio ou batizado; normalmente a festa acontecia na cabana principal na qual ficava o missionário e sendo o seu quarto separado "somente por uma parede feita de longas varas", ele era obrigado a contragosto a ficar acordado por toda a noite e a assistir muitas vezes ao burburinho que, por culpa do álcool, concluía a noitada.

Frei Jocundo, no seu *Relatório*, põe em evidência também a diferença entre o serviço missionário levado às esparsa barracas e aquele exercido nos barracões que tinham, ao centro um barracão, ou seja, um grande e cômodo barraco onde morava o dono dos outros barracos habitados por seus operários e empregados: "Aqui – anota Fr. Jocundo – as coisas, sim, melhoram"; de fato, não só o missionário poderia abrigar-se das intempéries, mas podia ainda comer arroz, pato e galinha e beber água purificada do filtro, portanto menos perigo-

[255] *Relatório* Fr. Jocundo, 5.
[256] *Ibidem*.
[257] *Relatório* Fr. Jocundo, 7.

sa para a saúde. Nesses lugares o missionário podia demorar-se por qualquer dia e encontrar tempo para organizar a catequese, pregar e administrar os sacramentos. Nos outros lugares, contudo, a atividade missionária geralmente era reduzida à administração dos sacramentos, depois os indígenas – escreve Fr. Jocundo – "com a sua canoa voltam às suas casas e não aparecem mais".[258] Foi isso que aconteceu na primeira estação visitada partindo de Tonantins, isto é, Santa Luzia, onde batizou 18 indivíduos, 10 crianças e 8 adultos; se o batismo das crianças foi logo feito, mas complicado foi aquele dos adultos, jovens entre 15 e 20 anos, privados de qualquer instrução religiosa, o que forçou o missionário a uma breve catequese das 16 às 22 horas; um esforço sem medida que o deixou quase sem voz.[259] De Santa Luzia os remadores o transportaram a São Joaquim, propriedade de um senhor italiano, Evaristo Traldi, modenense; entusiasmo de frei Jocundo de poder falar de novo "o caro italiano natio" e de encontrar-se entre "costumes e usos à italiana".[260] Etapa sucessiva foi Porto Rico, uma discreta barraca de propriedade dos irmãos Vicente e Antônio Feliz do Santos, situada junto ao importante barracão denominado Iurubi, e de frente ao outro também importante, colocado à margem oposta do Solimões, chamado Bararuá; nesse lugar, frei Jocundo experimentou as consequências negativas provocadas pela crise do bloqueio ao comércio da borracha.

Os proprietários dos barracões não queriam de fato que, naquele ano, o missionário administrasse os sacramentos junto a eles e isso – escreve frei Jocundo – "não por sentimento contrário à religião, mas para não serem obrigados a fazer despesas necessárias para os batismos e matrimônios dos seus numerosos fregueses (trabalhadores)".[261] De fato, eram geralmente os patrões quem cobriam essas despesas, somando-as depois aos débitos dos trabalhadores, que deviam pagar a conta com o trabalho; naquele ano, contudo, a crise da borracha obrigara aos patrões a negar aos operários esse adiantamento, certos de que os empregados não poderiam "em breve pagar as dívidas" que tinham contraído. Apesar disso, no barracão dos irmãos Vicente e Antônio

[258] Ivi, 10-11.
[259] Ivi, 12.
[260] Ivi, 13
[261] *Ibidem.*

Feliz dos Santos, onde encontrou alojamento, chegou a administrar 17 batismos, 5 crismas e abençoou 5 matrimônios; também nesse caso o missionário não pode intensificar a sua ação missionária porque muitos, apenas recebidos os sacramentos, se afastavam.[262]

Saiu de Porto Rico aos 9 de abril e chegou a Espírito Santo, meta da sua viagem, às 18 horas do mesmo dia; havia 5 anos, como sabemos, que nenhum missionário colocava os pés naquele território e frei Jocundo percebeu pela reação das crianças que – escreve – "fugiam assustados ao verem um homem barbudo com uma roupa nunca vista";[263] acolhida cordial, recebeu contudo, do proprietário do lugar, Joaquim Ribeiro Carreta, que enviou o filho mais velho de canoa para avisar em "todos os barracos de perto e de longe a chegada do frade missionário". Um dos quartos do barracão foi transformado em capela e ali Fr. Jocundo exerceu seu ministério.[264] Permaneceu em Espírito Santo vários dias, o que lhe permitiu dar uma certa regularidade às celebrações religiosas; de manhã cedo a santa missa, depois, diz Fr. Jocundo, "das nove horas às dez e meia catecismo para as crianças e das 15 às 17 catecismo para adultos e crianças. Às 19 horas os fiéis se reuniam novamente para o Santo Rosário", sucessivamente, observa ainda o frade, "se cantavam as ladainhas com algum hino sacro", precedentemente ensinada às crianças, depois disso "recebida a bênção sacerdotal, cada um se retirava".[265]

Certamente, em termos numéricos, o resultado não foi animador; somente cerca de quarenta pessoas, num total de igualmente quase quarenta famílias, frequentaram assiduamente os ritos religiosos, os outros, ou pela excessiva distância ou por indiferença que anos e anos da ausência do missionário tinham aprofundado, demonstraram-se absolutamente insensíveis ao acontecimento: "não poucos – escreve ainda Fr. Jocundo – não se apresentaram nem mesmo porque na sua

---

[262] Ivi, 14. Conforme narrativa do missionário, a celebração dos ritos sacramentais aconteceu em condições climáticas impossíveis: "os dardos ardentes do sol fundiam o teto de zinco do barraco que, se encontrando quase sempre cheio de gente, parecia ter-se transformado num forno aquecido: e eu estando sempre em atividade, suava tanto que aquela pobre gente sentia compaixão de mim".

[263] Ivi, 16.

[264] *Ibidem*.

[265] Ivi, 17.

profunda ignorância não cuidaram de receber os Santíssimos Sacramentos [...] às pobres criaturas".[266]

Frei Jocundo deixou a terra de Espírito Santo na manhã de 25 de abril com a intenção de ir a São Paulo de Olivença para repousar alguns dias;[267] ficou aí até 18 de maio, dia em que subiu a bordo do barco *Esperança* para Maturá, dito também Amaturá, um vilarejo com cerca de 150 almas, dotado uma capela que facilitava muito a ação do missionário, situando-se no centro do povoado. Mas a colhida não foi das melhores, tendo chegado pelas 22 horas no porto, não encontrou ninguém a esperá-lo e chamada com o apito da embarcação, uma canoa apareceu com o remador, mas sabendo que seria para levar o missionário, voltou atrás e desapareceu; o primeiro impulso de Fr. Jocundo foi o de dar ouvidos ao desdém dos passageiros e de não descer naquele lugar inóspito, mas no fim, convencido de que – como escreve – o missionário "para fazer o bem deve esquecer-se de si mesmo", pediu ao capitão que uma canoa baixasse à água e assim desceu à terra.[268] Na sua ação pastoral, deu grande importância nesse lugar ao sacramento do matrimônio, sendo ali, segundo ele, muito comuns as convivências; muitas vezes nas pregações e durante a missa, tocou nesse assunto e, no final, ter celebrado oito matrimônios para Fr. Jocundo representou um grande resultado que o fez afirmar que, em Maturá, o concubinato havia recebido um "golpe mortal".[269] Para não perder os frutos conquistados estimulou o povo a fim de que, depois de sua partida, ao menos nos dias festivos, se reunisse na igreja e ali recitasse o Santo Rosário, cantasse as ladainhas e concluísse as funções religiosas com "algum hino piedoso"; também a atividade religiosa deveria continuar com constância e o frade encarregou publicamente dois leigos para ensinar aos domingos o catecismo aos jovens.[270]

---

[266] Ivi, 18.

[267] Ivi, 19. "Bebendo sem a possibilidade de filtrar a água do rio e comendo quase exclusivamente tartaruga, meu estômago estava reclamando e os intestinos irritados e sentia uma fraqueza generalizada".

[268] Ivi, 21.

[269] Ivi, 23. Sinal tangível desse empenho pela formação cristã das famílias foi a consagração dos núcleos familiares à Sagrada Família de Nazaré.

[270] Ivi, 26.

De Maturá, depois de ter viajado em canoa o dia todo, chegou a Novo Paraíso, um barracão habitado por um patrão, Augusto dos Reis, com uma dezena de barracos e uma pequena capela; nesse lugar Fr. Jocundo alarga o horizonte pastoral e depois de ter insistido sobre o fato de que o missionário não vinha só "para batizar as crianças", leva adiante aquela que considerava já uma verdadeira e própria emergência em todo o território da missão, ou seja, a aversão dos índios a aproximar-se do sacramento da confissão. Pessoais, mas muito interessantes, são as motivações que Fr. Jocundo elabora para explicar tal comportamento; de um lado um sentimento de sujeição em relação ao missionário: "Precisa ver que – escreve o frade capuchinho – nos primeiros dias em que o padre se encontra num lugar, os fiéis mal ousam aproximar-se dele. O medo que se tem dele não é a última dificuldade que eles têm para aproximar-se do sacramento da penitencia"; de outro lado, pela constatação de Fr. Jocundo, parece intuir que no passado houve um uso impróprio desse sacramento, considerado por parte de "homens viciosos" o instrumento mais idôneo para manter e radicar o preconceito "entre estas pobres pessoas".[271] A primeira excursão evangélica de Fr. Jocundo terminou na manhã do dia 31 de maio, quando, a bordo da embarcação *Manáos*, chegou novamente em São Paulo de Olivença.

No final de setembro de 1914, Fr. Jocundo estava em Remate de Males para iniciar uma nova excursão que deveria percorrer por cerca de dois meses, os rios Javari, Curuçá, Itacoaí; após o abandono de Fr. Alessandro e a doença de Fr. Antonino, essa estação permaneceu sem sacerdote e o prefeito pediu a Fr. Jocundo para prestar assistência também àquela área. Acompanhado por Vincenzo, um jovem de Tonantins que havia "adestrado" como sacristão, em Remate de Males Fr. Jocundo encontrou uma situação desesperadora; no seu relatório anual o prefeito compara o centro missionário com Sodoma e Babilônia, com a chegada da maçonaria, uma associação que, a seu ver, dominava a vida social e política local: "com exceção de alguns de classe baixa, quase todos são inscritos na maçonaria e frequentam a loja pública"; tudo isso acompanhado por um clima "infecto e mortífero"

[271] Ivi, 30.

que faziam daquele lugar um dos piores da missão.[272] Permaneceu em Remate de Males por cerca de dois meses e depois, enfim, aos 19 de outubro, a bordo de uma lancha oferecida pelo presidente da Câmara Municipal, partiu para sua excursão aos rios Javari e Curuçá, com a intenção de voltar para celebrar a novena preparatória para a Solenidade da Imaculada Conceição.[273]

Segundo os seus cálculos, deveria empregar ao menos doze dias para alcançar o início do Curuçá, mas na realidade foram precisos bem vinte; de fato, sendo o barco "mal vestido", ou seja, substancialmente reduzido a remendos, necessitava de contínuos consertos que frearam as ambições de adiantada velocidade imaginadas pelo missionário. Não conseguiu nem mesmo chegar a dois vilarejos que estão na parte mais alta, dois barracões no alto Curuçá, que permaneceram sem serviço religioso por causa de um imprevisível regime das águas que diferenciam o alto curso de tal rio cujas águas – escreve o prefeito – "crescem e diminuem contínua e repentinamente"; o risco seria aquele de encalhar e, portanto, de acordo com o comandante da lancha, foi tomada a decisão de voltar atrás. A descida assumiu o aspecto de uma verdadeira corrida: "Andando a lancha a toda velocidade que era também impulsionada pela corrente do rio, de um barracão a outro se empregava pouquíssimo tempo. Em cada barracão, os fiéis que se reuniam ao ouvir de longe o apito da lancha, estavam esperando. Apenas chegada a lancha, o missionário desembarca. Escreve no registro as devidas formalidades para os batismos, crismas se há; estende os atos para os matrimônios que se apresentam; confessa, faz breves instruções catequéticas e administra os sacramentos. Volta à lancha, mas por pouco. No próximo barracão é esperado para os mesmos serviços, as mesmas práticas. E assim por diante, até que chegue à boca do rio. Do topo do Curuçá até a sua foz, a lancha gasta oito dias e para Fr. Jocundo foram oito dias de um trabalho quase ininterrupto que, privando-o inclusive do necessário repouso, o deprimiram notoriamente.[274]

---

[272] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno 1914, 5.

[273] Ivi, 11.

[274] Ivi, 13-14. As localidades visitadas por Fr. Jocundo na sua rápida excursão evangélica foram: Franklin, Couro, São Salvador, Curuçá, Boca do Rio Pardo, Canamão, Rio Pardo, São Sebastião, São Bento, Boca do Curuçá.

Todavia, a impressão geral que teve Fr. Jocundo não foi das piores; grande parte dos habitantes das margens do rio Curuçá provinha de fato do Ceará que era, no dizer de todos, "um dos Estados mais religiosos da República Brasileira. Falam religiosamente e escutam cristãmente";[275] todavia – anota o prefeito – estes eram muito semelhantes aos imigrantes italianos que "cristãos praticantes na pátria, cessam de praticar os deveres mais essenciais enquanto permanecem fora dela". Adiavam a frequência das práticas religiosas e a instrução religiosa dos filhos para quando retornassem à pátria; vindos somente – continua o prefeito – "para fazer dinheiro em pouco tempo [...] não querendo saber de outra coisa".[276] Todavia, prisioneiros do desejo de lucro tendem a prolongar a permanência "e se passam dez, vinte anos – escreve ainda o prefeito – mas aquela primeira intenção permanece [...] e assim temos uma nova geração de fato ignorante que faz da religião um ato puramente externo e às vezes até idolátrico".[277]

Do rio Curuçá, Fr. Jocundo adentrou-se sucessivamente no baixo Javari; deixou a lancha e pegou o barco até chegar a Boa Vista onde novamente subiu a bordo de um barco proveniente do alto Javari que, no fim de novembro, o reconduziu a Remate de Males em tempo para organizar a solenidade da Imaculada Conceição, que seria celebrada naquele lugar pela primeira vez.[278] Um ponto nevrálgico era a situação do rio Itacoaí, onde havia pelo menos cinco anos não passava um sa-

---

[275] Ivi, 14.

[276] *Ibidem.*

[277] Ivi, 15. Tal condição, conforme a análise de Fr. Jocundo, não era relativa somente aos habitantes do rio Curuçá, mas correspondia a "todos os rios habitados pelos cearenses", rios que formavam grande parte do território dependente dos padres missionários de Remate de Males.

[278] Particularmente solene foi a procissão da tarde que, apesar de constrita a renunciar à banda, sendo os tocadores ainda todos principiantes e não ainda à altura de executar concertos, resultou cativante e participada; partiu da igreja acompanhada, por todo o percurso, do som dos sinos e do pipocar dos fogos de artifícios. A formá-la um grupo de meninos que, a dois, procediam atrás do estandarte de São Francisco, seguidos pelas meninas com o estandarte de Maria Santíssima. "Todos com a medalha-lembrança da primeira comunhão fixada no peito. Das meninas, quatro das maiores traziam a angélica imagem da Virgem Imaculada disposta sobre um pequeno trono contornado por velas e flores; e quatro das menores seguravam os cordões. Os cantos se sucediam às preces e todo o povo que seguia atrás do sacerdote e dos cantores acompanhava devoto": ivi, 20.

cerdote, antes, o último em vez de um ministro do culto, tinha sido – escreve o prefeito – "um lobo". Frei Evangelista referia-se aos fatos a ele revelados pelo próprio Fr. Antonino que, chegando em julho de 1912 a Remate de Males, para dar início ao seu ministério pastoral, tinha encontrado um "desgraçado padre português" que, suspenso *a divinis* pelo bispo de Manaus pela sua conduta escandalosa, infiltrara-se de modo abusivo na prefeitura confiada aos frades umbros; fazia diversos meses ele administrava os sacramentos "enganando e tirando dinheiro do povo", mas a coisa ainda mais grave é que se tinha aventurado no interior, "a deflorar muitos dos melhores rios pelos quais nenhum de nós tinha ainda penetrado".[279]

Da narrativa do missionário emerge também o apoio que o ex--padre português obtém de alguns comandantes de barcos, que ele usava para as ilícitas excursões: "percebemos que senhores donos de lanchas a vapor para Itacoaí e seus afluentes o tinham favorecido, recomendado e protegido" e, ao mesmo tempo, tinham de todos os modos obstaculizado a recuperação de Fr. Antonino: "eu mesmo tive de sofrer muito moralmente por causa daquele desgraçado, muitas vezes fui mortificado publicamente pelos seus patrocinadores e rejeitado, por fim, expulso das lanchas, obrigado a viajar de canoa para segui-lo".[280]

Na realidade, do relatório do prefeito emerge uma situação muito mais complexa e punitiva para os missionários; em prática, muitos dos comandantes desses pequenos barcos não gostavam que, em certos períodos do ano, o sacerdote exercesse o seu serviço; a razão era simplicíssima: "quando o sacerdote – escrevia Fr. Evangelista – administra os sacramentos do Batismo, do Matrimônio e da Crisma, os fiéis desses lugares costumam dar-lhes qualquer esmola, a fim de que também ele possa haver do que viver e seja possível cobrir as inevitáveis despesas"; compreende-se, portanto, a rejeição do comandante em transportar, em certos períodos do ano, o missionário: "ele temia que aquelas esmolas fossem prejuízo para seus interesses".[281] Se perfilavam interesses contra-

[279] APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 1, A, lettera di p. Antonino al ministro provinciale, Manaus, 6, dicembre, 1913.

[280] *Ibidem*.

[281] No caso específico do rio Itacoai, parece que o mês de fevereiro servisse como um divisor de águas, no senso que naquele mês cessava no rio "qualquer comércio e [...] quase todos permanecem sem dinheiro, devendo gastar antecipadamente o dinheiro

postos entre os missionários e capitães das embarcações, que a crise financeira rendia mais agudos; Fr. Jocundo, certo de que fosse necessário romper "uma vez por todas com este sistema" e decidido a demonstrar que o missionário "no exercício do seu apostólico ministério" deveria ficar independente, como resposta alugou um grande barco, arrolou "dois fortes e experientes remadores" e empreendeu viagem ao longo do rio Itacoaí. A viagem, porém, revelou-se um verdadeiro tormento: agredidos pelos "piuns" (borrachudos) e mal nutridos,[282] Fr. Jocundo e os dois remadores chegaram à foz do rio Branco e de lá decidiu voltar atrás para exercer o serviço missionário até Remate de Males, passando por rio Branco, Floresta, Entre Rios, Colom, Quatro Bocas, Arena, Nova Aurora, Valença, Boca do Ituí, Cachoeira, Boca de Iquichitos.[283]

A viagem, provavelmente, minou para sempre a saúde de Fr. Jocundo; compreendeu ele mesmo a gravidade da situação, e depois de ter passado exatamente um ano em Remate de Males, em 19 de janeiro de 1915 voltou a Tonantins. Pela metade de fevereiro levava consigo a Manaus o esboço de um contrato para a aquisição de uma casa; ficou na cidade até maio, depois decidiu retornar à sua residência missionária.[284] Depois de alguns dias uniu-se a ele em Tonantins o pre-

---

economizado para o inverno. Eis porque – escreve Fr. Evangelista – aquele mesquinho prometia dar carona em fevereiro". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno 1914, 22.

[282] "No Itacoai os piuns são inumeráveis, te atacam em enxames e depois de poucos dias o teu rosto, as mãos e pés são irreconhecíveis. Nem o resto do corpo fica imune. Na primeira oportunidade eles se insinuam até mesmo debaixo das vestes, formando de tal modo um verdadeiro suplício. Viajando em lancha, a corrente do vento espalha aqueles pequenos insetos, mas de barco? É preciso estar sempre com o lenço em movimento nem por isso sendo poupado [...] Quando Fr. Jocundo [chegou] à foz do rio Branco, os piuns tinham já feito estragos nele e nos seus dois remadores. Um dos quais, por causa das imensas ferroadas, tinha os pés inchados de modo extraordinário e estava com febre: o padre estava cheio de chagas purulentas (mais de 15) que o incomodavam como nunca. Ali chegaram em 31 de dezembro e pensou em retornar": ivi, 23-25.

[283] Ivi, 27.

[284] Ivi, 33-35. Indo a Manaus, tinha levado consigo o jovem Mathias que durante os três meses de permanência na cidade vem iniciado ao estudo do órgão pelo ancião frei Francisco de Désio. Nascido em 1854, tinha sido terciário, nas missões capuchinhas de Pernambuco e Maranhão, há cerca de sete anos tinha-se estabelecido em Manaus junto à Igreja de São Sebastião. Com 58 anos, em 31 de maio de 1912, depois de haver regularmente completado o ano do noviciado, fez os votos simples. Aquilo de fazer o jovem aprender a arte de tocar o órgão foi uma de suas últimas ações, de fato "em 17

feito que estava já pensando, convencido sempre mais da necessidade de transferir a residência principal da Missão de São Paulo de Olivença para Tonantins; de fato, o objetivo principal da visita do prefeito foi o de verificar as condições da casa e dos terrenos a adquirir;[285] a impressão foi ótima e se procede à aquisição de ambos; além disso, vem decidida também a compra da casa em São Paulo de Olivença, juntamente com o início, em Tonantins, de uma fábrica de tijolos, para prover o material necessário à edificação das "novas obras".[286] A reviravolta foi possível graças ao aumento dos recursos à disposição da prefeitura, recursos conseguidos não tanto da atividade missionária, mas com o consolidar-se das ofertas por parte das instituições e de particulares. Em primeiro plano, sejam lembradas as contribuições importantes da província, da cúria geral, da *Propaganda Fide* e, sobretudo, da Obra das Missões Católicas de Lion;[287] no fronte da solidariedade privada teve grande sucesso a iniciativa da província de fazer conhecer atividade missionária dos frades umbros por meio de opúsculos e outros materiais promocionais que, ao que parece, conseguiram estimular as veias da caridade privada.[288]

---

de maio deveria ser o último dia de tal assíduo exercício, quando o jovem já estava às vésperas da partida para Tonantins e o bom confrade passou todo o dia com este em contínua exercitação. Quando à noite o pequeno aluno pôde mostrar aos padres ser capaz de executar uma pequena audição, todos observaram no rosto do venerando frei Francisco a expressão de uma justa satisfação. Ninguém imaginava que aquela seria a última satisfação. Aquele foi o último dia de vida do caro confrade": ivi, 34.

[285] Com ambos ficou satisfeito o prefeito: "a casa, sendo muito vasta – escreve no relatório – pode servir de habitação para o pároco e como residência provisória para o prefeito apostólico. A felicíssima posição do também vasto terreno vinha resolver o difícil problema de onde construir a casa-mãe e o colégio da missão. Meu primeiro pensamento foi erguer tal construção em São Paulo de Olivença, mas tive que desistir, porque aquele lugar goza em todo o Solimões de uma fama assim triste, por causa dos seus habitantes, de que ninguém lhes haveria mandado educar seus filhos": ivi, 32.

[286] No mês em que o prefeito escreve o relatório, 1.º de novembro de 1915, todas as obras estavam "quase acabadas": ivi, 38.

[287] No relatório o prefeito exprime sentimentos particulares de gratidão à "filha primogênita da Igreja, a nobre França. Ainda que duramente, terrivelmente provada pelo cataclismo europeu e encontrando-se, portanto, em dificílima situação financeira, também neste ano recordou-se de nós, enviando-nos um generoso subsídio, por meio da benemérita Obra das Missões Católicas de Lion": *Ibidem*.

[288] Nas páginas finais dos dois opúsculos de [Eusebio da Civitella], *Missione di Alto Solimões*, impressos em Roma pela Cooperativa Tipográfica Manuzio nos anos 1914 e

5. *A figura de frei José de Leonissa*

Entre as figuras dos primeiros missionários, junto àquelas dos quatro pioneiros, destaca-se aquela de frei José de Leonissa. Giuseppe Massi nascera na pequena cidade de Rieti em 1878, e de 1910 até 1957, ano de sua morte, salvo breves períodos de permanência na Itália, necessários para recuperar a condição física, não se afastou do Amazonas.[289] Quando o ministro provincial lhe comunicou que o definitório havia acolhido seu pedido para ser enviado à nova missão da província, frei José tinha 32 anos e encontrava-se em Spello; a sua primeira preocupação foi aquela de aprender a língua portuguesa e já tinha procurado em Foligno e Assis um professor, sem êxito, porém; esperava ter mais sorte em Perúgia, mas depois acrescentava: "daquilo que pude compreender não é assim tão difícil que não se possa aprender sem um professor".[290] A partida, como então era natural para quem quisesse embarcar para o Brasil, era do porto de Le Havre, na França; junto com seu companheiro de viagem, Fr. Antonino, também ele indo à missão, chegaram a Milão e foram acolhidos pelos irmãos lombardos. Foi uma permanência que se revelou importante para as finalidades da permanência no Amazonas; de fato, a experiência amadurecida naquela terra pelos frades milaneses foi utilíssima aos dois frades umbros, que se deram conta de estarem privados "de tantas coisas necessárias" às quais não haviam nem mesmo pensado.[291]

De Milão, Fr. José chegou a Paris; ele que havia conduzido toda a sua vida entre Leonissa, Foligno, Amélia, Assis, ficou fascinado com o panorama alpino, dos altos picos cobertos de neve, "os quais terminavam a pico iguais a pirâmides", da cadeia ininterrupta dos relevos, alguns dos quais – escrevia – "pareciam rendas bem trabalhadas, outros pareciam soldados postos em ordem, apresentando as armas aos

---

1915, são referidas uma longa série de ofertas em Missas e dinheiro.

[289] Um breve perfil do missionário capuchinho foi recentemente traduzido por E. Picucci, *Da Leonessa in Amazzonia. Missionari Cappuccini leonessani*, Todi, 2005, em particular 13-62.

[290] APCA, 105 *Missioni – Corrispondenza personale*, 7, F-G. P. Giuseppe da Leonessa al ministro provinciale, Spello, 11, fevereiro, 1910.

[291] Ivi, Milão, 26, agosto, 1910.

passageiros".[292] Descreve nos mínimos particulares a passagem e não se abstém nem mesmo dos comentários sobre a grande cidade, sobre Paris; cidade elegante, mas já então muito cara, fornida de esplêndidas igrejas – anota – mas quase desertas; visitou, porém, só Montmartre, porque Fr. José não se separou nunca dos capuchinhos milaneses, "que não circulavam, e eu estava com eles", escrevia ao provincial.[293] Ao contrário de Fr. Antonino que inicialmente deu uma ótima impressão a Fr. José "que não é um chato – escrevia – e que ao invés não se poupou e quis visitar igrejas, monumentos e ver "diversas obras de arte".[294]

Foi somente durante a longa viagem para o Brasil que Fr. José começou a amadurecer um juízo crítico a respeito do seu companheiro de viagem que, segundo ele, mas também conforme os capuchinhos milaneses, que o haviam hospedado por alguns dias esperando sua partida para Paris e confidenciaram a Fr. José que eram contentes por não ser destinado à missão deles, falava demais: "O Fr. Antonino – escrevia Fr. José ao provincial – é um religioso cheio de boa vontade, mas a meu ver não de igual prudência. As observações lhe agradam pouco [...] Esperamos que seja bom para a nossa missão".[295] Aconselhava, portanto, humildemente ao provincial, se de novo se apresentasse a ocasião de agregar missionários de fora da província, de mantê-los por algum tempo num convento da província, "para ver o modo de agir, e se é conveniente mandá-los às missões".[296] Chegou a Belém do Pará, acolhido por Fr. João Pedro, que o conduziu ao convento dos capuchinhos, situado um pouco fora da cidade, depois dali transferiu-se a São Luís, sempre junto aos capuchinhos, que haviam ocupado o convento suprimido aos carmelitas, de propriedade do governo com o qual, justamente naqueles dias, estavam tratando da aquisição.[297] Ali soube da morte de Fr. Agatângelo e ficou maravilhado pela benevolência que em tão pouco tempo o missionário umbro tinha sabido atrair; a notícia chegou de noite e na manhã seguinte, escreve Fr. José, "a igreja

---

[292] Ivi, Paris, 28, agosto, 1910.

[293] *Ibidem.*

[294] *Ibidem.*

[295] Escrevia esta carta ao provincial a bordo do navio *Rhaetia*, em 6 de setembro de 1910, provavelmente durante a parada em Lisboa.

[296] *Ibidem.*

[297] Ivi, S. Luiz, 29, setembro, 1910.

estava cheia de gente para sufragar a sua alma. Era considerado como um santo. Pobre filho".[298]

O prematuro desaparecimento de Fr. Agatângelo, como era de esperar-se, provocou uma análise mais ampla sobre as problemáticas da missão e Fr. José, de viva-voz dos capuchinhos lombardos, começou a ter impressões fortemente negativas, que não deixou de lado, mas comunicou imediatamente ao ministro provincial: "falei com o Fr. Germano, que esteve em Manaus – escreve Fr. José – e percorreu aqueles rios e pode, portanto, emitir um juízo com conhecimento de causa. Disse-me que será necessário muito mais sacrifícios de pessoas que os da missão milanesa, que em 18 anos há já 24 mortos, todos jovens. E se o mesmo ocorre à nossa missão onde andaremos a buscar os missionários?[299] Com base nas informações recebidas dos capuchinhos milaneses, a descrição sumária dos futuros lugares onde se deveria desenvolver a ação missionária torna-se quase apocalíptica: "naquelas bandas, digo no interior da missão, não se conhecem o 5.º, o 6.º e o 7.º mandamentos de Deus" para concluir, com grande franqueza, que, a seu ver, ter aceitado aquela missão tinha sido "um belo e bom engano". Todavia, não perdia o ânimo e não pretendia absolutamente antecipar juízos antes de ver com os próprios olhos e experimentado pessoalmente a veracidade do quadro desenhado pelos missionários milaneses; por enquanto ele deveria somente aprender a língua e quanto ao resto – escrevia – "Deus providebit et fiat quod decretatum est in coelo".[300]

No final de março de 1911, Fr. José estava em Manaus, confessava diariamente, aos domingos pregava e fornecia assistência aos fiéis das associações ativas na Igreja de São Sebastião; o seu ceticismo a respeito da difícil condição ambiental e econômica da nova missão não desapareceu, mas em vez dos tons catastróficos prefere agora a ironia: "Aqui, graças a Deus estamos todos bem. Não falta calor, o suor é contínuo, os mosquitos não dão folga, o contínuo rumor dos carros de noite, o latido ensurdecedor dos cães não nos deixa dormir; resu-

[298] *Ibidem*.
[299] *Ibidem*.
[300] *Ibidem*.

mindo, tudo nos é favorável [...] se não piorar estamos satisfeitos".[301] Depois da ironia, o silêncio. Passou-me mais de um ano sem que Fr. José enviasse suas notícias à província; certamente o encargo de pároco, a necessidade de esforçar-se para conhecer todos os lugares sujeitos à jurisdição paroquial, incluídos os povoados às margens do rio Negro, o manteve ocupado constantemente. Todavia, parece crescer no frade de Leonissa a convicção de que, mais que chorar e lamentar-se com as autoridades provinciais que, muitas vezes, dentre outras coisas, nem mesmo respondiam às suas requisições, era necessário arregaçar as mangas e trabalhar; a missão era aquela, naqueles lugares se deveria trabalhar e era inútil recriminar.

Certamente não era uma vitória da resignação, e sim muito mais uma adaptação, uma obediência inquieta que o impelia a andar avante, a vencer as angústias e a experimentar a construir para melhorar aquela terra. É esse o espírito que permeia a carta escrita ao ministro provincial, por solicitação do prefeito, depois de meses de silêncio: "Esta manhã justamente o revmo frei prefeito me disse que o Senhor se lamenta, porque não lhe escrevo. Na verdade, mais de uma vez me passou pela mente o pensamento de escrever-lhe, mas depois não fazia nada disso. Porque, segundo o Estatuto das missões, os superiores maiores devem no relatório anual dar notícias de tudo aquilo que se faz, das aventuras e dificuldades que se atravessam no desempenho do ministério [...] Por isso acreditava perfeitamente inútil escrever devendo repetir as mesmas coisas que o frei prefeito disse".[302] Esclarece, todavia, o ministro provincial sobre as suas condições de saúde, sobre o novo encargo de pároco e sobre a atividade conexa a este, acrescentando que "tinha sempre diante dos olhos aquela recomendação" de que o próprio provincial lhe fez numa das últimas cartas, "de agir retamente". "O meu único conforto, especialmente nas horas tristes, é a finalidade pela qual vim às missões: agir retamente. Se não se agisse retamente – continua amargamente – adeus barraco, existiriam dois infernos aqui e noutro lugar: mas eu quero suportar apenas um aqui nestas regiões tropicais e não quero nem saber do outro".[303]

---

301 Ivi, Manaus, 26, março, 1911.
302 Ivi, Manaus, 10, dezembro, 1912.
303 *Ibidem.*

Confortado por tal preceito, frei José dedicou-se muitíssimo ao seu novo e importante ofício de pároco; quis em primeiro lugar conhecer toda a realidade da paróquia e assim como esta, por um longo trecho, estendia-se ao longo do rio Negro, em 1.º de maio de 1913, embarcando-se no vapor *Inca*, iniciou uma visita aos vilarejos mais importantes administrando batismos, crismas e celebrando matrimônios;[304] chegando a Moura encontrou uma calorosa acolhida e uma pequena igreja dedicada a Santa Rita de Cássia. Era seu "vivo desejo – está escrito na *Cronaca* – exercer o ministério apostólico também das outras localidades, mas a saúde instável o aconselhou a adiar",[305] retornou à missão em 1.º de julho e pelo fim do mesmo mês estava em Manaus, "depressivo e angustiado". Igrejas caindo, cemitérios transcurados, escolas de doutrina cristã quase inexistentes e uma condição de miséria e degredo agravada pela presença dos "Senhores", verdadeiros e próprios latifundiários, donos da terra e dos homens, alguns como aquele que havia concedido a Fr. José de subir no seu barco para chegar ao vilarejos, os barracos de Maracaru, privados de maldade, mas outros prontos a tudo para obter lucro e acumular dinheiro. E já então, Fr. José entendeu que, ser acompanhado por tais "Senhores" não fazia bem à causa da missão e tal constatação acentuou o seu pessimismo: "Como eu disse do Solimões e também do rio Negro, os impedimentos que se opõem à realização de um verdadeiro bem espiritual são muitos e gravíssimos. E o frade lhes faz a evangélica excursão, observando tantas misérias morais, sem os meios para pôr-lhes um válido remédio, volta sempre, mais ou menos, com o coração chagado e com a alma aflita".[306]

Como já foi dito, a paróquia de São Sebastião de Manaus compreendia também algumas áreas situadas ao longo do rio Negro, Fr. José teria de ter visitado também em 1914 aquelas populações, mas as suas ocupações sacerdotais eram de tal modo frequentes que o prefeito

---

[304] Em Barcelos, onde chegou depois de uma viagem de dois dias, no tempo que permaneceu administrou 42 baptismos e 41 crismas e celebrou 4 matrimônios. O relatório da excursão de Fr. José está transcrito no volume: *Cronaca della Missione,* 115-118. Notícias sobre a excursão de Fr. José ao rio Negro estão contidas também no opúsculo: [Eusebio da Civitella], *Missione di Alto Solimões* N. 3, 118-121.

[305] *Cronaca della missione*, 116.

[306] Ivi, 118.

decidiu encarregar a missão a Fr. Ludovico de S. Giovanni Rotondo. Conforme descrição feita pelos missionários, esse rio era bastante diverso dos outros da bacia amazônica, correntes vertiginosas, presença de numerosas ilhas, que rendiam a paisagem menos monótona e habitado por indígenas "mais pacatos e religiosos que nos outros rios". Sobretudo aqueles residentes no rio Waupés, no alto rio Negro, eram muito diferentes daqueles que povoavam o baixo rio Negro os quais: "sujeitos a patrões europeus e a brasileiros civilizados são mantidos de propósito num estado de ignorância absoluta [...] entenda-se, para poder explorá-los em tudo e por tudo".[307] Era todavia uma área de depressão, pouco produtiva, talvez por causa do solo definido "muito pedregoso"; a viagem de Fr. Ludovico até Laranjal foi bastante cômoda a bordo de um barco onde "nada faltava", mas depois tornou-se difícil, pois foi forçado a embarcar-se continuamente, para afrontar os diversos regimes das águas, sobre barcos ou barcaças, exposto aos violentos raios do sol ou à prepotência das tempestades equatoriais.[308]

A primeira etapa da excursão foi Santa Isabel, onde esteve por dois dias, dali depois de dezoito dias de navegação, chegou a São Gabriel; três dias de parada, para realizar os costumeiros serviços religiosos, depois de novo viajou ao longo do rio Waupés. Em 28 de fevereiro estava já em Boa vista, acompanhado por uma incômoda febre; retirando-se numa cabana, repousou alguns dias, esperando que a temperatura do corpo abaixasse, e quando isso aconteceu, retomou a viagem rumo ao alto rio Waupés. Entrou num trecho de rio habitado só por indígenas que todavia, graças à obra missionária não menos importante feita precedentemente por dom Costa, ex-bispo de Manaus, não se apresentavam "bárbaros, como tantos quiseram acreditar", mas eram mansos e também instruídos nas mais elementares verdades da fé cristã. Durante essa excursão, Fr. Ludovico conheceu

---

[307] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno 1914, 52.

[308] Ivi, 53. "Não foram poucas as noites – escreve o prefeito no seu *Relatório* – que tive que passar às margens dos rios por não ter podido chegar a um barracão onde repousar; e em tais circunstâncias se amarra a barcaça a um torno, para que a corrente não a carregue, se sobe à terra, abre-se uma clareira entre os arbustos da selva, amarram-se as extremidades das redes ao tronco de duas árvores e aqui, suspensos entre o céu e a terra procura-se um pouco de repouso".

práticas e tradições desses índios, hospedou-se na "maloca",[309] assistiu à dança destes, que se concluía com uma bebedeira coletiva, mas não ousou criticar tal costume, ou pior, pregar contra, temendo pela própria vida. Chegando ao último vilarejo do rio Waupés, Urubuquara, voltou atrás; triste aventura em São Marcelino onde, conforme narra o prefeito, Fr. Ludovico correu o risco de ser morto por seis venezuelanos que queriam saquear suas poucas coisas,[310] chegou a Manaus em 19 de julho de 1914, chamado pelo prefeito, que, enquanto isso, teve de desprover-se do serviço de Fr. Hermenegildo, repatriado para ser medicado e recuperar um estável estado de saúde. Cinco meses durou a excursão de Fr. Ludovico ao longo do rio Negro, uma empresa que marcará indelevelmente o físico do frade capuchinho.

6. Tonantins, primeira residência da missão

Na primavera de 1915 o prefeito já residia em Tonantins e de lá havia feito excursões ao longo do rio Japurá e alto Curuçá. Na correspondência e nos seus relatórios anuais ele se lamenta muito com o ministro provincial pela "sobrecarga de trabalho" e pela "carência de pessoal". Da presença em Tonantins se ocupava ainda Fr. Jocundo, tinha aumentado o número dos alunos do colégio, elevado a cerca de 50,

[309] Era a "casa grande" dos índios, de forma retangular (40 m de comprimento e 8-9 m de largura), o teto feito de folhas de palmeira, que descem dos lados quase tocando a terra; duas portas, uma na frente e outra atrás, que permitem entrada também de luz. Ao centro um fogo, mantido sempre aceso e nos lados, amarradas às duas filas de colunas que sustentam o teto, penduravam as redes onde se deitavam os componentes da família.

[310] Assim, o prefeito reconta a desventura ocorrida com Fr. Ludovico: "Enquanto o padre repousava num quartinho, ouviu rumores no quarto contíguo ao seu e compreendeu do que se tratava. Foi então que pulou da rede e foi esconder-se num outro quarto perto dali. Pouco depois ouvia os venezuelanos que foram procurá-lo no seu quarto e foi um verdadeiro milagre do Sagrado Coração de Jesus se não o encontraram; bastava só levantar uma cortina para chegar onde ele estava. Não o tendo encontrado, tentaram roubar-lhe toda a bagagem ao que se opôs uma boa pessoa que ali se encontrava [...] Parece quase impossível como seis pessoas hospedadas na casa dos outros tenham tido o ardil de cometer semelhante ação. Mas ao longo desses intermináveis afluentes do Amazonas tudo é possível e frequentemente se ouvem narrativas de delitos muito piores": ivi, 60-61.

que foi dedicado a São Francisco de Assis. Depois de uma assembleia dos moradores, foi deliberada também a instituição de um círculo católico, tendo por objetivo a mútua ajuda entre os sócios, a realização de obras necessárias para o funcionamento da igreja e o melhoramento moral dos associados, por meio da observação dos preceitos cristãos. Semelhante ao que tinha ocorrido em Manaus, junto à paróquia de São Sebastião, também em Tonantins foi instituída uma associação chamada dos Anjos para a instrução e a educação dos jovens; o esforço maior de Fr. Jocundo foi o de encontrar uma mulher que se ocupasse de tal incumbência, porque, como escreve o prefeito no seu relatório, o pároco não poderia ocupar-se pessoalmente de tal serviço sem suscitar entre o povo suspeitas e maledicências.[311]

A ação de Fr. Jocundo não se limitou a Tonantins, por duas vezes viajou de barco ao longo do Solimões, prestando os usuais serviços religiosos; infelizmente a fadiga, a crueldade do clima e os tantos sacrifícios contribuíram para destruir a sua saúde, "que já há tempos estava muito alterada".[312] O prefeito enviou-o por três meses ao Ceará, junto aos capuchinhos milaneses, mas dizia desconsolado: "Tinha melhorado, mas quanto a ficar totalmente bom não se pode afirmar. Aqui – prosseguia – em razão do clima e das inevitáveis privações, quem perde a saúde uma vez só pode esperar de recuperá-la indo passar ao menos um ano na Europa; de outro modo poderá obter alguma melhora, mas a saúde jamais".[313]

Em tudo no ano de 1915 foi ativo em São Paulo de Olivença Fr. Domingos; ele conseguiu abrir uma escola para crianças, empenhou-se em novas excursões ao longo do rio Jacurapá; iniciou inclusive a construção de uma capela, a ser dedicada a São João Batista, mas no fim de 1915 foi chamado a Manaus pelo prefeito para pôr avante a casa e o colégio. Para substituí-lo foi enviado Fr. Ludovico de S. Gio-

---

311 "Sendo estas pessoas profunda e genericamente corrompidas, se vissem que o frei se ocupa diretamente disso, criariam logo mil suspeitas e falatórios, porque, quem é ladrão suspeita que todos o sejam". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno *1916*, Tonantins, 5, março, 1917, 3.

312 Ivi, 4. Além de uma inflamação no fígado, uma irritação intestinal, Fr. Jocundo foi vitimado pela doença chamada "paludismo", ou seja, provavelmente malária.

313 *Ibidem*.

vanni Rotondo que, antes de estabelecer-se em São Paulo de Olivença, ocupou-se por cerca de três meses do serviço religioso ao longo dos rios no entorno de Remate de Males; durante uma nova excursão, junto ao prefeito, sempre nos lugares próximos a Remate, foi vitimado por "uma gravíssima doença", que aconselhou o seu imediato internamento no hospital de Manaus. Tendo alta, foi enviado para restabelecer-se plenamente no Ceará, junto aos capuchinhos da província lombarda, onde se encontrava ainda no início de março de 1917, época na qual o prefeito escreveu seu relatório anual à província.[314]

Manaus, de fato, continuava a ser o centro propulsor da atividade missionária; em 1916, na cidade, estavam presentes três frades missionários: Fr. Domingos, na qualidade de superior e diretor do colégio, Fr. José, pároco de São Sebastião, e Fr. Hermenegildo, como coadjutor do pároco. Desde 15 de janeiro funcionava o colégio, inaugurado "em condições muito simples"; a atividade didática sofria a carência de pessoal docente e idôneo e se teve de recrutar professores seculares, os quais, todavia, não gozavam de um estipêndio fixo, mas eram retribuídos "conforme as entradas temporárias do colégio que não eram certamente elevadas considerando-se que os alunos que frequentavam eram cerca de oitenta, mas dentre estes tinha uma parte que, pela grande pobreza dos pais, não pagavam nenhuma taxa".[315] O início do colégio não foi, contudo, dos melhores; faltando os padres missionários que deveriam desenvolver a atividade de docentes, com "pessoal assim escasso vem a faltar – escreve o prefeito – aquela ordem, aquela assiduidade, a solicitude e o interesse que são indispensáveis para o correto funcionamento das escolas e para o proveito dos alunos".[316]

No entanto, Fr. José tinha conseguido terminar os trabalhos de construção da capela em Campos Sales, sendo assim que, ele mesmo, "de vez em quando", podia ir lá celebrar a missa e pregar; além disso, no domingo, uma pessoa encarregada pelo pároco podia ensinar a doutrina. Em 1916, Fr. Hermenegildo tinha voltado da Itália e subita-

---

[314] Ivi, 8.

[315] Entre os nomes arrolados, destaca-se aquele de Silvio Centofanti, para o ensino de desenho, o mesmo havia dirigido os trabalhos de restauração e pintura da Igreja de São Sebastião: ivi, 9.

[316] *Ibidem*.

mente retirou-se em missão no alto Japurá; uma parte da viagem teve de enfrentá-la de canoa e "pela dificuldade em encontrar dupla suficiente de remadores, teve necessidade – escreve o prefeito – de remar também ele mesmo para continuar a viagem", coisa esta que causou uma exarcebação da sua doença que o constrangiu a voltar a Manaus. Mas tambám ali a contínua presença no confessionário, a assistência quotidiana aos pobres moribumdos e o ofício de capelão do Instituto Benjamin Constant o afadigavam muitíssimo.[317]

7. 1917: o ano horrível

Em 1917, tinham restado prestando serviço na prefeirura apenas três frades: o prefeito, Fr. Jocundo e frei Martinho; inútil pensar em transferir para o interior um dos missionários presentes em Manaus, como havia sugerido a Congregação de *Propaganda Fide*, porque, escrevia o prefeito, Fr. Domingos tinha ficado no interior por cinco anos e "estava reduzido a um estado de saúde muito precário"; melhor, portanto, deixá-lo em Manaus, "onde, não sendo exposto a tantas intempéries e sacrifícios", poderia exercer sua atividade como superior da casa e professor da escola noturna. Frei José tinha manifestado uma "constituição um tanto frágil e delicada", enviá-lo ao interior "seria o mesmo que querer transformá-lo numa vítima"; Fr. Hermenegildo, enfim, era naquela altura um doente crônico, sofria de um mal no fígado e praticamente se nutria somente de leite.[318]

O prefeito, obrigado pela necessidade a ocupar-se, sobretudo da atividade missionária no interior, no relatório de 1917, escrito em

---

[317] Ivi, 11.

[318] APCA,102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione della Prefettura Apostólica dell'Alto Solimões dell'anno 1917, Tonantins,10 de outubro de 1918, 1. "Em tal estado – escrevia Fr. Evangelista – como posso chamar um deles para o interior da prefeitura? Não posso e não devo sacrificar a vida de ninguém, caso contrário serei devedor por não cuidar dos religiosos a mim confiados [...] Eu sou do parecer de que, depois de cinco anos de trabalho nessa região tropical e insalubre, o missionário deveria ser reenviado à Itália, mandando outros a substituí-lo: diversamente formaremos uma massa de vítimas ou de inválidos. Chega: esperamos que em breve termine este terrível conflito mundial e assim possamos providenciar": ivi, 2.

Tonantins, não procede como no passado, isto é, lendo os relatórios enviados pelos frades e organizando-os num discurso unitário, mas para ganhar tempo, anexa diretamente os escritos produzidos pelos missionários.

Em 20 de setembro de 1916, Fr. Jocundo, debilitado e doente, deixa Tonantins para juntar-se aos capuchinhos milaneses no Ceará, para curar-se;[319] os médicos queriam segurá-lo ainda por ao menos dois meses, mas chegando, a saber, que Fr. Ludovico estava doente e que o prefeito tinha ficado sozinho para enfrentar os serviços religiosos no Alto Solimões, decidiu voltar à prefeitura e em 20 de dezembro chegou a Manaus. Encontrou a capital do Estado amazônico presa por uma violenta guerra civil entre os dois partidos que disputavam o cargo de governador do Estado; cena, segundo Fr. Jocundo, muito comum no Norte do Brasil, onde "quase a cada mudança de governador e de prefeito [...] se repetem estes fatos dolorosos, por causa da extrema irregularidade nas eleições".[320] Por dois dias e duas noites enquanto duraram os conflitos os frades permaneceram trancados em casa e apesar do "zunido das balas, o ribombar das dinamites e o cair das casas", restaram ilesos eles com a casa e isso graças à prudência, que lhes havia sempre aconselhado de ficarem fora das disputas políticas e de dedicar-se só ao "bem das almas". Em 4 de janeiro, Fr. Jocundo subiu no barco com destino a Tonantins; oito dias de navegação e chegou à destinação, acolhido festivamente pelos alunos do colégio São Francisco de Assis, pelos sócios do Círculo Católico e pelas meninas

[319] "A minha não era só uma doença, era um complexo de males reunidos juntos – escrevia Fr. Jocundo – como declarou o médico depois de minucioso exame, estava infectado de impaludismo, polineurite e de grave irritação dos intestinos e do fígado. Todo o meu corpo tremia e as veias dos pés pareciam querer explodir de um momento para outro, pela dificuldade de circulação do sangue. A enérgica cura à qual fui submetido pelo Dr. Távora e os amáveis cuidados dos irmãos me fizeram melhorar": ivi, 4. Notícias detalhadas sobre seu estado de saúde estão também contidas na carta enviada de Tonantins ao ministro provincial em 12 de março de 1917. Cf. APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 7, F-G.

[320] As irregularidades chegavam ao paradoxo de que no fim dos escrutínios "cada um dos partidos – escreve Fr. Jocundo – pode proclamar uma esmagadora maioria de votos obtidos. Eis o motivo das lutas, terríveis inimizades, as pretensões e as consequentes revoltas". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione anno 1917, 6.

da Pia União dos Anjos. Gostaria de ter dado mais tempo e atenção às instituições que havia criado, mas a carência de missionários o obrigava novamente a programar incursões ao longo dos rios para não perder o contato com os indígenas; assim, no início de fevereiro, Fr. Jocundo iniciou uma excursão ao longo do Solimões, demorando, sobretudo no Auati-Paraná e na ilha de Urutuba, onde permaneceu diversos dias, porque encontrou reunidos "todos aqueles fiéis que geralmente vivem espalhados, trabalhando dentro das matas".[321]

Em 13 de março, depois de uma breve parada em Tonantins, estava de novo ao longo do rio Içá, visitando barracos e vilarejos, alguns dos quais havia mais de cinco anos que não viam um sacerdote.[322] Pela Páscoa, Fr. Jocundo encontrava-se novamente em Tonantins e teve de enfrentar um problema bastante sério e fundamental: o rio Tonantins, afluente do Solimões, era navegável só por seis meses ao ano e não permitia, portanto, aos barcos, pelo resto dos meses, chegarem ao centro habitado. Sendo a navegação o único meio para manter o movimento, de homens e de mercadorias, há tempos havia-se o pensamento de deslocar o centro habitado para a foz do Tonantins; a proposta, apresentada no dia de Páscoa numa assembleia pública, presidida por Fr. Jocundo, teve êxito positivo e imediatamente começaram os trabalhos de retirada do mato.[323]

A doença de Fr. Ludovico tinha deixado São Paulo de Olivença sem missionário e o prefeito havia encarregado Fr. Jocundo de ocupar-se também das necessidades espirituais daquele território; no final de maio de 1917 o encontramos, portanto, em São Paulo de Olivença. Uma dezena de dias para administrar os sacramentos, cuidar do catecismo, celebrar as funções religiosas e, depois, seguir viagem num

[321] Ivi, 9.

[322] Durante a viagem de retorno, um índio ofereceu-se para remar e acompanhar Fr. Jocundo até Tonantins; depois, aproveitando-se da passagem de um conhecido seu, deveria retornar. Na realidade, chegados à destinação "nem o índio me falou de ir embora, nem eu – escreve Fr. Jocundo –, tive coragem de mandá-lo de volta. Assim permaneceu entre nós e é o doméstico Camilo Nicolasso, que ajuda continuamente nosso confrade frei Martinho de Ceglie no trabalho manual": ivi, 11.

[323] Os trabalhos duraram cerca de dois meses, mas no fim da operação, escreve Fr. Jocundo: "tudo permaneceu suspenso porque começava o tempo de extração da borracha e os operários com os patrões deveriam ausentar-se necessariamente até o novo ano": ivi, 12.

pequeno barco, para o rio Jacurapá. A viagem foi sinistrada por um naufrágio que não deixou vítimas, mas afogou todos os paramentos sacros do missionário que, por um mês, foi obrigado "a celebrar sempre com paramento vermelho".[324] Sucessivamente Fr. Jocundo entrou no rio Içá e deteve-se na pequena cidade de Santo Antônio do Içá, cerca de quatro horas de navegação de Tonantins, para onde se apressou em retornar porque o naufrágio tinha dado origem a uma forte bronquite. Um mês deitado na rede, sofrendo de uma incômoda tosse, depois a melhora e a necessidade de visitar o outro posto missionário, deixado sem sacerdote desde o retorno à Itália de Fr. Ludovico, isto é, Remate de Males, aonde chegou aos 15 de outubro de 1917. Também ali demorou aos menos dez dias, para organizar o catecismo e preparar as crianças para a primeira comunhão, depois, em 24 de outubro, a bordo de uma lancha, entrou no Javari e sucessivamente no Curuçá até a foz do rio Arrojo, uma espécie de torrente com um regime de águas muito irregular e por isso, provavelmente, nunca visitado por um missionário;[325] tentou em 1916, inclusive o prefeito, mas sem sucesso.

Chegou ao objetivo, em vez, Fr. Jocundo, que tocou a última localidade chamada El Gaucho, mas sem proveito porque teve de constatar a completa ausência de homens e mulheres no vilarejo; o motivo devia-se ao fato de que, naquela região, existiam somente árvores "produtoras de caucho", as quais, para obter o produto, diferentemente da seringueira, que produzia borracha por incisões diárias da casca, eram totalmente cortadas "até a raiz"; era natural, portanto, que, depois de poucos anos de extração, aqueles que desejassem ainda continuar a extrair caucho deveriam sair "à procura de árvores produtoras bem longe".[326] Voltou a Remate de Males aos 15 de dezembro justo em tempo

---

[324] Por fortuna – escreve ainda Fr. Jocundo – que "havia colocado as hóstias numa maleta de mão que estava na segunda canoa; se não, ninguém no Jacurapá poderia ter ouvido a Santa Missa": ivi, 12.

[325] "O volume das águas muda de uma semana à outra: estas abundantíssimas hoje, daqui a 24 horas podem diminuir tanto – escreve Fr. Jocundo – que dão passagem somente a pequenos barcos. É devido a isto que ninguém se lembra de ter andado um sacerdote naquele rio": ivi, 17.

[326] Ivi, 18. "Deve-se notar que, naquelas regiões extremas, já quase não se encontra mais a árvore de seringueira que dá a borracha; se encontra, em vez, em suficiente abundância a árvore produtora do caucho, e é da extração desta que vive aquela pobre gente. Entre a extração da borracha e do caucho tem dentre outras coisas esta grande

para celebrar o Natal que Fr. Jocundo, para obter a máxima participação, organizou de tal modo a agregar todas as categorias sociais; em particular cada noite da novena preparatória foi confiada a um grupo de pessoas que se dedicaram a organizar a celebração religiosa e a recolher as ofertas.[327] Evidentemente a competição involuntariamente estimulada pelo missionário deu os seus frutos e a participação às funções superou qualquer previsão, tanto que a pequena igreja não pôde conter todos os presentes; foi então inevitável a Fr. Jocundo advertir o povo de Remate sobre a necessidade de munir-se de uma igreja à altura de sua importância. "As minhas palavras caíram sobre a pedra" – anota Fr. Jocundo – e subitamente se formou uma comissão que para recolher fundos teve uma ideia inusitada: decidiu de fato fazer um leilão público de objetos "de toda espécie", recolhidos no lugar; o leilão acontece "entre a função da noite e a missa de meia-noite", e teve um discreto sucesso arrecadando quase 1.600 liras, a serem destinados, pois, à construção da nova igreja.[328]

A construção da nova igreja na foz do Tonantins, depois de um início promissor, teve porém uma dolorosa pausa, causada por contrastes e divergências entre facções opostas que obrigaram o prefeito, para defender a autoridade eclesiástica, a recorrer à polícia.[329] Retoma-

---

diferença: aquela se extrai todo dia das próprias árvores fazendo sobre as cascas dessas cortes diversos; em vez, para extrair caucho, aqui costuma-se cortar a planta até a raiz e de tal modo é natural que somente uma única vez se possa extrair o produto da árvore. Disto ocorre que, depois de poucos anos de extração, quem desejar obter caucho deve procurar as plantas produtoras bem longe".

327 "Para estimular a participação – escreve Fr. Jocundo – havia distribuído as noites de novena entre as várias classes de pessoas e para cada uma das classes tinham sido escolhidas pessoas para organizar o movimento e recolher ofertas para cobrir as despesas. A primeira noite foi confiada às senhoras, a segunda aos comerciantes, a terceira aos empregados navais, a quarta à colônia portuguesa, a quinta às meninas, a sexta aos músicos, a sétima aos donos de terras, a oitava às jovens, a nona às autoridades públicas. Obtive o intencionado": ivi, 22.

328 A intensa atividade levada adiante pelo missionário o forçou a um período de repouso na ilha de Aramaça. APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911-1919), Relazione annuale 1918, Tonantins, 26, abril, 1919, 25.

329 No relatório de 1918 vem narrada detalhadamente a confusa história que impediu temporariamente a construção da nova igreja. Sublevada por alguns mandatários locais e por alguns indivíduos ambíguos, parte da população, contrariamente ao que se tinha estabelecido, decidiu reconstruir a velha igreja e sequestraram todos os objetos e arreios sacros presentes nela. Frei Evangelista foi obrigado a ir até Manaus para

da a calma e a legalidade, foi Fr. Martinho a dedicar-se com coragem e generosidade à construção da nova igreja e da residência missionária: "ajudado por vários homens chamados para este fim – anota Fr. Evangelista no seu relatório –, ele embrenhava-se quase todo dia na mata fechada, onde a terra ainda não pisada mostra com pompa as mais diversas espécies de árvores. Escolhia aquelas que lhe serviam, abatia-as ou as fazia derrubar, e depois, ajudado pelos outros, as transportava até o local da construção. Este trabalho durou mais ou menos seis meses".[330] Para construir uma residência duradoura, confortável e higiênica, Fr. Evangelista não economizou despesas e para obter trabalhos artisticamente regulares, fez vir de Manaus inclusive um carpinteiro e um pedreiro.

O problema da construção de uma nova igreja surge também em São Paulo de Olivença, onde, conforme o relatório anual do prefeito, a ausência do missionário tinha agravado as condições morais da população, definida "indiferente e viciosa"; desordem na condição política da comunidade, a tal ponto de desejar-se uma mudança nas eleições administrativas que deveriam ocorrer em 1918; abandono da prática religiosa[331] como também dos trabalhos iniciados por Fr. Jocundo para construir a nova igreja dedicada a São João Batista.[332] Frei Jocundo,

---

pedir a interferência das autoridades estaduais e o envio de um contingente policial. No fim tudo se aplacou e os trabalhos para a construção da nova igreja e da residência missionária na foz do Tonantins puderam recomeçar: ivi, 7-19.

[330] Ivi, 19. Eis como frei Martinho, numa carta ao ministro provincial, descrevia o seu exaustivo trabalho e seu abatimento: "Já faz muito tempo que não lhe escrevo mais e isto não foi má vontade, mas somente por ter-me encontrado ocupadíssimo no trabalho da nova casa de Tonantins. Esta vida de cão. Precisei passar anos inteiros, posso dizer, sempre no meio da selva a cortar árvores para aprontar o material para a casa nova [...] agora me encontro em Manaus, para onde vim exausto para recuperar-me um pouco". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 2, M – P, frei Martinho ao ministro provincial, Manaus, s.d. [ma, 1919].

[331] "Não se encontra quase nenhum pai ou mãe que ensine aos filhos ao menos o sinal da santa cruz ou uma pequena prece de manhã e à noite". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911 – 1919), Relazione annuale 1918, 21

[332] "O rev. Fr. Domingos ali tinha iniciado dois anos antes uma pequena igreja dedicada a São João Batista: adoentado e mudando-se para Manaus, tudo tinha permanecido como estava, sem que nem ao menos uma daquelas pessoas se preocupasse minimamente": ivi, 21.

voltando da excursão no Javari, retomou o controle da situação e não só, com a professora Carmelita Hollanda, conseguiu reerguer a escola de catecismo, mas ainda iniciou o restauro da residência missionária e a construção da igreja. Para enfrentar as despesas, pôde contar com um pequeno fundo deixado por Fr. Ludovico e com o arrecadado com uma rifa.[333] A solene cerimônia de bênção da nova igreja acontece no dia 15 de agosto de 1918 com a presença do prefeito, vindo a propósito de Tonantins; a festa concluiu-se com um lanche na residência missionária, uma ocasião de amizade e familiaridade que serviu para tornar menos traumática a passagem "das sacras imagens" da velha igreja matriz à nova, uma transferência ácida e malquista pelo povo e que – conta o prefeito – resultou carregado de "cismas".

Terminadas as festas organizadas para a solene bênção da nova igreja, o prefeito voltou a Tonantins e Fr. Jocundo preparou-se para a excursão evangélica anual ao longo do Javari e seus afluentes. Chegou a Remate de Males aos 15 de setembro com a intenção de prosseguir até a nascente do rio, "lá em cima onde [...] deixa o nome de Javari e recebe aquele de Jaquirana".[334] Iniciou a subida a bordo de um batel, mas a sua saúde, "já muito abatida" e uma alimentação exclusivamente à base de um "grande peixe muito insalubre chamado pirarucu", obrigaram-no a desistir da empresa e a voltar atrás num barco. Ainda mais de um mês no Curuçá, com o intento de, chegando à foz, ir até Remate de Males, mas os dois remadores, um dos quais fazia também as vezes de sacristão, caíram doentes, golpeados pela febre chamada sezão; foi necessário portanto esperar a passagem de uma lancha e com esta chegar a Remate, para curar os dois nativos. Foi ali que soube da notícia da chegada da epidemia de febre espanhola ao Brasil; "chegando ao Brasil – escreve o prefeito –, tinha enchido um hospital e meio cemitério";[335] a resposta, também no Amazonas, foram tríduos e procissões.

---

[333] A rifa tinha como prêmio dois quadros, "já comprados para este fim pelo rev. Fr. Ludovico e resultaram num lucro de cerca 500 liras": ivi, 25

[334] Ivi, 29.

[335] Uma descrição detalhada dos devastantes efeitos da difusão da epidemia em Manaus é oferecida pelo relatório que Fr. Hermenegildo enviou ao prefeito: "Durante a epidemia deveu-se fechar a escola [...] Foram dias um pouco alarmantes, mas, enfim, enquanto famílias inteiras caíam dia a dia a ponto que os escritórios públicos, comér-

Em Remate, onde estava Fr. Jocundo, as orações públicas duraram ao menos dez dias e foram concluídas com uma procissão penitencial da qual participaram muitos "sem distinção de grau, condição e idade".[336] Terminada a santa missão em Remate de Males, Fr. Jocundo desceu em barco ao longo do rio Solimões, demorando-se, sobretudo em Amaturá; um pequeníssimo vilarejo, mas segundo o prefeito que concorda com o pensamento de Fr. Jocundo, "o melhor de toda a prefeitura apostólica"; seria oportuno, para obter frutos mais copiosos, deixar ali estavelmente um missionário.[337]

Apesar da emergência sanitária a atividade pastoral dos frades de Manaus não parou, em particular de Fr. Domingos; o capuchinho de Gualdo Tadino tinha se tornado também o confessor do bispo, encargo que o obrigava a seguir muitas vezes o prelado nas suas visitas pastorais, mas, dotado de grande visão e perspicácia, não abandonou o campo missionário e em 4 de abril conseguiu inaugurar uma escola noturna gratuita, subitamente frequentada por 70 alunos. Em 29 de setembro foi solenemente inaugurada a Igreja de São Sebastião, "novamente remodelada e decorada, enriquecida com belas pinturas do professor Ballerini, de Roma".[338] A atividade de Fr. José, além de desenrolar-se nos consuetos canais de assistência religiosa, encontrou um novo setor na promoção de formas de associacionismo e cooperativismo, que deveriam favorecer a atividade produtiva; em particular em 1918, fez-se promotor de uma "sociedade agrícola entre os colonos",

---

cio, correios e mercado, tudo ficou paralisado, nós permanecemos quase os únicos a prestar serviços e ajuda aos necessitados [...] Em dois meses numa população de cerca 4.000 habitantes se teve 2.000 e tantos mortos": ivi, 39-40.

[336] Ivi, 31

[337] A ideia cultivou-a também o prefeito que naquele momento, todavia, considerada a penúria de pessoal, não poderia senão desejar a chegada de novos missionários para enviar um estabelecido em Amaturá. Para se ter uma ideia do trabalho feito por Fr. Jocindo, reportemo-nos aos dados relativos ao seu apostolado em 1918, obtidos do relatório do prefeito: "Batismos 545, Crismas, 212, Matrimônios 49, Sermões 257, Instruções catequéticas 388, Funções sacras 221, Confissões 460, Comunhões 452, Unções dos Enfermos 15, sepultamentos eclesiásticos, 24": ivi, 35-36.

[338] Particularmente apreciadas, segundo o relatório de Fr. José, foram: "a pintura no forro do corpo da igreja" que representava "o martírio e a glória de São Sebastião", as duas pinturas laterais que representam "os dois apóstolos S. Pedro e S. Paulo e o batistério [...] um trabalho todo a óleo, em estilo bizantino": ivi, 38 e 45.

com a intenção de melhorar as técnicas de cultivo e de afrontar, de modo científico, o problema dos diversos parasitas que infestavam as culturas. Acolhida no início com certa desconfiança, parece que a iniciativa tenha suscitado o interesse dos camponeses que, pela sociedade, tiveram à disposição "máquinas, enxofre e arsênico [...] sementes".[339]

O Natal de 1917 será recordado na história da missão como o dia em que os missionários cozinharam e almoçaram na nova casa,[340] mas pelo restante, aquele ano foi realmente horrível. A guerra europeia havia reduzido fortemente o fluxo dos já míseros recursos com os quais a missão dos capuchinhos podia contar a cada ano e ainda mais, depois de quase dez anos, o pelotão de missionários tinha se reduzido dramaticamente, sem cultivar a esperança de poder robustecê-lo brevemente com novas forças. O tormentoso feito da aquisição de uma casa em Manaus, que ocupou desde o início a comunidade, era a consequência da incerteza de que caracterizou o próprio nascimento da Prefeitura do Alto Solimões; Manaus, como sabemos, ficava fora dos confins da prefeitura e os capuchinhos umbros podiam exercer o seu apostolado na capital do Amazonas somente em virtude do fato de que tinha sido concedida e estes a paróquia de São Sebastião. Esses, todavia, compreenderam logo que aquela presença era importantíssima, não só para "encontrar aqueles cuidados e aqueles alívios" que era impossível encontrar no interior da missão, mas também e, sobretudo, porque os proventos dos serviços sacerdotais em São Sebastião muitas vezes constituíam o único recurso econômico para sustentar a atividade social e pastoral no interior da missão.[341]

Um fio de esperança rumo à solução da questão acendeu-se, como dissemos, quando em março de 1914 chegou a Manaus, na qua-

---

[339] Um dos problemas mais graves dos cultivadores era a invasão periódica de saúva, grandes formigas que constituíam um verdadeiro e próprio flagelo; enxofre e arsênico serviam justamente para eliminá-las: ivi, 44.

[340] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 1, Relazioni annuali (1911 -1919), Relazione annuale 1918, 28-29.

[341] Uma detalhada descrição das vantagens que os capuchinhos umbros obtinham da presença em Manaus está exposta na carta que o prefeito enviou ao ministro provincial em 1.º de agosto de 1917, no qual repercorre também toda a história da casa, em particular as relações com a Diocese. APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1917), Tonantins, 1.º, agosto, 1917.

lidade de administrador apostólico, dom Santino da Silva Coutinho, encarregado de livrar o patrimônio da Diocese das pesadas hipotecas adquiridas por mons. Hipólito Costa. Frei Evangelista pensou que tinha chegado o momento de agir e descarta a hipótese, por falta de recursos, de adquirir a residência, propôs ao arcebispo a instituição de um colégio masculino em Manaus, nos espaços adjacentes à Igreja de São Sebastião; os capuchinhos umbros providenciariam o pessoal enquanto o produto econômico da atividade da escola seria destinado ao caixa da Diocese. Embasado em tal proposta, chega-se a estipular um contrato que concedia a residência conveniente porque junto à igreja, e comprometia-os na abertura de um colégio para os jovens da cidade de Manaus. A escola não teve grande sorte, a guerra tinha impedido o envio de novo pessoal à missão e rapidamente o prefeito foi forçado a recrutar, na qualidade de professores, leigos nem sempre preparados, que não conseguiram deslanchar a iniciativa.

As autoridades diocesanas não estavam contentes com o resultado do colégio e no vencimento do contrato, o novo arcebispo dom João Irineu Joffily, por meio da imprensa, tornou público que era sua intenção chamar a Manaus os padres salesianos para abrir um novo colégio masculino. Era o mês de dezembro de 1916, Fr. Evangelista estava então em desobriga no alto Curuçá, mas advertido por Fr. Domingos das intenções do arcebispo, foi até Manaus, onde chegou aos 6 de março de 1917.[342] Do colóquio que teve com o bispo, Fr. Evangelista compreendeu que ele já tinha tido tratativas diretas com os padres salesianos aos quais teria concedido o palácio episcopal para transferir-se para outra residência que o prefeito intuiu imediatamente ser aquela que ocupavam os capuchinhos umbros.[343]

---

342 Frei Evangelista julgou a declaração do bispo “imprudente e desrespeitosa” para os capuchinhos; imprudente porque – escreve Fr. Evangelista – “compreende-se que dois colégios masculinos católicos em Manaus não podem subsistir sem eliminarem-se mutuamente. Desrespeitosa porque, por mais que o nosso colégio não tivesse as melhores impressões, não convinha chamar logo uma nova congregação para dirigi-lo sem antes entender-se conosco, com quem já estava comprometida a Diocese”: *Ibidem*.

343 “Indagando, soube que o bispo estava em tratativas diretas com os padres salesianos com os quais havia se comprometido a ceder o atual palácio episcopal, obrigando-se

A solicitação do bispo torna-se determinação e foi a de oferecer em venda a casa aos capuchinhos ou em alternativa o pagamento de um aluguel adequado, fixado em cerca de 780 liras mensais; Fr. Evangelista conseguiu tempo, apresentou a questão aos confrades e todos, afirma na sua correspondência, foram da opinião de que ocorria "tentar um passo decisivo".[344] Atrás da Igreja de São Sebastião tinha um terreno disponível, o prefeito o adquiriu num leilão público ao preço de 13.805,48 liras, fez depois aprovar um desenho que obedecia "às leis edilícias" e não ofendia "a modéstia capuchinha" e em 2 de junho assinou o contrato com o construtor-empresário; em 4 de junho foi posta e benta a primeira pedra, com o compromisso de entregar a residência no início de dezembro de 1917. Todo o esforço foi sustentado pela beneficência privada, mas, sobretudo, do empréstimo obtido de Joaquim Gonçalves de Araújo, português ao qual – escreve Fr. Evangelista – "devemos tudo".[345]

Mais uma vez o caráter decisivo e impulsivo do prefeito tinha prevalecido; é verdade que ele tinha agido num estado de necessidade, mas concluía que, talvez sobre uma questão tão delicada, deveria ter estimulado uma maior partilha, da província e dos confrades: "Mto. rev. frei provincial – escrevia concluindo sua carta-relatório – não sei como será julgado este meu ato. O tempo encurtava, e qualquer ilação me faria perder o terreno, único disponível próximo à igreja. Da minha parte fiz tudo com ciência e consciência, e tirei um peso da

---

a sair de lá, mudando-se para outra casa. Ora, esta casa não poderia ser outra que aquela ocupada atualmente pelos capuchinhos [...] era obvio que o bispo pretendia afastar-nos da sede do colégio e da igreja porque outra casa que nos servisse e a tal escopo não se encontra nas vizinhanças de São Sebastião: *Ibidem*.

344 "Considerei então que 707,96 mensais dão um total anual de 8.495,42 liras, que no fim de oito anos somam um total de 67.963,36 liras, e depois de tanta despesa não teremos uma casa própria. Julguei que convinha tentar um passo definitivo. Os nossos confrades todos também concordaram": *Ibidem*.

345 "Graças sejam dadas a Deus e depois d'Ele ao excelentíssimo senhor comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, ao qual devemos tudo. À Diocese nada devemos. Deu--nos é verdade a igreja para oficiar; mas nós, além de a transformarmos da numa joia, trabalhamos no passado e presente para o bem da mesma Diocese; se nos deram uma casa para habitar, pagamos o aluguel mensalmente com o suor dos nossos religiosos. A nova casa de Manaus em poucos anos se pagará, e a província e a missão terão uma casa a mais": *Ibidem*.

alma que há sete anos me oprimia e absorvia a minha atenção".[346] Certamente, reconhecia e não o escondia, que o empenho financeiro contraído com o "benfeitor" era considerável e que de tal coisa teria sentido o peso das despesas à prefeitura, que por qualquer ano tinha restado "priva do discreto subsídio que recebia da casa de Manaus".[347]

8. *Pequenos conflitos*

Provavelmente não é de se estranhar nesse fato o emergir, sempre no ano horrível de 1917, de uma cabulosa história, que já há algum tempo estava para pegar fogo, e que envolveu a figura do próprio prefeito. Como tantas histórias tristes, também esta inicia com uma carta anônima ao ministro provincial; era novembro de 1916 quando chegaram à província duas pequenas páginas, escritas à máquina, bem cheias, nas quais, alguns missionários, "movidos pela obrigação de consciência", levavam a peito a figura e a atividade do prefeito. Em primeiro lugar, apontavam o dedo contra a organização da missão, "de nenhum modo satisfatória", antes de tudo porque o responsável, em vez de "dar bom exemplo [...] ser o modelo", se esquivava; estava quase sempre em Manaus,[348] além do que, irritando o bispo local que

---

[346] *Ibidem.*

[347] *Ibidem.*

[348] Toda a correspondência entre a província e a prefeitura está recolhida em APCA, 103, *Missioni-Varie*, 4, *Ricorso contro il M.R.P. Prefetto della Missione di Alto Solimões fatto con lettera anonima ed inchiesta fatta per mezzo di lettere ai PP. Missionari e loro risposte*. 1917-1918 (de agora em diante Ricorso contro il M.R.P. Prefetto). O texto completo do protesto foi copiado pelo provincial que o enviou a todos os padres definidores da província, para pedir conselho sobre o que fazer [*Ricorso contro ll M.R.P. Prefetto*, Foligno, 23, novembre, 1916, cópia da carta circular]. Escrevem os anônimos missionários ao Fr. Evangelista: "Desde quando veio esteve quinze ou vinte dias em São Paulo de Olivença, 2 vezes em Tonantins e com o mesmo vapor retornou, significa que esteve cinco ou seis dias cada vez. Neste ano pois que parecia retirar-se definitivamente para Tonantins, ali ficou um mês depois de que foi ao Japurá e depois de dois meses encontra-se de novo em Manaus onde está no momento". O convite ao Fr. Evangelista para que tivesse residência fixa na prefeitura lhe tinha sido feito, dede o ano de 1914, pelo Ministro Geral e pelo prefeito da *Propaganda Fide*: "Muito rev. frei constatando que o p.v.m.r. não há ainda fixa a própria residência na prefeitura, mas que continua a residir em Manaus, e sabendo ainda que o cardeal

costumava dizer privativamente que o prefeito estava "constituindo Diocese dentro da Diocese" e habitava em lugar que não lhe pertencia. Acusações pesadas, que atacavam a própria essência do seu apostolado ("se chama para confessar nos dias de grande afluência e não vem, para pregar e não prega, a missa ele a diz na hora mais cômoda") e a sua pessoa, julgada por demais autoritária e despótica.[349]

A denúncia provocou uma profunda consternação em Fr. Giulio, reeleito havia pouco para o comando da província, que informou aos frades definidores. Ele estava consciente de que as cartas anônimas eram "a arma do vil" e, todavia, estava convencido de que "alguma coisa de verdadeiro" poderia existir; não antes do ano precedente tinha recebido uma carta com tons análogos, mas dessa vez assinada por um missionário,[350] que o havia obrigado a escrever ao prefeito "fazendo-lhe algumas reclamações e pedindo-o especialmente para mostrar afeto e estima para com os outros missionários, agindo sempre de acordo com estes". Naquela ocasião o prefeito havia respondido "afirmando a sua

prefeito de *Propaganda Fide* vos tenha escrito a este propósito desde ao ano passado, sentimos o dever de exortar-vos à observância deste ponto da disciplina". Na carta o Ministro Geral o recordava também que "todos os subsídios da S. C. de Propaganda ou da Propagação da Fé de Lião, são exclusivamente destinados à Prefeitura de Alto Solimões e por consequência não podem ser utilizados em obras existentes fora dos confins da mesma prefeitura, e.g. em Manaus" [*Ricorso contro il M.R.P. Prefetto*, Roma 20, abril, 1915, cópia]. Naquela circunstância a defesa de Fr. Evangelista foi recordar ao Ministro Geral a autorização do prefeito de *Propaganda Fide*, datada de 16 de agosto de 1911, que lhe consentia, consideradas as "enormes dificuldades" para implantar a missão, de residir em Manaus; depois de tal disposição o prefeito negava ter recebido qualquer outra deliberação. Tranquilizava, além disso, a cúria geral que, do dinheiro recebido dos benfeitores, "nem mesmo um centavo" tinha sido gasto fora dos confins da prefeitura, antes, acrescentava, "a casa de Manaus não só não recebeu nada da prefeitura, mas esta foi eficazmente ajudada daquela especialmente em momentos de doença dos missionários": ivi, Manaus, 25, junho, 1915.

349 "E quanto a tratar das coisas mais importantes da missão é um autocrata, não só não ouve o conselho de ninguém, mas nem ao menos lhes dá a mínima participação, como aconteceu quando queria modificar a missão com aquela do Acre e de muitas outras coisas se soube somente quando já tinham sido feitas": ivi, Foligno, 23, novembro, 1916.

350 Da resposta de Fr. Alessandro, residente no convento de Gualdo Tadino, à carta circular do ministro provincial, contendo anexada a carta anônima de denúncia contra o prefeito, tomamos conhecimento que o autor da carta contra Fr. Evangelista era Fr. José de Leonissa: ivi, Gualdo Tadino, 25, novembro, 1916.

inocência em tudo", mas a essa altura, "por todo um conjunto de coisas", Fr. Giulio estava convencido de que na missão já tinha entrado "o demônio da discórdia e talvez também da inveja".[351] Sabia muito bem que talvez o único modo para retornar a paz e a serenidade teria sido aquele de ir pessoalmente à America, mas a guerra desaconselhava de maneira absoluta tal viagem longa. Não restava outro senão pedir o conselho dos frades definidores, que prontamente responderam. Frei Alessandro, do convento de Gualdo Tadino, aconselhava de efetuar uma visita canônica à missão por algum padre das prefeituras limítrofes e depois, com base no relatório, tomar providências;[352] do hospital territorial de Espoleto, Fr. Agostino considerava que a melhor coisa a fazer seria uma visita pastoral à missão, mas sendo impossível efetuá -la, "pela tristeza dos tempos", se poderia enviar uma carta a cada um dos missionários, "com preceito grave de manter o segredo", convidando-os a exprimir "quanto em consciência têm a deplorar por conta do frei prefeito";[353] também Fr. Serafino de Trevi, do convento de Foligno, descartada a hipótese da visita direta do provincial, propunha "escrever direta e separadamente a todos e cada um dos missionários, incluindo os irmãos leigos ordenando-lhes que referissem fielmente tudo aquilo que são a cerca do andamento da missão, citando fatos e indicando pessoas".[354]

Mesma opinião exprimia Fr. Daniele que sugeria enviar "a cada um dos missionários uma espécie de questionário chamando à consciência destes para que dissessem toda a verdade sobre tal matéria".[355] Portanto, confortado por todos os membros do definitório, Fr. Giulio preparou a carta para enviar aos missionários, escrita em latim, à qual acrescentou outra, para os dois leigos, em italiano. A carta levava em consideração todas as críticas apresentadas na denúncia anônima a respeito do prefeito e pedia esclarecimentos aos missionários a respeito da

---

[351] Ivi, Foligno, 23, novembro, 1916.
[352] Ivi, Gualdo Tadino, 25, novembro, 1916.
[353] Ivi, Spoleto, 27, novembro, 1916.
[354] Ivi, Foligno, 29, novembro, 1916.
[355] Ivi, Foligno, 2, dezembro, 1916.

constância e continuidade do seu serviço e o grau de participação nas decisões consideradas relevantes para o futuro da missão.[356]

A primeira resposta a chegar à província foi aquela de frei Paulo que, com uma carta "desgramaticada", comunicava ao ministro provincial os atrasos na implantação da missão, a escassez de consulta aos confrades por parte do prefeito, o papel insubstituível da residência de Manaus, mas ao mesmo tempo a dificuldade em levar adiante o colégio, sem abster-se, concluindo, de denunciar o ingresso entre os frades de um deletério "antagonismo e espírito de contradição".[357] A

---

[356] O texto da carta enviado aos missionários era o seguinte: "Nos foram referidas algumas acusações contra o frei prefeito, que nos perturbam não pouco e que nos mostram como a missão não seja gerida de modo idôneo; a paz recíproca e a concórdia fraterna parecem ser banidas dos corações dos diletos padres missionários. Nós, em conformidade com o que exige o nosso ofício, queremos extirpar o que não é segundo o reto modo de agir, dar tranquilidade a todos os nossos caríssimos missionários, impedindo ao inimigo de suscitar controvérsias entre os apóstolos do Senhor e de semear cizânia na vinha do Pai Celeste, cultivada com tantos suores, e mandar assim à ruína o fruto de muito trabalho. Com tal finalidade, exortamos a ti, filho caríssimo, de referir segundo a justiça e consciência e unicamente para promover o bem e a glória de Deus. Peço-te *in primis* de declarar abertamente a nós segundo as perguntas que se seguem como o prefeito se comporta e age:
1. A missão é bem organizada segundo as normas que as atuais circunstâncias permitem? E se não é assim, a quem é preciso dar a culpa?
2. Em que modo o prefeito dedica-se às atividades do apostolado, dando bom exemplo aos outros?
3. No agir e no estabelecer a ordem das decisões pede o parecer de outros freires, ou faz do seu arbítrio, o anula e o faz declinar?
4. Depende de algum dos missionários não escutando o parecer dos outros, antes, desprezando-o?
5. Conserva a sede própria da missão, e do dia em que chegou definitivamente, a tem feito crescer ou não conforme a regra?
6. Examinou bem a fundo ou não o parecer dos outros missionários a respeito da aceitação ou não da missão – Tefé – segundo o compromisso que tinha sido assumido? Perguntou-se qual seria o parecer dos missionários?
Esperando o teu relatório, peço ao Senhor para ti todo bem, implorando sobre ti a bênção de Deus e todas as graças celestes, com toda estima e com todo afeto do coração, te saudamos e abençoamos": ivi, Foligno, 4-5, dezembro, 1916. Muito mais resumida a carta enviada aos dois irmãos leigos Paulo e Martinho aos quais o ministro provincial pedia: "como o m.r.p. prefeito cuida do bem da missão e dos missionários e se cumpre exatamente com todos as obrigações inerentes ao seu ofício": ivi, Foligno, 4/12/1916.

[357] "Em primeiro lugar a respeito da missão, segundo o meu modo de ver e pelo que escuto dos outros religiosos parece que, em vez de progredir, se vai regredindo, não

carta do outro irmão leigo, frei Martinho de Ceglie, chegou na província somente no fim de maio; às perguntas do ministro provincial frei Martinho respondia: "Quanto ao frei prefeito eu lhe posso dizer bem pouco. Também ele trabalha e vai exercer o ministério apostólico. O defeito que há é o de não aconselhar-se com todos os frades. Com o Fr. Hermenegildo e com Fr. Jocundo aconselha-se mas com os outros não, e por isso os outros não estão contentes. Eu é verdade que sou um pobre leigo, mas vejo que nas coisas materiais Fr. Jocundo sempre se aconselha também comigo; e em vez o prefeito não, e por isto às vezes comete erros".[358]

Mais longa e articulada foi a resposta de Fr. Jocundo, pontualmente acusado de exercer uma forte influência junto ao prefeito.[359] Dezesseis páginas, nas quais, ponto por ponto, protege o prefeito e se defende; é somente disposto a admitir que Fr. Evangelista frequente-

---

sabendo porém dizer-lhe o motivo e a razão de que depende isto; se é permanência de sujeitos ou pelo terreno estéril, ou ainda se falta ainda um pouco de boa vontade [...] Me pergunta sobre o modo de proceder do r.mo. frei prefeito e sobre seu modo de agir [...] lhe digo que à parte as suas belas qualidades carrega consigo também defeitos e talvez aquele de comandar com a máxima independência e sem querer pretender o conselho de ninguém é esta razão da antipatia que passa entre os confrades e isso [...] Quanto a Manaus as coisas não andariam mal [...] a nossa igreja é bastante frequentada [...] trabalha-se e se faz o bem e lhe digo a verdade tirando a casa de Manaus seria como fechar a missão. Aqui temos a grande miséria de nos faltar a casa própria, naquela que habitamos como o Sr. saberá certamente, é da Diocese, e nela vivemos com contrato de ter um colégio; mas também este, ai dele! As coisas não vão muito bem, e parece que estejam pouco contentes também as autoridades diocesanas deste resultado [...] Uma coisa só acrescento a esta minha carta, é o dever de dizer-lhe e o digo com meu grande desgosto, mas também sou obrigado e creia a pura verdade é esta. Aqui entre nós existe por demais um pouco de antagonismo e espírito de contradição e isto sem dúvidas ninguém poderá negá-lo, é uma coisa que faz verdadeiramente piedade e porque não dizer vergonha"; *Ricorso contro il M.R.P. Prefetto*, Manaus, 30, janeiro, 1917.

[358] APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 2, M-P, fra. Martino da Ceglie al ministro provinciale, Tonantins, 24, maio, 1917.

[359] Referindo-se de fato ao quarto quesito formulado pelo provincial, que perguntava expressamente qual era o missionário que o prefeito prevalentemente costumava consultar, ele escrevia: "Este missionário do qual os recorrentes dizem que o prefeito se deixa guiar, pode ser que seja eu mesmo porque sendo eu somente que moro em Tonantins com ele não saberei de que outro estes possam falar. Eu – continua Fr. Jocundo – não costumo proferir os meus conselhos, mas não posso negar a quem uma vez ou outra nos pede"; *Ricorso contro il M.R.P. Prefetto*, Tonantins, 11, março, 1917.

mente age de forma solitária. Quando se encontrava em Manaus, não desprezava o conselho de Fr. Hermenegildo, nem aquele do próprio Fr. Jocundo, ainda que residisse em Tonantins, mas para o resto não procurava conselhos e a justificação era logo ilustrada: "com os outros frades não costuma aconselhar-se, mas explica as razões. Disse que todas as vezes que foi consultar o Fr. Domingos de Gualdo Tadino, este com o seu habitual desânimo normalmente respondia: o senhor faça como achar melhor. Consultando o Fr. José de Leonissa, este fala, fala, diz uma coisa e outra, e depois de ter falado uma hora, não se sabe se concluirá ou que coisa efetivamente queria dizer. Pelo rev. Fr. Ludovico de S. Giovanni Rotondo, o frei prefeito tem muita estima, mas diz que é um jovem demais absolutista e ama criticar tudo o que os outros fazem".[360] De resto, especificava Fr. Jocundo, a ideia de dar a conhecer a todos os missionários os projetos, as iniciativas e as determinações que o vértice da missão tinha ainda em gestação parecia coisa pouco prudente, confirmada pela ventilada união das prefeituras de Tefé e Solimões, desejada também pela cúria provincial.

A notícia, comunicada a todos os missionários, em pouco tempo difundiu-se, suscitando a indiferença e a oposição do bispo do Pará, que conseguiu transformar em fumaça o projeto; portanto, concluía Fr. Jocundo, "nunca foi prudente ao legislador confiar os segredos de estado ao domínio público, ainda que seja para ouvir o seu parecer".[361] Bem outro é o tom da resposta de Fr. Ludovico sobre quem caía a suspeita de ser um dos principais inspiradores da carta anônima. Frei Ludovico criticava a escolha de Tonantins como residência principal da prefeitura; muito melhor seria São Paulo de Olivença, sede do município e guarnição com guardas em grado de manter a ordem pública coisa impossível em Tonantins, onde sempre ocorriam brigas e badernas sem que ninguém fosse capaz de debelá-las, com grande perigo inclusive para a vida dos missionários.[362] Prossegue com a acusação ao

---

[360] *Ibidem.*

[361] *Ibidem.* Todo o episódio relativo ao projeto de união entre as duas prefeituras está reconstruído por Fr. Evangelista numa carta ao ministro provincial; cf. APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Tonantins, 6, julho, 1916.

[362] *Ricorso conto il M.R.P. Prefetto*, Manaus, 2, maio, 1917. Frei Ludovico estava convencido de que a mudança da sede da prefeitura, de São Paulo de Olivença para To-

prefeito de não enforcar-se no serviço pastoral e de mandar em desobriga os frades jovens, recém-chegados da Europa, "com grande perigo de vida"; de não pregar, acrescentando ainda que seu esforço nesse sentido teria sido imprudente "porque nunca dedicou-se ao estudo das língua e sem estudar a língua não se prega".

A solidão das decisões o havia portado também a cometer erros que tinham custado caro ao caixa da missão; muitos, por exemplo, o haviam aconselhado de não reformar a casa de Manaus que, no fundo, não era dos frades, mas pertencia ao bispo que poderia mudar ou acrescentar outras condições, como de fato – anota Fr. Ludovico – exatamente aconteceu.[363] Pacata e confiável, reveladora da profunda espiritualidade e da sabedoria acumulada nesses quase dez anos ininterruptos de vida missionária, foi a resposta de Fr. Domingos de Gualdo Tadino; lhe pareceu excessivo até o método inquisitório adotado ("parece – escreveu – que queira instaurar um processo, não sei se seja adequada a tão grande gravidade, segundo o que testemunha a minha consciência") e defendeu o trabalho do prefeito julgando a missão "favorável e ordenada" e a sua atividade preciosa e laboriosa ("percorre os

---

nantins, tinha acontecido porque o havia desejado "o Fr. Jocundo e os missionários souberam somente depois que tudo já estava combinado". Ele acreditava que Fr. Jocundo tivesse uma influência exagerada sobre o prefeito: "Tem uma só pessoa que o domina e basta que diga uma coisa que para o prefeito é um oráculo. Esta pessoa é o Fr. Jocundo. Em Tonantins fez o que queria, fez até uma fábrica de tijolos que depois não deu nenhum resultado".

363 "Logo entrando nela o prefeito começou a fazer trabalhos, mudanças, como se a casa fosse sua e tudo isso sem consultar nenhum dos religiosos da família. Eu porém que estava mais em contato com ele, muitas vezes o avisei que não gastasse todo aquele dinheiro na casa dos outros e que antes de fazer aqueles trabalhos assinasse o contrato porque como dizia poderia vir outro bispo e mandar-nos embora da casa". Assim, de fato, conforme conta Fr. Ludovico, aconteceu porque quando o prefeito foi ao Pará "para assinar o contrato com a administração, em vez de ser por muitos anos como prometido por palavras, foi somente por dois anos e o prefeito teve que assinar porque já tinha gastado o dinheiro. Agora, tendo chegado o novo bispo, logo avisou ao superior que precisava da casa, e que se os frades quiserem permanecer devem pagar quinhentas liras por mês [...] Agora estamos sem dinheiro e sem casa, porém isto não teria acontecido se ele tivesse ouvido a opinião dos outros. E agora se não fosse por um benfeitor que nós temos aqui, estaríamos constrangidos a deixar Manaus": *Ibidem*.

rios para administrar os sacramentos").[364] Caracteres profundamente diversos, Fr. Evangelista e Fr. Domingos, depois da inicial incompreensão, vinham pouco a pouco cimentando uma compreensão que se revelou determinante para o progresso da missão. À impulsividade e desenvoltura do prefeito, Fr. Domingos respondia com a paciência de quem havia aqui e ali os riscos de um gesto impulsivo e de realizações não radicadas nos tempos e nos ritmos do clima e do caráter amazônico; por isso, provavelmente Fr. Evangelista foi acusado de privilegiar as relações com Fr. Jocundo, um missionário, nada caseiro, sempre ativo que, casando-se com uma ideia, queria vê-la logo realizada, próprio como agradava ao prefeito. Mas Fr. Jocundo, seguindo os seus recorrentes pressentimentos, terminou por consumar-se e esgotar-se, enquanto Fr. Domingos, depois de uma crise, compreendeu que era necessário medir as energias com equilíbrio e que naquelas terras só se deveria confiar nas próprias forças, com cautela, para não comprometer tudo o que já se tinha feito com tantos sacrifícios.

---

[364] Eis a resposta completa de Fr. Domingos: "Muito Reverendo Padre, recebi a veneradíssima do P.T.A.R. datada de 4 de dezembro de 1916. Não sem grande dor na alma consegui examinar atentamente a queixa a respeito do nosso reverendíssimo padre prefeito, e o lamento a cerca da nossa falta de concórdia. Considero bastante graves as acusações que foram referidas, enquanto, por toda autoridade de que dispõe o P.T.A.R., parece querer instaurar um processo. Não sei se é assim adequada tal gravidade, conforme testemunha aminha consciência. Que o digam outros. Todavia, cumprindo os meus deveres, que desejo ardentemente contribuam a maioria para a edificação, inicio a responder às perguntas do P.T.A.R., deixando o uso da minha informação ao prudente e sapiente juízo do P.T.A.R.:
1. A mim resulta que a nossa missão seja favorável e ordenada, como é justo nas presentes circunstâncias, espontaneamente.
2. Constato que o revmo padre prefeito deu-se (porquanto de longe me possa constar), certamente segundo o costume dos missionários, percorre o rios para administrar os sacramentos.
3. Consta-me que o revmo padre prefeito, no dispor as atividades e ao resolver as questões mais importantes, busque o parecer (dos missionários).
4. Não me consta que o revmo padre prefeito dependa exclusivamente de um dos missionários, não escutando a opinião dos outros, antes, desprezando-os.
5. Parece-me ser o dever afirmar que o revmo padre prefeito conserve a sede da missão e que habitualmente e ordinariamente a ocupa.
6. Certamente me consta e dou fé que o revmo padre prefeito certificou-se do parecer dos outros missionários a respeito da missão "Tefé" e que foi guiado pela maioria dos votos ao redigir o relatório para mandá-la ao P.T.A.R. E isto é tudo aquilo que sei e o que em consciência posso e devo dizer [...]: ivi, Manaus, 9, fevereiro, 1917.

Recolhidas as respostas dos missionários,[365] o ministro provincial enviou uma paternal carta ao prefeito na qual, pedindo-o que não "quisesse julgar mal o feito [...] nem se irritasse com algum dos frades missionários", pedia-lhe que respondesse aos quesitos levantados na instância anônima e nas cartas dos seus confrades; em particular o prefeito, clara e conscienciosamente, deixando de lado qualquer "sentimento humano ou ressentimento", deveria esclarecer: 1 – As acusações por ele direcionadas aos missionários e contidas numa carta circular a eles enviada, explicitando, se possível, "fatos, pessoas e datas";[366] 2 – O motivo da escolha de Tonantins como residência principal da missão; 3 – Todo o processo relativo ao aluguel da casa de Manaus.[367]

O prefeito esperou quase seis meses antes de responder e quando decidiu fazê-lo, não poupou críticas, uma hora veladas, outras vezes determinantes, ao inusual procedimento que, a seu ver, a cúria provincial havia posto em ação. Considerava de fato danoso que, enquanto um conflito mundial colocava a missão num estado de excepcional dificuldade, que requeria "a concentração e a aplicação de todas as energias físicas e morais", se prestasse atenção a "críticas mesquinhas", que não produziam senão prejudiciais distrações. Estigmatizava que a origem do procedimento tivesse sido uma carta anônima e entendia que em todo o caso a cúria provincial deveria ter tido um comportamento mais adequado aos cânones da caridade e da prudência.[368] A

---

[365] Na pasta não são conservadas as respostas de Fr. José e de Fr. Hermenegildo.

[366] Provavelmente o prefeito ficou sabendo logo das denúncias a seu respeito e em fevereiro de 1917 enviou uma carta circular aos missionários na qual convidava à concórdia e ao sacrifício e estigmatizava a ação daqueles que "sem escrúpulos nenhum, com a máxima calma e com a máxima malícia espalham aos quatro ventos notícias que desonram a missão e os missionários". Cópia da circular é conservada in: APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Tonantins, 22, fevereiro, 1917.

[367] *Ricorso contro il M.R.P.Prefetto*, minuta da carta do ministro provincia ao prefeito apostólico, Foligno, 31, julho, 1917.

[368] Escreve Fr. Evangelista, depois de ter respondido detalhadamente às perguntas do ministro provincial: "O senhor conclui dizendo para não perturbar-me e de receber tudo com a máxima calma [...] me permita ser franco. Sou seguro que o movente de toda esta ação [...] que me diz respeito, foram cartas anônimas enviadas daqui. Foi sempre obra de bom governo desprezar acusações, o autor das quais não ousa assumir alguma responsabilidade, com o refúgio atrás da fácil defesa do anonimato e eu não sei compreender como em vez v. p. tenha desejado dar ao anonimato tanta importância. Parece-

defesa das suas ações foi resoluta. Induzido a dizer nomes e citar fatos, ele não hesitou em escrever que considerava responsáveis de todas as maledicências e injúrias a seu respeito e da organização da missão frei Paulo e Fr. Ludovico que, se bem tratados por ele "com a máxima gentileza, só viviam criticando e murmurando de tudo e de todos";[369] a missão estava ainda em formação e tudo o que se vai formando, escreve o prefeito, é suscetível a "expedientes adaptos ao momento e às circunstâncias".

Por isso havia estabelecido a sede principal da prefeitura em Tonantins, porque ali tinha encontrado: "uma casa conveniente, um vasto terreno e um colégio bem organizado, que serviam para circundar o prefeito apostólico daquela importância e prestígio de que deve ser circundado, se não quiser diminuir na estima daquela população".[370] No negócio do aluguel da casa de Manaus o prefeito esclareceu que, por todo o ano de 1915, o edifício foi concedido pelo arcebispo aos frades a título gratuito, justo para compensar as despesas que os capuchinhos tiveram de enfrentar para adaptar a residência às exigências dos missionários e para a instalação do colégio.[371] Um colégio que,

---

me que o máximo que v. p. poderia ter feito no dito caso era pedir diretamente a mim as necessárias explicações e julgar depois se eram ou não suficientes". *Ricorso contro il M.R.P. Prefetto*, o prefeito ao ministro provincial, Tonantins, 1.º, fevereiro, 1918.

369 Acrescentava o prefeito: "Mandados por mim para curar-se na vizinha missão dos padres capuchinhos milaneses, continuaram também lá a sua nefasta obra de depreciação e de acerba crítica": *Ibidem*. O mesmo prefeito, mesmo em carência de pessoal, desejava que frei Paulo deixasse a missão o mais rápido possível e nesse sentido escreveu uma carta ao ministro provincial na qual afirmava: "Este religioso, além de não dar sinais de vocação para as missões, com o seu ar de filósofo e doutor; por não saber nem falar nem silenciar, põe continuamente em descrédito a missão e os missionários onde quer que vá e com qualquer pessoa que fale". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Fr. Evangelista ao ministro provincial, Tonantins, 5, março, 1917.

370 *Ibidem*.

371 "Como terá notado v.p.m.r. pela leitura do contrato At. 2, é claro que o arcebispo deixou a habitação da casa por todo o ano de 1915 absolutamente gratuita para compensar as despesas que tivemos com a abertura do colégio e com a nossa adequação à dita casa. Ora, no referido ano o aluguel da casa era de 500,000 [réis]. Nós entramos nela no dia 20 de novembro de 1914, portanto fomos dispensados de 13 meses de aluguel em benefício da própria casa e do colégio que dá a soma total de 500.000 × 13 = 6.500.000 [réis]. A soma que gastei para algumas modificações, seja para aprontar a casa, para o funcionamento do colégio incluído todo o material escolar

especificava o prefeito, se tivesse à disposição professores qualificados, teria se desenvolvido tornando-se a melhor escola de Manaus e "com pessoal [...] deficiente faz faltar aquela ordem, assiduidade, primor e interesse que são indispensáveis para o correto funcionamento das escolas e para o proveito dos alunos".[372] A defesa da acusação de não ter seguido a orientação do prefeito da *Propaganda Fide* de mandar um dos missionários residentes em Manaus para o interior, levava em conta um realístico perfil dos missionários envolvidos, lhe deu ainda ocasião para relembrar aos superiores da província de ter pedido, já em 1914, reforços, mas que a sua solicitação tinha ficado sem resposta.[373]

---

para 160 alunos, seja para tornar a casa mais confortável para os religiosos soma o total de 9.620.000 [réis]. E mais, tal casa habitamos todos os anos de 1915, 1916 e 1917: portanto multiplicado 6:500.000 [réis] x 3 que deveríamos gastar em 3 anos de aluguel, temos um total de 19.500.000 [réis], que não pagamos": *Ibidem*.

372 Uma descrição detalhada da atividade do colégio e das dificuldades que encontrou está contida no relatório oficial do prefeito do ano 1917.

373 O documento revela-se uma fonte interessante para compreender não só a personalidade do prefeito, mas também aquela dos outros missionários. Escreve Fr. Evangelista que era sua intenção aderir ao pedido de *Propaganda Fide*, mas que depois de profundas considerações, tinha achado a coisa não somente difícil, mas também contraproducente; de fato, escreve: "o Fr. José aqui não me serviria a nada porque lhe faltam aquela tática, aquele desembaraço e aquele espírito conciliador que são necessários para operar o bem em meio a esta gente. Convém de fato recordar sempre que aqui na Missão do Alto Solimões, só pode obter alguma coisa aquele missionário que a uma sólida virtude some uma delicada prudência, longanimidade operativa e instrução não ordinária seja em matéria religiosa que civil. A maioria da população e toda a parte dirigente é formada por estrangeiros de diversos Estados e nações, de várias ideias, religiões e seitas; que vindos aqui com o único objetivo de fazer dinheiro, não dão muita importância à nossa religião; e só se aproximam do missionário se veem nele não somente o sacerdote mas também um indivíduo que por faculdades pessoais e intelectuais sabe estar em meio aos demais. Se este não sabe desvincular-se facilmente das objeções e dificuldades que lhe são instigadas e se não sabe unir contínua atividade com finíssima prudência, a sua obra não consegue nada se não for prejudicial. O Fr. José, como se vê, não me serviria: nem posso recorrer ao Fr. Hermenegildo, cuja saúde encontra-se num estado deplorável. Poderei chamar o Fr. Domigos, mas antes de tudo faltaria em Manaus uma pessoa que pudesse dirigir convenientemente aquela casa. E depois, a este falta absolutamente o espírito de iniciativa, aquele frescor de ânimo ativo com que se pode aqui obter alguma coisa. Em Manaus está bem, mas dentro da missão, até nos cinco anos que permaneceu, não obtivemos quase nada. Veja portanto m.r.p. que é melhor deixar todos três em Manaus; esperando que a Divina Providência mande o mais rápido da Itália qualquer digno missionário": *Ibidem*.

De modo semelhante à acusação de escassa colegialidade nas decisões adotadas no interesse da prefeitura, Fr. Evangelista replicou, sobre a falsa linha de quanto já antecipado por Fr. Jocundo na sua resposta, que ele, desde 1912, tinha pedido ao Ministro Geral para adequar a estrutura da missão às disposições contidas no Estatuto para as missões, que previam a nomeação de um vice-prefeito, conselheiros e de um superior regular. A resposta, chegada à prefeitura na metade de junho do mesmo ano, aconselhava Fr. Evangelista a continuar a governar, por enquanto, sem encaminhar mudanças e só recomendava consultar "nas coisas difíceis" os missionários "mais maduros", coisa que, sustenta Fr. Evangelista, foi sempre feita: "Obedeci como era meu dever e aconselhei-me com quem me poderia aconselhar".[374]

Tendo desenvolvido em bem oito páginas os argumentos da sua defesa, Fr. Evangelista encerrou a sua carta com um passo cheio de humanidade, mas ainda fortemente crítico em relação à cúria provincial: "M.R.P. Provincial! Não sou um super-homem. Como homem tenho também eu os meus defeitos e cometo os meus erros. É justo, portanto, que no caso de qualquer erro uma voz amiga me avise e me aconselhe. Mas no procurar erros e no julgar-lhes, me seja lícito pedir mais caridade e prudência. Ver certo métodos, saber de certas acusações enquanto ao mesmo tempo, pelas muito críticas circunstâncias e pela extrema penúria de missionários, aqui somos obrigados a sacrificar o resto da saúde e a lutar em meio a mil sacrifícios, para salvaguardar nesta distante e indo-

---

[374] *Ibidem*. Também neste caso as escolhas do prefeito estavam condicionadas pelo caráter dos missionários, escreve, de fato: "o Fr. José, com o Senhor bem sabe, não é pessoa de conselhos; fala, fala e no fim não se sabe aonde quer chegar ou que verdadeiramente pretende. O Fr. Ludovico tinha boas qualidades, mas desde o princípio quer comportar-se como crítico de todo ato e disposição, sem pensar que pela jovem idade e falta de prática lhe faltavam naturalmente os dotes necessários para poder convenientemente julgar e aconselhar: não poderia certamente colocá-lo entre os missionários mais maduros com quem deveria aconselhar-me. Restavam os outros três padres: Fr. Domingos, Fr. Jocundo e Fr. Hermenegildo. Com o primeiro, por algum tempo foi inútil aconselhar-me. Desanimado, abatido, só respondia com frases evasivas, capaz só de comunicar ao interrogante o próprio desânimo, a própria frieza. Depois que o fiz superior de Manaus, reanimou-se, não vê mais tudo obscuro e inútil, e assim eu posso aconselhar-me como o faço toda e qualquer vez que se apresenta a ocasião e a necessidade. Com o Fr. Jocundo e com o Fr. Hermenegildo sempre me aconselhei, e espero que estes encontrem-se no dever de confirmar esta minha afirmação se amam a retidão e a verdade": *Ibidem*.

mável região os direitos de Deus, a saúde das almas e a honra da Ordem; tal coisa é capaz de desanimar o mais forte, de fazer entristecer até um santo".[375] Provavelmente a questão concluiu-se sem consequências, para ninguém. Em abril de 1917, Fr. Evangelista voltava a pedir urgentemente o envio de novos missionários[376] e, depois, terminada a guerra, pensou em ir pessoalmente à Itália.

---

375 *Ibidem.*

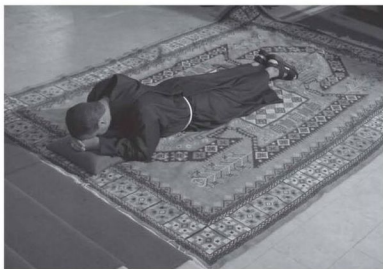
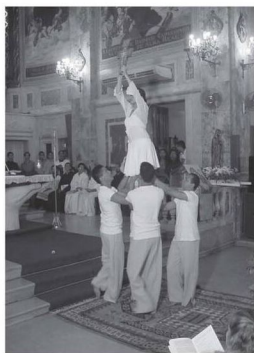
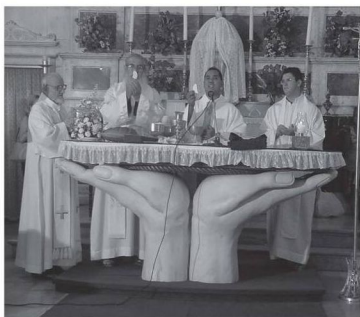
376 "Peço v.p.m.r. que tome todas as medidas possíveis e imagináveis para tornar imediato embarque dos missionários apenas as circunstâncias o permitam porque eu não sei mais onde meter as mãos e antes que termine o ano algum missionário estará fora de serviço": ivi, Manaus, 13 de abril de 1917. Mas no fim de agosto de 1918 esperava ainda novos reforços: "Fr. Jocundo me disse que soube de Fr. Ludovico que 5 sacerdotes estão sempre prontos para partir. Destes 5 me disse que com toda certeza um era Fr. Eusebio, dos outros não há nenhuma certeza. Como a experiência é uma grande mestra, me pareceria conveniente mandar-me os seus nomes com a respectiva idade. Toda a prudência na escolha de pessoal será sempre pouca": ivi, Tonantins, 24, agosto, 1918.

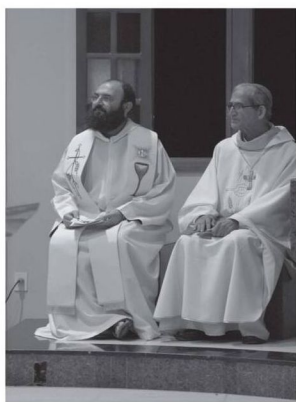
O Ministro Geral frei Clemente de Milwakee com os missionários frei Filippo, frei. Michelangelo e frei Roberto

Frei Fedele e frei Silvestro com outros missionários para o Brasil

O provincial frei Ennio Tiacci com frei. Paulo, Fr. Bernardo e frei Mario

Manaus. Grupo de frades na frente da Igreja de São Sebastião (2000)

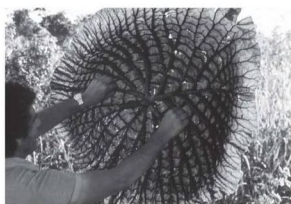
Benjamin Constant. Capela da casa dos missionários

Profissão perpétua de frei Eduardo

Criatividade litúrgica

Ordenação de frei Salvador

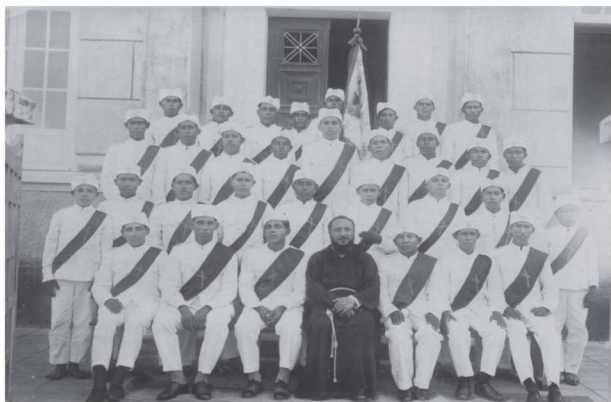
O provincial frei Celestino Di Nardo e frei Tommaso Ottaviani

O provincial frei Antonio M. Tofanelli na inauguração do mosteiro das capuchinhas

Frei Lorenzo de Porto

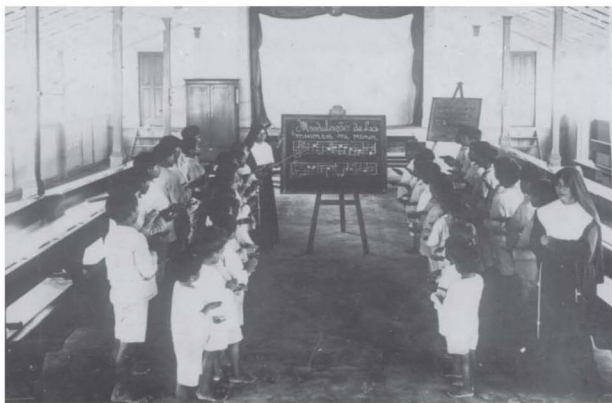
Procissão Eucarística em Benjamin Constant

Embarque das irmãs para a viagem pelo rio

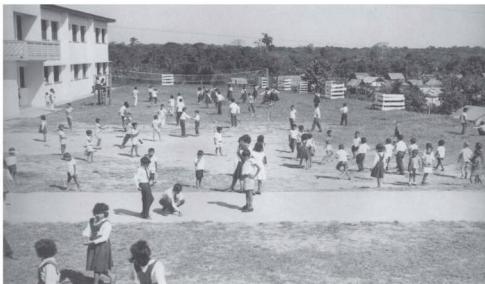
Frei Michelangelo aproveita da *jangada*

Folha de *Vitória-Régia*

Atalaia. Mulher piedosa com uma imagem do santo padroeiro

Frei Rogério em São Paulo de Olivença com a Juventude Católica

Frei Francisco Coelho em frente da catedral de Tabatinga

Benjamin Constant. Procissão de *Corpus Christi*

Aulas de música em São Paulo de Olivença

Aula de educação física em São Paulo de Olivença

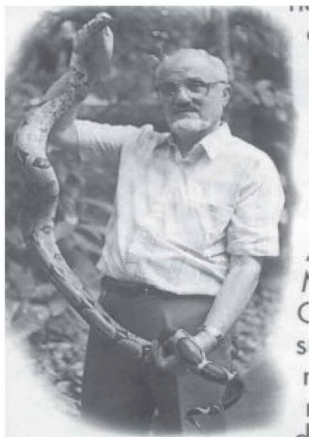
Belém, festa da Nação

Escola de Benjamin Constant

Frei Lorenzo de Porto auxiliando a distribuição de ajuda

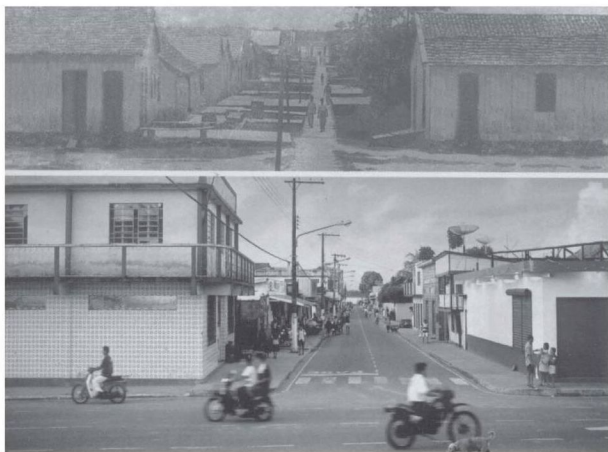
Frei Mario Monacelli

Hospital Sta. Elisabeth.
Sala de operações
Laboratório para análise

Frei Rogério no teatro de São Paulo de Olivença

Artesanato na escola de São Paulo de Olivença

Frei Evaristo com a vida selvagem local

Construção de um barco

Manaus. Favela do Teixeirão

Benjamin Constant. desenvolvimento urbana

Frei Antonino entre as ruínas da antiga Igreja de San Francesco, em Tabatinga

O provincial Raniero de Gualdo Tadino observando uma seringueira

Frei Rinaldo de San Salvo e dom Venceslao Ponti

Benjamin Constant. O jardim do noviciado

Manaus. Cemitério e sepulturas dos capuchinhos

CAPÍTULO TERCEIRO

1. Rumo à terra do ouro negro: a viagem de seis novos missionários

O fim do conflito mundial não tinha trazido como esperavam muitos, um rápido melhoramento das condições econômicas da Amazônia, antes, Fr. Evangelista registrava um aumento quotidiano dos preços dos gêneros de primeira necessidade e a continuidade do embargo no comércio de borracha.[377] Também a espera da confirmação

[377] "No Amazonas inteiro se vive uma situação de verdadeira miséria e desolação por causa do aumento quotidiano dos preços dos gêneros de primeira necessidade e pela não comercialização do único produto do Amazonas desde novembro passado considerado pelos governos inglês e americano como não sendo necessário". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Fr. Evangelista ao ministro provincial, Tonantins, 14, agosto, 1918. Num relatório de abril de 1921, enviada à *Propaganda Fide* em resposta aos 29 quesitos de uma circular da mesma congregação, o prefeito revisitava a história dos primeiros dez anos de permanência dos capuchinhos umbros na Missão do Alto Solimões; da sua reconstrução emergem os sacrifícios e dificuldades para implantar a missão numa terra hostil e privada dos recursos necessários à própria sobrevivência dos missionários. ACPF, *Nuova Serie*, vol. 706, 1921, rubrica 12, Fr. Evangelista da Cefalônia prefeito apostólico do Alto Solimões, Relazione Annuale 1920-1921, 328-364; cópia do relatório, articulado segundo o esquema proposto pela *Propaganda Fide* está conservado também em AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., II, Fr. Evangelista da Cefalônia a *Propaganda Fide*, Tonantins, 22, abril, 1921. "Resposta aos 29 quesitos da circular da Congregação sobre o estado desta prefeitura". Ainda: APCA,102, *Missioni Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione della Prefettura Apostólica dell'Alto Solimões, 1920-1921, Tonantins, 1.º, setembro, 1921. No mesmo relatório se define 1915 como o ano mais dramático da decenal história da missão; naquele ano, de fato, a explosão da grande conflagração europeia, não só havia impedido a troca e reforço do pessoal missionário, mas tinha causado ainda a diminuição do modesto fluxo de dinheiro da Europa, gerando uma crise financeira que ainda em 1920-1921 não acenava terminar. Escreve o prefeito: "A conflagração europeia impediu também que estes [missionários] fossem substituídos; assim a ação apostólica nesta nossa missão permaneceu não digo somente estacionária, mas em boa parte também paralisada: porque os poucos restantes, em número absolutamente insuficiente, tiveram que dolorosamente abandonar temporariamente qualquer ideia de melhorias e de progresso e doar-se com todo o seu esforço, entre mil dificuldades, para alimentar somente e manter a vida daquele pouco de bem que em meio a esta gente já se tinha feito. Neste modo transcorreram os quatro anos desastrosos da

da notícia do envio à missão de quatro novos sacerdotes, mesmo desejada, conseguiu torná-lo ainda mais preocupado porque não conseguia imaginar com quais recursos poderia assegurar o necessário à missão.[378] Atormentado pela suspeita de que na província, depois de quase dez anos, pouco se compreendiam das dificuldades e das privações em que vivia a missão, Fr. Evangelista recordou analiticamente as fontes de sustento, provenientes quase exclusivamente da administração dos sacramentos; uma situação que, todavia, dava prejuízo à atividade missionária e contribuía para o desenho de uma figura do missionário mais como "vendedor ambulante que como embaixador de Cristo".[379]

---

guerra [...] A isto acrescente-se a grande escassez de meios e recursos financeiros na qual vem a encontrar-se neste tempo esta prefeitura apostólica, estreitamentos que se acentuaram ainda mais com o final do conflito europeu": *Ibidem.*

378 Frei Evangelista relata ao ministro provincial que passou "vários dias e noites pensando, imaginando e calculando" se com os novos missionários poderiam finalmente "organizar definitivamente a prefeitura". Depois de profundas reflexões – escreve – "o que se apresentou à minha mente como resposta foi um doloroso não! Não só; mas tive que concluir que provendo a prefeitura apostólica do pessoal necessário e não fazendo o mesmo com os indispensáveis meios financeiros, aqui, com a vinda dos novos missionários nos encontraremos em condições piores que antes, e com uma bancarrota completa deveremos renunciar à missão, num modo pouco honroso diante da Igreja". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), p. Evangelista al ministro provinciale, Tonantins, 30, março, 1919.

379 "Ora, qual é o fundo material sobre o qual se fia esta prefeitura apostólica para a vida e necessidade dos missionários, para os trabalhos indispensáveis e para a organização dela própria? Faz bem dizer clara e especificamente: são as taxas por ocasião da administração dos sacramentos. Para cada Batismo, 15 liras; para cada Crisma, 7 liras; cada Matrimônio, 70 liras. Não falo de missas, porque até agora esta gente não está acostumada a mandar celebrar, se não, pouquíssimas: no curso de um ano, se cada um dos sacerdotes recebe pedido por um total de dez missas é já muita coisa. Aquilo que chame taxas, outro chamará esmolas, mas a esmola deveria ser livre [...] em vez disso nós devemos insistir sobre a quantia anunciada, para não arriscarmos morrer de fome [...] Um missionário que não tivesse a coragem de insistir para receber os emolumentos acima mencionados não poderia sobreviver [...] Como é triste a situação a que chegamos! Para a grande maioria dos fiéis, por isso mesmo, o missionário perde a sacra auréola de embaixador de Cristo e é considerado como um vendedor ambulante, que está procurando dinheiro [...] em vez de ver o missionário circundado da auréola da caridade, que atrai e edifica, creem vê-lo com a auréola do egoísmo que aliena e destrói": *Ibidem.* Anexadas à carta duas tabelas resumiam o serviço religioso prestado pelo período 1911-1918, na paróquia de Manaus e no território da prefeitura.

Diante disso, considerando que a crise não acenava passar e que apesar dos subsídios enviados pela província, da cúria geral, da *Propaganda Fide* e do Instituto das Missões Estrangeiras de Lião, o déficit aumentava mês a mês, o prefeito advertiu o Ministro Geral que a questão financeira estava paralisando todo esforço, cada projeto e que era urgente adotar medidas preventivas.[380]

Motivado por essas ocorrências extremas Fr. Evangelista decidiu ir pessoalmente à Itália para explicar diretamente aos superiores a dramática situação da missão e suas necessidades; deixando, pois, Fr. Jocundo como pró-prefeito, em 16 de agosto de 1919 partia de Manaus e em 16 de setembro chegava à província. Depois de alguns dias de repouso, encontrou-se com o provincial e com os padres definidores e depois foi a Roma para encontrar o prefeito de *Propaganda Fide* e o frade-geral; de todos recebeu atenção e promessas de ajuda que se concretizaram no envio de seis novos missionários ao Amazonas.[381] Na Itália passou uma quinzena de dias em Bagni di Montecatini, no hospício franciscano, para curar-se, mas chegou também a ir à própria casa (Cefalônia).[382]

Antes de retornar à missão, Fr. Evangelista promoveu também uma iniciativa que pretendia favorecer a coleta de ofertas em favor da missão no Alto Solimões e, de acordo com os superiores provinciais, pensou em dar vida a um "Comitê pró-missão", que em 13 de janeiro de 1920, no convento de Foligno, na presença do mesmo prefeito,

---

380 Em particular o prefeito, antes que fossem enviados novos missionários, pedia que a cada missionário fosse assegurado "um subsídio certo de três mil liras anuais" e que fosse acrescentado "um subsídio particular para cada uma das obras consideras necessárias pela prefeitura apostólica", de modo que fosse garantida ao menos a metade da despesa: *Ibidem.*

381 Todavia, Fr. Evangelista não pode deixar de notar entre os jovens capuchinhos da Província Seráfica um escasso entusiasmo pela vida missionária: "certo é que os jovens em parte com a vinda de Fr. Ludovico e em parte porque nada sabem da missão, ficaram um pouco desencorajados; é preciso, portanto, reavivar-lhes o espírito e fazer em modo que os relatórios sejam lidos em todos os conventos". Convidava os padres definidores a considerar a missão "parte vital da nossa província, portanto, preparem-me ao menos cinco bons jovens em vez de espalhá-los em conventinhos": ivi, Fr. Evangelista ao ministro provincial, Roma, 20, outubro, 1919.

382 Ivi, Bagni di Montecatini, 20 de setembro de 1919; Cefalônia, 24 de janeiro de 1920.

teve a sua primeira reunião. A iniciativa foi prontamente propagada nas páginas de *Voce Serafica di Assisi*, o jornal mensal que veio à luz justo em dezembro de 1921, e que, desde então, dedicará uma atenção particular aos acontecimentos e aos protagonistas da missão no Alto Solimões, publicando periodicamente o elenco dos doadores e das ofertas para a missão.[383]

Satisfeito com os resultados obtidos, em 19 de março de 1920 Fr. Evangelista pegou a estrada de retorno e embarcado sobre o transatlântico *Anselm*, o mesmo que em 12 de janeiro, dois meses antes, havia recebido os seis frades que tinham partido para reforçar o pelotão dos missionários na Amazônia, em 16 de abril, chegou a Manaus.[384]

Os seis missionários capuchinhos que partiram em 27 de dezembro de 1919 eram Venceslau de Espoleto, Antonino de Perúgia, Lucas de Gualdo Tadino, Ludovico de Leonissa, Diogo de Ferentillo e Pacífico de Panicale; foi justo este último a escrever e publicar uma detalhada descrição da viagem, a ser utilizada como instrumento de propaganda da missão.[385] A saída ocorre em Foligno e a cerimônia de despedida ocorreu no convento local dos capuchinhos; estavam presentes, além do provincial, que celebrou a missa, Fr. Pietro de Morro

---

[383] Cf. Il questuante dei missionari, In: *Voce Serafica* 1/1(1921); com a publicação de um primeiro elenco das ofertas para a missão. A ideia de publicar cartas e narrações dos missionários teve um certo sucesso, levando o ministro provincial a exortar aos missionários para que enviassem material para o jornal: "Espero com ânsia a encomenda a mim enviada [...] por conter material para a *Voce Serafica*, periódico que ganhou a simpatia do povo. Recomendo a v. frei e aos missionários de mandar sempre notícias ou fatos ocorridos que possam dar sentido de novidade para que o periódico viva e cresça. APCA, 105, *Missioni – Corispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), minuta da carta do ministro provincial a Fr. Evangelista, s.l., 12, dezembro, 1924.

[384] Ivi, p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 19 de abril de 1920.

[385] Trata-se do opúsculo Verso la terra dell'oro nero. *Viaggio di sei giovani missionari Cappuccini della Provincia Serafica,* Foligno, 1921. Na carta que escreve de Manaus aos 29 de junho de 1920 a Fr. Clemente de Massa Martana, então ministro provincial, o autor fornecia as indicações de impressão e anexava também algumas fotografias pedindo, além disso, que seu nome não aparecesse e que fosse usado o pseudônimo Palmiro Dall'Alpe, o mesmo empregado ao término do prefácio. A se explicar o termo "ouro negro" que se entendia sublinhar a indústria principal da Amazônia, ou seja, a extração da borracha. O manuscrito de Fr. Pacífico foi enviado também a Alípio d'Alba, secretário das missões, e é conservado In: AGC, *Acta Missionum,* H94, Solimões Sup., IV, Manaus, 29, junho, 1920.

Reatino, guardião do convento de Espoleto e Fr. Francesco de Vicenza, arquivista da província. Foi executada a "Missa 15.º de Haller"; depois da celebração o provincial leu a fórmula da eleição destes seis missionários, entregou a carta obediencial enviada pelo Ministro Geral e o simbólico crucifixo que devia tornar reconhecível a sua atividade de missionários. Às expressões de despedida pronunciadas pelo provincial respondeu o mais velho dos missionários, Fr. Venceslau, que com "palavras breves e apropriadas" atestou "grata e imperativa memória à Madre Província".[386] No meio da manhã a cerimônia tinha terminado e os missionários dirigiram-se para a estação ferroviária; ao meio-dia estavam em Espoleto, onde ficaram até a tarde do dia 29, e de lá, sempre de trem, chegaram a Roma.

Aos 31 de dezembro foram recebidos em audiência privada pelo santo padre; no dia anterior, porém, tinham ido ao prefeito da *Propaganda Fide*, cardeal Van Rossum que – narra Fr. Pacífico – "expressou a sua predileção para conosco, tendo a missão mais difícil e nos chamou de pupila dos seus olhos".[387] Na noite de 1.º de janeiro de 1920, tomando lugar num compartimento de segunda classe, partiram, via Civitavecchia, para Gênova. Ali chegaram de manhã cedo e, depositadas as malas, foram ao convento de São Bernardino. Depois de uma breve visita à cidade, os seis missionários reembarcaram para Turim, depois, superados os Alpes, chegaram a Paris, a "cidade fantasma",[388] hóspedes dos frades do Espírito Santo. Três dias de pausa para visitar a

---

386 *Verso la terra dell'oro nero, 10.*

387 Ivi, 11. No mesmo dia haviam visitado também o ministro e definidores gerais.

388 "Paris é bela, alegre, gentil sempre – escreve Fr. Pacífico – algumas vezes aparece ainda imponente como nos Inválidos, Montmartre; por outro lado o que tem de fabuloso tem de fantasmagórico como no metrô ou trem subterrâneo, onde milhares e milhares de pessoas passam sempre afanosamente por temor de perder um daqueles trens que se sucedem contínua e vertiginosamente à distância máxima de dois ou três minutos. O movimento no subsolo, nos *boulevards* (sic) e nas praças é idêntico àquele subterrâneo; é um buzinar de carros que se ultrapassam, se cruzam, voltam, vão e vêm, e tudo numa velocidade tão vertiginosa que faz medo de um momento para o outro aquela miríade de seres em convulsão se reduza a um só cadafalso. Nisto não tem nada de exagerado; e note-se que estávamos em circunstâncias ordinárias! Paris, em síntese, pelo dito e pelo que se dirá depois, pode definir-se: a cidade fantasma: ivi, 20.

cidade "coração da França, cérebro do mundo",[389] e depois no dia 9 de janeiro os missionários umbros partiram para Le Havre, onde, às cinco da tarde, embarcaram a bordo do *Steamer Anselm*, um dos transatlânticos que realizavam o serviço Liverpool-Manaus.

Por causa do mau tempo e do mar terrivelmente agitado, a nave só pôde zarpar no dia 12; as condições, todavia, mesmo melhoradas não eram das melhores e a pagarem o preço foram em particular, Fr. Antonino, "que já estava indisposto em Le Havre e Fr. Ludovico que já o estava desde Gênova". Sofriam de febre intensa, acompanhada "dos costumeiros distúrbios do enjoo", incômodos que depois atingiram a todos os outros, com exceção de Fr. Pacífico que "para a admiração de todos, conseguiu evitar tanto incômodo".[390] Só depois do Golfo de Biscaia, o navio encontrou um pouco de tranquilidade. Depois uma pausa no porto de Lisboa, sem, contudo, descer à terra, estando a cidade "em poder da revolução permanente", o transatlântico afrontou o Atlântico tocando a Madeira[391] e dirigindo-se depois rapidamente para Belém.

Foram nove dias de navegação, jornadas tranquilas passadas em boa companhia: "o elemento que vinha a constituir a nossa comitiva

[389] Assim a define Fr. Pacífico no seu opúsculo, onde dedica à capital e à França em geral, páginas intensas, cheias de admiração e de exaltações mesmo se, como ele mesmo reconhece, "o governo é separado da Igreja e hostil", o povo era "na sua grande maioria religiosíssimo", tanto que o grupo dos frades havia podido circular livremente na cidade, sem receber insultos ou reprovações; "é bom que se saiba – escreve Fr. Pacífico – que, por mais que tivéssemos andado de dia e de noite de um lado a outro da cidade, e sempre juntos, não ouvimos nenhuma só palavra ou gesto hostil a nós dirigido, e certo que não teremos passado sempre em meio aos irmãos e irmãs das confrarias! É verdade mesmo: o diabo não é assim feio como se pinta!": ivi, 25.

[390] Ivi, 28-29.

[391] O panorama que se apresentou aos olhos deles foi irresistível: "o sol afagava com os seus raios quase tropicais toda aquela concha e parecia incendiá-la de prazer; nos penhascos, nas plantas, nas casas, onde quer que a vista alcançasse, as cores mais vivas e variadas vinham ferir a pupila, todas as cores da íris ali brincavam tão admiravelmente a formar um verdadeiro encanto". Foi assim que os frades não puderam resistir "a tanta atração" e subindo num bote chegaram à terra firme. "Percorremos as vias principais da cidadezinha, que pode comparar-se a uma das nossas subprefeituras úmbrias – anota Fr. Pacífico – [...] e ali conhecemos o pároco, um lazarista que quis conduzir-nos a visitar a sua residência e o anexo pavilhão de cura tuberculosa ao qual ele servia com outros dois confrades [...] Antes de nos despedirmos dos padres lazaristas pudemos degustar também um "copinho" do renomado vinho da madeira e assim nos foi concedido satisfazer uma velha curiosidade": ivi, 35-36.

de viagem – escreve Fr. Pacífico – compunha-se de pessoas aparentemente da alta e média burguesia do Brasil e de praticamente todas as nações da Europa [...] Não era de admirar, portanto, a cortesia e deferência que, ao menos por educação, os próprios acatólicos mostraram para conosco, admirados da nossa florida juventude e da abnegação que demonstrávamos ao dedicá-la à causa árdua para a qual nos encaminhávamos".[392] Certo, os ventos de guerra na velha Europa tinham apenas passado e as feridas não tinham sanado de todo, assim, a bordo do navio inglês se podia escutar a música "dos melhores autores do mundo, exceto alemães".

Na tarde de 26 de janeiro, pela cor das ondas, os capuchinhos compreenderam de estar já nas águas do rio Amazonas, para subir o rio com o transatlântico foi necessário mesmo ainda substituir o piloto porque – escreve Fr. Pacífico – se era verdade que o Amazonas era navegável com grandes embarcações até Manaus, era também verdade que precisava avançar "com precaução sendo frequentes os bancos de areia grandes e instáveis". Era, portanto, necessário confiar a nave a uma pessoa que soubesse também reconhecer, pela cor e pela corrente das águas, a sua profundidade e os perigos que escondiam. As disposições relativas ao transporte fluvial impediam a navegação noturna; a embarcação retomou, portanto, a navegação pela manhã e o cenário que se apresentou aos seis missionários foi verdadeiramente inédito e atrativo: "à maneira que avançamos – anota Fr. Pacífico –, as margens ficam mais próximas, a distância entre uma e outra mede cerca de dois quilômetros e meio e enquanto à nossa esquerda admiramos a margem continental paraense verdejante e decorada por graciosos barracos; do outro lado escorre a florida ilha de Marajó, grande centro de criação de animais e de produção de algodão, arroz e café, a serem transportados aos depósitos da vizinha capital".[393] Mas a impaciência para descer e encontrar os confrades milaneses residentes em Belém foi desiludida pela inspetoria sanitária portuária que, subindo a bordo do *Anselm* para a visita de praxe, encontrou na terceira classe três suspeitas de doenças infecciosas, decretando a quarentena do navio e a proibição para todos os passageiros de descer à terra. "Ao ruído festivo – escreve

---

[392] Ivi, 37.
[393] Ivi, 45-46

Fr. Pacífico – subjazia "ipso facto" um silêncio sepulcral, interrompido somente por alguma expressão de desconforto e irritação".[394] Oito dias durou a quarentena, ao término da qual, depois da desinfecção da embarcação e a vacinação antivariólica aplicada a todos os passageiros, os seis missionários puderam descer à terra e embarcar imediatamente para Manaus.[395]

No dia 7 de fevereiro, cedinho, o navio entrou na bacia do rio Negro, os frades ficam fascinados com a "profusão de cores [...] de modo indecifrável", do encontro e das nuances que produzem as águas na confluência do rio Negro com o Solimões. Navegam ainda por cerca de meia hora no curso do rio Negro e encontram-se finalmente de frente à metrópole amazonense.[396] A esperá-los estavam Fr. Domingos e Fr. Hermenegildo; vê-los, todavia, não foi reconfortante para os novos missionários: "os seus corpos eram raquíticos, os membros descarnados, as faces bronzeadas, as barbas descuidadas, os hábitos desbotados, o porte sério e acanhado, quase abatido; tudo neles falava das fadigas apostólicas suportadas por mais de dez anos; neles estava esculpido o sacrifício!". Aquela visão, comenta com sinceridade Fr.

---

394 Ivi, 46.

395 Subindo o rio os seis missionários se rendem contra da mudança de clima e da diversidade das geografias humanas da Amazônia, percepções diretamente registradas pelo autor do opúsculo: "Não podemos omitir de referir que, desde que entramos na zona equatorial [...] começamos a ter uma ou mais fortes chuva quotidianas, que, é preciso confessar, são um verdadeiro maná do céu; refrescando a escaldante atmosfera e depurando o solo e o ar de insetos e resíduos orgânicos, que são carregados e restam nos canais dos rios. E é por isso que a água do Amazonas é turva como aquela dos nossos rios em cheia e emana um odor desagradável como de galhos e folhas em putrefação. Não há duvidas de que sem tal socorro providencial da natureza a povoação destas áreas teria sido somente hipotética"; acrescentando em nota, talvez com excessivo entusiasmo, que nos últimos anos maciças campanhas de profilaxia tinham vencido quase totalmente a doença de beribéri e que a malária estava desaparecendo "sempre mais desde que se adotou a cura preventiva com quinino": ivi, 54.

396 Assim Fr. Pacífico descreve a cidade: "Manaus surge sobre um plano um tanto elevado e ondulado; as formas mais modernas dos seus edifícios revelam a sua origem recente, a elegância comprova sua riqueza, o imenso verde que a contorna diz que não surgiu por gradual crescimento [...] mas que foi quase transplantada, direi quase importada. Se um sol escaldante não chamasse à realidade com os seus raios perpendiculares seria de pensar que nos encontrássemos diante de uma cidade de fadas, tal é o contraste que faz a elegante cidade com a rude impotência das circunstantes selvas! Assemelha--se a uma elegante flor em meio aos espinheiros": ivi, 55.

Pacífico, provocou nos neófitos missionários um humano senso de insubordinação: "Diante do estridente contraste dos bens abandonados e a difícil vida que nos esperava, a nossa natureza provou quase um sentido de rebelião e, como Jonas, fomos tentados a desertar o campo da Providência rendendo-nos. Mas a divina graça não deixou cair à mercê da nossa fragilidade; e ainda mais reavivou na nossa mente o fervor que acompanhou a nossa grande determinação".[397]

2. "Amazônia... a terra dos sonhos, dos poetas, dos naturalistas e das fábulas"

Ao retornar a Manaus, portanto, o prefeito encontrou hóspedes da casa os seis novos frades que se preparavam de bom grado para a atividade pastoral missionária; em particular estudavam ou aperfeiçoavam a língua portuguesa com grande desgosto de Fr. Venceslau que à idade de 39 anos não suportava "voltar aos bancos escolares para aprender o ABC de uma nova língua";[398] adquiriam conhecimentos mais detalhados sobre as condições topográficas da missão e aprendiam com textos ou por meio de testemunhos dos confrades, noções gerais sobre o modo de evitar as doenças mais frequentes, sobre os usos e costumes dos povos que deveriam evangelizar. Em suma, um resumo do tirocínio que devia plasmar e alimentar o verdadeiro espírito missionário. O prefeito gostaria de entreter os novos missionários em Manaus por mais tempo, consciente, pela experiência decenal amadurecida, dos riscos que, sobretudo, na vida no interior o despreparo e o improviso poderiam gerar e pôr em perigo a própria vida dos missionários. Todavia, diversas motivações, não menos importantes, como escreve o próprio prefeito no relatório do ano 1920-1921, era aquela "do prestígio da missão", o convenceram a voltar a Tonantins, levando consigo Fr. Venceslau e Fr. Lucas de Gualdo Tadino. A saída foi no dia 5 de junho e depois de uma semana os três missionários estavam em

---

[397] Ivi, 56.

[398] APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, Fr. Venceslao da Spoleto, p. Venceslao al ministro provinciale, Manaus, s.d., 1920.

Tonantins, residência do prefeito; a esperá-los estava Fr. Jocundo, que havia organizado uma acolhida festiva e solene.[399]

Pelo fim do ano de 1920 o prefeito havia praticamente reorganizado a missão. Em São Paulo de Olivença, um dos centros mais populosos da prefeitura e por isso sempre curado com particular atenção pelos missionários, foi enviado como pároco Fr. Venceslau de Espoleto; a edificação da igreja, a primeira construída pelos missionários umbros e a única que se "espelhava nas plácidas águas do grande rio Solimões",[400] iniciada por Fr. Jocundo, era agora terminada e em 15 de agosto de 1921, dia consagrado à Santíssima Mãe de Deus Assunta ao Céu, declarada pela congregação dos ritos padroeira principal da prefeitura apostólica do Alto Solimões,[401] Fr. Evangelista, em visita pastoral, estava pronto para benzê-la solenemente.[402] Dentro desse

---

399 "A estrada estava toda decorada de flores e folhas perfumadas e artisticamente recoberta nos cantos com enfeites em arco e bandeirolas multicoloridas; e no largo desfraldava a verde bandeira brasileira que se fundia com o verde vivo e exuberante das circunstantes palmeiras amazônicas. Todo este esplêndido aparato, mais que uma solene recepção, tornava mais verossímil o aspecto de um suntuoso ingresso oficial". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione della Prefettura [...] 1920-1921.

400 Ivi, 7.

401 O decreto da S. Congregação dos Ritos está conservado in: ACPF, *Nuova Serie*, vol. 637, 1919, rubrica 151, 430-432.

402 Somente um atraso do batel que chegou a São Paulo de Olivença um dia depois, forçou Fr. Jocundo a comunicar o adiamento da cerimônia; a consagração acontece, portanto, no dia 16 de agosto, teve início às 7 horas e terminou "ao início da tarde". Frei Evangelista, comovido pela acolhida triunfal recebida em S. Paulo e pelo sucesso dos esforços empregados, quis comunicar à província, através da *Voce Serafica,* recordando Fr. Jocundo, morto, como veremos, em 15 de outubro de 1920, a sua alegria: "Entretanto tinha-se realizado o luminoso sonho do pobre Fr. Jocundo de Soliera, que podemos bem chamar por excelência o apóstolo de São Paulo de Olivença. Aquela igreja pela qual não havia economizado vigília e suores, sacrifícios e privações e que lhe deveria custar a vida, estava finalmente terminada. Esta mede 14 meros de largura e 18 de cumprimento. A desproporção da largura vem moderada e compensada suficientemente por uma fila bilateral de colunas que dão o aspecto agradável e gracioso de uma pequena catedral. Terminada a decoração com a sacra mobília, faltava só que fosse solenemente benta. E a bela cerimônia foi precedida por um solene tríduo preparatório. Era meu desejo benzer solenemente a nova igreja em 15 de agosto, dia consagrado à Santíssima Assunta, Augusta Padroeira desta prefeitura, mas não foi possível, a embarcação na qual viajava chegou com um dia de atraso. Na manhã do dia 16, recebido conforme o cerimonial e acolhido a saudação a mim

novo plano de organização da presença missionária na prefeitura, a Fr. Ludovico vem confiada, como posto avançado da prefeitura, Urutuba, uma ilha do Solimões, longa, cerca de 30 quilômetros, mas densamente habitada, mesmo se por mais de três meses no ano fique completamente inundada.[403] Fr. Antonino de Perúgia foi destinado, em vez, para a foz do Javari, uma das localidades mais agradáveis do Solimões,

---

dirigida pelo do Dr. Lapeda em nome do povo de São Paulo de Olivença, organizou-se a procissão rumo à nova igreja. Precedia a cruz paroquial, portanto desfilavam numerosos pajens, devotos e membros do comitê promotor. Seguia um gracioso cortejo de crianças em brancas vestes e prontos para receber a primeira comunhão, depois os acólitos e o subscrito assistido por dois sacerdotes em meio às quatro pessoas mais honradas do lugar que sustentavam o pálio. Fechava o devoto cortejo uma grande massa de gente. Completada bênção da igreja conforme todas as prescrições do rito, iniciou-se a Missa pontifical, a primeira celebrada no Alto Solimões desde quando o mundo existe. No Evangelho dirigi ao povo um discurso conforme a circunstância e no fim dei a todos a bênção papal. Depois da Missa celebrei a sta. Crisma que administrei a um bom número de pessoas, entre as quais muitos adultos e completou a nossa alegria o solene matrimônio do prefeito da cidade, que há anos unido somente com o casamento civil, quis regularizar-se neste dia aliviando a própria consciência, recebendo o santo sacramento. À noite todo o povo retornou à igreja, onde, cantado o *Te Deum* de agradecimento, concluiu-se a cara solenidade com a bênção de Jesus Sacramentado. Benedizione solenne della Chiesa de São Paolo de Olivença, In: *Voce Serafica* 1/7 (1.º, julho, 1922).

403 Assim, Fr. Ludovico, numa carta enviada a *Voce Serafica* e publicada no número de fevereiro de 1922, conta sua experiência: "Como campo do meu apostolado me foi confiada pelo revmo frei prefeito Urutuba [...] Aqui, como em outras partes, não tem casas ao modo europeu, mas simples barracos de madeira, porque a natureza aqui não fez abundar as pedras, tanto que é coisa rara encontrá-las [...] No tempo das grandes cheias esta ilha permanece completamente alagada [...] Por enquanto me dá abrigo e comida um chefe desses caboclos, já que ainda estou sem casa e sem igreja. Estou trabalhando, porém me faltam os meios e deste povo pouco posso esperar sendo paupérrimo. O barraco por mim ocupado não tem porta [...] de modo que tanto de noite como de dia qualquer um pode entrar à vontade. Digo, porém que, se não fossem os inumeráveis insetos, lagartixas, sapos, morcegos etc. dos quais é povoada, estaria contente [...] Minha comida é quase todos os dias caldo de peixe feito de tal modo a transformar-se num bocado saboroso e gostoso, é peixe cozido com um pouco de sal e nada mais; depois feijões, farinha de mandioca torrada a quem acompanha um copo d'água. A minha ocupação diária é toda ela dar catecismo e a escola aos meninos e meninas, que em bom número pude reunir, já que todas as esperanças do missionário estão depositadas nestas tenras plantinhas [...] este é um povo muito inconstante e o mais atrasado de todo o Alto Solimões, tanto que os brasileiros o chamam povo bruto". Voce dei nostri Missionari – Urutuba, In: *Voce Serafica* 1/2(1.º, fevereiro, 1922).

situada quase no centro do território da prefeitura e ponto de encontro dos três rios que, de uma certa distância do território do Peru, se formam do Javari que, "depois de ter vagado serpenteando independente por um longo percurso no coração das florestas, se aproximam [...] encontrando as suas águas escuras e se misturando no Solimões".[404]

Essa nova residência era considerada estratégica pelo prefeito, porque, além de ter uma discreta população espalhada em barracos, a oeste se apresentava muito próxima a Remate de Males e a Levante e extremava com a paróquia de São Paulo de Olivença. Ao frei Pacífico de Panicale coube, em vez, a residência de Remate de Males, muito temida pelos missionários, porque a inundação, que normalmente durava mais de cinco meses por ano, tornava-a insalubre e lugar privilegiado da malária. Frei Pacífico resistiu somente um mês em Remate: vítima de infecção intestinal em abril de 1920 e de malária em dezembro do mesmo ano, viu suas condições de saúde progressivamente piorarem tanto que reconheceu necessário, por conselho médico, a sua transferência para Fortaleza, no Ceará, acolhido como de costume com grande cortesia pelos confrades milaneses.[405] Segundo as autoridades provinciais, não era o caso de deixá-lo continuar no Brasil e, de fato, sem nem mesmo adverti-lo, revogaram sua carta de obediência missionária; Fr. Pacífico ficou mal e não aceitou a decisão. Ele, com a permanência em Fortaleza, garantia poder recuperar as forças e de ser ainda útil à missão; julgava o retorno à Itália, baseado sobre a errônea incurabilidade da sua doença, inconveniente e lesivo à sua dignidade intelectual e moral.[406]

---

404 APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione della Prefettura [...] 1920-1921, 21.

405 Foi ele mesmo a informar à cúria provincial dos seus males: "dispepsia e constipação agudíssimas, anemia profunda, congestão cerebral e pulmonar, esgotamento nervoso em máximo grau, este último não independente ainda do trabalho excessivo feito na Itália mesmo". APCA, *Missioni – Corrispondenza personale*, 2, M – P, P. Pacifico al ministro provinciale, Fortaleza, 10, fevereiro, 1923.

406 "Não se queira dar – escreve Fr. Pacífico – o pouco edificante espetáculo de ver-me voltar à Itália com as mãos abanando e assim dar lugar a injustas e desagradáveis suspeitas, como seria dizer: ou que eu teria retornado por punição, coisa que, graças a Deus, tenho consciência de não ter merecido ou de ser vítima de não sei quais tendências hostis o que seria também lamentável": *Ibidem*.

Numa longa carta ao provincial propôs então algumas soluções consideradas idôneas para resolver a questão, entre as quais aquela de suspender a nova obediência, retornar a Manaus e verificar, num curto espaço de tempo, o seu estado de saúde; se, como esperava Fr. Pacífico, este tivesse melhorado progressivamente, ele permaneceria na missão, de outro modo, com o primeiro vapor, tornaria definitivamente à pátria.[407] Em Roma e na província aceitaram sua proposta e em 12 de setembro Fr. Pacífico incardinado novamente na Missão do Alto Solimões, estava em Manaus;[408] ficou ainda pouco mais de um ano e depois, em fevereiro de 1925, debilitado e doente, voltou definitivamente para a Itália.[409]

Sorte melhor teve Fr. Diogo de Ferentillo que, depois de longa permanência nos Estados Unidos, chegou à prefeitura e foi enviado a Tonantins, para auxiliar o prefeito. Pela correspondência, sabemos de fato que Fr. Diogo tinha se separado do grupo dos novos missionários

---

407 "O caso em questão, no meu modo de ver, poderá resolver-se de três modos: 1.º – dando-lhe percurso regular, isto é, com o meu retorno definitivo à província, contra o qual, porém, eu protesto energicamente dentro dos limites possíveis. 2.º – Com meu retorno temporário à Itália, que não é o meu desejo, mas ao qual posso sujeitar--me. 3.º – Com a suspensão da obediência e meu retorno a Manaus a título de experiência por um ano mais ou menos; se durante este tempo eu me sentir bem, como espero, a obediência seria anulada. Do contrário, é meu primeiro pensamento partir definitivamente para a Itália com o primeiro vapor. E esta é a hipótese para mim preferida": *Ibidem*.

408 Ivi, Manaus, 10, setembro, 1923.

409 Foi Fr. Evangelista a pedir o seu retorno definitivo à Itália: "Encontro-me aqui por negócios da missão. Visto o estado quase estacionário da saúde de Fr. Pacífico, a enorme despesa sustentada para ele pela missão e nenhuma esperança de cura proximamente; na data de hoje pedi a obediência de retorno à província ainda que contra a sua vontade. Se fosse menos teimoso e tivesse retornado à Itália quando os superiores o chamaram talvez se encontrasse já curado". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), frei Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 19, março, 1924. Uma posição partilhada por Fr. Constantino de Civitella, ministro provincial que, em resposta, escreveu ao prefeito: "Fica combinado quanto a meu respeito disse sobre Fr. Pacífico. Como já escrevestes, chegou até nós em condições graves de saúde e mentalmente perturbado. Se daquela vez se tivesse escutado a opinião de quem o conhecia, o referido padre não teria partido, não teria sofrido a missão com desperdício de dinheiro nem a província com outro sacerdote humanamente destruído [...] Paciência! Faremos de tudo para que se recupere e possa ainda servir": ivi, minuta da carta do ministro provincial a Fr. Evangelista, s.l., 12, dezembro, 1924.

para ir a Trenton, nas proximidades de Nova Iorque, para fazer visita a parentes seus e aos seus velhos genitores, que não via fazia cerca de 20 anos.[410] De qualquer modo, a chegada de novas energias pôde permitir a alguns dos primeiros missionários de retornar por um período à Itália para recuperar uma boa condição física e energias intelectuais. Na primavera-verão de 1920, depois de dez anos de permanência no Amazonas, retornaram à Itália os dois irmãos leigos, Martinho de Ceglie e Paulo de Massa, e Fr. Domingos de Gualdo Tadino; depois foi também a vez de Fr. Hermenegildo de Foligno.[411] Menos sorte teve, todavia, Fr. Jocundo de Soliera que, um dia depois da inauguração da igreja de São Paulo de Olivença, debilitado também pelas fadigas da cerimônia, deitou-se sobre a sua pobre rede sem depois conseguir levantar-se. Só em 26 de agosto conseguiram embarcá-lo sobre o batel para Manaus, onde, acompanhado pelo prefeito, chegou em 2 de setembro. Depois de bem 17 dias pôde ser internado num hospital, onde os médicos, todavia, não consideraram grave a sua condição; mantiveram-no sob cuidados cerca de oito dias e depois o devolveram aos irmãos missionários, esperando restabelecê-lo melhor e poder assim enfrentar a viagem para a Itália. Mas tal esperança foi vã, depois de uma ulterior piora e um novo internamento, em 15 de outubro de 1920, Fr. Jocundo, com idade de 42 anos, falecia.[412]

---

[410] APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 3, D., P. Diego al ministro provinciale, Trenton, 20, fevereiro, 1920. Sempre da correspondência conhecemos que no início de março Fr. Diogo estava ainda em Trenton porque não conseguia encontrar "algum navio de saída" para Manaus; a saída aconteceria de fato somente aos 10 de abril. Em 3 de maio chegou em Manaus, depois de uma viagem de 23 dias; inicia logo a estudar português e no fim de dezembro de 1921, como sabemos, partiu para Tonantins: ivi, cartas ao ministro provincial de 8 de maio de 1920 (Manaus) e de 23 de dezembro de 1921 (Tonantins).

[411] Frei Martinho, voltando à missão, tinha trazido a primeira circular enviada pelo provincial aos missionários e um pacote de calendários, mas "infelizmente [...] teve a infeliz ideia de colocar os calendários na caixa de queijos. Não se sabe quando chegarão, porque nem mesmo ele sabe por qual via fizeram a expedição". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Fr. Evangelista ao ministro provincial, Manaus, 22, janeiro, 1923.

[412] Foi o próprio prefeito quem celebrou as exéquias que assim descreve no seu relatório: "As nossas condições não permitiram nenhuma pompa ou sofisticação, assim aquele caixão pobre e despojado que se erguia em meio à igreja tinha o aspecto da passagem à outra vida de um verdadeiro filho de nosso pai São Francisco [...] o seu venerando

O prefeito dedicou especial atenção às duas novas residências missionárias, Foz do Javari e Urutuba; aqui os missionários não haviam nunca residido estavelmente e era compreensível que Fr. Antonino e Fr. Ludovico encontrassem dificuldades. Assim, Fr. Evangelista decidiu permanecer perto destes e encorajá-los: "é fácil compreender os problemas sofridos pelos nossos confrades frades Ludovico e Antonino – escreve numa correspondência a *Voce Serafica* de agosto de 1922 – quando se pensa que nas suas novas residências não encontraram nem capela nem casa própria. Deste povo se pode esperar bem pouca ajuda: e se bem as construções sejam de simples tábuas, sendo aqui raríssimas até as pedras, quem sabe até quando deverei esperar antes de vermos construídas casas e capelas. No entanto, para não abandonar o campo, continuamos a viver por conta dos nossos benfeitores, tornando-nos nós mesmos, conforme a necessidade, pedreiros e carpinteiros, colhedores e armazenadores, sempre na espera que a fé dos povos incivilizados e a caridade dos confrades venham em nosso socorro.[413]

A ação do prefeito não se limitou ao natural sustento moral; ele adquiriu uma casa para Fr. Antonino que tinha conseguido obter "coisa alguma daquele povo", adaptando um dos quartos como capela e o encorajou a instituir uma escola; em Urutuba, em vez, tendo obtido da população "quase toda a madeira para a construção da sua igreja e casa", estimulou Fr. Ludovico a fortalecer ações educativas e catequéticas, sobretudo para os jovens, alguns dos quais não falavam nem mesmo português, mas só a língua dos índios chamada *Gíria*".[414] A ação de encorajamento levada adiante pelo prefeito vem contudo desafiada pela natureza particular da bacia amazônica na qual, de ano em ano, mudava o ambiente, a topografia; depois de apenas um ano a presença em Urutuba foi abandonada, tendo o Solimões encoberto parte considerável da ilha. O outro posto missionário da Foz do Javari

---

corpo repousa em paz no cemitério de Manaus à sombra suave da Cruz: abundantes violetas e crisântemos jamais faltarão à sua pobre tumba e a sua gratíssima memória nos servirá toda hora como estímulo para imitar suas religiosas e apostólicas virtudes". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione della Prefettura 1920-1921, 20.

413 Cf. Voce dei nostri missionari, In: *Voce Serafica* 1/8 (1.º, agosto, 1922).

414 APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione della Prefettura 1920-1921, 26.

torna-se um só com aquele de Remate de Males; de fato – escreve o prefeito – "no período anual de inundação que ultrapassa ordinariamente 5 meses, os missionários deixam Remate de Males e descem à Foz do Javari e ali têm um ponto de apoio ao voltar das incursões".[415]

Indubitavelmente essa primeira experiência, ao menos segundo as considerações de Fr. Antonino, não resultou confortante e serviu ao próprio frade para compreender profundamente, depois do entusiasmo inicial, a verdadeira essência da missão e a alma profunda daquela terra; na costumeira carta que os missionários, pela metade de novembro, enviavam ao provincial para os votos de Natal e Ano-Novo, Fr. Antonino se deixa levar por um momento de tristeza e nostalgia e recorda a tranquila "vida de província", com os seus ritmos lentos e gratificantes. Todavia não se abandona ao desconforto e parece amadurecer a consciência da profunda diferença entre vida conventual e aquela missionária.[416] Dedica-se também numa pungente descrição da vida e das práticas amazônicas ressaltando a sua lentidão e relaxamento: "Quanto ao meu ministério de missionário direi como creio dizem os outros da nossa missão e de todas as missões da imensa Amazônia: se faz aquilo que se pode [...] As dificuldades são grandes, as causas são múltiplas e no Amazonas se perde a noção do tempo, do trabalho, da pressa [...] Aqui para fazer uma coisa se diz: *para o ano* [...] como nós na Itália dizemos: amanhã faremos isso. E assim passam dias, semanas, meses, anos... e tudo fica como estava [...] E isto em todas as manifestações da vida aqui. Esta Amazônia... a terra dos sonhos, dos poetas, dos naturalistas e das fábulas".[417] Em 1924, onze dias terríveis chegaram também para Fr. Ludovico; ele, tendo partido no final de setembro de 1923 para uma incursão ao longo dos rios Javari e Curuçá, depois de mais de quatro meses, em 26 de fevereiro de 1924, retornava a Remate de Males para esperar o vapor e voltar a Tonantins. De improviso, "febres terríveis", em poucos dias o reduziram a quase "um

---

415 Ivi, *Relazione annuale* 1923, Tonantins, 26, novembro, 1923.

416 APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 1, A, P. Antonino da Perugia al ministro provinciale, Tabatinga, 10, novembro, 1923: Assim escreve: "a vida do missionário não pode absolutamente ter as mesmas comodidades materiais, morais e espirituais das quietudes claustrais e por isso em tais outras circunstâncias digo: seja feita a vontade de Deus!".

417 *Ibidem*.

cadáver";[418] onze dias teve de esperar o vapor que o levou até Manaus, onde, fortunadamente, em pouco tempo, com cuidados adequados, pôde restabelecer-se completamente;[419] depois dos entusiasmos iniciais, também ele convenceu-se definitivamente de que na atividade missionária, sobretudo, se exercia por meio de longas desobrigas, "as carências e privações" eram a ordem do dia; todavia não se abandonava ao mero pessimismo, mas verificava que, de vez em quando, se poderia haver também "satisfações morais" que compensavam os sacrifícios.

Mais articulada apresentava-se a atividade missionária levada adiante por Fr. Venceslau de Espoleto naquela que deveria tornar-se, também nas intenções de Fr. Evangelista, a nova sede da prefeitura.[420] Estabelecendo-se de fato em São Paulo de Olivença, concentrou sua atenção nos jovens;[421] deu vida e incremento ao *Círculo São Sebastião*, à *Companhia dos Pajens de São Luís*, como assim à escola gratuita de Nossa Senhora da Assunção. Duas vezes ao dia ensinava a doutrina cristã, às 16 horas na igreja paroquial e às 19 na capela de São João, onde em público, todas as noites, recitava o santo rosário, terminando o mesmo, reunia por uma meia hora todas as crianças próximo à residência missionária, os quais – escrevia – "têm uma repugnância de ir de dia à igreja paroquial". Conseguiu ainda animar a vida dos dois círculos com conferências mensais e semanais, récitas públicas e passeios esportivos; promoveu um jornalzinho, *O Amigo da Infância*, mas vendo a enorme quantidade dos analfabetos (oitenta e seis por cento, segundo as estatísticas), o seu esforço primário torna-se a escola

---

[418] APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 1,I-L, Fr. Ludovico da Leonessa al ministro provinciale, Manaus, 11, abril, 1924. "Pensava – escreve Fr. Ludovico – de não ver mais os meus confrades e morrer sem poder receber os Santos Sacramentos, não estando presente ali o Fr. Antonino".

[419] "Se a febre não recomeçar no início de maio retornarei à nossa missão, onde me espera uma outra incursão, que, porém, durará só um mês e meio": *Ibidem*.

[420] Em 1923 iniciaram-se os trabalhos para construir a residência de São Paulo de Olivença, a ser utilizada como nova sede da prefeitura. APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1923.

[421] "Quando um povo desce ao ínfimo grau da depravação moral – escrevia ao provincial – todas as esperanças do pobre missionário são fundadas na juventude e se quiser obter alguma coisa, todas as suas atenções devem ser voltadas para essas tenras plantinhas". A carta vem publicada também em *Voce Serafica* 1/12 (1.°, dezembro, 1922) na rubrica *Voce dei nostri Missionari*.

noturna. Com toda a boa vontade, pôs-se a trabalhar, mas depois de três meses, com grande desgosto, teve de fechá-la, porque chegou à conclusão de que de noite os jovens de São Paulo de Olivença, sobretudo chegando a uma certa idade, preferiam "vagabundar em vez de procurar estudar".

Experimentou de tudo Fr. Venceslau para atrair os jovens, até introduziu o jogo de futebol, instituindo uma nova sociedade esportiva. Depois de três meses de permanência em Manaus para curar uma grave infecção intestinal, voltando a São Paulo de Olivença, levou consigo uma bola; "é impossível dizer a festa que se fez – escreve Fr. Venceslau – [...] o objetivo foi obtido, bastava uma ameaça de ser excluído do time, para ser mais disciplinado e nunca faltar ao catecismo, à Missa, à conferência, aos sacramentos". Mas a satisfação durou pouco. Bastou só que o filho do prefeito comprasse outra bola de tamanho muito superior àquela adquirida pelo frade e formasse um novo time, "para estabelecer o cisma entre os meus jovens – anota Fr. Venceslau – os maiores um depois do outro passaram ao novo time onde não se tinham compromissos de catecismo nem de conferência etc. Deixando--me com os mais pequenos".[422] Fr. Venceslau não se deixou levar pelo desânimo, certo, contudo – como refere ao provincial – "de ter introduzido um divertimento honesto e assim impedido para a juventude tantas horas de ócio e imorais divertimentos".[423]

No grupo de capuchinhos que já havia mais de dez anos encontrava-se em missão no Amazonas, merece ser recordada, sobretudo a atividade de Fr. José de Leonissa;[424] depois de ter ido recuperar-se no Pará de uma "gravíssima doença nos olhos" que não lhe permitia nem mesmo celebrar a missa, insistiu com o prefeito para construir uma pequena igreja no bairro Vila Municipal de Manaus. Um lugar "um pouco longe da igreja paroquial", mas, segundo Fr. José, "um centro que promete e se pode dizer o melhor lugar de Manaus no presente,

---

422 Voce dei nostri Missionari, In: *Voce Serafica* 1/12 (1.º, dezembro, 1922).
423 *Ibidem.*
424 Um resumo sintético da atividade de Fr. José, desde sua chegada à missão até 1939, está contido numa carta que ele mesmo enviou ao ministro provincial de Manaus em agosto de 1939.

iluminado com luz elétrica, servido pelo bonde e residência já de muitas famílias. Merece toda a atenção de um pastor de almas.[425]

Em 1922, após dez anos de permanência, volta à Itália e durante a longa estada realizou uma intensa obra de divulgação da atividade missionária dos capuchinhos umbros no Alto Solimões;[426] aos 19 de abril de 1924 está em Roma e aos 24 em Gênova à espera para embarcar; 15 de maio, a bordo do *Conte Rosso* escreve ainda ao provincial.[427]

Em 25 de junho encontra-se em Tonantins; aqui, Fr. José junta à obra missionária outras interessantes atividades; escreve de fato ao ministro provincial aos 28 de novembro de 1924: "Em Tonantins o trabalho não é de matar, certamente, sendo exíguo o povo [...] me ajuda a pegar borboletas, tirar fotografias e enriquecer com novo material a conferência que espero não faça adormentar"; a ideia era fazer uma ação de divulgação da missão e arrecadar o dinheiro necessário "para as obras iniciadas e mais para aquelas que se devem fazer, se não se quer ir ao encontro de uma falência". Frei José recolhia plantas medicinais para expor no museu em construção a respeito do qual se lamentava de não ter sido ainda oficializado: "Mas quando se fará o museu e onde se fará? Porque mandar objetos para mantê-los mofando fechados nas caixas não vale a pena nem a despesa".

---

425 APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 7, F-G, Fr. Giuseppe da Leonessa al ministro provinciale, Manaus, 30, junho, 1920. Na mesma carta pedia o envio urgente de um *Dicionário Teológico* [Berger] e de um *Compêndio de Teologia Moral* [Ferraris].

426 Ivi, Espoleto, 22, dezembro, 1922, na paróquia de Bovara, recolheu numa noite 104,40 liras. Para arrecadar dinheiro pensou-se também em produzir uma filmagem. "Escrevi a Fr. Hermenegildo e ao secretário das missões a fim de ver a possibilidade de explorar em toda a Itália um filme cinematográfico sobre a vida real do Amazonas: do resultado líquido 50% seria em benefício da nossa missão. No filme será mostrada inclusive a nossa prefeitura. Com este meio penso que haveremos recursos para dar um bom impulso à missão, é um especialíssimo favor [...] que nos faz o nosso exímio benfeitor. Fr. Ermenegildo pode dar-lhe notícias detalhadas do filme": ivi, 6, *Evangelista da Cefalônia* (1916-1937), Fr. Evangelista ao ministro provincial, Manaus, 12, outubro, 1923.

427 Descreve em modo entusiasta a vida a bordo: "a companhia dos passageiros é ótima, muito respeitosos, formamos uma só família. Todos os dias somos alegrados com belíssima música, à noite temos o cinema durante o qual, porém, geralmente Morfeu me faz uma visitinha": ivi, 7, F-G, Fr. Giuseppe da Leonessa al ministro provinciale, a bordo do *Conte Rosso*, 5, maio, 1924.

Na mesma carta lamenta-se também com a redação de *Voce Serafica* pelos "cortes" aos artigos enviados pelos missionários: "Alguém que escreve não fica muito satisfeito pela publicação porque não é conforme o escrito enviado. É bom os escritos serem publicados como foram escritos, quando assinados, sem deixar-se levar pelas normas de quem dirige, porque ninguém pode formar uma ideia exata daqui se aqui não esteve [...] O sistema da *Voce* de publicar trechos de artigos com o sistemático e antipático 'continua', não agrada a ninguém".[428]

Na primavera de 1926, chegou à missão a notícia da doença do prefeito que se encontrava na Itália; foi Fr. José, escrevendo ao provincial a recomendar que o curassem bem, sem pressa, antes de fazê-lo retornar à missão: "Porém, ponham um freio à pressa dele em retornar antes de estar bem restabelecido. Aqui é terra para se adoecer e não para curar-se e restabelecer-se. Não foi ruim que a doença tenha se manifestado aí, porque se tivesse acontecido aqui, talvez não estaria mais vivo porque faltam médicos aptos. Depois, na nossa missão, os únicos e melhores médicos são os nossos religiosos. Portanto, que se restabeleça bem antes de retornar ao Inferno Verde".[429]

Ainda em abril, teve-se de fechar as escolas por causa da difusão de uma epidemia de cólera. Foi em tal circunstância que o presidente do Estado nomeou prefeitos municipais os prefeitos apostólicos. Frei Evangelista estava doente na Itália e Fr. José aceitou o cargo: "Não sabia o que fazer. Para não prejudicar o prefeito eu aceitei e está funcionando. Eu acho bom que aceite o nosso prefeito por vários motivos. Já antes da nomeação se falava em querer reaver os terrenos que pedimos. É o único meio para fazer crescer esta vila, na qual gastamos centenas de milhares de liras. Estes senhores não entendem nada de administração [...] Além do que, na condição de prefeito municipal, pode incutir mais respeito, colocar um freio a tantos falatórios e barrar tantos abusos [...] Aqui não entra a política, como tantas vezes disse aos outros, mas [...] escrupulosa administração do dinheiro público

[428] Ivi, Manaus, 28, novembro, 1924.
[429] Ivi, S. Paulo de Olivença, 29, abril, 1926.

para o bem público. Portanto, o prefeito [...] carregue esta nova cruz com a qual fará muito bem".[430]

3. De Tonantins à São Paulo de Olivença

Em 1923, depois de quase quinze anos de presença no Alto Solimões, o prefeito estava convencido da necessidade de transferir definitivamente a sede principal da missão de Tonantins para São Paulo de Olivença e de construir no mesmo lugar uma residência, dotada de locais apropriados para a escola, a ser confiada a uma comunidade religiosa de irmãs. Os trabalhos foram iniciados em outubro de 1923; foi recrutada mão de obra especializada, mas as dificuldades maiores foram aquelas ligadas ao fornecimento do material de construção (pedra para os fundamentos, tijolos, cimento). Foram os próprios missionários, como conta Fr. Evangelista, a ocupar-se dessa fadigosa tarefa: "Entre os missionários dividiu-se o trabalho de fornecimento; trabalho insano e perigosíssimo: coordenar o trabalho de extração e transporte de pedra; passar dias e dias nas matas virgens entre mil perigos e milhões de insetos para preparação e o transporte de madeira a dois dias de distância do lugar da construção; vigiar o andamento dos trabalhos e ao mesmo tempo atender ao serviço religioso. Enquanto se cuidava dos serviços de Marta, não se podiam descuidar aqueles de Maria! Foram 18 meses de trabalho sem trégua e sem repouso".[431] Infelizmente não faltaram incidentes também graves; aquele mais dramático que envolveu também frei Ludovico ocorreu durante a série de operações feitas para extrair pedra; duas explosões ocorreram fora do tempo previsto e esmagaram o braço de um operário, fizeram perder um olho a outro e fraturaram um membro superior de Fr. Ludovico que, logo socorrido, teve de esperar porém quase doze dias antes de embarcar

---

[430] Ivi, S. Paulo de Olivença, 29, abril, 1926. A saúde de Fr. José era discreta, mesmo se escreve: "Aqui na missão tornei-me um saco... de vermes, propriamente. Não sei por que, mas desde quando estou aqui, já por duas vezes estes senhores me saíram pela boca. Enquanto não me trucidam, paciência!".

[431] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione della Prefettura Apostolica dell'Alto Solimões, 1952, Roma, 28 dezembro, 1925.

e chegar ao hospital de Manaus, onde, submetido a várias operações cirúrgicas, ficou mais de vinte e cinco dias "entre a vida e a morte".[432]

Finalmente no mês de maio do ano de 1925 a sede da prefeitura podia ser transferida para São Paulo de Olivença e se abriam ainda as portas do colégio N. Sr.ª da Assunção, confiado, à espera das irmãs, as senhoras de confiança.[433] No mês de julho o prefeito pôde assim emanar a primeira carta circular aos missionários da nova sede, precedida de uma detalhada descrição das residências e da distribuição dos missionários na prefeitura apostólica.[434] A circular queria celebrar dignamente o décimo quinto ano de presença dos capuchinhos umbros no Amazonas e, por isso, sublinhava o sacrifício, as privações e até as humilhações que na história da instalação da missão tinham suportado os frades, mas com satisfação o prefeito declarava que muito tinha sido feito e que depois de quinze anos os missionários tinham todos agora um teto "onde repousar a cabeça [...] depois das fadigas apostólicas". As palavras de Fr. Evangelista puseram bem em evidência a "vitalidade progressiva" da missão, o seu lento mas seguro testemunho que foi capaz de dirimir aquela atmosfera de desconfiança que tanto tinha humilhado os primeiros missionários; "hoje – escreve Fr. Evangelista – encontramos o nosso nome e o nosso prestígio amado e respeitado e se algum despeitado gritar ainda contra o estrangeirismo do missionário

---

[432] *Ibidem.*

[433] ACPF, N. S. Vol. 840 (1924) rubrica n. 51 (Brasile), n. 2 (Alto Solimões); Fr. Evangelista da Cefalônia pede para estabelecer sua residência em São Paulo de Olivença, ff. 587-592. Para a instrução dos jovens vem enviada, desde 1921, uma professora paga pela prefeitura. APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1923.

[434] Esta era a situação da prefeitura em julho de 1925: em São Paulo de Olivença, além do prefeito, residiam Fr. José de Leonissa com os ofícios de vigário delegado e pároco, e Fr. Lucas de Gualdo Tadino, na qualidade de coadjutor e ecônomo da residência; em Remate de Males estavam presentes Fr. Venceslau de Spoleto, pároco, Fr. Ludovico de Leonissa, coadjutor; em Tonantins exerciam o ministério Fr. Diogo de Ferentillo, quase-pároco, e Fr. Antonino de Perúgia, coadjutor; enfim, em Manaus tinham restado Fr. Domingos de Gualdo Tadino, superior da casa e pároco de São Sebastião e Fr. Hermenegildo de Foligno, coadjutor. APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), carta circular aos missionários, São Paulo de Olivença, 28, julho, 1925.

[...] a este grito oporemos da Cruz de Jesus Cristo, que onde plantada, implanta saúde, educação, patriotismo.[435]

O progresso realizado não podia, todavia, significar para os missionários "tempo de repouso", ou pior ainda, "abaixar a guarda";[436] antes, toda a circular assume os tons de um apelo a intensificar o trabalho, fazer um esforço a mais que abandone "ideias e preconceitos injustificados" e procure compreender, quase a igualar-se com as almas dos fiéis a evangelizar.[437] E não faltavam conselhos práticos para ser mais eficazes nessa ação: "Ide pregar o Evangelho com dignidade, santidade e clareza de linguagem [...] As vossas instruções e as lições de catequese sejam breves, concisas e ordenadas. A religião e a moral sejam os únicos argumentos que tratareis no altar. Afastai de vós métodos depreciativos e formas indiretas que não convêm à Palavra de Deus e que possam pôr a educação do missionário em grau inferior além de inutilizar a sua ação. Quando devereis repreender, repreendei em privado com severidade, sim, mas digna e caritativamente.[438] Grande atenção à educação da juventude: "transformai-vos em ímãs – escreve frei Evangelista – para atrair a juventude para junto de vós: afastai-os das ruas, que são centro de corrupção; combatei-lhes a ignorância e nos seus tenros corações instalai sentimentos de dignidade, moralidade e honestidade cristã e civil".[439] "Levar Jesus ao centro dos seus barracos" torna-se a palavra de ordem do prefeito que exortava os missionários ainda a recomendar a frequência aos sacramentos, a promoção das associações religiosas, em particular do Sagrado Coração de Jesus, a elencar as vantagens espirituais e temporais da proteção das almas santas do purgatório, a difundir o respeito ao romano pontífice. Solicitava, enfim, uma maior coordenação entre as residências, sobretudo no serviço religioso: "A unidade de ação, além de não desorientar o missionário quando transferido de um lugar a outro, é de grande

[435] Ivi, 2.

[436] "O missionário capuchinho – escreve Fr. Evangelista – só depõe as armas quando as mesmas lhe caem das mãos, porque exânime de forças": ivi, 4-5.

[437] Ivi, 5.

[438] Ivi, 6-7.

[439] Ivi,7.

vantagem para o povo, o qual se habituará a um único método em qualquer parte da nossa prefeitura se mova".[440]

Com a mudança da residência principal da Prefeitura de Tonantins para São Paulo de Olivença, o prefeito tinha "organizada uma metade da prefeitura", faltava – como ele mesmo especificava – "a outra metade [...] a mais difícil não só porque o território é o mais insalubre, mas porque já há muitos anos a maçonaria ali havia estabelecido as suas lojas".[441] Todavia, à tradicional hostilidade da maçonaria que os missionários haviam imediatamente percebido na realidade brasileira no início do século 20, vem juntar-se àquela conjuntura outra eventualidade que preocupava muitíssimo o prefeito. Ele, atento observador das dinâmicas político-econômicas da sociedade, tinha percebido que havia diversos anos cientistas, exploradores e pesquisadores americanos, auxiliados por autoridades governativas, tinham iniciado a percorrer o território amazônico "para estudar e descobrir – escreve Fr. Evangelista – aquilo que todo mundo sabia, não excluindo os americanos do Norte, isto é, que o terreno do vale amazônico é adaptadíssimo às plantações da *Hevea brasiliensis*".[442]

Por trás do sarcasmo se escondia a preocupação que junto com os dólares americanos teriam chegado ao Brasil também os protestantes: "Tudo isso devemos prever e temer uma coisa gravíssima: com a invasão do capital americano subjacente será a invasão protestante [...]. Isto acontecendo, não seremos nós, pobres missionários capuchinhos, que poderemos enfrentar a potência do dólar americano".[443]

---

[440] Sobre tal ponto, o prefeito anunciava, ao seu retorno da Itália, instruções específicas; no entanto, estava convencido de que, "ao completarem-se os três lustros" da pequena ação, novos horizontes se abriam: "Estou certo de que a nova era que começa será para a nossa missão tempo de progresso, para o nosso povo era de ressurgimento, para vós era de novos louros, novos triunfos e novos méritos junto a Deus, à Ordem e à Sociedade": ivi, 8-9.

[441] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione 1925.

[442] "Após dois anos de cálculos – escreve ironicamente o prefeito no seu relatório – o secretário da embaixada americana no Brasil, que capitaneou a referida missão, em setembro deste ano publicava nos jornais do Rio de Janeiro as conclusões práticas dos estudos feitos pela citada comissão, ou seja, que vale a pena empregar o capital americano na Amazônia!": *Ibidem*.

[443] *Ibidem*.

Foi provavelmente também essa preocupação junto com a vontade de participar da inauguração da grande Mostra Missionária Vaticana de 1925, que levou Fr. Evangelista a voltar à Itália e a pedir uma audiência privada ao santo padre Pio XI. Esta acontece no dia 18 de novembro de 1925 da qual Fr. Evangelista deixou um detalhado relatório;[444] depois de alguma pergunta sobre o clima e sobre o território da missão, o prefeito explicou a atividade pastoral e espiritual levada adiante nos três lustros de presença no Alto Solimões, recordou obras realizadas, os missionários mortos, pediu o envio das franciscanas missionárias de Maria à nova sede de São Paulo de Olivença,[445] mas sobretudo pediu o "capital" necessário, cerca de 80.000 dólares, para organizar de modo definitivo a prefeitura. O pontífice compreendeu as exigências e depois de procurar conhecer as possibilidades de obter subsídios da *Propaganda Fide* ou da Ordem, obtendo respostas negativas,[446] exortou Fr. Evangelista a confiar na Providência Divina e a voltar a ele antes de retornar em terra de missão.[447]

---

[444] Ivi, *Relazione dettagliata sulla mia udienza privata col santo padre Pio XI* (18, novembre, 1925).

[445] Um pedido já feito ao cardeal prefeito de *Propaganda Fide*: ACPF, N. S. vol. 840 (1925) rubrica n. 51 (Brasile), n. 2 (Alto Solimões), f. 689-694, que tinha respondido sublinhando os numerosos esforços das irmãs e, por consequência, a dificuldade em aceitar o pedido. Uma resposta que havia suscitado um pouco de ressentimento no prefeito que parece exclamar: "Sim, têm muitas ocupações, mas são também numerosas; elas devem fazer também alguma coisa pelo Alto Solimões". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione dettagliata.

[446] O prefeito informou ao pontífice que *Propaganda Fide*, além do ordinário subsídio anual, tinha prometido uma contribuição extraordinária de 18-20.000 liras e que dom Marchetti, lhe havia sugerido enviar um ou dois sacerdotes numa peregrinação esmolando pelo Brasil; "A mim – responde Fr. Evangelista – parece um trabalho desproporcional pelo tempo que levaria. Os brasileiros não são generosos como se pensa e o tempo seria empregado nesta campanha privaria a missão de ao menos dois sacerdotes tão necessários, dada a escassez de pessoal". Pelo que dizia respeito à ajuda da Ordem, Fr. Evangelista informou Pio XI de que esta havia mais ou menos 46 missões confiadas e outras tantas províncias e cada uma reclamava subsídios; de qualquer modo a Província Seráfica, havia cinco anos, segundo o prefeito, tinha sido privilegiada na distribuição das esmolas recolhidas e também naquele ano tinha obtido uma contribuição de 50.000 liras: *Ibidem.*

[447] Esta é a síntese da última parte da audiência narrada por Fr. Evangelista: "Comovido, deplora novamente a situação e se compadece dos missionários. Encoraja-me a confiar na Providência Divina e acrescenta que atualmente não pode ajudar-me

No entanto, em Roma, no mesmo ano de 1925 por ocasião do Ano Jubilar, foi montada uma exposição missionária; quase todas as comunidades missionárias aderiram ao apelo de Pio XI e enviaram à cidade santa testemunhos relativos à história, à vida nos campos das missões, em todas as manifestações: "flora, fauna, arquitetura, pintura, usos e costumes, literatura, guerra, família, religião, modos de vestir, as obras de evangelização". Também a missão dos frades capuchinhos da Úmbria no Alto Solimões enviou os próprios testemunhos recolhidos em mais de quinze anos de presença no Amazonas; produtos do artesanato local, exemplares da flora e da fauna, entre os quais destacava-se uma belíssima coleção de borboletas e de pássaros, além de peles de animais selvagens e em particular de uma espécie de serpente, chamada *Sucuriju*, medindo mais de oito metros, morta, ao que parece pelos próprios missionários nas águas do rio Solimões, "com onze tiros de mosquete".[448] A mostra dos missionários umbros foi visitada inclusive pelo santo padre que admirou a beleza e a variedade das plantas e dos animais presentes naquele ângulo da terra, congratulou-se com Fr. Hermenegildo de Foligno, que havia acompanhado o material da exposição até Roma e a tinha organizado e exprimiu o desejo de numa futura nova mostra admirar também uma "coleção científica dos vários insetos da Amazônia".[449]

---

conforme a necessidade; mas que teria pensado em fazer alguma coisa, porque, disse, também eu de vez em quando devo fazer minhas contas [...] entre dois ou três meses espero também estar em melhores condições. Então, antes e partir venha a mim e, feitas as minhas contas, verei como poderei ajudar e quanto poderei dar-lhe": *Ibidem*. A volta de Fr. Evangelista, por causa de uma imprevista doença, ocorrerá somente em novembro de 1926 (depois demorou no Rio para curar-se de "distúrbios renais" até o início de março de 1927) e ele, lembrando-se da promessa do pontífice, pedirá novamente audiência ao santo padre". Esta manhã tive a audiência com o santo padre. Muita amabilidade, afabilidade e bênçãos, mas de finanças se vê que está apertado porque me deu apenas 55.000 liras". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Fr. Evangelista al ministro provinciale, em particular as cartas enviadas de: Gênova, 12, novembro, 1926; Rio de Janeiro, 21, fevereiro, 1927 e Roma, 16, outubro, 1926.

[448] La nostra Missione nell'Esposizione Missionaria Vaticana, In: *Voce Serafica* 4/5 (1.º, maio, 1925).

[449] *Ibidem*. Sabemos que foi de fato Fr. Hermenegildo de Foligno quem montou grande parte da mostra missionária do Alto Solimões; no fim de 1924, deveria retornar à missão, mas estava em Roma a "organizar os objetos para exposição vaticana". "As

No início do mês de janeiro de 1926, o prefeito encontrava-se ainda na Itália onde tinha chegado para visitar a mostra missionária e para "tratar de negócios da missão", na prática, como vimos, sobretudo, para procurar farejar ofertas em grau de reduzir o débito que a missão tinha acumulado em particular para a construção de uma residência e do colégio na nova sede da prefeitura em São Paulo de Olivença. Queria no mês que entra voltar ao Brasil, mas adoeceu seriamente e foi obrigado a submeter-se a mais intervenções cirúrgicas.[450] Coube assim a Fr. José de Leonissa escrever o relatório anual do período de setembro 1925 a agosto de 1926.[451]

No período examinado parece que a residência de Tonantins fosse em completa decadência e a obra dos missionários aparece orientada a construir uma nova comunidade em Vila São Pedro, separada da velha residência por um pequeno igarapé; é ali que os frades querem transferir a própria atividade missionária, concentrando-a ao redor da escola confiada a uma terciária. Todavia, não obstante uma pequena ponte construída sobre o igarapé, para facilitar o acesso dos jovens de Tonantins, os resultados não foram animadores e só 30 alunos frequentavam assiduamente a escola. A pouca consideração que no interior as famílias davam à instrução, preferindo utilizar os jovens no trabalho e, sobretudo, na extração da borracha, a dispersão da população ao longo do curso dos rios estavam entre as causas principais

---

borboletas e os outros poucos objetos que havia em Foligno, foram preparados por Fr. Hermenegildo com gosto e competência; por isso os superiores o chamaram a Roma". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), minuta da carta do ministro provincial a Fr. Evangelista, s.l., 12, dezembro, 1924.

[450] O prefeito queria levar consigo também outros missionários, mas ao apelo do ministro provincial tinha respondido apenas um frade, suscitando decepção em Fr. Evangelista, que escreve: "É desencorajador que apenas um tenha respondido ao apelo [...] Até quando todos desejam ir é razoável que todos não se podem mandar; mas que numa província que há missão própria e da qual, graças a Deus, pode gloriar-se, que hoje não tenha quem queira ir, mais que desanimador é doloroso porque nos seculares se nota mais espírito missionário que nos nossos filhos de São Francisco. Significa que onde não querem ir espontaneamente irão empurrados": ivi, p. Evangelista al ministro provinciale, Roma, 4, janeiro, 1926.

[451] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale della Prefettura Apostolica dell'Alto Solimões, settembre, 1925-agosto, 1926, Manaus, 1.º, dezembro, 1926, 8.

do insucesso da iniciativa da escola na nova residência da prefeitura em São Paulo de Olivença.

Aberta no mês de fevereiro, já em abril contava mais de cem alunos, apesar de uma epidemia de varíola, que aconselhou o fechamento por um mês e malgrado a presença de uma escola do Estado, situada justamente próxima àquela aberta pelos missionários.[452] O bom andamento do colégio, denominado Assunção, atribuía-se, segundo os frades, a três professoras que "com o seu jeito amável e delicado atraíam alunos ao colégio cativando o afeto destes e das suas famílias".[453] Portanto, a experiência amadurecida nos três lustros de presença no Alto Solimões estimulava os missionários a considerarem a construção de um colégio ou de uma escola onde formar os jovens como obra indispensável para colocar bases duradouras e fecundas no futuro da missão. Por esse motivo também em Remate de Males, definida pala insalubridade do ar por frei José de Leonissa, que referia a opinião de um ilustre médico, "cemitério dos vivos", todos os esforços se concentraram na criação de um colégio; se começou a recolher ofertas materiais úteis para a construção e os resultados, ao menos pelo que narra Fr. José, foram reconfortantes, apesar da presença na cidade, sede de município, de uma escola pública municipal e de poderosa loja maçônica que, sempre segundo Fr. José, muito trabalhava "em detrimento da nossa ação missionária".[454]

Remate era também lembrança importante por iniciar missões itinerantes ao longo de muitos afluentes do Solimões; mas nesse campo ainda precisava resolver, depois de mais de quinze anos, o controverso relacionamento com os donos dos seringais que eram geralmente contrários às viagens dos missionários. "É este um dos maiores obstáculos – escreve Fr. José – porque em tantos afluentes, são anos e anos que não vai o sacerdote".[455] Os missionários capuchinhos começaram a

---

[452] Ivi, 2-3.

[453] Ivi, 4. No relatório de 1923, na realidade, o prefeito havia anunciado para 1924 a presença no interior de outras duas professoras, provenientes de Manaus, uma das quais para ajudar àquela de São Paulo de Olivença e outra para abrir uma nova escola em Tonantins. Evidentemente a precariedade da residência de Tonantins aconselhou a enviar ambas as mestras para São Paulo de Olivença: ivi, *Relazione annuale* 1923.

[454] Ivi, *Relazione annuale* [...] settembre, 1925-agosto, 1926, 5.

[455] "Estes – continuava Fr. José, referindo-se aos donos – longe da fiscalização das autoridades, se julgam pequenos reis absolutos com pleno direito até de vida e morte sobre

pôr-se também o problema de dar uniformidade em todas as residências missionárias, aos públicos atos religiosos, como às modalidades como afrontar as missões itinerantes e a instrução religiosa; a ocasião dos retiros espirituais anuais torna-se, em tal sentido, o momento propício para discutir e escrever normas e regulamentos, restando assegurada a liberdade de cada residência em escolher os horários das funções religiosas mais conformes aos hábitos e às necessidades dos fiéis.[456] À espera do retorno do prefeito e cultivando a esperança que ele "haja encontrado na Itália almas generosas", o que preocupava os missionários era a subsistência quotidiana; à exceção de Remate de Males, onde o serviço religioso era de qualquer modo retribuído, mas servia apenas o suficiente para as despesas ordinárias e as curas para as frequentes doenças, nas outras duas residências, substancialmente, não existiam entradas. A pobreza e a indiferença religiosa tornavam difíceis as espórtulas de missas, como também as ofertas por ocasião de batismos ou matrimônios; parece que a sobrevivência dessas duas sedes fosse assegurada pela magnanimidade de Joaquim Gonçalves de Araújo, comendador de São Gregório Magno, presidente de uma importante sociedade comercial em Manaus,[457] o mesmo que tinha antecipado o dinheiro para comprar o terreno e construir a residência em Manaus, ao qual também o prefeito sentiu o dever de dirigir, por meio das páginas de *Voce Serafica* um comovido agradecimento.[458]

---

os trabalhadores, os quais, por isso, fazem cegamente tudo que lhe é ordenado. Não sendo de acordo o seu patrão, o sacerdote faria uma viagem inútil, porque ninguém se apresentaria nem para batismos, matrimônios ou serviço espiritual. É a conjuração do inferno para ter escravos tantas pobres almas redimidas com o Sangue de Cristo. Acrescente-se ainda que em não poucos afluentes não entra outra embarcação se não aquela do patrão. E assim ao pobre missionário não resta outro que rezar por estes pobres cegos e esperar o tempo em que reine menos liberdade cartácea e mais liberdade real": ivi, 5-6.

[456] Ivi, 7.

[457] Ivi, 9. "Se não fosse o senhor comendador Joaquim Gonçalves de Araújo, nosso grande benfeitor, a quem podemos chamar nosso pai, o qual atende a todas as solicitações das nossas residências [...] aos missionários faltariam as coisas mais necessárias para a vida".

[458] Un insigne benefattore della nostra missione, In: *Voce Serafica* 5/5 (1.º, maggio, 1926). Escreve Fr. Evangelista: "Espírito eminentemente religioso e caritativo [...] tratou sempre com a máxima deferência os missionários seja a que instituto pertencessem e sempre foi em seu favor e ajuda [...] Com seu poderoso auxílio e contribui-

4. Escolas, saúde, agricultura

Várias vezes mencionado nos contatos anuais e na correspondência com a província, pela primeira vez, de modo explícito, no relatório de 1927, vem apresentado o problema da despótica presença dos patrões: "Os índios – não obstante a chamada *Direção de proteção dos índios* – são sujeitados a alguns patrões e podemos considerar-lhes verdadeiros escravos [...] principalmente os seringueiros, ou seja, os extratores da borracha que se encontram a longo das margens dos assim chamados *rios fechados* querendo significar que lá só podem entrar para negociar o dono ou seu fiador [...] As autoridades públicas locais – quase sempre incompetentes – pelas necessidades da vida ou por interesse, compartilham com os ditos patrões e por isso a consequência é que estes tornam-se verdadeiros senhores feudais, déspotas da vida e da alma do infeliz seringueiro". E a propósito emerge ainda, pela primeira vez, a consciência de que, sem um "enérgico esforço do Estado e do governo da federação", não seria possível mudar o quadro global.[459]

Em resumo, a missão, depois de mais de quinze anos, estava consolidando-se e desejava tornar-se autônoma em relação a certas dinâmicas relacionais e absolutamente primitivas do ponto de vista das proporções econômicas e sociais.

Mas justamente nesse momento no qual se procurava pôr o futuro da missão sobre novas bases, o mundo inteiro foi afetado por uma crise econômica sem precedentes; já no relatório de 1929, redigido na primeira metade de janeiro de 1930, emergem os contornos do colapso econômico de 1929, uma crise que balançou o sistema de produção capitalista em todo o mundo. Foi a depressão mais grave já registrada

---

ção, e da sua dileta filha Adelaide de Araújo, terciária franciscana, surgiu, como por encanto, o Colégio Nossa Senhora da Assunção em São Paulo de Olivença, sede da missão". Na realidade, o comerciante português não distribuía beneficência, mas emprestava o dinheiro necessário aos missionários e depois vinha aos mesmos "satisfeito nos seus créditos – sem frutos – pouco a pouco". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale della Prefettura Apostólica dell'Alto Solimões, 1.º, luglio, 1929-30, giugno, 1930, dell'anno 1930, S. Paulo de Olivença, 20, julho, 1930, 2.

459 Ivi, *Relazione della Prefettura Apostolica dell'Alto Solimões*, 1927, S. Paulo de Olivença, 19.

na história moderna, até pelas consequências terríveis que teve não só nas economias, mas também na política dos Estados europeus. A crise de 1929, denunciada pelo desmoronamento da Bolsa de Wall Street, reduziu a confiança na livre concorrência, jogou na miséria milhões de desocupados, forçou todos os Estados industrializados a dar aos governos um poder integrativo de suplência na vida econômica, com inevitáveis quedas às vezes nos métodos de protecionismo.

O costumeiro quadro negativo da sociedade brasileira acentuava-se pela difusão e alargamento da pobreza: "Este ano, infelizmente, devemos registrar outro fator, por assim dizer, de aparente regresso. É a miséria geral dos nossos fiéis! [...] Não falamos, pois do Amazonas; porque exceto a parte principal da cidade de Manaus, capital do Estado, o restante é abandono e atraso [...] A parte mais ferida pela miséria na nossa prefeitura apostólica é o rio Javari. Este rio é habitado não por índios, mas por civilizados nordestinos que, escapando da miséria dos próprios Estados, refugiaram-se no Amazonas quando a borracha era chamada o "ouro negro" pelo seu preço. Mas hoje seu preço de 15 ou 20 mil-réis o quilo desceu a 1.500 réis na praça de Manaus".[460]

Uma exemplar descrição do intenso processo de pauperização em andamento na bacia do rio Javari foi fornecida por Fr. Diogo de Ferentillo que, depois de uma incursão ao longo do curso do rio, numa carta ao prefeito apostólico, escrevia: "No Javari, como em todo o resto da missão, as condições materiais [...] são verdadeiramente alarmantes! Miséria! Miséria! Miséria!".[461]

Todavia, apesar da conjuntura desfavorável, continuavam os trabalhos para tornar a nova sede da prefeitura lugar acolhedor e decoroso; em 1927, São Paulo de Olivença contava com cerca de 600 almas e era dotada de um colégio equiparado às escolas estatais; finalmente chegaram também as irmãs missionárias capuchinhas[462] (missionárias terciárias capuchinhas do norte do Brasil) e foi também instituída a associação das Filhas de Maria. São Paulo agora tinha se tornado o centro do movimento missionário; grande atenção e solenidade vi-

---

[460] Ivi, *Relazione annuale del servizio religioso della Prefettura Apostolica dell'Alto Solimões* [...] 1929, São Paulo de Olivença, 15, janeiro, 1930.

[461] Ivi, 2.

[462] As irmãs capuchinhas eram cinco, todas brasileiras e provenientes do Maranhão.

nham dedicadas às celebrações litúrgicas, geralmente acompanhadas pelo canto das alunas do colégio. No domingo, celebração de duas santas missas e logo depois o catecismo às várias classes dado pelo pároco ajudado pelas irmãs missionárias e das Filhas de Maria. À tarde, reunião de todas as associações religiosas. Também a igreja, para dar relevo às celebrações e destacar a nova função, foi adornada com imagens trazidas da Itália pelo prefeito.

Desde 1928 o pároco de São Paulo de Olivença era Fr. Fidélis de Alviano; em sua ausência o substituía Fr. Antonino de Perúgia, secretário da prefeitura; a partir do mês de outubro, foi coadjuvado por Fr. Domingos de Gualdo Tadino, "o veterano dos missionários e que muita honra dá à missão por suas virtudes e pelo seu saber".[463] Como recorda ele mesmo, Fr. Fidélis foi um dos primeiros a apresentar o pedido para partir à nova missão confiada aos capuchinhos da Úmbria, mas a partida acontece só no mês de fevereiro de 1926, quanto havia já mais de quarenta anos.[464] Apenas recebido o encargo de pároco, Fr. Fidélis tentou estender a instrução catequética aos habitantes de um pequeno vilarejo, habitado por "puros índios", pouco distante de São Paulo de Olivença, S. João; "dada a natureza semisselvagem deles – escreve o prefeito no relatório anual enviado a Fr. Costantino de Civitella de Pazzi, ministro provincial da Província Seráfica – não participam do nosso movimento religioso civil para alcançar esses caboclos renitentes, que habitam a poucos passos da missão, foi aberta uma escola de catecismo numa cabana de indígenas. Duas vezes por semana as nossa boas missionárias, em companhia de duas filhas de Maria, convenientemente instruídas, vão a São João para a doutrina cristã".[465]

---

[463] Ivi, *Relazione annuale* [...], 1929, 2.

[464] Fiz o pedido para ir à nossa Missão do Alto Solimões em maio de 1909, quando então partiram os primeiros missionários para aquela nova missão. A minha solicitação, porém, não foi ouvida, senão, em fevereiro de 1926; estava então com a idade de 41 anos". Fedele d'Alviano, Amelia, 7, novembre, 1939. Brevi cenni storici circa il primo periodo della mia vita missionária – Scritti per imposizione del P. Provinciale, In: *Voce Serafica di Assisi* 49/21 (1.º, novembre, 1980) 106-108. Sobre sua figura e a sua atividade missionária se falará de modo mais longo no parágrafo seguinte.

[465] APCA,102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale della Prefettura Apostolica dell'Alto Solimões, 1928, S. Paulo de Olivença, 15, janeiro, 1929, 2.

Frei Fidélis dedicava especial atenção à escola de catecismo, havia atualizado seus conteúdos e métodos, adaptando-lhes às mais recentes "normas da didática e da pedagogia". Para afastar a juventude do baile, que era na opinião dos missionários, o meio mais potente de corrupção da juventude, nas festas principais vinham programadas "recreações honestas, teatrinhos, bingos, música com o grande gramofone".[466] Também a ação educativa desenvolvida no colégio tinha já merecido a atenção das autoridades do governo, em particular do governador Efigênio Sales, empenhado na promoção de uma campanha contra o analfabetismo; por ocasião dos exames finais os alunos do colégio exibiram-se até com exercícios militares enquanto as alunas apresentaram a ginástica sueca, merecendo o aplauso do inspetor escolar, que enviou uma carta ao diretor da instrução pública do Estado do Amazonas, professor Agnelo Bittencourt, na qual elogiava os esforços dos missionários no campo decisivo da instrução.

Em 1929, nas proximidades de São Paulo de Olivença, por iniciativa do prefeito, vem aberto, depois de ter derrubado a floresta, um grande campo para servir de pasto aos animais; a intenção era aquela de criar bovinos, para ter carne e leite e, portanto, uma alimentação mais condizente com o regime alimentar dos missionários e das irmãs.[467]

Assim como para a instrução, também para outros serviços públicos o Estado procura fixar as bases, apoiando-se na presença missionária; por solicitação do diretor-geral do Instituto de Meteorologia, em São Paulo de Olivença e na Foz do Javari, vêm instaladas, no mês de fevereiro, estações meteorológicas confiadas respectivamente a Fr. Antonino de Perúgia e a Fr. Ludovico de Leonissa. Era prevista uma pequena compensação mensal, mas, com franqueza, o prefeito fazia notar como

---

466 Ivi, *Relazione annuale* 1929, 2.

467 "Nestas longíssimas regiões não existem açougues e o alimento ordinário dos nativos é peixe fresco e seco, farinha de mandioca e fruta da terra. Ora, para nós europeus e para as irmãs, vindas todas de abastadas famílias brasileiras nordestinas, os alimentos dos indígenas não ajudam à nossa saúde. Mas não posso esconder que transformar em pastagem um pedaço de mata na Amazônia é uma empresa que desencoraja o próprio dono civilizado. Desmatar na Amazônia, em virtude da grande ferocidade da natureza, é um trabalho insano, longo, paciente, perseverante e dispendioso. E não é raro que, depois de tanto sacrifício se perda tempo, trabalho e dinheiro! Eis porque comumente se diz que na Amazônia a agricultura não dá resultado e não compensa as despesas": ivi, 3.

na realidade o serviço provocasse também "um pouco de dor de cabeça"; mais convicção demonstra à atividade de profilaxia rural que desde 1922, ainda que gratuitamente, permitia aos missionários distribuir medicamentos, em particular durante as suas incursões.[468]

Mas a crise de 1929 atingiu também São Paulo de Olivença produzindo uma redução da população, sobretudo de homens, constrangidos a mudar-se para o interior da floresta para a "extração de toras de cedro", o único recurso, ao que parece, em grau de assegurar a sobrevivência de suas famílias.

No entanto, já em 1927, em Tonantins, na foz do homônimo rio, tinha começado a construção de um novo vilarejo em substituição ao antigo, que tinha se reduzido a "um monte de ruínas". Mas nessa sede, além das costumeiras práticas religiosas, a atividade dos missionários distinguia-se por uma intensa atividade agrícola.[469] O pároco era Fr. Ambrósio de Gaifana e com ele vivia Fr. Diogo de Ferentillo; este último, além de tocar otimamente o harmônio, dedicava-se de fato à agricultura; sua intenção era aquela de conseguir terra da floresta e plantar árvores das quais pudesse ganhar "um certo socorro para a manutenção material da missão".[470] Em 1929, conforme seu testemunho, tinha conseguido plantar cerca de 15.000 pés de café e

---

468 Ivi, 4. Na prefeitura os missionários haviam montado quatro postos de pronto-socorro onde distribuíam "gratuitamente medicamentos a todos os que necessitavam, sem distinção de classe ou de nacionalidade". A "profilaxia" ou, na verdade, a função de distribuir medicamentos em São Paulo de Olivença era confiada a Fr. Antonino de Perúgia, aquela de Tonantins a Fr. Ambrósio de Gaifana, em Esperança a Fr. Ludovico de Leonissa; uma sede estava situada em Remate de Males, mas o missionário não podendo permanecer no posto por todo o ano, tinha confiado a distribuição dos medicamentos, "em nosso nome" – escreve Fr. Evangelista – ao empregado postal, "católico, praticante e fervoroso": ivi, *Relazione annuale* 1.º, luglio, 1929-30, giugno, 1930, 1.

469 Ivi, *Relazione della Prefettura* 1927, 5-6.

470 "Possuindo um ótimo conhecimento da flora, unido à boa vontade e ao muito gosto pelos trabalhos agrícolas, demonstra – contra os inveterados preconceitos de que no Amazonas a agricultura não compensa os grandes sacrifícios necessários – demonstra, digo, que com paciência e persistência um dia deverão aparecer os frutos dos muitos trabalhos feitos com inteligência e método. O Fr. Diogo, dando este bom exemplo de colonização e civilização, dirige os operários e lhes ajuda a abater a selva virgem, escavar e depois plantar árvores frutíferas conforme a flora: café, cacau, castanha, cana-de-açúcar etc.": ivi, *Relazione annuale* 1928, 4.

700 de cacau.[471] Mas no mesmo ano, de acordo com o testemunho dos missionários, Tonantins tinha sido reduzida "a uma mata só", pois apesar disso o novo vilarejo não decolava, o número de famílias não aumentava e a escola continuava a ser pouco frequentada.[472]

A crise da borracha, unida à crise financeira mundial, provocava fenômenos de massiva emigração, sobretudo de "civilizados", do rio Javari: "embarcações lotadas de gente [...] descendo o Solimões em rumo incerto".[473]

As consequências de tal êxodo eram bem ilustradas pelo prefeito: "Dificuldades para os missionários nas suas incursões apostólicas. Diminuição do elemento nordestino, que para nós é o principal elemento e fator de civilidade e progresso. Diminuição dos alunos nas nossas escolas de ensino intelectual e religioso. Impossibilidade de haver internas no nosso colégio Nossa Senhora da Assunção. De fato, os pais foram obrigados a retirar as suas filhas por não poder pagar as modestas despesas de estada, roupas, livros (sic) etc. [...] Impossibilidade de os fiéis de oferecer ao missionário um pequeno óbolo no ato de administrar os sacramentos, conforme era o costume".[474]

A localidade mais atingida pela crise, porém, foi Remate de Males, paróquia habitada, sobretudo, por trabalhadores temporários e nômades, dedicados à extração da borracha; esta – como já foi dito – ficava completamente dentro da zona malárica do rio Javari e era considerada "a prova de fogo dos missionários do Alto Solimões";[475]

---

471 Ivi, *Relazione annuale* 1929, 5.

472 Escreve no relatório Fr. Evangelista: "Do Tonantins velho, que se encontra uma hora a mais acima da foz, nem vale a pena recordar-se. Restaram poucas famílias e reduziu-se a uma mata só. Antes, para não ter mais razão para lá retornar, exceto no caso de chamados para administrar os sacramentos aos doentes e moribundos, removemos de lá o campo-santo que ficava muito longe do novo vilarejo e fizemos outro numa bela esplanada de terra sobre a mesma nova Vila". Foi, pois, Fr. Ambrósio de Gaifana quem fez e completou o novo cemitério inaugurando-o com uma solene bênção no dia de finados: ivi, 4.

473 Ivi, *Relazione annuale* 1.º, luglio, 1929-30, giugno, 1930, 1. O novo *Statutum pro missonibus* estabelecia uma nova periodicidade para o envio dos relatórios anuais (o relatório deveria compreender o período de julho a junho) e previa uma ordem de abordagem dos argumentos à qual o prefeito prontamente se atém.

474 *Ibidem*.

475 Ivi, *Relazione della prefettura* 1927.

também as autoridades do Estado do Amazonas, por causa do clima malárico, tinham estabelecido, havia tempos, a transferência do vilarejo de Remate para a foz do rio Javari ou Esperança, "lugar relativamente ameno e menos pantanoso", onde estava instalada também a estação radiotelegráfica.[476] Também a missão, como sabemos, há diversos anos havia descoberto em Esperança o lugar ideal para implantar uma nova residência e não hesitou então em iniciar os trabalhos para construir a igreja e a casa dos religiosos e também uma escola, obra considerada indispensável pelos próprios fiéis. "Com essa nova presença – escrevia Fr. Evangelista – os missionários terão uma amena habitação e não terão necessidade de abandonar a paróquia durante o período de inundação; assim como não precisarão permanecer na antiga vila que é um verdadeiro foco de malária".[477]

No decorrer do ano de 1927, seja Fr. Ludovico ou Fr. Venceslau, ambos residentes em Remate, foram obrigados, para curar-se, ir a Manaus; Fr. Venceslau, atingido por malária, por conselho médico, permaneceu por quatro meses na Bahia; recuperado, voltou a Remate onde era pároco.[478] Também Fr. Lucas de Gualdo Tadino, ecônomo da residência de São Paulo de Olivença, adoecendo em 1923, não tinha mais restabelecido a saúde, piorando visivelmente, também ele teve de ir a Manaus, de onde, em junho de 1928, voltou definitivamente para a Itália. Acolhido no convento de Assis, no verão de 1928 o encontramos em Chianciano Terme para tratar-se, mas sem sucesso, morreria aos 12 de abril de 1929.[479]

---

[476] Ivi, 8.

[477] *Ibidem.*

[478] Ivi, 9.

[479] APCA, 106, *Misssioni – Corrispondenza personale,* 1, I-L, p. Luca al ministro provinciale, Genova, 30, junho, 1928. De Espoleto, com uma carta datada de 5 de julho de 1928, o provincial lhe comunicou que o seu lugar de residência seria Assis; ali, provavelmente ficou até o final de julho, quando os médicos o convidaram para tratar-se em Bagni di Chianciano. E das termas toscanas, Fr. Lucas escreveu uma carta ao provincial, para informá-lo das suas condições de saúde: "Voltei ao professor Palatini que me perguntou qual efeito havia produzido em mim a água. Conforme a minha resposta me disse para continuar por mais 5 dias a 300 gramas d'água. Sinto-me melhor, principalmente quanto ao intestino. O que me preocupa um pouco é aquela mancha em forma de ovo de pombo que aparece perto do umbigo. Os médicos quando me visitaram a examinaram mas não souberam indicar tratamento e depois

Apesar de as autoridades municipais terem decretado o abandono do município de Remate, os capuchinhos umbros decidiram que era necessário manter um missionário porque – escrevi ao prefeito – "Remate de Males subsistirá até que o rio Itacoaí submergirá as suas margens e o último barraco".[480] A razão da persistência era atribuída, sobretudo, à sua localização estratégica do ponto de vista comercial; de fato era lugar de contrabando, sobretudo com o Peru.

Entretanto, em Esperança continuavam os trabalhos para a construção da igreja e da residência missionária, trabalhos dirigidos por Fr. Ludovico de Leonissa, que foi elogiado pelo prefeito: "Não posso silenciar diante da ação apostólica que está realizando Fr. Ludovico de Leonissa na foz do Javari. Missionário nascido para trabalhar no campo material e espiritual, o frei Ludovico é um verdadeiro exemplo de religiosidade e abnegação. Se durante o dia trabalha ajudando os operários, à noite não deixa de reunir os seus fiéis na sua rústica igreja e de instruir-lhes nas verdades da fé".[481]

No mês de setembro de 1928, Fr. Antonino de Perúgia, por causa de um acidente sofrido com o motor da bomba hidráulica da residência de São Paulo de Olivença, teve de descer a Manaus, "para medicar-se de lesões traumáticas internas"; também o prefeito, em de-

---

veremos se desaparece. Não sei por quantos dias devo fazer o tratamento, mas penso que 15 dias serão poucos, visto a pouca água que me dão [...] à noite, depois do jantar, vêm à minha pensão senhoras e senhores que me rodeiam para escutar pequenos causos da missão. E sentem um prazer extraordinário": ivi, Bagni di Chianciano, 4, agosto, 1928. No relatório do ano 1929, Fr. Evangelista traça um perfil detalhado do missionário, que tinha nascido em Gualdo Tadino aos 19 de março de 1887.

480 APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1928, 5.

481 Ivi, 7. Frei Ludovico desenvolvia também a atividade de tradutor das obras tidas mais importantes e atualizadas para a catequese, mas em 1938 arriscou um inconveniente nada pequeno. Estava traduzindo para o português alguns volumes e entre os quais *O relógio da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, Tratado sobre a Divina Vontade, A Rainha do Céu no Reino da Divina Vontade*, quando leu no *L'Osservatore Romano* que os três volumes tinham sido colocados no Índex. "Imediatamente parei o trabalho e fechei os livros na credência dos livros proibidos", escreveu ao Ministro Geral. AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., III, Manaus, 10, novembro, 1938.

zembro, voltou a Manaus para tratar-se de diabetes, "surgida inesperadamente".[482]

Nos anos seguintes, Remate de Males prosseguiu na sua inevitável decadência; a queda do preço da borracha junto com a crise financeira mundial levaram adiante uma lenta e inexorável diminuição da população, por outro lado dizimada também pelas doenças. Talvez já em 1929 não existisse mais se, no momento da assinatura do decreto "de mudança da vila para Esperança", tivesse sido transferida também a agência postal e "supressa a navegação do vapor principal". O próprio pároco, Fr. Venceslau de Espoleto, infectado de malária, já em janeiro teve de abandonar a paróquia; a substituí-lo foi enviado Fr. Diogo de Ferentilo que, todavia, resistiu até outubro; depois da novena a São Francisco, voltou à sua residência de Tonantins. Em novembro chegou ali Fr. Ambrósio de Gaifana com a intenção de empreender uma desobriga ao longo do rio Quixito, afluente do Itacoaí; partiu animado pelas melhores intenções, mas tendo levado consigo poucas provisões e não encontrando durante a viagem a necessária alimentação, teve de voltar atrás.[483]

No final dos anos vinte, Esperança tinha-se tornado a terceira principal residência missionária. Esta, no projeto dos frades, deveria tomar o lugar de Remate de Males, mas também nesse caso os missionários lamentam os atrasos e omissões por parte das autoridades municipais que, antes, segundo eles, brigavam para restabelecer o município "naquele cemitério dos vivos que é Remate de Males".[484] Em

---

[482] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1928, 7.

[483] Sobre a atividade de Fr. Ambrósio, durante os primeiros seis anos de permanência no Amazonas, veja-se: "Pequeno relatório do meu primeiro sexênio de missionário apostólico nesta distante região e especialmente na zona chamada "Solimões Superior", ao longo do grande rio Amazonas". Com um anexo "espelho do serviço religioso prestado". AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., IV, p. Ambrogio da Gaifana al ministro generale, Manaus, 15, março, 1933.

[484] "Remate de Males, no malárico Javari, em breve dará lugar a Esperança não por vontade dos homens, mas por necessidade inevitável. Apesar disso, devo dizer – escreve o prefeito – que os dirigentes do município, depois de dois anos de administração desde que foi transferida a sede para Esperança, pelo impatriotismo de alguns interessados e pelo egoísmo de outros, na nova sede não se pôs um prego. Antes, os próprios interessados estão fazendo de tudo para restabelecer o município naquele cemitério

Esperança a alma de todo o movimento material e espiritual era Fr. Ludovico de Leonissa. No mês de outubro de 1929 terminaram os trabalhos de construção da casa e no mês sucessivo terminou aquela da nova igreja. O seu dinamismo e sua atividade febril conseguiam impressionar a população e também as autoridades locais, que consideravam a "pressa europeia" uma doença semelhante à neurastenia.[485] A inauguração da nova residência e a colocação da primeira pedra da igreja aconteceram por ocasião da festa de São Francisco; vieram para o ato Fr. Evangelista e Fr. Fidélis, que fez o tríduo de pregações.[486] Grande adesão do povo, apesar das chuvas incessantes, mas certamente nada comparável à participação verificada por ocasião da primeira festa da padroeira de Esperança, Imaculada Conceição, que atraiu "três vezes mais fiéis que a festa de São Francisco", demonstrando a "grande devoção que têm os nordestinos brasileiros à Virgem Imaculada".[487]

Depois da morte de Fr. Lucas, em 1929, Fr. Antonino teve de deixar S. Paulo para em Manaus, tratar-se de "um esgotamento cerebral (sic) que o impossibilitava qualquer aplicação mental"; também Fr. Venceslau e Fr. Diogo, depois de dez anos de presença em missão, para revigorar a sua instável saúde, pediram para retornar à província e em 17 de maio de 1930 embarcaram para a Itália.[488]

---

dos vivos que é Remate de Males". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1929, 6. No relatório do ano 1931, o prefeito escrevia que a presença em Remate era praticamente "extinta [...] a população dispersa na maioria, a casa e a igreja caíram, o terreno foi invadido pelo rio e a localidade tende a desaparecer por completo". Os missionários haviam já transportado para Esperança as sacras imagens e os móveis da Igreja, assim como já tinha feito as autoridades civis: ivi, *Relazione annuale della Missione dell'Alto Solimões*, 1.º, luglio, 1930-giugno, 1931, S. Paulo de Olivença, 2, julho, 1931, 6.

485 "Ele corre acima e abaixo pelo rio com o nosso motor para arrumar o que falte: pedra, madeira, tijolos velhos, víveres [...] Mediante as suas ótimas decisões e visão econômica, a prefeitura apostólica não gasta um centavo a mais por este importante trabalho que supera as 200 mil liras italianas": ivi, *Relazione annuale* 1929, 6.

486 Segundo o testemunho de Fr. Ludovico de Leonissa, Fr. Fidélis estava para tornar-se um "bom orador sacro português". Numa carta enviada ao secretário da prefeitura, o mesmo Fr. Ludovico escrevia: "Fr. Fidélis está gerando furor!": ivi, 7.

487 *Ibidem*.

488 *Ibidem*. Na mesma, Fr. Evangelista refere os solenes festejos organizados pela prefeitura para celebrar a Conciliação entre o Estado Italiano e a Igreja com o Pacto Lateranense que definia a longa e complexa questão romana, nascida logo após a unificação da península. Foi Fr. Antonino de Perúgia que "com oportuno discurso explicou ao

Foi no início dos anos trinta que os missionários, talvez para corresponder às novas diretivas do *Statutum pro missionibus* e ao mesmo tempo sempre desejando uma disposição menos provisória da sua presença, organizaram-se e estruturaram-se, seja do ponto de vista eclesiástico, seja religioso.

Aos 17 de dezembro de 1930, foi instituído o Conselho da missão, formado por Fr. Domingos, Fr. Fidélis e Fr. Ludovico; estes se reuniram nos dias 28, 29 e 30 de dezembro de 1930, sob a presidência do prefeito e providenciaram "à distribuição e designação dos ofícios eclesiásticos entre os missionários".[489] Vem, pois, instituído o ofício dos "Discretos", confiado a Fr. Domingos e Fr. Hermenegildo. Estes se reuniram sob a presidência do superior regular, Fr. Evangelista, nos dias 7, 8 e 9 de julho de 1931 e tomaram diversas decisões a respeito da residência dos missionários,[490] o horário das celebrações litúrgicas a observar em todas as residências com a recomendação de privilegiar as práticas de piedade usuais na província, a obrigação para os párocos de ter o livro das missas *pro popolo*, o livro paroquial de entradas e despesas com a obrigação de mantê-lo distinto daquele utilizado pelo registro das somas relativas à construção de obras paroquiais.[491]

No início dos anos trinta, na residência de Tonantins, continuava a existir um "campo agrícola experimental", com plantações de café, cacau, cana-de-açúcar e outro cuidado por Fr. Diogo; em S. Paulo, sob a direção do prefeito, mas com o trabalho de um empregado, existia

---

povo a razão da grande alegria"; o canhãozinho da missão disparou durante o dia em sinal de festa, e à noite uma solene procissão com o Santíssimo concluiu-se com o canto do *Te Deum*, entoado pela *Schola Cantorum*.

[489] Ivi, *Relazione annuale* 1.º, luglio, 1930-30, giugno, 1931. Deliberaram ainda sobre a abertura de uma escola em Amaturá e uma escola noturna para adultos em São Paulo de Olivença.

[490] Ivi, 5. Frei José de Leonissa foi transferido da residência de Manaus para aquela de Esperança; Fr. Hermenegildo de Foligno transferido de Manaus para Tonantins; Fr. Venceslau que estava na Itália foi transferido de Remate de Males para Manaus com o cargo de superior; Fr. Ambrósio foi transferido de Esperança para Manaus.

[491] Vêm dispostas algumas recomendações como: "comunicar ao superior regular a recorrência dos retiros espirituais; para o caso de moral ater-se ao que foi proposto pelo calendário da província e comunicar ao superior regular as respectivas resoluções; aplicação de missas segundo as intenções do superior local e estes, retiradas as aplicações de obrigação ou retribuídas, façam aplicar segundo as intenções do superior regular as outras, notificando-lhe cada mês": *Ibidem*.

um "campo pastoril [...] com produção de bovinos para as necessidades da missão" e que, ao que parece, estava dando "algum resultado".

Em julho de 1931 foram iniciados os trabalhos também para a construção de uma casa em Amaturá, para ser utilizada como habitação do missionário por ocasião das visitas. Amaturá era uma localidade situada na margem direita do Solimões, na metade da estrada entre S. Paulo e Tonantins. No passado tinha sido sede paroquial, mas sucessivamente, decadente, foi unida a S. Paulo; havia algum tempo apresentava certo movimento e aumento da população. Os missionários começaram a visitá-la com frequência e o conselho da missão decidiu fundar ali uma escola, foi a própria população que construiu um barraco para abrigar a escola e depois o cedeu à missão que encarregou uma professora da mesma, escolhida entre as alunas e catequistas do colégio de S. Paulo. A escola foi oficialmente inaugurada aos 25 de março de 1931 pelo prefeito, acompanhado por Fr. Fidélis, na presença das autoridades civis; em poucos meses registrou a frequência de mais de 70 alunos.[492]

Um ano depois, Fr. Evangelista partiu para a Itália acompanhado do seu secretário, Fr. Antonino, "a fim de tratar da sua saúde fragilizada e de vários interesses da missão".[493] Voltou à missão no fim de outubro, sem Fr. Antonino, que ficou na Itália até agosto de 1933,[494] mas trazendo consigo frei Xavier de Perúgia, professor simples que em

---

[492] Ivi, 8. Agora o prefeito podia estar presente às mais significativas celebrações podendo mover-se mais comodamente ao longo dos rios com o seu "motoretto", chamado "Santa Teresinha".

[493] Ivi, *Relazione annuale della Missione dell'Alto Solimoes*, 1.º, luglio, 1932-30, giugno, 1933, S. Paulo de Olivença, 30, junho, 1933. Na realidade a saúde do prefeito tinha decididamente piorado tanto que o fez pedir em breve tempo a nomeação de um sucessor. De Pisa, onde tinha ido para curar-se e onde os médicos haviam encontrado um coração "bastante dilatado", convidava o provincial a escolher o seu sucessor: "é um sacrifício que a província deve fazer, precisamos de alguém com ampla visão, orientação segura, energia e coragem: melhor prevenir que remediar": ivi, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Fr. Evangelista ao ministro provincial, Pisa, 14, junho, 1932.

[494] Junto com Fr. Antonino, em 1933, deveria partir também Fr. Achille de Assis, mas não superou os exames médicos, de fato foram encontrados "fortíssimas acentuações de uma doença estomacal da qual sofria desde os primeiros anos de estudantado. Aconselharam-no a não empreender viagem ao Alto Solimões onde as condições do clima poderiam [...] infalivelmente apressar o seu fim". AGC, *Acta Missionum*, H94,

21 de setembro de 1932 "emitiu a profissão solene nas mãos do revmo frei prefeito apostólico com oportuna delegação do m. r. frei provincial".[495] Continuou, todavia, a insistir com a província para que pensasse na designação de um seu substituto: "Caríssimo frei provincial, sou obrigado a tornar a repetir agora aquilo que lhe disse verbalmente em Assis; pensar no meu substituto: formar um prefeito em dois tempos é um pouco difícil. É necessário que a província escolha um jovem humilde, inteligente e temente a Deus e também naturalmente ativo; o farei meu secretário e aprenderá a viver e governar. É preciso pensar seriamente e em tempo".[496] No mesmo ano, o campo agrícola experimental de Tonantins forneceu os primeiros sacos de café, que serviram exclusivamente "para consumo local"; notícias negativas no que se refere ao campo pastoril de S. Paulo, onde a "deficiência de pasto" tinha provocado "emagrecimento e morte de muitas cabeças de boi", chegando mesmo a faltar leite "até ao pessoal local da missão".[497]

Solimões Sup., III, Il ministro provinciale al segretario delle missioni, Gualdo Tadino, 22, agosto, 1933.

[495] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956) Relazione annuale 1.º, luglio, 1932-30, giugno, 1933, 2.

[496] Ivi, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), frei Evangelista al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 16, dezembro, 1933. Noutra carta especificava que "Do pessoal daqui por atividade e espírito missionário só Fr. Fidélis, mas para administrar não sei": ivi, 3, abril, 1934. Na realidade, de uma correspondência com o secretário das missões se evidencia que, naquele período, Fr. Evangelista estava muito preocupado com os débitos contraídos; pede ao secretário que interceda junto a dom Salotti para que conceda um subsídio extraordinário de sessenta mil liras para que, escreve: "com o câmbio atual e com o subsídio ordinário ajudado por sessenta mil liras de extraordinário, talvez, este ano cancelaria o débito antes que o débito cancele a minha vida!". Depois afirma ter esconjurado o provincial a visitar a missão depois de 24 anos "para ver as suas necessidades"; era opinião sua que fossem indispensáveis ao menos 4 sacerdotes e três irmãos leigos. "Muitas vezes – conclui – insisti para que escolha e envie um que se seja adestrado como meu sucessor... Caro Fr. Ferdinando, se Deus me ajudar a pagar o débito da missão, eu prefiro retirar-me definitivamente à província; estou muito cansado, ou então concedendo, me um grande repouso, mas com a dívida nas costas eu não repouso e nem ao menos quero deixar espinhos ao meu sucessor; este débito custou-me inúmeras noites insones e inumeráveis e pesadas humilhações". AGCA, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., III., Fr. Evangelista ao secretário das missões, S. Paulo de Olivença, 5, abril, 1934.

[497] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazione annuali (1920-1956), Relazione annuale 1.º, luglio, 1932-30, giugno, 1933, 4.

Mas as duas verdadeiras novidades chegaram na metade dos anos trinta. A primeira foi a iluminação elétrica da igreja, casa e colégio de S. Paulo, por meio de um gerador elétrico; a mesma obra foi feita em Tonantins "com o acréscimo de um serviço de condução de água a meia-bomba, movida a energia elétrica".[498] A segunda, de relevo nacional, foi a elaboração da nova "Carta Magna Constitucional brasileira"; para eleger deputados católicos ao conselho destinado a escrever a nova Constituição, formou-se uma Liga Eleitoral Católica no Alto Solimões, "por falta de preparação do eleitorado" não ocorreram as eleições. Consciente da importância que na nova sociedade de massa assumiria a representação política, para evitar a insignificância e marginalização por ocasião das eleições administrativas de 1935, o prefeito, consciente da importância que o empenho teria levado à população e à região, cooperou para tornar idôneo o maior número de pessoas para exercer o direito de voto, aumentando assim o número dos eleitores, condição necessária para manter vivo o município.[499]

Mas também outros eventos nacionais perturbaram naqueles anos a vida da missão. Em 1.º de setembro de 1932, por exemplo, o Tratado de Paz assinado entre Peru e Colômbia, que previa cessão a esta última de territórios peruanos situados nos confins, não agradou à população do vizinho Departamento de Loreto que se revoltou, destituindo e expulsando as novas autoridades colombianas e ocupando a localidade de Letitia e outros territórios do rio Putumaio. Em fevereiro, na mesma região, iniciaram os combates que provocaram também a concentração de tropas brasileiras nas localidades de Tonantins, Tabatinga e Esperança, onde estacionou o encouraçado *Floriano*. Traba-

---

[498] *Ibidem*. Com grande entusiasmo o prefeito dava a notícia à província: "pelo mês que vem penso em poder fazer a instalação da luz elétrica aqui em Tonantins; de outra vez se fará em Esperança: comprei os grupos eletrogêneos "Otto Deutz" que funcionam a óleo bruto, ou seja, nafta; são uma maravilha": ivi, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), p. Evangelista al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 2, janeiro, 1933.

[499] O prefeito "achou prudente e útil colocar sua cooperação para habilitar e formar um número suficiente de eleitores". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale della Missione e Prefettura Apostólica dell'Alto Solimoes, 1.º, luglio, 1934-30, giugno, 1935, S. Paulo de Olivença, 30, junho, 1935.

lho suplementar para os missionários que, correspondendo ao convite da Liga Católica Militar do Brasil, celebraram a Páscoa dos militares.[500]

Assim sendo, na metade dos anos trinta, a organização eclesiástica territorial da missão era a seguinte: quase-paróquia de S. Paulo de Olivença, regida pelo quase-pároco Fr. Domingos, coadjuvado pelos vigários cooperadores Fr. Fidélis e Fr. Pio;[501] quase-paróquia de Esperança guiada pelo quase-pároco Fr. José de Leonissa, coadjuvado pelos vigários cooperadores Fr. Venceslau e Fr. Diogo; quase-paróquia de Tonantins, guiada pelo quase-pároco Fr. Ambrósio, coadjuvado pelo vigário cooperador Fr. Ludovico. A organização religiosa previa quatro residências primárias, ou seja, Manaus, com superior Fr. Antonino

---

[500] Ivi, *Relazione annuale* 1.º, luglio, 1932-30, giugno, 1933, 9. Na ocasião, ao acampamento militar de Ipiranga do rio Içá, foi pessoalmente o prefeito acompanhado por Fr. Fidélis; em Tonantins, em auxílio dos dois missionários, Fr. Diogo e Fr. Hermenegildo, foi Fr. Domingos; em Esperança e Tabatinga, o prefeito julgou suficientes os dois missionários locais Fr. Ludovico e Fr. José. Os acordos internacionais que tinham redefinido os confins entre Brasil e Colômbia tiveram também consequências na delimitação das prefeituras e dos vicariatos circunstantes. A Congregação de *Propaganda Fide*, por exemplo, escrevia ao Ministro Geral dos capuchinhos informando que em relação àqueles acordos, a Santa Sé havia chegado à conclusão de fazer coincidir os limites do vicariato apostólico de Caquetá (Colômbia) com os novos confins políticos. Restava, por consequência, um pedaço de território brasileiro, a oeste da nova linha de fronteira a ser atribuída e a proposta era aquela de incluí-lo nos limites da Prefeitura do Alto Solimões mesmo que Fr. Evangelista já tivesse declarado que sua missão "não estaria em grado de assumir a cura do território". AGC, *Acta Missionum,* H94, Solimões Sup., I, La Congregazione de Propaganda Fide al ministro generale, Roma, 30, junho, 1932.

[501] APCA,102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1.º, luglio, 1934-30, giugno, 1935. Frei Pio de Casacastalda tinha chegado à missão em 16 de fevereiro de 1935, junto com Fr. Ludovico que, em 14 de março de 1934, tinha partido para a Itália. A primeira carta ao ministro provincial escreveu-a de Nápoles: "De Nápoles já vi alguma coisa de bom e de ruim. Tive a impressão de estar já na missão". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale,* 5, p. Pio da Casacastalda al ministro provinciale, Nápoles, 14 de dezembro, 1934. Cf. também ivi, 105, *Missioni – Corrispondenza personale,* 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), p. Evangelista al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 17, fevereiro, 1935. In: APCA, *Missioni-Storia,* 2, Storia miscellanea, está conservado um *Caderno de memórias missionárias* recordações de Fr. Tarcisio de Palata. Trata-se de um diário que cobre o arco cronológico de novembro de 1934 a setembro de 1935. Por diversos indícios o caderno pode ser atribuído a Fr. Pio de Casacastalda.

de Perúgia e vigário Fr. Hermenegildo de Foligno;[502] S. Paulo, tendo como superior Fr. Evangelista, assistente Fr. Domingos e discretos Fr. Fidélis e Fr. Pio; Esperança com Fr. José como superior, vigário e discreto Fr. Venceslau e discreto Fr. Diogo; Tonantins com o superior Fr. Ambrósio e discreto Fr. Ludovico.[503]

Das representações iniciais a atividade missionária se irradiava para os vilarejos e localidades menores como: Tabatinga, posto militar de fronteira, Remate de Males, com igreja e residência missionária, Aramaçá, com capela e casa em construção e escola aberta, Belém do Solimões, com capela, casa e escola em construção, Santa Rita, com capela e casa em construção, Amaturá, com igreja, casa e escola funcionando, Santo Antônio do Içá, com capela, casa e escola em construção.[504]

Uma estruturada e ramificada presença não tardou a portar algum fruto e aos 12 de abril de 1935, pela primeira vez, apresentaram-se a Fr. Domingos três rapazotes da escola, exprimindo o desejo de serem sacerdotes. Não havendo a instrução necessária, vêm confiados "à vigilante atenção" de Fr. Domingos "para conhecer a vocação e cultivá-la". Ao término do ano escolástico, se afrontaria o problema de abrir um pequeno seminário ou então enviar os candidatos para um dos seminários diocesanos do Brasil.[505] Da comunidade de São Paulo

---

[502] Para a residência de Manaus o prefeito procurou de todos os modos convencer o ministro provincial que enviasse um "leigozinho inteligentinho e educado para o serviço da casa e igreja [...] é uma necessidade para a limpeza e retidão do serviço; também para cuidar da casa que teve de ficar [...] nas mãos de seculares, com grande prejuízo inclusive financeiro, pois quando podem nos enganar o fazem com prazer". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), p. Evangelista al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 17, março, 1933.

[503] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1.º, luglio, 1934-30, giugno, 1935, 2. O *Conselho da Missão* era formado por Fr. Domingos, Fr. Fidélis e Fr. Ludovico, enquanto desde 4 de março de 1933 o *Discretório* era formado por Fr. Domingos e Fr. Hermenegildo.

[504] Ivi, 3. "Muitas outras localidades servem de apoio ao missionário por ocasião das visitas missionárias, mas omitimos citá-las porque não pudemos ainda introduzir nelas algum melhoramento material e apenas receberam o socorro espiritual".

[505] Todavia, Fr. Evangelista era da opinião de que os tempos para implantar um seminário na prefeitura, obra sobre a qual, escreve, "Propaganda todos os anos bate na mesma tecla", não eram ainda maduros; segundo a sua opinião, era necessário esperar ainda "ao menos outros 5 ou 6 anos": ivi, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), p. Evangelista al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 15, agosto, 1936.

de Olivença vem também a primeira vocação religiosa feminina, tratava-se de Alzenira Bicharra, de vinte anos, filha de uma família oriunda da Síria que foi enviada ao noviciado das irmãs terciárias capuchinhas, as mesmas que conduziam o colégio de São Paulo de Olivença.[506]

No entanto, ainda no ano de 1935, vem-se verificando aos poucos, registrado no relatório, um fato importante para a história futura da missão, depois da decadência da indústria extrativista da borracha e a consequente fuga dos seringueiros, as populações indígenas, que se tinham retirado para o interior, começaram a reaparecer ao longo das margens dos rios. Frei Fidélis e Fr. Venceslau estavam já agindo nesse sentido e haviam feito sondagens, recolhido notícias, sobretudo acerca dos habitantes dos muitos afluentes do rio Javari. Em janeiro de 1935, Fr. Fidélis quis visitar "uma maloca dos Caribas", localizada no rio Quixito. Encontrou-os e viu-os, contavam um grupo de cerca de trinta pessoas, mas não foi acolhido e teve de voltar atrás. Viviam, segundo seu relato, numa condição miserável e em completa nudez. Foi aquela a primeira tentativa à qual se seguiriam outras "até contatá-los". Também Fr. Venceslau tinha colhido notícias a respeito da "existência e localização de outros indígenas que vivem fora do grêmio social cristão".[507] Mas foi Fr. Fidélis quem assumiu o encargo "para a assistência especial aos indígenas"; já em 1934 havia iniciado um censo, particularmente referindo-se aos Ticuna.[508]

Portanto, a crise de extração da borracha, junto à grande depressão dos anos sucessivos a 1929, havia redesenhado a geografia humana da prefeitura, os seringueiros tinham lentamente abandonado os vilarejos ao longo das margens dos rios e os índios, forçados por essa

---

[506] Ivi, *Relazione annuale* 1.º, luglio, 1934-30, giugno, 1935, 6.

[507] Ivi, 3. Escreve no relatório o prefeito: "Além dos 30 Iauás do rio Javari, que foram inicialmente contatados, existe 50 Iapas no rio das Pedras, outros 80 Iapas, não muito longe, no igarapé de S. Vicente, cerca 80 Canamarés no igarapé do Boto e mais Paruaras e Curinas, em número ainda desconhecido. Todos estes ainda não foram contatados e vivem fora do grêmio social e cristão. O acesso aos lugares e aproximação são outra coisa difícil: as distâncias, os acessos difíceis, as doenças que se contraem, a temida hostilidade, a falta de ajuda dos poderes públicos e os diversos idiomas de cada raça, constituem as dificuldades de tal empresa".

[508] Ivi, 5. Estes os dados relevantes referidos no relatório de 1935: "208 barracos, 391 famílias, 2.028 habitantes, 1.683 cristãos ou batizados, 709 não batizados, quase todos crianças, 12 uniões legítimas, 561 unidos ilegitimamente, 4 bigamias".

presença cada vez mais no interior da floresta, tinham gradualmente retomado o território; aquilo que tinha sido muitas vezes considerado uma estranheza, o rosto desconhecido e selvagem de uma terra desconhecida, torna-se para os missionários um empenho pastoral; para eles dirigirão os esforços, com sucesso alternado, mas sempre animados por uma abordagem que não deixa mais espaço à condenação, à censura, mas à compreensão e ao desejo de descobrir nos vultos mais escondidos e imprevisíveis da sua civilização, os elementos úteis para apresentar a sua proposta de vida em sintonia com a mensagem cristã.

Apóstolo de tal anúncio foi Fr. Fidélis de Alviano.

5. O apóstolo dos índios: frei Fidélis de Alviano

Frei Fidélis nasceu em Alviano, aos 5 de agosto de 1886, filho de Dionísio Schiaroli e Cecília Bagnolo, que lhe deram o nome de Antonio, e foi um irmão de seu pai, frei Egidio Schiaroli da Guardea, capuchinho, quem o acompanhou ao convento. Em 1903 recebeu o hábito religioso e aos 3 de dezembro de 1907 fez a profissão solene. Em 1912 foi ordenado sacerdote e em 1926, depois de ter vivido em vários conventos da Úmbria, parte para a missão. Fez a viagem juntamente com Fr. Ambrósio de Gaifana; os dois capuchinhos, tendo saído de Gênova aos quatro de agosto de 1926, chegaram ao Brasil, no Rio de Janeiro, no dia 16 do mesmo mês. Depois de 17 dias de permanência no Rio de Janeiro, embarcaram para Manaus; os dois missionários se deram conta logo dos imensos espaços do continente americano e das dificuldades dos contatos; viajaram pelo menos 24 dias, passando pelas localidades de Vitória, Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará. Chegados à destinação, Fr. Fidélis e Fr. Ambrósio permaneceram na casa dos capuchinhos de S. Sebastião até o fim do ano, "exercitando-se – escreve Fr. Fidélis – na nova língua e ambientando-se um pouco, observando os novos costumes, a nova gente e especialmente sofrendo o horrível clima quentíssimo e úmido, acomodando o palato e estômago às novas comidas".[509]

---

[509] Fedele d'Alviano, Amelia, 7, novembre, 1939. Brevi cenni storici circa il primo periodo della mia vita missionaria – Scritti per imposizione del P. Provinciale, In: *Voce*

Em 15 de dezembro de 1926 estavam em São Paulo de Olivença; "ninguém veio receber-nos no horrível porto – recorda ainda Fr. Fidélis – as nossas bagagens foram descarregadas sobre a margem do rio e entre os caniços. Em nossa casa de São Paulo, que tinha sido concluída naqueles dias, vivia somente Fr. Lucas de Gualdo Tadino, mas ele estava doente e não pôde vir encontrar-nos".[510] Em S. Paulo, os missionários encontraram uma casa, uma escola, gerida por algumas piedosas mulheres vindas de Manaus e a igreja; os dois capuchinhos continuaram a estudar a língua portuguesa guiados pelo juiz do lugar, ou delegado, um homem negro, segundo Fr. Fidélis, membro da maçonaria, que se tornará pouco tempo depois um dos mais acérrimos inimigos do prefeito apostólico.[511] Logo que retornou da Itália, no mês de julho, o prefeito nomeou Fr. Fidélis pároco de São Paulo de Olivença e superior da casa, Fr. Ambrósio partiu para Tonantins e ele, como lembra, permaneceu "somente a gerir o material e o espiritual. Isso ocorria no dia 28 de agosto de 1927".[512] Como pároco, percebeu logo a necessidade de levar a Boa-Nova a todos os seus fiéis, sobretudo àqueles dispersos no interior da floresta; escreve, de fato: "Vendo eu como o nosso povo vivia quase todo espalhado ao longo dos rios, igarapés e à margem dos lagos distantes dias e semanas em barco da nossa sede em São Paulo de Olivença, comecei a fazer incursões para instruir

---

Serafica di Assisi 49/21 (1.º, novembre, 1980) 106-108. Os dois novos missionários ficaram positivamente impressionados da paisagem e das características da nova terra, suscitando a ironia de Fr. Evangelista que escreveu: "Os novatos ainda não os vi; pude entender somente que, ao descrever as suas primeiras impressões, foram um pouco precipitados, falta de experiência". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), p. Evangelista al ministro provinciale, Manaus, 6, giugno, 1927. O escrito mais recente sobre sua figura e obra é de Fr. Braghini, *P. Fedele Schiaroli. Apostolo degli Índios Ticuna*, Todi, 2006.

[510] Fedele d'Alviano, Amelia, 7, novembre, 1939. Depois, Fr. Lucas será obrigado a voltar à Itália; Fr. Evangelista comunicou ao ministro provincial, recomendando-lhe a sorte do missionário: "o dito missionário precisa de muito conforto e conselho moral, porque Fr. Lucas é uma alma muito impressionável e nos seus 41 anos é um verdadeiro menino". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Fr. Evangelista al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 9, março, 1928.

[511] Somente mais tarde, recorda Fr. Fidélis, se converterá ao catolicismo. *Fedele d'Alviano*, Amélia, 7, novembre, 1939.

[512] Ivi, 106-107.

e catequizar os vários núcleos de caboclos (semicivilizados) espalhados pela imensa região, permanecendo assim por semanas longe da sede: me dei conta porém, por mil inconvenientes, de que não era bom deixar sozinha a sede, embora considerasse necessária a catequese da quase totalidade do nosso povo disseminado na imensidão da floresta ao longo dos rios e lagos".[513] Falou com o prefeito sobre a situação, da impossibilidade de sua parte de exercer bem o ofício de pároco e evangelizador dos índios ao mesmo tempo e lhe comunicou abertamente a sua intenção de ocupar-se somente das relações com estes últimos; o prefeito compreendeu o problema e somente depois de um ano removeu Fr. Fidélis do encargo de pároco e enviou a São Paulo de Olivença Fr. Domingos, para permitir ao capuchinho de Alviano estar livre "para percorrer e catequizar a imensa área que vai de Tonantins a Esperança".[514]

Iniciou então a sua incansável atividade com as tribos dos índios que o portou a alcançar os seus principais povoamentos: Amaturá, Correnteza, Vargem Grande, Jacaíma, Santa Rita, Belém do Solimões, Paraná do Ribeiro, Caratura; por anos, como ele mesmo referiu, consome semanas em desobrigas ao longo dos rios: "A primeira foi em 1929-30-31, na qual o prefeito apostólico pediu-me para ir desobrigar no rio Javari e seus afluentes: ali andei por seis anos empregando seis meses cada ano. O ponto de partida e chegada era Remate de Males; fiz cada ano várias incursões nos rios Javari, Ituí, Curuçá, Itacoaí, rio Branco, rio das Pedras etc. As incursões eram feitas parte em lancha, parte em barco; instruindo os seringueiros, administrando os sacramentos ao longo dos rios onde estes vivem, dentro das florestas onde extraem a borracha e o caucho".[515]

Tanto esforço vem reconhecido em 1934, quando Fr. Fidélis foi oficialmente encarregado pelo prefeito de ocupar-se primordialmente da evangelização e das relações com as tribos indígenas; foi também

[513] Ivi, 107.
[514] *Ibidem.*
[515] Ivi, 108.

naquele ano que Fr. Fidélis iniciou o primeiro recenseamento dos Ticuna, contando então cerca de 5.000.[516]

É ele mesmo quem descreve o modo de proceder, que certamente mantém muitos traços em comum com a tradicional práxis missionária da "sacramentalização", mas apresenta também aspectos inovadores e criativos, como, por exemplo, a utilização da música e dos novos instrumentos da tecnologia na catequese: "em cada núcleo de barracos – recorda Fr. Fidélis – escolhi um barraco maior ou cabana mais aconchegante para reunir os caboclos: ali permanecia por 60 dias a instruir e a administrar os santos sacramentos. Às instruções vinham crianças e adolescentes durante o dia e à noite vinham todos até formarem uma pequena multidão. Para atraí-los valiam muito o harmônio e o gramofone, assim como outros divertimentos e as premiações que fazia todo domingo com pequenos objetos e roupas àqueles que mais assídua e diligentemente esforçavam-se para aprender. Depois de 60 dias fazia a escolha daqueles que podiam ser admitidos à primeira comunhão".[517]

O seu esforço aparece de modo considerável: além da construção da igreja e da casa missionária em Amaturá e Santa Rita,[518] para facilitar a atividade pastoral, ele mesmo recorda ter fundado cerca de vinte escolas de catecismo nos vários núcleos de barracos.[519] Em 1937 adoeceu de malária e voltou à Itália por um longo período de convalescença. No início dos anos quarenta o encontramos completamente imerso na preparação da exposição missionária, prevista para o ano de 1942 no Estado de São Paulo; se diz que Fr. Fidélis enviou mais de 25 caixas com material de alta qualidade, recolhido nas suas desobrigas; infelizmente, ao menos cinco destas se perderam durante a viagem e

---

516 Pio de Casacastalda (organizador), *Polianteia comemorativa das Bodas de Ouro Sacerdotais do Revmo. Frei Domingos de Gualdo Tadino, Capuchinho, fundador da Missão do Alto Solimões*, Manaus, 1949, 50. Cf. anche M. Collarini, I Cappuccini Umbri in Amazzonia. 75 anni di presenza, In: *I Cappuccini Umbri in Amazzonia*, 64-65. Trata-se de um número especial do periódico *Voce Serafica di Assisi* 64/3-5 (maio-dezembro, 1985).

517 Fedele d'Alviano, Amelia, 7, novembre, 1939, 107.

518 L. Canonici, Padre Fedele Schiaroli d'Alviano: l'apostolo dei Tikunas, In: *Voce Serafica di Assisi* 59/21 (1.º, novembro, 1980), 103-110.

519 Fedele d'Alviano, Amelia, 7, novembre, 1939, 107.

somente a compreensão e estima do arcebispo da cidade lhe permitiram a expor seus objetos numa outra mostra dedicada somente ao Amazonas e à atividade dos capuchinhos da Úmbria.[520]

Nos anos 1943-44, enquanto continua a sua incansável atividade missionária ao longo dos rios da Amazônia, publica por partes, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Nacional* do Rio de Janeiro, a sua gramática e dicionário dos índios Ticuna.[521] Uma língua não escrita, dificílima de aprender e falar que Fr. Fidélis pretendia tornar familiar não só aos missionários, mas também aos linguistas, antropólogos e aos comerciantes. Por isso o método que seguiu na elaboração da gramática dos Ticuna não foi o método científico recomendado pelos modernos indigenistas, mas o mesmo da gramática da língua portuguesa.

Frei Fidélis, de fato, não ambicionava escrever uma obra para os especialistas, mas, como sublinha ele mesmo no prefácio do volume, para a "grande quantidade de brasileiros que na Amazônia, com tanta insistência, pediram a elaboração de uma gramática e de um dicionário da língua dos Ticuna, para poder relacionar-se com esta tão numerosa tribo, espalhada pelos igarapés e paranás; pelos rios e lagos do Alto Solimões. São comerciantes e seringueiros que desejam estabelecer com os índios relações comerciais; são professores e religiosas que, persistentes e cheios de boa vontade, estão prontos a penetrar, como tantas outras missionárias, nos igarapés e paranás onde vivem escondidos os índios, para ensinar às crianças indígenas os princípios da civilização e da fé cristã. Não o podem fazer porque lhes falta o meio de compreensão, dado que os índios falam idiomas tão diferentes. Para o bem dos brasileiros, portanto, para o bem dos indígenas, escolhi o método empregado no estudo da nossa língua, o qual facilitará a compreensão do som da língua dos Ticuna, misto de arauake, de tupi, de caribe etc.[522]

---

520 M. Collarini, *I Cappuccini Umbri in Amazzonia*, 67.

521 Fedele d'Alviano, Índios Ticuna. Gramática da língua dos índios Ticuna. Notas etnográficas sobre os Ticuna do Alto Solimões (Suplemento da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*), Rio de Janeiro, 1945.

522 "As missionárias e professoras encontrarão nesta gramática um meio fácil para estabelecer contatos com os milhares de seres humanos que a floresta separou do resto da humanidade, e privou de todos os benefícios da civilização e da redenção. Os

A sua habilidade ao escrever sobre os índios e sobre as suas línguas foi além da etnia Ticuna e, em 1957, na mesma revista brasileira, vem publicada a sua última obra que se torna, junto com a primeira, fonte de inumeráveis estudos e ulteriores aprofundamentos.[523]

Em 1947 foi transferido para Benjamin Constant, onde prepara o material para a grande exposição missionária do Ano Santo, que acontecerá em Roma nos anos 1950-51 e para a qual ficará na Itália ocupado em explicar o material por ele exposto. Tornando a Benjamin Constant, tem dois outros intensos momentos de trabalho cultural: a exposição missionária de Belém do Pará (1953) e aquela por ocasião do Congresso Eucarístico de julho de 1955 no Rio de Janeiro, onde, se bem já septuagenário, alcança tamanho sucesso que foi convidado a inúmeras outras cidades brasileiras com o mesmo material, permanecendo em movimento até o ano sucessivo.[524] No começo de 1956, adoece seriamente em Santa Catarina, por um tumor desenvolvido após a picada de um inseto, recebe por duas vezes a unção dos enfermos e, à idade de 71 anos, depois de 30 de intensa atividade apostólica, morre em São Paulo, aos 5 de agosto e vem sepultado na tumba dos capuchinhos da mesma cidade.

Das suas obras, sua correspondência com a província, a maior parte publicada em *Voce Serafica* e no *Massaia*, emerge o seu sincero

---

comerciantes encontrarão nesta gramática um meio mais fácil para estabelecer relações com os índios que são os verdadeiros senhores do imenso tesouro florestal; e os indígenas receberão, por este meio, um convite, para passar das trevas da floresta à luz da civilização. Além disso, me convenci da vantagem de seguir o método da fonética da língua portuguesa quando, em viagem pelo rio Putumayo (Colômbia), notei que os índios de numerosas tribos que frequentam as escolas dos missionários espanhóis(depois de terem aprendido a ler e escrever em língua castelhana) escreviam com maior facilidade também no próprio idioma, servindo-se muito bem da fonética castelhana". As várias partes desta obra – *Gramática da Língua dos índios Ticuna, Dicionário, verbos e frases, Vocabulário e Notas etnográficas* – foram publicadas pela revista oficial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e só em 1945 tomaram a forma de um único volume com o título de *Índios Ticuna*, graças também a insistente interesse e ajuda do presidente do Instituto, nada menos que o embaixador Macedo Soares.

523 Fedele d'Alviano, Ensaios da Língua dos Índios Magironas ou Maiorunas do Rio Jandiatuba (Pano), In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1957-58, n. 237, 43-60; Id., *Índios Ticuna. Gramática da língua*.

524 M. Collarini, *I Cappuccini Umbri in Amazzonia*, 80.

interesse científico pelos índios, em particular do ponto de vista morfológico, fisiológico e psicológico;[525] enquanto na Itália o fascismo se apressava em emanar leis raciais que, em geral, impunham formas de comportamento e uma ideologia que se fundamentava na divisão do gênero humano em raças e conectadas em comportamentos individuais pertencentes a este, um capuchinho de Alviano, no Amazonas, dedicava-se intensamente ao estudo da natureza e dos fenômenos culturais nas suas concretas manifestações nas diversas sociedades humanas; a sua paixão pelos índios era tal que o fazia gastar grande parte das suas energias para compreendê-los e estudá-los; jamais emitia juízos precipitados e no seu esforço de compreensão antropológica deixa-se ajudar pelos próprios indígenas; não pretende modificar ou corrigir a sua cultura e ainda que ofereça sugestões para aliviar a aspereza de ritos e cerimônias tradicionais, diante da rejeição dos índios, não hesita em abandonar a própria proposta.[526] Frei Fidélis, como está escrito, "não 'desculturizou' o índio, mas soube entrar com extremo respeito e discrição no seu mundo e de dentro do seu mundo soube falar-lhe de Deus e de Cristo.[527]

A vasta obra de sensibilização, além dos seus contatos pessoais, acontece também por meio de grandes exposições missionárias ocorridas naqueles anos. A primeira, como sabemos, aconteceu em 1942 em São Paulo (SP) depois da qual vem publicada a sua gramática. A segunda é a exposição missionária do Ano Santo no Vaticano nos anos 1950 e 1951: além de explicar o significado do material exposto – inclusive com filmes e fotos – aproveita a ocasião para visitar várias cidades italianas, onde faz conferências acompanhadas por projeções para tornar conhecido o Amazonas, com os seus usos e costumes. A terceira

---

525 Para um aprofundamento cf. Ari Pedro Oro, *Tukuna: vida ou morte*, Porto Alegre, 1978.

526 Durante a festa da Moça Nova, por exemplo, tentou oferecer uma tesoura para cortar os cabelos da jovem em vez de arrancá-los um a um, violentamente, mas aceitou a amigável, mas resoluta rejeição deles. O episódio é narrado por Roberto de S. Severino Marche, Usi e costumanze dei popoli. La strana festa della ragazza nova, In: *Il Massaia* 59 (1962) 25. "Poderá parecer uma crueldade. Assim pareceu ao falecido Fr. Fidélis, quando assistiu pela primeira vez; de fato ofereceu-lhes tesouras para os cabelos. Responderam com delicadeza e educadamente as colocaram de lado e foi inútil insistir: a tradição deve ser respeitada".

527 M. Collarini, *I Cappuccini Umbri in Amazzonia*, 80. Mas também P. M. Braghini, *P. Fedele Schiaroli*.

mostra, de 1953, é em Belém do Pará, para concluir em julho de 1955 com aquela por ocasião do Congresso Eucarístico no Rio de Janeiro.[528]

6. A primeira visita pastoral de Fr. Michele de Perúgia (19 de outubro – 14 de maio de 1936)

No curso dos anos trinta, no esforço para dar uma organização eclesiástica e religiosa à prefeitura, um momento importante foi o decreto do prefeito, datado de 24 de junho de 1934, com o qual vem elevada ao grau de quase-paróquia, sob o título de São Pedro, a estação vila Nova de Tonantins (Vila Nova S. Pedro de Tonantins). Em 25 de setembro do mesmo ano, por causa do "mau e perigoso estado", foi demolida a igrejinha de Belém do Solimões, construída pelo proprietário do lugar, Romualdo Mafra, em 1904, e depois doada por ele à missão. Era dedicada a São Francisco de Assis, em recordação daquela construída pelos missionários franciscanos em 1872. Os frades umbros, todavia, iniciaram a construção de outra igreja, tendo ao lado a casa para o missionário e a escola para os jovens, considerando Belém do Solimões, dentro da nova prospectiva de evangelização da população indígena, um lugar importante pela presença de "fortes grupos de Ticuna".[529]

Um ano importante foi também o de 1935, vigésimo quinto da fundação da missão, evento festejado nos dias 20-24 de maio; precedida por um tríduo eucarístico, a festa teve culminância na celebração, por parte do prefeito, do solene pontifical *Pro Propaganda Fidei*. Seguiram-se ainda atividades lúdicas, almoços, concertos de bandas e todas as atividades – sublinhava Fr. Evangelista no seu relatório – eram fruto "da obra missionária".[530] Para a ocasião, o prefeito enviou às residências missionárias uma carta que resumia a atividade desenvolvida em 25 anos; em dez páginas Fr. Evangelista recorda as muitas atividades postas a término, reconhece a cooperação dos missionários

---

[528] L. Canonici, *Padre Fedele Schiaroli d'Alviano*, 107-109.

[529] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1.º, julho, 1934-30, junho, 1935.

[530] Ivi, 7. "Convém relevar que todo o serviço de orquestra, banda, música, canto, representações de recitais e de jogos esportivos é fruto da obra missionária".

e exorta a continuar com mais vontade para a conservação do que já foi feito e para a realização de quanto ainda resta por fazer.[531]

Foi justamente para festejar os primeiros vinte e cinco anos de presença missionária no Amazonas que o padre provincial, Michele de Perúgia, decidiu finalmente ir até a missão e visitar seus frades.[532]

Um evento aguardado, desejado e fortemente defendido pelos missionários que tinham sempre a sensação de que na província fosse pouco percebida a excepcionalidade do contexto geográfico e sociopolítico e a extrema dificuldade de levar adiante uma constante e eficaz

---

531 APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), frade Evangelista da Cefalônia ai Reverendi Padri e fratelli Missionari della Prefettura Apostolica dell'Alto Solimoes, São Paulo de Olivença, 6 de janeiro de 1936. Uma passagem crucial da carta circular dizia respeito à nova e inesperada presença de populações indígenas e os primeiros sinais de modernização do território: "Tendo sido abandonados pelos civilizados os grandes territórios dos seringais, os indígenas saídos não se sabe de onde começaram a desentocar"; a respeito de tal novidade e do fato de que até na Amazônia "o sopro da modernidade, os caprichos da moda, as leituras licenciosas, os miasmas da corrupção", parecia fizessem o seu ingresso, o prefeito convidava os missionários a "estudar a psicologia da nossa gente, adaptar-se à mesma e aplicar remédios preventivos coercitivos para defendê-la e conservá-la fiel". Para alcançar resultados reconfortantes eram necessárias "prudência e docilidade, energia e suavidade, porque – continuava o prefeito – têm a alma mansa e um senso de natural delicadeza forma as suas almas e sentimentos; não a aspereza e a precipitação, mas a docilidade e a paciência são os segredos para conquistar o coração deste povo".

532 AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., III, Lettera circolare ai "Reverendi Padri e Venerandi fratelli", Assis, 30, abril, 1935. Anuncia para o outono a sua visita à missão e não gostaria de ir sozinho: "seria desejo meu conduzir comigo um pequeno grupo de apóstolos de coração firme e de ânimo franco como reforço e encorajamento aos veteranos ainda na ativa. Com a presente lanço um apelo àqueles que na elevação do espírito a Deus sentiram a voz interior convidar ao apostolado e estou confiante que nesta hora, deixadas todas as reticências, responderão com a franqueza do profeta: *Ecce ego mitte me*". Na realidade o apelo cai no vazio e o ministro provincial parecia destinado a dirigir-se ao Amazonas sozinho. Tomou conhecimento o Ministro Geral que, por meio do secretário das missões, o reprovou asperamente afirmando que a visita teria perdido "grande parte da sua eficácia" pela ausência "desconfortante" de vocações, sinal evidente da ausência "de real interesse da província para com as missões"; aconselhava, portanto, adiar a visita para um tempo no qual pudesse apresentar-se com "novos missionários". O provincial respondeu declarando-se "profundamente mortificado" no seu amor-próprio: ivi, *Il segretario delle missione al ministro provinciale*, Roma, 6, setembro, 1935*; Il ministro provinciale al segretario delle missioni*, Assis, 11, setembro, 1935.

atividade missionária.[533] Diante da notícia, muitos dos missionários exultaram e não economizaram sugestões e conselhos práticos ao padre provincial.[534] Começou em 25 de fevereiro de 1935, Fr. Ludovico de Leonissa, recém-chegado, junto com Fr. Pio de Casacastalda, novamente na missão, a fornecer-lhe indicações a respeito da companhia de navegação a escolher, o vestuário e os objetos pessoais a portar.[535] Seguiu, pois, Fr. José que, ansioso pela iminente visita, assim se exprimia: "Esta visita considero-a necessária para tomar conhecimento *in loco* das necessidades da missão. Temos aqui uma séria ameaça de protestantismo, o qual adquiriu um pedaço de terra perto do nosso

---

[533] Para dizer a verdade, já em 1922, numa carta ao ministro provincial, Fr. Evangelista considerava amadurecidos os tempos para uma visita sua à missão: "me parece chegada a hora que a província viesse a tomar conhecimento direto da missão, para visitar os missionários e as suas obras e para resolver o problema da educação da juventude de ambos os sexos". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Tonantins, 1.º, dezembro, 1922. Naturalmente a visita de Fr. Michele de Perúgia agradou muito a todos os missionários; intérprete deste sentimento foi, mais uma vez, Fr. Antonino que, em nome de todos os missionários, uma vez terminada a visita, escreveu ao ministro provincial: "Exprimimos a nossa consolação ao saber que v.p.m.r. tenha sempre gozado de boa saúde durante a sua não breve viagem. E eu pessoalmente congratulo-me que tenha conhecido o verdadeiro Brasil, a fim de que possa fazer um juízo exato da vida no Amazonas, não conhecida nem mesmo pelos próprios filhos de Manaus": ivi, 1, a p. Antonino al ministro provinciale, Manaus, 5, maio, 1936.

[534] A carta com a qual o ministro provincial anuncia a visita canônica aos Reverendi Padri e Fratelli missionari dell'Alto Solimões (Brasile) é conservada In: AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., e é enviada de Assis aos 30 de agosto de 1935.

[535] "Para a sua vinda aconselho pegar o navio que da Itália vai até Manaus. E isto para a sua saúde e para não ter dor de cabeça com as bagagens (...) Nos ditos navios viajaram em terceira classe bispos e sacerdotes que vêm e retornam da Amazônia. Se, porém, o senhor quiser estar melhor poderá escolher a primeira classe. A segunda classe não existe. Quando partirem da Itália, escreva uma carta via aérea aos capuchinhos de Fortaleza, avisando-os da sua chegada, assim irão esperá-lo no porto e durante a parada o acompanharão para ver a cidade (...) Antes de embarcar, abasteça-se de hóstia e vinho para poder celebrar a missa na viagem. O altar portátil o encontrará no navio. Encontrará a equipe de bordo muito gentil e respeitosa e no comissário um bom católico. Aviso ainda que, portando mais de duas mil liras, deve declarar somente esta quantidade (...) para explicar-me melhor digo que, no portão de embarque, lhe será perguntado quanto dinheiro porta consigo porque não se pode trazer mais de duas mil liras. Portanto, o que excede não o acuse". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 1, I-L, Fr. Ludovico da Leonessa al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 24, fevereiro, 1935.

para construir casa de oração e colégio com capacidade para cem alunos e alunas. Disse-o também ao mto. rev. frei prefeito, mas sempre apresenta a eterna questão: não tenho meios. E mesmo assim é urgente estudar um meio para resolver a questão e pelo menos abrir uma escola (...) não devemos deixar-nos preceder dos protestantes: seria uma ignomínia para a missão. A coisa não é muito difícil a meu ver: venha logo e veja. Aqui todos o desejamos e o esperamos".[536]

Tinha também sabido que, junto com o provincial, viriam novos missionários e desejava que fossem "bons e fervorosos, dispostos ao trabalho e ao sofrimento", se ainda tivesse inclusive um "secular" capaz de "trabalhos de construção seria uma ótima coisa".[537]

Fr. Michele partiu de Gênova com a nave italiana *Neptunia* na noite de 19 de novembro de 1935 acompanhado pelo novato missionário Fr. Tomás de Marcellano e de outros evangelizadores, lombardos, lucanos, marquenses, destinados às suas respectivas missões; a travessia do oceano foi sem contratempos e depois de nove dias Fr.

---

[536] A ameaça de protestantismo parece ser uma verdadeira dor de cabeça para Fr. José que já no início de junho de 1932 havia escrito ao provincial para pedir o envio de "um tratado completo sobre o protestantismo, que explicite amplamente das suas divisões e subdivisões"; parece preocupado sobretudo do proselitismo dos batistas que ocorria contrastar com "dados e documentos que se encontram somente em tratados que estudam a matéria *ex professo* da qual aqui somos privados": ivi, 105, 7, F-G, Fr. Giuseppe al ministro provinciale, Esperança, 9, junho, 1932. Outra preocupação era aquela de atualizar os métodos e materiais catequéticos, pede que sejam enviados "diapositivos em celuloides" representando "Maria Rainha dos missionários, o Brasil, São Francisco" e uma "maquina ótima, possivelmente para projetar não só as projeções *ad hoc*, mas também cartões e revistas". Pedia ainda para receber o catecismo do cardeal Gasparri. Renova o convite para enviar textos para rebater a propaganda protestante e "objetos de devoção para distribuir aos fiéis, especialmente aos alunos do catecismo" também na carta enviada, sempre de Esperança, ao provincial na data de 2 de novembro de 1934. Noutra missiva ao provincial, para combater a propaganda protestante, pedia de poder haver na missão um mimeógrafo: "uma máquina como aquela com a qual o senhor tira as cópias (...) das circulares". Tendo a notícia da iminente viagem, pede ainda de trazer-lhe alguns livros, em perticular: Guardini, *Lo Spirito della Liturgia*; Giordani, *Segno di contraddizione*; Schmidt, *Manuale di Storia comparata delle religioni*; livros que poderia conseguir junto à agência da Fides em Roma: ivi, Esperança, 27, junho, 1935.

[537] Ivi, Esperança, 3 de abril de 1935.

Michele podia tocar a terra brasileira em Pernambuco.[538] Chegou a Belém, capital do Pará, na manhã de 10 de novembro e aqui permaneceu esperando o vapor que o levaria subindo a foz do rio-mar no coração da missão; enquanto esperava, passou os dias na casa dos confrades lombardos, "hospedado com especial gentileza", até quando o encontrou Fr. Domingos de Gualdo Tadino, mandado pelo prefeito ao encontro do provincial para acompanhá-lo na viagem até os locais da missão.

Partiram aos 23 de novembro, mas o clima tórrido, a limitada dimensão da embarcação, que não permitia grandes movimentos, a lentidão da navegação que deveria "vencer a corrente, esquivar-se de algum banco de areia e o parar constantemente para embarcar e desembarcar mercadorias" dessa vez tornaram a viagem não prazerosa; por fortuna – escreve Fr. Michele – "a grandiosidade da paisagem, formada pelo rio gigantesco (...) as florestas virgens de vegetação exuberante, a majestade da solidão e do silêncio" convidavam "a meditar e sonhar sobre o maravilhoso espetáculo" e aliviaram o incômodo.[539] A chegada a Manaus ocorreu aos dois de dezembro, ali o padre provincial permaneceu quase nove dias para depois continuar dessa vez para São Paulo de Olivença, residência principal da prefeitura, distante ainda mais de 1.500 quilômetros; depois de nove dias desembarcou em Tonantins; primeira estação da prefeitura, de onde, com uma lancha enviada pelo prefeito, em 48 horas, chegou finalmente a São Paulo de Olivença. A acolhida foi triunfal, assim narra Fr. Michele ao Ministro Geral: "Ao pequeno porto tinha vindo todo o povo. As autoridades citadinas, as associações, a escolaridade, tendo à frente o prefeito e os missionários, vieram a saudar-nos, enquanto no ar explodiam numerosos morteiros e a banda do círculo católico tocava o hino brasileiro e pontifício. Em meio a tal alegria universal, formou-se o cortejo em direção à praça pública onde o prefeito dirigiu-me a palavra de saudação da parte dos missionários e do povo. Enfim, na igreja se deu graças a Deus pela

---

[538] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 4, Relazione al Padre generale. Visita di P. Michele da Perugia alla Missione, 1936, Assis, 7, julho, 1936, I.
[539] *Ibidem*.

feliz chegada. Era a noite de 21 de dezembro, 63 dias depois da minha partida de Gênova".[540]

A visita às residências missionárias iniciou aos 12 de janeiro de 1936; primeiro visitou Esperança, a estação mais ao norte da prefeitura, junto a Remate de Males e Tabatinga, depois inspecionou Tonantins e as residências secundárias dependentes, em seguida foi a vez de São Paulo de Olivença, onde convocou o discretório. Saiu de São Paulo dia 11 de fevereiro para Manaus, para efetuar a visita também àquela casa; cerca de um mês durou a permanência na capital amazonense, foi embora de fato no dia 12 de março, depois de ter enviado uma carta pastoral aos missionários e algumas disposições efetivas resultantes da visita.[541] Desembarcou em Gênova aos 14 de maio, satisfeito da viagem e – escreve – "feliz de reencontrar a Itália vitoriosa e enriquecida, nos meus sete meses de ausência, de um grande Império".[542] O relatório enviado ao frei Vigílio de Valstagna, Ministro Geral dos frades menores capuchinhos, resulta muito detalhada; ilustra não só a geografia, a etnografia, a vida social do Alto Solimões, mas descreve de modo circunstancial também a situação da missão, com referências históricas pontuais dos primeiros 25 anos de existência.

---

540 Ivi, II.

541 AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., II, Lettera circolare ai missionari, Manaus, 10, março, 1936. Anexada à carta uma página contendo 14 "ordenações deixadas pelo provincial em sagrada visita" Em particular, segundo as normas do estatuto, ele recomendava conservar em cada residência dois registros, nos quais, sem confusão, anotar "os bens da missão" e "os bens da ordem"; submeter à revisão do superior regular os livros de administração e das santas missas; de observar em todas as casas a clausura; de fazer o retiro espiritual cada ano, a solução dos casos morais, de respeitar o horário para o coro e a meditação. Especial atenção deveria ser dada às bibliotecas, sempre abastecidas de livros "úteis e suficientes" e, sobretudo de não guardar no "depósito"; a recreação se deveria fazer em comum com os confrades religiosos e era condenável "o abuso das visitas à casa de seculares, especialmente à noite"; destacava--se, sobretudo a obrigação para todos os missionários de escrever ao Ministro Geral e ao provincial "todo ano, em sinal de obséquio". Uma disposição precisa emanou a respeito da residência de Manaus, onde ordenou que "a porta da segunda sacristia, que dá acesso ao corredor, diante da sala de visitas" deveria permanecer sempre fechada.

542 APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 4, Relazione al Padre generale. Visita di p. Michele da Perugia, II. A referência naturalmente é à conquista da Etiópia por obra das tropas guiadas pelo marechal Pietro Badoglio que entraram em Addis Abeba em 15 de maio 1936, obrigando o rei Hayle Sellassié a abandonar o país. Aos 19 de maio Vittorio Emanuele III foi oficialmente proclamado imperador da Etiópia.

Do relatório emerge o empenho da província, a organização eclesiástica da prefeitura, o trabalho e o estado de saúde dos missionários, o nível moral deles, o estado econômico da missão; em efeito, Fr. Michele tinha procurado inteirar-se das condições da missão e das suas necessidades. Durante os sete meses de permanência, havia visitado todos os lugares e escutado e interrogado longamente os missionários: "estudei e refleti sobre tudo o que vi e ouvi, comparei uma coisa com a outra, vi outras missões e outros missionários, portanto – conclui Fr. Michele – parece-me tenha compreendido, em boa parte, as realidades consoladoras como também os defeitos e necessidades da missão".[543] Portanto, depois de vinte e cinco anos, segundo Fr. Michele, os resultados tinham sido consideráveis, mas não totalmente satisfatórios: "pela exposição dos trabalhos dos missionários, especialmente daquele feito no campo espiritual, se vê que a fadiga dos padres tem sido grande, os frutos, por múltiplas razões, foram muito poucos. Todavia, a semente lançada não foi totalmente perdida. Um sensível progresso moral, religioso e civil é inegável".[544]

Além da falta de um seminário, necessário para alimentar as vocações locais, coisa muito comum na grande parte das missões da Amazônia e muito difícil de realizar, também segundo Fr. Michele, que julgava aquele povo "frio, indiferente e apático (...) ignorante do progresso civil e religioso e incapaz de conceber os sublimes ideais do espírito", o provincial lamentava a falta de renda fixa,[545] de uma

---

543 Ivi, XXVII.

544 Ivi, XXII. Diferente era em vez o juízo sobre a presença dos capuchinhos em Manaus: "A exposição lisonjeira dos frutos que recolhem dos missionários no Alto Solimões, não deve ser aplicada à residência fora da prefeitura, em Manaus, onde os freis trabalham confortados por abundante colheita espiritual. É aqui, antes, o caso de repetir a palavra do Senhor *Messis quidem multa, operari pauci*".

545 Ivi, XXV-XXVI. "As intenções de santas missas com esmola, que em outros lugares são uma pequena fonte de vida para o missionário, no Alto Solimões são uma verdadeira raridade. No centro maior da missão, por exemplo, sede de município e da prefeitura apostólica, os registros mostram que em todo o ano de 1931 foram ordenadas pelo povo 10 missas somente; em 1935 só 8. Outras fontes de vida não se conhecem no Alto Solimões. Conclui-se que a missão inclusive para a simples permanência dos missionários se deve depender das esmolas vindas de fora e assim aparece evidentemente que a missão é pobre no verdadeiro sentido da palavra. Para a vida da missão e dos missionários a única fonte são as ofertas que vêm da *Propaganda Fide*, da benemérita associação de Lion e da cúria geral. E se reconhece que as esmo-

inteligente e transparente prática administrativa, com uma dura acusação ao Fr. Evangelista, não possuidor, segundo Fr. Michele, de dotes necessários "para dirigir e conduzir a administração da missão".[546] Na base das imputações existia, sempre segundo Fr. Michele, a incapacidade por parte do prefeito em saber "avaliar o balanço total da missão, nem aquele particular de cada casa".[547] A consequência mais danosa de tal superficialidade na gestão econômica da missão era, conforme Fr. Michele, a necessidade de recorrer continuamente a empréstimos, que vinham depois saldados quando chegavam as ofertas vindas de Roma e Lion.[548] Outro inconveniente registrado era a falta de distinção dos bens que pertenciam à missão daqueles de exclusiva propriedade da Ordem, quase que esta última, destacava o provincial, "no Alto So-

---

las recebidas destas três fontes durante 25 anos foram verdadeiramente abundantes, mediante as quais foi possível enfrentar não somente à necessidade e ao sustento do pessoal da missão, mas também foi possível cumprir e sustentar diversas obras. Roga-se e espera-se que esta fonte não seque. É preciso no entanto pensar que, se um dia vierem a faltar estas esmolas providenciais, não somente cairiam todas as obras iniciadas mas os próprios missionários não teriam a possibilidade de continuar muito tempo na região do Alto Solimões".

[546] Ivi, XXVI. Escreve Fr. Michele no seu relatório: "A gestão administrativa ficou sempre e exclusivamente nas mãos do revmo prefeito apostólico e ao mesmo tempo superior regular, o qual naturalmente agiu conforme os seus critérios particulares, que, porem, à luz dos fatos, mostraram-se um tanto defeituosos e alimentaram justificadas lamentações por parte dos confrades. É preciso reconhecer que o superior atual, sem o consenso de outros, sozinho não possui os dotes necessários para dirigir e conduzir a administração da missão. Possui sim prontidão e rapidez em conceber e executar os projetos, mas não é igualmente feliz em avaliá-los e colocá-los em prática. Assim, por exemplo, com uma visão mais exata das necessidades reais da missão, as casas poderiam ser mais simples, porém mais amplas e melhor dispostas, como ainda deveriam, a esta altura, ter erguido mais capelas e pequenas residências secundárias nos centros menores.

[547] Ivi, XXVI. Incompetência que o provincial havia verificado pessoalmente: "Assim, por exemplo, tendo-lhe perguntado repetidamente quanto gastava anualmente para a casa de S. Paulo de Olivença, ele me afirmava com insistência que o balanço poderia girar em torno de 22 mil liras. Eu, em vez, com o registro na mão e na presença dos discretos, lhe demonstrei que, excetuando todas as despesas extraordinárias, em S. Paulo, sede da prefeitura, ele gasta anualmente a beleza de cerca 45 mil liras".

[548] Ivi, XXVI. "Mas operando deste modo se resta – afirma Fr. Michele – sempre em débito. Felizmente os recursos se obtêm sem juros, mas fica-se sempre preso à organização que nos favorece". No momento da visita o provincial havia registrado um débito total de cerca 60.000 liras.

limões não tenha exatamente nada".[549] À acusação de individualismo na direção da missão, acrescenta-se também aquela de descuidar os retiros espirituais e práticas de piedade e de frequentar excessivamente as casas de seculares; escreve Fr. Michele, a propósito: "Uma observação que acreditei ser oportuna fazer, especialmente para a casa de São Paulo de Olivença, foi a conversação fácil demais com os seculares, ordenando que a recreação se faça e não já na praça com os seculares ou na casa destes, especialmente à noite (...) falta nisso o cuidado do superior regular, o qual, em vez, longe de dar o bom exemplo, frequenta com demasiada facilidade a casa dos seculares e trata mulheres com exagerada familiaridade. Os missionários, não concordando unanimemente com o comportamento do prelado, concordam todavia ao notar leveza e imprudência que não lhes traz edificação e que pode ser objeto de admiração dos seculares".[550] Em resumo, Fr. Michele teve de constatar, com pesar, que as relações entre o prefeito e os frades, mesmo sendo marcadas, "com respeito e completa submissão", pecavam por falta de estima e "completa confiança".[551] Por isso, no relatório que envia ao frade-geral, não se abstém de formular observações e juízos. A visita foi uma ocasião importante, esta havia permitido relevar, "além

549 Escreve Fr. Michele: "Depois de 25 anos de fundação não foi ainda feita a separação ou distinção dos bens pertencentes à Ordem daqueles pertencentes à missão, justo o que dispõe o Estatuto, a Ordem no Alto Solimões não possui próprio quase nada. Consequentemente o revmo prefeito – que permaneceu sempre como superior regular – tem um só registro, no qual, em poucas páginas são sumariamente e confusamente registradas as entradas e despesas feitas no período de 25 anos. Nenhum registro particular do qual ou com o qual poder conhecer quanto cada uma das obras tenha custado. Também as casas individualmente têm um só registro e não dois como manda o Estatuto": ivi, XXVI.

550 Ivi, XXIII-XIV. Em particular Fr. Michele, mesmo sabendo das dificuldades que a vida missionária impunha à observância das práticas fundamentais da vida religiosa, não deixa de sublinhar que: "Uma vida espiritual mais intensa é necessária na missão especialmente no que diz respeito à santa meditação, da qual, com palavras e escritos admoestei a necessidade de inculcada prática".

551 "(...) pelas razões que expus neste capítulo e pelas que exporei no seguinte, não têm para com ele aquela confiança e aquela estima que seriam desejáveis num superior posto a dirigir os destinos da missão. Os missionários lamentam-se ainda que o superior, amante da paz, caritativo e premuroso sempre, não parece, porém, ter para com eles verdadeira estima e não tem a devida consideração ao conselho e ao discretório, aconselhando-se sobre o que fazer, muito mais com os seculares que com eles": ivi, XIV-XXV.

do bem, também as deficiências e os defeitos", que seria obrigação do provincial, em breve tempo, "resolver e superar".

Segundo a análise de Fr. Michele, a missão, para ao seu desenvolvimento, deveria antes de tudo dotar-se de um ecônomo, que como objetivo principal deveria ter aquele de extinguir definitivamente os débitos existentes e não permitir que se contraíssem outros; parecia ainda necessário separar a administração da prefeitura daquela do superior regular e estabelecer quais bens pertenciam à missão e quais à Ordem. Era necessária, portanto, uma gestão mais colegiada da missão, seja da parte administrativa, seja das outras competências exigidas pelo Estatuto, mas era sobretudo indispensável ocupar-se mais intensamente do apostolado espiritual; segundo Fr. Michele, os primeiros vinte e cinco anos tinham sido dominados pelo desejo de favorecer o progresso civil daquele povo, convicção errônea, enquanto este "indiferente e despreparado a recebê-lo, não dará que um escasso resultado".[552]

O texto do relatório enviado ao frade-geral resulta muito diverso daquele impresso e endereçado aos confrades da província e aos missionários; os inconvenientes, os defeitos registrados no decurso da visita, dão espaço nesse caso à esperança e à felicidade de ter tido a oportunidade de servir à Ordem e à Igreja numa terra distante e necessitada de receber a mensagem cristã; no texto publicado desaparecem, portanto, todos os juízos negativos e grande parte das observações. Se no relatório ao Ministro Geral se sustentava que o número dos missionários era suficiente, no texto endereçado aos confrades da Úmbria, toda a última parte é um apelo a favorecer as vocações missionárias e um convite a "galgar o campo missionário",[553] ou ainda a recolher

---

[552] Ivi, XXVIII. As outras observações diziam respeito à organização da missão, inútil era, segundo Fr. Michele, "fundar outras estações principais permanentes, porque, à parte outras considerações, o povo vivendo muito disperso e itinerante, a maioria não se sentiria contente". Ocorria em vez, multiplicar nos centros secundários "pequenas capelas, escolas paroquiais ou catequéticas com pequeno refúgio para o missionário". Um acento particular vinha colocado sobre o consueto hábito dos missionários de serem padrinhos de Batismo e Crisma, prática um tanto inconveniente (...) eu desaprovei tal coisa – escreve Fr. Michele – e disse que retornando à Itália mandaria ordem a esse propósito".

[553] Michele da Perugia, Relazione alla Provincia sulla missione dell'Alto Solimões dopo la Visita Pastorale, In: *Bolletino Ufficiale per i FF. Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 373 (1936) 74-75. "O espírito missionário deve, na província, não só con-

esmolas com as quais os missionários "poderão melhor prover às suas necessidades (...) erguendo igrejas, capelas, abrindo escolas e laboratórios, prontos-socorros e outros institutos de beneficência".[554]

Se a conclusão do relatório enviado a Roma deixava transparecer não só muitos elementos de pessimismo sobre o futuro da missão, mas também um latente desejo de retirar-se e concentrar os esforços só em Manaus,[555] no relatório aos sacerdotes, clérigos e leigos da província, o provincial insiste sobre o dever de ir adiante e de reforçar a presença: "é

---

servar-se como crescer. Deve dilatar-se e chegar em todo lugar; de modo especial deve ser difundido no meio dos jovens, para os quais a ideia missionária deve fazer parte do programa educativo, de modo que os seminários e os estudantados sejam verdadeiras sementeiras das quais as latentes vocações missionárias venham a desabrochar com ímpeto, viçosamente germinar e florir. Para suscitar e conservar as vocações missionárias, recomendo nos lugares de estudo aconteçam conferências e palestras de índole missionária, distribuam-se livros que falem das missões e de missionários ilustres, se façam ainda circular alguns periódicos de revistas missionárias, sem necessidade de entrar no campo dos outros pois o nosso é abundantíssimo (...) O último mas indubitavelmente o mais alto e generoso modo de cooperação missionária é o de colocar-se logo no campo de trabalho, no Alto Solimões e, assim, suprir à escassez de operários".

554 Ivi, 73

555 Escreve Fr. Michele: "A missão, segundo o meu modesto parecer, não terá, ao menos por enquanto, um desenvolvimento promissor. Fundada quando, no Alto Solimões, como num novo Eldorado, vinham de toda parte os trabalhadores à procura da borracha, hoje que este artigo é desprezado, vai despovoando-se e se esvaziará sempre mais, deixando a região numa solidão cada vez maior. Retornei da missão satisfeito pelo benquerer aos padres e pelo ardor que estes têm pelo trabalho apostólico, mas ao mesmo tempo trouxe comigo – e manterei em segredo – a amarga constatação de que o campo apostólico é não somente difícil, mas também estéril. A região imensa e a população indiferente, e mais ainda dispersa e itinerante, não permite um justo conforto espiritual ao trabalho e ao sacrifício. Durante a minha viagem de ida e volta pelo Amazonas, fora da prefeitura apostólica, nas frequentes e longas paradas do vapor fluvial, vi e visitei alguns lugares de três, quatro e cinco mil habitantes, como Coari, Codajás etc. Com bela igreja e casa para o sacerdote, mas uma e outra abandonada e deserta há anos. Grande tristeza me apertou o coração ao ver toda esta população numerosa e bem disposta, suplicando a alta voz que permanecesse com eles. Para enternecer o coração acrescentem-se as insistências e súplicas do bispo de Manaus para implorar ajuda dos padres, que ali encontrariam um conforto espiritual às suas fadigas. Disse isto não para abandonar o campo confiado pela Providência aos nossos freis, mas para apresentar aos superiores-gerais um estado de coisas que se insinuou no meu espírito um pensamento tentador, que poderia não ser verdadeira tentação, mas conter um elemento bom. A província, por sua vez, não deverá saber desta minha tentação, boa ou má que seja. Esta em vez, continuará fiel ao seu compromisso, os missionários trabalharão com renovado ardor no campo apostólico, prontos sempre à voz dos superiores". APCA, 102, *Missioni*

evidente que a missão do Alto Solimões é nossa, e que esta nos pertence por vontade de Deus, da Igreja e da Ordem. E é evidente também que o seu futuro depende em grande parte da nossa vontade. Devemos recordar-nos que as almas da missão a nos confiadas, pesam hoje sobre a nossa consciência, e que, podendo essas se perderem por nossa inércia, assumimos uma responsabilidade, sobre a qual não pensamos ainda o bastante. É tempo, portanto, de dedicarmo-nos mais seriamente ao trabalho de salvar aquele resto, que já há tempos esperava a redenção. Cada religioso deve ser apóstolo e, portanto, missionário do Alto Solimões. Nem todos, certamente, poderão partir para o Amazonas, tem quem seja destinado a permanecer entre os estreitos confins da Úmbria, mas todos, sacerdotes, clérigos, leigos, noviços e seminaristas, todos sem exceção devem trabalhar e cooperar pelo progresso da missão no melhor modo que lhes será possível".[556]

Uma linha confirmada também por uma entrevista em *Voce Serafica* em agosto do ano de 1936, onde Fr. Michele, com uma megalomaníaca eloquência própria do espírito do tempo, elencava resultados positivos de 25 anos de presença, assim como o trabalho que restava fazer: "No espaço de 25 anos – referi ao padre provincial ao entrevistador Poliuto Chiappini – os nossos irmãos do Alto Solimões, desprezadores dos perigos e indestrutíveis na fé de um porvir sempre melhor, fizeram grandes milagres. Sob a guia paterna do prefeito apostólico, frei Evangelista de Cefalônia, construíram igrejas, escolas, dispensários de medicina, ergueram associações e florescentes círculos da juventude católica. Os grandes e contínuos sacrifícios são um pouco coroados de felizes resultados".[557] Todavia, prossegue: "muito se fez (...) muito resta a fazer"; recordava "os caídos sobre a brecha", isto é, os missionários mortos no Alto Solimões, mas logo depois anunciava a disponibilidade de "novas e jovens energias" que tinham "pedido a honra de partir"; confirmava a intenção de proceder à exploração de todo o território que compreendia a missão e para conseguir este objetivo considerava indispensável promover o conhecimento da missão através de opúscu-

– *Relazioni annuali e quinquennali*, 4, Relazione al Padre Generale. Visita di p. Michele da Perugia, XXVIII-XXIX.

[556] Michele da Perugia, *Relazione alla Provincia*, 71.

[557] P. Chiappini, I pionieri del cristianesimo e della civiltà, In: *Voce Serafica* 16/8 (1936) 117.

los de caráter popular, jornais, conferências e projeções, "em todos os centros da Úmbria e também nas pequenas cidades e até nas aldeias". Nessa perspectiva de comunicação para sensibilizar a população e obter recursos, colocava também o nascimento do Museu Missionário de Todi, desejado fortemente pelo Fr. Costantino de Civitella, seu predecessor. Não falta na entrevista uma tomada de consciência da necessidade de utilizar as mais modernas tecnologias para o escopo da missão e desejar portanto a aquisição de um aeroplano, "que os meus confrades ardentemente desejam" – declarou Fr. Michele – "para explorar as vastas e impenetráveis florestas do Amazonas".

Sobre o texto enviado aos confrades, os comentários não faltaram, sobretudo à obra dos missionários; observações, no todo, positivas. Frei José de Leonissa definiu o relatório: "bem desenvolvido, bem escrito" e acrescenta: "pode fazer o bem (...) promovendo vocações e generosidade".[558] Mais articulado foi o juízo de Fr. Antonino de Perúgia que, avesso em escrever textos e manter correspondências, elogiava o equilíbrio das opiniões e a exposição "clara, sucinta, positiva e severa",[559] mas não deixava de criticar o capítulo 4, dedicado à vida social no Alto Solimões, algumas afirmações "não totalmente exatas que não poderiam escapar a um veterano de missão".[560] Em particular, segundo o capuchinho perugiano, não era totalmente correto apresentar, utilizando termos típicos europeus, o estado de miséria dos povos do Amazonas; "o estrangeiro – escrevia Fr. Antonino – não poderá nunca compreender a verdadeira situação desta gente. Aqui tudo falta e tudo tem. São aparentemente pobres no meio de uma fértil riqueza";[561] igualmente insensato era afirmar que aqueles povos não amavam a instrução intelectual; esta, conforme o missionário, era "bem apreciada", mas a responsabilidade da falta de instrução recaía sobretudo aos pais que conseguiam exercer "autoridade e severidade com os filhos" e estes, portanto, fugiam "do sacrifício e da disciplina".[562] Também Fr. José de Leonissa acrescentou algumas observações ao relatório do

---

[558] APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 7, F-G., Fr. Giuseppe al ministro provinciale, Manaus, 6, maio, 1937.
[559] Ivi, 1, A, Fr. Antonino da Perugia al ministro provinciale, Tonantins, 7, maio, 1937.
[560] *Ibidem*.
[561] *Ibidem*.
[562] *Ibidem*.

provincial, em particular criticou a parte que definia substancialmente semelhante, salvo alguns casos extraordinários, a vida na missão e aquela que se vivia no convento. Escrevia Fr. José: "Nós que temos a experiência de uma e de outra encontramos muita diferença: pode causar sérias desilusões como quando alguns vêm pensando encontrar cidades e vilas populosas, encontram casebres e solidão".[563]

7. A Ação Católica, a rádio e o barco a motor

Com o provincial tinha vindo à missão Fr. Tomás de Marcellano que, logo ao chegar, permaneceu em S. Paulo, aplicando-se ao estudo da língua e exercitando-se na pregação "com alguma explicação do Evangelho";[564] contudo, em 1936, a missão era dividida em quatro quase-paróquias: S. Paulo de Olivença com Fr. Domingos de Gualdo Tadino e vigários cooperadores Fr. Fidélis de Alviano, Fr. Tomás de Marcellano e Fr. Pio de Casacastalda; Esperança com Fr. José de Leonissa e vigários cooperadores Fr. Venceslau de Espoleto e Fr. Diogo de Ferentillo; Tonantins com Fr. Ambrósio de Gaifana e vigário co--operador Fr. Ludovico de Leonissa. Das quatro residências principais dependiam as estações secundárias;[565] em Manaus residiam, por sua vez, Fr. Antonio de Perúgia, com o encargo de superior e Fr. Hermenegildo de Foligno, na qualidade de discreto.

---

[563] Ivi, 7, F-G, Fr. Giuseppe al ministro provinciale, Manaus, 6, maio, 1937.

[564] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale della Prefettura Apostolica dell'Alto Solimões, 1936, S. Paulo de Olivença, 30, junho, 1936, 3. Causou logo uma ótima impressão na missão, tanto que o prefeito, geralmente muito crítico no parecer, escreveu: "fará grande bem em Esperança: há belas qualidades que aqui valem tudo: é muito benquisto e goza da estima de todos": ivi, 105, *Misssioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Fr. Evangelista al ministro provinciale, Rio de Janeiro, 16, março, 1937.

[565] Em particular, de S. Paulo de Olivença: Belém do Solimões, com capela, casa e escola em avançada construção, Sta. Rita, com capela, casa e escola em construção, Amaturá, com igreja, casa e escola em pleno funcionamento; de Esperança: Tabatinga, posto militar de fronteira, Remate de Males, com igreja, casa para o missionário, Aramaçá, com capela, casa em construção e escola aberta; de Tonantins: Sto. Antônio do Içá, com igreja, casa, escola em construção. APCA, 102, *Missioni – Relazioni Annuali e quinquennali*,2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1936.

A atividade missionária dos frades umbros era assim organizada: em São Paulo de Olivença, além de Fr. Tomás de Marcellano, viviam Fr. Domingos, que exercia o serviço paroquial e assistia às irmãs do colégio, Fr. Fidélis, que era encarregado da assistência aos índios e os visitava frequentemente, Fr. Pio de Casacastalda, que era por sua vez encarregado da assistência à juventude masculina e de vez em quando visitava a estação de Amaturá. Em Esperança os missionários se alternavam nas visitas às diversas localidades em particular, Fr. Venceslau assistia às estações de Remate de Males e Carvalho; Fr. Diogo tinha visitado quatro vezes Aramaçá, Letícia, Victoria e rio Itacoaí, com uma viagem que durou 38 dias.[566] Em Tonantins, Fr. Ambrósio tinha visitado Vargem Grande, Caeté, Primavera, rio Içá, Chibeco e Santo Antônio do Içá; também Fr. Ludovico havia, no mesmo ano de 1936, visitado quatro vezes Santo Antônio do Içá, Auaty-Paraná, Chibeco e Floresta, permanecendo 24 dias em Amaturá.[567]

Ainda pelo fim dos anos trinta, apesar das recomendações das autoridades, pouco ou nada tinha sido feito a respeito do seminário. Na realidade, ao menos conforme as notícias fornecidas anualmente por Fr. Evangelista, os candidatos começavam a aparecer, mas nem todos ofereciam os requisitos necessários para serem admitidos ao seminário; depois dos primeiros três jovens, outros seis pediram para serem aceitos e, todavia, uma sumária valoração, dois destes, "por causa da pouca instrução",[568] não foram admitidos, também em consideração da idade deles, que superava os 18 anos; outro aspirante foi igualmente rejeitado porque apresentava "dúvidas de sanidade", sendo o pai "morto leproso"; o quarto candidato, um menino de 11 anos, morreu improvisadamente; restava, portanto, só um candidato, Pedro Aparício, também ele de 11 anos que continuava a estudar para completar o curso elementar.

Ainda em 1936, no colégio de São Paulo de Olivença, as alunas internas eram 3 e 64 as externas; as irmãs do colégio levavam adiante uma escola elementar masculina com cerca de 90 alunos; em Amaturá existia uma escola mista, com duas professoras e 106 alunos; uma escola mista estava funcionando também em Tonantins e três escolas mistas existiam nas proximidades de Esperança. Na missão ainda

[566] Ivi, 4.
[567] *Ibidem.*
[568] *Ibidem.*

existiam duas escolas noturnas masculinas para adultos, uma em São Paulo de Olivença, com 90 alunos, e uma em Esperança, com 35.

Depois da decisão do episcopado brasileiro (9 de junho de 1936) de ativar em todas as dioceses o movimento da Ação Católica, também na prefeitura houve um esforço nessa direção, começando pela residência principal de São Paulo de Olivença;[569] mais particularmente Fr. Pio de Casacastalda ocupou-se da formação em Amaturá, recolhendo aos diversos quadros, ao menos 192 inscritos;[570] Fr. Tomás, por sua vez, ocupou-se da sua organização em Esperança e aos 17 de janeiro de 1937, na presença do prefeito, foi oficialmente apresentada a nova associação que tinha visto aderir, em todas as secções, 243 sócios. Coube a Fr. Diogo implantar a Ação Católica em Remate de Males; não conseguiu formar a secção dos homens, mas entre os quadros da juventude feminina, dos militantes e das militantes, recolheu 60 adesões.[571] Aos 15 de dezembro de 1936 reuniu-se o Discretório da

---

569 Os quadros organizados resultam o seguinte: "Homens da Ação Católica, 14; Jovens Católicos, 42; Aspirantes da Juventude Católica, 30; Militantes J. C., 28; Liga Feminina da Ação Católica, 18; Juventude Feminina da A. C., 40; Aspirantes da Juventude Feminina Católica, 10; Militantes da Ação Católica, 12": ivi, 5.

570 Nos primeiros cinco anos de permanência no Amazonas, Fr. Pio se ocupou só da Ação Católica, como assistente eclesiástico da Juventude Católica de S. Paulo e de Amaturá. Numa carta ao ministro provincial, refere-se ao progresso na instituição da Ação Católica em Amaturá e escreve: "Os jovens em Amaturá prometem muito e se existisse uma mão que os guiasse em pouco tempo seria outro ambiente": ivi, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, P, S. Paulo de Olivença, 6, outubro, 1936. Para construir a igreja de Amaturá, fez uma desobriga nos rios Içá e Jacurapá, recolhendo cerca de 14.000 liras; ivi, carta ao ministro provincial, S. Paulo de Olivença, 16, novembro, 1941, com o relatório da viagem (22, novembro, 1941).

571 Ivi, 102, *Missioni – Relazioni Annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1937, S. Paulo de Olivença, 30, junho, 1937, enviada por Fr. Domingos de Gualdo Tadino, vigário delegado e superior regular ao ministro provincial Fr. Alberto de Gubbio. Na verdade, qualquer ano antes, enquanto permanecia na província por um breve período, Fr. Evangelista tinha fortemente desejado uma maior difusão dos círculos da Ação Católica, sobretudo nas estações principais. A motivar tal solicitação eram ao menos três fortes razões: a primeira era a propaganda protestante "já há alguns anos a América do Norte – escrevia Fr. Evangelista – fixara o seu olhar sobre a América Latina, e com uma profusão inacreditável de dólares, enviou os seus missionários protestantes, não só nos grandes centros populosos, mas também nas várias cidades e vilas do interior dos Estados ou regiões para extirpar dos nossos fiéis a beleza e a pureza da nossa fé católica. Antes, mercenários que, mesmo ignorantes, mas bem pagos, imitando o missionário católico, percorrem o rio da

missão na residência missionária de São Paulo de Olivença, convocado por Fr. Domingos, no seu papel de superior regular;[572] estavam presentes o prefeito, Fr. Domingos e os novos discretos, Fr. José e Fr. Fidélis. A reunião articulou-se em três sessões: na primeira foi formalizada a nova organização da missão, que sancionava a distinção entre a estrutura da prefeitura, que continuava sob a direção de Fr. Evangelista, e a comunidade religiosa, ao vértice da qual vem designado Fr. Domingos;[573] na segunda, se procedeu a organizar "a tabela das famílias

---

nossa jurisdição missionária, se introduzem nos barracos e cabanas dos nossos fiéis, disseminando-lhes a heresia". A segunda era de natureza ética e civil: Na missão, pela "grande dificuldade de ganhar o necessário para vida material" e pelo excessivo "calor durante o dia", dominava a "vida notívaga"; isto, escrevia ainda Fr. Evangelista, convidava os jovens ao ócio e os fazia perenemente estar nas ruas e locais noturnos com "péssimas consequências". A terceira motivação era de poder "manter e continuar entre os ex-alunos a educação civil e a instrução religiosa recebida nas nossas escolas". Para realizar tal projeto eram necessários novos missionários, ao menos outros três, requisitava o prefeito, mas sobretudo sendo consciente – escrevia – que "um dos meios que mais atraía a juventude era a música", era necessário formar, em cada círculo, uma banda. Pedia, portanto, três missionários que conhecessem a música e fossem em grado "formar uma orquestrazinha". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1919-1937), Fr. Evangelista al ministro provinciale, Assisi, 28, giugno, 1932.

572 Foi o secretário das missões quem comunicou a Fr. Evangelista a necessidade, depois de 25 anos, de separar o encargo de prefeito daquele de superior regular da missão. Escrevia: "a passagem [...] se terá com a máxima serenidade de espírito, com plena tranquilidade de ânimo e perfeita confiança". A única matéria onde poderiam surgir discussões era aquela econômica: "Sabemos que esta missão é ainda marcada por um débito bastante relevante, que desejamos seja extinto o mais rápido possível". Por aquele ano, o superior regular deveria assegurar" aquele tanto de dinheiro indispensável para a alimentação e vestuário dos missionários" e o resto deveria entregar para a extinguir o débito. O prefeito deveria versar a metade do subsídio da Obra Seráfica e a espórtula das santas missas celebradas pelos missionários. Dever-se-ia proceder também à separação dos bens da missão daqueles pertencentes à Ordem. AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., III, Roma, 8, setembro, 1936 (cópia).

573 "Como primeiro ato, o novo superior regular emitiu a profissão de fé diante do revmo frei prefeito. Em seguida, recitadas as orações usuais, foram apresentados o decreto de nomeação e a carta de consentimento do revmo frei geral. Expressos pois os sentimentos convenientes de recíproca estima gratidão com relativos augúrios por parte do superior regular cessante e da parte do superior iniciante, Fr. Domingos apresentou o programa dos pontos de estudo e deliberação, certificando, ao mesmo tempo, que havia recebido já do revmo frei prefeito o escritório com os relativos carimbos e administração em boa confiança, em conformidade aos desejos e modalida-

e destinações com relativos serviços dos missionários";[574] na terceira, enfim, os membros do discretório discutiram e deliberaram as linhas gerais da futura atividade missionária. Estas últimas revelaram-se particularmente interessantes também porque parecem seguir as diretivas do ministro provincial, em seguida à visita, e assinalar uma reviravolta na atividade missionária dos capuchinhos umbros; depois de 25 anos, de fato, emerge a vontade de distinguir os "bens da religião daqueles da prefeitura apostólica", com o consequente convite, dirigido a todas as residências, para redigir devidos inventários.[575]

---

des desejada pelo padre-geral". *Relazione della Riunione Del Discretorio della missione dell'Alto Solimões* 15, dezembro, 1936, anexada à *Relazione annuale* 1936, In: APCA.

[574] Com base às deliberações adotadas, na residência de S. Paulo continuavam a viver e a desenvolver a própria atividade seja o prefeito que Fr. Domingos, juntos com Fr. Fidélis, com a especial delegação de evangelização dos índios, Fr. Pio, diretor do círculo, e das escolas masculinas locais, Fr. Xavier de Perúgia. Em Esperança assumiu o papel de superior e quase-pároco Fr. Tomás, recém-chegado da Itália, coadjuvado por Fr. Diogo; em Tonantins, Fr. Ambrósio era superior e quase-pároco, assistido por Fr. Antonino que havia também o encargo de correspondente da Agência Fides e do jornal *Il Massaja*; em Manaus, Fr. Hermenegildo era superior local, Fr. José de Leonissa vigário da paróquia de S. Sebastião com Fr. Venceslau e Fr. Ludovico; *Relazione della Riunione del Discretorio.*

[575] Entre 1936 e 1937, portanto, a organização eclesiástica da missão era a seguinte: além do prefeito apostólico residente em S. Paulo de Olivença, existia o pró-prefeito e vigário delegado Fr. Domingos de Gualdo Tadino, um conselho da missão, reconstituído em 17 de dezembro de 1936 com os missionários Fr. Domingos, Fr. Fidélis e Fr. Pio de Casacastalda. O território da prefeitura era dividido em três grandes quase-paróquias que eram: S. Paulo, sob o encargo de Fr. Domingos com os vigários cooperadores Fr. Fidélis e Fr. Pio; Vila Nova S. Pedro de Tonantins, com Fr. Tomás de Marcellano à frente com o vigário cooperador Fr. Diogo de Ferentillo. A organização religiosa previa em vez um superior regular, Fr. Domingos, nomeado em 17 de setembro de 1936; o discretório, reconstituído no mesmo dia, composto por Fr. José de Leonissa e Fr. Fidélis de Alviano. As decisões do padre-geral chegaram à missão aos 26 de novembro de 1937 e o novo superior regular reuniu o discretório aos 15 de dezembro. A missão mantinha quatro residências primárias: S. Paulo, com superior Fr. Domingos e discretos Fr. Fidélis e Fr. Pio; estava presente ainda o irmão leigo Xavier de Perúgia, "dedicado aos serviços manuais e dos motores"; residência de Tonantins, com superior Fr. Ambrósio e discreto Fr. Antonino; residência de Esperança (Benjamin Constant), com o superior Fr. Tomás e discreto Fr. Diogo; residência de Manaus, como superior Fr. Hermenegildo e discretos Fr. Venceslau, Fr. Ludovico e vigário da paróquia de S. Sebastião, Fr. José de Leonissa. Em 1937 as irmãs terciárias capuchinhas brasileiras eram cinco e haviam a tutela do colégio N. Sr.ª da Assunção, com 11 alunas internas e 358 externas. Era confiada a estas ainda uma escola masculina com 4 professoras e 93 alunos. A sua casa-mãe era em Fortaleza (Ceará) e depen-

Parece certo também que a decisão operada ao vértice entre o cargo de prefeito e aquele de superior regular venha interpretada nesse sentido, sem desconsiderar, depois de 25 anos de comando, um certo cansaço da parte de Fr. Evangelista, ligada aos corriqueiros "boatos, críticas e murmurações" que uma permanência assim longa no comando da missão inevitavelmente solevava; parece confirmar tal hipótese uma anotação manuscrita, provavelmente fruto da reflexão na província como consequência do relatório enviado pelo prefeito em 1935: "Ao prefeito parece que 25 anos de governo cansam quem governa e mais quem obedece? O prefeito deu o melhor de si para servir a missão e para interpretar o pensamento da Santa Sé, para mostrar ao público que esta não é retrógrada, que favorece a modernidade e que se interessa também pelo bem material das populações. A missão teve grandes elogios de gregos e troianos. Nem todos os missionários pensam assim. Não condeno as observações, não as desprezo, mas as estudo e vejo o proveito geral da missão (...) Desejando o sempre crescente desenvolvimento da missão e pensando que novas energias poderão dar novo impulso à missão, é desejo do prefeito, somente por descarrego de consciência e não por outros fins, renunciar ao seu ofício logo seja pago o débito da prefeitura, e assim deixar o caminho livre aos superiores: ele se resigna cegamente seja qual for o *veredictum* dos superiores".[576]

A atividade missionária se concentrava já quase exclusivamente sobre as populações indígenas; o prefeito havia providenciado a destinar Fr. Fidélis de Alviano para cuidar dos contatos com "aquelas tribos, quase todas Ticuna", que viviam localizadas ao longo dos rios Tacana, Belém, S. Jerônimo e Santa Rita, "dispersos e espalhados por longas distâncias".[577] A sua atividade missionária junto aos indígenas era de tal modo intensa que, esgotado, no final de dezembro de 1935, foi obrigado a retirar-se ao sul do Brasil, "para uma estação de águas". No final de junho de 1936 não tinha ainda retornado.[578]

---

diam daquele arcebispo. APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1937, 3.

576 As quatro páginas manuscritas estão anexadas em *Relazione dell'Anno 1935*, conservadas em APCA.

577 Em 1937, Fr. Fidélis os tinha visitado repetidamente, havia já aprendido seu idioma "que não se encontra escrito por nenhum autor e pode ainda ministrar-lhes ensinamentos e conselhos": ivi, *Relazione annuale* 1937, 1-2.

578 Ivi, *Relazione annuale* 1936, 7-8.

Todavia, ao longo do rio Javari, existiam outras tribos de índios, mas não tinha sido possível estabelecer contato com eles, "vivem nômades, vêm e desaparecem embrenhando-se na selva impenetrável. Se sabe – escreve Fr. Domingos no relatório de 1937 – que se perseguem entre eles. São de diversas tribos ou raças muito bárbaras e andam completamente nus".[579]

Fr. Venceslau e Fr. Diogo, que haviam visitado o rio Javari e os afluentes Curuçá e Ituí, referiam que os habitantes daqueles lugares viviam alarmados, submetidos a repetidos ataques e roubos por parte de grupos indígenas selvagens. Por causa disso, ao menos umas sessenta famílias tinham decidido abandonar aqueles lugares e mudarem-se para zonas mais tranquilas. Naquele tempo, Fr. Diogo parece ter abandonado qualquer aspiração agrícola para dedicar-se, sobretudo, ao apostolado; sendo assim, o "campo agrícola" de Tonantins não tinha dado nenhum resultado e foi abandonado; igualmente o "campo pastoril", para a criação de bovinos, situado em São Paulo de Olivença, não havia dado resultado desejável, no fim de 1937 encontrava-se em "decadência e em via de abandono".[580]

Melhoramentos notáveis podem ser verificados, no entanto, no campo da mobilidade, para facilitar as viagens dos missionários no interior da prefeitura, tinha ela sido dotada de "pequenos barcos com motor a óleo"; progressos também foram verificados no abastecimento d'água e na expansão da luz elétrica: "as residências de São Paulo de Olivença e Tonantins, por serviço de água e luz, foram dotadas pela missão de relativas instalações de bombas hidráulicas e de motores dínamos em benefício de todas as instalações missionárias locais. A residência de Esperança (Benjamin Constant) possui já igual serviço de água por meio de bomba hidráulica, mas o serviço da luz o recebe da oficina municipal. Esse serviço de luz, porém, é falho, porque a luz é muito fraca e dura somente das 6 às 9 horas da noite".[581]

Em São Paulo de Olivença, sempre por vontade do prefeito, foi instalada também uma estação de rádio, "a serviço privado da casa". Era a única instalação da região e mantinha os missionários "por dentro das

---

579 Ivi, *Relazione Annuale* 1937, 2.
580 Ivi, 5.
581 *Ibidem.*

notícias mais interessantes do mundo". Tinha possibilitado a estes escutar a voz do santo padre e com satisfação Fr. Domingos anotava: "num ambiente assim retrógrado e quase primitivo, o missionário apresenta-se aparelhado na cultura e nas iniciativas de acordo com o progresso da ciência".[582] Também a banda musical, composta de 25 "figuras e instrumental próprio", constituía um orgulho para os missionários; esta era a única da região e as festas religiosas e nacionais eram "notavelmente valorizadas com a presença da banda de música".[583] Grande empenho para a sua montagem tinha feito Fr. Rogério de S. Elia vindo à missão junto com o irmão leigo Diogo de S. Marco aos 13 de agosto de 1931; estes provinham de Montevidéu, mas eram incardinados na Província de Foggia, à qual retornaram definitivamente aos 13 de janeiro de 1935.[584]

Em suma, no início de 1937, quando o prefeito decidiu ir à Itália "por motivo e interesse da missão e para refazer-se da precária saúde", deixava uma situação já estabilizada, com estações secundárias a essa altura, ou dotadas de igreja e casa para o missionário ou em via de construção ou restauração,[585] escolas em todos os centros mais importantes da missão, suficientemente frequentadas.[586] Tam-

---

[582] Ivi, 5.

[583] A Banda Musical era composta por alguns aderentes ao círculo católico e alegrava "frequentemente o ambiente monótono do lugar, com geral e manifesta satisfação do povo": ivi, *Relazione annuale (...)* 1.º, julho, 1932-30, junho, 1933, 4.

[584] Ivi, *Relazione annuale*, 1.º, luglio, 1934-30, giugno, 1935.

[585] Ivi, *Relazione annuale* 1937, 5. As estações secundárias mais importantes eram: "Belém do Solimões, com casa, igreja e escola; Amaturá com casa, igreja e escola; Tabatinga, posto militar de fronteira, com casa própria; Remate de Males, com casa e igreja: Aramaça, com igreja em construção; Arariá. Com igreja em construção; Tonantins Velho, com igreja em restauração; Santo Antônio do Içá, com casa e igreja em construção".

[586] As escolas eram: "1 – Escola noturna em São Paulo de Olivença, com três professores, tornado 4 em 1938, e 60 alunos, sob a vigilância do missionário Fr. Pio da Casacastalda. 2 – Escola masculina, com 4 professoras e 93 alunos confiada às irmãs terciárias capuchinhas em São Paulo de Olivença. 3 – Escola de música em São Paulo de Olivença, com um professor e 25 alunos. 4 – Escola de bordado e costura em São Paulo de Olivença com duas professoras e 50 alunas, a cargo das irmãs terciárias capuchinhas. 5 – Escola São Cristóvão de Amaturá, mista, com duas professoras e 108 alunos. 6 – Escola de costura e bordado em Amaturá com duas professoras e 25 alunas. 7 – Escola noturna em Esperança, com um professor e 35 alunos. 8 – Escola Cristo Rei em Aramaça, com uma professora e 30 alunos"... Existiam depois as escolas de Belém do Solimões e Tonantins, mas eram públicas ainda que situadas em propriedades da missão. *Ibidem.*

bém o seminário, depois que tinha permanecido em 1936 com um único aluno, tinha recebido nos anos sucessivos um bom incremento; apresentaram-se outros novos aspirantes que frequentavam as escolas da missão até obter o diploma e durante o dia reuniam-se na casa do vigário;[587] o seminário, todavia, não estava ainda aberto e funcionava aquele "preparatório" com cinco alunos, dos quais três hospedados junto ao vicariato de São Paulo e dois naquele de Esperança.[588]

Frei Evangelista retornou da Itália aos 22 de novembro de 1937, acompanhado de dois novos missionários, Fr. Estanislau de Leonissa e Fr. Mateus de Acquasparta; este último vem inserido da residência de São Paulo de Olivença, enquanto Fr. Estanislau ficou na casa religiosa de Manaus.[589]

O ano de 1937 foi assinalado pelo retorno de Fr. José de Leonissa a Manaus; depois de uma permanência em Belém, para curar uma doença pulmonar, onde teve também uma apreciada conferência de propaganda da missão e, no fim de agosto de 1936, retornava a Esperança[590] depois, em virtude da deliberação do discretório da missão, ocorrido, como sabemos, em 15 de dezembro de 1936, no final do mesmo ano

---

587 Ivi, 6 e também *Relazione annuale* 1938, S. Paulo de Olivença, 30, giugno, 1938, enviada por Fr. Domingos, superior regular, a Fr. Alberto de Gubbio, ministro provincial. Não faltava nem mesmo uma discreta atividade teatral, sobretudo em S. Paulo de Olivença, onde, por exemplo, em 1937, no dia da festa de S. Pedro e S. Paulo, padroeiros da paróquia, vem celebrada solenemente a festa do papa e depois dos consuetos ritos religiosos, missa solene e procissão, a festa teve o seu cume à noite no teatro da missão onde, diante de um quadro do pontífice Pio XI, ornado de "véus e enfeites, com dois guardas suíços em veste de gala em guarda de honra", foi cantado o hino pontifício acompanhado pela banda do círculo católico: ivi, *Relazione annuale* 1937, 7.

588 Ivi, *Relazione annuale*, 1938.

589 Teria sido intenção de Fr. Evangelista ir à Grécia para visitar os seus parentes, mas teve que renunciar porque o governo grego havia "proibido a entrada do clero católico na Grécia". Tinha, portanto, reservado o retorno para 29 de julho, do porto de Gênova. Tinha sido suficiente uma breve estada na Itália para perceber que os ventos de guerra já sopravam sobra e velha Europa: "como vês, a situação europeia torna-se sempre mais crítica: a Rússia quer a todo custo a guerra mundial para não continuar derrotada na Espanha. Também no Brasil as coisas não vão bem". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 6, Evangelista da Cefalônia (1916-1937), Fr. Evangelista al ministro provinciale, Roma, 1.º, giugno, 1937.

590 Ivi, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 7, F-G, Fr. Giuseppe al ministro provinciale, Eperança, 25, agosto, 1936. O texto da conferência: ivi, 101, *Missioni – storia*, 7, *Conferenza di p. Giuseppe da Leonessa.*

teve de voltar a Manaus: "devolveram-me a carga do cruzeiro na paróquia de Manaus, tirando-me assim dos meus caboclos e capelas".[591] Não ficou contente com a transferência e o escreveu mesmo ao provincial: "o senhor se congratula que me fizeram retornar a Manaus e eu lamento. Lamento ter deixado em Esperança diversos trabalhos começados".[592]

Todavia, uma vez em Manaus, Fr. José retomou o antigo projeto de construir, ao lado da igreja, um edifício a ser destinado às atividades paroquiais, da Ação Católica às premiações catequéticas. Vindo a saber que um terreno próximo à igreja estava disponível, pensou requisitá-lo imediatamente, predispondo inclusive um "projeto de cessão gratuita" a ser submetido à Câmara dos Deputados, que parecia favorável a escutar o pedido do pároco de S. Sebastião: "considero que o meu projeto tenha a sanção a meu favor", escrevia Fr. José ao provincial.[593]

A única condição imposta pelas autoridades é que o edifício fosse terminado em tempo razoável e na disposição que sancionava tal concessão se previa um triênio; diante das dificuldades financeiras, Fr. José aparece tranquilo, confiante na Divina Providência: "Tenho absoluta confiança na Divina Providência. É uma obra necessária, portanto a Providência deve nos ajudar. Não pense nas dificuldades – escrevia ao provincial – a estas pensaremos aqui e as resolveremos".[594]

Certamente Fr. José não pôde contar, dessa vez, com o apoio do prefeito; aos 31 de janeiro de 1938, com a idade de 55 anos Fr. Evangelista de Cefalônia terminava a vida; assumia a direção, como pró--prefeito, Fr. Domingos que, contudo, à distância de quase trinta anos, se bem que por tortuosas circunstâncias, encontrou-se ao vértice da missão que havia, junto com outros quatro confrades, contribuído em modo determinante para fundar e fazer progredir.[595] Sorte diferente coube a outro pioneiro da missão, Fr. Hermenegildo de Foligno,

---

[591] Ivi,105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 7, F-G, Fr. Giuseppe al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 15, dicembre, 1936.
[592] Ivi, Manaus, 6, maio, 1937.
[593] Ivi, Manaus, 24, maio, 1937.
[594] *Ibidem*.
[595] Foi o próprio Fr. Domingos a comunicar à província e a Roma a morte do prefeito, escrevendo ainda que tinha assumido imediatamente o ofício de pró-prefeito. AGC, *Acta missionum*, H94, Solimoes Sup., III, Fr. Domenico da Gualdo al ministro generale, S. Paulo de Olivença, 31, gennaio, 1938.

que aos 13 de janeiro de 1938, em São Paulo (SP), para onde tinha ido para uma intervenção cirúrgica, à idade de 59 anos, veio a falecer.

Todavia, não obstante que no curso de 1938 fosse inaugurada a nova Igreja de Santo Antônio do Içá e aberta ao culto a pequena capela de Arariá, resultou um ano de desgraças para a comunidade missionária; depois da morte de Fr. Hermenegildo e do prefeito, também Fr. Fidélis, que havia transcorrido quase todo o ano de 1936 no sul do Brasil para curar-se, no início de novembro teve de abandonar São Paulo de Olivença e ir a Manaus para tratar-se. Ali, depois de ter verificado escassas melhorias, pediu e recebeu a obediência para voltar à Itália e partiu aos 10 de maio de 1938.[596]

Também Fr. Pio foi obrigado a dirigir-se ao Pará; ele acusou um mal-estar no "baixo-ventre", diagnosticado pelos médicos como "hérnia incipiente", com relativa prescrição de intervenção cirúrgica. A operação foi bem-sucedida e aos 22 de abril de 1938 pôde voltar a São Paulo de Olivença. No início de fevereiro do mesmo ano, Fr. Estanislau, por distúrbios cardíacos, foi internado no hospital em Manaus, mas não vendo melhoras, pediu para voltar à província; Fr. Domingos tinha sido favorável à sua solicitação e já havia, por consequência, comunicado ao provincial;[597] também Fr. Antonino, "atacado de furunculose", de Tonantins foi para Manaus curar-se; não encontrando também ele resultado dos tratamentos, foi para o Ceará.[598]

---

596 "Estou com o meu intestino seriamente comprometido, que não quer mais funcionar", escrevia Fr. Fidélis ao ministro provincial pedindo por isso a carta de obediência para retornar à Itália: ivi, Fr. Fedele al ministro provinciale, Manaus, 16, febbraio, 1938.

597 Ivi, Fr. Domenico al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 28, aprile, 1938. Existia, contudo, diferentes modos de ver entre Fr. Domingos e os seus discretos sobre a concessão da obediência a Fr. Estanislau de Leonissa. Chegado à missão aos 22 de novembro de 1937 na companhia do prefeito e de Fr. Mateus de Acquasparta, "começou o estudo da língua com indícios de pouca aplicação – escreve Fr. Domingos – vi súbito que tinha alguma coisa que o impedia de aplicar-se. Depois da morte do revmo prefeito, ao qual prestou assídua assistência até o fim, o Fr. Estanislau apresentou sinais visíveis de cansaço, depauperamento e prostração. E declarou imediatamente que sofria de coração, com asma e insônia". Enviado a Manaus para curar-se, não melhorou, tanto que o seu estado de ânimo "é de tal modo abatido que o torna inservível, melancólico e triste". Por isso, Fr. Domingos era favorável ao seu retorno.

598 APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1938. Um detalhado quadro das condições da missão foi

enviado por Fr. Domingos também ao Ministro Geral. AGC, Acta missionum, H94, Solimoes Sup., III, S. Paulo de Olivença, 3, maggio, 1938.

CAPÍTULO QUARTO

1. O novo prefeito: Fr. Tomás de Marcellano

Junto com o provincial, por ocasião da sua visita, como sabemos, tinha chegado à missão Fr. Tomás Frescura de Marcellano; jovem generoso, modesto, culto, cheio de entusiasmo, em quem a província apostava muito para revigorar a atividade missionária no Amazonas; sem dúvida, foi Fr. Michele de Perúgia o inspirador de sua "vocação missionária" e a ele dirigirá cartas cheias de entusiasmo e agradecimentos por tê-lo encaminhado para a missão.[599] Certo de que ele compreendeu súbito as dificuldades da escolha,[600] mas não perdeu o ânimo e, ao menos nos primeiros anos, no pleno vigor das suas forças e energias juvenis, não se poupou. Em março de 1936, por ocasião da festa de S. José, iniciou a confessar em português; mas o seu físico se ressentiu imediatamente tanto que emagreceu trinta quilos;[601] no mês de maio começou a pregar na Igreja de São Paulo de Olivença: "escrevo os meus discursinhos, explicações evangélicas, os faço escutar a Fr. Domingos, os aprendo de cor e os recito e parece que encontram aprovação comum".[602] Nomeado pelo prefeito assistente eclesiástico da juventude católica com a tarefa de organizar a Ação Católica em toda a prefeitura, Fr. Tomás levou adiante com grande esforço e entusiasmo

---

[599] APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 4, T-U-V, Fr. Tommaso al ministro provinciale, Esperança, 2, aprile, 1937.

[600] Escreve, numa correspondência para *Voce Serafica*: "estamos longe demais, a vida missionária é por demais diferente da poesia das nossas terras, o pensamento muitas vezes foge das dificuldades e dos sacrifícios: para conhecer a realidade é preciso atravessar o oceano e o imenso rio, é necessário sentar-se dias inteiros sobre a humilde barca, sob o sol equatorial, precisa experimentar a dificuldade de ter um copo d'água não digo fresca e límpida como aquela que jorra dos nossos montes, mas que ao menos não ameace a saúde, é preciso passar meses inteiros sob um barraco entre mil insetos atormentadores, então poderemos dizer alguma coisa da vida missionária". Tommaso da Marcellano, Sotto il cielo amazzonico, In: *Voce Serafica*, 16/3 (1936) 39-41. Carta escrita de S. Paulo de Olivença aos 29 de dezembro de 1935.

[601] APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 4,T-U-V-, Fr. Tommaso al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 2, aprile, 1936.

[602] Ivi, 2, giugno, 1936. Escreve orgulhoso: "A gramática não me mete mais muito medo, aquele exército de verbos irregulares quase já os digeri".

o novo serviço.[603] Depois de um ano de permanência, Fr. Tomás parece satisfeito e o seu entusiasmo pela atividade missionária não parece minimamente abalado: "Os dias passam velozes (...) passam os calores sufocantes, passam quase imperceptíveis os exércitos dos simpaticíssimos e microscópicos insetos (...) trabalho no campo do Senhor com um gáudio inefável. Ainda não experimentei as fatigantes desobrigas, mas se naquela forma de apostolado é maior o sacrifício, sem dúvida deve ser também maior o gáudio que o Senhor faz a alma sentir".[604] Também a sopa de tartaruga ou a bisteca de tartaruga – escreve – "agora a considero verdadeiramente saborosa".[605]

Em 15 de dezembro de 1936 foi nomeado superior e quase-pároco da residência de Esperança[606] e continua a manter uma estreita correspondência com a condessa Bucci Casari, de Roma; a ela se dirige, sobretudo, para ter notícias da política europeia e italiana, pede-lhe jornais e revistas e, por sua vez, exprime opiniões sobre o Brasil e Getúlio Vargas que então regia "com poder de ditador" os destinos do Brasil.[607] À morte de Fr. Evangelista tinha transcorrido somente três anos de permanência na missão; todavia, Fr. Tomás tinha já conquistado a estima dos confrades que tiveram modo de apreciar "as suas qualidades intelectuais e morais e, sobretudo, o seu iluminado zelo" e vem indicado por todos como o novo prefeito.[608] Também o ministro provincial e os definidores, numa carta ao geral, manifestaram o desejo de que Fr. Tomás de Marcellano fosse chamado a preencher aquele cargo: "ele como o mais jovem de missão – escrevia Fr. Alberto de Gubbio – é cheio de

[603] Ivi, 3, ottobre, 1936.
[604] Ivi, 29, ottobre, 1936.
[605] *Ibidem*.
[606] Ivi, Esperança ou Benjamin Constant, 21/12/1936.
[607] Estas suas cartas resultam uma fonte interessante para compreender não só a imagem do fascismo, e do Dulce em particular, mas também para verificar a difusão do modelo totalitário italiano e a sua sorte no mundo. Escreve Fr. Tomás: "Hoje, a Divina Providência suscitou também nesta terra um homem, Getúlio Vargas, que sustentado pelas forças de terra e mar, com poder de ditador rege os destinos do país. E parece que deseje imitar a política e a tática do nosso Dulce Magnífico. Tinha justamente necessidade esta terra de um tal homem. De outro modo hoje estaria nas condições da Rússia e Espanha. Seja louvado o Senhor": ivi, Esperança ou Benjamin Constant, 28, febbraio, 1938.
[608] La morte del Prefetto Apostolico, In: *Voce Serafica 25* (1946), 1, 8-9.

ardor apostólico, grande pregador na língua brasileira, perfeitamente aclimatado, cheio de iniciativas e já destinado a dirigir uma estação pelo próprio defunto revmo prefeito. Os seus dotes pessoais, de intelecto, de coração e de urbanidade o tornam aceito por todos".[609] Junto com o pedido de atribuir a Fr. Tomás a responsabilidade da missão, os capuchinhos umbros pediram ao Ministro Geral um decisivo esforço a fim de que a prefeitura fosse elevada a vicariato ou prelazia,[610] mas a resposta foi de que a solicitação à Congregação de *Propaganda Fide* não se poderia fazer, porque a prefeitura não tinha ainda alcançado um grau de desenvolvimento tal que demonstrasse "a evidente conveniência da sua ereção a vicariato apostólico".[611] Na realidade, um pedido em tal sentido à congregação romana tinha já sido feito em 1934[612] e

---

[609] AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., II, Il ministro provinciale al ministro generale, Assisi, 21, luglio, 1938.

[610] "Dada a esta oportunidade de eleger um novo prefeito, vimos humildemente pedir-lhe a fim de que faça o que estiver ao seu alcance, para elevar a nossa missão de prefeitura a vicariato apostólico ou prelazia. Em 29 anos de indefeso apostolado os nossos missionários realizaram tudo o que era possível em meio àquele deserto verde: casas, escolas, igrejas, meios de transporte. A vida religiosa com as associações masculinas e femininas e relativos laboratórios e com as irmãs, são eficientes. Está tudo pronto para acolher o superior bispo": *Ibidem*.

[611] Ivi, o Ministro Geral ao ministro provincial, Roma, 13, agosto, 1938.

[612] Ivi, I, A Congregação de *Propaganda Fide* ao Ministro Geral, Roma, 13, novembro, 1934. Também naquela circunstância foi negativa: "a prefeitura (...) não chegou ainda a um grau de desenvolvimento tal que demonstre uma evidente conveniência da sua ereção. De fato, conta com uma população de cerca 21.000 habitantes dos quais nem ao menos dois mil cumprem o preceito pascal, não há obras missionárias de assistência, nem escolas importantes, conta com somente três igrejas e as irmãs são somente em número de três". Além de tudo tinham chegado no verão daquele ano, notícias pouco lisonjeiras a respeito do prefeito que o descreviam como um 'politiqueiro, mau administrador e negligenciava as visitas missionárias'. A informar o prefeito de *Propaganda Fide* foi Genovesi Severino que escrevia: 'São mais de vinte anos que conheço o Fr. Evangelista, prefeito apostólico do Alto Solimões, e me parece que não corresponda muito ao posto que ocupa. Ele é visto muito frequentemente aqui em Manaus, enquanto os outros superiores de missão muito raramente aparecem pela necessidade que tem deles a missão (...) é um tipo dúplice que se mistura na política atraindo o ódio dos políticos e em geral de todos pelo seu modo ridículo modo de ser espadachim'. A carta do desconhecido delator prossegue referindo-se a toda uma série de 'vozes comuns', algumas das quais absolutamente falsas, como aquela que sustentava que 'a metade da sua missão e a mais povoada' era 'privada de uma escola'; outras calúnias em vez, revelavam a aversão contra o prefeito por parte daquelas pessoas que não partilhavam da sua obra de promoção e melhoramento das

encontrada a principal motivação na necessidade no vértice da missão uma figura influente como aquela do bispo que pudesse tratar com as autoridades civis e militares "com mais autoridade e com esperança de maior condescendência".[613] Motivações consideradas válidas também pelo Ministro Geral que aconselhava Fr. Alberto de Gubbio a enviar à Congregação da *Propaganda Fide* "um relatório documentado", no qual deveria constar como alcançados aqueles objetivos, religiosos e sociais, indispensáveis para a promoção da prefeitura a prelazia, de outro modo, concluía o geral, "se deverá esperar tempos melhores".[614]

O relatório foi escrito por Fr. Fidélis, mas a desejada mudança não se verificará, como veremos, senão em 1950.[615] Por sua vez, a *Propaganda Fide* comunicou imediatamente a nomeação de Fr. Tomás como prefeito apostólico ao Ministro Geral,[616] que tinha acolhido plenamente a proposta dos superiores provinciais a respeito dos três nomes apresentados (Fr. Tomás, Fr. Venceslau e Fr. Fidélis) não hesitou a exprimir ao cardeal Pietro Fumasoni Biondi a sua preferên-

condições de vida das populações interioranas: 'ele continua a fazer despesas inúteis coma sua lancha e com os motores (...) e luz elétrica'; coisas julgadas 'inúteis e irracionais', porque aqueles 'lugares paupérrimos' já tinham 'instalação a candeeiro' que, para muitos, era já considerado um luxo". ACPF, N. S. Vol. 1.187 (1934) rubrica n. 51 (Brasile), sottorubrica n. 2 (Alto Solimões), Severino Genovesi al cardinale de *Propaganda Fide*, Manaus, 25, maggio, 1934.

613 "(...) Dado o caráter das populações especialmente das autoridades civis e militares que preferem tratar com um bispo e às quais o superior da missão deve, pelas várias necessidades recorrer, consideramos necessário este novo título (...) Os brasileiros, como v. p. bem sabe, consideram muito também a autoridade externa como um povo dos mais civilizados, e portanto refutam tudo o que acena, mesmo de longe, a nação de missionários"; AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., II, Il ministro provinciale al ministro generale, Assisi, 21, luglio, 1938.

614 Ivi, il ministro generale al ministro provinciale, Roma, 13, agosto, 1938.

615 Ivi, il ministro provinciale al ministro generale, Assisi, 12, ottobre, 1938.

616 Ivi, I, Roma, 19, novembre, 1938. A nomeação foi transmitida pelo núncio apostólico em S. Paulo no dia 25 de novembro e as suas considerações foram recolhidas em: *Saudação Frei. Frei Thomaz de Marcellano da Ordem dos Freis Menores Capuchinhos Prefeito Apostólico do Alto Solimões Aos seus Missionários e fiéis*, Manaos, 1939. Na carta de agradecimento ao provincial e ao definitório, Fr. Tomás recordava mons. Bonilli e retirava coragem da expressão simples que o bispo lhe dirigira antes da sua partida: "Vai"; um encorajamento "decisivo e enérgico repetido ao menos três vezes por aquele homem todo de Deus (...) o seu espírito caminha junto a mim dando-me luz e força". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 4, T-U-V. P. Tommaso al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 5, febbraio, 1939.

cia pelo primeiro, enquanto aquele que oferecia "a melhor garantia para um desenvolvimento rápido e seguro daquela missão. Também a paridade de condições com os dois outros candidatos – continua o ministro provincial – Fr. Tomás tem a seu favor os recursos da sua ainda jovem idade, com consequente robustez física, tão necessária para suportar a inclemência da região na qual se desenvolve a obra dos missionários naquela prefeitura".[617]

Depois da nomeação, Fr. Tomás mudou-se para São Paulo de Olivença e ocupou o quarto de Fr. Evangelista,[618] mas logo teve de enfrentar um doloroso problema no qual estava envolvido o missionário frei Xavier, que tinha manifestado o desejo de recuperar o estado laical. Fr. Tomás falou com ele, perguntou se verdadeiramente "havia pensado aquele passo trágico" obtendo a resposta de que já havia dois anos vinha pensando aquela decisão; será Fr. Domingos a confirmar tal circunstância avisando ao prefeito que frei Xavier tinha pedido publicamente a mão de uma jovem. "Demônio, mundo, carne", tinham sido, segundo Fr. Tomás, os agentes que o tinham empurrado para aquele "passo trágico"; uma circunstância que fez o novo prefeito pedir outros missionários, mas bem equilibrados e adaptados à missão.[619]

---

617 AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., VII, Il ministro generale al cardinale Pietro Fumasoni Biondi, Roma, 10, agosto, 1938.

618 "Encontro-me no quarto do nosso inesquecível e amantíssimo Fr. Evangelista. Qualquer objeto que eu toque, tudo me fala dele, do seu grande zelo e do seu nobre coração. Vestes, hábitos prelatícios estão ao meu uso e consumo e parecem feitos para a minha pessoa. Nos primeiros dias faltou-me a coragem de dormir no quarto, no qual ele entregou a sua bela alma ao Senhor. Hoje criei coragem e a presença virtual do caro falecido me dá grande alívio e um suave conforto". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 4, T-U-V, p. Tommaso al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 10, febbraio, 1939.

619 Acrescentava: "Prepare-me quatro missionários, mas não com o gênio de Fr. Etanislao e Mateus; também este último está procurando o caminho do retorno definitivo à província. Pensam que seja a viagem do horto. Aqui precisamos de almas prontas ao sacrifício por amor ao Senhor": *Ibidem*. Noutra carta ao provincial, define Fr. Mateus "um homem-criança irresponsável pelos seus atos. É por demais dominado pelas impressões e de um acentuado *nefrastenismo* (sic). Ivi, Manaus, 12, settembre, 1940. Também o ministro provincial, no fim, pediu ao secretário das missões que fizesse retornar de modo definitivo à província Fr. Mateus: "os motivos do pedido são a incompatibilidade de caráter com os superiores e uma acentuada neurastenia pelo que se tornou insuportável aos confrades e aos seculares". AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimões Sup., III, Assisi, 10, giugno, 1940.

Sucessivamente, ainda de uma correspondência de Fr. Tomás tomamos conhecimento de que Fr. Xavier que assumira o nome de Carlo, tinha se casado e vivia a cerca de quarenta quilômetros de São Paulo de Olivença; apesar do abandono, ele não havia interrompido os contatos com a missão à qual manifestava a sua gratidão e oferecia o seu trabalho. De fato, ao menos segundo o testemunho do prefeito, o ex-capuchinho, não estando muito bem, adaptava-se a praticar diversos ofícios, e se tinha oferecido para fornecer aos missionários "cebolas, tartarugas, galinhas e bois" e em caso de necessidade, de consertar todos os seus motores.[620]

No início de junho de 1949 o novo prefeito encontra-se no Rio de Janeiro para participar do primeiro concílio da igreja brasileira;[621] voltando do Rio junto com Fr. Antonino, foi a Esperança para a novena da Imaculada e depois a Remate de Males e dali fez ainda uma breve incursão religiosa recebendo – escreve – "consolações imensas", mas pagando também o consueto tributo "ao clima inclemente"; adoeceu de fato de "febres maláricas", que o forçaram a permanecer na cama "muitos dias".[622] O entusiasmo inicial andava lentamente dissolvendo--se: depois de cinco anos, mesmo tendo-se "irmanado" com o clima amazônico, a

---

[620] Verdadeiramente tocantes as palavras que Fr. Tomás usa para descrever o encontro e a condição de Fr. Xavier depois da sua decisão de abandonar a ávida religiosa: "Há poucos dias encontrei-me com Fr. Xavier (Carlo). Ele já constituiu família, encontra-se a 40 km de São Paulo de Olivença. Mostra-se bastante satisfeito e desejoso de ajudar a nossa missão com o trabalho e a gratidão. Nos últimos dois anos, senhor padre, me disse, eu estava assim irrequieto porque me tinham virado a cabeça; depois acrescentou: não quis observar a pobreza como religioso, hoje, porém, devo observá-la por força. Está ganhando a vida trabalhando como mecânico, agricultor etc. Se bem que a missão o tenha dado uma boa ajuda na saída de 40.000 liras, soube que hoje se encontra já com débitos. Prometeu vender-nos cebolas, tartarugas, galinhas, bois etc. e em caso de necessidade consertar os nossos motores. O Senhor o acompanhe e o abençoe! Pronto e basta". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 4, T-U-V, p. Tommaso al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 24, marzo, 1940.

[621] Escreve ao secretário das missões: "Já estou enjoado da vida da capital (...). Sou obrigado a passar na sala conciliar seis horas ao dia; e esta música deverá prolongar-se até à metade de julho ou talvez até... As discussões são muitíssimas e os cânones a discutir são mais de quinhentos": ivi, p. Tommaso al segretario delle missioni, Rio de Janeiro, 2, giugno, 1939.

[622] Ivi, p. Tommaso al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 17, febbraio, 1940. O detalhado resultado da incursão In: *Voce Serafica*: Antonino da Perugia, *Il Prefetto Apostolico del Solimões in una escursione missionaria*, *ivi*, 19/7 (1941) 97-98; Antoni-

saúde tinha-se tornado muito precária. Atingido três vezes pela malária, teve ainda de suportar uma incômoda doença de pele que o fazia envergonhar-se de mostrar-se em público.[623] No fim, escreveu ao provincial: "a cada dia me convenço sempre mais de que certos entusiasmos juvenis não são aconselháveis sob este céu equatorial".[624] De uma carta sua temos também a confirmação das dificuldades que a guerra determinava na circulação dos correios; tempos longuíssimos de espera e cartas que não chegavam nunca à destinação: "as minas flutuantes impedem a passagem dos transatlânticos e de dez cartas nos chega apenas uma. Uma carta do revmo frei secretário das missões escrita em maio, chegou a São Paulo de Olivença em fevereiro do ano seguinte".[625]

No comentário da carta, publicado no periódico dos capuchinhos, não só vem destacada a dificuldade da comunicação com os missionários, mas também a redução notável das ajudas financeiras: "Nestes tempos difíceis que coisa farão e que coisa escrevem os nossos missionários? O que farão de preciso não o sabemos, porque as suas notícias hoje são assim tão escassas e tão lacônicas que quase nos aperta o coração ao dizê-lo, nos parecem esquecidos (...) a guerra impõe também sobre os ombros deles uma cruz de maior sofrimento; as ajudas materiais que recebem da cristandade da Europa chegam até eles muito poucas".[626]

---

no da Perugia, *Un'escursione Missionaria*, ivi, 19/9 (1941) 125-126; ivi, 19/11 (1941) 149-150; ivi, 19/12 (1941) 162-163.

623 "Às vezes tenho mesmo vergonha de comparecer em público; sou um verdadeiro mascarado, mas paciência, também isso passará". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 4, T-U-V, p. Tommaso al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 6, aprile, 1941.

624 Ivi, 24, marzo, 1940.

625 *Ibidem*. Sempre com mais frequência, principalmente de Manaus, os frades começaram a enviar suas correspondências via aérea, com resultados apreciáveis: "Agora com um mês podemos receber a nossa correspondência", escrevia Fr. Tomás ao provincial: ivi, 29, novembre, 1941.

626 Una lettera del Prefetto Apostolico, In: *Voce Serafica* 19/10 (1941) 137-138. Um caso dramático foi o de Fr. Pio de Casacastalda que há três anos não enviava mais notícias aos familiares; intervém diretamente a Congregação de *Propaganda Fide*, que solicitada pelo pároco de Casacastalda, tinha pedido notícias do frade úmbrio ao Ministro Geral. AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., I, Roma, 14, giugno, 1945. Por causa da guerra o mesmo Fr. Pio escreverá ao ministro provincial de não ter tido no-

2. *As correspondências de Fr. Silvestro de Pontepáttoli a* Voce Serafica *nos anos da guerra (1940-1944)*

Assim, por um lustro, muitas das informações sobre atividade dos missionários vêm publicadas pelo periódico dos capuchinhos que, em 1941, por exemplo, não deixa de informar aos seus leitores sobre a inauguração e bênção da nova igreja dedicada ao santo de Pádua, em Santo Antônio do Içá, iniciativa fortemente desejada por Fr. Ambrósio de Gaifana, "homem que não conhece dificuldade e somente com o esforço de sua vontade, em seis anos, pôde realizar um sonho há tempos acalentado na sua alma".[627] Ou ainda publicar o grande relatório de Fr. Silvestro de Pontepáttoli, enviado como missionário em janeiro de 1940, que quis transmitir aos confrades da província e aos leitores do jornal as suas impressões depois de um ano de permanência no Amazonas.[628] Escreve Fr. Silvestro: "Está para completar um ano desde que cheguei a este extremo limite do Brasil, do Amazonas, da missão. Esperança, ou Benjamin Constant, como é oficialmente chamada hoje, é uma cidadezinha em formação na fronteira Peru-Colômbia na margem direita do Solimões (...) Depois de apenas um ano tenho a ambição de sentir-me já velho missionário, tenho a audácia de querer falar deste misterioso conjunto de selvas e águas infinitas".

Em Esperança era superior Fr. Lodovico de Leonissa, que exortou Fr. Silvestro a iniciar as incursões ou desobrigas, porque já se tinham passados diversos anos das últimas feitas pelos frades Venceslau e

tícias dos seus familiares por bem sete anos. APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, P, S. Paulo de Olivença, 2, febbraio, 1946.

627 Sogno realizzato, In: *Voce Serafica* 19/6 (1941) 74.

628 Frei Silvestro escolheu a vida missionária muito tarde, quando partiu para o Brasil em 1940, tinha 46 anos; talvez a maturidade adquirida, ou talvez, como escreve Fr. Antonino, a "santa impaciência que ele ardia no coração para iniciar logo a sua obra de evangelização" não o fizeram pensar como necessário esperar por um tempo de pausa e ambientação em Manaus, também para aperfeiçoar-se na língua portuguesa. Partiu logo para o interior e depois de breve estada em Benjamin Constant, penetrou no rio Javari, onde permaneceu bem 8 anos, ocupadíssimo num trabalho de viagens, catequeses, administração dos sacramentos e ocupações materiais. In: APCA conserva-se um *Quaderno di memoriale dal 1940 al 1950,* faltando as primeiras páginas, atribuído provavelmente a Fr. Silvestro de Pontepáttoli.

Diogo. Assim, em 1.º de setembro, num pequeno motor, partiu de Esperança para a sua primeira desobriga no rio Itacoaí; chegou a Remate de Males onde iniciou a sua obra, chamando nos dois dias de permanência os jovens ao catecismo; dia 3 partiu de Remate para subir o rio Itacoaí. No fim do primeiro dia, se deu conta da grande dificuldade de catequizar aquela gente, espalhada ao longo de rios intermináveis e da consequente necessidade de limitar o serviço religioso das desobrigas somente à celebração de batismos, crismas, confissões, comunhões e matrimônios. Voltou a Esperança no dia 7 de outubro; a saúde era boa – diz Fr. Silvestro – apesar da escassez de comida constituída de farinha de mandioca, arroz, pirarucu e algum ovo. Na verdade, estava cansado – continua – me sentia porém feliz do meu próprio cansaço".[629] Aos 30 de outubro, Fr. Silvestro sairá novamente de Esperança para nova desobriga no rio Ituí; esta ocorreu como a precedente, mas o frade, seguindo o conselho dos "missionários veteranos", dessa vez decidiu exercer o serviço religioso descendo o rio.

Nessa nova incursão, Fr. Silvestro, teve pela primeira vez, fez contato com índios puros,[630] que também naquele rio eram numerosos; nenhum sacerdote – refere-se – "ainda pôde chegar até eles: não querem ser perturbados na sua paz selvagem". O primeiro sacerdote que se aventurou no meio deles, caminhando no mato ao menos por oito dias, foi Fr. Venceslau, todavia a sua audácia não foi premiada, escreve ainda Fr. Silvestro, "depois de tantos esforços e sacrifícios, teve

---

[629] Silvestro da Pontepáttoli, Un anno di vita missionaria, In: *Voce Serafica* 20/1 (1942) 9-10; 20/2 (1942) 22; 20/3 (1942) 32; 20/4 (1942) 46-47.

[630] Escreve Fr. Silvestre: "Eu me encontrei com cinco desses índios, já amansados, que frequentemente vêm conversar com os civilizados; falam, com algum esforço, alguma palavra em português, mas com a ajuda da mímica, se consegue com que compreendam alguma coisa. Tive um grande prazer de poder de qualquer modo falar com eles; coloquei no peito de cada um uma bela medalha depois de fazê-los beijá-las, que facilmente imitaram seguindo o meu exemplo; deixavam entender que gostaram muito da medalha, reluzente como era. Não cansavam de admirar, cada um, aquela do outro. Retornando, para atender ao pedido de pessoas pias, que prometeram instruir quanto fosse possível aqueles cinco índios na religião, batizou-os, depois de fazê-los compreender, de certo modo, o significado da cerimônia e depois de terem dado um grande beijo no crucifixo. O batismo destes índios foi precedido do batismo de várias crianças, ao qual estes assistiram com verdadeira alegria, esperando sua vez"; Silvestro da Pontepáttoli, *Un anno di vita missionaria,* ivi 20/4 (1942) 46-47.

de desistir da sua generosa empresa por causa de mil dificuldades e, seriamente ameaçado, teve de colocar-se a salvo com seus companheiros de aventura".[631] Também Fr. Silvestro, depois da desobriga no Ituí, pagou seu triste tributo ao clima inóspito e uma violenta febre malárica o manteve acamado por vários dias. Recuperando-se, pensou em fazer uma nova incursão nos rios Curuçá e Javari[632] e depois, de acordo com os superiores, visitar o rio Quixito; uma viagem breve durando cerca de dez dias, mas que reservou ao missionário a surpresa da ativa presença protestante.[633]

O seu nome permanece, contudo, ligado à fundação da estação de Atalaia, localidade nas margens do rio Javari, situada em terra "firme e farta", ou seja, num terreno que tinha o privilégio de escapar da ação insidiosa da erosão provocada pelas águas do rio. Atalaia é um nome simbólico que significa "sentinela avançada", e a cerimônia de fundação acontece em 1943 na presença do governador do Estado do Amazonas; a estação missionária foi fundada para substituir a velha estação de Remate de Males, engolida pelo rio algum tempo antes. Em 1948, Fr. Tomás foi eleito superior regular da missão e teve de abandonar o seu campo de trabalho para residir em Manaus, junto à Igreja

---

631 Ivi, 20/3 (1942) 32.

632 Durante esta nova excursão, aprendeu a conhecer aquilo que define ironicamente, "novas pragas do Egito", ou seja, um "enxame de piuns", pequenos insetos quase do tamanho dos nossos *moscerini* (maruins) que com suas picadas, causam um prurido intolerável que dura alguns dias, formando depois chagas que não se deve ter a imprudência de coçar. Todos os que se aventuram nos grandes rios durante as inundações, são verdadeiras vítimas destes atormentadores insetos, sem contar ainda as miríades de mosquitos e de outros insetos de muitos tipos, mais ou menos peçonhentos": ivi 20/4 (1942) 46-47.

633 "Neste rio existe uma certa atividade protestante e, infelizmente, mais de uma família já foi extirpada do seio da Igreja Católica. Nos vários encontros com estes pervertidos, às minhas palavras de sacerdote católico não tive outra resposta senão esta: "Vocês católicos sempre nos enganaram, a Bíblia diz para adorar um só Deus e vocês, quantos deuses adoram? Ah! Agradeço ao Senhor porque me fez reencontrar o caminho da verdade! E, mostrando-me um volume da Sagrada Escritura, eis – me dizem – a verdadeira Palavra de Deus; nós não precisamos de outra coisa. Só pra dizer que é raríssimo encontrar uma pessoa que saiba ler ou escrever! A grande ignorância, da qual se aproveita o pastor protestante, os mantém obstinadamente ligados ao erro, e com fanatismo destroem imagens de santos especialmente da Santíssima Virgem e com desprezo as queimam, chamando idólatras os católicos. Numa visita rápida não se pode fazer nada, seria necessária uma intensificada e prolongada catequese, mas...": *Ibidem*.

de São Sebastião. Voltando à Itália para um período de breve repouso, voltou ao Alto Solimões acompanhado por dois novos missionários: Fr. Samuel de Intermésoli e Fr. Marcello de Piedicolle.[634]

3. A trágica morte do jovem prefeito

A notícia da morte do prefeito apostólico chegou à província aos 15 de setembro, com um telegrama da nunciatura do Brasil, incredulidade, estupor e dor foram os sentimentos prevalentes, confiados ainda uma vez às páginas de *Voce Serafica*.[635] Recordava-se a sua "rica generosidade", a modéstia, a humildade, o encontro decisivo com mons. Pietro Bonilli que, já morrente, encorajou o seu apostolado no Amazonas.[636] Trágicos foram os acontecimentos da sua morte, referidos à província pelo superior regular da missão; ele, depois de ter exaltado a atividade de Fr. Tomás,[637] referia que o navio *Ajudante*, no qual o prefeito tinha partido de Tonantins, onde havia feito a visita canônica, às 22h30 de 2 de agosto, em plena noite, colidiu com uma coverta colombiana. Em dois minutos o navio no qual viajava o prefeito afundou; para os passageiros não tiveram tempo para sair das cabi-

---

634 Antonino da Perugia, Dalla nostra Missione in Brasile. *Il nostro superiore regolare*, ivi, 29, ottobre (1950) 3.

635 La morte del prefetto apostolico, ivi 25/1 (1946) 8-9. A Congregação de *Propaganda Fide*, no final de agosto de 1945, havia enviado uma carta de condolências ao Ministro Geral confundindo, porém, curiosamente, Fr. Tomás com Fr. Evangelista, morto na verdade, como sabemos, em 1938: "chegou a esta sacra congregação a triste notícia que o ver. Fr. Evangelista de Cefalônia, prefeito apostólico do Alto Solimões, pereceu no dia 3 do corrente mês, num naufrágio", AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., I, Roma, 31, agosto, 1945.

636 "Um belo dia o padre foi visto ajoelhando-se aos pés do venerando mons. Pietro Bonilli, já moribundo; o santo ancião traçou um sinal da cruz com a mão esquelética e disse: "Vai sem demora; Deus te chama". E foi assim que Fr. Tomás nos foi raptado da Úmbria e tornou-se missionário"; *La morte del prefetto apostólico*, 8.

637 "Sob o seu breve, mas profícuo governo aconteceu um contínuo florescer de novas capelas, escolas, salas de recreação, instituições pias nas nossas igrejas. Logo que foi eleito, sem por obstáculos abriu nosso outro colégio em Esperança, que, junto àquele de S. Paulo, são o ornamento da nossa missão. Ele nos faltou exatamente quando todas as nossas residências, paróquias e centros missionários respiravam uma atmosfera da mais intensa atividade religiosa e material, orientada pela explosão da sua inteligência e grandeza de coração": ivi, 9.

nes;[638] o corpo do prefeito foi recuperado somente três dias depois do desastre, por Fr. Antonino que se interessou também em dar-lhe uma digna sepultura. Logo depois da morte, iniciou a sua veneração; já o achado do cadáver intacto, intocado pelos peixes,[639] impôs respeito e devoção, pois se difundiram comentários reais e inventados,[640] tanto que Fr. Fidélis, três anos depois de sua morte, registrava satisfeito um sentimento popular de veneração pelo defunto prefeito; desde o dia da sua morte – escrevia – "o seu sepulcro foi espontaneamente e ininterruptamente meta de piedosas peregrinações e de procissões orantes (...) vão ao campo-santo para render-lhe a homenagem da sua piedade (...) Também em Manaus a sua memória está ainda viva (...) Agora a prefeitura apostólica mandou colocar sobre a humilde tumba de Tonantins uma bela lápide na espera de poder exumar os venerandos espólios e depor-lhes num lugar mais honroso na nossa pequena capela de São Francisco na Igreja de São Sebastião na cidade de Manaus".[641] A guerra, escrevia em fevereiro de 1946, Fr. Silvestro, "tinha erguido uma montanha intransponível de gelo (...) entre nós e vós, nos fazia pensar que seria impossível um reatamento das relações".[642] Saudava, assim com alegria, o missionário, o fim do conflito bélico e a retomada

---

638 "Aqueles que estavam nas cabines não tiveram o tempo suficiente de sair e procurar salvar-se. E entre estes estava o prefeito (...) Como os outros, deve ter sentido o impacto violento da nave, mas como o navio dobrou à esquerda, a parte de sua cabine, que era à direita, deve ter sido fechada com violência e ele deve ter caído por cima com as bagagens e caixas de petróleo que estavam juntas": *Ibidem*.

639 "Reconheceu-o um indígena; o cadáver estava ainda intacto; dizia-se que os peixes teriam respeitado aquelas carnes sacerdotais, o que não aconteceu com os outros cadáveres": *Ibidem*.

640 Alguns anos depois, por exemplo, Fr. Antonino recordava um episódio que evidenciava a incomum atenção do prefeito pelas crianças. Sendo o morcego um dos animais mais comuns no Amazonas e perturbando o sono quase sempre, algumas vezes os missionários enviavam alguns meninos para "dar uma batida" nos morcegos. O fez também Fr. Tomás, que prometeu dois contos para cada morcego capturado. "Em breve – escreve Fr. Antonino – aparecem aqueles corajosos caçadores com um grande saco contendo 350 morcegos. Teve que desembolsar aos cinco caçadores 14 "cruzeiros" cada um. Em seguida foi mais modesto ao... precisar o preço"; *La pagina missionária*, ivi 32/2 (1953) 2.

641 Fedele d'Alviano, *Bagliori di santità dal sepolcro di un missionario*, ivi 28/3 (1949) 2.

642 APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 3, R-S, p. Silvestro da Pontepáttoli al ministro provinciale, Benjamin Constant, 1.º, febbario, 1946. Publicada também in Lettere dalla Missione, In: *Voce Serafica* 25/6-7 (1946) 64.

das comunicações; foi Fr. Venceslau quem referiu na província os progressos da vida missionária nos anos belicosos. Escreve em outra carta de 4 de setembro de 1945: "passamos todo o longo período da guerra mais ou menos num estado normal, à exceção de certas inevitáveis consequências depois do rompimento e da definitiva declaração de guerra do Brasil (...) pude sempre visitar nossa cara missão, fazendo-me sempre preceder de uma modesta circular sobre assuntos que via mais necessários ou atuais".[643]

Também as preocupações naturais, consequência das notícias recebidas via rádio, de uma pátria "percorrida palmo a palmo pelo flagelo de uma guerra vandálica", o empenho missionário se tinha multiplicado e este se confrontava com a carência de homens: "com a maior abertura ao campo de ação nestes últimos tempos e com a diminuição das nossas energias, procuramos novos missionários, até mesmo nos Estados Unidos, mas em vão".[644] Certamente o quadro não era reconfortante: dos dez capuchinhos residentes na missão, quase a metade já superava a idade de sessenta anos, outros eram abatidos por doenças e ou poucos jovens estavam rapidamente habituando-se às dificuldades e cansaços do Amazonas. É o mesmo Fr. Venceslau quem fornece um quadro geral da situação: "Fr. Domingos de Gualdo, com os seus 70 anos, está muito abatido; ao contrário de Fr. José de Leonissa, que está ainda cheio de energia nos seus 67 anos. Fr. Venceslau de Espoleto, com grande esforço, tenta cumprir seu ofício de superior regular e local, suspirando o momento de ver-se livre deste inferno verde; os seus 60 anos já lhe pesam demais. O sexagenário Fr. Fidélis de Alviano, não pouco debilitado, continua a sua vida de sacrifício em meio aos índios: já deu uma ótima contribuição à história da literatura brasileira, com um belo volume, editado por conta do governo, sobre a língua dos Ticuna. Fr. Antonino de Perúgia, com 57 anos, continua sempre ou quase sempre só em Tonantins, onde o rio, por mudança no próprio leito, está abatendo violentamente a margem do nosso terreno, ameaçando uma destruição breve de todas as nossas construções; ele está

---

[643] APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 4, T-U-V, p. Venceslao al ministro provinciale, 4, settembre, 1945. A carta foi publicada também in Notizie dei missionari, In: *Voce Serafica* 25/1 (1946) 10.

[644] *Ibidem*.

se esforçando para transportar tudo e salvar quanto seja possível de material. Fr. Diogo de Ferentillo está sempre adoentado; Fr. Ludovico de Leonissa é o verdadeiro pai do colégio de Esperança; Fr. Ambrósio de Gaifana operado três vezes, está cansado; Fr. Pio de Casacastalda, o mais jovem, é o verdadeiro *deus ex machina* de Amaturá, onde está construindo o Santuário de São Cristóvão e um grande colégio. Fr. Silvestro de Pontepáttoli, chegando à última hora, revelou um verdadeiro e ativíssimo construtor de capelas: o povo o venera".[645]

Talvez, para encorajar novas vocações missionárias, Fr. Silvestro traça um balanço dos seus primeiros seis anos e o envia ao Fr. Ignazio de Soliera, ministro provincial; uma experiência que, mesmo entre dificuldades e privações, julga absolutamente positiva: "é verdade que me custou um grande sacrifício a separação da amada província, mas com sinceridade posso dizer que o Senhor abundantemente cumpriu sua promessa do cêntuplo nesta vida. Todas as grandes dificuldades dos primeiros dois ou três meses desapareceram como por encanto, e desde que cheguei à missão me senti feliz por ter correspondido ao chamado de Deus, nem penso mesmo em voltar. A minha saúde está ótima, contrariando o que me diziam; posso dizer que estou em melhores condições do que quando estava na Itália".[646] Recomendava, pois, ao frade provincial que enviasse logo ao Amazonas novos missionários para "ajudar os velhos e cansados (...) que há tantos anos trabalham e se sacrificam".[647] Na mesma onda, Fr. José que, no início dos anos cinquenta, numa carta ao provincial, resume bem a situação: "Mto. rev. frei, é doloroso o momento atual. Os primeiros missionários não têm mais a energia inicial e que é indispensável; os jovens adoecem, a província quem os possa substituir, as vocações diminuem".[648]

---

[645] *Ibidem.*

[646] "Somente uma vez (em setembro de 1942) tive um forte ataque de impaludismo depois de uma desobriga de dois meses no interminável rio Itacoay e rio Branco. Em poucos dias recuperei a saúde, tanto que me foi possível em outubro fazer o novenário da inauguração da capela de Cristo Rei na ilha de Aramassa e depois do dia de finados, subir de novo o rio Javari". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 3, R-S, p. Silvestro da Pontepáttoli al ministro provinciale, Benjamin Constant, 1.º, febbraio, 1946.

[647] *Ibidem.*

[648] Ivi, 7, F-G, p. Giuseppe al ministro provinciale, Manaus, 4, aprile, 1951.

4. Frei Venceslau Ponti de Espoleto, novo prefeito da missão

Também no relatório enviado de Manaus por Fr. Silvestro, em 25 de janeiro de 1949, faz-se referência ao isolamento sofrido pela missão nos anos do conflito mundial;[649] todavia não estava parada, graças também ao envio ao Alto Solimões de dois sacerdotes, Fr. Timóteo da Porangaba e Fr. Celestino de Itu, por parte dos confrades de São Paulo (SP). Com a morte do prefeito, a missão passou a ser regida por Fr. Domingos, que constituiu vigário delegado Fr. Diogo. De súbito foram iniciadas as práticas para a eleição do novo prefeito e Fr. Venceslau de Espoleto, superior regular, enviou ao Ministro Geral a lista tríplice com os nomes a serem considerados para a sucessão, advertindo que todos os outros missionários tinham tomado conhecimento; os nomes indicados eram os de Fr. Fidélis de Alviano, Fr. José de Leonissa e Fr. Domingos de Gualdo.[650] A escolha cai justamente sobre Fr. Venceslau, um religioso que tinha demonstrado grande dinâmica e generosidade e que Fr. Evangelista de Cefalônia havia sempre considerado "um bom filhote", um que gostava, todavia, de "primeiro fazer as coisas e depois dizê-lo".[651]

Fr. Venceslau tinha feito o noviciado em Amélia, onde, em 1898, tinha emitido também a profissão simples; estudou depois no Liceu de Montefalco, onde professou solenemente em 1902, para ser finalmente ordenado sacerdote em Foligno aos 23 de dezembro de 1905. Frequentou os cursos de teologia em Spoleto e de eloquência em Todi, dedicando-se depois, até o início da Primeira Guerra Mundial, à pregação das missões populares; entrando na guerra a Itália, torna-se capelão militar e foi inclusive condecorado com a medalha de prata e cruz de valoroso, para depois de passada a guerra ir ao convento

---

[649] "Depois das grandes provas sofridas pela missão nestes últimos anos e pela guerra que cortou toda comunicação com a província e pela morte do jovem prefeito apostólico (...) começa a restabelecer-se um estado de normalidade". APCA,102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annauali (1920-1956), Relazione annuale della Misiione dell'Alto Solimões, 1948, p. Silvestro da Pontepáttoli, Manaus, 25, gennaio, 1949, 1.

[650] AGC, *Acta Missionum*, H94, Solimoes Sup., Manaus, 2, febbraio, 1946.

[651] Ivi, III, p. Evangelista al segretario delle missioni, Rio de Janeiro, 12, settembre, 1933.

de Gualdo, onde tornou-se diretor do colégio. Aos 26 de dezembro de 1919, junto com outros 5 companheiros, partiu para o Brasil e estabeleceu-se em São Paulo de Olivença, no coração da missão, onde instituiu o colégio de Nossa Senhora da Assunção. De lá, depois de uma breve estada em Manaus, por motivos de saúde, adoeceu de malária, foi em junho de 1925 para Remate de Males, chamada assim, como sabemos, próprio pelo péssimo clima, "cemitério dos vivos". Ali construiu a capela e restaurou a casa paroquial, tornando-se também temporariamente pároco de Nossa Senhora dos Remédios. Em 1930 torna-se pároco de São Sebastião em Manaus, no ano seguinte torna-se superior regular da missão, cargo que exerceu até 1.º de fevereiro de 1947 quando vem nomeado justamente prefeito apostólico.[652]

Por ocasião da nomeação estava na Itália, no convento de Acquasparta, para gozar de um período de merecido repouso depois de quase trinta anos de atividade missionária.[653] Chegou a Benjamin Constant a bordo de um hidroavião militar que deveria transportar material bélico ao contingente de fronteira em Tabatinga, às 17 horas do dia 6 de maio; dia chuvoso que, todavia, não impediu às autoridades locais de esperar e saudar o novo prefeito. O propósito era o de chegar à sede da prefeitura aos 15 de maio, dia da festa da Ascensão, sobre a barca *Esperança*, de propriedade da missão, habilmente pilotada por Fr. Ludovico, o prefeito iniciou a viagem aos 13 de maio; no dia seguinte os frades visitaram Santa Rita, acolhidos filialmente por Fr. Fidélis de Alviano e, finalmente, às 7h30 do dia 15 de maio chegaram a São Paulo de Olivença, acolhidos por uma grande multidão de pessoas, por Fr. Diogo e pelas professoras do colégio e os dirigentes de todas as associações religiosas.[654] Foi o mesmo Fr. Antonino quem traçou, depois de um ano, um balanço da atividade missionária do novo prefeito; esta tinha sido concentrada, sobretudo, na instituição de escolas: "O que ele realmente considera importante

---

[652] Mons. P. Venceslao Ponti da Spoleto, Prefetto Apostolico della nostra Missione, In: *Voce Serafica* 26/1-2 (1947).

[653] Venceslao da Spoleto, Un sospirato ritorno, ivi, 25/8-9 (1946) 86-87: ivi, 25/11-12 (1946) 102-103.

[654] A crônica da viagem e da entrada do novo prefeito em São Paulo foi escrita por Fr. Antonino da Perugia, L'ingresso solenne del Prefetto Apostolico nella sede della Prefettura in S. Paulo de Olivença, ivi, 26/8-9 (1947) 59-61.

é a instrução religiosa a ser obtida mediante a educação civil"– escrevia Fr. Antonino. Assim, em Benjamin Constant, surgiram 4 novas escolas elementares mantidas pela prefeitura e três foram instituídas ainda na paróquia de Tonantins; talvez como resultado de tal esforço chegou a boa notícia de que o novo presidente do Estado do Amazonas, "superando certas ideias partidárias e nacionalistas" – continua Fr. Antonino – havia nomeado inspetor escolástico dos dois municípios da prefeitura, Fr. Pio.[655]

No final dos anos quarenta, foram obrigados a abandonar definitivamente Tonantins, reduzida que foi a "um amontoado de entulhos enlameados"; depois de 30 anos de permanência e de melhorias, foi uma grande perda. A infiltração das águas e as escavações subterrâneas das formigas saúvas causaram o desabamento da principal estação da missão, constrangindo os frades a abandonarem um lugar onde, talvez, exagerando um pouco, Fr. Antonino definia semelhante aos "agradáveis e confortáveis vilarejos do lago de Garda".[656] Foi um dos primeiros esforços do novo prefeito que, colocando em jogo todo o seu prestígio, procurou as autoridades estaduais e federais para obter recursos a serem empregados na reconstrução de Tonantins.[657] O problema principal em levar adiante a atividade edilícia na missão era, sobretudo, aquele de ter mão de obra e materiais necessários; os operários especializados era preciso contratá-los na praça de Manaus e custavam muito; do mesmo modo, tijolos e cimento eram materiais preciosos e por conta da dificuldade dos armadores em carregar tijolos sobre os seus navios e a falência da experiência de fabricá-los *in loco*, a única saída possível era aquela de comprá-los em Iquitos e, depois, em cinco dias, descer o rio e tê-los à disposição.[658] Só a falta de mão de

[655] Antonino da Perugia, *Dalla nostra Missione, ivi* 27/9-10 (1948) 62-63.

[656] Antonino da Perugia, I nostri missionari umbri ci scrivono dal Brasile, ivi, 28/1 (1949) 2.

[657] Efetivamente, conforme o relato de Fr. Antonino, Fr. Venceslau conseguiu arrancar uma soma de 600,000 cruzeiros. "Certo – continua Fr. Antonino – esta soma deverá ser multiplicada mais e mais vezes, mas nós, no entanto, imitando os brasileiros (e estes aos hebreus) exclamamos: 'Deus é Grande!' E os missionários esperam tudo de Deus": *Ibidem.*

[658] Em janeiro de 1949, foi o próprio Fr. Venceslau a ir até Iquitos para comprar "a preço relativamente módico 50.000 tijolos duplos e 1.000 sacos de cimento, tudo isento de impostos e taxas de transporte". Com tal material se pensava de começar a constru-

obra e de tijolos impediu, por exemplo, uma rápida reconstrução da estação de Tonantins;[659] todavia, apesar de tais empecilhos, os trabalhos de construção não paravam.

Com Fr. Venceslau vieram da Itália também quatro novos missionários;[660] assim, no final de 1948, o campo da missão era composto por três grandes quase-paróquias que eram, escreve Fr. Silvestro no seu relatório, "o centro da vida religiosa e a alma da vida civil"; à paroquia de fato, continua Fr. Silvestro, "apoiam-se e desta partem as várias instituições locais e ao redor do missionário se constitui sempre o centro de qualquer cultura e movimento".[661]

São Paulo de Olivença podia contar então com cerca de setecentos habitantes e podia orgulhar-se de possuir, além de outros círculos religiosos masculinos e femininos, de teatro, a banda e sobretudo o colégio Nossa Senhora da Assunção, a escola, escreve Fr. Silvestro, "mais apreciada e melhor organizada de todo o município". Era dirigida pelas irmãs terciárias capuchinhas e dispunha de professores próprios, reconhecidos pelo Estado, que instruíam cerca de 150 alunos.[662] Os missionários presentes na sede da prefeitura eram: Fr. Reinaldo de San Salvo, superior da casa; Fr. Antonino, pároco e secretário da província, e Fr. Roberto de San Severino. Desta dependiam os centros

---

ção da igreja matriz de São Paulo; Antonino da Perugia, La pagina missionaria. Dalla nostra Missione dell'Alto Solimoes, ivi 30/3 (1951) 2.

[659] A inauguração da nova igreja occorre em 4 de outubro de 1951; a igreja foi dedicada a S. Francisco das Chagas, isto é, dos estigmas, como os brasileiros chamavam São Francisco de Assis; Antonino da Perugia, La pagina missionaria. Dalla nostra missione dell'Alto Solimoes, ivi, 30/3 (1951) 2.

[660] Os nomes dos quatro novos missionários eram: Fr. Roberto de S. Severino, ex-vice-reitor do seminário seráfico de Gualdo Tadino e depois diretor do cemitério de Terni; Fr. Miguel Ângelo de Marenella, pregador e ex-guardião do convento de Espoleto; Fr. Filipe de Todi, vice-pároco de Aqcuasparta e pregador; Fr. Reinaldo de S. Salvo, superior do convento de Visso e diretor da Ordem Terceira Franciscana. A cerimônia de despedida foi no convento de Foligno, à saída de Roma, aeroporto de Ciampino. Já em menos de 30 horas, anotava *Voce Serafica*, se podia chegar ao Brasil. Salutiamo i novelli missionari in partenza, ivi 26 (1947) 10. Também no mesmo periódico, Emanuele C., I missionari ci lasciano, ivi 26/3-4 (1947) 25-27. A crônica detalhada da viagem: Da Ciampino a Manaus. I quattro neo-missionari in volo per raggiungere il loro ideale, In: *Voce Serafica*, 26/5-6 (1947) 44-46.

[661] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione annuale 1948, 5.

[662] Ivi, 6.

secundários de Amaturá, Belém do Solimões, Santa Rita, Santa Cruz. Benjamin Constant, sede da velha Remate de Males, agora definitivamente abandonada, era o ponto mais avançado no rumo do Peru e Colômbia e por isso tinha-se tornado um centro de relativo comércio e movimento. Além da promoção de diversas associações religiosas e da presença da Ordem Terceira Franciscana, os missionários tinham instituído um cinematógrafo paroquial que, ainda secundo Fr. Silvestro, oferecia: "ótimos resultados morais e educativos".[663]

Superior e pároco era Fr. Filipe, coadjuvado por Fr. Fidélis e Fr. Miguel Ângelo, que exerciam a própria jurisdição também sobre Atalaia, ilha de Aramaça, Tabatinga, Arariá. Em Tonantins era pároco Fr. Ludovico, que se ocupava também de Santo Antônio do Içá, onde estava presente uma numerosa guarnição militar que controlava o confim com a Colômbia. Em Manaus, finalmente, com uma população de cerca de 20.000 fiéis, residia a patrulha mais numerosa com Fr. Silvestro, superior regular, Fr. Domingos de Gualdo Tadino, superior da casa, Fr. Pio de Casacastalda, ecônomo da prefeitura; o pároco era Fr. José, coajuvado por Fr. Diogo e Fr. Ambrósio, que trabalhava também como capelão de hospital. Na cidade se aqueciam os trabalhos para construção do santuário dedicado a Nossa Senhora de Fátima e estavam presentes todas as associações religiosas: as filhas de Maria, que continham "o elemento diferencial" da paróquia, o apostolado da oração e a guarda de honra, que incrementavam a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Vinham depois a Ordem Terceira Franciscana e a associação de São Vicente de Paulo, que ajudava os necessitados da paróquia. Naturalmente estava presente a Ação Católica, com todas as suas ramificações, e tinha tomado corpo recentemente, também, a cruzada eucarística masculina e feminina que se interessava pela educação e formação religiosa das crianças.[664] Muito intensa era também a atividade social, sobretudo dirigida à formação cultural e civil dos jovens; escolas elementares com mais de trezentos alunos, reforço escolar vespertino na sede da paróquia, proposto por educadoras voluntárias, escolas femininas onde meninas aprendiam os trabalhos domésticos,

---

[663] Ivi, 7.
[664] Ivi, 13.

corte, costura, bordado, música. Também estava presente na paróquia a Obra dos Tabernáculos que cuidava dos ornamentos sacros.[665]

Fr. Fidélis continuava a sua obra de catequese entre os Ticuna, calculados em quase três mil indivíduos, com discretos resultados, tanto que, segundo Fr. Silvestro, eram numerosos aqueles que já iam espontaneamente pedir os sacramentos e os matrimônios tinham superado, no período de um ano, uma centena.[666] Mas além dos Ticuna, dentro da missão existiam outras tribos que somente com o aumento das presenças missionárias se poderia aproximá-las e instruí-las nas verdades da fé cristã.[667] Uma esperança nesse sentido vem da ordenação sacerdotal no final de 1948, precisamente aos 18 de dezembro, de Fr. Lourenço Maria do Porto, o primeiro religioso nativo que se consagrou à vida sacerdotal. Tinha estudado no Ceará, com os capuchinhos milaneses, porque o seminário da missão não fora ainda constituìdo.[668]

Dez, por sua vez, eram as irmãs da missão, todas terciárias capuchinhas brasileiras (irmãs terciárias franciscanas capuchinhas do Norte do Brasil), colocadas sob a proteção de Santa Rosa de Viterbo; estas dirigiam os dois colégios de São Paulo e de Benjamin Constant e ensinavam na escola primária como também lições de música, datilografia e trabalhos femininos.

---

665 Ivi, 15.

666 Ivi, 10.

667 No seu relatório, Fr. Silvestro recorda a tribo dos Cocamas, "os mais evoluídos, falam a língua comum com os civilizados e destes apreenderam os usos e costumes de vida. São todos cristãos e fiéis à religião"; aquela dos Uititos, de origem colombiana, "ativos e inteligentes e já quase todos batizados"; a tribo dos Majorunas, já quase em extinção "por causa de lutas com outras tribos" e mesmo assim "muito próximos à civilização e já tornados cristãos". Outras tribos, como os Jauás, Canamais, Benjapas, Cocamas, viviam "num estado muito primitivo" e muitas vezes eram nômades: ivi, 11.

668 "Dada à grande dificuldade em encontrar nestas regiões verdadeiras vocações sacerdotais em número considerável e também outras dificuldades, não se pode ainda constituir um seminário próprio, mas para a Ordem nos servimos do seminário da custódia maranhense, onde, com espírito de fraterna e verdadeiramente franciscana caridade, são recebidas daqueles confrades as vocações da nossa missão [...] Para as vocações da prefeitura apostólica nos servimos do seminário diocesano de Manaus, até quando a Providência nos permitin fazer o colégio masculino, já iniciado, que servirá também como seminário": *Ibidem*.

No final dos anos quarenta da velha Tonantins, sede original da prefeitura, não restava quase nada; a corrente do rio havia modificado e corroído as margens e forçado os habitantes, inclusive os missionários, a abandonar por algum tempo o lugar; em compensação uma nova estação tinha sido aberta em Amaturá; em Benjamin foram concluídos os trabalhos de restauração das capelas nos pequenos centros de: Cristo Rei, São José, São Sebastião, Bom Pastor, Nossa Senhora de Nazaré; em São Paulo, enfim, corriam os trabalhos de ajustes na Igreja de Santa Rita.[669]

5. De Prefeitura Apostólica à Prelazia nullius *(1950)*

O Ano Santo de 1950 assinala a passagem da missão de prefeitura apostólica a prelazia *nullius*; "é claro, escrevia de 1953 o custódio provincial Fr. Silvestro, que a Santa Sé desejou, com esta onorificência, reconhecer as nossas labutas de tantos anos, levar-nos a uma ação missionária mais intensa para dar à prelazia uma organização na sua vida espiritual e um maior impulso às obras de assistência religiosa e social às populações [...] a nossa prelazia não pode permanecer fossilizada no seu apostolado; é necessário que acompanhe o progresso das outras prelazias".[670]

Por esse motivo Fr. Silvestro insiste na necessidade de enviar novos missionários;[671] manda em outubro de 1953 um detalhado relatório também ao frade-geral, evidenciando "a vastidão do campo apostólico confiado à [...] nova custódia provincial do Amazonas e a grande escassez de pessoal missionário", com a recomendação de soli-

---

[669] Ivi, 4.

[670] APCA,102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Custodia Provinciale dei Minori Cappuccini de Amazonas, Relazione (1953), p. Silvestro da Pontepáttoli, Manaus, 18, ottobre, 1953, 1.

[671] Escreve: "A custódia do Amazonas pode-se dizer que é a maior de toda a Ordem, talvez, e oferece possibilidade de trabalho a muitos missionários. Eis porque nós não cansamos de bater e pedir: Rogai... para que este vastíssimo campo seja povoado de operários": *Ibidem*.

citar, com a sua influente palavra, ao definitório da província a fim de que considere a situação da missão.[672]

A elevação à prelazia *nullius* comportou a nomeação do primeiro administrador apostólico e, sucessivamente, em 1952, a designação de Fr. Venceslau Ponti, prefeito apostólico desde 1947, como bispo da prelazia.[673] Já havia diversos anos, na realidade, a nunciatura no Rio de Janeiro, ocupava-se do problema, não via com bons olhos as prefeituras apostólicas numa realidade vastíssima como aquela brasileira; um ponto de vista partilhado também pelo episcopado brasileiro e pelo governo e, de fato, tal convergência de visão havia já resultado, algum tempo antes, na transformação da Prefeitura de Tefé em *prelatura nullius*.[674] Tal mudança foi talvez ainda a discussão em torno do novo papel político administrativo a ser atribuído ao Alto Solimões, que próprio a partir de 1950 foi iniciado; de fato, a região com seus 30.000 habitantes, mesmo continuando dentro do Estado do Amazonas, deveria entrar diretamente sob a jurisdição do governo federal do Rio de Janeiro.

---

[672] Cópia da carta, datada de Manaus, 22 de outubro de 1953, está anexada ao relatório do mesmo ano. Anexada ao relatório também a resposta do Ministro Geral que elogia pela exaustiva descrição do estado da custódia do Amazonas e da unida prelazia do Alto Solimões e promete escrever ao provincial da Úmbria para solicitar que dê o seu apoio "seja ele qual for" à causa das missões, mesmo se, precisa, a Província da Úmbria "não poderá fazer muito, dado o número exíguo dos seus membros, mas aquilo que importa é que nehuma vocação missionária permaneça inaudita".

[673] A *prelazia nullius*, juridicamente equivalia a uma Diocese *in fieri* e, por consequência, comportava a nomeação do administrador apostólico como bispo. La pagina missionaria. Il primo vescovo della nostra missione: mons. Venceslao Ponti da Spoleto, In: *Voce Serafica* 31, giugno (1952), 2. Um perfil da "forte e distinta personalidade do novo bispo", foi traçado pelo periódico.

[674] Disto é testemunha a carta que a nunciatura apostólica escreveu aos 22 de junho de 1932 ao prefeito de *Propaganda Fide*. "A importância que têm para o Brasil as duas prefeituras apostólicas de Tefé e Alto Solimões como também a necessidade de elevar à dignidade episcopal os respectivos ordinários atrevo-me a dirigir-me a vossa eminência reverendíssima para pedir que as ditas prefeituras sejam elevadas, se assim desejará o santo padre, a vicariatos. Desejei consultar a tal respeito o eminentíssimo cardeal Leme e eis a resposta que recebi dele: "Sou plenamente de acordo com a elevação das prefeituras, *in casu*, a *vicariatos*. É tão grande e intensa a propaganda protestante norte-americana naquelas regiões, que nunca será demais o que se fizer para dar prestígio e tornar mais eficiente a abnegada ação dos poucos (relativamente) missionários católicos". APCF, N. S. 1.187 (1932), rubrica n. 51 (Brasile), 1, (Affari generali).

Tratava-se de uma decisão que procurava assegurar maior possibilidade de controle, por parte do governo federal, de uma área assim delicada, situada nos confins com o Peru e Colômbia. De resto, muitos outros territórios nos anos precedentes tinham sido federalizados (Rio Branco, evangelizado pelos missionários da Consolata de Torino, Porto Velho, limítrofe com a Bolívia e Mato Grosso onde estavam presente os missionários salesianos), com indubitáveis vantagens do ponto de vista político e administrativo; a mudança levava não só a uma reorganização das circunscrições administrativas, mas também a uma intervenção mais decisiva do governo central nos setores da educação elementar, da economia e da saúde. Além disso, se reforçava a representação territorial nas duas câmaras federais no Rio com consequentes maiores possibilidades de intervenção dos representantes eleitos pelo povo para defesa dos interesses da região.[675] Na verdade entrava em ação um vasto plano governamental para valorização de toda a Amazônia e tal ação confiava principalmente na obra do missionário que – escrevia Fr. Silvestro – "pelo seu prestígio e a sua dedicação desinteressada pôde desenvolver uma atividade mais profícua para se chegar à valorização deste vastíssimo território que, beneficiado [...] podereria dar trabalho e pão a milhões de habitantes".[676]

Foi provavaelmente tal convicção a favorecer, no início de 1950, o envio à missão de dois novos frades, Fr. Marcello de Piedicolle e Fr. Samuel de Intermésoli.[677] Quando chegaram ao Amazonas, em Ama-

---

[675] Depois da ocorrida promoção canônica, a prelazia passava da jurisdição da Congregação de *Propaganda Fide* àquela da Concistorial, todavia continuava a ser considerada como área de missão pelos dicastérios romanos e também pela Ordem dos Capuchinhos para poder ainda usufruir dos necessários subsídios econômicos à sua vida e desenvolvivento ulterior. "Na realidade – escrevia Fr. Antonino – apesar de quase todos os habitantes do Alto Solimões sejam católicos, o nosso distrito missionário é ainda um verdadeiro e próprio território de missão, onde tudo ou quase tudo resta por fazer, especialmente no campo da moderna assistência social". Antonino da Perugia, La pagina missionaria. L'Amministratore apostolico. Suo ritorno. La nuova prelazia, In: *Voce Serafica,* 30, maggio (1951), 2.

[676] APCA,102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Custodia Provinciale, Relazione (1953), 2.

[677] Sobre a figura de Fr. Samuel, veja-se o recente volume de Fr. Valerio Di Carlo, *Vita de p. Samuele di Diodato e p. Geremia di Nardo*, Assisi, 2008, 21-61; Fr. Marcello (Giuseppe Falini) de Piedicolle chegou ao Amazonas aos 4 de fevereiro de 1950, mas

turá estavam quase acabados os trabalhos de construção da igreja e do colégio, enquanto em São Paulo de Olivença tinha já começado a construção da nova catedral; a primeira pedra foi benta no dia 7 de setembro de 1951 por Fr. Venceslau, que estava presente na qualidade de simples missionário, quando, 32 anos antes, foi consagrada a igreja primitiva, construída segundo as escassas possibilidades de então em taipa.[678] Ao mesmo tempo, em Benjamin Constant tinha sido feito um grande salão para os jovens da Ação Católica; em Manaus, Fr. Pio e Fr. José estavam empenhados na conclusão da Casa da Divina Providência e da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, obras realizadas com a contribuição dos fiéis e do governo.[679]

Semelhante ao ocorrido por ocasião do Ano Santo de 1925, também em 1950, Pio XII quis criar a exposição missionária; ainda na mesma circunstância não faltaram os capuchinhos umbros, que enviaram a Roma ao menos 17 grandes caixas contendo uma grande quantidade de objetos de grande valor etnológico a respeito dos usos e costumes das populações indígenas; todo o precioso material foi recolhido, selecionado, etiquetado e catalogado por Fr. Fidélis; um trabalho exaustivo e paciente, pordurado quase um ano e embalado nas caixas que o mesmo frade enviou à nunciatura apostólica no Rio de Janeito que as encaminharia a Roma.[680]

A Fr. Venceslau coube ainda a honra de confiar, em janeiro de 1949, o governo da paróquia de S. Paulo de Olivença ao primeiro sacerdote capuchinho nativo da Prefeitura do Alto Solimões, Fr. Lourenço.[681] A entrada na missão do primeiro sacerdote autóctone coincide

adoecendo, foi obrigado, em novembro de 1953, a retornar à Itália onde todavia, continuou a prodigar-se pela missão dirigindo o centro missionário de Assis.

678 Antonino da Perugia, La pagina missionaria. La benedizione della prima pietra della costruenda nuova catedrale de S. Paulo de Olivença, In: *Voce Serafica* 30, novembre, (1951), 2.

679 Dalla nostra Missione Brasiliana, ivi, 29/1 (1950) 4.

680 *Ibidem*.

681 O jovem pároco, depois de ter completado o ano de noviciado, estudou filosofia no Seminário Arquidiocesano do Pará e teologia no Seminário Seráfico do Ceará; depois recebeu a ordenação sacerdotal de dom Aureliano de Matos, bispo de Limoeiro do Norte (Ceará). A sua vocação foi muito tardia; ele foi na verdade um adminstrador e cuidava inicialmente de bancos e de comércios na praça de Manaus. Il nuovo parroco di S. Paulo de Olivença, ivi, 29, agosto (1950), 2-3.

com as comemorações pelo jubileu sacerdotal de Fr. Domingos; para honrar o evento foi preparada uma publicação, com o título acadêmico *Polianteia*, um volume rico de fotografias que ilustra os 40 anos de vida da missão. O seu autor foi Fr. Pio de Casacastalda, em colaboração com o acadêmico Pe. Raimundo Nonato Pinheiro; a parte histórica foi curada por Fr. Antonino.[682]

Na prelazia foram erguidas também duas novas paróquias: aquela de Santo Antônio do Içá e a de Amaturá; depois de 40 anos de apostolado a missão contava, portanto, com cinco paróquias. As duas novas paróquias eram constituídas por vilarejos localizados ao longo do rio Solimões. Santo Antônio do Içá em particular era um centro de relevante importância estratégica sobre o caminho d'água (rio Içá), entre Colômbia e Peru e constantemente ali residia um destacamento militar de fronteira; o primeiro pároco foi Fr. Diogo. Amaturá, por sua vez, já em 1930 hospedava missionários, possuía agora um bom complexo de obras de assistência social e o primeiro paroco foi Fr. Roberto.[683]

Durante os anos em que foi prefeito, Fr. Venceslau, ao menos conforme as crônicas de Fr. Antonino, um dos problemas que mais afligiu os missionários foi o recomeço em grande estilo da propaganda protestante. Sobre tal fenômeno, muitas vezes, o correspondente de *Voce Serafica* chamará a atenção denunciando o novo "perigo protes-

---

[682] Polianteia. Comemorativa das Bodas de Ouro Sacerdotais do Revemo Frei Domingos de Gualdo Tadino, Capuchinho, fundador da Missão do Alto Solimões. Notícias da publicação, in: Antonino da Perugia, La nostra missione brasiliana (Alto Solimoes-Amazzonia), In: *Voce Serafica* 29, novembre (1950), 3. No natal de 1950 foi também celebrado o 50.º aniversário de ordenação sacerdotal de Fr. José de Leonissa; "Dada a popularidade de que goza em Manaus o Fr. José – escreve no seu *relatório* de maio de 1952 Fr. Silvestro – toda a cidade, autoridades eclesiásticas, civis e povo, tomaram parte às públicas manifestações e reservadas ao benemérito e veterano missionário, que, há mais de 40 anos trabalha na vinha do Senhor, dos quais, 25 como pároco de São Sebastião, em Manaus, as mais vivas demonstrações de amor, respeito e veneração". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, 2, Relazioni annuali (1920-1956), Relazione del superiore regolare della missione dell'Alto Solimòes (1952), p. Silvestro da Pontepáttoli (1952), 4.

[683] Antonino da Perugia, La pagina missionaria. Due nuove parrocchie nella prelazia dell'Alto Solimoes, In: *Voce Serafica* 30, ottobre (1951), 2. Frei Antonino volta a falar da paróquia de Amaturá no número de maio de 1952, p. 2, onde repassa a história da cidadezinha e da fundação da paróquia.

tante" e dirigindo um forte apelo à província para "obter novos missionários [...] já que – escreve – não é possível abandonar à destruição e à ruína os frutos de longos e laboriosos 40 anos de apostolado".[684] Fr. Antonino retorna ao assunto também no número de dezembro do mesmo ano, "Queda de pastores protestantes na paróquia de Benjamin Constant", "trata-se próprio de uma chuva – anota – porque caíram do céu vindos em luxuosos aviões da companhia de aviação aérea brasileira".[685]

O epicentro da propaganda era, portanto, Benjamin Constant, a antiga Esperança, transformada numa florescente cidadezinha, com sede municipal, correios e telégrafos, rádio e mercado importante do comércio de borracha e de madeiras de lei. O rápido progresso era consequência da sua feliz encruzilhada de fronteiras com imediato contato com as repúblicas irmãs do Peru e da Colômbia. Uma das causas do desenvolvimento de Benjamin Constant foi exatamente a rivalidade surgida em 1933 entre os dois Estados: a Colômbia em particular, com significativas somas, construiu um posto de fronteira, pouco depois da fronteira a cidade de Letícia, junto ao Forte de Tabatinga, colocando um forte contingente militar a poucos minutos do marco brasileiro. Isso comportou por parte do Brasil numa ação semelhante, atraindo ao lugar muitos brasileiros que deram impulso às diversas atividades de trabalho e indústrias da cidade. Também a nova estação missionária influiu não pouco no incremento demográfico e civil da região.[686]

A propaganda protestante havia concentrado sua atenção sobre o Marco Brasileiro, zona de confim entre as duas repúblicas. A construção de uma capela naquele território se fazia necessária – escrevia Fr. Antonino – sublinhando dentre outras coisas como a falta de meios tinha feito com que "agora o lobo colocou o pastor para correr. Isto

---

[684] Antonino da Perugia, La pagina missionaria. Propaganda protestante nella nostra missione, ivi, 30, settembre (1951), 2.

[685] Ivi, dezembro, p. 2. Nova intervenção no n. de julho-agosto 1952, p. 2: *L'eresia a Benjamin Constant*.

[686] Em 1940 a missão abriu um educandário para meninas, que era também muito frequentado por peruanas e colombianas. Antonino da Perugia, La pagina missionaria, ivi, 31, settembre (1952), 2. Sobre a atividade dos capuchinhos da província catalã nesta área: Valentí Serra de Manresa, *Tres segles de vida missionera: la projecciòn pastoral 'Ad gentes' dels framenores caputxins de Catalunya* (1680-1989), Barcelona, 2006.

é, fora de parábolas, o pastor protestante fez com que o frade católico corresse e a capela é um fato concreto! Com imenso esforço que somente podem ser apreciados por quem tem conhecimento das enormes dificuldades superadas e um piedoso desejo, tornou-se finalmente uma bela realidade. No dia da Epifania desse ano o zeloso Fr. Filipe pôde abrir ao culto a capela, que foi dedicada aos Anjos da Guarda".[687]

O esforço contínuo para construir escolas, restaurar e ornar os edifícios sacros da missão, contrastar o proselitismo protestante, não impediram ao novo prefeito de ter uma intensa atividade de evangelização e as crônicas da missão recordam o seu dramático encontro com a tribo dos Caribos, índios "terríveis" e ainda "absolutamente primitivos" e de cujas insídias se pode escapar somente, referem as crônicas, "com visível intervenção da Divina Providência".[688]

Dom Venceslao Ponti não conseguiu exercer seu magistério episcopal; indo a Manaus para participar do Congresso Eucarístico Nacional, previsto entre 2 e 6 de julho, e preparar-se à sua consagração episcopal, aos 28 de junho morreu, cercado pelo afeto dos seus confrades e da cidade.[689] A sua chegada a Manaus tinha sido bastante destacada pela imprensa e distintas personalidades, entre as quais o neoeleito arcebispo metropolitano, foram saudá-lo. Na cidade, por causa da sua precedente prolongada estada, era muito conhecido pela quase totalidade dos expoentes da vida social, que tinham com ele cordialíssimas relações. No momento do almoço não faltaram mensagens e felicitações, todavia "o prelado comeu pouco, e como chegou a dizer, contra a vontade, mas nada deixou transparecer exteriormente".[690] Foi Fr. Lourenço, que o havia acompanhado ao quarto, quem avisou aos frades do mal-estar do bispo; veio o médico e o diagnóstico foi angina pectoris; o mesmo aplicou-lhe um remédio, que o fez melhorar por

---

[687] Antonino da Perugia, La pagina missionaria, In: *Polianteia. Commemorativa das Bodas*, 51-52.

[688] Antonino da Perugia, Il primo vescovo della nostra Missione: mons. Venceslao Ponti da Spoleto, In: *Voce Serafica* 31, giugno (1952).

[689] Notícias detalhadas do evento in: APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 3, R-S. p. Silvestro da Pontepáttoli al ministro provinciale, 1.º, luglio, 1952.

[690] La pagina missionaria. La morte del primo vescovo della missione amazzonica, In: *Voce Serafica* 31, ottobre(1952) 2. Uma recordação de Fr. Venceslau foi ainda traçada por Fr. Silvestro de Pontepáttoli, ivi, novembre, p. 2: *Rievocando la dolce figura del padre.*

um momento, mas não fez segredo da irreparável gravidade do caso, tanto que d. Ponti, às 14h15, expirou.[691]

6. Dom Cesário Minali de Colognola e a criação da Custódia provincial (1952)

Esperou-se quase um ano para a nomeação do novo administrador, que chegou somente em março de 1953; a escolha caiu sobre Fr. Cesário de Colognola, capuchinho milanês, que trabalhava desde 1930 na Custódia do Maranhão. O neoeleito bispo tinha nascido em 8 de novembro de 1897 em Colognola, Província de Bérgamo, filho de Alessandro Minali e Teresa Maini. Vestiu o hábito religioso aos 20 de novembro de 1920 e fez a profissão solene em 23 de novembro de 1924. Foi ordenado sacerdote aos 2 de junho de 1928 em Milão. A sua ótima desenvoltura nos estudos fez com que fosse escolhido pelos superiores para frequentar o curso universitário, conseguindo o título de doutor em teologia no seminário maior da Arquidiocese de Milão. O ideal missionário entusiasmou o coração do jovem frade, por isso em 1930 pediu e obteve a permissão para ir à missão da prelazia de São José de Grajaú, no Maranhão. Torna-se primeiro-secretário e depois vigário-geral de dom Emiliano Lonati, bispo da prelazia; cargos de

---

[691] "O corpo foi pontificalmente revestido e exposto na igreja, onde por toda a noite foi visitado e velado por inumeráveis devotos e admiradores, incluindo todos os altos dignitários da cidade e do Estado. Dia 29 foi oficiada a solene missa fúnebre, pelo arcebispo, o auditor do núncio e por outros bispos e sacerdotes presentes para o congresso; a multidão lotava literalmente o templo e os espaços adjacentes. O funeral, por conta do Estado, foi uma verdadeira apoteose. Talvez Manaus nunca tivesse visto um funeral assim tão solene. As rádios amazônicas e os vários jornais da cidade recordaram-no o que não faltou nem mesmo no Senado Federal no Rio de Janeiro. Numerosíssimos telegramas de pêsames chegaram à comunidade religiosa, e muitos asseguravam que as condolências não vinham feitas somente aos capuchinhos mas da cidade inteira, que o apreciava tantíssimo. O arcebispo, em sinal de luto, renunciou ao almoço de gala oferecido pelo governo a todo o episcopado presente ao congresso. Todos aqueles que participarão às diversas solenidades eucarísticas não poderão nunca separar a recordação das mesmas do luto pelo trânsito do prelado de Alto Solimões, não só pela singularidade da coincidência, mas também pela virtude que o tornaram tão venerado na vida e na morte". *La pagina missionaria. La morte del primo vescovo*, 2.

responsabilidade que lhe abriram a estrada em direção ao governo da custódia dos capuchinhos do Norte do Brasil.[692]

A sua designação suscitou, ao menos iniciamente, algum desconforto dentro da comunidade missionária, situação levada ao conhecimento do ministro provincial por Fr. Pio de Casacastalda, que revelou ao mesmo tempo os estranhos movimentos de um confrade que, numa carta enviada a Roma e depois retornada à nunciatura, tinha, um depois do outro, desqualificado todos os possíveis candidatos; o resultado de tal operação de maledicências foi, segundo Fr. Pio, o de ter um prefeito milanês, um evento que, segundo o mesmo frade, representava uma humilhação para a província.[693] Na realidade sobre o candidato mais acreditado, Fr. Silvestro de Pontepáttoli, não se tinha obtido o consenso de todos os confrades e o próprio Fr. Pio escrevera ao provincial: "muito reservadamente lhe digo que muitos preferiram este estrangeiro a Fr. Silvestro, que ninguém o queria pelo seu nervosismo, especialmente nestes últimos tempos".[694] Com o tempo, naturalmente, a desconfiança desapareceu; o mesmo Fr. Pio foi ao encontro do novo administrador em Belém e o acompanhou até São Paulo, assegurando ao provincial que teve uma ótima impressão. "Parece um homem muito prudente, por algumas expressões, compreendi que está por dentro de muitas coisas da nossa missão".[695]

Aos 22 de maio de 1953, o novo administrador apostólico da prelazia, acompanhado por Fr. Pio, chegou de avião a São Paulo de Olivença, sede principal da missão. As boas-vindas, segundo a crônica, tiveram "todo o caráter de um triunfo [...] apesar do mau tempo, todas as autoridades e congregações religiosas da paróquia, com insígnias e estandartes,

---

692 La pagina missionaria. Mons. Cesario da Colognola nuovo prelato dell'Alto Solimoes, In: *Voce Serafica* 32, novembre (1953), 2.

693 "Caríssimo Fr. Ignazio, estou perplexo – escreve Fr. Pio – jamais imaginei viver na companhia de tais confrades [...] e que assim pudessem prejudicar a nossa missão. Humilhá-la até este ponto e com esta a nossa amada província. Se tivesse sido um da província seria melhor. Mas, paciência, em tudo seja feita a vontade do Senhor". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, P, Fr. Pio da Casacastalda al ministro provinciale, Manaus, 18, maggio, 1953.

694 Ivi, Manaus, 2, luglio, 1953.

695 *Ibidem*. Impressão confirmada algum mês mais tarde quando escreve: "o novo prelado procura agradar a todos e se está vivendo num ambiente de trabalho e de paz": ivi, Manaus, 6, ottobre, 1953.

o corpo escolástico de todas as escolas e um povo numeroso estava presente ao desembarque de sua excelência".[696] O canto do hino pontifício o acompanhou à igreja matriz para uma breve visita de agradecimanto; da igreja foi ao teatro da prelazia, ornado de verde e de faixas festivas, onde teve uma cerimônia solene com os dicursos do custódio provincial, Fr. Silvestro, de Fr. Antonino que saudou dom Minali em nome dos missionários e do pároco, Fr. Lourenço, "que evocou em Fr. Cesário o seu antigo professor de filosofia". No domingo seguinte, de Pentecostes, aconteceu a cerimônia liturgico-canônica da tomada de posse do ofício eclesiástico de administrador apostólico da prelazia.[697]

O experiente missionário lombardo sabia bem que uma ação de evangelização, naquelas terras, não teria grandes perspectivas sem o apoio das autoridades governamentais e, numa carta ao padre provincial, expõe esta sua convicção: "A prelazia deve desenvolver a sua atividade especialmente junto às populações indígenas que vivem disseminadas ao longo dos rios, muito distantes umas das outras, e todas longe dos nossos centros e estações missionárias. É um apostolado particularmente difícil, porque mais exposto à inclemência do clima, aos problemas de viagens intermináveis, sem alimentação sã e sempre à mercê de febres maláricas. [...] O Governo pretende realizar um plano de valorização do território do vale amazônico: nós missionários, que ocupamos justamente o coração do vale, não podemos e não devemos desinteressarnos; mais ainda quando da Santa Sé nos vêm normas precisas para que nos preparemos a colaborar com esta obra de grande porte no campo religioso. Na recente reunião do episcopado brasileiro, por ocasião do

---

[696] L'arrivo in missione del nuovo amministratore apostolico. Presa di possesso. L'entusiasmo della popolazione, In: *Voce Serafica* 33, febbraio (1954), 2.

[697] "Às 18 horas ocorreu o solene pontifical. Após o Evangelho, s.e. pronunciou, num ótimo português, a sua primeira homilia, na qual declarou de ter disposto explicitamente para a festa de Pentecostes a sua posse para propiciar melhor, se fosse possível, sobre si mesmo, os missionários e o povo fiel, os divinos dons do celesle Paráclito [...] Também o gesto apreciado e comovente do beijo das mãos, foi imponentíssimo. Ninguém faltou, entre autoridades e povo. Até mesmo os chamados "espíritos durões" cumpriram o gesto com visível comoção. Depois das sagradas funções, a prelazia ofereceu um modesto banquete às autoridades civis e aos dignitários do lugar, caracterizado pela mais cordial confiança e estreita confraternização que não tardará a produzir também no futuro os seus preciosos frutos de bem em todo o vastíssimo território da missão": *Ibidem*.

congresso eucarístico de Belém, insistiu-se muito sobre esta nossa participação ativa na campanha do governo, também para fazer frente à propaganda comunista e protestante, para melhorar as condições de vida do nosso povo. Deverei participar de um encontro com todos os prelados marcada para o final de janeiro do próximo ano, ainda em Belém, onde estudaremos juntos e com o representante da nunciatura apostólica as normas práticas desta campanha. Mas para que a nossa prelazia possa e deva dar a sua válida contribuição e junto gozar dos benefícios desta campanha, é indispensável a ajuda dos missionários, particularmente dispostos a trabalhar também neste campo".[698]

Dois anos mais tarde, aos 9 de maio de 1955, Pio XII nomeava Fr. Cesário bispo titular de Achirão e prelado da prelazia *nullius* do Alto Solimões. A sua consagração ocorreu na Itália, em Milão, pelo cardeal Montini, então arcebispo de Milão e futuro papa Paulo VI. Dom Minali ocupou tal encargo até o final de 1958, quando foi enviado ao Maranhão para instituir a prelzaia de Carolina e ser seu primeiro bispo. Não foram anos tranquilos para dom Minali, que estava habituado a viajar em "fogosos cavalos" ou "pacientes burricos" pelas selvas do Maranhão;[699] na nova missão teve de utilizar somente embarcações, porque os rios eram as únicas vias de comunicação. Em junho, no entanto, visitou nova Tonantins e fez junto com Fr. Silvestro uma visita às novas paróquias de Amaturá e Santo Antônio do Içá; uma viagem aventureira, porque a embarcação teve de enfrentar um furioso temporal que surgiu improvisamente, o que não deixou de provocar certo pânico entre os viajantes e especialmente no bispo, "para quem era novidade uma experiência deste gênero".[700]

Para o seu bem, agora, além das vias aquáticas, na Amazônia o progresso também havia favorecido o uso dos aviões e os missionários começaram a deslocar-se utilizando tal meio. Fê-lo, por exemplo, dom Cesário para ir a Benjamin Constant; para recebê-lo no desembarque estavam Fr. Samuel e Fr. Filipe, junto com as autoridades civis, mili-

---

[698] APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza persolane*, 2, B-C, Fr. Cesario da Colognola al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 28, settembre, 1953.

[699] Antonino da Perugia, La pagina missionaria, In: *Voce Serafica* 33, luglio-agosto (1954), 2.

[700] *Ibidem.*

tares e "muita gente".[701] De Benjamin foi até Atalaia e sucessivamente visitou as capelas de São José, na ilha de Aramaçá e do Bom Pastor na ilhota de Arariá; depois Tabatinga e a capela do Marco Brasileiro dedicada aos Anjos da Guarda. Aos onze de julho foi a Santa Rita e em seguida a Belém do Solimões; mais de um mês durou a peregrinação do novo administrador apostólico, depois do que retornou à sede "para estudar e planejar o trabalho que deverá executar em toda a missão".[702] Somente para se ter uma ideia da complexidade que já havia assumido a missão, basta ler o relatório da visita que, em 1957, o ministro provincial, Fr. Raniero de Gualdo Tadino, fez à prelazia, ou ainda o relatório de 1959 do custódio, Fr. Miguel Ângelo de Marenella. São então presentes e radicados círculos católicos, associações laicais, sem esquecer que em 1939, na Igreja de Nossa Senhora da Candelária, no Rio de Janeiro, ocorreu o primeiro concílio plenário que ofereceu a ocasião para expor as questões mais importantes concernetes à relação entre Igreja e Estado, do ponto de vista da Igreja.

Ressalte-se de que, em 1952, a missão capuchinha passou à condição de custódia provincial; desde então goza, portanto, de uma posição jurídica autônoma, reconhecida com a nomeação de Fr. Silvestro como primeiro custódio.[703] Foi também Fr. Antonino quem percebeu as potencialidades que uma semelhante, inédita organização poderia dar à história da missão dos capuchinhos umbros. Escrevia numa correspondência: "A custódia é, em terras de além-mar, como o prolongamento da província monástica metropolitana, de tal modo que o superior desta poderia ser considerado um segundo padre provincial. É, portanto, lógico pensar que seja vontade da Ordem e da província--mãe, que esta se expanda e desenvolva".[704] Era convicto de que a nova organização deveria estimular a fundação de verdadeiros e próprios conventos regulares; em suma, a nova custódia, segundo Fr. Antonino, oferecia "as melhores perspectivas de crescimento" e quase

701 Ivi, settembre, 2.
702 *Ibidem*.
703 La nuova custodia dell'Amazonia, ivi, 33, marzo (1954)
704 Ivi, 2.

profeticamente escreve: "é provável que em meio século a custódia do Amazonas possa ser declarada 'Província Seráfica do Amazonas'."[705]

Portanto, as sempre crescentes necessidades no campo missionário e os consequentes reiterados apelos para o envio de reforços, induziram os superiores da Província Seráfica a conceder a obediência para o envio de três novos frades; os escolhido foram: Fr. Anastácio de Montecastelli, Fr. Adalberto de Spello e Fr. José de Grello.[706]

Os novos missionários chegaram a Manaus aos 3 de julho, entanto, do Rio de Janeiro à capital amazônica, em avião, se gastavam 13 horas, enquanto com os meios ordinários seriam necessários 30 dias. Solene acolhida organizada no teatro da Casa da Divina Providência, onde coube a Fr. Anastácio fazer "um discursinho de agradecimento em italiano que causou hilária reação pelas muitas expressões remendadas de português como: de 'coração' e de 'muito obrigado', abun-

---

705 A sua análise era sustentada por algumas observações: em primeiro lugar, era possível, segundo ele: "abrir um belo convento ao lado do santuário de Nossa Senhora de Fátima, em construção, mas já próximo à conclusão. Na vizinha e florescente cidadezinha de Itacoatiara, grande paróquia com o pároco brasileiro e o velho cura cego, o senhor arcebispo nos pediu para assumir a assistência espiritual. E a população ficaria contentíssima. Também ali se poderia construir imediatamente um convento e se faria tanto bem! O senhor arcebispo depois – continua – ofereceu-nos outra cidadezinha em formação e muito promissora, em cujas proximidades encontra-se o importantíssimo centro agrícola e industrial do senhor Agelisão Gonçalves de Araújo, nosso grande amigo e benfeitor. A filha, que é religiosa franciscana missionária de Maria, nos pede para assumirmos imediatamente ao menos o cuidado espiritual da propriedade paterna, que conta com milhares de trabalhadores: agricultores e operários. Isto, para não falar em noutras várias localidades aptas à abertura dos nossos conventos e residências. Disto se vê que a nossa neocustódia tem diante de si as melhores perspectivas de crescimenteo e poderia ser na verdade digna do seu nome. E não faltariam nem mesmo as vocações à Ordem, porque no sul do Estado a maioria dos habitantes são nordestinos, e os próprios caboclos são já todos civilizados": *Ibidem*.

706 Várias foram as cerimônias que se sucederam nos diversos conventos da província em honra dos missionários que partiam para o Amazonas. Particular destaque teve a cerimônia de entrega do Crucifixo, celebrada aos 23 de maio na igreja de Fontivegge, em Perúgia, na presença do bispo missionário capuchinho belga, dom Catry, e a outra da saída definitiva de Assis em 1.º de junho "na qual o mto. rev. frei provincial expressou aos novos arautos do Evangelho a satisfação e o augúrio de toda a província, com a garantia da penere recordação na oração, para que o seu suor apostólico seja fecundo de imenso bem". Partono tre nuovi missionari, ivi, luglio-agosto, p. 2.

dantemente repetidas no curto discurso e que foram as únicas palavras compreendidas pelo público”.[707]

7. A visita pastoral de frei Raniero de Gualdo Tadino (1957)

A construção de uma capela e de uma escola na Praça 14 de Janeiro, pouco distante da paróquia de São Sebastião, foi um dos primeiros projetos dos missionários capuchinhos umbros, que tinham previsto o grande crescimento industrial que aquele bairro sofreria; todavia, por longo tempo, primeiramente por falta de recursos financeiros, tal projeto permaneceu no papel. Uma brecha abriu-se em fevereiro de 1942, quando na Europa começava a terrível guerra, um português ofereceu à paróquia uma faixa de terra logo adquirida e “acrescentada de outra porção”;[708] no entanto, como é sabido, a devoção a Nossa Senhora de Fátima tinha-se propagado e difundido rapidamente na América Latina e também em Manaus, especialmente na rica colônia portuguesa. Por consequência, os missionários capuchinhos pensaram em edificar no lugar não uma capela, mas um santuário mariano; a pedra fundamental foi colocada aos 13 de setembro de 1942, aniversário da última aparição da Virgem, mas os trabalhos duraram quase doze anos até que, em 1954, sob a direção de um engenheiro italiano chamado Mauro de Lippi, será realizada a trabalhosa cúpula do santuário. A inauguração ocorre aos 13 de maio de 1954, aniversário da primeira aparição da Virgem aos três pastorinhos, mas ainda longos e grandes serviços serão realizados para terminar o edifício completamente.[709]

No entanto, voltando à missão, depois da sua consagração episcopal em Milão, dom Minali trazia consigo dois novos missionários: Fr. Tomás de Foligno e Fr. Francisco de Lábrea, brasileiro, mas “adestrado” na verde Úmbria “às batalhas do Senhor”;[710] a entrega do cru-

---

[707] Antonino da Perugia, A Manaos i nuovi missionari, ivi, 33, settembre (1954), 2.

[708] Antonino da Perugia, Il Santuario di Nostra Signora di Fatima, ivi, 34/5 (1955) 2.

[709] Grande parte das despesas foram financiadas por ricos protetores e benfeitores portugueses, que, todavia, sofreram os efeitos do conflito europeu que tinha feito encarecer de modo considerável o material de construção; causando a longa demora na edificação do templo: *Ibidem*.

[710] Due nuovi missionari di Cristo partono per la selvaggia Amazonia, ivi, 12, 2.

cifixo aos dois missionários aconteceu na catedral de Terni com uma cerimônia oficiada por dom Minali e dom Dal Prà, bispo de Terni e Narni.[711] Logo que chegou ao Amazonas, Fr. Francisco começou a estudar para habilitar-se ao ensino da língua portuguesa em todas as escolas do Brasil; o exame foi bastante seletivo e depois de tê-lo superado, foi enviado para ensinar no colégio de Amaturá; do mesmo modo, Fr. José obteve habilitação no ensino de latim, mas recusou o convite para ensinar no Instituto de Educação pública e preferiu ir à estação de Benjamin Constant para exercer sua atividade missionária.[712]

No início do ano de 1957 foram renovados os cargos da custódia e Fr. Miguel Ângelo pegou o timão de guia; para ajudá-lo, Fr. Roberto e Fr. Samuel, missionários já experientes, como escrevia Fr. Antonino, tinham "exercido com sucesso a sua atividade nos mais diversos campos da missão".[713]

À frente da paróquia de Manaus e da família religiosa da cidade estava Fr. Anastácio, que trabalhava apenas havia dois anos no Amazonas, mas, prossegue Fr. Antonino, a sua escassa experiência apostólica era "vantajosamente compensada da sua indiscutível capacidade intelectual e de um profundo espírito religioso".[714]

---

711 A cerimônia religiosa foi precedida por uma exposição de objetos e opúsculo relativos ao "teatro da aventura missionária dos capuchinhos umbros" e de uma "brilhante conferência com projeções" de Fr. Ilarino de Milão, livre-docente de história do cristianismo na Universidade de Roma com o título: "o Amazonas, terra dos missionários capuchinhos": *Ibidem*.

712 La pagina missionaria, ivi, 35/6 (1956) 2. Também Fr. Filipe foi nomeado docente de moral no seminário maior de Manaus, destacando no periódico dos capuchinhos umbros a estrita ligação que existia entre religião e instrução: "A Igreja nunca se desinteressou dos problemas contingentes, conexos também à felicidade presente dos homens: o primeiro de todos é o problema da completa educação do indivíduo. Eis porque, junto com o catecismo, o missionário leva sempre consigo a gramática, porque depois de ter-lhes ensinado a tratar com Deus, ensine ao indígena também o modo conveniente de tratar com os homens [...] Fé e civilidade são o binômio que constitui o vasto campo da atividade missionária".

713 Antonino da Perugia, I nuovi dirigenti della Custodia della Amazzonia, ivi, 36/2 (1957) 2.

714 Como coadjuvante na qualidade de vigário paroquial, Fr. Filipe de Montenero, eleito vice-pároco e vigário do convento que, como sabemos, exercia ainda atividade de docência junto ao seminário arquidiocesano. Todavia, Fr. Filipe, naquele período, depois de dez anos de permanência no Amazonas, preparava-se para voltar à Itália para visitar seus genitores anciãos que celebravam naquele anos as suas Bodas de Ouro: *Ibidem*.

Com a chegada a Manaus de Fr. Anastácio, era necessário enviar outro sacerdote a São Paulo de Olivença, onde este residira, foi mandado Fr. Silvestro de Pontepáttoli, ex-superior regular da missão e primeiro custódio do Amazonas, que chegou logo à estação principal da prelazia na nova qualidade de delegado dela, designado que foi por dom Cesário Minali. Fr. Silvestro foi também obrigado a abandonar seu trabalho de capelão da Santa Casa de Misericórdia, função que deixou a Fr. José de Leonessa. E justo nessa casa, aos 27 de janeiro de 1957, com a idade de 79 anos, morria Fr. José, suscitando um grande pesar em toda a cidade;[715] assim descreve o estado de espírito da população, Fr. Antonino: "A sua morte [...] foi lamentada por toda a cidade de Manaus, que foi o seu campo de apostolado por cerca de 40 anos e onde era muito venerado pelas suas virtudes incomuns e fantástica atividade. O seu funeral foi uma grande apoteose como, talvez Manaus, cidade de quase cem mil habitantes, nunca tinha visto [...] Todas as classes de cidadãos, sem distinção de idade e condição de fé religiosa e credo político, associou-se em plenária, cordialíssima, amorosa e dolente demonstração de estima e afeto, de veneração e confiança na proteção daquele que cada um já considera poderoso intercessor diante do Altíssimo".[716]

Nesse meio tempo, aos 26 de janeiro, chegava a Manaus o frade provincial que, sabendo da grave doença de Fr. José, apressou-se em visitar o confrade infermo na Santa Casa de Misericórdia, ficando junto deste até o momento do falecimento.

---

[715] A internação no hospital ocorreu aos 6 de janeiro e o diagnóstico dos médicos foi uma trombose, que o fez perder quase completamente o uso da fala e do braço esquerdo; aos 23 de janeiro perdia completamente os movimentos e "talvez também o uso dos sentidos". Assim permaneceu até domingo, 27 de janeiro, a uma e vinte, hora de sua morte. Antonino da Perugia, La santa morte de p. Giuseppe da Leonessa, ivi, 36/3 (1957) 2.

[716] Todos os jornais da capital dedicaram as colunas da primeira página "com amplos títulos e farta ilustração" à recordação das obras de Fr. José; em particular recordaram que tinham sido fruto da sua tenacidade e sacrifícios: "a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré na Vila Municipal de Adrianópolis, a capela de São José em Campos Sales, a Casa da Divina Providência para as obras sociais, a capela de Tapuessa no rio Negro, várias outras capelas na então prefeitura apostólica do Alto Solimões, além de muitas outras obras religiosas de grande importância, e finalmente o santuário de Nossa Senhora de Fátima em construção, que, quando terminado, será um dos mais belos ornamentos da cidade de Manaus": *Ibidem*.

Portanto, a chegada do provincial, enquanto era sinal de um acontecimento excepcional para todos os frades da missão e que os tinha alegrado muito, por outro lado coincidiu com a morte de um dos primeiros missionários da Província Seráfica. No dia 9 de fevereiro chegou também a Manaus dom Cesário Minali, para encontrar o provincial e combinar os detalhes para a visita canônica à missão.

A última visita feita à custódia (então Prefeitura Apostólica do Alto Solimões) tinha sido entre outubro de 1935 e maio de 1936 e foi efetuada por Fr. Michele de Perúgia; o provincial, Fr. Raniero de Gualdo Tadino, depois de vinte anos, retomava a visita canônica. Embarcou em Gênova no navio *Augustus* em 29 de dezembro de 1956 e chegou ao Rio de Janeiro aos 10 de janeiro de 1957.

No dia 15 do mesmo mês, foi até São Paulo (SP) para visitar Fr. Ambrósio, que desde outubro de 1956 era em recuperação junto a um notável especialista do lugar, por causa de um grave ataque asmático e brônquico, que não lhe consentia permanecer muito tempo no clima tropical de Manaus; no dia 20 de janeiro retornou ao Rio de Janeiro, onde encontrou o núncio apostólico do Brasil, dom Lombardi, para obter diretivas na realização da sua visita à custódia, a qual havia sido visitada entre agosto-setembro de 1956, por mons. Berloco, secretário daquela nunciatura.

Aos 25 de janeiro, juntamente com o custódio que tinha vindo encontrá-lo no Rio de Janeiro, pegou o avião para Belém do Pará; os dois capuchinhos pernoitaram com os confrades da Custódia do Maranhão, que tinham na capital do Pará um acolhedor convento. No dia seguinte, às 12h30, os dois tomaram o mesmo avião e às 17h30 aterrissaram no aeroporto de Manaus, onde eram esperados pelos religiosos junto com representantes das associações paroquiais de São Sebastião.

Em Manaus, Fr. Raniero entreteve-se quase um mês; uma espera que ele mesmo definiu providencial porque lhe serviu não só para "formar um conceito mais exato da mentalidade" daquele povo,[717] mas

---

[717] Grande surpresa suscitou nele o fato de que homens e mulheres, jovens e anciãos passavam repentinamente de atmosferas distraídas e voluptuosas como eram as festas carnavalescas, a situações de oração e recolhimento: "nestes dias festeja-se de modo solenissimo o carnaval e é uma coisa inacreditável como o povo possa transcorrer noitadas inteiras a dançar ao som de tambores, que acompamham algum outro qualquer raro instrumento de sopro, acompanhando uma específica canção carnavalesca

também para poder aclimatar-se das temperaturas tropicais, verdadeidamente alucinantes para os europeus, segundo o frade provincial.[718] Nesse tempo visitou o arcebispo, dom Alberto Gaudêncio Ramos, e a todas as autoridades do Estado do Amazonas e a prefeitura local, depois, aos 11 de março, com o navio *Tavares Bastos*, que servia a linha de Belém do Pará até o Alto Solimões, começou a navegação ao longo do rio Solimões, percorrendo em 25 dias cerca de 8.000 quilômetros. No período em que esteve na prelazia, visitou todas as residências e todas as capelas construídas pelos religiosos ao longo do rio Solimões e seus paranás e igarapés. Encontrou todos os missionários e falou longamente com estes sobre os problemas espirituais e materiais de cada residência; teve ainda encontros com o frade custódio e os dois assistentes nos quais foram tomadas algumas decisões e se determinaram algumas transferências que foram julgadas necessárias pelas exigências dos religiosos e para o bem espiritual daquela gente. Terminou a visita às residências da prelazia em São Paulo de Olivença, sede do prelado.

Em 8 de abril de 1957, Fr. Raniero pegou o bimotor de linha da Panair, que de São Paulo de Olivença portou-o a Benjamin Constant e dia 19, juntamente com o custódio de Benjamin a Manaus, onde passou a Páscoa e efetuou a visita àquela comunidade e de onde enviou a todos os religiosos da custódia uma carta pastoral recordando a visita feita.

Em 3 de maio sucessivo, pegou de novo o avião em Manaus, junto com Fr. Reinaldo, que voltava para um período de repouso na província, fez algumas paradas em Belém do Pará, São Luís do Maranhão, em Parnaíba, no Piauí, e em Fortaleza, no Ceará, para visitar o frade custódio do Maranhão e dois jovens clérigos, que estudavam naquela custódia; aos 12 de maio voltou novamente ao Rio de Janeiro,

---

[...] Domingo de manhã pararam às 4h30 e às 5h precisamente vieram à nossa igreja ouvir a missa de Fr. Domingos, para confessar-se e comungar. Imaginem com que preparação e com quais propósitos". As reflexões de Fr. Raniero estão contidas numa carta que enviou de Manaus aos 24 de fevereiro de 1957 à província; algumas partes foram publicadas em *Voce Serafica* 36/4 (1957) 2.

[718] Escreve Fr. Raniero: "os meus dias aqui transcorrem todos iguais sem nenhum acontecimento especial que disturbe a monotonia. Estou lutando desesperadamente com um clima tremendo (29 graus de calor úmido e precisa dizer que estamos no período invernal!) e com um regime alimentar totalmente diferente do nosso na Itália. As comidas não têm nenhum sabor e o grande calor nos tira toda a vontade de comer": *Ibidem*.

onde encontrou ainda o núncio apostólico, e aos 23 do mesmo, enfim, embarcou no avião que o levou felizmente a Roma.[719] O relatório sobre a visita é um verdadeiro e próprio tratado histórico-geográfico sobre a Amazônia, impresso com o objetivo de ser lido em todos os conventos "in pubblica mensa"; nada escapou aos olhos atentos do ministro provincial que elenca, com auxílio das listas deixadas por Fr. Fidélis, todas as tribos de índios que viviam espalhadas ao longo dos rios e igarapés.[720] Observa que na obra de evangelização e civilização dos índios permaneciam alguns poderosos obstáculos que vinham por ele citados como sendo a dispersão destes na floresta, o que obrigava o missionário a navegar por horas, muitas vezes em canoa, sem encontrar abrigo e comida, para chegar a cada uma das barracas; cita ainda a índole e o estilo de vida dos índios que, para Fr. Raniero, "passam quase todo o ano o tempo todo nas festas, nas orgias e pouco se preocupam da instrução e não sabem apreciar de fato os tesouros da civilização";[721] na presença dos "senhorezinhos", na verdade dos donos dos igarapés,[722] herdeiros dos velhos colonizadores portugueses, que tinham obtido do Estado a concessão ou a propriedade da exploração das árvores de seringueira e que tinham criado na embocadura dos igarapés as suas bodegas onde recolhiam os produtos da floresta portados pelos índios e dando em troca gêneros de primeira necesidade como arroz, tabaco, tecidos. Para os patrões, anota Fr. Raniero, "o missionário é um verdadeiro espinho na carne e uma perda de tempo para os índios, porque indo estes a

[719] Raniero da Gualdo Tadino, *Relazione alla Provincia sula Custodia dell'Amazonas dopo la S.visita A.D. 1957*, S. Maria degli Angeli, Assisi, 1957, 6-7.

[720] Trata-se das tribos Casamas, Ticuna, Urotos, Jauás ou Janás, Magironas, Canamaris e Benhapaz; de todos descreve os usos e costumes, colocação e distribuição na prelazia, sublinhando, todavia, que a maior preocupação dos missionários era "a assistência aos índios Ticuna e índios Cocamas, sendo as tribos mais numerosas e as mais dispostas a receber a civilização cristã": ivi, 13.

[721] Continuando assim as coisas, observa Fr. Raniero, "o missionário deve ficar satisfeito em dar a eles uma superficialíssima instrução mediante discos incisos e reproduzidos num gramofone ou acompanhando os seus cânticos com o harmônio e distribuindo medalhas sacras, doces, presentinhos de todo tipo, mas estes encontros não podem superar os dez minutos porque de outro modo estes se cansam e não prestam mais atenção ao missionário": ivi, 15.

[722] Com tal termo vem indicada uma ramificação de água que se destaca do rio principal e entra na floresta por várias dezenas de quilômetros sem desembocar no lado oposto.

escutá-los, não trabalham e, portanto, não produzem para tais patrões. Por essa razão, conclui, estes impedem com todos os modos possíveis que o missionário entre nos igarapés de sua propriedade".[723]

Um quarto e último obstáculo que impedia uma regular evangelização dos índios, talvez o maior, conforme Fr. Raniero, era colocado pelo próprio governo brasileiro que havia instituído uma agência com a finalidade de proteger os índios. Uma instituição, segundo o provincial, de origem maçônico-positivista, que tinha orientado a opinião pública contra toda ação socioeducativa de origem estrangeira. Tal agência, com seus inspetores, acusava abertamente os missionários de "violentar a consciência" dos filhos da floresta e de impor a estes "uma lei que eles não procuram e não desejam".[724] Pesadas são as acusações de Fr. Raniero diante de tais hostilidades, insinuando razões pouco nobres: "o dia em que o Brasil não tivesse mais índios, acabariam aquelas fabulosas subvenções de milhões de contos de réis com os quais cada ano o governo ajuda tais instituições e que vão acabar... enchendo facilmente os bolsos dos "protetores".[725]

Uma parte consistente do relatório é dedicada à história da missão, reconstruída por meio dos progressos registrados em cada residência e as sintéticas biografias dos missionários que ali tinham trabalhado; outra parte ocupa-se de clima, vegetação, fauna, flora, comércio, agricultura. No conjunto, daquelas páginas, emerge a complexidade que a missão tinha assumido: a prelazia compreendia agora cinco residências principais: Tonantins ou Vila Nova, Santo Antônio do Içá, Amaturá, São Paulo de Olivença e Benjamin Constant, mais uma casa de habitação civil em Manaus, nos confins do chamado "Casarão", ou seja, vasto e estável, adquirido em 1954 pela cúria arquidiocesana, que tinha sido a primeira residência dos missionários, depois abandonado em 1917. Estavam presentes e radicados os círculos católicos, as associações laicais e várias instituições missionárias, enquanto em todas as paróquias estavam estruturadas atividades tais como a Ordem Ter-

---

723 Ivi, 16. Na realidade – escreve Fr. Raniero – "estes atrapalham de todos os modos a instrução e civilização desta pobre gente, porque, se instruída e iluminada, não poderia mais tolerar uma semelhante escravidão, mas lutaria certamente por um tratamento mais humano e digno": ivi,17.

724 Ivi,16.

725 Ivi, 17.

ceira Franciscana, Ação Católica e tantas outras organizações.[726] Não faltavam, todavia, no ajuste de contas do provincial, notas negativas: "se, de um lado – escreve – é muito confortante ver as igrejas muito frequentadas e com tanta participação aos santos sacramentos, de outro se resta penosamente surpresos quando se sabe que muita daquela mesma gente, seja em Manaus ou na prelazia, frequenta com a mesma desenvoltura as sessões espíritas e às vezes lojas maçônicas. Disto se conclui com clara evidência de que ainda se tem o que fazer com um povo muito jovem, ao qual faltam as profundas convicções e a medula óssea. E justamente isso pretende o trabalho dos missionários [...] mas serão preciso ainda, talvez, alguns anos para chegar a esta meta!".[727]

A surpresa mais amarga era a constatação da falta quase absoluta de vocações nativas na Custódia do Amazonas. "A província fez no passado e o está fazendo ainda os maiores sacrifícios com o enviar continuamente de novas e frescas energias de pessoal escolhido entre os seus melhores religiosos; mas este enorme sacrifício está pesando sempre mais tremendamente, pelos tantos empenhos assumidos por esta para a formação e instrução da juventude e pelas sempre crescentes necessidades do sacro ministério. É absolutamente indispensável, portanto, que mediante a experiência do passado, se estude o modo de poder reparar esta grave lacuna".[728] Fr. Raniero não se limita ao lamento, mas adianta à custódia, à província e à Ordem alguns pontos de vista, formulados em propostas que representavam, conforme ele, também as comuns aspirações de todos os padres da custódia. A respeito do problema das vocações, na custódia havia uma necessidade extrema de criar um "Seminário Seráfico", que garantisse uma ajuda eficiente à província, no encontrar, acolher e formar novas vocações religiosas e sacerdotais, com elementos nativos. Todavia, a experiência de quase cinquenta anos tinha demonstrado, de modo bastante eloquente, que tal instituição não era absolutamente realizável dentro

---

726 Este é o elenco completo das organizações presentes em quase todas as paróquias da missão: Ordem Terceira Franciscana, Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Mães Cristãs, Cruzada Infantil, Vicentinos, Marianos e Marianas, Centros catequéticos, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Ação Católica masculina e feminina, Obra dos Tabernáculos, Propagação da Boa Imprensa, Pão de Santo Antônio: ivi, 93.

727 *Ibidem*.

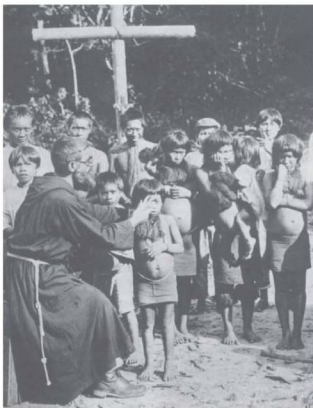
728 Ivi, 103.

do âmbito da custódia, era, portanto, indispensável criar o seminário noutro lugar. Também era preciso ter a disponibilidade de uma casa para a custódia, fora do clima equatorial; muitas vezes, de fato, os missionários eram sujeitos a ataques de febres maláricas contraídas no exercício do seu ministério e nas desobrigas ao longo dos rios e, por essa razão, algumas vezes, por conselho médico, deveriam deixar o Amazonas para mudar de ares e dirigir-se a outras regiões do sul, como Rio de Janeiro e São Paulo, para tratar-se e repousar. Mas nem sempre estes encontraram – escreve – "aqueles cuidados e atenções fraternas das quais teriam absoluta necessidade, abalados que são também no sistema nervoso".[729] Tornava-se, portanto, indispensável que a custódia tivesse uma casa fora, que servisse como casa de repouso para os missionários enfermos e onde existisse "certa abundância de médicos e especialistas em doenças tropicais, com todos os meios modernos de pesquisa do organismo humano, como: radiografia, cardiograma, remédios etc. E que esta casa fosse localizada numa certa altitude acima do nível do mar, para que pudessem gozar de um clima europeu".[730]

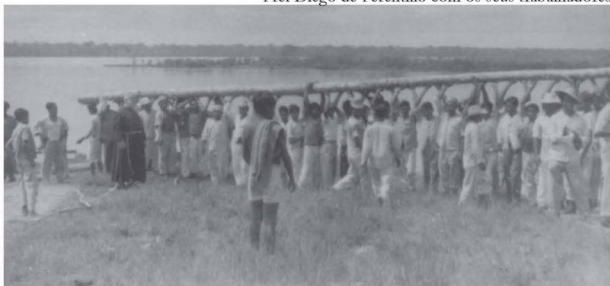
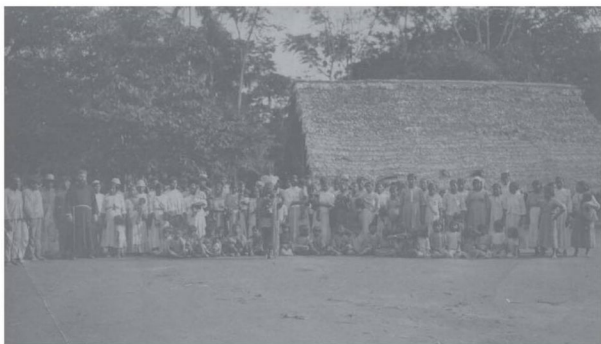
---

[729] Ivi, 104.

[730] O pedido era de abrir nesta casa do Estado de Goiás, e, precisamente, na nova Brasília, futura capital do Brasil. "A abertura desta casa em Brasília poderia satisfazer plenamente as exigências da nossa custódia do Amazonas. De fato, a nova Brasília está localizada no inteiror a cerca de 900 metros de altitude sobre o nível do mar, com um clima quase europeu. E sendo a futura capital do Brasil, convergiriam para lá muitíssimos europeus, como de fato já o fizeram, e entre os seus filhos se poderia escolher as vocações para o nosso seminário que deveria ser criado no lugar. Formados religiosos e feitos sacerdotes, estes poderiam ser enviados à nossa custódia para trabalhar conosco também na prelazia. Com a ajuda da língua, que para estes é própria, poderiam fazer um grande bem e conduzir a civilização rumo a um radioso futuro. Seria assim resolvido e para sempre o problema dos nossos enfermos e inválidos, os quais encontrariam lá todo conforto da medicina, junto com um clima salutar, que lhes recuperariam as forças, sem necessidade de procurar noutra parte": *Ibidem.*

Dom Minali em Benjamin Constant

Frei Ludovico de Leonessa com índios

Frei Giuseppe de Leonessa

Frei Diego de Ferentillo com os seus trabalhadores

Frei Fedele na festa da *Moça Nova*, Belém

Frei Fedele com artesanato indígena

Frei Ambrogio da Gaifana com um grupo de pequenos estudantes

Frei Silvestro de Pontepáttoli no trabalho

Frei Michelangelo de Marenella

Frei Lorenzo do Porto com a família

Frei Samuele em Benjamin Constant

Frei Silvano Monini

Frei Enrico Sampalmieri
na floresta

Frei Fulgenzio
Monacelli

O frei provincial
Raniero Vinciotti
visitando a escola
Divina Providência

Frei Evangelista Frasconi com os Ticuna

Mulheres indígenas

Frei Fulgenzio,
frei Michelangelo e o
ministro provincial frei
Evangelista

Meninas na festa da *Moça nova*

Congresso Eucarístico em Benjamin Constant

Frei Antonino e mons. Tomás em missão

Frei Domenico de Gualdo Tadino com as Filhas de Maria

Dom Tommaso de Marcellano com irmãs terciárias capuchinhas

Frei Michelangelo, frei Mario e frei Fulgenzio com algunas religiosas

Escola de trabalhos femininos em São Paulo de Olivença

Ensino Fundamental em São Paulo de Olivença

Abertura do Colégio de Benjamin Constant (1940)

Interior do colégio de Benjamin Constant (1954-55)

Irmã com um grupo de alunos

Igreja velha de São Paulo de Olivença

Escola Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo de Olivença

Colégio de Benjamin Constant

Interior do colégio em Benjamin Constant

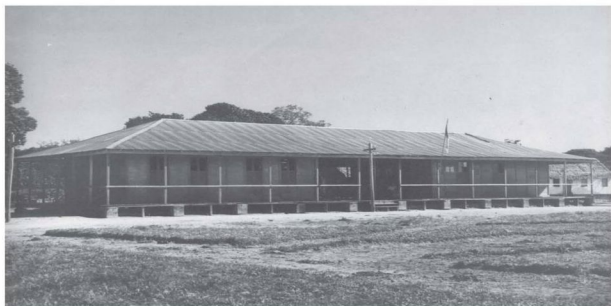
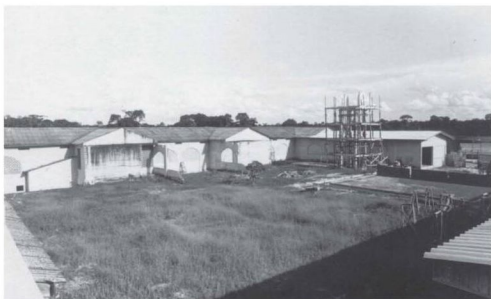
Manaus, Casa Divina Providência

Casa Divina Providência, escola

Casa Divina Providência, escola de corte e costura

Manaus, Casa Divina Providência, escola de corte e costura

Casa Divina Providência, escola de datilografia

Belém, escola (1960)

São Paulo de Olivença, hospital Santa Elizabeth em construção

Hospital Santa Elizabeth, entrada

Casa da mãe gestante em Benjamin Constant

Carpintaria de Amaturá

Capela-escola de São Antônio do Içá

Carpintaria de Amaturá. Interior

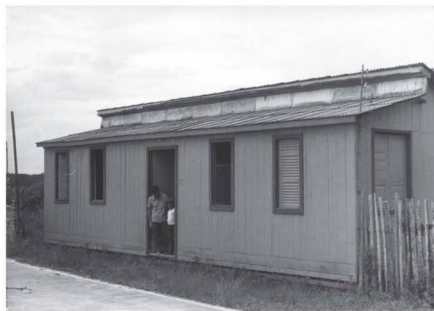
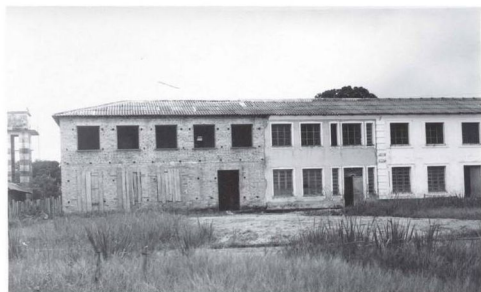
Belém do Solimões "serraria" de frei Arsênio Sampalmieri

Amaturá, forno de tijolos

Fábrica de tijolos de Amaturá

Transporte de tijolos

Construção do Educandário em Amaturá

Amaturá,
casa e colégio

São Paulo de Olivença,
primeira casa para os
parentes de pacientes

Lancha Santa
Teresinha

CAPÍTULO QUINTO

1. Meio século de vida missionária

A visita do ministro provincial havia posto em evidência a necessidade de reforçar a presença missionária; em cinquenta anos foram realizadas obras complexas e, não obstante a aspereza dos lugares, os incômodos do clima, as ciladas dos rios e das florestas, apesar das doenças e da extraordinária dimensão das distâncias, a caminhada da missão dava sinais de um crescimento progressivo. Mesmo o povo, sempre segundo Fr. Raniero, começava a compreender e reconhecer a obra religiosa e social dos missionários.[731] Era absolutamente necessário sustentar esse desenvolvimento, incentivando as vocações autóctones, mas também enviando novos missionários da província; no momento da visita do frade provincial no Alto Solimões, estavam presentes dezesseis missionários, mais o prelado, dom Cesário Minali. Destes, quatro, ou seja, Fr. Antonino de Perúgia, Fr. Ludovico de Leonessa, Fr. Diogo de Ferentillo e Fr. Ambrósio de Gaifana, residiam havia quase quarenta anos na missão e estavam prestes a completar, ou mesmo haviam superado, os setenta anos; antes do início da guerra, entre 1935 e 1940, tinham chegado Fr. Pio de Casacastalda e Fr. Silvestro de Pontepáttoli, e, logo depois da guerra, em 1946, chegaram Fr. Miguel Ângelo de Marenella, Fr. Roberto de S. Severino Marche, Fr. Filipe de Montenero e Fr. Reinaldo de S. Salvo; ao longo dos anos cinquenta, partiram para o Amazonas também Fr. Samuel de Intermésoli, Fr. Anastácio de Montecastelli, Fr. Adalberto de Spello e Fr. Tomás de Foligno. Mais, estavam no Alto Solimões Fr. Lourenço Maria do Porto, de origem portuguesa, e Fr. Francisco de Lábrea, que chegou à custódia junto com dom Minali. Em junho de 1954 chegara Fr. José de Grello. Aprendida a língua portuguesa e obtida a habilitação do governo para o ensino da língua latina nas escolas, após um período de serviço religioso prestado na zona paroquial do Santuário de N. Sr.ª de Fátima, pediu e foi-lhe concedido partir para trabalhar no territó-

---

[731] Raniero da Gualdo Tadino, *Relazione alla Provincia*, 105.

rio da prelazia. Em abril de 1955, foi destinado à residência de Benjamin Constant, onde iniciou imediatamente o seu apostolado com o serviço religioso nas várias capelas das redondezas, restaurando as mais necessitadas. Tinha obtido dos superiores um velocíssimo meio de locomoção fluvial, com o qual podia deslocar-se mais facilmente de um lugar a outro para celebrar a santa missa, ao menos aos domingos, nas diversas capelas. Tal inclinação à guia do barco será a causa de sua morte; de fato, por ocasião da chegada do frade provincial, em visita à residência de Benjamin Constant, ele tinha organizado, juntamente com outros religiosos, uma grandiosa recepção no rio Solimões, mas em decorrência de uma manobra errada de uma certa embarcação, houve uma batida, e Fr. José foi lançado à água, perdendo a vida, contando apenas 28 anos de idade, em 28 de março de 1957.[732]

Houve uma comoção geral em Benjamin Constant; em sinal de solidariedade pública pela desventura, o prefeito do lugar decretou um dia de luto municipal; no dia seguinte, o corpo foi sepultado no cemitério local, "acompanhado por todo o povo, que chorou inconsolado a irreparável perda".[733] Mas naquela primavera de 57, o luto parecia não querer abandonar a missão dos capuchinhos; de fato, em 30 de maio morria um outro veterano, Fr. Domingos de Gualdo Tadino; missionário da primeira leva, havia desempenhado diversos ofícios,[734] e, em

---

[732] "Após frenéticas buscas, o seu cadáver foi repescado a 16 metros de profundidade no mesmo lugar em que tinha caído, mantendo a sua coloração habitual e a sua integridade, apesar da voracidade do famoso peixe 'piranha', do qual o rio é infestado": ivi, 42-43.

[733] Ivi, 43. Após sua morte, em Benjamin Constant, foi constituída, espontaneamente, uma comissão para recolher ofertas para construir a tumba do capuchinho umbro. Até o governo federal deu sua contribuição e, ao final, pôde-se construir o túmulo, recebeu também os restos da madre Maria Helvécia, superiora de S. Paulo de Olivença, morta em Benjamin. A tumba de Fr. José também servia de capela para todo o cemitério "e saiu – escreve Fr. Miguel Ângelo – um trabalho muito simpático, que demonstrará perenemente o afeto de todo este povo ao caro falecido e a todos os missionários". Em Tabatinga, dedicaram a Fr. José a nova praça surgida diante da igreja construída pelos soldados. APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennale,* Relazione annuale della Custodia Cappuccina dell'Amazzonia al M.R.P. Provinciale della Provincia Serafica – Anno 1958, Manaus, 25, marzo, 1959, 4. O relatório é obra do custódio Fr. Miguel Ângelo de Marenella.

[734] Fr. Domingos tinha sido pró-prefeito, superior regular da casa de Manaus, pároco de S. Paulo de Olivença, diretor do externato S. Sebastião em Manaus, e pároco da mes-

quase meio século de vida missionária, havia retornado uma única vez, para um breve período de repouso na província. Definido, dado o seu estilo de vida, como o "missionário-asceta", morreu venerado como um santo e a interminável procissão dos fiéis que queriam tocar seu corpo com rosários e medalhas, foi o sinal tangível da estima e do afeto que Fr. Domingos tinha conquistado junto aos vários grupos sociais da cidade, onde havia sobretudo prestado seu serviço como confessor.[735] No ano seguinte, na manhã de 7 de abril, morria em Manaus também Fr. Antonino de Perúgia; afligido havia cerca de doze anos de diabetes e de uma fratura mal cuidada em uma perna, tinha abandonado as "trincheiras" e concentrado sua atividade sobretudo nos estudos históricos e na colaboração literária com vários informativos missionários e científicos.[736]

---

ma igreja. Para um breve perfil da sua figura e da sua personalidade, veja-se o artigo: La morte di un altro veterano: il p. Domenico da Gualdo Tadino, In: *Voce Serafica* 36/9 (1975) 2.

735 Na carta necrológica está escrito: "Bastava ir a S. Sebastião para poder vê-lo, sempre pronto a acolher os penitentes – era confessor procuradíssimo por metade da cidade – e bastava vê-lo para permanecer subjugados pela sua bondade, que lhe transparecia do rosto, da pessoa inteira... atendia a todos com uma delicadeza extraordinária. As próprias crianças eram as mais contentes e grandes amigas de 'Frei Domingos'": *Ibidem*.

736 In APCA, *Miscellanea, Manoscrito in lingua portoghese di p. Antonino da Perugia*. Vem acompanhado de uma carta dele (Manaus, 2 de maio de 1957), na qual escreve: "Para facilitar a recordação do 50.º aniversário da nossa ex-prefeitura do Alto Solimões, hoje prelazia, entrego ao m. r. frei provincial, Raniero de Gualdo Tadino, alguns documentos, ou melhor, 'anotações' úteis para uma futura 'história' da prefeitura, hoje Prelazia do Alto Solimões. Para o trabalho que pretende fazer o mto. rev. frei provincial, poderá servir um pouco a 'Polianteia' comemorativa das 'Bodas de Ouro' da ordenação sacerdotal do mto. rev. Fr. Domingos de Gualdo Tadino, e um pouco também meu diário, obtido das primeiras anotações do mto. rev. Fr. Domingos, dos vários livros de tombo, especialmente da casa de Manaus e das minhas memórias pessoais, que poderíamos chamar: às margens da história. Do diário, fiz duas cópias datilografadas que chegam a 1951. Entreguei uma ao prelado dom Cesário de Colognola, e a outra, entreguei ao revmo professor de missiologia na *Propaganda Fide*, Fr. Metódio de Nembro, Província de Milão, residente em Roma. São 210 páginas datilografadas, pois se pretendia fazer uma síntese da história da nossa prelazia. Entrego a continuação do diário ao mto. rev. Fr. Raniero, que, como disse, chega até o ano de 1951. Emprestei ao revmo Fr. Metódio uma interessante história do Amazonas, do autor Dr. Arthur Ferreira Reis. Este livro poderá se prestar ao trabalho

Nesse meio tempo, em janeiro de 1959, tinha chegado à missão Fr. Jeremias de Intermésoli, que havia se juntado ao confrade Fr. Samuel em Benjamin Constant, um centro que então atravessava uma nova crise por conta em parte da depressão geral, e em particular da diminuição da produção da borracha, acarretando seu abandono por parte dos "seringueiros" dos outros rios; um êxodo determinado pelas "repetidas incursões dos indígenas peruanos que também provocaram mortes".[737] Apesar disso, a modernização da residência não parava; os missionários tinham adquirido um novo gerador de corrente que servia, ao contrário daquele público, para iluminar a casa, a igreja e o colégio; tinham adquirido um novo deslizador, "mais amplo, mais cômodo e de menor consumo", e o prelado tinha comprado também um trator Fiat de 25 cavalos, que tinha resolvido o "fadigoso problema" do transporte nas costas de toda a mercadoria e dos materiais que chegavam no porto.[738] Também a atividade paroquial direcionada aos jovens se revigorava, e os missionários tinham adquirido o "aparelho de curta-metragem", ou seja, um projetor, que, contudo, mostrou-se de difícil manuseio, seja pela falta de técnicos aptos para fazê-lo funcionar continuamente, seja pela dificuldade de ter acesso a filmes sempre novos e atuais.[739]

A igreja já havia se tornado muito pequena para as exigências da comunidade e aparentava comprometida, sobretudo nas colunas de madeira que os missionários já tinham "reparado ou mesmo substituído"; para construir a nova, estava sendo implantada uma pequena e rudimentar fábrica de tijolos. Contudo, foi inaugurado o "braço frontal do novo colégio", completamente em alvenaria; era a "única construção de dois pisos de todo o município", capaz de atrair, segun-

---

a ser feito. No comércio daqui já não se encontra mais". Memória de Fr. Antonino, In: *Voce Serafica,* ricordando il P. Antonino da Perugia, 37/7-8 (1958) 2.

[737] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* Relazione annuale della Custodia Cappuccina, Anno 1958, 1. Um breve perfil em: V. Di Carlo, Vita di p. Samuele Di Diodato e p. Geremia Di Nardo, 63-114.

[738] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* Relazione annuale della Custodia Cappuccina, Anno 1958, 1.

[739] Ivi, 3.

do Fr. Miguel Ângelo, "a admiração universal".[740] No entanto, o pequeno centro de Letícia, na Colômbia, crescia continuamente e havia se tornado o "alvo preferido da propaganda protestante"; esta utilizava todos os meios para fazer proselitismo, não apenas escolas, festas e reuniões, mas sobretudo conversava cotidianamente com as famílias "com o alto-falante". Para contrastar eficazmente tal apostolado, teria sido necessário implantar uma nova residência no vizinho Marco de Tabatinga, mas a insuficiência dos religiosos tornava tal empresa irrealizável.[741] Limitou-se a instalar um novo megafone, desencadeando assim uma espécie de "guerra de alto-falantes", pelos quais diariamente os missionários podiam ilustrar ao povo "pontos de doutrina, também em contraposição aos erros propagados pelos protestantes".[742] Junto à sede da prelazia, em São Paulo de Olivença, em fins dos anos cinquenta, residiam Fr. Silvestro de Pontepáttoli, que era o superior, Fr. Adalberto de Spello, na qualidade de pároco, e Fr. Félix de São Paulo de Olivença, irmão leigo.

Apesar da estagnação da situação socioeconômica,[743] em São Paulo de Olivença havia se estabelecido um Sesp (Serviço Especial de Saúde Pública), mas era difícil encontrar um médico, e apenas um enfermeiro, de modo improvisado, o presidia, tanto que as pessoas preferiam recorrer quase sempre aos cuidados dos missionários. Em

---

[740] E estava completamente certo Fr. Miguel Ângelo ao mostrar-se orgulhoso daquela construção; assim escreve: "Se alguém pensar nas dificuldades de todo tipo que tiveram que ser superadas para a obra, ficará certamente admirado. A grande luta para se conseguir os meios de financiamento, preparar um terreno plano, a impossibilidade de encontrar a base sólida para colocar os fundamentos, a região completamente privada de qualquer pedra ou seixo que sejam, os tijolos fabricados à mão, o cimento e o ferro que têm que vir de milhares de quilômetros distante e levar meses de viagem e a falta no lugar de gente capacitada para a construção, incerteza nos transportes, a volta de material etc.": *Ibidem*.

[741] Ivi, 2.

[742] Ivi, 3.

[743] "Esta cidade – escreve Fr. Miguel Ângelo – não parece melhorar a situação: embora o contínuo progresso que se desenvolve em todo o mundo faça chegar também ali a sua ressonância, mas, em seguida, não encontrando um terreno apto para se estabelecer, torna a situação daquele povo ainda mais triste. Também aqui os mais evoluídos vão procurar mais além a possibilidade de realizar a própria sorte, e aqueles que vão de fora para lá por qualquer emprego governativo, ali permanecem com a intenção de ganhar algum dinheiro e depois partir": ivi, 4.

São Paulo havia chegado também um novo gerador elétrico, mas as instruções estavam escritas em tcheco-eslovaco, e a luz que produzia era de tal modo "fraca", que os missionários tinham de manter sempre aceso o seu. Em pleno ritmo estava a construção da nova catedral, que devia substituir a igreja de "taipa", edificada por Fr. Jocondo de Soliera; desta, estava se ocupando Fr. Adalberto, com inúmeros problemas e dificuldades.[744] Quase concluído, por sua vez, era o novo braço do colégio, enquanto o "jardim da infância", aberto por dom Minali, estava já funcionando; em plena atividade estava também o colégio *Nossa Senhora da Assunção*, "um estímulo e um modelo constante" – escreve Fr. Miguel Ângelo – no qual não se ensinava apenas a ler e escrever, mas também trabalhos domésticos.

Em Amaturá era superior Fr. Roberto de San Severino, juntamente com Fr. Reinaldo de San Salvo e Fr. Francisco de Lábrea; nessa estação, um dos lugares "mais retirados" de toda a missão, "os frades são tudo", escreve Fr. Miguel Ângelo;[745] além da assistência religiosa, o povo recorria aos missionários para tratar o corpo, para encaminhar processos junto às instituições municipais e governativas, para trabalhar, para ter socorro e caridade. Não havia correio nem carteiro, e os únicos recursos do lugar eram a extração da borracha, a madeira, a coleta de couro; por isso, grande parte da população vivia quase todo o ano ao longo dos rios; as famílias sobreviviam com a pesca e o pequeno cultivo da mandioca. Os padres capuchinhos tinham instalado um colégio que reunia cerca de cem jovens, e era o único edifício que dispu-

---

[744] Além dos habituais problemas de financiamento, não podendo nem mesmo contar com o investimento do Governo, que não disponibilizava recursos para a construção de igrejas, e da volta do material, existia além disso a escassez de mão de obra especializada, de tal modo que, escreve sempre Fr. Miguel Ângelo, "o padre tem que assistir não somente aos trabalhos de construção, mas até mesmo à seleção e também ao transporte da madeira da floresta. Estava justamente presente – continua a narração de Fr. Miguel Ângelo – quando Fr. Adalberto foi buscar as traves que tinha encomendado sob medida, mas, dado que eles, habituados em construir barracas em que um decímetro a mais ou a menos não faz diferença, ao invés de usar a medida oficial fabricavam-nas com a medida do próprio palmo, e as traves que deviam ser de 8 metros eram de 7,40, as que deviam ser de forma retangular eram quadradas, e a própria qualidade não era das que resistiam ao cupim... e nem mesmo podia irritar-se, pois seria pior": ivi, 5.

[745] Ivi, 6.

nha de luz elétrica e de água potável; ali, os jovens podiam completar todo o ciclo de estudos elementares, e os professores do colégio introduziam-nos no aprendizado das noções de agricultura e no exercício dos trabalhos mais comuns. Além de se prestar à formação dos jovens, o colégio também funcionava como pré-seminário, no qual estudavam os aspirantes ao sacerdócio que, terminados os estudos elementares, caso intencionassem continuar na vocação, eram enviados à Custódia do Maranhão, ou ao Seminário Arquidiocesano de Manaus.[746]

Em Santo Antônio do Içá, havia pouco elevada a município, era pároco Fr. Diogo de Ferentillo; a sua localização era como que um cruzamento importante entre a Colômbia, o Peru e o Amazonas, mas "situada em terreno elevado", não dispunha de fontes de água e, portanto, a população era forçada a providenciar tal elemento, indispensável para a vida, em um igarapé, "ali embaixo, onde, todavia, as pessoas se banhavam habitualmente" e desaguava o esgoto da cidade. Por tal motivo, frequentemente causa de febres e infecções, Fr. Diogo tinha contruído um grande reservatório, que recolhia a água pluvial e era suficiente para "vários dias". O capuchinho missionário tinha edificado também a escola, completamente em alvenaria, sólida e duradoura e, conforme a circunstância, transformava-se em médico e conselheiro, "chamado a solucionar dificuldades".[747]

Em Tonantins residia Fr. Ludovico de Leonissa que, apesar da idade, continuava "a sua atividade incansável";[748] tinha concluído os trabalhos de construção da igreja paroquial, faltava apenas o reboco externo, e levado a bom termo a construção do colégio. Infelizmente, também Tonantins, escrevia Fr. Miguel Ângelo, "continua a sua longa vida [...] sem indústrias notáveis ou outros movimentos que lhe façam

---

[746] Ivi, 7. Muito positivo é o juízo de Fr. Miguel Ângelo sobre a população de Amaturá, definida como "muito boa, dócil" e bastante devota, tanto que a quase totalidade – escreve ainda – "frequenta a igreja e as associações religiosas [...] numerosas e florescentes".

[747] *Ibidem.*

[748] Sobre ele escrevia Fr. Miguel Ângelo: "Ele era técnico e motorista, o empreendedor das grandes coisas, o persistente trabalhador que vence e domina as dificuldades; é continuamente procurado para remédios, conselhos e também qualquer ajuda material: é estimado por todos e benquisto, uma vez conhecido, dificilmente se pode esquecê-lo": ivi, 9.

esperar um futuro melhor"; todavia, o povo era "muito dócil e devoto" e, na quase totalidade, frequentava a igreja.[749]

Na sede da custódia, em Manaus, na primavera de 1959, chegaram Fr. Silvestre de Palata e Fr. Silvano de Città di Castello; estavam empenhados principalmente no estudo da língua em uma cidade que se tornava cada vez mais difícil. O pão se tornava escasso, e também a água; a eletricidade era descontínua, e as estradas, à noite, completamente no escuro; o custo de vida era sempre mais caro e o desemprego crescia. De tal situação social crítica e econômica derivava uma atmosfera espiritual mista de bem e de mal; *Bona mixta malis*, escrevia Fr. Miguel Ângelo: "espiritismo, protestantismo, maçonaria, indiferença e, ao mesmo tempo, grandes atividades católicas, assistência social, muitos e cotados colégios e escolas religiosas, fervor de associações religiosas, organizações, manifestações, novenas".[750]

Não se podia recuar, antes, era necessária uma ação pastoral mais incisiva, feita de catequese, de pregação, mas também de obras sociais; justamente na primavera de 59 foi aberta a nova construção de *Nossa Senhora da Divina Providência* para o grupo escolar da paróquia: oito salas em dois andares com banheiros, água, chuveiros, luz elétrica, um pátio para recreação e uma laje dupla que atenuava o calor do sol. A abertura desse edifício tinha possibilitado a liberação da casa anexa à igreja, o chamado "Casarão", que devia ser restaurado para hospedar os confrades que vinham do interior, e que às vezes tinham experimentado a "penúria dos quartos".[751] Além da atividade apostólica ordinária, os capuchinhos de Manaus desempenhavam o serviço religioso nos dois hospitais da cidade e dependia também deles o Instituto "Gustavo Capanema" para os filhos dos leprosos, que permaneciam do educandário desde o nascimento até a idade em que podiam ser colocados no trabalho; imponente era o empenho educativo: a cargo dos capuchinhos eram as quatro escolas elementares governativas, com quase dois mil alunos.[752]

---

[749] Ivi, 8.
[750] Ivi, *9*.
[751] Ivi, 10.
[752] Além destas atividades, também tinham mantido, por um certo período de tempo, o cuidado espiritual do manicômio municipal, mas foram constrangidos a abandonar

2. *Frei Adalberto Marzi: o capuchinho, o missionário, o bispo*

Em fins dos anos cinquenta, quando dom Minali é transferido para *prelatura nullius* de Carolina, emerge a figura de Fr. Adalberto Marzi, nomeado administrador apostólico em 25 de abril de 1959 e, sucessivamente, pelo papa João XXIII em 4 de fevereiro de 1961, por ocasião do quinquagésimo aniversário de fundação da prelazia, elevado à dignidade episcopal.[753] Nascido em Spello em 12 de abril de 1922, entra no seminário aos 11 anos; em 1936, de passagem por Foligno, teve a oportunidade de conhecer Fr. Martinho de Ceglie Messápico, um dos quatro pioneiros que tinham fundado a missão do Alto Solimões. Vestiu o hábito capuchinho em Montemalbe, tomando o nome de Fr. Adalberto de Spello, e no mesmo convento concluiu o ano de noviciado (1939-1940). Cumpriu no convento de Spoleto os estudos de filosofia e no de Foligno, os de teologia, até 2 de fevereiro de 1947, quando, na igreja do convento dos capuchinhos de Foligno, foi ordenado sacerdote por dom Stefano Corbini.

Apenas ordenado sacerdote, Fr. Adalberto apresenta aos próprios superiores um pedido escrito para ser enviado missionário ao Amazonas. Pedido reiterado em agosto de 1948, quando, do Seminário Seráfico de Gualdo Tadino, escrevia ao frade provincial: "M.R. frade, já no ano passado, por meio de uma outra minha carta de fins de janeiro, coloquei-me à sua disposição, assim que fosse oportuno enviar-me à missão. Disse-lhe como essa tem sido minha aspiração que sempre me atraiu e uma das razões pelas quais abracei a Ordem. Dadas as múltiplas dificuldades e perigos que se encontram na missão, não ouso insistir em reclamar a partida imediata. Todavia, especialmente após seu convite a apresentar novo pedido, tenho a declarar-lhe minha

o serviço, porque era "muito distante da paróquia" e não dispunham de "padres para enviar": *Ibidem*.

[753] Sobre ele falta uma biografia acurada. Em APCA são conservadas 3 pastas com documentação relativa sobretudo à sua ordenação episcopal. Pelo momento, dispõe-se de um perfil redigido por Mario Collarini, em ocasião do quinquagésimo aniversário de sacerdócio, para o periódico *Voce Serafica di Assisi* 74/3 (1997) 7-15.

disponibilidade em partir assim que o senhor considerar oportuno, até mesmo hoje".[754]

Menos de um mês depois, em vista de conseguir o objetivo, não se exime de criticar duramente as suas capacidades de mestre e guia espiritual da juventude: "Mto. rev. frade, em consideração à minha incapacidade em educar e ensinar aos jovens, o que é necessário à sua formação e ao seu ensinamento, incapacidade tornada muito bem conhecida pelo resultado desatroso dos exames de reparação e pelas palavras explícitas dos frades examinadores e do frade guardião, peço-lhe humildemente de exonerar-me do meu ofício. Infelizmente, sei que este meu ato pode dar vazão a inúmeras conjecturas, mas tenho que confirmar que a única razão é o reconhecimento da minha incapacidade. A pesar dos meus esforços e da minha boa vontade, que me parece de tê-la aplicado inteiramente, não consegui nada. Já que o resultado dos exames foi bem feito e não corresponde ao mérito e à capacidade do aluno, a minha posição em relação aos jovens mostra-se aquém, pelo que, como pode bem pensar, não poderei nem mesmo ter o prestígio necessário. Tenho plena esperança de que o senhor queira atender o meu pedido e, muito mais ainda de como lhe havia dito antes, a minha aspiração é de partir para as missões; todavia, estarei sempre pronto em atender a sua vontade, qualquer que seja a sua decisão".[755] Alguns anos depois, seu pedido finalmente será atendido,[756] e, assim, em 6 de junho de 1954, do porto de Gênova, com alguns colegas de missão, partirá para o Brasil.[757] Após alguns meses de perma-

---

[754] APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 1, A, Fr. Adalberto da Spello al ministro provinciale, Gualdo Tadino, 25, agosto, 1948.

[755] Ivi, 17, settembre, 1948.

[756] Em 24 de maio de 1954, junto com Fr. Anastácio Gaggioli e Fr. José de Grello, recebeu o Crucifixo, sinal do mandato apostólico, na capela do convento de Fontivegge (Perúgia), das mãos do bispo capuchinho belga dom Catry; cf. M. Collarini, *Mons. Adalberto Marzi da Spello*, 7.

[757] Não faltaram, contudo, ulteriores dificuldades, em parte devidas ao estado de saúde da mãe, mas, na verdade, também, segundo emerge de uma carta ao provincial, pela "desconfiança dos [...] superiores": "Mto. rev. padre, é com ânimo profundamente triste que me ponho a responder à sua (carta) do dia 8 do corrente mês. Aquela carta atingiu-me como um raio a céu claro e aumentou enormemente a minha dor, devido ao fato de nem mesmo poder falar da minha futura partida, dado o estado de minha mãe. Pensava que este fato fosse o suficiente para me daixar triste estes últimos dias

nência em Manaus, aproveitados para aprender as primeiras noções da língua portuguesa, Fr. Adalberto foi enviado, na qualidade de vigário paroquial, a Benjamin Constant, onde permaneceu até 1957, quando então foi nomeado pároco de São Paulo de Olivença. Na principal residência da missão, além de se dedicar a uma intensa atividade pastoral, frequentemente desempenhada ao longo dos rios, o capuchinho de Spello encontrou a nova catedral em construção, idealizada por Fr. Tomás de Marcellano e levada adiante por todos os outros missionários, da qual assumirá o encargo. Nomeado administrador apostólico, teve de encarar o primeiro compromisso importante, o 50.º aniversário de fundação da prelazia (1960). Dom Marzi decidiu, escreve Mario Collarini, de celebrá-lo não como um acontecimento claramente "acadêmico e cultural, mas como um grande ato de fé".[758] Assim, promove o 1.º Congresso Eucarístico da prelazia, precedido por uma intensa atividade missionária popular; a conclusão do congresso coincide com a inauguração da nova Catedral de São Paulo de Olivença, levada a termo por ele próprio, antes como pároco e depois como prelado (30 de junho de 1960).

Aos festejos celebrados por ocasião do quinquagésimo aniversário da missão, tomou parte Fr. Raniero de Gualdo Tadino, que, de volta à Itália, enviou aos confrades e leitores de *Voce Serafica* um apa-

---

de minha permanência na Itália, e ainda se acrescenta a desconfiança dos meus superiores. Em relação à minha partida às missões, nunca pensei em dizer uma coisa por outra, e a minha vontade a esse respeito era sincera há 15 anos, quando foi recebida com um sorriso incrédulo, era sincera quando refiz regularmente o pedido por ocasião da minha ordenação sacerdotal em 1947, e igualmente sincera permaneceu quando tal pedido foi repetidamente reiterado. Não saberia explicar o por que me é apresentado este embaraçoso questionamento, isto é, se "realmente pretendo partir para o Brasil", depois que o definitório decidiu a minha destinação sem mais. Mesmo que um quê prepotente de amor-próprio me impulsione decididamente a dizer o contrário, agora mesmo, ainda com o receio de não ser acreditado, confirmo de ter sempre esperado e acolho como uma bênção do céu a notícia da minha designação. Deixo-lhe o encargo de julgar a minha dignidade ou não em ser enviado". Uma carta de tom decidido que abrirá a Fr. Adalberto da Spello a via para a aspirada vida missionária. APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 1, A, p. Adalberto da Spello al ministro provinciale, s.l. e d.

[758] M. Collarini, *Mons. Adalberto Marzi da Spello*, 8.

nhado dos acontecimentos mais salientes das festas celebrativas.[759] A comunidade missionária acolheu com grande júbilo a notícia da nomeação de Fr. Adalberto de Spello a administrador apostólico; assim evoca o acontecimento Fr. Miguel Ângelo: "Alguns dias atrás chegaram aqui no convento duas cartas da nunciatura, uma para o Fr. Pio e uma, mais extensa, para o Fr. Adalberto: é verdade que não se podem ver as cartas, mas se pode pensar a respeito... e então eu disse que o Fr. Adalberto era o prelado e Fr. Pio tinha recebido a comunicação; e mais ou menos todos pensaram como eu". Lisonjeiros também os juízos sobre o novo prelado: "Um jovem verdadeiramente novo para todos, e, por isso", não estão cansados dele: depois, como pároco em São Paulo de Olivença, revelou-se de muito senso prático, dedicado, ativo, organizador; um homem que se faz estimar, amar e ajudar. Também a província estará em festa [...] e os jovens que foram seus discípulos verão mais um atrativo para ir em missão".[760]

Alguns meses depois, com bula emitida em 4 de fevereiro de 1961, Dom Marzi era elevado à dignidade episcopal e a consagração ocorreu em 9 de julho do mesmo ano, na Catedral de S. Feliciano em

---

[759] Como oferta da província, Fr. Raniero doou a dom Marzi um ostensório. Um amplo relatório dos festejos realizados nas duas principais sedes da missão, Benjamin Constant (de 19 a 23 de março) e São Paulo de Olivença (de 23 a 27 de maio) foi publicado no periódico dos capuchinhos umbros: Il trionfo di Gesù Eucaristia nel 50.º della nostra missione, In: *Voce Serafica* 39/32 (1960) 1-6. Muito interessante é a notícia, mencionada no referido relatório, da imponente documentação fotográfica e cinematográfica recolhida pelo provincial durante 15 dias de navegação fluvial: "Felizmente encerrado o Congresso, junto a S. Excia. Dom Adalberto da Spello, de São Paulo de Olivença [...] subimos novamente o rio Solimões até chegar a Benjamin Constant em dois dias de navegação. Dali, chegamos à fronteira da prelazia com a Colômbia para depois voltar a descer o rio até o extremo limite da prelazia, que é a residência missionária de Tonantins [...] a fim de efetuar uma completa documentação fotográfica e cinematográfica de todas as residências, de todas as capelas e obras missionárias, que deverá servir como memória do jubileu celebrado. Tal documentação fotográfica e cinematográfica, em grande parte, encontra-se comigo já revelada em *slides* em cores e em filme em cores em 16 mm, enquanto que uma outra parte encontra-se ainda em posse do prelado, a fim de poder realizar outras tomadas importantíssimas, que não puderam ser feitas até então por falta de tempo": ivi, 2.

[760] APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 2, M-P, Fr. Michelangelo da Marenella al ministro provinciale, Manaus, 24, aprile, 1959.

Foligno, por dom Lombardi, núncio apostólico no Brasil.[761] Antes de regressar ao Amazonas, foi constrangido a recuperar-se na policlínica Gemelli, de Roma, para submeter-se a uma cirurgia; finalmente, em fevereiro de 1962, pôde retomar a estrada da missão e, no dia 8 de março, oficialmente tomou posse da prelazia. Levou consigo três novos missionários, os quais, com uma solene cerimônia, também celebrada na catedral de Foligno meses antes, foi-lhes entregue o Crucifixo, símbolo da atividade missionária.[762] O mais jovem dos três era Fr. Benigno de Grutti, de apenas 25 anos e poucos meses de sacerdócio; 25 anos tinha também Fr. Arsênio de Rivodutri, mas já era sacerdote havia dois anos;[763] não tão jovem, por sua vez, tinha quase 38 anos e sacerdote fazia 12, era Fr. Evaristo de Morano.[764]

De energias renovadas no Amazonas havia extrema necessidade; de fato, em 1961, após uma longa doença que lhe havia constrangido a permanecer na cama por quase oito meses, morria Fr. Silvestro de Pontepáttoli. Havia partido para a missão em 1940, tinha, por vinte anos, "trabalhado incansavelmente pela evangelização daquele povo", e ainda desempenhado o encargo de superior regular de 1948 a 1953.

---

[761] O evento foi amplamente divulgado pelos capuchinhos umbros que, pela ocasião, publicaram um opúsculo (*I Cappuccini Umbri nei 50 anni di Missione in Amazzonia a ricordo della Consacrazione episcopale di S. Ecc.za Rev.ma Mons. Adalberto Domenico Marzi Cap. Vescovo titolare di Sesina prelato nullius della Prelazia dell'Alto Solimões in Amazzonia-Brasile*, Foligno, 1961), que percorria os cinquenta anos de apostolado missionário, reconstruía a obra dos capuchinhos no Amazonas e as principais fases da carreira eclesiástica de Fr. Adalberto. Em apêndice, uma coletânea de mensagens de congratulações enviadas à Província Seráfica por parte das autoridades religiosas e políticas italianas. Uma crônica da consagração também se encontra em *Voce Serafica* 40 (1961), 27, 1-4, Consacrazione episcopale S. E. Mons. Adalberto Marzi Vescovo missionario.

[762] A missa foi celebrada por Fr. Miguel Ângelo de Marenella: Il Crocifisso a tre nuovi Missionari, In: *Voce Serafica di Assisi* 41/1 (1962) 7-9.

[763] Frei Arsênio foi ordenado sacerdote juntamente com Fr. Feliciano de Pantalla e Fr. Adriano de Grutti, no dia 2 de fevereiro de 1960, na igreja de Fontivegge, pelo bispo de Perúgia, dom Raffaele Baratta; a ordenação dos três capuchinhos foi a primeira celebrada pelo novo arcebispo de Perúgia, há apenas uma semana do seu ingresso na cidade: Un sogno divenuto realtà, In: *Voce Serafica* 39/9 (1960) 5.

[764] Frei Evaristo tinha sido diretor dos seminaristas de Gualdo e superior da mesma casa; antes de optar pela vida missionária, desempenhava o encargo de diretor dos jovens liceais de Spoleto: Il Crocifisso a tre nuovi Missionari, In: *Voce Serafica di Assisi* 41/1 (1962) 7-9.

Seu nome permanece ligado à fundação da residência de Atalaia do norte que, graças também à sua incansável atividade, passou de um vilarejo de poucos casebres a uma cidade reconhecida como tal pelas autoridades governamentais.[765] No ano seguinte, um outro grave luto atingiu a missão, que também perdeu Fr. Samuel de Intermésoli, com a jovem idade de 48 anos, e que desde fevereiro de 1962 havia sido designado pelos confrades superior da custódia.[766] Substituiu-o Fr. Tomás de Foligno, já assistente de Fr. Samuel; Fr. Tomás tinha 35 anos, portanto, era bastante jovem e, talvez, como escrevia *Voce Serafica* para sublinhar a sua inexperiência em terra missionária, "um entusiasta de última hora", mas julgado pelos confrades homem "do entusiasmo e da generosidade" e, por isso, ganhou logo sua confiança.[767]

Foi também nos inícios dos anos sessenta que o periódico dos capuchinhos umbros empreendeu uma campanha informativa contra a lepra; a escolha parece certamente relacionada à vontade de dom Marzi em construir um pequeno hospital no Alto Solimões, depois de ter tomado conhecimento das iniciativas de solidariedade aos leprosos levadas adiante, particularmente na Úmbria, por Lina Petruccioli.[768] Significativa foi a sugestão de Fr. Miguel Ângelo, que propôs ao ministro provincial de aceitar a assistência espiritual do leprosário de Manaus: "As irmãs franciscanas missionárias de Maria, que estão em São Raimundo, assumiram o leprosário? Encontram-se ainda sem capelão ou, melhor dizendo, as várias comunidades vão ali um dia na semana, nós, às quartas-feiras: estão rezando para que apareça alguém. Já nos falaram mais de uma vez: o custódio lhes disse para que pedissem por meio do bispo, para que se pudesse tratar do assunto: o bispo nos falou de viva-voz, disse que está disposto a nomear quem se apresentasse... se nós assumíssemos esta capelania, não seria uma bela resposta a toda

---

765 Scomparsa una grande figura di missionario. P. Silvestro da Pontepáttoli, In: *Voce Serafica* 40/17 (1961) 2.

766 Grave lutto, In: *Voce Serafica di Assisi* 41/11 (1962) 137-139. Fr. Samuel, improvisamente, faleceu em 21 de setembro de 1962. Um breve perfil biográfico e uma coletânea de cartas enviadas aos parentes e ao ministro provincial in: V. Di Carlo, Vita di P. Samuele Di Diodato e P. Geremia Di Nardo, 21-60.

767 Tommaso da Foligno. Il nuovo Superiore della nostra Missione, In: *Voce Serafica di Assisi* 42/2 (1963) 22.

768 M. Collarini, *Mons. Adalberto Marzi da Spello*, 9.

esta campanha que se faz em prol dos leprosos? Em vários lugares do Brasil encontram-se os capuchinhos: não sei se o frade custódio já lhe escreveu a propósito".[769]

A ideia de se construir um hospital ganhou corpo em 1964; dom Marzi trabalhou incansavelmente, tanto do ponto de vista administrativo como funcional, para instalar o hospital; pouco tempo depois, a unidade entrava em funcionamento, ainda que apenas como ambulatório, mas só a partir de 1970 entrou em funcionamento como hospital, com leitos, sala cirúrgica, radiologia e sala de parto.[770] Em 10 de outubro de 1962 encontramos dom Marzi novamente na Itália, em Roma, para a abertura do Concílio Vaticano II, e que estará presente também nas assembleias da segunda e da quarta sessões.

3. O Concílio Vaticano II e a Missão dos Capuchinhos umbros

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, a Igreja Católica na América Latina se encontra dotada de novos meios que lhe permitem desempenhar um crescente papel na sociedade; em 1952 nasce a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), enquanto que, em 1955, por ocasião do 36.º Congresso Eucarístico Internacional, no Rio de Janeiro, desenvolve-se a primeira conferência geral do episcopado latino-americano.[771] Da Conferência do Rio de Janeiro, vem à luz o Conselho Episcopal Latino-americano (Celam), órgão de conexão permanente entre as 22 conferências episcopais do subcontinente, cuja criação é aprovada por Pio XII em 2 de novembro de 1955. Bem cedo, o Celam estreita laços com a Confederação Latino-Americana dos Religiosos (Clar) e com a Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL), ambas instituídas em Roma em fins dos anos cinquenta

---

[769] APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 2, M-P, Fr. Michelangelo da Marenella al ministro provinciale, Manaus, 25, maggio, 1966.

[770] Em 1976 o hospital foi cedido pela prelazia ao governo, segundo um princípio disposto a dar às autoridades civis do lugar a responsabilidade pelos serviços essenciais a uma sociedade moderna: M. Collarini, *Mons. Adalberto Marzi da Spello*, 9.

[771] O. Compagnon, L'America Latina, in Storia del Cristianesimo. Religione-Politica-Cultura, a cura di J.M. Mayeur, vol. 13, *Crisi e rinnovamento dal 1958 ai giorni nostri* (edizione italiana a cura di A. Riccardi), Roma, 2002, 478.

para buscar oferecer uma resposta unitária aos problemas políticos, sociais e econômicos do subcontinente.[772] Trata-se, portanto, de igrejas já operantes que, no outono de 1962, encaram o concílio desejado por João XXIII. Não se pode dizer que desempenhem um papel preeminente, proporcional à sua importância na Igreja universal (35% dos católicos no mundo, por volta de 1960), mas nem por isso insignificante. Contrariamente ao Vaticano I, concílio europeu e eurocêntrico, o Vaticano II marca o ingresso do Terceiro Mundo na vida da Igreja universal.[773]

A América do Sul, com 27 indicados, estava muito atrás da Europa, mas assumia um posto importante no concílio; o Brasil, sozinho, dispunha de sete membros distribuídos em sete comissões; além do mais, pelo menos duas personalidades parecem desempenhar um papel particular nos debates: de um lado, dom Manuel Larraín, bispo de Talca, no Chile, desde 1939 e presidente do Celam de 1963 a 1966, que está convicto do papel atribuído aos cristãos em matéria de reforma social; de outro, dom Hélder Pessoa Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro e futuro arcebispo de Olinda e Recife, no Brasil (março de 1964), já assistente eclesiástico nacional da Ação Católica brasileira, que outrora era ligado ao integralismo dos anos trinta, mas que no início dos anos sessenta encarna a vanguarda de um catolicismo brasileiro profundamente renovado. Mas certamente não são esses os dados importantes, o essencial está na recepção do Vaticano II na América Latina: de fato, se o concílio foi acompanhado com a máxima atenção no subcontinente, o certo é que abre novas vias, mas também porque faz ressoar reflexões que alguns episcopados latino-americanos, às voltas com um contexto muito particular, tinham-nas antecipado ou intuído anos antes.[774]

Também a história da missão dos capuchinhos umbros oferece, nesse sentido, uma confirmação precisa: basta ler, por exemplo, as reflexões dos missionários às vésperas da publicação da encíclica de João XXIII *Princeps pastorum*, que colocará em evidência as novas fronteiras a se buscar e atingir em terras de missão. Em uma estreita comparação

---

[772] *Ibidem.*
[773] *Ibidem.*
[774] Ivi, 479.

entre as instâncias da encíclica papal e a realidade da situação missionária no Alto Solimões, emergia o atraso e a estrada a ser percorrida para se construir, em modo estável, conforme recomendado pela *Princeps pastorum*, a Igreja missionária e confiá-la a uma hierarquia própria, eleita entre os cristãos do lugar. No curso de cinquenta anos, apenas três jovens haviam chegado ao sacerdócio; dificuldades de ordem moral e social tinham impedido o desenvolvimento das vocações, e toda a atividade dos missionários voltada à juventude estava concentrada na educação. Escolas e igrejas surgiram abundantemente, a tal ponto que era reconhecido por todos "que tudo o que há de civil no Alto Solimões foi graças exclusivamente à obra dos nossos heroicos missionários",[775] mas era necessário ainda trabalhar muito para criar condições a fim de que, "nas novas cristandades, fossem formados homens e mulheres aptos a assumir, cada qual segundo as próprias condições e possibilidades, suas responsabilidades na vida e no futuro da Igreja".[776]

Desde o início dos anos sessenta, inúmeros outros exemplos atestam essas novas preocupações por parte de um clero cada vez mais sensível às questões sociais e econômicas: assim, aparece no Nordeste do Brasil, por iniciativa de alguns frades e bispos, o movimento de educação popular, que depois se espalha por todo o país; trata-se de remediar o analfabetismo e de tornar conscientes as massas rurais, premissa necessária a qualquer transformação social e, ao mesmo tempo, potencial baluarte diante da temida expansão do comunismo.[777]

Em tal contexto evolutivo, o encerramento do Vaticano II corresponde a um dúplice desafio para as Igrejas do subcontinente: aplicar os grandes princípios conciliares, mas levando em conta as especificidades da América Latina, em particular no que diz respeito ao desenvolvimento e à justiça social. É na perspectiva dessa dialética, pastoral, social e econômica, que se encaminha o período pós-conciliar.

O eco dessas novas exigências se faz ouvir rapidamente, por exemplo, no primeiro encontro de pastoral das missões indígenas de Melgar (Colômbia, 1968), que tenta recolocar o índio ao centro das preocupações eclesiais; registra-se, então, uma retomada de iniciativas

---

775 Il Papa e la nostra Missione, In: *Voce Serafica* 39/2 (1960) 3.
776 *Ibidem*.
777 O. Compagnon, *L'America Latina*, 480.

em vista a renovar os procedimentos e o funcionamento das igrejas latino-americanas, ansiosas de colocar-se em total acordo com o tempo moderno.[778] Além do mais, a décima assembleia geral do Celam, que ocorre de 11 a 16 de outubro de 1966 na estação balneária argentina de Mar del Plata, escolhe por tema de reflexão "O papel da Igreja no desenvolvimento da América Latina", e publica uma declaração final sem ambiguidades sobre o papel que já assumem os episcopados latino-americanos;[779] é a época em que o episcopado brasileiro desempenha um papel de primeira linha no Celam, infundindo no Conselho o dinamismo da Igreja considerada a mais progressista e renovadora da América Latina.

É nesse *humus* de várias componentes, representativo do contexto tão particular dos anos sessenta na América Latina, que a Igreja popular, as comunidades eclesiais de base (CEBs) e a teologia da libertação aprofundarão suas raízes, a partir do impulso decisivo dado pela Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Ameicano de Medellín.[780] A conferência ocorre de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968, logo após o 39.º Congresso Eucarístico Internacional de Bogotá – o primeiro da era pós-conciliar – ao qual assistiu Paulo VI, que se tornou assim o primeiro papa a viajar para a América Latina. Se ao início se trata de aplicar as conlusões do concílio e as recentes encíclicas, em especial a *Populorum progressio*, à situação particular do subcontinente, a evolução dos trabalhos da conferência conduz na realidade a uma releitura da problemática da "Igreja no mundo", que se torna a "Igreja no Terceiro Mundo".[781] Medellín define, ante de mais nada, "a opção preferencial pelos pobres", isto é, o empenho oficial, e não privo de profetismo, dos episcopados latino-americanos em via da "libertação integral" dos oprimidos.[782] Mas em Medellín há também a denúncia das estruturas

---

[778] *Ibidem.*

[779] "Diante da realidade que se tornou gritante de tantos nossos irmãos que sofrem com a fome, que vivem na indigência, privados de tudo, às margens da cultura comum, e diante de uma crescente população e uma juventude que põe problemas, mas é portadora de esperanças, ninguém pode se subtrair às suas responsabilidades": ivi, 484.

[780] Ivi, 484.

[781] *Ibidem.*

[782] "O episcopado latino-americano não pode ficar indiferente diante das imensas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maior parte de seus povos

de domínio político e econômico, dos regimes militares e do capitalismo, um apelo a "tornar conscientes" as massas e a favorecer uma transformação radical das sociedades latino-americanas.

Esses são os grandes princípios do documento, que dirige um apelo em vista de uma pastoral não apenas renovada, mas decididamente comprometida, a qual põe implicitamente a questão do fato político, enquanto abre estrada para leituras que podem chegar mesmo à subversão.[783] A estrada é livre para o florescimento, de um lado, de uma igreja popular e das comunidades eclesiais de base (CEBs), de outro, da teologia da libertação. As CEBs são a expressão concreta da reforma que os órgãos dirigentes do Celam evocam em Medellín. Surgidas na primeira metade dos anos sessenta, antes mesmo da definição da opção preferencial pelos pobres, conhecem um crescimento vigoroso após 1968, inicialmente no Brasil por causa das redes de educação popular sempre dinâmicas, e em seguida em escala continental, mesmo que em proporções menores. Por vezes independemente de todo impulso das hierarquias locais, mas sempre com o seu consenso, tais comunidades nascem em um vilarejo, um bairro, uma estrada, ou mesmo em um edifício, contam com vinte, cinquenta ou até cem membros, e encontram um terreno privilegiado nas camadas mais desfavorcidas da população. De fato, inauguram novas maneiras de praticar a fé, distantes dos lugares de culto tradicionais e às vezes até fora da mediação do clérigo.[784] Se a igreja dos pobres sonhada em Medellín encontra nas CEBs o seu referencial prático, é por meio da teologia da libertação que adquire uma formulação teórica, cuja novidade e caráter radical contribuirão para uma das principais controvérsias religiosas dos anos setenta e oitenta.

---

em uma dolorosa pobreza, frquentemente à beira da miséria inumana. Um profundo grito surge de milhões de pessoas, que pedem aos seus pastores uma libertação que não lhes atinge de nenhuma parte":ivi, 485.

[783] "Em vários lugares, a América Latina se encontra em uma situação de injustiça, que se pode chamar de violência institucionalizada. [...] Não é de se admirar que na América Latina nasça a 'tentação da violência'. Não se tem o direito de abusar da paciência de um povo que suporta, por anos, uma condição de dificilmente aceitariam viver aqueles que têm uma consciência mais viva dos direitos humanos": *Ibidem.*

[784] Ivi, 485-486.

Em seu relatório ao capítulo provincial de 1973, o Vice-Provincial lamentava "um certo desencorajamento e cansaço, talvez pela solidão [...], pelo trabalho que aumenta [...], pela falta de atualização sobre a atual doutrina da Igreja".[785] Na verdade, dom Marzi não deixou de organizar encontros de atualização pastoral; em julho de 1971, convocou por seis dias seus missionário em Benjamin Constant para refletir, conduzidos por um especialista, sobre o sacerdócio, as vocações, os jovens, à luz dos documentos conciliares. Escreve Fr. Pio de Casacastalda que o jovem religioso convodado pelo bispo tinha aberto "diante de nossos olhos o método de um novo apostolado [...], com quadros explicativos mostrou claramente a Igreja que surge, a Igreja antes do concílio e a Igreja do pós-concílio, incutindo em nós, sacerdotes, aquele espírito de fé e coragem que deve hoje orientar o sacerdote".[786]

4. A residência de Teresópolis em Vale Paraíso

Na metade dos anos sessenta, a aspiração havia muito ventilada em se adquirir uma nova casa onde acolher os confrades que necessitassem de abandonar, ao menos por um certo período, o clima úmido e asfixiante da Amazônia, parece realizada em virtude do consistente empenho financeiro da província, e Fr. Tomás, o novo custódio, comunica satisfeito a notícia ao frade provincial.

Por muitos anos, os missionários capuchinhos umbros tinham usufruído da hospitalidade dos confrades milaneses, no Ceará, mas, como escreveu Fr. Miguel Ângelo, apesar da requintada acolhida, muitos dos frades doentes tiveram de experimentar como era duro "subir e descer pelas escadas alheias...".[787] Foi o próprio Fr. Miguel Ângelo, no Rio de Janeiro, para participar de um congresso para diretores

---

[785] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* p. Silvano Monini, Relazione della Viceprovincia dell'Amazzonia nel Capitolo provinciale dell'anno 1973, Assisi, 12, luglio, 1973, 6.

[786] APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale,* 2, M-P, p. Pio da Casacastalda al ministro provinciale, Benjamin Constant, 10, luglio, 1971.

[787] Ivi, p. Michelangelo da Marenella al ministro provinciale, Benjamin Constant, 15, dicembre, 1966.

espirituais da Legião de Maria, quem efetivou a compra.[788] Também o provincial Fr. Gesualdo Onofri aprovou a aquisição e escreveu em seu relatório, após a visita à Vice-Província: "É o lugar ideal para se transcorrer um período de repouso e revigoramento; a sua escolha foi realmente acertada. Os religiosos enviados por obediência a Teresópolis podem exercer seu ministério sacerdotal na zona, muito pobre de clero, mesmo sem assumir empenhos de grande porte".[789] A nova casa foi instalada assim em Teresópolis, uma cidade com cerca 70.000 habitantes, no Estado do Rio de Janeiro; distante cerca de 92 quilômetros da antiga capital federal, mas está ligada por um serviço contínuo de ônibus; cerca de duas horas de viagem, para se chegar a tal cidade, situada cerca de 900 m acima do nível do mar, famosa em todo o Brasil pelo seu clima tonificante e seco.

A casa dos capuchinhos localizava-se na periferia, não muito distante do centro da cidade, num lugar que, dada sua natureza exuberante, era chamado "Vale Paraíso"; uma construção bastante moderna, não muito espaçosa, mas com o tempo, era intenção dos missionários ampliá-la. No entanto, já a partir de abril de 1967, Fr. Roberto se encontrava em Teresópolis, com o encargo de preparar a nova casa para acolher os confrades que se dirigiam ali para transcorrer um período de repouso.[790] No mais, o quadro desenhado por Fr. Tomás ao provincial parece confortante; em Manaus, uma cidade em contínua expansão demográfica, a tal ponto que se encaminhava para atingir os 300.000 habitantes, as exigências de apostolado se multiplicavam, mas ali residiam seis missionários: Fr. Miguel Ângelo de Marenella, pároco de São Sebastião e vigário da casa, Fr. Tomás de Foligno, custódio e superior, Fr. Ludovico de Leonissa, Fr. Filipe de Montenero, Fr. Sílvio de

---

[788] Ivi, Rio de Janeiro, 22, gennaio, 1967.

[789] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, Relazione sulla visita alla Viceprovincia della Amazzonia effettuata dal Provinciale dei Frati Minori Cappuccini dell'Umbria p. Gesualdo Onofri (15 gennaio – 15 marzo 1974), Assisi, 25, marzo, 1974, 19.

[790] A nova casa era composta por três quartos, um banheiro, uma sala de jantar bastante ampla, uma sala igualmente espaçosa e inicialmente utilizada como capela interna; havia também um cômodo, dotado de banheiro, para o caseiro: ivi, Tommaso da Foligno, *Relazione della Custodia Cappuccina dell'Amazzonia (1965-1966)*, Teresópolis, 16, giugno, 1967, 1.

Arezzo, Fr. Alberto de Manaus; também fazia parte da fraternidade Fr. Félix de São Paulo de Olivença, enquanto que Fr. Pio de Casacastalda passava bem pouco tempo em Manaus, empenhado em sua atividade de ecônomo da prelazia e da custódia.

Uma certa preocupação suscitava o comportamento de Fr. Alberto, que também ensinava, com ótimos resultados, na Faculdade de Filosofia da Universidade local e dirigia a Igreja de *Nossa Senhora de Fátima*, que já tinha atingido as exigências de uma paróquia; "um bom sujeito", mas que, segundo frei Tomás, jamais havia se adaptado "à nossa vida de frades". "Vive uma vida toda sua, completamente alheia à vida conventual" – escreve ainda frei Tomás – e, apesar das exortações e conselhos, persistia em "sua vida solitária, talvez por certa antipatia aos estrangeiros".[791] A única estrada, segundo o custódio, era a de "falar-lhe claro e – conclui – caso quisesse permanecer em sua vida independente, creio que o melhor seria convidá-lo a escolher a vida de padre diocesano".[792] Assim se comprometia Fr. Tomás de encarar o caso na próxima visita canônica em Manaus.

O momento era empenhativo. Nos rastros do concílio, toda a Igreja estava em fermento, era necessário atualizar-se, especializar-se, e também em Manaus não faltavam ocasiões, como as oferecidas pela *Conferência dos Religiosos do Brasil* (CRB), mas que, por falta de pessoal e dos constantes compromissos paroquiais, os capuchinhos umbros não puderam se valer.[793]

---

791 APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale,* 4, T-U-V, p. Tommaso da Foligno al ministro provinciale, S. Paulo de Olivença, 16, marzo, 1966.

792 "Quando um pobre coitado – escreve ainda Fr. Tomás – não se sente mais de viver a nossa vida, não seria um ato de caridade ajudá-lo a escolher uma outra mais acessível às suas condições?": *Ibidem.* De fato, sabemos que, em 1970, Fr. Alberto abandonou a Ordem, regressando à vida secular. Cf. APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* p. Pio da Casacastalda, Relazione della Custodia dell'Amazzonia nel Capitolo provinciale del 1970, Assisi, 27, giugno, 1970.

793 Dentre as novidades, Fr. Tomás recorda a aquisição de um terreno com casa, contíguo ao Jardim da Infância Adalberto Valle, que deveria servir para a construção de "um pequeno seminário, tão necessário para nossa atividade vocacional"; enquanto isso, para se ter um retorno das despesas realizadas para a compra, a casa era alugada. Também estava em fase de reforma o chamado "casarão", com a disposição de alguns quartos. Uma outra novidade foi a aquisição de uma Rural-Willis, para as novas necessidades de transporte dentro da paróquia. Todas as despesas foram favorecidas pela contínua desvalorização da moeda brasileira: "[...] um dos motivos principais

A grande expansão demográfica da capital amazonense era, em grande parte, consequência do êxodo das zonas internas; justamente na metade dos anos sessenta, cidades como São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, conheciam uma queda de população preocupante; em São Paulo de Olivença, onde residia dom Marzi, juntamente com Fr. Silvestre de Palata e Fr. Arsênio de Rivodutri, segundo consta no relatório de Fr. Tomás, a miséria aumentava e, com esta, as doenças. Também o governo parecia se retrair, e restava à prelazia distribuir remédios, alimentos, roupas e, sobretudo, a continuar a instruir os jovens; o governo, nos últimos anos, não tinha mais pago os professores do colégio, e coube à prelazia saldar "este débito com uma despesa superior aos dez milhões de cruzeiros".[794] Em Amaturá, onde atuavam Fr. Benigno de Grutti e Fr. Henrique de Rivodutri, haavia algum tempo se registrava a migração de famílias inteiras rumo a Manaus, "com a esperança de ali encontrar trabalho melhor remunerado e ensino mais adequado para os filhos"; também na cidade, por iniciativa dos missionários, funcionavam uma marcenaria, uma serraria, uma fábrica de tijolos e, além disso, uma escola, com mais de duzentos alunos. Talvez o impulso de abandonar a localidade vinha do aumento dos doentes de lepra, um fenômeno que, infelizmente, segundo o testemunho dos missionários, dilatava-se cruelmente em todo o Alto Solimões.

Em Tonantins, por exemplo, o fenômeno era macroscópico, e o perigo de contágio, enorme: "neste pequeno centro – escreve Fr. Tomás – grande parte do comércio encontra-se nas mãos de pessoas contagiadas por esta doença, e ninguém diz nada; ao contrário, falar seria motivo de grandes dores de cabeça até para o missionário, que poderia atrair para si o ódio dos leprosos da zona".[795] Fr. Francisco de Lábrea, que morava em Tonantins, era forçado a fazer um pouco de tudo: sacerdote, construtor, enfermeiro e, por vezes, também cirurgião, sem

---

que nos levou a tal compra – escreve Fr. Tomás, em relação à compra do terreno e da casa – foi a contínua desvalorização da moeda brasileira, como também o risco de uma não muito remota inflação. Em vista deste perigo, pensou-se na compra do imóvel": ivi, Tommaso da Foligno, *Relazione della Custodia Cappuccina dell'Amazzonia* (1965-1966), 2.

794 *Ibidem*.

795 Ivi, 4.

deixar de lado a direção da escola, com quase trezentos alunos e aulas de manhã até a noite; essa intensa atividade social, contudo, limitava o serviço religioso e, assim, Fr. Francisco, já havia algum tempo, não conseguia emprennder a *desobriga* anual ao longo dos rios da paróquia.[796] Contrária era a situação que se constatava em Benjamin Constant, onde o crescente aumento populacional havia provocado o surgimento de problemas que antes não existiam ou, pelo menos, não eram tão notórios. Para enfrentá-los, constituiu-se uma família reliosa de quatro missionários: Fr. Silvano de Città di Castello, superior da casa, e Fr. Fulgêncio de Grello, que eram os responsáveis pela atividade pastoral na cidade, enquanto Fr. Evaristo de Morano e Fr. Miguel Arcanjo de Manaus se ocupavam das *desobrigas* ao longo dos rios e do serviço religioso nas várias capelas distribuídas pelo território da paróquia.[797]

Assim, somavam dezoito os missionários no Amazonas, em fins dos anos sessenta; um número que, certamente, salientava Fr. Tomás, poderia se julgar suficiente se, contudo, todos os missionários gozassem de boa saúde. Ao contrário, prossegue o custódio provincial, "a metade destes frades está doente e precisa de médico, de remédios e, sobretudo, de repouso", mas não de uma breve pausa: "Um pobre frade acometido de verminose ou do fígado, ou mesmo de malária – prossegue Fr. Tomás – não pode estar apto para retomar seu trabalho apenas dois ou três meses de repouso, é necessário muito mais para voltar as energias a alguém que as perdeu nestas florestas amazônicas".[798] A solução, portanto, seria o revesamento; as ajudas materiais, os meios de transporte mais velozes, eram algo ótimo, mas, segundo frei Tomás, o melhor seria se o missionário trabalhasse menos: "Muito trabalho apostólico desgasta as energias e diminui o entusiasmo", escreve ainda Fr. Tomás, que conclui seu relatório com a enésima solici-

[796] *Ibidem*.

[797] Fr. Tomás, em seu relatório, detinha-se particularmente no ótimo trabalho de Fr. Fulgêncio em relação aos jovens: "O seu caráter aberto e alegre, a sua predilação pelo esporte, demonstram-se um valiosíssimo instrumento para reunir vários jovens que antes estavam distantes da igreja e dos sacramentos". Também em Benjamin Constant não estava ausente a lepra, e Fr. Silvano estava realizando a construção de algumas casas para hospedar "os pobres contagiados por esta terrível doença": ivi, 3.

[798] Ivi, 5.

tação à província para que enviasse ao Amazonas "algum frade a mais", porque a missão "tinha muita necessidade.[799]

5. Necessidade de uma renovação "sã, serena e progressiva"

Por ocasião da visita à custódia (1969), o ministro provincial, Fr. Evangelista de Foligno, enviou a todos os missionários um questionário com 22 perguntas, às quais os missionários responderam, uns em modo mais extenso e outros em modo mais sintético, para oferecer ao ministro e toda a província indicações a respeito das modalidades de levar adiante uma atividade missionária cada vez mais empenhativa, e que o ar do concílio exigia de regenerar e transformar.[800] Das 22 perguntas do questionário, umas dizem respeito a notícias biográficas, além dos meios de sustento da atividade pastoral, além ainda da relação entre prelazia e custódia, mas, certamente, as mais interessantes são as que pedem um parecer pessoal do missionário acerca do apostolado, da organização da custódia e da vida religiosa; ou ainda aquelas que insistem na necessidade ou não de se instituir um seminário, uma vez que era cada vez mais difícil enviar os seminaristas a outros Estados "dados os levantes dos capuchinhos brasileiros".[801] Frei Miguel Ângelo, por exemplo, se sentia "insuficiente" para explicar e adotar as diretivas pós-conciliares, mas exprimia a convicção de que era necessário "ter

---

[799] *Ibidem.*

[800] Segundo a *Statistica personale dei Religiosi Cappuccini della Provincia Serafica*, Assisi 1968, 32, naquele ano os frades presentes na custódia eram 20, incluindo dom Marzi; in APCA, além do questionário, são conservadas as respostas de Fr. Miguel Ângelo de Marenella, Fr. Roberto de S. Severino, Fr. Francisco de Lábrea, Fr. Silvano de Città di Castello, Fr. Benigno de Grutti, Fr. Alberto de Manaus, Fr. Filipe de Montenero, Fr. Henrique Sampalmieri, Fr. Arsênio de Rivodutri, Fr. Reinaldo de S. Salvo, Fr. Sílvio de Arezzo, Fr. Jeremias de Intermésoli; os dois últimos são, sem dúvida, os mais sintéticos nas respostas, ainda, Fr. Jeremias as anota junto às perguntas do questionário, enquanto que todos os outros as anexam. Não constam como guardadas as respostas de: Fr. Pio de Casacastalda, Fr. Tomás de Foligno, Fr. Silvestre de Palata, Fr. Evaristo de Morano, Fr. Miguel Arcanjo de Manaus, Fr. Fulgêncio de Grello e do irmão leigo Leone de Palermo.

[801] É quanto escrevia Fr. Francisco de Lábrea respondendo ao questionário, com evidente alusão à difusão na Ordem de correntes teológicas consideradas perigosas.

essa atualização, serena e progressiva", para não ficar "à margem desta Igreja que caminha e se renova e afronta a realidade e o mundo sob um novo aspecto". Afirmava estar a par de que em várias dioceses do Brasil surgiam comunidades de sacerdotes seculares, que viviam na mesma casa, colocavam em comum o que ganhavam e que viviam "um espírito de singular pobreza". Seu desejo, embora não se esquecendo das dificuldades, era o de "adentrar ainda mais na "sã, serena e progressiva renovação".[802] Parece nenos convicto a respeito do novo conceito de Igreja local, em torno ao seu bispo, elaborado pelo concílio; Fr. Miguel Ângelo tinha sua opinião, que afirmava ter tomado de um padre lazarista do Pará: "A mentalidade a que se formam os nossos prelados é errada, ao se considerarem únicos responsáveis pela prelazia [...]. Há o conceito da Igreja conciliar, do bispo com seu presbitério [...], mas aqui nos encontramos numa prelazia que não é Diocese".[803]

A respeito da abertura de um pequeno seminário em Manaus, declarava estar de acordo, mas julgava necessário mudar "o conceito de seminário"; ultimamente, os missionários tinham enviado os jovens da prelazia em parte no Ceará, e em parte em Santarém; Fr. Miguel Ângelo pôde verificar a profunda diferença no modo de agir e de pensar dos seminaristas: "Nota-se uma diferença bem grande entre os jovens que estudaram no Ceará, seminário tipo italiano, daqueles outros dois que estudaram com os americanos em Santarém. Durante as férias, aqueles do Ceará passavam as tardes jogando na varanda, organizando passeios; [...] aqueles de Santarém, várias vezes vinham perguntar o que havia para fazer, se podiam eles fazê-lo".[804]

Frei Roberto de S. Severino faz um desabafo, sobretudo estigmatizando a diferença de tratamento por parte da província entre a paróquia de São Sebastião e o resto da missão. Muito se preocupava com a missão e pouco, a seu parecer, com São Sebastião: "A paróquia de São Sebastião foi confiada à nossa Ordem, como a nossa Ordem foi confiada a prelazia do Alto Solimões. Portanto, igual responsabilidade por parte da nossa província". Em seu modo de pensar, sublinhava

---

[802] APCA, *Sacra Visita alla Custodia dei cappuccini dell'Amazonas. A.D. 1969 – Questionario-Risposte di p. Michelangelo da Marenella*, 4.
[803] Ivi, 5.
[804] Ivi, 6.

que, no fundo, salvo uma presença protestante, na missão eram quase todos católicos, e, quem não era, conhecia também o missionário, respeitava e escutava-o; em Manaus, ao contrário, havia "todas as religiões e muitíssimos indiferentes, não batizados, amigados, comunistas antirreligiosos". Equivocada era a opção de manter em Manaus os religiosos mais idosos ou doentes, isso impedia uma organização da paróquia e não permitia acompanhar mais adequadamente os jovens.[805] A sua impressão era de "uma grande separação entre os missionários de São Sebastião e os do Alto Solimões". "Da missão – prosseguia – se despreza Manaus, quando a vida do missionário de Manaus é muito mais sacrificada que a do missionário do Alto Solimões".[806] Portanto, não muito submissamente, Fr. Roberto chamava a província a se interessar mais pela paróquia que tinha, segundo ele, absoluta necessidade era de "ao menos dois jovens sacerdotes, preparados na pastoral, zelantes e de bom exemplo, que saibam assumir a responsabilidade de uma grande paróquia na cidade e estar em contato com toda classe de pessoas. "Isso porque todos acorrem ao capuchinho".[807] À base dessa insatisfação, estava a dificuldade de se afrontar a realidade urbana da parte de um frade que jamais tivera a oportunidade de se confrontar com gente de uma certa cultura e posição social, que antes de escolher a vida missionária havia transcorrido a vida "recluso nos colégios" e que, uma vez na missão, havia se dedicado sobretudo "à agricultura, a *desobrigas* e às visitas em domicílio de famílias religiosamente fracassa-

---

[805] Fr. Roberto não poupa censuras aos confrades e, sem citar nomes, avalia a comunidade paroquial de São Sebastião: "É verdade, responde, que à mesa da família constam vários religiosos, mas... há quem não se vê nem de dia, nem de noite, outro que é ecônomo da prelazia e assim... não se pode contar, está um dia, e outros dez, não; um terceiro deve se ocupar do hospital e, portanto, não se pode contar; um quarto tem vários compromissos fora que nem o radar dos astronautas poderá encontrá-lo durante o dia; um quinto é cego, doente e sem nenhuma prática da vida paroquial na cidade; um último, todos veem que tem necessidade de repouso": ivi, *Risposte di p. Roberto da S. Severino*, 1.

[806] Para sustentar a sua posição, Fr. Roberto não poupa exemplos que, em seu ponto de vista, demonstravam o forte desfoque da província: "Quando chegam coisas da Itália, como chocolate *Perugina*, sardinhas, sabonetes e outras miudezas, são distribuídos apenas na missão, e nada para os frades de Manaus. Dizem que é porque leva-os o prelado... mas não é a província que os manda? São pequenas coisas mas... para demonstrar o que estava dizendo": *Ibidem*.

[807] *Ibidem*.

das"; não conseguia se adaptar, enfim, à vida da cidade e a percepção da sua insuficiência, provavelmente, provocava nele uma crise de consciência e uma certa inquietude.[808]

O problema mais obsessivo para Fr. Francisco de Lábrea, que residia em Tonantins, era o da solidão e da subsistência;[809] vivia com a remuneração que recebia como professor da escola e com as ofertas das celebrações dos batismos e matrimônios; além do mais, o estipêndio não chegava todos os meses, era necessário esperar que alguém viajasse de Manaus para levar-lhe. Por isso, frequentemente era constrangido a comer "arroz e enlatados, porque não se encontra carne nem peixe e nem se acha onde comprar outras coisas". Lamenta também uma escassa atenção por parte dos frades de Manaus; às vezes, Fr. Pio ajudava-lhe, comprando "caixas de gêneros alimentícios", contudo, mais frequentes, eram as ajudas que devia pedir aos próprios parentes.[810] Considerava urgente a abertura de um pequeno seminário em Manaus, mas não achava que fosse idôneo para tal fim o "Casarão", porque situado no centro da cidade, lugar muito barulhento e pouco adequado "para uma sã recreação dos jovens".

O maior desejo de Fr. Silvano de Città di Castello era o de ter "um barquinho e um remo e percorrer todos os rios confiando na Providência, seja para comer, seja para a saúde, sem pressa, passando

---

[808] "O esforço que faço para me adaptar parece que me faz mal e que influencia o meu diabetes. Porém, obedeço, não peço nada e faço o que posso fazer. Disse este particular da minha vida para responder à pergunta: Quais as suas dificuldades?". Ivi, 2.

[809] Respondendo à pergunta n. 7 – Tem desejos com relação ao apostolado? Tem sugestões? Faça-as em total liberdade –, escrevia: "Não sei o que dizer, sinto-me tão disperso, só, sem nenhum meio de comunicação, sem correios, tão distante de todos. Passei meses e meses sem saber notícias de nenhum dos meus confrades. O que posso fazer? Missas, batismos, matrimônio, escola, confissão dos jovens...": ivi, *Risposte di p. Francesco de Lábrea*, 2.

[810] "No passado, quando manifestei o desejo de comprar algo necessário para a casa, vi más reações, então perdi a coragem para pedir outra coisa mais [...] Todos os anos vou a Manaus para comprar material escolar. Mas ninguém em Manaus se interessa por mim". A maior contribuição recebeu justamente de Fr. Evangelista, por ocasião da visita canônica: "A maior ajuda foi de 600 cruzeiros que o mto. rev. frei provincial Evangelista me deu agora em Manaus. Esse dinheiro me tirou uma grande preocupação [...] Fiquei muito contente. Quis pedir ainda alguns cruzeiros a mais para me ajudar a pagar as prestações de um motor de popa [...], mas me parecia um abuso de tanta bondadde": ivi, 3.

meses e meses em meio aos habitantes do lugar, ensinando-os a rezar, lendo-lhes o Evangelho, alguma vida de santo e mesmo uma história ou romance e, assim, passar de rio em rio até que todos saibam rezar". Não entendia, contudo, o novo clima conciliar: "Sou contrário a todas essas novidades apressadas em querer organizar a Diocese como as italianas ou europeias, com todos os secretariados e subsecretariados, comissões e subcomissões, reitores e sub-reitores de liturgia, de pastoral, de catequese [...] Folhas e mais folhas de papel, escritos quase sempre contraditórios entre si, maços de papel de burocracia [...] que servem somente para esgotar os nervos, fazer perder tempo e confundir as ideias". Segundo Fr. Silvano, Cristo se manifestou no Amazonas "1.500 anos ou mais depois de Roma [...], então, por que pretender que aqui se viva igual e com as mesmas organizações da Europa?".[811]

Também Fr. Benigno de Grutti, pároco de Amaturá, tinha as ideias claras; considerava como principal tarefa dos missionários "fundar a Igreja viva nestes lugares e o clero que deverá guiá-la. Depois, termos que nos retirar em ordem". Apoiava a ideia de um seminário "ao modo moderno" em Manaus, mas não via mal na instituição de um seminário regional, em acordo com todas as outras ordens e congregações; por isso, pedia para se fazer contato com os redentoristas de Belém, que estavam refletindo justamente sobre a instituição.[812]

Fr. Henrique de Rivodutri, também ele residente em Amaturá, sublinha a necessidade de uma melhor organização e, sobretudo, de "algum missionário a mais"; era convicto de que se deveria proceder a projetos a longo prazo, trienais ou quinquenais, de modo a programar trabalhos e intervenções. Ao invés disso, segundo sua opinião, tudo acontecia um pouco ao acaso: "construções e apostolado ao mesmo tempo, por isso o frade passa mais tempo nos telhados que na igreja, muitas construções contemporaneamente em todos os lugares, por isso é difícil reunir-se um certo tempo e em um lugar certo".[813] Mas do que ele lamentava a falta, era a possibilidade, para os frades, de se confessarem: "o meu desejo mais forte é a confissão: sente-se justamente o desejo, às vezes, de um outro frade, de ouvir outras palavras, mas

[811] Ivi, *Risposte di p. Silvano da Città di Castello*, 2.
[812] Ivi, *Risposte di p. Benigno da Grutti*, 4-5.
[813] Ivi, *Risposte di p. Enrico da Rivodutri*, 2.

como?" A sua proposta era a de se valer de um outro frade que viajasse e visitasse as residências missionárias, mas acabava se dando conta de que as distâncias e o número dos missionários tornavam tal esperança irrealizável.[814]

Fr. Arsênio de Rivodutri, que tinha herdado a missão de evangelizar os índios Ticuna de Fr. Jeremias, regressado à Itália por motivos de saúde, mostra-se totalmente concentrado em seu novo apostolado: "é necessário implantar a igreja entre os índios, dentre os quais já se começa a sentir a influência dos protestantes americanos, muito fortes economicamente. Estou buscando – escrevia – criar um centro próprio para os índios, pensando em uma futura paróquia na metade do caminho entre São Paulo de Olivença e Benjamin". Mas, para realizar seu projeto, precisava de dinheiro, a boa vontade, escrevia, não é suficiente; assim, respondendo à pergunta n. 18, que convidava os missionários a manifestar livremente o próprio pensamento à província em relação às necessidades e desejos capazes de melhorar o apostolado das missões, Fr. Arsênio não se conteve e desabafou: "Nós, missionários, nos sentimos, pelo menos eu, como quem ouve dizer 'armemo-nos e partam'. Queremos um secretário que, além da propaganda, faça algo em questão material. Queremos contar com a província como retaguarda no exército, e não como brugueses que nem se importam com a guerra, mas pensam em enriquecer".[815]

O amargo desabafo de Fr. Arsênio revela que, frequentemente, as respostas são condicionadas pela saúde, pelo trabalho excessivo, pela falta de meios adequados e também pela distância que constrangia, por vários meses, os missionários à solidão. Em uma carta ao ministro provincial, Fr. Reinaldo escrevia: "A minha saúde, graças a Deus, é quase boa, e trabalho, quanto posso, material e espiritualmente pelo bem das almas confiadas. Atualmente, estou construindo uma igrejinha de tijolos, e espero, pelo fim do ano, se Deus quiser, de cobri-la; contudo, a minha maior preocupação é o isolamento, um perigo moral e espiritual; são mais de 5 anos que me encontro sozinho em Samto Antônio do Içá... por isso, peço, pelo amor de Deus, um outro apóstolo como companhia. Sei também que há dificuldades, e muitas, mas,

814 *Ibidem.*
815 Ivi, *Risposte di p. Arsenio da Rivodutri*, 3.

se quisermos honrar a cara da província e da missão, podemos resolver com facilidade, enviando mais missionários".[816]

As respostas dos outros missionários não se mostram particularmente detalhadas e pouco acrescentam ao quadro já delineado, que apresenta a missão em total fermento, seja pelos estímulos conciliares, seja pela percepção de uma realidade social e econômica que, também no Amazonas, naqueles anos, estava rapidamente mudando. Manaus, em fins dos anos sessenta, foi declarada zona franca: uma área estrurada, dentro da qual eram assegurados enormes incentivos às empresas que ali se instalavam. Lentamente a cidade se tornou um polo de atração para potentes fluxos migratórios com o enxerto de populações absolutamente indefesas no plano cultural e psicológico, com graves consequências de degredo social.[817] Todo esse conjunto de transformações, unido aos difusos apetites econômicos e à ação das pobres populações agrárias, que começavam a vagar ocupando pequenos lotes de terra para o cultivo de subsistência, desencadearam um processo de substituição da vegetação primária; boa parte de tal universo conheceu um primeiro progresso significativo de antropia; cultivações mineiras em várias partes, estradas e pistas cortaram e adentraram em lugares antes isolados, enquanto que várias formas de exploração agrícola e florestal começaram a erodir margens e florestas. Um mundo explêndido e exuberante se tornou, improvisamente, também frágil.[818]

---

816 APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 3, R-S, p. Rinaldo da S. Salvo al ministro provinciale, S. Antônio do Içá, 18, maggio, 1967.

817 Um fenômeno que Fr. Pio de Casacastalda não se cansou de mostrar, no ano sucessivo, aos padres reunidos em Assis para celebrar o Capítulo provincial: "Todas essas cidades de que falamos [*isto é, as residências missionárias*], nenhuma delas tem vida própria, não temos indústrias que possam facilitar a vida a este povo, temos pouquíssimo comércio, por esse motivo, o progresso é muito lento, antes, nota-se o abandono do interior e a corrida à cidade, em busca de melhores condições, de trabalho, em especialmente por parte dos jovens". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, p. Pio da Casacastalda, Relazione della Custodia 1970, 2.

818 Um documentado painel interpretativo para olhar e buscar entender os movimentos internos e o papel internacional do Brasil, In: T. Isenburg, *Brasile: una geografia politica*, Roma, 2006, em particular 60-62.

6. De Custódia à Vice-Província (1970)

Foi Fr. Pio de Casacastalda, em Assis, para participar do Capítulo provincial de 1970, a congratular-se com Fr. Evangelista pelo relatório detalhado sobre o estado da missão,[819] contudo, sem fazer cessar uma forte lamentação sobre o silêncio que o Capítulo havia reservado "sobre o assunto missionário". Queixa fundada enquanto, justamente naquele ano, o Capítulo geral, após um longo trabalho de consulta e mediação, havia promulgado o novo diretório para as missões da Ordem.[820] Foi o Capítulo geral de 1964, consciente de que o "Diretório das missões" e a ação missionária eram fortemente determinadas pelas situações históricas, a promover, após as revisões de 1929 e 1938, uma profunda reelaboração das Constituições e do Estatuto para as missões.

A revisão desse último foi confiada ao Conselho geral para as missões, um órgão constituído no mesmo ano e confiado à presidência do Definidor Geral Fr. Francesco Solano Schäppi; após repetidas comunicações e consultas com as missões e com a Comissão capitular, veio à luz um esquema que os padres quiseram chamar de "Diretório", justamente para sublinhar, segundo as expectativas de muitos missionários, não leis coercitivas, mas sugestões de teologia e de espiritualidade missionária. Esse esquema foi enviado em 1968 aos bispos missionários da Ordem e aos superiores provinciais e regulares das missões, e recebidas as suas respostas e observações, foi elaborado um novo texto, que devia ser apresentado ao Capítulo geral de 1970. Enquanto isso, na Igreja, com o Concílio Vaticano II, prevalecia a

---

[819] "Profundo observador dos homens e das coisas, em diversos quadros o redator nos mostra claramente o campo de apostolado onde trabalham os missionários capuchinhos da Úmbria. Talvez – continua Fr. Pio – para nós se mostrou muito generoso, em nos louvar demais, fruto do seu bom coração; não nos sentimos de merecer tanto, mas o certo é que ele viu de perto as dificuldades, os sacrifícios que aguardam o missionário no interior do Amazonas. Li também o questionário enviado à província, para que cada um desse a sua opinião sobre vários pontos. Eu gostei, respeito as várias opiniões, que certamente serão discutidas e, assim, far-se-á mais luz e conclusões mais positivas". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* p. Pio da Casacastalda, Relazione della Custodia 1970, 1.

[820] O texto italiano, do original latino, foi publicado pela Conferência Italiana dos Superiores Maiores Provinciais Capuchinhos; cf. *Direttorio per le Missioni dei frati Minori Cappuccini*, Roma, 1973.

ideia de integrar e inserir a ação missionária na própria comunidade cristã, de modo que toda a igreja se sentisse e se proclamasse missionária; primeiro, o decreto *Ad Gentes*, depois, a solene Constituição *Lumen Gentium* indicaram o fundamento teológico dessa perspectiva missionária inédita, e também os capuchinhos acolheram essa nova ideia diretiva. O objetivo era o de evitar que fossem compilados para os missionários particulares códigos de leis, quase como que se fosse capuchinhos colocados às margens da comunidade franciscana; as novas Constituições deviam acolher, ao invés disso, uma espiritualidade válida também para os missionários, imprimindo antes a toda a Ordem um "impulso missionário".[821]

Foi justamente em virtude desses novos horizontes que Fr. Pio lamentou, diante do Capítulo provincial, "o silêncio e o esquecimento" do mesmo diante do problema "dos missionários e da missão"[822] e, retomando as críticas de muitos missionários relevadas no questionário, esforçou-se por demonstrar que a Missão do Alto Solimões era para ser considerada "patrimônio e glória da Província-mãe", e que a passagem da custódia à Vice-Província havia ainda mais "estreitamente" unido e ligado as duas instituições.[823] Obstinado foi, de consequência, o esforço de Fr. Pio em deixar a par todos os confrades das necessidades primárias da missão: finalizar a construção do hospital Santa

---

821 *Direttorio per le Missioni dell'Ordine*, 7. Muito importante, nesta perspectiva, foi o encontro de atualização organizado em Benjamin Constant, sob a direção de dom Marzi; sobre isso se referia Fr. Pio ao ministro provincial: "Os três dias de discussões foram articulados em sessões dedicadas à figura do sacerdote, às vocações e à juventude; problemas que hoje interessam não apenas ao mundo inteiro, mas em modo particular à Igreja"; e orientando o debate sobre as novas perspectivas abertas pelo concílio: "temos vivido dias de compreensão e de conhecimento sobre como o clero e os leigos devem trabalhar no campo eclesial de maneira mais acessível ao povo, para aproximá-lo de Jesus. [...]. O Fr. Juvenal, franciscano, abriu diante de nossos olhos o novo apostolado, mostrou a Igreja que surge, a Igreja antes do concílio e a Igreja depois do concílio". APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 5, P, p. Pio da Casacastalda al ministro provinciale, Benjamin Constant, 10, luglio, 1971.

822 "Em um momento histórico de um Capítulo, onde se discute de tudo [...], neste momento se deveria apresentar o problema dos missionários e da missão e, ao invés disso, o silêncio e o esquecimento deram motivo de alarme". APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, p. Pio da Casacastalda, Relazione della Custodia 1970, 1.

823 Sobre a passagem da custódia a Vice-Província, cf. M. Collarini, *I Cappuccini umbri in Amazzonia*, 101.

Isabel em São Paulo de Olivença, levantar a residência do missionário em Santo Antônio do Içá, confirmar o compromisso da província em tornar estável a presença dos missionários no Marco Brasileiro com a construção de uma residência, mas, sobretudo, a sistematização definitiva da casa da custódia em Manaus, eram esses os problemas mais urgentes no campo econômico.[824] Um capítulo à parte, para Fr. Pio, era a urgência de renovar os meios de transporte: "Hoje os missionários não são mais os mesmos de ontem, com toda razão, exigem melhoramentos em tudo. Portanto, meios motorizados para o apostolado, transportes cômodos e com o máximo conforto, porque hoje não podemos exigir o que se fez em tempos passados, um simples barco a remo. Hoje a Igreja caminha, todos dizem, a Igreja se renova, portanto, a prelazia e a custódia ofereçam todos os meios modernos aos próprios missionários [...] Hoje tudo deve mudar".[825]

Outra questão aberta era a da carência de missionários; justamente naquele ano, Fr. Alberto deixava definitivamente a Ordem, as deserções continuavam a ser numerosas e isso impedia um real progresso nas vocações. De resto, o problema do seminário esperava ainda uma solução; em 1968, por causa da crise que passou o seminário do Ceará, dirigido pelos capuchinhos milaneses, os missionários umbros

---

[824] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* p. Pio da Casacastalda, Relazione della Custodia 1970, 2. Em anexo ao relatório, havia um prospeto dos trabalhos em curso na missão: "Benjamin Constant: conclusão do Educandário Imaculada Conceição; construção na nova igreja em andamento; construção da casa dos padres, aplainado o terreno. São Paulo de Olivença: conclusão da primeira parte do Hospital Santa Isabel; reforma e conclusão do colégio Nossa Senhora da Assunção. Amaturá: foi terminado o braço que serve como casa dos padres; em conclusão a nova serraria; em estágio avançado a casa para a creche, irmãs e escolas. Santo Antônio do Içá: em conclusão a igreja paroquial; em estágio avançado a casa dos padres; projetos para ampliar as escolas. Tonantins: conclusão do Educandário São Francisco; terminada a construção da oficina. Marco Brasileiro: esta futura cidade tem em projeto a construção de um complexo paroquial e casa dos padres, depende dos meios da província, que se comprometeu em construir. Outros trabalhos: em Belém do Solimões, está se preparando um centro para os índios, bem como se está trabalhando nos pequenos centros, organizando capelas, como Santa Rita, e levantando uma pequena residência para o missionário": ivi, 6.

[825] Ivi, 2. Assim Fr. Pio apresentava a situação: "A prelazia é motorizada em todas as casas, mas, na maioria das vezes, há a paralisação das máquinas, devido à dificuldade da troca de peças próprias para os motores. Na minha última visita canônica, em junho passado, apenas um motor funcionava": ivi, 6.

tiveram de retirar os seminaristas para lá enviados e foram constrangidos a mandá-los a Santarém, com os frades franciscanos americanos. Estavam satisfeitos com o ensino que recebiam, contudo os frades umbros continuavam a pensar que o fortalecimento da equipe missionária dependia ainda da província ao máximo; pelo menos, eram necessários dois missionários à custódia, porque, escrevia Fr. Pio, "digo com toda sinceridade, dói-me o coração ver duas de nossas residências paroquiais com um só frade. Minha responsabilidade, mas também da província".[826] Ainda apelando ao novo clima conciliar e ao carisma missionário da Ordem, Fr. Pio propunha à província de iniciar uma nova experiência que, semelhante ao que havia ocorrido com a província vêneta, favorecesse o envio de "missionários *ad tempus*", isto é, independentemente da vocação pessoal, pedia que fossem enviados sacerdotes ao Amazonas, por um tempo mínimo de três anos, a título de experiência.[827]

Outro ponto central de seu discurso ao Capítulo foi a necessidade de tornar, gradativamente, a missão independente, do ponto de vista econômico; era demais o tempo empregado pelo bispo "em extender a sua mão aos bons para que venham em sua ajuda". Uma contínua esmola entre o Brasil e a Itália, um "trabalho ingrato, espinhoso, humilhante", afirmava Fr. Pio, e que além do mais consumia tempo, subtraído ao apostolado, sem frequentemente render resultados significativos. Também nesse caso, o capuchinho de Casacastalda, que tinha desempenhado as funções de ecônomo da custódia e demonstra conhecer as tendências presentes ao interno das outras ordens e congregações religiosas, faz-se portador de uma proposta inovadora, que consistia em se criar um *Bonum prelatiae* por meio da "construção de apartamentos que amanhã possam garantir, com seu aluguel, a vida da missão". Fr. Pio informava o Capítulo que a custódia, já havia algum tempo, estava estudando tal plano e que ele havia sido apresentado a todos os missionários, ao custódio e até ao frade provincial por ocasião da sua última visita.[828]

---

826 Ivi, 4.

827 *Ibidem.*

828 O próprio Fr. Pio informava os padres capitulares sobre a disponibilidade da *Adveniat* em sustentar a iniciativa e se mostrava seguro de que, através de tal estratégia,

7. O Movimento da Cruz do irmão José e a visita de Fr. Clóvis Frainer, Definidor Geral para a América Latina (1973)

O apelo de Fr. Pio de Casacastalda não ficou despercebido. O secretariado para as missões foi ativado rapidamente e conforme estabelecia o diretório para as missões, com o auxílio dos diretores interessados, das associações e dos círculos missionários, suscitou e incrementou uma consciência missionária também entre os leigos, em primeiro lugar, entre os membros da Ordem Terceira Franciscana, preparou em todos os conventos e igrejas da província a Jornada missionária, publicou e divulgou revistas e panfletos missionários, difundiu a Obra Seráfica das Missas.[829] Isso possibilitou também criar, em novembro de 1971, três novas paróquias: Atalaia do Norte, Marco de Tabatinga e Belém do Solimões,[830] de abrir o seminário[831] em Manaus, em março

---

"num dia não muito distante" a Custódia estaria em condições de se tornar, "em boa parte ou em tudo", "economicamente independente": ivi, 5.

[829] Neste trabalho de propaganda missionária e coleta de fundos, distinguiram-se em particular: Fr. Mariangelo, Fr. Valerio, Fr. Claudio, Fr. Luciano, Fr. Angelico, que mereceram o agradecimento público do Vice-Provincial do Amazonas, Fr. Silvano Monini, na ocasião do Capítulo provincial de 1973, celebrado em Assis em julho daquele ano. APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, p. Silvano Monini, Relazione della Viceprovincia dell'Amazzonia nel Capitolo provinciale dell'anno 1973, Assisi, 12, luglio, 1973, 1.

[830] Atalaia do Norte era então um centro de aproximadamente 1.200 habitantes, com uma população dispersa ao longo dos vários rios. Não havia indústrias e o único edifício sacro era uma pequena capela de madeira em estado degradável. Para o pároco, Fr. Miguel Arcanjo Gama, foi adquirida uma pequena casa de madeira por um valor de 250.000 liras. Marco de Tabatinga, por sua vez, entre civis e militares, tinha uma população de aproximadamente 6.000 habitantes; o pároco, Fr. Evaristo, prestava serviço religioso também em outras quatro capelas dispersas pelo território, mas celebrava a missa em uma igreja de madeira, "insuficiente e bastante velha". Belém era um vilarejo inteiramente habitado por 1.300 índios Ticuna; era pároco Fr. Arsênio Sampalmieri, que morava em um casebre de madeira "inóspito, juntamente com ratos, morcegos, macacos e papagaios". A única indústria presente, notava sarcasticamente Fr. Silvano, era a "procriação de muitas crianças", e, todavia, justamente por isso, era necessário construir logo a casa e reformar a Igreja: ivi, 2.

[831] Quando escreveu seu relatório para o Capítulo, a construção do seminário estava a bom ponto; faltavam cerca de 15 milhões de liras para terminá-lo e poder oferecer hospitalidade também aos padres. Talvez fosse necessário também um micro-ônibus "para transportar os seminaristas fora da cidade" e equipar decentemente uma pequena praia às margens de um igarapé, onde os seminaristas pudessem passar um dia na

de 1972, e de afrontar as despesas, juntamente com a contribuição de todos os capuchinhos do Brasil, para abrir em Brasília uma casa destinada a hospedar os frades que tivessem a necessidade de permanência ali para agilizar procedimentos junto aos vários ministérios do governo.[832] Nesse meio tempo, em outubro de 1973, concluía-se a visita à missão que, em nome do Ministro Geral, Fr. Pasquale Rywalski, tinha realizado o Definidor Geral para a América Latina, Fr. Clóvis Frainer.

As considerações feitas na reunião definitorial de 1.º de outubro de 1973 foram prontamente comunicadas ao Vice-Provincial do Amazonas, Fr. Silvano Monini; após as habituais referências à história da missão, ao ambiente particularmente hostil, aos sacrifícios e às conquistas civis e religiosas obtidas, a carta do Ministro Geral insistia na necessidade de viver plenamente, também no Amazonas, o carisma franciscano, seguindo as indicações das novas Constituições e, em particular, fazendo leituras que alimentassem a vitalidade pessoal e comunitária. As mútiplas atividades – afirmava o Ministro Geral – não podiam relegar a segundo plano "as coisas do Espírito", que devem ser fomentadas por meio de uma vida de oração, individual e comunitária; era necessária, sobretudo, uma fraternidade mais intensa, enfatizada pela recomendação daqueles que viviam isolados de se reunirem "ao menos periodicamente para se beneficiar da vida fraterna e da oração".[833]

Certo, escrevia ainda Fr. Pasquale, o isolamento, a situação geográfica concreta, impediam enormemente uma vida fraterna mais intensa; contudo, com algumas disposições, era possível incentivar o espírito de fraternidade; em particular, se sugeria de levar adiante as assembleias anuais, "seja no âmbito da prelazia para assuntos pastorais, como também no âmbito da Vice-Província para temas de espiritua-

---

semana "para respirar um pouco de ar puro e fazer alguma reflexão, revisão de vida e outras práticas". Diretor, em substituição a Fr. Fulgêncio Monacelli, retornado para um período de repouso na Itália, era Fr. Gino Alberati; os alunos eram em torno de 16, dos quais um estudante de teologia, um de filosofia, seis no liceu e oito no ginásio: ivi, 4.

[832] A parcela que cabia aos capuchinhos umbros girava em torno dos três milhões de liras: *Ibidem*.

[833] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, Copia della lettera inviata dal Ministro Generale Fr. Pasquale Rywalski ai Religiosi della Viceprovincia dell'Amazzonia, Roma, 4, ottobre, 1973, 1-3.

lidade e partilhas e propostas recíprocas"; de incentivar os encontros zonais, pelo menos a cada dois meses; de planejar um encontro de todos os confrades pelo menos em ocasião da eleição dos novos superiores. Assim, uma visão comunitária e fraterna devia cada vez mais permear a vida dos missionários umbros que, segundo as observações do visitador, completamente imersos nas ocupações ordinárias "pelos outros", corriam o risco de cair no individualismo, se não, por certos rumos, em um ativismo material que poderia reduzir a evangelização à edificação de igrejas, escolas e oficinas.[834]

Também o tradicional método de apostolado, que encontrava um dos seus momentos centrais na *desobriga*, devia ser aperfeiçoado e transformado de uma pastoral dos sacramentos a uma contribuição para o crescimento e a maturidade das comunidades cristãs; a formação de comunidades eclesiais de base, confiadas a leigos, que deviam continuar o trabalho após as viagens apostólicas (*desobrigas*) e as passagens periódicas eram a meta a se dirigir; um objetivo que exigia esforço e peseverança, mas necessário, segundo o Ministro Geral, nas contingências do campo pastoral do Alto Solimões.

Essa postura de reflexão e renovação pastoral podia também provocar o proselitismo que, justamente naqueles anos, levava adiante José Francisco da Cruz, mais conhecido como irmão José, um líder religioso que, movendo-se entre a Colômbia e o Brasil, com uma pregação apocalíptica e fanática, atraía multidões de seguidores. Após uma breve experiência no seminário, José Francisco se casou e teve dois filhos, mas sempre permaneceu bastante devoto participando ativamente de várias organizações religiosas e assistenciais; sucessivamente, abandonado a família, deu início à sua pregação à qual revelava que, em 1945, o próprio Jesus Cristo se lhe havia manifestado, confiando-lhe a missão de lavar a humanidade por meios dos sinais da Bíblia e da Cruz. Vestindo um hábito similar ao franciscano, com uma longa barba, que lhe fez assumir um aspecto hierático e profético, iniciou a

[834] "Passada a primeira fase – aquela do pioneirismo com a preocupação natural pelas obras materiais – procurem agora reduzir tal atividade ao estritamente indispensável para a sua vida e apostolado. As estruturas imobiliárias, quando numerosas, podem também ser interpretadas falsamente pelo povo e trazer prejuízo ao apostolado mais direto": ivi, 4.

percorrer os vários Estados do Brasil, suscitando frequentemente incidentes com as autoridades políticas e religiosas.

A sua fama não se detinha, e em torno de sua pessoa começou a pairar uma fama de santidade, revigorada por supostos poderes taumatúrgicos que o classificaram como um "São Francisco redivivo".[835] O movimento chegou no Alto Solimões em 1971 e atingiu de surpresa os frades missionários, muitos dos quais naqueles meses, ocupados fora das residências em retiros, em lugares de tratamento ou transcorrendo alguns dias de repouso. Por onde passava, ele implantava uma cruz, que fazia constantemente vigiar pelos seus seguidores e convidava o povo a repudiar as autoridades eclesiáticas e as imagens sacras; impunha aos discípulos uma moral rígida que previa a proibição absoluta de beber álcool, de danças e a abstinência sexual. Em pouco tempo ganhou adesão também no Alto Solimões, e muitos, até de longe, acorreram levando doentes e se convertendo ao movimento do irmão José. Em poucos dias, pareceu desmoronar todo o trabalho realizado pelos missionários em sessenta anos de presença, e pouco adiantou a ex-comunhão dada pelo bispo ao "beato" e aos seus seguidores, muito menos o apelo às autoridades políticas locais e centrais.

Na realidade, segundo Fr. Vittorio Matteucci, dentre as causas do movimento, além de uma certa predisposição dos fiéis, atraídos por formas religiosas que se remetiam a cultos ligados ao espiritismo e a ritos arcaicos, não era de se subestimar a hostilidade das autoridades locais em relação aos missionários, mais próximos ao povo e, frequentemente, dotados de maior autoridade;[836] o apoio fornecido ao Movimento da Cruz por parte da organização governamental Funai, finalizado a "colocar em descrédito os missionários católicos, com os

---

[835] Uma análise do fenômeno, para colocar em evidência as responsabilidades, mas também para extrair um ensinamento útil e elaborar e levar adiante uma nova evangelização, foi feita por Fr. Vittorio Matteucci, por ocasião de sua visita à missão. APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, p. Vittorio Matteucci, Relazione alla Provincia sulla visita effettuata alla Viceprovincia dell'Alto Solimões, Assisi, 23, giugno, 1977, em particular 17-20.

[836] "Os políticos do lugar – escreve Fr. Vittorio – encontraram-se em contraste com os missionários; invejosos do seu prestígio, da sua cultura, do seu espírito de iniciativa, dos seus resultados, que, frequentemente, mortifica os políticos (em alguns lugares foram os próprios políticos a abrir as portas ao movimento da Cruz)": ivi, 19.

quais se colocava em contraste em todo o território amazônico";[837] o forte apoio dado ao movimento pelos comerciantes, que seguiam o "beato" para vender seus produtos e, frequentemente, parece, que certas assembleias chegavam a reunir 5.000 pessoas, além dos proprietários de terras, que viam no movimento um instrumento útil para controlar os índios;[838] sem subestimar, enfim, instâncias sociais que exaltavam os oprimidos em relação às classes dominantes, frequentemente resultado do processo de aculturação levado adiante pelos missionários católicos.[839]

Na realidade, também o Movimento da Cruz do irmão José, como outros que explodiram nos mesmo anos na América Latina, apresenta traços de tipo messiânico, que se caracterizam pela espera confiante de uma renovação radical no plano social, econômico e político, focalizado nas figuras de Cristo e da cruz, com referências aos modelos organizativos e disciplinares das seitas radicais protestantes, mas também à mística do apostolado própria dos redentoristas, que provavelemnte havia conhecido quando jovem. Portanto, um movimento complexo, que deve ser enquandrado não apenas na história, na cultura e nas aspirações dos povos indígenas, mas também como reação ao esforço que justamente então se levava adiante em âmbito missionário a nova Igreja pós-conciliar; por isso, na realidade, apresenta-se mais como um movimento de libertação e de emancipação como reação de repressão e resistência, até mesmo eclesial.[840] Escrevia a esse propósito o Ministro Geral: "Sabemos que, ultimamente, vocês foram

---

[837] Ivi, 20.

[838] "O povo se reúne numeroso, contando-se até 5.000 pessoas em suas assembleias. Chegam também de longe, com barcos e canoas, trazendo doentes até mesmo graves, mulheres e crianças, desafiam as intempéries e as distâncias sem trazer nada consigo, confiantes cegamente no poder do irmão José [...] À frente do Movimento da Cruz há quase sempre um comerciante que se infiltra para vender seus produtos [...] Os proprietários de terras podem manter, através do Movimento da Cruz, submissos os índios": ivi, 18 e 20.

[839] Escreve ainda Fr. Vittorio: "Motivos sociais. Revolta dos oprimidos contra as classes dominantes (os católicos, preparados pelos missionários, conseguiram em vários modos a emergir)": ivi, 20.

[840] Também Fr. Vittorio sublinha o fato de que o Movimento da Cruz chegara ao Alto Solimões "em um momento delicado de transição, isto é, durante a renovação pós-conciliar não ainda perfeitamente assimiliado pelo povo": *Ibidem.*

atacados pela propaganda de um sincretismo religioso, concretizado (corporizado) na 'religião da Cruz'. Vocês não devem perder o ânimo, mas afrontar com coragem evangélica a situação criada, e iluminar serenamente os fiéis. (Isso) lhes servirá como ocasião para rever toda a vida pastoral e seus métodos, e para descobrir mais diretamente o povo em suas aspirações".[841]

Nessa perspectiva conciliar, a que várias vezes se remete o documento de Medellín, não podia ser ignorada a pastoral vocacional com a admoestação de que "a finalidade principal das vice-províncias é a de implantar a Ordem na Igreja local para dar testemunho do Evangelho no carisma franciscano". Satisfações por parte de Fr. Pasquale pela existência de alguns religiosos nativos na Vice-Província (Fr. Evangelista Magalhães era pároco de São Paulo de Olivença), mas o caminho a ser percorrido nesse sentido ainda era muito; tratava-se de um empenho que dizia respeito a todos, e, por isso, recomendava-se a cada paróquia ou residência de ter um centro vocacional, "para cultivar espiritualmente os jovens que oferecerem esperanças concretas"; uma organização que se movesse "segundo as normas da sã pedagogia, unindo a formação científica à humana"; uma educação que consentisse aos alunos, "com a perspectiva na vida religiosa juntamente com a sociedade e com a própria família", de levar a vida cristã adaptada à sua idade, à sua mentalidade, à sua vocação".[842]

Com o convite ao Vice-Provincial a entregar a cada missionário a carta e a responder até 1.º de dezembro de 1974, especificando as iniciativas desenvolvidas para a aplicação de cada uma das recomendações, concluía-se a longa mensagem do Ministro Geral aos capuchinhos umbros no Amazonas, e, no mesmo dia, enviava uma carta também ao Vice-Provincial, Fr. Silvano Monini, na qual expunha ao capuchinho umbro algumas orientações específicas úteis no governo da Vice-Província.[843] Além de enfatizar a necessidade de se promover e manter uma fraternidade mais intensa, por exemplo, convocando

---

[841] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, Copia della lettera inviata dal Ministro Generale Fr. Pasquale Rywalski ai Religiosi, 6.

[842] Ivi, 6-7.

[843] Ivi, copia della lettera inviata dal Ministro Generale Fr. Pasquale Rywalski ai Religiosi della Viceprovincia dell'Amazzonia, Roma, 4, ottobre, 1973.

pelo menos duas vezes ao ano a reunião do Vice-Provincial com seus conselheiros,[844] Fr. Pasquale Rywalski convidava Fr. Silvano a organizar o arquivo da Vice-Província na casa de Manaus, "com todos os documentos oficiais e mais importantes da Ordem ou outros que sejam necessários ao bom andamento e a uma boa organização da Vice-Província";[845] também solicitava ao Vice-Provincial, em um momento de rápidas mudanças eclesiais que tinham como consequência a emanação de contínuas diretivas em campo teológico e pastoral, a fazer um sério esforço "para distribuir em todas as residências [...] os documentos da Ordem e outras publicações", que contribuíssem a uma melhor informação dos religiosos e à sua contínua atualização.[846]

Um ponto importante a ser esclarecido eram as relações com o bispo; mais uma vez se convidava a Vice-Província a instaurar relações institucionais com a prelazia, a fim de especificar claramente, com cláusulas detalhadas, "os diversos acordos em torno da vida pastoral e aos vários bens existentes", utilizando, se necessário, os modelos de convênios presentes em apêndice ao Diretório das Missões. Outro ponto problemático, a ser definido em tempos breves, era "a necessidade ou utilidade da casa de Teresópolis"; após o entusiasmo inicial, a casa permanecia utilizada esporadicamente e, além disso, exigia a presença habitual de um sacerdote.[847] Mas a observação mais persistente encontrava-se ao fim da missiva, e dizia respeito ao projeto, apresentado por Fr. Pio de Casacastalda ao Capítulo provincial em junho de 1970, de construir apartamentos em Manaus, e obter dos aluguéis os recursos permanentes para levar adiante a missão; a esse respeito, o Ministro Geral levantava sérias dúvidas: "Não entremos agora no mérito da questão, ainda mais porque não sabemos se a ideia se sustenta ou se era apenas uma eventual possibilidade. Em todo caso, pedimos aos atuais superiores e futuros da Vice-Província que não deem ne-

---

[844] Tais reuniões deviam ser documentadas, à norma das constituições, no Livro das Atas, e o relatório de cada encontro deveria ser lido na reunião seguinte, aprovado e assinado por todos: ivi, 1.

[845] *Ibidem*.

[846] *Ibidem*.

[847] Ivi, 2.

nhum passo concreto, sem antes obter o consenso do definitório-geral, que se reserva o juízo definitivo em torno da tal possível realização".[848]

Do mesmo modo, o Ministro Geral, uma semana depois, enviou uma carta também ao frade provincial; também a este pedia para verificar atentamente a necessidade e a utilização da residência de Teresópolis, de enviar à Vice-Província livros franciscanos e outras publicações "para o enriquecimento espiritual e cultural dos religiosos"[849] e de alimentar constantemente, nas relações com os missionários, a fraternidade e a "visão de pobreza franciscana.[850]

Mas uma outra recomendação havia feito o Definidor Geral após a visita ao Amazonas: provavelmente havia verificado que os provinciais da Úmbria nem sempre haviam respeitado a norma das Constituições que previa a sua presidência na reunião do Capítulo que elegia os novos superiores; sugestão prontamente acolhida pela cúria-geral que, com carta de 22 de outubro de 1973, convidava Fr. Gesualdo Onofri a dirigir-se ao Brasil para tomar parte ao Capítulo que não só deveria eleger os novos vértices da missão, mas era também obrigado a discutir sobre as conclusões da visita geral e encaminhar a aplicação concreta das orientações surgidas.[851]

---

848 *Ibidem.*

849 Também convidava Fr. Gesualdo a enviar notícias da província, em particular as relativas à morte dos confrades, em cada residência da missão: ivi, copia della lettera inviata dal Ministro Generale Fr. Pasquale Rywalski a p. Gesualdo Onofri, Ministro Provinciale, Roma, 11, ottobre, 1973.

850 Sob esta perspectiva, convidava o provincial a não enviar diretamente dinheiro ou ajudas a cada religioso em particular, notando, neste sentido, diversos abusos. Todas as ajudas deveriam ser enviadas por meio do superior Vice-Provincial, e era melhor se resultassem destinados a "obras determinadas": *Ibidem.*

851 Ivi, copia della lettera inviata da p. Guglielmo Sghedoni, vice Generale, al Padre Provinciale, p. Gesualdo Onofri, Roma, 22, ottobre, 1973.

CAPÍTULO SEXTO

1. A visita pastoral de Fr. Gesualdo Onofri (1974)

Quando, em 15 de janeiro de 1974, Fr. Gesualdo Onofri partiu de Fiumicino (Roma) para visitar a missão dos seus capuchinhos no Amazonas, esta terra já se encontrava no centro das atenções da opinião pública; ela, escrevia o provincial, "é hoje o assunto do dia para o Brasil como, para os italianos, é o 'Mezzogiorno d'Italia' (sul da Itália)".[852] Os motivos eram para se procurar – segundo Fr. Gesualdo – na convicção de que a Amazônia, num futuro não tão distante, seria valorizada e poderia se constituir em uma autêntica riqueza em benefício de toda a humanidade. Naturalmente, esse interesse não vinha sem preocupações; em particular, já de várias partes, temia-se que o ingresso da modernidade nesse imenso pulmão verde do planeta alternasse de forma irreparável o ambiente, inaugurando o ciclo da exploração e do saque indiscriminado dos recursos.[853] Acompanhava o provincial, naquela terra em que há 64 anos se encontravam os capuchinhos umbros, Fr. Fulgêncio Monacelli, que voltava, após uma estada na Itália, à missão. O objetivo principal da viagem era, além de presidir o Capítulo da Vice-Província do Amazonas, a ser celebrado em Manaus, de cumprir a visita periódica aos lugares da prelazia do Alto Solimões, onde – escreve Fr. Gesualdo – "os capuchinhos da Província Seráfica [...] têm escrito [...] sublimes páginas de sacrifício,

---

[852] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* Relazione sulla visita alla Viceprovincia [...] p. Gesualdo Onofri (1974), 10.

[853] Também Fr. Gesualdo se dá conta, e registra pontualmente: "O interesse por esta terra pouco conhecida e menos valorizada se manifestou quando o Brasil deu início ao projeto, sem dúvida audacioso, da Transamazônica, uma estrada de 5.500 km que, partindo da costa do oceano Atlântico, atravessa as florestas amazônicas, une os países fronteiriços do oeste com o Brasil, ligando, além disso, todos os centros do Brasil a norte e a sul com uma rede de estradas a várias faixas. A imprensa mundial se fez porta-voz de algumas preocupações, isto é, de que os trabalhos estradais da Transamazônica, destruindo as espessas florestas, sejam a causa de uma diminuição das precipitações, muito frequentes. Deste subvertimento seriam afetados os 1.200 rios que sulcam a Amazônia, como também as florestas, que, gerando muita umidade, são a reserva de oxigênio e pulmão do globo": *Ibidem.*

de abnegação, de caridade".[854] O avião, após uma escala em Lisboa, chegou ao aeroporto do Rio de Janeiro às 7h30; à espera do provincial estavam frei Jeremias Di Nardo, o qual, "com seu velho e trêmulo carro", levou os dois frades a visitar algumas zonas da antiga capital federal. No fim da manhã, os frades tomaram o avião para Manaus e, após quatro horas, aterrissaram na capital do Amazonas, acolhidos por uma vasta representação de confrades e paroquianos de São Sebastião. Após uma rápida visita a algumas zonas do rio Negro e à ponte móvel de Manaus, em 18 de janeiro, sempre acompanhado por Fr. Fulgêncio, o provincial da Úmbria fez uma devida visita de cortesia aos dois bispos de Manaus, os quais – escreve frei Gesualdo – "enormemente se congratularam pelo trabalho desenvolvido pelos frades capuchinhos, no âmbito da arquidiocese".[855]

Nos dias passados em Manaus, antes do início dos trabalhos do Capítulo da Vice-Província, o ministro provincial pôde formar um quadro muito detalhado, seja do Amazonas em geral, seja em particular da prelazia do Alto Solimões. Teve informações das obras paroquiais, das atividades sociais e recreativas, da escola materna, dirigida pelas capuchinhas, das escolas elementares, postas à disposição do governo do Estado, que provia somente os salários dos professores, enquanto todo o resto estava a cargo da Vice-Província. Suscitou-lhe comoção a missa campal, celebrada por ocasião da festa de São Sebastião, que teve a participação de "milhares de fiéis".[856] Concluídos os trabalhos do Capítulo, com a eleição dos novos superiores da Vice-Província do Amazonas, o ministro provincial, no dia 10 de fevereiro, com os confrades Evangelista, Evaristo, Reinaldo, Filipe, Henrique, Miguel Arcanjo, Húmilis, partiu rumo a Letícia (Colômbia), para iniciar a visita a todas as residências da missão.

Com a lancha da prelazia, iniciou uma sugestiva viagem fluvial; a comitiva fez escala no Marco de Tabatinga, para deixar Fr. Evaristo, enquanto todos os demais prosseguiram até Benjamin Constant. A cidade de Benjamin Constant contava então 5.000 habitantes, enquanto que o resto era disperso ao longo dos rios, sempre navegáveis,

---

[854] Ivi, 10.
[855] Ivi, 11.
[856] *Ibidem*.

Solimões e Javari; a análise atenta das exigências pastorais da paróquia tinha sugerido substituir a velha igreja de madeira, já degradada, por uma outra em alvenaria, já completa no rústico, mas insuficiente no acabamento. As instalações do escritório paroquial pareciam funcionais, bem como os outros locais das atividades paroquiais, mas urgentíssimo a ser resolvido era o problema da casa para os religiosos, que ocupavam uma ala do colégio-ginásio. De Benjamin Constant, no dia 12 de fevereiro, o ministro provincial, Fr. Evaristo e Fr. Miguel Arcanjo, com um motor de popa, partiram para Atalaia do Norte, situada no rio Javari e distante uns quarenta quilômetros. O município de Atalaia possuía uma extensão equivalente à do Piemonte, Lombardia e Vêneto juntos, mas uma população de apenas 7.000 habitantes. Atalaia pareceu ao provincial uma cidadezinha bem ordenada e limpa; todavia, não tinha nem igreja nem casa para os sacerdotes; um problema a ser resolvido quanto antes, com o auxílio da prefeitura.[857] A viagem de retorno, feita em companhia apenas de Fr. Evaristo, uma vez que Fr. Miguel Arcanjo, sendo pároco, permanecera em Atalaia, foi um tanto difícil por causa de uma tempestade repentina que impedia a visibilidade, mas, observa ainda Fr. Gesualdo, "fora um pouco de medo, todo o resto foi muito bom".[858]

A etapa sucessiva foi o Marco de Tabatinga, apenas passado na viagem de ida; aqui, Fr. Evaristo tinha construído a nova casa em alvenaria, muito acolhedora, bem como uma sala para projeções, bem ampla. A nova igreja estava no projeto, e o missionário, além do Marco, prestava serviço religioso também em Tabatinga, onde residiam oficiais e soldados da guarnição militar.[859] No dia 13 de fevereiro, no aeroporto de Letícia, chegaram Fr. Pio Conti e Fr. Francisco Arce;

[857] Ivi, 12.

[858] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* Relazione annuale della Custodia Cappuccina, Anno 1958, 1.

[859] Na referida localidade, estava para ser concluído um campo de aviação que deveria servir para militares e civis. Periodicamente, o missionário residente em Tabatinga prestava serviço também em algumas capelas ao longo do Solimões e do Javari: *Ibidem*. Fr. Evaristo Matteucci partira ao Amazonas em 1961 e, dez anos depois, tornou-se o primeiro pároco de Tabatinga, uma cidade de fronteira que, em pouco tempo, conheceu um rápido desenvolvimento que ele acompanha; em 1983 foi chamado a Manaus, onde se dedicou à assistência aos doentes e desempenha a função de ecônomo.

sem nenhuma parada, todos juntos, chegaram ao porto e embarcaram direto para Belém do Solimões, onde chegaram após sete horas de navegação. A esperá-los estava Fr. Arsênio, com um grupo de jovens. O breve percurso entre a margem do Solimões e o centro de Belém, habitado por índios Ticuna, por causa das constantes chuvas, era um pântano; contudo, a acolhida da população foi cordial. Em Belém, a igreja havia sido restaurada com oportunas melhorias, a casa do missionário, um tanto distante da igreja, era de madeira, mas pelo menos dotada das mais elementares comodidades. Era intenção de Fr. Arsênio demolir uma grande cabana, em frente ao rio, equipada como cozinha e depósito de remédios, para fazer nascer, para comodidade dos índios, uma ampla praça. Em 14 de fevereiro, em boa hora, os missionários embarcaram novamente, rumo a São Paulo de Olivença, sede da prelazia; ainda mais sete horas intermináveis de viagem para se chegar ao pequeno porto da cidade, onde, no topo da longa escadaria, aguardava-lhes dom Marzi, que, escreve Fr. Gesualdo, "acolheu-nos com requintada gentileza e serviu-nos a melhor das maneiras".[860] Pela manhã, no dia seguinte, o ministro provincial deixou o porto de São Paulo de Olivença rumo a Tonantins, outra residência da missão; breve escala em Amaturá e em Santo Antônio do Içá, para se chegar a Vila Nova de Tonantins no fim da tarde do mesmo dia. Tonantins dependia, civilmente, da Prefeitura de Santo Antônio do Içá.

Todo o território contava uma população de 5.000 habitantes; a igreja estava em boas condições e bastante ativo era o colégio São Francisco, que sediava as escolas elementares, fraquentadas por mais de 200 alunos. Também a casa dos religiosos era acolhedora, dispunha de um amplo horto bem cultivado, não faltando animais domésticos, mas nem mesmo "alguns macacos e papagaios bem adestrados".[861] O pároco da estação missionária era o brasileiro Fr. Francisco Arce, que

---

[860] O encontro foi a ocasião para se discutir com o prelado, de modo profundo, problemas da missão: "Nas primeiras horas da tarde, estando presentes o Vice-Provincial e o conselheiro da Vice-Província, tivemos com o bispo uma primeira troca de ideias a respeito das necessidades da prelazia. Ao prelado deixamos uma cópia tanto do convênio entre a prelazia do Alto Solimões e a província dos padres capuchinhos da Úmbria quanto o Diretório dos religiosos da Vice-Província do Amazonas, já estudados no Capítulo de Manaus nos dias passados": *Ibidem*.

[861] Ivi, 14.

era também o diretor didático da escola elementar e "perito na arte sanitária".[862] Domingo, 17 de fevereiro, após ter realizado o serviço religioso, Fr. Gesualdo retoma a viagem de volta rumo a Santo Antônio do Içá, onde foi acolhido fraternalmente por Fr. Reinaldo Altieri e Fr. Húmilis Valgas. Santo Antônio do Içá era a sede do homônimo município: tinha uma população que girava em torno dos 2.000 habitantes, mas a remanescente era distribuída ao longo dos rios Içá e Solimões. Fr. Reinaldo tinha construído uma nova e ampla igreja; nesta, foi celebrada a santa missa durante a qual, na presença de numerosos fiéis, o ministro provincial teve de tomar a palavra, em italiano, para uma breve saudação, consciente, contudo, de que ignorava "a medida em que o numeroso auditório tenha compreendido o que foi dito".[863] Depois de Santo Antônio, foi a vez de Amaturá, onde o frade provincial chegou já de noite e teve apenas o tempo para celebrar a missa, de jantar e de tratar com Fr. Henrique sobre os problemas da paróquia.[864]

Amaturá pertencia civilmente à Prefeitura de São Paulo de Olivença, contava cerca de 800 habitantes, todos concentrados no centro. Havia uma escola elementar e um ginásio, que também acolhiam alunos dos vilarejos próximos; edifícios simples, de todo acolhedores, contudo, estavam já quase concluídos os trabalhos da nova escola, com critérios modernos que a teriam dotado de instalações confortáveis. Com efeito, em Amaturá, pelo ativo trabalho de Fr. Benigno e de Fr. Henrique, funcionava uma fábrica de tijolos, na qual traba-

[862] O ministro provincial confirma tal aptidão médica: "O próprio escrevente pôde testemunhar tais capacidades", anota em seu relatório. Mas justamente por causa da poliédrica atividade de Fr. Francisco, o provincial era também convicto de que: "Pela assistência também ocasional a todas as zonas da paróquia, é indispensável que estejam pelo menos dois sacerdotes, dando-se a devida conta dos empenhos de Fr. Francisco, que é, como se disse, pároco, diretor didático, sanitarista": *Ibidem*.

[863] Enquanto que a nova igreja parecia espaçosa e cômoda, o mesmo talvez não se pudesse dizer da nova casa, construída – escreve Fr. Gesualdo – "apenas com o térreo e pouco acertada, em nosso parecer, na distribuição dos locais". Em todo caso, as exigências pastorais da paróquia eram tais que exigiam, no parecer do provincial, "a presença de ao menos dois sacerdotes, um dos quais para assistir a numerosa juventude da zona": *Ibidem*.

[864] Fr. Henrique explicou ao provincial que em Amaturá, estando toda a população concentrada na área habitada, seria suficiente, para as exigências pastorais, um só sacerdote, mas em razão das atividades realizadas e da escola, como também para constituir um aspecto de fraternidade, eram necessários ao menos dois sacerdotes: ivi, 15.

lhavam umas quinze pessoas,[865] além do que se estava equipando uma moderna serraria que, uma vez ativa, ofereceria trabalho a uns vinte indivíduos. No dia seguinte, após um almoço à italiana, preparado por Fr. Henrique com "caça por ele mesmo obtida", o ministro provincial partiu rumo a São Paulo de Olivença. Chegou por volta das 21h, recebido por dom Marzi e pelo missionário-médico Fr. Pio Conti.[866] A residência principal da missão dispunha de uma ampla igreja catedral, de uma casa muito cômoda e de um colégio-ginásio dirigido pelas irmãs capuchinhas. Recentemente, com grandes sacrifícios, foi edificado também um hospital-leprosário; neste, recuperavam-se também pacientes de outros vilarejos, até muito distantes; para tal, os frades capuchinhos haviam construído também uma casa separadamente do hospital que servia, em caso de necessidade, para os parentes dos pacientes.[867]

O colóquio entre Fr. Gesualdo e dom Marzi se concentrou sobretudo no pedido da província em ter um terreno para construir finalmente um convento-seminário da Ordem; a minuta do convênio já havia sido discutida e aprovada pelo diretório e pelo Capítulo celebrado em Manaus, e o prelado concedeu, em Benjamin Constant, o espaço de terra necessário.[868]

A partida de São Paulo de Olivença se deu em 22 de fevereiro, às 5h, em direção a Belém do Solimões; à companhia se uniu Fr. Ciro, da província de São Paulo, ex-pároco da Igreja da Imaculada Conceição

---

865 Na ocasião da visita do ministro provincial, funcionava um único forno, mas era previsto um segundo, por meio do qual seria possível aumentar consideravelmente a produção: *Ibidem*.

866 Fr. Pio Conti (Luciano Conti) partiu para o Amazonas em 26 de outubro de 1968, justamente para acompanhar os trabalhos da contrução do Hospital Santa Isabel em São Paulo de Olivença. Voltará à província em setembro de 1982.

867 A prelazia, em São Paulo de Olivença, era também proprietária de uma fonte de água potável, de uma marcenaria e de uma pequena fábrica de telhas. A juízo do padre provincial, em São Paulo de Olivença era necessária uma fraternidade de ao menos quatro religiosos que, além do cuidado pastoral da zona, deveriam também atender ao ofício administrativo e a outros ofícios diocesanos. Além disso, dever-se-ia considerar que o prelado, às solicitudes pastorais, devia unir a direção de todas as escolas da prelazia: ivi, 15-16.

868 Até então, com efeito, a Vice-Província não possuía nenhum bem imóvel no Alto Solimões.

em São Paulo, e então missionário no Marco de Tabatinga.[869] Após doze horas de navegação, finalmente, chegaram a Belém do Solimões, acolhidos com calorosa fraternidade por Fr. Arsênio, que imediatamente lhe acompanhou junto ao chefe dos índios Ticuna; juntos, visitaram todo o vilarejo, situado a uns trinta metros do rio Solimões e disposto simetricamente por amplas estradas. Fr. Arsênio ali trabalhava havia alguns anos; era bem aceito, mas teria a necessidade do auxílio de um outro sacerdote para afrontar com maior afinco o problema da evangelização dos mais de 1.600 Ticuna residentes em Belém do Solimões, e dos demais 7.000 dispersos nas diversas localidades da prelazia.

Deixaram Belém do Solimões rumo a Benjamin Constant, que chegaram após várias horas de viagem; era o centro mais importante de toda a prelazia, uma posição estratégica para o tráfego entre o Peru e o Brasil, que, segundo Fr. Gesualdo, haveria de lhe permitir, no futuro, "um lisonjeiro desenvolvimento".[870] A cidade era dotada de um hospital militar, bem equipado e suficiente para as necessidades do Alto Solimões; havia também o colégio-ginásio "Imaculada Conceição", dirigido por quatro irmãs capuchinhas. A nova igreja estava completa em sua estrutura externa, enquanto que as salas paroquiais se apresentavam eficientes; o que faltava era a casa dos religiosos. A partida de Benjamin Constant, atrasada por um temporal, deu-se na manhã de 24 de fevereiro; na embarcação, subiram também uns dez participantes dos cursos realizados pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, dirigida pelos irmãos maristas, em sua maioria professores que tinham participado dos cursos de habilitação. O mau tempo tinha deixado inutilizáveis as pistas do aeroporto de Letícia e, por isso, o avião para Manaus partiria no dia seguinte, o que permitiu ao ministro provincial de realizar uma visita mais acurada ao Marco e a Tabatinga.[871]

---

[869] Fr. Ciro doou ao provincial, para o Museu de Assis, um cálice, retratando a catedral de Brasília, lembrança de sua dedicação; um objeto de certo valor artístico: ivi, 16.

[870] Para um serviço eficiente, de fato, o ministro provincial considerava necessários ao menos três padres missionários: *Ibidem*.

[871] De volta a Letícia, Fr. Gesualdo foi hóspede dos capuchinhos de Barcelona, que dirigiam a missão da Amazônia colombiana. O prefeito apostólico o entreteve por quase duas horas em uma agradável conversação, até a celebração da missa na catedral da

Última etapa da sua visita foi Manaus; aqui, Fr. Gesualdo, com satisfação, pôde verificar pessoalmente "a estima que a autoridade eclesiástica e a população" nutriam em relação aos frades umbros; foi o tempo de divulgar as atas do Capítulo e, junto com os religiosos da fraternidade, estudar as necessidades particulares da paróquia de São Sebastião e, no dia 28 de fevereiro, juntamente com Fr. Evangelista, deu-se o embarque no avião com destino ao Rio de Janeiro. Na cidade, hospedaram-se junto aos capuchinhos da paróquia de São Sebastião, à espera de se apresentarem em audiência com o núncio da Santa Sé junto ao governo federal, dom Carmine Rocco; audiência obtida por atenção do secretário da nunciatura Fr. Giammaria La Pila, capuchinho da Província de Siracusa. O encontro aconteceu na manhã de 2 de março e durou cerca de uma hora; uma conversação marcada, recorda Fr. Gesualdo, "pela viva cordialidade e refinada gentileza".

No decurso do encontro foram tratados assuntos relacionados à situação da Igreja no Brasil, em particular, a ênfase foi colocada no problema dos índios, sobre a Funai, a organização nacional a que era delegado o estudo e a solução dos problemas concernentes aos próprios índios, sobre as relações entre os missionários e a Funai.[872] Após a audiência, o ministro provincial permaneceu alguns dias em Teresópolis, enquanto Fr. Evangelista participava de um encontro com os provinciais e vice-provinciais brasileiros.[873] Às 23h45 do dia 15 de

---

cidade. Até a noite, a fazer companhia ao provincial, veio, do Marco, também Fr. Evaristo com dois seminaristas: *Ibidem*.

[872] Ao fim do colóquio, dom Rocco expressou o desejo de ter, quanto antes, um relatório detalhado sobre a Prelazia do Alto Solimões e sobre a condição dos índios Ticuna; prometeu, apesar da limitação dos fundos para obras sociais, alguma ajuda tangível. Comprometeu-se, enfim, liberado de outros empenhos pastorais urgentes, de visitar a missão. Depois, dirigindo-se ao provincial, exclamou: "Vós, de Assis, que ainda não tive a sorte de conhecer, por que não convidais ao Brasil uns vinte sacerdotes para afrontar a evangelização dos índios?". Ivi, 17.

[873] No dia 7 de março, o provincial, acompanhado por Fr. Jeremias Di Nardo, de Teresópolis partiu para Curitiba para se encontrar com os provinciais brasileiros. Nesta cidade, foi constrangido a ir ao pronto-socorro; panturrilha da perna direita, picada por um inseto na missão, havia se inchado de modo alarmante. Contudo, tudo se resolveu da melhor maneira. De Curitiba, capital do Paraná, foram até Ponta Grossa, onde residia o provincial do Paraná e Santa Catarina. Nesta cidade, de 130.000 habitantes, os capuchinhos tinham três paróquias e um noviciado com 38 postulantes; da parte do Vice-Provincial do Amazonas e do provincial da Úmbria, foi ventilada, à província do

março, o provincial da Úmbria deixava a hospitaleira terra brasileira em direção a Roma e, às 14h45 do dia 16 de março, podia felizmente voltar a pisar em terra italiana.[874]

Nos inícios de maio, na cúria-geral, chegara o relatório da visita realizada por Fr. Gesualdo à Vice-Província do Amazonas; mas, ao que parece, o tom quase jornalístico e divulgativo que o capuchinho quis dar às suas páginas não agradou muito em Roma; o Ministro Geral agradeceu o provincial "pelas informações [...] pelo bem que os religiosos umbros e locais" realizavam "pelo progresso da Igreja e da Ordem, pelo cuidado e interesse", mas convidava o ministro provincial, pela próxima visita e consequente relatório, a pesquisar, estudar, analisar e exprimir apenas os problemas religiosos e pastorais e, em particular, "o estado de vida e de oração, a situação das comunidades fraternas. Esses assuntos, com efeito – sublinhava – deveriam constituir os pontos-chave de cada visita".[875]

Paraná-Santa Catarina, a possibilidade de colaborar com os próprios religiosos no Alto Solimões, uma vez que isso era conforme as direitivas da Ordem, que não pretendia assumir outras missões, mas apenas incrementar as já existentes: ivi, 18.

[874] Imediato foi o agradecimento aos missionários e aos confrades da província: "Em conclusão a esta feliz visita, realmente inesquecível, sinto impelente a necessidade de elevar a Deus o hino de ação de graças pelos inúmeros benefícios recebidos. A todos os confrades da Vice-Província do Amazonas dirijo um sentidíssimo obrigado, e o desejo, de todo o coração, que a cara terra do Amazonas possa progredir em cada setor do viver social, conforme o espírito do Evangelho, verdadeira luz e fermento sublime de todo progresso duradouro. Aos religiosos da Província Seráfica da Úmbria, que há 65 anos dão testemunho de sua obra, com não leves sacrifícios, até de vidas humanas, vai o nosso agradecimento e a nossa aprovação. Graças a eles, esta faixa de terra amazônica vai se movendo gradativamente a um amanhã melhor. Dou testemunho, com objetiva serenidade, que justamente em virtude da generosidade dos nossos missionários, pôde-se realizar, em meio a inúmeras dificuldades, um constante progresso em todos os campos. A quantos trabalharam e trabalham nesta terra misteriosa e fascinante do Amazonas, a todos vocês, aos caros confrades da Vice-Província, autênticos arautos da Fé, exprimo novamente a minha admiração por quanto tem sido feito e os votos de "bom trabalho" pelo que há que se fazer. Paz e Bem a todos!": ivi, 18-19.

[875] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* Lettera inviata dal Ministro Generale Fr. Pasquale Rywalski al Padre provinciale p. Gesualdo Onofri, Roma, 6, giugno, 1974.

2. O primeiro capuchinho autóctone eleito Vice-Provincial: Fr. Evangelista Magalhães (1974-1980)

Na história da Vice-Província, foi a primeira vez que os frades se reuniram para a eleição dos novos superiores, com a presença do ministro provincial; Fr. Silvano apresentou o balanço econômico do triênio,[876] mas, sobretudo, tentou traçar o balanço espiritual da sua ação, sem esconder insatisfações e lamentos.

O maior dos lamentos era o de ter permanecido em Benjamin Constant, com a ideia de poder ter estado mais próximo aos confrades das residências, enquanto que, na realidade – escrevia entristecido –, "dei-me conta de que permaneci ligado aos mesmos trabalhos que já tinha"; isso o havia levado a desempenhar o encargo de Vice-Provincial "como um suplemento" e, além disso – escrevia –, "ocupado com trabalhos materiais, acabei negligenciando também a parte espiritual de cada um".[877] O balanço, contudo, apesar dessas sombras, aparecia positivo: os retiros anuais foram realizados, bem como as visitas às residências, o arquivo foi finalmente organizado, mas, sobretudo, foi iniciada a construção do seminário.[878] Naturalmente, a manutenção da estrutura se tornou um dos empenhos mais urgentes da Vice-Província; Fr. Silvano, em seu relatório, havia estimado uma despesa em torno de 500.000 liras ao ano para cada estudante, "entre alimentação e despesas educacionais". Mas não se tratava apenas de uma questão de retorno de recursos, existia também o problema de adotar uma linha

---

876 Sublinha-se que o nominativo mais consistente das entradas era inda a relativa às ofertas da província (mais de 60 milhões de liras, em um total de pouco mais que 90 milhões), enquanto que, dentre as saídas, mais da metade se refriam ao nominativo "construção do seminário", com 53 milhões de liras no triênio: ivi, p. Silvano Monini, *Relazione della Viceprovincia nel Capitolo* [*Viceprovinciale*] *del 1974*, Manaus, gennaio, 1974.

877 *Ibidem*.

878 O evento que marcou decisivamente a Vice-Província para a construção de um seminário próprio foi a rejeição, por parte dos seminaristas, de permancer no Ceará; um adiantamento de quase 8 milhões de liras da parte de dom Marzi permitiu – escreve Fr. Silvano – "de transformar em realidade o sonho do seminário". Assim, "no dia primeiro de março de 1972, ou seja, um ano após o meu governo, o seminário começou a funcionar e, parte por parte, concluímos essa casa": *Ibidem*.

de formação coerente e em sintonia com as profundas transformações e necessidades da igreja pós-conciliar.

Foi esse o problema que imediatamente procurou afrontar o novo Vice-Provincial, Fr. Evangelista Magalhães, que expôs as suas ideias sobre a missão, sobre a formação dos jovens sacerdotes, ao Capítulo provincial celebrado em Assis, no final de dezembro de 1974.[879] Nascido no Alto Solimões, entrou no seminário e, aos 23 anos, emitiu a profissão religiosa que o agregava definitivamente à Ordem capuchinha. Em 1965, para prosseguir os estudos, foi à Itália, a Perúgia; obteve a licença em teologia dogmática e a qualificação de jornalista, frequentando um curso na RAI. Em 1967 foi ordenado sacerdote por dom Marzi; em 1968, quando também as praças e as universidades italianas se inflamaram com os protestos dos jovens e dos estudantes, voltou ao Alto Solimões, tornando-se pároco de São Paulo de Olivença e, após cinco anos, superior da missão, tornando-se o primeiro capuchinho autóctone a desempenhar tal prestigioso, mas complexo encargo.

Fr. Evangelista, em 1975, ao momento de sua eleição, tinha 32 anos e, em uma entrevista a *Voce Serafica*, trazia ao conhecimento dos confrades e leitores os problemas dos misssionários, sua contribuição ao desenvolvimento cultural, econômico e religioso do Alto Solimões. Começa afirmando que não se sentia, de fato, um superior, mas um "coordenador das aspirações e do trabalho da comunidade missionária". A prolongada vida solitária do missionário era um dos problemas mais impelentes a serem afrontados; se, por um lado, considerava indispensável uma formação permanente dos religiosos, por outro, considerava essencial mirar a formação dos leigos para dirigir as comunidades de base, e, contudo, a sua aspiração profunda era a de fazer avançar uma visão mais lúcida dos problemas e das necessidades, que fizesse cair aquele mundo de fábulas e encantos que se criou, até mesmo entre os próprios brasileiros, em torno da Amazônia.

Para a construção da Igreja local no Alto Solimões, era necessário cultivar as vocações locais, que eram em número encorajador, mas talvez fruto do particular momento social e, portanto, não se podia

---

[879] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, Fr. Evangelista Magalhães, Viceprovincia dell'Amazzonia al Capitolo Spirituale, Assisi, 31, dicembre, 1974.

prescindir do clero missionário estrangeiro. Chamava a atenção com força para a contribuição dos missionários ao desenvolvimento civil do Amazonas, onde escolas, hospitais e ensino profissionalizante existiam apenas em virtude do empenho das onze prelazias; no Alto Solimões, em particular, em muitos lugares, ainda era o missionário "a presença da civilização" e, somente ele, era sacerdote, médico, professor, juiz de paz, empregador.[880] A ele se deve a formação, no seminário de Tabatinga, da primeira geração de religiosos autóctones. Seu discurso, diante dos confrades reunidos em Capítulo, visava decididamente a recolocar em pé os fundamentos da vida espiritual na missão; estava convicto de que era muito mais fácil compreender as necessidades materiais, os sacrifícios e as dificuldades do que trabalha na missão ao invés de suas necessidades espirituais; o isolamento, os trabalhos materiais, ainda que necessários, findavam, segundo sua análise, por empobrecer o espírito dos missionários, que não tinha a oportunidade de se atualizar em campo teológico, ascético e moral, e não podia aproveitar dos frutos de uma vida comunitária.[881] Por isso, apenas eleito, se dispôs a adquirir e enviar a cada residência revistas, opúsculos, livros de espiritualidade franciscana; além disso, tinha programado de encontrar, ao menos a cada dois meses, os confrades dispersos pela Prelazia. Para o futuro, pensava enviar, a cada ano, um ou dois frades para cursos de atualização pastoral e franciscana, ao sul ou a outras partes e, ao mesmo tempo, solicitar à província que, a cada ano, enviassem um perito em moral, escritura e teologia para ministrar cursos de atualização.

A verdadeira preocupação permanecia, assim para ele como para seu predecessor, o Seminário Seráfico do Amazonas, mas não tanto pela questão econômica quanto pelo motivo que, diante do florescer das vocações que se registravam naqueles anos no Alto Solimões, a Vice-Província não aparecia à altura, seja no pessoal, seja nos locais. "A nossa preocupação hoje, enquanto tal – escrevia Fr. Evangelista – é o seminário maior. Como se sabe, é vontade da igreja que a formação seja adequada às exigências e mentalidade do lugar. E a nossa experi-

---

[880] Dalla Missione. Abbiamo ancora bisogno di voi. Seguitate ad aiutarci!, In: *Voce Serafica di Assisi* 54/7 (1975) 16-20. Entrevista a p. Evangelista Magalhães.

[881] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* p. Evangelista Magalhães, Viceprovincia dell'Amazzonia al Capitolo, 1.

ência de enviar para fora os nossos jovens se mostrou desastrosa. Assim, vocês podem ver a nossa dificuldade em formar ao sacerdócio os nossos candidatos em Manaus, onde não estamos preparados".[882] Certamente, Manaus era já uma cidade florescente, com uma população que, no arco de dez anos, havia triplicado; a paróquia de São Sebastião era a igreja mais importante da cidade, ponto de referência também para as autoridades civis e religiosas.[883]

Contudo, na prelazia a realidade era muito diferente, e Fr. Evangelista não usa meios-termos para apresentar as desesperadoras condições de trabalho apostólico em que os missionários deviam levar adiante as "três trincheiras de batalha": as paróquias, as comunidades de base e os Ticuna. As paróquias eram oito, muito diversas entre si em relação à extensão e à condição social da população. Algumas, como a do Marco, eram pequenas, mas densamente habitadas, outras, como Atalaia, eram vastíssimas, mas escassamente povoadas; outras ainda, habitadas por gente completamente civilizada (Benjamin Constant), outras, formadas completamente por índios. Com exceção de São Paulo de Olivença e Amaturá, todas as outras sedes eram servidas por um único sacerdote, que não conseguia responder de modo completo as solicitações dos fiéis: "Um só sacerdote – escrevia Fr. Evangelista – não consegue levar adiante uma pastoral moderna, capilar, que leve em conta a formação dos leigos, a catequese dos primeiros sacramentos, a instrução religiosa nas escolas, a vida litúrgica";[884] uma situação que se tornava dramática se refletia sobre o fato de que muitos dos fiéis habitavam ao longo dos rios, em comunidades das margens e que, raramente, conseguiam ter uma assistência religiosa contínua: "Vemo-os às vezes na sede quando trazem os filhos para batizar (ou sepultar),

---

882 Ivi, 3.

883 Alguns dados salientavam a importância de São Sebastião, por um lado – escrevia Fr. Evangelista – razões históricas e "a tradição de homens considerados em conceito de santidade, como Fr. Domingos de Gualdo, Fr. José de Leonissa e agora Fr. Miguel Ângelo de Marenella", por outro, a constante afluência de fiéis que, em São Sebastião, encontram sempre "um padre liberado para as confissões, disponível para um acompanhamento [...], pregar um retiro ou responder a perguntas religiosas na Universidade, ajudar os párocos a conduzir um programa televisivo". De resto, sempre segundo Fr. Evangelista, em um mês em São Sebastião, havia uma média de cem matrimônios e "aos domingos, milhares de comunhões": ivi, 4.

884 Ivi, 5.

vêm fazer compras, até os conhecemos – escreve ainda Fr. Evangelista – porém, não podemos fazer nada por eles".

Uma situação que muito preocupava o Vice-Provincial, pois havia tido como constatar a facilidade com que, entre essas populações, havia penetrado e provocado ruptura a mensagem do "beato" José Francisco da Cruz; um contraste a tal proselitismo poderia vir da preparação de leigos a serem enviados nesses pequenos vilarejos e, nesse sentido, estava se movendo dom Marzi que tinha promovido, com o apoio da conferência dos bispos, o Movimento de Educação de Base (MEB), mas a estrada tomada para "formar elementos leigos suficientes em número e preparação" era bastante longa e, além do mais, muitos dos jovens interessados preferiam emigrar e tentar a sorte em Manaus.[885]

O setor no qual a pregação apocalíptica de irmão José havia causado mais danos era, sem dúvida, o relativo às relações com os índios Ticuna; a obra paciente e incansável iniciada por Fr. Fidélis de Alviano parecia esvaziar-se; à escuta, à compreensão, era já infiltrada uma "guerra fria", e à relação de confiança, vinha se substituindo a suspeita, a mentira e a falsidade. Foram vãs as tentativas de se recuperar uma relação de amizade, antes por meio da pregação, que evidenciasse os erros e explicasse de verdade quem era o "padre santo", e, em seguida, pela "punição pedagógica" da ex-comunhão, por parte do bispo, do irmão José e de seus sacerdotes; também a via do recurso às autoridades brasileiras, chamando em causa o exército, o Poder Judiciário, o secretário de Saúde e Educação, a instituição para assistência dos índios (Funai), tinha dado como resposta a necessidade de não se intervir com a força, mas em "chave pedagógica", eliminando-se a ignorância; portanto, de fato, devolvendo o "lance" de novo aos missionários capuchinhos que tinham justamente esse objetivo.[886]

Enfim, a situação se apresentava bastante crítica, e justamente naqueles meses começaram a circular vozes cada vez mais preocupan-

---

[885] Segundo Fr. Evangelista, nos dois últimos anos, mais de 50 destas pequenas comunidades tinham aderido à "Seita da Cruz": "Ali, em torno da Cruz, diz-se a missa, faz-se batismos e matrimônios": ivi, 6.

[886] "Todos declaram que é um assunto a ser resolvido em chave pedagógica, ou seja, tudo isso acontece por ignorância, e a nós é pedido para educá-los. São necessárias escolas, voluntários... assim, estamos de volta ao início": ivi, 7.

tes sobre atos de saque e de vingança que se fariam na pequena comunidade de Belém e, em particular, em relação a Fr. Arsênio, várias vezes ameaçado de morte.[887] Talvez naquela situação conturbada, que colocava em risco o direito de assistência aos Ticuna, até a intervenção da Funai que, certamente, não gozava da confiança dos capuchinhos umbros e das autoridades católicas brasileiras, podia revelar-se positiva, e Fr. Evangelista não se mostrou contrário a tal presença, diferentemente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que considerava desastroso para os missionários a intervenção do ente governamental.[888]

À parte esses problemas, os anos em que Fr. Evangelista desempenhou o encargo de Vice-Provincial viram uma intensificação das relações com a província, favorecidos também pelo uso do telefone, e um maior contato com as províncias vizinhas, vice-províncias e custódias da vasta área amazônica. Aumentaram as reuniões e os congressos

---

[887] Com efeito, Fr. Arsênio se tornou um extremo opositor do movimento; constrangido a se afastar de Belém, regressou por um um período à Itália onde, contudo, continuou a ser informado pelos confrades e amigos a respeito do progresso da seita. Uma carta a ele enviada, conservada em sua correspondência, resumia-lhe o estado da missão durante sua ausência: "Quanto ao 'seu caro José Félix', se eu pudesse embalsamá-lo, fá-lo-ia de bom grado. É o maior burro que mora no Alto Solimões. Foi ele quem começou aqui o movimento da cruz e, desde então, tornou-se de uma imbecilidade insuperável. Pode-se entender como se sintam importantes os Ticuna desta região, imagine que são eles que dirigem (ao menos aparentemente) tudo, e os civilizados lhes seguem como cachorrinhos. O Sr. Alfredo tinha começado a apoiar completamente o movimento; depois de algumas conversas comigo, entendeu que não valia a pena e se afastou. Isso deu um pouco de tranquilidade à comunidade. Imagine que vinham todas as noites de São Jorge e ficavam até altas horas a cantar e rezar. Era proibido rir, escutar o rádio [...] falar alto etc. O que mais me deixava com raiva era de vê-los proibir as crinças de brincar. Agora, estão construindo a 'casa da cruz'. Trabalham feito loucos, e têm tamanho zelo que, muitas vezes observando-os, pergunto-me como se poderia despertar neles um semelhante ardor por qualquer coisa que valesse a pena. Conosco, não houve grandes dificuldades. Mesmo quando o José Félix me disse que poderíamos também ir embora porque o 'padre santo' podia ficar aqui [...]. Quando eu disse que queria saber a opinião do povo e que, se eles não viessem nos pedir para ficar, partiríamos com o primeiro motor, vieram todos os homens e nos pediram pra ficar. Naturalmente, neste seu desejo, há o medo de perder todos os benefícios que vieram conosco". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale,* 1, A, lettera, senza mittente, inviata a p. Arsenio, s.l. e s.d. [ma, agosto, 1972].

[888] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali,* p. Evangelista Magalhães, Viceprovincia dell'Amazzonia al Capitolo, 7.

e, em julho de 1973, deu-se em Manaus o encontro com todos os superiores maiores da família capuchinha; a finalidade de tal abertura e diálogo não era, segundo Fr. Evangelista, somente aquele de "sair do anonimato de tantos anos, mas de evidenciar aos confrades de outras circunscrições as necessidades da Amazônia ocidental, e fazer compreender a necessidade de uma integração mais efetiva e caritativa entre sul e norte".[889] Nesse sentido, particular atenção era dirigida à Província da Imaculada Conceição de São Paulo, com a qual, fazia tempo, se havia instaurado uma fecunda colaboração; eram quatro os religiosos dessa província que trabalhavam na prelazia, dois no Marco e dois em Atalaia, e nunca faltaram as ajudas materiais, tanto que, justamente nos dias em que Fr. Evangelista escrevia seu relatório, a província da Imaculada havia enviado a soma de cinco milhões de liras italianas para se comprar um meio fluvial.[890] Os pontos dolorosos permaneciam, como sempre, a formação permanente e a seminarística. Também Fr. Evangelista, como haviam feito os ministros-gerais e provinciais por ocasião de suas visitas, era forçado a reconhecer que o isolamento prolongado e o apelo contínuo às preocupações materiais levavam os religiosos a estranhar sempre mais as investigações teológicas e a se afastarem de uma prática de vida mais consoante à própria vocação religiosa. Esse problema procurou remediar enviando os religiosos a vários cursos de atualização, no Brasil ou na Itália,[891] e programando no interior da missão breves retiros de comunhão e fraternidade, vividos como momento de troca de experiências e de planejamento dos trabalhos.

A formação seminarística já estava organizada em três níveis: nas paróquias, cuidada pelos párocos, no seminário de Manaus, com caráter geral que previa a escolha definitva, religiosa-capuchinha ou o

---

[889] Ivi, p. Evangelista Magalhães, Relazione al Ministro Provinciale e Definitorio, Manaus, 11, febbraio, 1976, 2.

[890] Ivi, 3.

[891] No momento em que escreve o relatório, por exemplo, Fr. Evangelista recorda que: "Fr. Francisco Arce acabara de concluir o Curso de Franciscanismo e Pastoral junto à Comunidade interfranciscana do Cefepal; Fr. Miguel Arcanjo Gama retornou [...] de São Paulo, onde frequentou um mês de atualização teológica; Fr. Gino Alberati está em Monselice (PD) numa experiência de oração e vida comunitária; Fr. Arsênio Sampalmieri e Fr. Mário Monacelli estão frequentando, em Manaus, um curso de fonoaudiologia das línguas primitivas": ivi, 4.

clero diocesano, apenas ao fim do liceu, no Instituto Pastoral de Manaus, mantido pela arquidiocese e pelas várias prelazias, além das ordens religiosas e, portanto, também pela Vice-Província capuchinha, que se qualificava como um curso superior de disciplinas filosóficas, teológicas e de teologia pastoral, "com uma certa colaboração amazônica".[892] Segundo Fr. Evangelista, o maior obstáculo no cuidado das vocações era constituído pela insensibilidade dos párocos quanto ao problema: muitos deles, por causa das promíscuas condições de vida da população, não acreditavam nas vocações locais e, também, a falta de um noviciado local forçava os missionários a enviar os estudantes às províncias do sul, particularmente em São Paulo.[893]

As suas análises e preocupações encontraram uma confirmação acertada no Conselho Plenário da Ordem dos Capuchinhos (CPO), que se realizou em Mattli, na Suíça, de 29 de agosto a 22 de setembro de 1978, e ao qual participou Fr. Evangelista, na qualidade de superior da missão. O de Mattli foi o terceiro CPO; o primeiro se deu em Quito, no Equador, sobre a realidade franciscana na América Latina (problemas, trabalho, fraternidade, pobreza); o segundo se deu em Taizé, na França, sobre a oração, enquanto que o terceiro teve como tema a atividade missionária da Ordem. Esse assunto era um dos mais urgentes e sua discussão estava na pauta dos últimos dois capítulos gerais. Foi feito em Mattli, na Suíça, por estar perto da cidade de Andermatt, onde nasceu Fr. Bernardo da Andermatt, grande reformador da atividade missionária dos capuchinhos. Mattli é um nome significativo para o franciscanismo, e significa, de fato, "porciúncula" ou "pequena porção de terra", como Santa Maria dos Anjos. Diante dos movimentos de mentalidade e cultura, do quadro político continuamente novo, do novo posicionar-se da própria Igreja especialmente do ponto de vista pastoral, também os capuchinhos sentiram viva a urgência de um estudo aprofundado do problema missionário.

Em Mattli, o discurso específico sobre as missões vem recolocado no contexto mais geral da natureza missionária da Igreja e do seu empenho de testemunho e anúncio; vem assim reafirmado que

---

[892] Ivi, 5.

[893] Naquele ano, a missão tinha em São Paulo de Olivença um noviço e um estudante do terceiro ano de teologia.

o aspecto mais importante e mais característico da Igreja residia em sua essencial missão evangelizadora. Tarefa una e única, que depois se tornava precisa, se desdobrava, em sua explicação prática, por quantos são os reais contextos, as situações concretas, os grupos humanos, cada um dos indivíduos. Uma outra temática muito importante afrontada foi a dos países do Terceiro Mundo, com uma cultura nova e uma realidade política própria. Questionou-se, em particular, sobre qual seria a postura missionária a se adotar diante dessas novas nações. Diante da invasão das ideologias, dos movimentos de libertação da África, da América Latina, da Ásia, como deveria se comportar o missionário e, em particular, o missionário franciscano, com sua espiritualidade franciscana, com seu estilo franciscano? Existia, enfim, um modo franciscano de ser missionário?

O CPO de Mattli reafirmou que a vocação franciscana é, em si mesma, fundamentalmente missionária, e que o projeto evangélico de vida do franciscano implica, radicalmente, em uma espontânea dimensão apostólica, sem fronteiras. Mas isso, ainda, não comportava de *per si* uma vocação especial, quase como que um segundo chamado, nem, por outro lado, a vocação missionária poderia significar um empenho para toda a vida. O documento de Mattli, em base nas indicações conciliares, remarcava a nova dimensão das Igrejas particulares e locais, e o fato de que isso exigia um serviço missionário subsidiário, que oferecesse a ocasião providencial de fazer viver concretamente a característica da itinerância franciscana. Não eram mais os institutos religiosos a ter a responsabilidade direta das missões, mas eram as próprias Igrejas locais a ter consciência de si mesmas, mesmo que as dioceses pudessem, naturalmente, empregar determinados institutos para o serviço pastoral e promocional.

Segundo essa nova perspectiva, os missionários se transformavam de fundadores dinâmicos de igrejas em colaboradores, de homens da iniciativa e das decisões autônomas, em homens do diálogo, da escuta e, em certa medida, da obediência e da disponibilidade. “Neste retroceder à segunda fila nesta separação, o frade menor encontra o seu clima inato – afirmava Fr. Evangelista em uma entrevista – e pode viver a sua identidade na disponibilidade e na minoridade. E os nossos missionários – acrescentava – entenderam isso. Entenderam que o

sentido de sua presença é de formar líderes locais, clero, religiosos, catequistas leigos empenhados, a dar-lhes responsabilidade e a se tornar, aos poucos, supérfluos".[894]

Tratava-se de uma reviravolta "copernicana", uma mudança tão radical do empenho missionário que poderia até mesmo confundir as consciências; sem dúvida, "rasgos e dilaceramentos" teriam acontecido, mas, de resto, nada podia nascer "sem dor". O importante – continuava Fr. Evangelista – era que o documento de Mattli fosse acolhido, estudado, compreendido, e levasse as províncias "a fazer um honesto exame de consciência sobre as próprias atividades, sobre o empenho missionário e sobre o espírito franciscano que as anima". Só assim se poderia garantir copiosos frutos para o futuro.[895] O capuchinho brasileiro fez desses princípios a sua bússola e, daquelas determinações, ter-se-ia feito guiar até quando, em 1981, foi nomeado bispo de Carolina, no Maranhão, uma imensa Diocese, então atravessada por convulsões produzidas pela espasmódica busca de ouro e submetida a violentos impulsos de modernização, com o consequente desencadeamento de processos de exploração e empobrecimento.

Nesse contexto, dom Magalhães parece chegar à conclusão de que a Igreja deveria "sujar as mãos" e colocar ao centro os direitos de todas as populações que viviam na região, indígenas primeiro. A questão social como tema imprescindível, a opção preferencial pelos pobres como escolha implícita à fé cristológica naquele Deus que se fez pobre para salvar a humanidade; significava, enfim, percorrer a estrada do empenho da Igreja na América Latina, no sulco bem definido inaugurado em Medellín e em Puebla.

Como é sabido, também dom Magalhães pagará um preço altíssimo por essa escolha, mas terá, pelo menos, como consequência o seu retorno ao Alto Solimões, onde ainda hoje continua a exercer o seu ministério pastoral, aceitando os novos desafios que se apresentam à Igreja da América Latina e à Amazônia, em particular. Tarefas árduas, cheias de dificuldade, mas também de esperanças, que vêm em

---

[894] L'attività Missionaria dei Cappuccini. Intervista a p. Evangelista Magalhães Superiore dei cappuccini dell'Alto Solimões, a cura di M. Collarini, In: *Voce Serafica di Assisi* 57/20 (1978) 120-123.

[895] Ivi, 123.

primeiro plano a reorganização da missão, no sentido de encarnar o Evangelho nas culturas e a sintonizar-se com as grandes aspirações da humanidade, a partir justamente dos pobres; a refundação da identidade, revisitando o passado à luz do presente, na fidelidade à experiência originária e ao hoje; a renovação da instituição eclesial, que deve ser instrumento de sustento da evangelização e das pessoas.

Nessa direção, dom Magalhães, filho dessa terra, tem dado e dará com certeza uma contribuição vital; movendo-se no quadro oferecido pelo Concílio Vaticano II e pela tradição latino-americana, ele tem sempre evitado que da missão derive uma evangelização intimista e espiritualista, e tem concebido a missão sempre dentro da eclesiologia do povo de Deus, tendo bem em mente que a Igreja é inserida no mundo.[896]

3. Rumo à "purificação das funções sacerdotais". A visita à Vice-Província de Fr. Vittorio Matteucci (1976-1977)

O ministro provincial partiu de Fiumicino em 5 de dezembro de 1976 e, após uma escala em Bogotá, tomou o voo rumo a Letícia, onde chegou em 8 de dezembro, bem a tempo de participar, na residência de Benjamin Constant, da procissão da Imaculada, padroeira da paróquia local. Daqui iniciou também a viagem que o levou a visitar, em quase quatro meses de estada no Amazonas, todas as residências e capelas mais importantes da missão. Ao final dos anos setenta, os religiosos trabalhavam em dez residências principais, das quais nove eram paróquias; Manaus permanecia a residência principal, agora dotada de uma nova casa, surgida das estruturas do antigo "Casarão"; um edifício de três andares, cômodo e funcional, que hospedava, no primeiro andar, salas paroquiais, cozinha e refeitório, no segundo, os quartos dos padres, e, finalmente, no terceiro, o dormitório e as salas dos seminaristas. A reestruturação da Diocese de Manaus, consequência dos fluxos de imigração à cidade, havia redesenhado o mapa da presença das ordens religiosas; aos capuchinhos da Úmbria, permanecia a casa

[896] E. Picucci, Mons. Magalhães: 25 anni di episcopato, In: *Voce Serafica di Assisi* 84 (2007) 2-3, 28-31.

da Divina Providência, o jardim da infância, porém não mais o serviço religioso das Igrejas de Nazaré e de São José de Campos Sales, que foram passadas aos frades do Pime. Contudo, o que mais lhes havia contrariado era a passagem da Igreja de N. Sr.ª de Fátima, cuja construção tantos sacrifícios tinham custado aos capuchinhos umbros e, em particular, a Fr. José de Leonissa; os padres palotinos americanos, após concluir os trabalhos de construção, tinham posto, ao fundo do santuário, uma bela lápide para agradecer os benfeitores, sem nem ao menos mencionar os capuchinhos, que praticamente haviam-na edificado.

A presença dos capuchinhos umbros na cidade era completada por um terreno, de aproximadamente 600 m^2, situado ao longo de um pequeno rio, lugar ideal para retiros espirituais e recreações, e por um outro lote de terra, situado a cerca de 40 quilômetros da cidade, na estrada que conduz a Itacoatiara, que, se estruturado, podia ser bem explorado para encontros comunitários e para as férias dos seminaristas. A visita às outras residências confirmou os passos dados avante para tornar a qualidade de vida mais aceitável; em quase todos os centros já havia geradores elétricos e um posto telefônico público; a água potável em casa era "um luxo" que, em parte, "poderia ser usufruído também no Amazonas", e não faltavam postos de saúde, particularmente importantes em uma área onde lepra, tuberculose e verminose ainda eram doenças bastante difusas.[897]

Os missionários presentes já haviam atingido o número de 29 indivíduos, mais dois religiosos (Fr. Anastácio e Fr. Miguel Ângelo)

[897] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, p. Vittorio Matteucci, Relazione alla Provincia sulla visita effettuata alla Viceprovincia dell'Alto Solimões, Assisi, 23, giugno, 1977, 11. Notícias menos confortantes, por sua vez, no campo dos transportes públicos, no qual, segundo Fr. Vittorio, registrava-se um passo atrás: "Vindo a cessar há alguns anos o serviço aéreo que mantinha ligadas as cidades duas vezes por semana, veio a falhar o transporte público fluvial. O único serviço fluvial é efetuado por empresas privadas que, com barcos nem sempre eficientes e quase nunca em ordem com as mais elementares exigências higiênicas, fazem o transporte de Manaus ao Marco de Tabatinga mantendo em pé, no melhor dos casos, o pequeno comércio, o serviço postal e o transporte das pessoas". Para evitar tais incovenientes, as residências dos religiosos eram todas dotadas de "um barco a motor e de alguma lancha": *Ibidem*.

que residiam na casa de Teresópolis.[898] Satisfação da parte do ministro provincial pela vida religiosa da numerosa comunidade que, apesar da dureza do ambiente, no estilo de vida e no trabalho conseguia manifestar inteiramente o carisma franciscano; podia surgir algum problema – escreve Fr. Vittorio – onde o trabalho sempre parecesse excessivo e ingrato, graves as dificuldades e opressora a solidão; contudo, apesar de uma ou outra demonstração de desconfiança, "de rispidez ou fechamento excessivo", que podiam expor o missionário "a sair de sua esfera religiosa para se refugiar na solidão ou em um ativismo nem sempre comedido e sereno", o mesmo provincial não hesita em definir "heroica" a vida religiosa dos seus missionários.[899] Satisfatória era considerada também a vida de fraternidade; o Concílio Vaticano II havia insistido bastante na aplicação de um novo estilo de vida comunitária dentro das várias ordens religiosas e também nos capuchinhos umbros do Amazonas, não obstante o pairar de "alguma postura excessiva de individualismo na gestão de algumas atividades e no uso do dinheiro",

[898] Era este o quadro completo ao momento da visita do ministro provincial. Em Manaus, além do Vice-Provincial Fr. Evangelista Magalhães, eram presentes Fr. Gino Alberati, superior e diretor espiritual do seminário, Fr. Tomás Ottaviani, pároco, Fr. Valério Di Carlo, vice-pároco, vigário da casa e ecônomo, Fr. Francisco Arce, diretor do Seminário, Fr. Sílvio Vagheggi, capelão do hospital Santa Casa, Fr. Silvano Monini, administrador da prelazia e da Vice-Província, Fr. Pio Dolci, auxiliar de administração, Fr. Amadeu Guimarães, secretário Vice-Provincial, Fr. Bernardino Vagnarelli, estudante, Fr. Osmar Salvador, estudante; em Benjamin Constant: Fr. Roberto Cialoni, superior, Fr. Fulgêncio Monacelli, pároco, Fr. Evaristo Matteucci, vigário e encarregado da construção da igreja de Atalaia do Norte, Fr. Arsênio Sampalmieri, pároco de Belém do Solimões; Marco de Tabatinga: Fr. Jeremias Di Nardo, superior e pároco, Fr. Ciro Aprígio, vice-pároco e capelão militar; São Paulo de Olivença: Fr. Mário Monacelli, superior e pároco, Fr. Pio Conti, vice-pároco e médico no hospital, Fr. João Palmeira, cooperador; Atalaia do Norte: Fr. Filipe Dominici, superior e pároco, Fr. Miguel Arcanjo, cooperador, Fr. Húmilis Valgas, cooperador; Amaturá: Fr. Henrique Sampalmieri, superior e pároco, Fr. Benigno Falchi, vice-pároco e encarregado das obras sociais; Santo Antônio do Içá: Fr. Reinaldo Altieri, superior e pároco, Fr. Gerson Priante, cooperador; Tonantins: Fr. Silvestre Scica, superior e pároco, Fr. Inácio Nailon Nunes, cooperador: ivi, 5.

[899] "Posso, contudo, garantir que, salvo raras e momentâneas exceções, a vida religiosa, em seu conjunto, em relação às dificuldades gerais da zona, não só é satisfatória, mas, frequentemente, até mesmo heroica. Sua vida de pobreza, de serena alegria que sustenta a sua existência, o amor fraterno que os une, são aspectos fáceis de se colher vivendo entre eles": ivi, 6.

e apesar de "uma certa resistência a compreender [...] em cheio as novas direções de vida comum", constatava-se um esforço para assimilar e atuar "um novo estilo de fraternidade". Por isso, nas decisões capitulares, insistia-se no fato de que cada residência estivessem presentes ao menos dois religiosos, e se dividira a prelazia em duas grandes zonas, uma tendo como centro São Paulo de Olivença e compreendendo Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tonantins, e a outra com o centro em Benjamin Constant, compreendendo as residências do Marco de Tabatinga, Atalaia do Norte e Belém do Solimões.

A cada dois meses, os religiosos de cada uma das zonas se reuniam em uma das residências e ali passavam um ou dois dias rezando e discutindo juntos os vários problemas da vida pastoral e religiosa. Um tema, o da oração e da vida espiritual, esteve ao centro das recomendações do ministro provincial, que logo se deu conta de que, em um ambiente no qual era difícil manter relações "de um certo tom cultural" e onde "a pobreza do pensamento" era maior do que "a pobreza material", a ausência da oração comum poderia favorecer uma imersão no social, sempre ótima, mas, se destituída de elementos distintivos, findava por caracterizar o missionário não mais como homem de Deus.[900] Nesse sentido, o ministro provincial insistia para que se chegasse a uma "purificação das funções sacerdotais", ou seja, a liberar os religiosos de todas aquelas funções que pudessem muito bem ser desempenhadas, observando também os preceitos conciliares, pelos leigos, sobretudo do sexo masculino, dado que se verificava uma "preponderante" presença feminina. Não escapava a Fr. Vittorio a mudança que estava se verificando na Igreja brasileira, uma igreja que – escreve – não é mais constituída por catedrais, por santuários, mas "por jovens cristãos empenhados [...], por camponeses que pre-

---

[900] Escreve Fr. Vittorio: "O missionário [...] tem a necessidade de um contínuo e profundo contato com Deus. Tem necessidade de preencher seus vazios com uma presença qualificante e corroborante, ao mesmo tempo; precisa da oração. Se esta vem a faltar, como infelizmente acontece às vezes, o missionário acaba por se encontrar cada vez mais só, mais fechado, deslocado, desiludido, áspero, empobrecido, insatisfeito, com inevitáveis desafogos em compensações nem sempre ideais e, frequentemente, alienantes. Assim, para não se entregar, refugia-se em ativismos supérfluos, em realizações exteriores; mergulha no 'social' privado de uma indispensável característica e acaba por não ser mais o homem de Deus": ivi, 8.

gam o Evangelho, por pais de família que sacrificam o próprio tempo livre pela comunidade"; tinha percebido o recuo dos círculos da Ação Católica, que davam espaço a novos movimentos (Cursilhos, Focolares, Mundo Melhor), que atravessavam a América Latina e geravam genuínos cristãos, empenhados e cheios de iniciativa.

Esse aspecto pastoral, que insistia na valorização dos leigos, também levando em conta a fragilidade das vocações locais, parecia ao ministro provincial suficientemente entendido, mas a sua opinião era a de insistir ainda mais, por meio de cursos e estudos, na formação de homens e mulheres a serem inseridos na atividade pastoral.[901] Quase como que a corroborar a sua tese de se investir recursos materiais e espirituais na formação dos leigos para completar e fortalecer a catequese e a atividade religiosa na missão, analisa Fr. Vittorio, em modo detalhado, o caso "doloroso e significativo" de José Francisco da Cruz, mais conhecido como irmão José. Com efeito, ele havia feito prosélitos sobretudo nas comunidades abandonadas, distantes das residências missionárias, mas seu sucesso, mesmo que se tenha de atribuir a múltiplos fatores,[902] era também consequência de uma catequese "não adequada e tempestiva", que impunha aos missionários uma reflexão abrangente sobre o tema. Algumas sugestões Fr. Vittorio propunha. Questionava, por exemplo, se não seria oportuno favorecer o surgimento de comunidades de base em cada vilarejo, confiada à responsabilidade dos leigos do próprio lugar; se não seria necessário guiar a atividade mais para o lado da evangelização do que para as obras de promoção humana.

A verdadeira igreja a ser construída – escrevia Fr. Vittorio – era aquela "no coração dos fiéis" e, sucessivamente, segundo as necessidades, deveria "se fazer construir as igrejas pelos fiéis". Evocando passa-

---

[901] A questão da preparação dos leigos para as atividades pastorais da igreja local foi um preoblema que, uma vez levantado, continuará no centro das atenções, sobretudo de mons. Marzi que, em agosto de 1979, aproveitando a presença na missão de Fr. Celestino Di Nardo e por este estimulado, apresentou às novas autoridades provinciais um orçamento para organizar uma coordnação de pastoral. O custo girava em torno de 882.690,96 cruzeiros por um ano. APCA, 106, *Missioni – Corrispondenza personale*, 2, M-P, mons. Adalberto Marzi al ministro provinciale e ai definitori, S. Paulo de Olivença, 15, agosto, 1979.

[902] Cf. neste volume p. 264-266.

gens fundamentais da teologia conciliar, o ministro provincial desejava, por parte dos missionários, uma revisão do modo de se apresentar: "Não mais mestres, mas animadores, construtores junto com os fiéis do reino de Deus. Antes do que fazer tudo, deixar fazer. Não impor, mas animar, 'educar'".[903]

A visita de Fr. Vittorio permanece, em suma, o testemunho do esforço dos capuchinhos umbros de entrar em sintonia com os decretos do Concílio Vaticano II, mas, sobretudo, com a fervorosa, jovem Igreja brasileira. Também no Alto Solimões, Fr. Vittorio tinha verificado com os próprios olhos a transformação social, quase antropológica, que se verificava, a tal ponto de ter que rebater a sensação, difusa em vários religiosos, de que a missão estivesse atravessando um período de forte recessão, em que se assistia à desmobilização dos progressos alcançados: "Os colégios, que foram o orgulho dos anos passados, estão vazios; os grupos da Ação Católica, praticamente dissolvidos. Grandes construções, semiutilizadas [...] As escolas estão passando fatalmente sob a direção do Estado, que tende a se tornar cada vez mais presente mesmo naquelas regiões remotas. Aos círculos católicos estão subentrando os clubes de várias tendências, ao teatro paroquial, aos salões de dança, à banda musical do missionário, às discotecas. Grandes fotos com freiras, missionários, grupos de jovens uniformizados, coreografias, desfiles de jovens, crinaças, com bandeiras, estandartes e fanfarra, ficam penduradas na parede".[904] Poucas linhas que descrevem a mudança, o ingresso da modernidade também naquelas áreas esquecidas e abandonadas, mas que não deveria levar ao desespero e à resignação porque, justamente escreve Fr. Vittorio, não se tratava de recessão, mas de "crescimento e amadurecimento"; antes, sobre tal transformação, continuava ele, era necessário colher todas as potencialidades positivas e "purificar" o trabalho do missionário, passando, por exemplo, à administração pública toda uma série de atividades que, "uma vez era possível e necessário implantar e sustentar".[905] Mas em Medellín há também a denúncia das estruturas de domínio político e econômico,

---

[903] APCA, 102, *Missioni – Relazioni annuali e quinquennali*, p. Vittorio Matteucci, Relazione alla Provincia, 20.

[904] Ivi, 21.

[905] *Ibidem.*

dos regimes militares e do capitalismo, um apelo a "tornar conscientes" as massas e a favorecer uma transformação radical das sociedades latino-americanas. Em suma, segundo o ministro provincial, a modernização era uma ocasião importante para "enxugar as estruturas", diminuir o quadro de funcionários e orientar-se de maneira preferencial à catequese e ao testemunho evangélico.[906]

Uma tarefa que, todavia, devia ser desempenhada com o auxílio dos novos meios de comunicação social e, nesse sentido, o desejo de Fr. Vittorio era de que, também no Alto Solimões, fosse ativada pelos capuchinhos uma rádio local que pudesse eficazmente substituir, no contato com os jovens, a "cátedra" escolar.[907]

4. Reviravolta conciliar e **Implantatio Ordinis**

Após a visita do ministro provincial, a missão dos capuchinhos acolheu a também pastoral e canônica efetuada pelo Definidor Geral Fr. José Carlos Corrêa Pedroso, de 22 de julho a 9 de agosto de 1979. O objetivo era verificar a possibilidade de transformar a Vice-Província em uma província, e, ao fim da visita, o definitório-geral examinou o relatório apresentado pelo visitador; em seguida, reunidos em Assis, à presença do ministro provincial, Fr. Vittorio Matteucci, foi redigido um esboço de carta, a se endereção aos missionários capuchinhos do Amazonas, na qual vinham postos em relevo alguns pontos para estabelecer e viver, nessa realidade, uma concreta vida evangélica e fran-

---

906 "Talvez é chegada a hora de uma decisão corajosa, ou seja, de passar à administração pública todas aquelas atividades, que, uma vez, era possível e necessário implantá-las e sustentá-las. Talvez será necessário enxugar as estruturas; diminuir o quadro de funcionários, despertar o voluntariado; orientar-se de maneira preferencial à tarefa específica da catequese, do testemunho evangélico, da presença estimulante e animadora, e deixar ao poder público as funções que lhe são próprias e que já começa a reivindicar": *Ibidem*.

907 "A América Latina – escreve Fr. Vittorio – possui um invejável primado no campo das redes radiofônicas e televisivas católicas. Só no Brasil existem bem umas 126, e uma dúzia de emissoras televisivas. No Alto Solimões, onde não chega nem jornal, nem revista local, nem televisão, seria um sonho proibido uma pequena estação para toda a prelazia? É uma proposta. Perdida ou em via de extinsão a escola, não poderia ser uma ótima cátedra de pastoral e de ensino?". Ivi, 22.

ciscana. Apresentada como um "serviço fraterno, a carta, na realidade, enunciava em dez pontos as prioridades para "implantar" a Ordem, e sugeria alguns dos assuntos a serem afrontados e discutidos no iminente Capítulo.[908] Antes de tudo, a fraternidade do Alto Solimões devia direcionar todo esforço para implantar a Ordem, o que significava descobrir, quase que inventar, "o tipo de capuchinho para o Amazonas"; o objetivo final devia ser o de se tornar, em tempos breves, uma província, "com personalidade própria, com um estilo próprio", em se viver a vida evangélico-franciscana. A consequência disso era a de atribuir uma importância estratégica à formação e, nesse sentido, nos pontos sucessivos, a carta fornecia diversas orientações. Em primeiro lugar, insistia na necessidade de organizar uma equipe de formação, que elaborasse as linhas de base a todos os níveis, desde os jovens que se aproximavam à vocação, até os mais antigos; se até então a Vice-Província se esforçara para abrir e manter um ou dois seminários, chegara o momento para dar início a um postulantado e a um noviciado, enquanto que as fases sucessivas da formação podiam continuar a serem realizadas em São Paulo ou outras províncias do Brasil.

Com efeito, era necessário, segundo a opinião da cúria-geral, ter cuidado sobretudo com os primeiros passos, para fazer com que os candidatos não saíssem do próprio ambiente, "senão após um discernimento suficiente e com maiores garantias de não perderem a própria identidade regional".[909] Uma sugestão que o Capítulo, em preparação, deveria seriamente considerar e também avaliar atentamente, era a possibilidade de reunir todos os frades da Vice-Província em três fraternidades locais: Manaus, Tabatinga ou Benjamin Constant, e Amaturá; os frades continuariam a viver nos mesmos lugares, mas com um superior comum, que deveria visitar-lhes com frequência e

---

[908] Com carta de 24 de agosto de 1979, enviada ao Vice-Provincial Fr. Evangelista Magalhães, o ministro provincial convidava-o a convocar o capítulo; em 16 de setembro, Fr. Evangelista respondia comunicando que, em acordo com todos os religiosos, o Capítulo eletivo seria celebrado em Manaus, no período de 26 de janeiro a 9 de fevereiro de 1980. O texto das cartas: in *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 45 (nov., 1978-dic.,1979) 138-139.

[909] *Lettera del P. Pasquale Rywalski OFMCap. Ministro Generale dell'Ordine, dopo la visita pastorale e canonica effettuata da p. José Carlos Corrêa Pedroso OFMCap. Definitore Generale, dal 22 luglio al 9 agosto 1979*, Roma, 23, settembre, 1979, ivi, 135-136.

reuni-los ao menos quatro vezes ao ano, para estudo e oração comuns. As recomendações do minsitro-geral, Fr. Pasquale Rywalski, pediam aos capuchinhos umbros, considerando a situação concreta da região à qual foram chamados a trabalhar, de levar em grande consideração as vocações a irmãos não clérigos, bem como de acolher "trabalhadores apostólicos" de outra proveniência, confiando-lhes setores de trabalho já organizados. Enfim, era pedido ao Capítulo de tomar uma posição definitiva em relação à casa de Teresópolis, levando em conta principalmente que nenhum religioso devia "viver fora das fraternidades", e que a cúria-geral não reconhecia "aquela casa como fraternidade fora da Vice-Província".[910]

O problema afrontado na carta do Ministro Geral de "implantar" a Ordem segundo um estilo e uma convivência específica da área amazônica encontrava um contingente de missionários que já haviam absorvido a reviravolta conciliar e, mesmo havia diversos anos em missão, compreenderam a mudança e se dispuseram a promover a renovação no uso da língua do povo e na prática de uma liturgia inculturada; para muitos deles, a reviravolta conciliar marcou a passagem da evangelização, vista como simples sacramentalização, à construção da Igreja local. Compreendeu bem Fr. Sílvio Vagheggi, que havia partido à missão em 26 de novembro de 1957, com 41 anos, que logo percebeu a mudança no método pastoral imposto pelo concílio; ele, em uma entrevista ao periódico dos capuchinhos umbros, afirma de ter escolhido, sobretudo no contato com os jovens, o método "amazonense", feito de "paciência, serenidade, compreensão, respeito e amor"; inovação na continuidade, quando se recorda de ter sempre seguido o ensinamento de Fr. Domingos de Gualdo Tadino, que costumava aconselhar os novos missionários a não julgar, não criticar e não condenar antes de permanecer, no mínimo, três anos no Amazonas.[911]

A opção preferencial pelos pobres tornou-se prioritária para Fr. Roberto Cialoni, que partiu como missionário em 1947; em 1975, tinha 65 anos, 28 dos quais transcorridos no Amazonas. Trabalhou por vinte anos em Amaturá, para onde se dirigiu a fim de substituir

---

[910] Ivi, 137.

[911] Dalla Missione. L'Amazzonia mi ha preso il corpo, l'anima, il cuore, In: *Voce Serafica di Assisi* 53/45 (1974) 16-18.

Fr. Pio Dolci que, nomeado econômico, transferiu-se para Manaus. Ali fez um pouco de tudo: pároco, professor, agricultor, pescador e, às vezes, até médico. Implantou também uma pequena fábrica de tijolos e uma pequena serraria, mas a atividade na qual se sentia realmente missionário era a *desobriga*, porque, lembra Fr. Roberto, era só então que "eu podia compartilhar do estado dos verdadeiros pobres"; sempre ao longo dos rios, tomava contato com a miséria, as doenças mais terríveis como a lepra e a tuberculose, e, relata, "enquanto aliviava as penas de sua alma e de seus corpos com remédios e conselhos de higiene, deles eu aprendia a calma, a cordial hospitalidade e um grande senso de resignação diante das terríveis dificuldades da vida".[912] Igualmente, a pastoral indigenista superou a simples oferta de sacramentos e se transformou mais em uma pesquisa antropológica, que divulgou a cultura material e as tradições das tribos com o objetivo de favorecer os pressupostos socioeconômicos necessários à sobrevivência indígena.

Interessante é a série de escritos publicados por Fr. Arsênio Sampalmieri em *Il Massaia*, de 1978 a 1980, com o objetivo de fazer conhecer – sem juízos e pré-juízos – a vida dos índios nos mínimos detalhes.[913] Fr. Arsênio, em 1974, estava havia 12 anos no Amazonas e, fazia 5, trabalhava em meio aos índios Ticuna. Escreveu ao provincial, após seis meses de sua visita à comunidade de Belém do Solimões, sintetizando sua vida em poucas palavras: "Viver entre e com os Ticuna; procurar entender a sua língua; assimilar sua cultura, seus hábitos, seus desejos [...], procuro habituá-los a se liberarem de todo jugo humano e de falsas crenças, de fazer com que se tornem pessoas, no verdadeiro sentido da palavra".[914] Deixava o provincial a par dos progressos materiais e espirituais realizados em cinco anos. A vida religiosa lhe parecia em lento, mas responsável crescimento; os Ticuna, até então, eram apenas batizados e faltava uma verdadeira tentativa de evangelização e promoção humana; ainda mais, voltando da Itália, tinha encontrado o campo invadido pelo "beato" José Francisco da Cruz, e teve de

---

912 Dalla Missione. Se dovessi ricominciare ripartirei di nuovo per l'Amazzonia, In: *Voce Serafica di Assisi* 53/23 (1975) 16-20. Entrevista de N. Capodicasa.

913 O significativo título de tais artigos é: *Ticuna, índios amáveis*.

914 Dalla Missione. Dall'Amazzonia ci scrive p. Arsenio Sampalmieri, In: *Voce Serafica di Assisi* 53/49 (1974) 12-15.

constatar que a quase totalidade dos índios tinham sido "iludidos e seduzidos", voltando à superstição. "O ruim – escrevia Fr. Arsênio – é que criaram uma espécie de religião própria, um catolicismo próprio"; por sorte, acrescenta, são poucos constantes e "um dia são fanáticos, um outro dia parece que querem abandonar tudo".[915]

Diante de tal emergência, Fr. Arsênio intensificou a catequese, concedeu o Batismo e a Comunhão só após um tempo regular de frequência ao ensinamento e fixou-se no processo de evangelização na figura de Cristo Redentor, que veio para libertar e redimir todos os homens, ao observar que, em suas convicções ancestrais, esperavam um redentor, e que, portanto, em Cristo todos eram irmãos, mas – escrevia Fr. Arsênio – eles não entendem como "os irmãos brancos tinham explorarado e continuavam a explorar seus irmãos caboclos".[916] A escola era o setor que estava no centro das atenções, e Fr. Arsênio conseguiu instituir uma também em Feijoal, uma comunidade que se encontrava na metade do caminho entre Benjamin Constant e Belém do Solimões, onde foi convidada uma professora, a senhorita Luisa Miglioli, uma voluntária italiana que havia muitos anos trabalhava no Brasil.[917] Raízes culturais profundas tinha, por sua vez, Fr. Gino Alberati, natural de Montemelino (Perúgia), sempre fascinado pela figura de Giovanni da Pian del Carpine (hoje Maggione), frade menor franciscano e viajante, dentre os primeiros seguidores de São Francisco, que o enviou à Alemanha (1221-1245), para difundir a Ordem e o cristianismo; quando jovem, também leu os escritos de Matteo Ricci (1552-1610), o missionário jesuíta idealizador da chamada "evangelização suave", ou seja, uma evangelização que buscasse penetrar nas culturas locais sem atropelá-las, ou pior, aniquilá-las.

Convidado por Fr. Miguel Ângelo de Marenella a enveredar pela vida missionária, chegou ao Amazonas em 1970, e logo fez o propósito de "não se fazer nenhuma ideia pré-concebida e não querer ensinar nada a ninguém", mas de sentir-se unido a quem quer que en-

---

915 Ivi, 13.
916 *Ibidem*.
917 A. Sampalmieri, *Volontaria italiana tra i Ticuna*, ivi, 51 (1972), 190-191.

contrasse.[918] Dois meses depois de sua chegada a Manaus, foi enviado a Amaturá, em auxílio a Fr. Benigno, que ficou só por causa do retorno de Fr. Henrique, da Itália. Ali ficou por quase três anos, trabalhando sobretudo com os jovens e doentes; atenção muito bem retribuída, se, no arco de dois anos, uns cinco jovens pediram para entrar no seminário de Manaus; aos doentes, por sua vez, dedicava quase quatro horas por dia, aguardava-os na pequena farmácia da missão ou visitava-os em casa. Não deixou de lado a *desobriga*, que o levou a criar pequenas comunidades de base ao longo das margens do rio. De Amaturá, regressou a Manaus, chamado para dirigir o seminário, auxiliado por Fr. Miguel Ângelo, na qualidade de frade espiritual, e por Fr. Valério, como mestre de canto e música. Sob sua guia, os seminaristas começaram a fazer vida comum, colaboraram com a paróquia, empenharamse na catequese e na animação dos grupos de jovens. Também fizeram experiências de agricultura, desmatando e plantando bananeiras em uma porção de terra, a uns quarenta quilômetros de Manaus, doado à missão. Filho do concílio, estava convicto de que apenas uma maior justiça entre países ricos e pobres poderia realizar a paz e o desenvolvimento, mas desde então já via as dificuldades de uma estrada como essa e, profeticamente, perguntava-se: "Os amazonenses poderão ser donos e gestores do próprio destino, ou não seriam explorados e instrumentalizados por outros, mais poderosos e preparados?".[919]

Também um acontecimento de grande importância para a comunidade, como o 25.º aniversário de sacerdócio de dom Adalberto Marzi, bispo da prelazia, foi celebrado na perspectiva de satisfazer a exigência da missão de aumentar as vocações e de assim fortalecer a *Implantatio Ordinis* e o clero local. Os religiosos da missão, de comum acordo com o prelado, com efeito quiseram celebrar a ocasião "em tom de espiritualidade", pondo ao centro do evento a realização de uma "grande missão popular nas paróquias e capelas". Para isso, foram convidados dois sacerdotes do sul – Província do Paraná-Santa Catarina – que, de novembro a fevereiro, empenharam-se em um ciclo de pregações em todas as

---

[918] *Cinque anni in Amazzonia. Come vede le cose un giovane missionario*: ivi, 54 (1975) 33, 16-22. Entrevista a Fr. Gino Alberati, de N. Capodicasa.

[919] *Ibidem.*

casas e principais capelas;[920] ao término da missão, com duração de uma semana, chegava o bispo para encerrá-la com uma solene concelebração. A longa peregrinação foi concluída num domingo, 6 de fevereiro, em São Paulo de Olivença, com um discurso proferido por Fr. Silvano, as congratulações e felicitações apresentadas diretamente pelo ministro provincial e a reposta de mons. Marzi que, na mesma linha do objetivo da pregação dos missionários, insistia no tema das vocações e do seminário, sustentando, dentre outras coisas: "O frade provincial veio, mas veio só enquanto as necessidades aumentam e as forças começam a diminuir".[921]

Com efeito, a situação na missão não era das melhores: Fr. Gino Alberati havia ficado só em Amaturá, por causa da ausência de Fr. Benigno que, submetido a uma cirurgia em um braço feita em Bogotá, após um acidente, não conseguia se recuperar e, portanto, decidiu voltar para a Itália;[922] em compensação, Fr. Francisco Arce, com as ofertas que havia recolhido durante sua estada na Itália, pôde finalmente comprar uma lancha, e Fr. Evangelista tinha posto em funcionamento um radiotransmissor com o qual podia fazer contato com quase todo o Brasil.[923] Este último, sinal evidente de que as relações com a missão

---

920 "Em cada igreja e capela, após uma adequada preparação por parte dos sacerdotes encarregados, chegavam os missionários que, em uma semana de intenso trabalho, dentro e fora da igreja, aproximavam todos os habitantes da zona, visitavam as famílias, quando possível, e preparavam todos para a festa do bispo com uma intensa campanha vocacional". In Missione, In: *Voce Serafica di Assisi* 51/13 (1972), 54-56.

921 *Ibidem.*

922 Escrevia: "Estou um tanto cansado de correr de um médico a outro sem resultado; e dado que o senhor me aconselha de voltar a Itália, e também Fr. Pio Conti me diz a mesma coisa, decidi partir assim que for possível. Porém, sinto muito por partir no momento em que temos tanto trabalho, mais do que o normal; daqui a alguns meses, acontecerá o 25.º aniversário [de ordenação] do bispo, e nós de Amaturá estamos preparando umas cem crianças para a Primeira Comunhão; e acontecerão as missões e outras iniciativas para elevar o nível espiritual deste povo. Sem falar que na Itália encontrarei o frio": ivi, 50/40 (1971), 186. Operado novamente em Florença, Fr. Benigno voltará ao Amazonas em 9 de julho de 1972, junto com Fr. Henrique que, acometido improvisamente de uma doença, foi forçado a voltar à Itália: ivi, 51/39 (1972), 154.

923 Ivi, 22, p. 89. De uma lancha, também pôde se dotar Fr. Pio Conti, um meio, ao que parece, "elogiado e admirado pelos comerciantes e empresas de viagens", que teria enormememnte facilitado o trabalho do missionário-médico ao longo dos vários afluentes do rio Amazonas: ivi, 90. O pequeno "hospital navegante", denominado "Maria Cristina", nome de uma das benfeitoras, Maria Cristina Ogier, que, junta-

se tornam mais intensas a cada dia; foram-se os tempos em que as cartas chegavam após anos, quando de Manaus a Benjamin Constant uma carta ora levava oito dias, da Itália, cerca de vinte e dois; "com a rapidez dos correios – escreve a redação de *Voce Serafica* – não há mais coisas ignoradas por nós sobre o que aocntece na missão e, para eles, do que acontece aqui".[924]

De qualquer modo, o apelo de dom Marzi não ficou sem ser ouvido, e dois novos missionários, Fr. Mário Monacelli e Fr. Valério Di Carlo partiram para o Amazonas; o primeiro, muito jovem, para se preparar adequadamente, havia frequentado um curso de enfermagem em Roma, e um outro específico em Verona, e juntou-se ao irmão, Fulgenzio, que, segundo o testemunho de Fr. Miguel Ângelo, havia se tornado um "religioso completo", dotado de uma "belíssima voz"e titular da melhor escola de canto de Manaus; até os militares, quando abriram um colégio, quiseram-no para a missa dominical.[925] Fr. Valério Di Carlo, por sua vez, não era mais tão jovem, tinha 42

---

mente com Maria Laura Tonelli, haviam tornado possível a aquisição e a expedição do pequeno barco-hospital, que partiu, a bordo de um navio mercante, do porto de Livorno em 24 de fevereiro de 1973, e era dotado de uma "saleta cirúrgica, um pequeno ambulatório, 10 leitos, chuveiros, cozinha e outros instrumentos sanitários". R. Pasquinelli, *L'Ospedale navigante*: ivi, 52/15 (1973), 63.

[924] Ivi, 23, 89.

[925] *Due nuovi missionari partono per l'Amazzonia*: ivi, 53/45 (1974), 27. Relevante, ao menos lendo a correspondência entre os dois irmãos, foi a influência que exerceu Fr. Fulgêncio sobre a opção de Fr. Mário em dar preferência à vida missionária; em uma carta a ele endereçada em agosto de 1966, Fr. Fulgêncio escrevia: "Caríssimo irmão, [...] a vida aqui não é impossível, nem dura, mas é muito difícil, não tanto para nós, pessoalmente, quanto para os outros que necessitam continuamente de socorros, mais do que espirituais, materiais. Assim, quando se pede algo, não é para nos acontentar, mas o nosso caro povo. Quando te digo que aqui há miséria, deves entender no sentido mais extremo, mesmo que não se possa falar assim de todos, mas 90% passa fome. Não estou para narrar-te aventuras ou peripécias, porque não as vivemos, mas vivemos em um clima realístico nu e cru, em contato com as verdadeiras necessidades humanas: mais de uma vez me aconteceu, e te digo como segredo, pus-me a chorar. Não quero dizer isso para receber compaixão, porque, garças a Deus, encontro-me contente e feliz, mas para te fazer entender que aqui precisamos de ajuda de qualquer tipo". APCA, 105, *Missioni – Corrispondenza personale*, 7, F-G, lettera di p. Fulgenzio Monacelli al fratello Mario, Benjamin Constant, 25, agosto, 1966. Um convite que, sete anos mais tarde, quando o irmão concluiu todo o ciclo de estudos, tornou-se mais interpelador: "Caríssimo frei Mario, [...] desde agora te digo que estou fazendo tua propaganda aqui, e todos estão curiosos para te ver e conhecer: não

anos, e tinha sido por três anos diretor da *Voce Serafica*. Ele se estabeleceu em Manaus com o encargo de vice-páraco, precioso, sobretudo, "com a música [...] nos frequentes matrimônios";[926] Fr. Mário, por sua vez, tornou-se capelão do hospital "Santa Isabel" de São Paulo de Olivença, uma policlínica em plena floresta, a mil quilômetros de uma verdadeira cidade. Seu funcionamento foi facilitado por meio de um convênio com a Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas e com a Prefeitura de São Paulo de Olivença, que tinham disponibilizado dois médicos, um dentista, um anestesista e um radiologista, além de prover a folha de pagamento de todo o pessoal de enfermagem e de serviço; a prelazia, por sua vez, colocava à disposição a estrutura com todos os equipamentos sanitários e higiênicos, e se comprometia com a manutenção dos pacientes, que chegavam continuamente das duas margens do rio Solimões e afluentes. O número dos recuperados, na metade dos anos setenta, girava em torno de vinte indivíduos, mas no ambulatório passavam, em um mês, aproximadamente mil pacientes que recebiam, grátis, consultas e remédios.[927]

Não faltou a presença dos capuchinhos no bom sucesso do Congresso Eucarístico Nacional, que se realizou em Manaus em 1975; foi uma ocasião para fazer um balanço do empenho da Igreja brasileira pela justiça social, e a capital do Amazonas foi escolhida justamente porque essa terra precisava ser integrada à vida nacional e superar seus profundos desequilíbrios. Entre os dias 17 e 19 de julho, em vários pontos da cidade, aconteceram encontros por categoria: homens, mulheres, jovens, clero; em seguida, sempre às 20h de cada dia, o estádio lotava para a missa; para o encerramento, estimava-se que havia sessenta mil fiéis no estádio. Uma prova de que a cidade superou egre-

---

banque o louco de ficar na Itália, porque aí, professores, há até demais": ivi, Manaus, 5, febbraio, 1973.

[926] E. Frasconi, Dalla Missione, In: *Voce Serafica di Assisi* 53/49 (1974), 28.

[927] Escrevia Fr. Evangelista Frasconi, em uma nota para *Voce Serafica di Assisi*: "É algo completamente novo e verdadeiramente grande para este povo que, até agora – quando não recorriam aos curandeiros – recebiam apenas visitas dos missionários, os quais, exceto Fr. Pio, médico, eram apenas enfermeiros e nem sempre especializados. É um passo à frente na civilização e já se percebe uma diminuição da mortalidade infantil, enquanto que, entre os adultos, espera-se que poderão superar mais facilmente as doenças endêmicas que têm ceifado tantas vítimas até agora, especialmente entre os índios: malária, sífilis, verminose, lepra". E. Frasconi, *Dalla Missione*: ivi, 55/5 (1976), 25.

giamente, respondendo às críticas da imprensa que não considerava as estruturas de Manaus idôneas para acolher tantas pessoas. Naturalmente, os capuchinhos umbros fizeram a sua parte, e não somente se empenharam em confessar, pregar e participar das várias fases do congresso, mas tiveram de arcar com o ônus da hospitalidade de muitos confrades, bispos e religiosos vindos de todas as partes do Brasil. Particularmente, a comunidade de São Sebastião hospedou todos os superiores capuchinhos do Brasil, alguns bispos e sacerdotes: "todos ficaram contentes – escrevia Fr. Tomás Ottaviani – mesmo que o lugar fosse um pouco reduzido para todos". [928] Os anos setenta marcam também uma reviravolta no empenho formativo; na realidade, já desde 1937, havia sido aberto um pequeno seminário em Benjamin Constant e, mais tarde, em Amaturá, mas ambas as experiências apresentaram-se negativas; depois de alguns anos de permanência, a maior parte dos alunos ia embora, alegando os motivos mais variados. Assim, pensou-se enviar os jovens ao sul, junto a confrades de outras províncias capuchinhas, ou mesmo para a Itália, mas também essas novas experiências, como aquela de enviá-los a Santarém junto aos franciscanos alemães, com algumas exceções, revelaram-se negativas. Assim, chegou-se à resolução de se adaptar alguns lugares próximos à Igreja de São Sebastião em Manaus e, em março de 1972, foi inaugurado o novo seminário, confiado a Fr. Fulgêncio. Foram oito, inicialmente, os alunos que frequentavam o ginásio e o liceu da cidade: após o liceu, entrariam no noviciado para, em seguida, frequentar os cursos de filosofia e teologia em algum estudantado dos capuchinhos no sul, ou talvez na Itália. No ano seguinte, os seminaristas tornaram--se 15, e o encargo foi confiado ao neomissionário Fr. Gino Alberati, que permaneceu de 1974 a 1976, quando a direção foi confiada a Fr. Francisco Arce, com 21 seminaristas.[929]

---

[928] E. Frasconi, *Dalla Missione*: ivi, 54/29 (1975) 26-27. O periódico dos capuchinhos deu ampla cobertura ao evento e não cessou de evidenciar a enérgica tomada de posição dos bispos da Amazônia em relação aos temas afrontados pelo congresso. Cf. F. Peradotto, *Repartir o Pão: un impegno di tutta la Chiesa Brasiliana*, ivi, 16-20.

[929] F. Arce, *Relatório do Seminário Seráfico do Amazonas. Breve Histórico*, Manaus, 1977, 2-3.

5. O começo de um severo empenho formativo

No início dos anos oitenta, um folheto mimeografado (*Caminhar juntos*), periodicamente, resumia acontecimentos, realizações, perspectivas de cada uma das comunidades. Procedendo às indicações contidas na carta que o Ministro Geral Pasquale Rywalski enviou aos frades da província, após a visita pastoral e canônica efetuada por Fr. José Carlos Corrêa Pedroso, de 22 de julho a 9 de agosto de 1979,[930] e ratificadas pelo Capítulo provincial, as estações missionárias foram reagrupadas em três fraternidades territoriais: a fraternidade de São Sebastião, em Manaus, a de Santa Verônica Giuliani, em Amaturá, e a de São José de Leonissa, em Tabatinga. Os religiosos de cada fraternidade deveriam reunir-se ao menos a cada dois meses para se colocar a par da situação econômica e pastoral, e para uma reunião espiritual conjunta.

Mas um quadro completo da realidade da missão, da sua vida, dos seus problemas e de suas perspectivas, está contido nas atas dos capítulos que, pontualmente, realizaram-se em Manaus na primeira metade dos anos oitenta. O primeiro se deu nos dias 28 de janeiro a 9 de fevereiro de 1980, com a presidência do ministro provincial Fr. Vittorio Matteucci que, a distância de poucos anos, voltava ao Amazonas. O relatório de Fr. Evangelista foi, como de costume, claro e preciso; ele esteve ao vértice da missão em um período tumultuado, em que se aproximaram na América Latina, e também na Amazônia, novas posições teológicas e morais, enquanto que a renovação das Constituições tinha evidenciado, com bastante nitidez, a nova mentalidade que se viera a criar na Igreja e na Ordem. Foram duas as passagens fundamentais que contribuíram para definir a nova identidade e mudar sensivelmente os obejtivos de trabalho.

A primeira foi o Conselho Plenário da Ordem sobre as missões, que a comunidade dos capuchinhos umbros participou ativamente, tanto da preparação quanto da realização, e do qual saiu o documento de Mattli, um ato corajoso com o qual os capuchinhos declararam em renunciar "ao conceito de domínio possessivo e colonialista das missões", e que delineava, de modo transparente, "a verdadeira posição

[930] *Atti della Viceprovincia*, in *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 45 (novembre, 1978-dicembre, 1979), 135-138.

franciscana diante dos sistemas conflituais do capitalismo, do comunismo e dos regimes de segurança nacional".[931] Foi o próprio Fr. Evangelista, como sabemos, a participar do Conselho Plenário da Ordem dos capuchinhos, celebrado em Mattli, na Suíça, de 29 de agosto a 22 de setembro de 1978.

O segundo evento que imprimiu novos objetivos aos missionários capuchinhos na América Latina foi a Assembleia Latino-Americana dos Capuchinhos (Alac), realizada de 8 a 21 de julho em Nova Veneza; um encontro que, por sua importância na vida da Ordem, foi definido como a "Puebla dos Capuchinhos", e comportou uma clara distinção entre a formação na vida religiosa e aquela dentro de um processo cultural, com um desejo de uma completa desclericalização, entendida aqui como abandono de toda situação de privilégio e de classe, e não como renúncia ao ministério presbiteral; daí derivava uma reavaliação da comunidade de irmãos, das culturas indispensáveis para alimentar a pluriforme vida do franciscanismo.[932] A mensagem que tal renovação queria radicar na consciência dos missionários era muito clara, e refletia a nova teologia conciliar; os missionários não eram mais "um subproduto da vida religiosa, mas o próprio religioso na plenitude da sequela de Cristo"; era necessário deixar de lado a tradicional bagagem ideológica e compreender que, tanto para os capuchinhos quanto para as outras ordens religiosas, havia só um modo de evangelizar, e esse era o de viver intensamente o próprio carisma. No fundo, o inquietante dilema *Implantatio Ordinis versus implantatio Ecclesiae* não existia e, para o religioso missionário, implantar a Ordem equivalia a dispor as bases da Igreja. As bases para a conversão e a mudança foram lançados no Capítulo de 1977, quando foram estabelecidas algumas linhas-mestras que insistiam na formação e atualização. A necessidadde de se ter mais contatos entre os religiosos e de evitar-lhes longos períodos de solidão tinha sugerido de se fechar cinco residências e de reorganizar a missão em apenas três comunidades: Manaus, Tabatinga e Amaturá.

[931] *Atti del Capitolo della Viceprovincia*, Manaus, 2-7, febbraio, 1980, Curia Provinciale Frati Minori Cappuccini, Assisi (Ciclostilato in proprio), 3.
[932] *Atti del Capitolo della Viceprovincia*, Manaus, 2-7, febbraio, 1980, 4.

Grande atenção, nos anos oitenta, também em conformidade às diretivas conciliares que desejavam igrejas locais governadas completamente pelo clero autóctone, foi dedicada ao seminário seráfico do Amazonas, fundado em março de 1972, com 9 seminaristas e que chegou a acolher, nos início de 1980, umas 32 vocações.[933] A maior preocupação de Fr. Francisco, como de todos os formadores, era a de se encontrar a melhor maneira para integrar os jovens provenientes do interior, que logo se mostravam atraídos pelas novidades e pela vida caótica e turbulenta da cidade; eles, por sua vez, para serem empregados em uma realidade *sui generis* como o Amazonas, deveriam adquirir uma expressão de fé plena, mas em hrmonia com o ambiente, e, de consequência, manter bem vivo o senso das tradições e da própria identidade. Uma mediação que Fr. Francisco não escondia ser bem difícil e que ainda exigia tempo e ulteriores reflexões: "Concluindo o presente relatório, confessamos que ainda estamos em busca do melhor caminho a se percorrer para a educação do jovem amazonense, futuro frade ou religioso, que seja realmente inserido no contexto geográfico-étnico-social da região amazônica, com os imprevisíveis e imponderáveis reflexos religiosos, políticos e sociais do cosmopolitismo da Zona Franca de Manaus e das consequências nas vastas regiões do interior. Estamos na encruzilhada de uma escolha".[934] Um capítulo, aquele de 1980, que afrontou de modo particular os pontos relacionados à formação e às estruturas vocacionais, e que deliberou de abrir um novo seminário em Amaturá e um postulantado em Tabatinga.

Ao novo Vice-Provincial eleito, Fr. Benigno Falchi, seria dada a incubência de levar adiante as determinações dos frades capitulares e de fazer prosseguir a renovação pastoral em andamento na missão. Fr. Benigno partira para o Amazonas apenas nove meses depois da sua ordenação sacerdotal, e São Paulo de Olivença foi seu primeiro campo de apostolado, para uma pastoral entre os índios Ticuna. Como ele mesmo recorda, a sua atividade missionária pode ser dividida em três

---

933 O primeiro diretor foi Fr. Fulgêncio Monacelli ao qual, no ano seguinte, sucedeu Fr. Gino Alberati que, em 1976, passou o encargo a Fr. Francisco Arce. No total, no espaço de tempo entre 1972 e 1979, foram recebidos 64 jovens, mas ao menos 32 desistiram ou foram afastados. Relatório de Fr. Francisco Arce (*Seminário Seráfico – Triennio 1976-1979*), anexado aos *Atti del Capitolo*.

934 *Ibidem*.

fases: a primeira, industrial e da construção, a segunda, da formação e da organização popular, a terceira, da catequese e da paróquia.[935] Substancialmente, a primeira fase corresponde aos 20 anos transcorridos em Amaturá, durante os quais construiu estruturas educativas, sociais e recreativas destinadas a melhorar a educação dos jovens; a primeira parte da segunda fase, chamado a desempenhar a função de Vice-Provincial, foi dedicada à formação dos jovens chamados à vida religiosa, enquanto que no segundo período, que ele mesmo define "da organização popular", sua atenção foi dedicada sobretudo à pastoral da terra, aos movimentos dos jovens, à renovação da catequese, segundo as diretivas de dom Marzi. A terceira fase coincide, por sua vez, com o retorno à qualidade de pároco em Benjamin Constant, onde intensifica a ação renovadora da catequese, produzindo textos e manuais.

Após um mês de sua eleição, Fr. Benigno, por meio de uma carta aos confrades, explicitou suas linhas programáticas, insistindo na formação inicial e permanente; uma opção que exigiu um empenho a tempo integral de alguns missionários, e que forçou Fr. Benigno a abandonar temporariamente Tonantins e S. Paulo de Olivença, com as consequentes reclamações de dom Marzi, e a transferir a experiência levada adiante por Fr. Gino Alberati, em caráter experimental, a Amaturá. Ao mesmo tempo, Tabatinga começava a se delinear como centro nevrálgico da Vice-Província e, portanto, era necessário compor ali uma fraternidade que acompanhasse religiosamente o impetuoso desenvolvimento demográfico e econômico da comunidade.[936]

Para melhor coordenar a atividade da Vice-Província, foram instituídas três comissões: para a formação, para a pastoral e uma econômico-financeira; a da formação, presidida por Fr. Gino Alberati, deveria se reunir ao menos duas vezes no ano, e sua tarefa era elaborar uma linha unitária atualizada, segundo as diretivas da Ordem na questão e providenciar e distribuir nas paróquias o material para a pastoral

---

[935] I Quarant'anni di Missione, In: *Voce Serafica di Assisi* 79/3 (2002), 28.

[936] Para Tabatinga, foram enviados Fr. Ciro Aprígio Vieira, na qualidade de pároco e superior da fraternidad, Fr. Evangelista Magalhães, diretor do postulantado, e Fr. Roberto Cialoni, vice-pároco e vice-diretor do postulantado: *Lettera di p. Benigno Falchi ai confratelli della Viceprovincia*, Manaus, 1.º, marzo, 1980, anexada aos *Atti del Capitolo*. A carta foi publicada também *Voce Serafica di Assisi*: Dalla Missione dell'Alto Solimoes, 60/5 (1981), 20-22.

vocacional.[937] A comissão pastoral, presidida por Fr. Ciro Aprígio Vieira, tinha tarefas conjugadas com as equipes pastorais da prelazia e da Arquidiocese de Manaus, mas, ao mesmo tempo, não devia renunciar em elaborar uma linha pastoral original, em sintonia com o carisma franciscano-capuchinho.[938] A comissão econômica e financeira, presidida por Fr. Silvano Monini, devia resolver os problemas patrimoniais e administrativos, distribuir os recursos em base às necessidades e ter o cuidado dos bens imobiliários da Vice-Província.[939]

Antes de partir do Amazonas, Fr. Vittorio Matteucci, que tinha assistido os trabalhos do Capítulo, enviou a todos os religiosos da Vice-Província uma carta, com a qual se alegrava pelos progressos realizados em três anos em direção à consolidação, nas pegadas do concílio, de uma presença religiosa, evangélica e franciscana; já se podia olhar o futuro com grandes esperanças. Sobretudo as numerosas e contínuas vocações prometiam, em um dia não tão distante, de se pensar em uma província autônoma e autossuficiente, mas não se podia voltar atrás; assim, nenhum descontentamento pela cessão de tantas obras sociais e educativas às insituições civis que, graças à contribuição dos missionários, cresceram e justamente reclamavam-nas.[940] O ministro provincial exortava, assim, os missionários a um empenho "menos civil, menos social, porém mais religioso e eclesial, mais pastoral e cristão, e, com isso, também mais promocional, porque mais específico e qualificado".[941] Em suma, ainda mais uma vez, em sintonia com os decretos conciliares, dirigia um interpelador convite a redescobrir as próprias raízes, e reencontrar o frescor da

---

[937] Desta comissão, faziam parte Fr. Evangelista Magalhães, na qualidade de secrtário, Fr. Mário Monacelli e Fr. Francisco Arce.

[938] Faziam parte da comissão todos os párocos.

[939] Desta comissão, faziam parte o próprio Vice-Provincial, Fr. Benigno Falchi, Fr. Gino Alberati e Fr. Ciro Aprígio Vieira.

[940] "Foi justamente essa presença – escrevia Fr. Vittorio – que amadureceu o crescimento humano e cristão deste povo, e estimulou as mesmas autoridades civis a intervir sempre mais attivamente. Não se descontentem, portanto, se o movimento cultural e o novo rumo eclesial lhes convidam a passar para outras mãos instituições que lhes custaram tantos sacrifícios, que perturbaram tantas noites e pesaram em suas jornadas": *Lettera del Minsitro Provinciale a tutti i religiosi della Viceprovincia*, anexada aos *Atti del Capitolo*.

[941] *Ibidem*.

primeira inspiração e as razões da própria existência; os missionários, escrevia, não podiam formar uma categoria à parte, mas eram convidados a testemunhar uma pertença na igreja por meio do instituto que lhes havia formado; um encorajamento a redescobrir o rosto franciscano em um momento histórico em que, continuava Fr. Vittorio, todo o mundo cristão e não cristão estava redescobrindo a atualidade e o fascínio de São Francisco e de sua mensagem.[942]

Não faltaram, encerrado o Capítulo, as habituais notificações e as costumeiras mudanças de pessoal; assim, Fr. Evangelista Magalhães, após ter sido por dois mandatos Vice-Provincial, foi transcorrer um período de repouso no sul do Brasil, para repousar, mas também para se atualizar sobre modalidades de implantação e os conteúdos necessários ao funcionamento do postulantado; no interior, a simplificação pastoral tinha deixado em dificuldade algumas residências, e assim foi estabelecido que à fraternidade de Benjamin Constant, em particular a Fr. Fulgêncio Monacelli, coubesse a obrigação de se cumprir, ao menos duas desobrigas no ano ao longo dos rios da paróquia de Atalaia do Norte, enquanto que a comunidade de Amaturá (Fr. Henrique Sampalmieri e Fr. Gino Alberati) deveria se empenhar em colaborar na paróquia de Tonantins, pelo menos até a ordenação sacerdotal do diácono Gervásio Muniz Leal.[943] Em setembro de 1982, Fr. Benigno enviou a todos os frades da Vice-Província um questionário para aprofundar quatro assuntos que considerava essenciais para o bom andamento da ação missionária; as informações solicitadas diziam respeito à formação, à vida fraterna, à atividade pastoral e à opção preferencial pelos pobres.

Recebidas as respostas, o Vice-Provincial elaborou um documento que submeteu à atenção dos convocados ao terceiro capítulo ordinário da missão, celebrado de 31 de janeiro a 6 de fevereiro de 1983, com a presença do mesmo ministro provincial. Continuou-se a insistir na formação, seja em relação aos jovens, que pretendiam encarar a vida religiosa, seja para aqueles que já haviam efetuado tal es-

---

[942] Neste sentido, dirigia um convite a todos os religiosos a lerem e estudarem as biografias de São Francisco e dos santos franciscanos, a estudar as Fontes franciscanas e capuchinhas. "Não poderemos amar e viver o nosso ideal – afirmava – se não o conhecermos e se não nos preocuparmos em estudá-lo": *Ibidem*.

[943] Cf. A *Notificazione*, sempre anexada aos *Atti del Capitolo*.

colha, sublinhando que nem a idade nem os encargos desempenhados poderiam se constituir em motivações para a isenção. Gradativamente, parece que as diretivas conciliares e as das igrejas locais tenham sido assimiladas, e cada vez mais convictamente os missionários capuchinhos deixem espaço aos leigos; estes juntam ao conceito de evangelização o de promoção humana e, em consonância com as diretivas do episcopado latino-americano, parecem atuar uma corajosa opção preferencial pelos pobres. No relatório do triênio 1982-1986, Fr. Gino Alberati, novo Vice-Provincial, podia, assim, apresentar um quadro bastante renovado da missão, com a presença de numerosas comunidades eclesiais de base, que podiam afrontar concretamente até os problemas inerentes à pastoral da terra, da justiça e da paz.[944]

6. A questão dos índios nos anos oitenta

Durante sua viagem ao Brasil, o papa João Paulo II não deixou de visitar o Amazonas e, em 10 de julho de 1980, em Manaus, pronunciou um discurso em que reafirmou a particular atenção da Igreja para com os índios; acalorado foi seu apelo para que a eles, cujos antepassados foram os primeiros habitates dessa terra, fosse reconhecido o direito de habitá-la na paz e na serenidade, sem o temor – verdadeiro pesadelo – de serem expulsos em benefício de outros, mas seguros em um espaço vital, que fosse base não apenas para sua sobrevivência, mas também para a salvaguarda de sua identidade como grupo humano, "como verdadeiro povo e nação".[945] O discurso do papa assumia o lamento dos índios americanos, que já havia diversos anos eram submetidos a pressões e, às vezes, até a violências, por obra dos patrões e especuladores, para abandonar suas terras. Formas de intimidação,

---

[944] Relazione della Viceprovincia dell'Amazzonia del triennio luglio 1982-aprile 1986, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 51 (1985), 107-111.

[945] *Viagem apostólica ao Brasil. Discorso di Giovanni Paolo II agli Indios dell'Amazzonia*, Manaus (Brasile), 10, luglio, 1980. Depois de Manaus, o pontífice se dirigiu aos índios na Cidade da Guatemala (7 de março de 1983) e, ainda, aos da Amazônia durante a viagem apostólica na Venezuela, Equador, Peru, Trinidad-Tobago (5 de fevereiro de 1985).

sempre mais dramáticas, colocavam as aldeias em uma atmosfera de revolta, se não de guerra; no Alto Solimões, por exemplo, chegaram os chamados *geleiros*, isto é, barcos industrialmente adaptados à pesca à escala comercial, que depredavam os recursos dos rios, colocando em risco o ambiente natural e também a sobrevivência dos habitantes, em particular dos Ticuna.

A situação dos índios se apresentava particularmente problemática no vale do Javari, situado na região do Alto Solimões, na parte mais ocidental do Estado do Amazonas, ao longo da fronteira do Brasil com o Peru. Nessa região, viviam mais de três mil índios de várias etnias; abandonados totalmente a si mesmos por parte do poder público, com suas terras usurpadas e sérias ameaças à sua integridade física e cultural. A bacia do Javari havia começado a ser ocupada por neobrasileiros entre 1870 e 1911, período que corresponde ao primeiro ciclo da borracha; com a queda do preço do látex, a população não indígena abandonou a região por volta do final de 1945. Desde então, verificaram-se novas incursões em busca de madeira, produto otimamente cotado no mercado internacional, multiplicaram-se as empresas de extração da madeira de lei e a economia da região foi vista apenas em relação à exploração de tais recursos naturais. O estabelecimento dessas empresas provocou conflitos cada vez mais frequentes entre índios e invasores. A incursão dos "brancos", contudo, tornou-se cada vez mais organizada e agressiva, provocando a morte de numerosos índios. Os incentivos econômicos concedidos pelos bancos, e os interesses e investimentos de indústrias tornaram possível a instalação de diversas serrarias na zona e a exportação da madeira para os países estrangeiros.[946]

O Alto Solimões, sendo uma zona de fronteira, também era incluído prioritariamente em projetos de desenvolvimento e de colonização; justamente naqueles anos, o Ministério dos Transportes havia anunciado a reabertura da estrada Perimetral Norte, que ligava as cidades de Cruzeiro do Sul (Acre) a Benjamin Constant (Amazonas). Tudo

---

[946] Após alternadas fases de desenvolvimento e de recessão, na metade dos anos oitenta, entre as cidades de Atalaia do Norte e Benjamin Constant, encontravam-se instaladas cinco serrarias, que pertenciam aos comerciantes de madeira Victor Magalhães, Floriano Graça, Walter Paivo, Francisco Carvalho de Oliveira e Rosário Conte Galate; todas eram abastecidas com madeira proveniente da área indígena do Javari. Campagna Javari, In: *Voce Serafica di Assisi* 66/2 (1987) 3, 28-31.

isso significava um grande impulso econômico e profundas mudanças na estrutura sociopolítica da região, prejudicando fortemente as populações indígenas. Em particular, segundo a denúncia de organizações missionárias, a situação das populações indígenas do vale do Javari era apenas o reflexo localizado de uma política nacional que deixava aos índios espaços sempre mais reduzidos de expressão e de possibilidade de fazer reconhecer os próprios direitos.[947] Sempre segundo a análise dessas organizações, a problemática indígena tinha perdido a conotação sociológica e cultural, e era reduzida, muito frequentemente, a simples problema de ordem pública, sobretudo no que dizia respeito aos problemas da terra. Até a opinião pública, na metade dos anos oitenta, parecia menos favorável aos problemas dos índios, por causa da imagem distorcida constantemente difusa pelos meios de comunicação social, que descreviam o índio como violento, indolente e agressor. Segundo o Cimi (Conselho Indigenista Missionário, órgão oficial da CNBB, Conferência Nacional dos Bispo do Brasil) e a Opan (Operação Anchieta), a política adotada pelo governo da "Nova Rebública" mirava manter um assédio sobre os índios e confundir suas organizações, abrindo o leque dos seus interlocutores e multiplicando os órgãos competentes a decidir sobre seus problemas.

A nova organização da Funai, feita por decreto do presidente da República em março de 1986, estruturada em superintendências regionais, enquadrava-se perfeitamente nessa política, exercendo um maior controle sobre os índios e dificultando as vias diretas de comunicação com a própria capital federal.

Considerando a situação de vida das populações indígenas do vale do Javari, o Cimi e a Opan, juntamente com outros grupos de defesa dos índios das prelazias do Alto Solimões e de Tefé, empenharam-se em uma campanha, como ação alternativa de apoio, a *Campanha Javari*, pela sobrevivência das populações indígenas. Esses grupos exigiam a retirada imediata de todos os invasores da área indígena do

---

[947] A angústia por causa de sua escassa significância cultural, junto à incipiente exploração econômica, contribuíram indubitavelmente a canalizar a revolta e as frustrações coletivas no movivento messiânico do irmão José, surgido no Alto Solimões no início dos anos setenta. Nele creram imediatamente, de maneira desesperada, de encontrar uma solução miraculosa às suas dificuldades.

Javari, pedindo a se respeitar a ordem de proibição de acesso, como medida realmente preventiva, até que não fosse definitiva a situação jurídica da terra; a simplificação dos processos de demarcação e a elaboração de uma política em favor dos índios, que concentrasse a sua atenção na assistência aos grupos já contactados ou isolados, no respeito de suas peculiaridades, dando-lhes garantias para o futuro.[948] Não certamente melhor era a condição dos índios Ticuna. Em 28 de março de 1988, com uma ação planificada e de extrema brutalidade, 14 Ticuna foram assassinados, e outros 21, feridos, sem distinção de idade ou sexo. O massacre ocorreu na área indígena São Leopoldo, no alto rio

---

[948] Citando estudos do antropólogo brasileiro Julio Cezar Melatti, Cimi e Opan reconstruíam as motivações do abandono e da agressão aos índios do Javari: "Para poder avaliar a política indigenista que se aplica nesta região, é necessário voltar a 1971, ano do estabelecimento da Funai no Alto Solimões, em apoio aos trabalhos de aberura da estrada Perimetral Norte. A *Ajudância do Alto Solimões* (*Ajusol*) foi instituída para aproximar e assistir os índios do Javari, cujos territórios seriam atravessados pela estrada. A construção foi interrompida logo no início por causa do advento das mudanças políticas nacionais. Isso acarretou uma radical mudança dos planos da *Ajusol* que, desde 1975, voltou sua atenção para a área dos índios Ticuna, praticamente abandonando os grupos do Javari. Desde então, a política praticada para esta região foi claramente anti-indígena, em contradição com os princípios fundamentais da legislação nos seguintes aspectos: 1. Técnicas inadequadas para atrair grupos isolados, causando vários óbitos e aumentando os conflitos com a população circunstante. 2. Instalação de *postos* indígenas, com o objetivo de contatar grupos ainda desconhecidos, mas que acabam atraindo aqueles já contatados, provocando assim o abandono de seu território tradicional. 3. O tipo de assistência feito pela Funai, por meio dos *postos* precariamente instalados, em seguida fechados ou transferidos, provocou um processo de crescente dependência dos vários grupos, uma vez que a organização oficial não mais respondeu às novas necessidades por ela mesma introduzidas. 4. A falta de meios e a péssima administração deles foi sempre um obstáculo para a atividade da *Ajusol*, sobretudo no que diz respeito à assistência dos índios do Javari. Dado que seu poder reivindicativo é quase nulo, verbas a eles destinadas, como as indenizações pagas pela Petrobras em 1985, os direitos das filmagens realizadas em seu ambiente (por exemplo, pelo grupo japonês Fuji), foram desviadas de seus objetivos. 5. A infraestrutura levantada ao momento da criação da *Ajusol*, hoje está completamente abandonada, começando pela sua sede de Atalaia do Norte. Os *postos* indígenas se encontram em um tal estado de decadência e insalubridade, que normalmente os índios se recuperam de uma doença e logo contraem uma outra. 6. O único empenho que a Funai diz realizar no Javari é o sanitário, mas não consegue vir ao encontro das necessidades dos índios, dada a absoluta falta de programação do setor. Os índios do Javari, por exemplo, não foram até agora vacinados, mesmo que sejam atingidos por contínuas epidemias". Campagna Javari, In: *Voce Serafica di Assisi* 66/2 (1987); e ivi, 3, 28-31

Solimões, no município de Benjamin Constant e, pela sua crueldade, foi enfatizado por todos os meios de comunicação social do país. As investigações feitas apontavam o proprietário de terras Oscar Castelo Branco como principal responsável pelo massacre; com efeito, o fato teve como pano de fundo a trágica luta dos índios pela própria terra.[949] Os índios Ticuna, havia muitos anos, reivindicavam junto ao governo a demarcação das próprias terras como garantia contra as contínuas ocupações. Mas, infelizmente, ainda no final dos anos oitenta, apenas 10% das terras a que tinham direito, segundo as leis brasileiras, foi efetivado, enquanto que os outros 90% deviam ainda ser decididos pela Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional.

A relutância governamental em reconhecer os direitos legais dos Ticuna incentivava não só a invasão de áreas não demarcadas, como também das já delimitadas, gerando um clima de tensão que já era permanente na região. O que impedia a Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional de prosseguir com o processo de demarcação, em desobediência às leis, tinha por objetivo principal forçar os índios a aceitarem a redução dos territórios assegurado-lhes por lei e substituir a relização da delimitação pela constituição de colônias nas áreas indígenas. As violências contra os Ticuna também eram fruto, segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), do contínuo atraso da reforma agrária, uma transformação que oferecesse aos habitantes uma digna estabilidade, pondo fim aos conflitos estimulados pelos interesses políticos e econômicos das classes dominantes. Sempre segundo os dois organismos, era claramente posta em ação uma estratégia, "tão antiga quanto imoral", de "jogar os fracos contra os fortes, com a finalidade de se favorecer apenas os gran-

---

[949] Eis o motivo do massacre segundo um jornal amazonense: "Conforme um documento dado pelo CMA (Comando Militar da Amazônia), o massacre dos índios aconteceu 'pela suspeita de que os índios, segundo um proprietário rural do lugar, teriam abatido uma cabeça de gado de sua propriedade. A Funai (Fundação Nacional do Índio) havia acertado que um dos seus advogados, acompanhado por policiais militares, faria uma reunião com as duas partes para resolver o problema. Os índios foram ao lugar da reunião na comunidade Capacete, onde deveria acontecer o encontro, quando se encontraram diante dos proprietários, antes da chegada dos representantes da Funai e da Polícia Militar. Houve um tiroteio repentino, até agora, com a morte de pelo menos quatro índios, e vários feridos'". *Eccidio di Indios Tikunas in Amazzonia*: *ivi* 67/2 (1988) 28-31.

des grupos econômicos".[950] Nos últimos anos, sempre segundo a análise dos dois organismos, foi registrada uma onda de violência contra as populações indígenas, o que demonstrava, com clara evidência, que a política indigenista do governo era a causa decisiva desses episódios. E que, em consequência, era necessária "sua imediata revisão".

Mas o primeiro passo a ser dado, sempre segundo o CPT e o Cimi, era a completa investigação dos fatos, verificando exatamente as circunstâncias do delito de genocídio e punindo severamente os responsáveis.[951] De nada adiantavam os testemunhos "de pessoas orientadas pelo governo" que, de maneira irresponsável, divulgavam notícias que lançavam sobre os índios a culpa pelos acontecimentos. Igualmente a ser refutada era a acusação que atribuía às duas organizações uma postura de instigação; na realidade, afirmavam, tratava-se apenas de uma justa informação, e tal responsabilização não tinha outra finalidade senão querer gerar confusão e despistar a atenção das responsabilidades que, sem dúvida, tiveram os "executores da política governativa".[952] Na realidade, nos inícios dos anos oitenta, o Brasil enfrentou uma grave crise econômica; os anos do milagre eram só uma lembrança, e a recessão internacional se contorcia duramente contra um sistema econômico baseado principalmente nas exportações. Para continuar as obras do regime (grandes complexos industriais, redes

[950] *Eccidio di Indios Tikunas; Il massacro degli indios fa vergognare il Brasile*: ivi 3, 20-25.

[951] "Portanto, é preciso que os órgãos do Executivo, Judiciário e Legislativo, no âmbtio das respectivas competências, tomem todas as providências necessárias para que o massacre dos Ticuna e o assassinato de Djalma Lima não manchem, perenemente, a honra do povo brasileiro de hoje. São os fatos, e não a sua divulgação, que comprometem a imagem do país: a única forma de restabelecê-la é a severa punição dos seus autores, diretos e indiretos". A referência e sua comparação com o massacre dos Ticuna era a chacina do Paralelo 11, ocorrido em 1963, no Estado do Mato Grosso, onde 15 Cintas-Largas foram mortos a mando de dois proprietários de terras. O cadáver de Djalma, segundo o relato dos índios, foi encontrado no dia seguinte, com a pele arrancada, sem unhas e com as partes íntimas cortadas: *Il massacro degli indios fa vergognare il Brasile*.

[952] A intenção oculta era aquela de difamar o trabalho daquelas organizações empenhadas na luta pelos direitos dos índios, "alimentando dúvidas inconsistentes e, assim, justificar a contínua repressão que se faz ao seu trabalho, testemunhos incômodos de nagligência e da cumplicidade do governo": *Ibidem*.

ferroviárias e estradais, complexos nucleares), o governos foi forçado a se endividar cada vez mais.[953]

A situação era bem clara, tanto para o Cimi quanto para a CNBB, que, reiteradamente, naqueles anos, denunciaram a "internacionalização e a venda da Amazônia", ou seja, sua exploração para se reduzir a dívida externa. Segundo os bispos brasileiros, a concentração do capital e da terra em mãos de poucos, a política energética e a devastação ecológica, a integração do Brasil no mercado internacional, o endividamento da grande parte dos países latino-americanos e o consequente empobrecimento de grande parte do continente, foram todos fenômenos que, de maneira negativa, repercutiam acima de tudo sobre as tribos indígenas, que, além do mais, tinham também uma precária representação política.

Síntese dessas posições foi o documento de abril de 1989, preparado pelo Cimi e feito próprio pela CNBB, *O compromisso da Igreja com os povos indígenas*, no qual, após ter ilustrado as violências e as agressões contra os povos indígenas das Américas, são apresentadas novas propostas pastorais destinadas também a favorecer a sua autodeterminação, sua afirmação étnico-religiosa, fazendo do diálogo "um estilo de ação, uma atitude e um espírito que guia o comportamento".[954]

---

[953] Uma sintética descrição da política externa brasileira e da situação econômica e política encontra-se em: T. Isenburg, *Brasile: una geografia politica*, em particular 116-125.

[954] Eram três as linhas que caracterizavam o documento, e eram as de uma pastoral global, radicada na doutrina dos direitos universais do homem e fundada sobre a dignidade da pessoa, independentemente da sua etnia ou religião. Em virtude desta, era necessário empreender um trabalho que explicasse às populações indígenas os mecanismos da sociedade contemporânea, o funcionamento da economia, o sistema jurídico, político e religioso. "É indispensável – estava escrito no documento – que as populações indígenas saibam que a atual luta não é contra os 'brancos', mas contra as categorias dominantes e racistas de uma sociedade na qual vivem e que considera as populações indígenas não necessárias, e até mesmo prejudiciais ao progresso e ao alcance da felicidade". A pastoral indigenista, além de global, deveria ser integral, uma pastoral que, sem negligenciar a variedade de serviços oferecidos aos povos indígenas, não esquecesse a vida religiosa; não se devia criar, isto é, uma oposição artificial entre as atividades sociais e o anúncio de Deus. Mas a pastoral indigenista, quando agia dentro de uma determinada população, com uma cultura e uma história, era também pastoral específica; era o rosto da "nova evangelização", do exprimir a fé através da multiplicidade das culturas. Ainda muito frequentemente – sublinhava o documento – a Igreja se apresentava com uma veste ocidental, muito difícil para ser

A crise dos anos oitenta não deixou indiferentes os movimentos e os leigos que, havia tempos, eram envolvidos no apoio à atividade missionária dos capuchinhos umbros; na paróquia de Fontivegge, em Perúgia, desde sempre na vanguarda da animação missionária,[955] tomou corpo a associação *Insieme Tikunas*. Seu animador foi Umberto Bartolucci, junto ao pároco, Fr. Ennio Tiacci, ao bispo dom Marzi, na Itália para um período de repouso, e a Fr. Valério Di Carlo.[956] Um grupo de profissionais que, por meio da associação, queria refletir o problema missionário e instaurar uma relação direta com os operadores presentes no Amazonas. A nova associação fez contato com Silvio Cavuscens, um jovem suíço que fazia tempos desempenhava entre os índios do Alto Solimões uma ação pastoral significativa; ele pertencia, junto a tantos outros leigos, à organização chamada Opan (Operação Anchieta), cuja finalidade era a promoção dos índios, sobretudo Ticuna e Maiorunas, dando impulso à educação e a cursos de orientação, capazes de formar líderes aptos a apoiar os indígenas nas reivindicações pela demarcação de suas terras e, mais, em geral, para valorizar seu patrimônio cultural.[957]

Uma atenção que teve seu momento culminante nos dias 23 e 24 de maio de 1990, quando, da cidade de São Francisco, elevou-se o grito dos bispos da Amazônia em defesa dessa terra e dos índios. Em visita *ad limina* a Roma, antes de regressarem às respectivas igrejas locais, os 18 prelados fizeram uma escala em Assis, visitaram a tumba

---

assumida pelos diferentes povos indígenas; citando o Vaticano II, afirmava: "Mantida a unidade substancial do rito romano, admitem-se legítimas variações e adaptações aos diversos grupos, regiões e povos, principalmente nas missões". Valerio Di Carlo, Impegno della Chiesa a favore degli Indios, In: *Voce Serafica di Assisi* 68/4 (1989), 23-25.

955 A comunidade, nascida nos inícios dos anos cinquenta justamente com o nome de "Casa de Repouso" para os missionários veteranos do Amazonas, era, e permanece, o centro de numerosas atividades de apoio às atividades dos missionários capuchinhos; a ela despontava também a associação "Amigas dos leprosos", e cada ano, no dia da Epifania, realiza uma "Jornada pró-Amazonas".

956 V. Di Carlo, *È nato: 'Insieme Tikunas'*: ivi 63/4 (1984), 18-29.

957 No campo da educação, por exemplo, haviam adotado métodos e materiais didáticos adequados a valorizar a língua indígena. Nas pegadas de Fr. Fidélis de Alviano, tinham elaborado uma cartilha escrita em língua ticuna para que as crianças pudessem aprendê-la na forma escrita.

de São Francisco e apresentaram ao mundo a mensagem "O grito da Amazônia", com o subtítulo "Destruir a terra é destruir os filhos da terra". O documento era resultado da reunião dos bispos e coordenadores de pastoral das dioceses e prelazias da Amazônia, reunidos em Belém nos dias 13, 14 e 15 de fevereiro de 1990, para refletir e dar uma resposta forte àquela que os bispos definiam "a destruição do ecossistema na Amazônia".[958] Um documento em 43 pontos que inicia com a denúncia de numerosos "semeadores de morte" que, a partir da última década, percorriam as florestas amazônicas; a denúncia dizia respeito àqueles que agrediam "a natureza de maneira violenta e irracional, destruindo as florestas, envenenando os rios, poluindo a atmosfera e matando povos inteiros": os *garimpeiros*, ou seja, os caçadores de ouro, alguns dos quais utilizavam a busca do ouro (*garimpo*) "para cobrir o tráfico de drogas", os outros, mais de 300.000, eram, ao contrário, vítimas de uma política agrária que lhes havia deserdado e excluso do campo;[959] as empresas de mineração, que haviam loteado a Amazônia e extraído do subsolo os minerais para exportá-los a preços irrisórios, não exitando em eliminar, e até massacrar, clandestinamente, povos inteiros que ocupavam as terras que as interessavam. O documento continuava denunciando o abate, a cada ano, de milhares de árvores valiosas, de látex e castanhas em particular, que colocava em risco a vida de centenas de famílias sem que as autoridades governativas planejassem um sério projeto de reflorestamento; um ataque ao ecossistema que continuava descontrolado com a realização de obras faraônicas de construção de barragens e de centrais hidrelétricas, que teriam inundado milhares de quilômetros quadrados de mata virgem, submergindo também o espaço vital de povos indígenas e das populações que habitavam ao longo dos rios.[960] "Diante de um duvido-

---

[958] Vescovi dell'Amazzonia ad Assisi. Distruggere una terra è distruggere i figli della terra. Messaggio dei vescovi dell'Amazzonia alle comunità ecclesiali italiane, Assisi, 21, maggio, 1990, In: *Voce Serafica di Assisi* 69/2 (1990), 24-31. O periódico publicou integralmente a mensagem dos bispos.

[959] O documento não deixa de denunciar que o mercúrio usado na depuração do ouro, além de liberar resíduos químicos, poluía as águas e contaminava os peixes, transformando-os em alimento envenenado.

[960] Também a construção de grandes artérias estradais, que deveriam constituir uma alternativa à mobilidade fluvial, tinham como efeito imediato uma emigração imediata

so progresso e de um desenvolvimento mal interpretado", estava-se destruindo – segundo os bispos – a floresta milenar e povos inteiros estavam próximos a uma extinção total.

Diante de tal situação, elevou-se o grito dos prelados[961] e sua solidariedade para com todos os povos, particularmente indígenas, prejudicados por projetos de morte "planejados ou em execução na Amazônia", contra pessoas e organismos empenhados na defesa dos direitos humanos, convidando-os a tomar logo uma posição clara e pública em defesa do ecossistema e da vida na Amazônia. Com o convite aos governantes para que se empenhassem em pôr fim ao processo de devastação e de morte, aos empreendedores para que freassem sua ganância de lucro, às insituições financeiras para que condicionassem seus créditos a compromissos sérios e a garantia do respeito pela Amazônia, e com a exortação a organizar uma luta pacífica, mas firme e necessária, contra todos os projetos que levavam à destruição da natureza, se conclui a primeira parte da mensagem.

Para não se limitar à denúncia profética, a segunda parte é toda centrada na proposta para construir e renovar a presença da Igreja; a promoção de comunidades eclesiais de base, nas quais homens e mulheres, sobretudo os pobres, pudessem se encontrar, solidarizar e lutar pela justiça e pela liberdade, e construir assim uma sociedade mais humana; o começo de uma pastoral especializada para a formação de cristãos empenhados na política ou no sindicato, aptos para ajudar a todos e a atuar para que o Brasil, e a Amazônia em particular, não fosse "um lugar onde poucos têm tudo e a maioria vive na miséria", mas uma casa acolhedora onde todos pudessem "viver na alegria, na paz, na liberdade e em harmonia com Deus e com a criação".[962]

---

e uma corrida desenfreada às terras disponíveis ao longo das novas estradas ou em suas proximidades. Tudo isso, na falta de uma reforma agrária, sustentava os prelados da Amazônia, favorecia o latifúndio em detrimento do pequeno agricultor, frequentemente expulso da terra.

961 "Em nome de Jesus Cristo, que se manifestou como aquele que veio 'para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)', elevamos nosso grito e bradamos um NÃO a todos aqueles que planejam projetos de morte em detrimento da vida, agredindo a natureza da Amazônia e, de consequência, destruindo a vida": ivi, 27.

962 Vescovi dell'Amazzonia ad Assisi. *Distruggere la terra*, 28-30.

Um dos principais protagonistas daquele encontro foi, sem dúvida, dom Marzi que, como veremos, em 12 de agosto de 1990, renunciara à guia pastoral da Diocese do Alto Solimões para favorecer a nomeação de dom Alcimar Caldas Magalhães. Após uma estada na Itália,voltará ao Amazonas em 1993 para receber a honorificência de cidadão honorário, lhe conferida pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, em julho de 1992, pelos seus 36 anos de vida missionária. Anos, como foi dito, difíceis, que marcaram a passagem de um modelo de evangelização de caráter colonialista a uma inculturação da fé, com um processo de socialização do indivíduo guiado pela encarnação na realidade e pela evangelização libertadora.

Uma visível repercussão dessa sentida mensagem pela salvação da Amazônia foi a vontade de reavivar, justamente na cidade do Pobrezinho, todos os anos meta de milhares de peregrinos de todo o mundo, as finalidades do Museu dos Índios da Amazônia, um lugar que tinha, desde o início, a finalidade de tornar conhecida a terra dos missionários capuchinhos umbros e que, por obra de Fr. Luciano Matarazzi, tornava-se "mostra étnica". O fundo mais antigo provinha da Mostra Missionária Internacional, desejada por Pio XI por ocasião do Ano Santo de 1925 e curada pelo Museu Lapidário;[963] o material relacionado à missão dos capuchinhos no Alto Solimões foi organizado por Fr. Hermenegildo de Foligno, e obteve um sucesso tal que mereceu a medalha de bronze; terminada a Mostra, a maior parte dos objetos foi levada ao convento de Todi, onde foi organizado o Museu Amazônico, inaugurado em 19 de abril de 1928. A esse material originário, acrescentou-se sucessivamente aquele, muito abundante, recolhido por Fr. Fidélis de Alviano e utilizado por ele para a mostra missionária desejada por Pio XII em ocasião do Ano Santo de 1950. Aumentando o mesmo acervo pela solicitude dos vários missionários, finalmente foi decidido de organizá-lo de forma estável em Assis; por vontade do ministro provincial Fr. Evangelista Frasconi de Foligno e pela paixão de Fr. Luciano Matarazzi, encarregado pela organização, no Natal de 1972 foi aberto ao público.[964] Em 1990, *Voce Serafica*,

---

[963] Uma detalhada descrição da exposição em: Gonsalvo da Erlaheim, *Le Missioni dei Frati Minori Cappuccini alla esposizione vaticana*, Roma, 1925, 18-25.

[964] L. Matarazzi, *Guida al Museo degli Indios dell'Amazzonia*, Assisi [1972].

com um opúsculo ilustrado, apresentava-o difusamente aos seus leitores; uma pequena contribuição para a sensibilização aos problemas de uma terra submetida naqueles anos a violentos processos de desagregação e exploração.[965]

7. "Caminho lento, mas contínuo". A instituição da Diocese (1992)

De 23 de janeiro a 10 de fevereiro de 1985 acontece em Manaus o Capítulo espiritual para o estudo das novas Constituições dos capuchinhos, e em junho de 1986 o novo ministro provincial, Fr. Ennio Tiacci, dirigiu-se ao Amazonas para realizar sua primeira visita pastoral e para celebrar dois eventos significativos: o 75.º aniversário da prelazia e o 25.º aniversário de episcopado de dom Marzi. Este último foi o primeiro empenho de Fr. Ennio em terra amazonense; o evento foi preparado com a realização de missões populares que envolveram todas as paróquias e comunidades de base;[966] a cerimônia conclusiva aconteceu em Tabatinga, na nova e grande igreja que, mesmo não terminada, foi consagrada na circunstância. Após o tríduo de preparação dirigido pelo bispo dom Lélis Lara, da Diocese-irmã de Itabira (Minas Gerais), a jornada festiva de 13 de julho foi aberta com uma solene concelebração, presidida por dom Marzi. Estavam sete bispos presentes, dentre os quais o arcebispo de Manaus, dom Clóvis Frainer, também ele capuchinho, dom Alcimar Magalhães, bispo de Carolina, que proferiu o discurso celebrativo, dom Giovanni Benedetti, bispo de Foligno, que se dirigiu ao Amazonas em companhia do seu vigário, mons. Antonio Buoncristiani. Estavam presentes mais de vinte confrades da Vice-Província e, ao fim da celebração eucarística, em um clima alegre e festivo, foi servido um

---

[965] Museo missionario dei Cappuccini umbri, In: *Voce Serafica di Assisi* 69/1 (1990), número monografico, em particular o editorial que refaz a história.

[966] De maio de 1985 a julho de 1986, três capuchinhos do sul do Brasil, Fr. Marcelino Correr, Fr. Augusto Girotto e Fr. Antônio Nunhos Macado, moveram-se por todo o Alto Solimões, permanecendo em cada cidade e "operando uma ação capilar de evangelização", que terminava pontualmente com a presença do bispo, "que presidia e dirigia momentos comunitários de encontro e oração". 25.º di Ordinazione episcopale di Dom Adalberto Marzi di Spello, In: *Voce Serafica di Assisi* 65/3 (1986), 8-11.

almoço a cerca de 1.500 pessoas, enquanto que, pela tarde, no município de Tabatinga, as autoridades conferiram a dom Marzi o reconhecimento oficial de "cidadão honorário". A jornada se concluiu com um espetáculo, realizado em um amplo salão, organizado pelos grupos de todas as paróquias, que relembraram com cantos e danças os momentos mais significativos dos 75 anos de história da presença dos capuchinhos umbros no Amazonas.[967]

Fr. Ennio, eleito ministro provincial no Capítulo de 1985, visitou todas as sete residências missionárias e permaneceu também em Manaus, sede da Vice-Província.[968] Na capital do Amazonas, atuavam os dois irmãos Monacelli, Fulgenzio e Mario, o primeiro, na qualidade de pároco de São Sebastião, e o segundo, como Vice-Provincial; a paróquia então contava com mais de 12.000 almas e apresentava numerosas e importantes obras sociais e assistenciais; havia também, no bairro de Petrópolis, Manaus, o seminários seráfico com dez jovens assistidos por Fr. Bernardino Vagnarelli e Fr. Francisco Areque Neto. A presença dos capuchinhos, que já tinham construído três igrejas, em seguida confiadas aos frades palotinos e aos missionários do Pime, havia sido acrescentada com a aquisição, da parte da Vice-Província, de um sítio, ou seja, uma residência no campo, distante uns 40 quilômetros de Manaus, onde se podia comodamente organizar jornadas de retiro ou transcorrer um período de repouso.[969]

O ministro provincial chegou a Tonantins em 24 de junho; na antiga sede da prefeitura, não havia mais um sacerdote, mas mantinham a paróquia três irmãs de Santa Catarina que, uma vez ao mês, recebiam a visita de um sacerdote proveniente de Santo Antônio do Içá, distante cerca de 50 quilômetros de Tonantins. De Santo Antô-

---

[967] *Ibidem.*

[968] Em 1982, a Vice-Província abriu uma casa em Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. No momento da visita, ali se encontravam Fr. Miguel Ângelo de Marenella e Fr. Jeremias de Intermesoli, mas a residência será logo deixada para atender ao convite do bispo de Humaitá, dom Miguel d'Aversa, que tinha proposto aos capuchinhos umbros a paróquia de São Francisco, onde seria possível abrir também uma casa para postulantes.

[969] Durante a estada de Fr. Ennio, foram solenemente transferidas para a capela de São Sebastião os restos mortais dos missionários Fr. Sílvio Vagheggi de Arezzo, Fr. Ludovico Paciucci de Leonissa e Fr. Samuel Di Diodato de Intermesoli, mortos respectivamente em 1978, 1967 e 1962, e sepultados no cemitério da cidade.

nio, Fr. Ennio dirigiu-se a Amaturá, criada paróquia em 1951, e confiada aos cuidados de Fr. Benigno e Fr. Henrique, e, dali, a São Paulo de Olivença que, com seus 93 metros acima do nível do mar, era o centro mais elevado da prelazia. Contava então cerca de 2.000 almas, às quais se devia acrescentar as de três comunidades situadas ao longo do rio; residência do bispo, era também o centro geográfico da missão e, por isso, foi escolhida para sediar o hospital Santa Isabel, um dos melhores de toda a região. Visitou também a comunidade de Belém do Solimões, identificada com os índios Ticuna, para os quais se eram concentrados os esforços pastorais dos missionários e da província, e depois chegou a Benjamin Constant que, com seus 10.000 habitantes, era o centro mais populoso da prelazia; observando as habitações, as repartições, o colégio, Fr. Ennio não pôde conter uma exultação de orgulho e satisfação, e recordar que, quando Fr. Ludovico de Leonissa ali chegou e iniciou sua ação missionária no ano de 1920, era um simples posto aduaneiro. Sentimentos de caráter oposto envolveram-no durante a visita a Atalaia do Norte, a residência mais a oeste, antiga Remate de Males, arrastada pela fúria das águas do rio Javari, refletindo nos sofrimentos que o clima e a malária provocaram em muitos dos seus confrades. A última etapa da visita foi Tabatinga, onde se celebrou oficialmente os 75 anos da prelazia e os 25 anos de episcopado de dom Marzi. O antigo forte militar, na fronteira com a Colômbia, já havia se tornado um centro importante, no qual os missionários se estabeleceram construindo a igreja e algumas estruturas paroquiais, também instalando aí o noviciado da Vice-Província.[970]

Retornando do Amazonas, Fr. Ennio não escreveu logo o relatório de sua visita; tomou um tempo para uma reflexão não condicionada da particularidade da experiência, e não influenciada por uma idealização heroica da vida missionária. Queria, em um momento certamente não fácil para a vida da missão, oferecer uma contribuição para construir novas estradas, para fazer um balanço à luz das profun-

[970] Notícias detalhadas da visita em: E. Tiacci, Dalla canoa al motore. Vita dei Missionari Cappuccini umbri in Amazzonia, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 53 (1987) 90-108. O relatório em seguida foi transformado em opúsculo: E. Tiacci, Dalla canoa al motore. *Vita dei missionari cappuccini umbri in Amazzonia*, Assisi, 1987.

das mudanças acontecidas na Igreja universal e, em particular, no Brasil logo após o Concílio Vaticano II. Assim, ele não extrai, ou melhor, procura não relevar contradições entre "evangelização" e "promoção humana", foram conceitos fequentemente postos em alternância e que tinham profundamente interrogado as comunidades missionárias. Citando Paulo VI e a sua *Evangelium nuntiandi*, Fr. Ennio afirma que, "sem colocar-se muitos questionamentos conceitualísticos", desde o início os missionários, "baseando-se unicamente no bom-senso, derivado do ambiente camponês do qual provinham, souberam conjugar inteligentemente as duas atividades, fazendo fatigadas *desobrigas* [...] pelos rios e, ao mesmo tempo, iniciando a construção de escolas e colégios, persuadidos de que somente com uma alfabetização apropriada seria possível empreender um processo de desenvolvimento para o atribulado povo amazonense".[971] Recordava também as benemerências dos missionários no campo da saúde, coroadas com a construção de moderno hospital, e nas atividades sociais, onde tinham contribuído de maneira determinante para transformar um povo de pescadores em extratores de látex e artesãos especializados.[972]

Certamente, faltava afrontar algumas questões inéditas, das quais, a mais urgente, era a de se voltar, com mais convicção do que antes, aos índios, em particular aos Ticuna, "um pouco negligenciados no passado". Antes, dado o Movimento da Cruz do irmão José, que tinha esvaziado grande parte do trabalho realizado pelos missionários, e, sucessivamente, a agressão às suas terras por parte de proprietários e multinacionais, corriam o risco de se dispersar completamente sua existência e sua identidade; era necessário voltar em meio a eles, com uma "atividade verdadeiramente nova". Os primeiros sinais nesse sentido já eram perceptíveis; a prelazia havia nomeado um conselho para a pastoral indigenista, que tinha promovido diversas iniciativas, as quais o ministro provincial encorajou prometendo também uma

[971] *Dalla canoa al motore*, 96.

[972] "Os atuais operários 'especializados' do Solimões vêm das oficinas artesanais da missão, tanto que, por um longo tempo – afirma Fr. Ennio – falar em 'trabalhador' significava referir-se a alguém que tinha um vínculo empregatício com o missionário". Na realidade atual, – continuava – "Marcenarias, serrarias, fornos, oficinas mecânicas etc., não estão mais, justamente [...], nas mãos dos missionários; passadas aos leigos, cresceram e determinam um certo bem-estar para um bom número de famílias": ivi, 97.

importante contribuição por parte das organizações operantes na província para a libertação da Amazônia e dos índios.[973] Mas além da renovação da pastoral para os índios, era urgente "reestruturar a formação dos fiéis em esquemas novos e originais". O eixo em torno do qual se devia mover tal renovação eram, sem dúvida, as comunidades de base; iniciadas pelos missionários capuchinhos em torno dos anos setenta, foram, segundo seu juízo, assumido pelo ministro provincial, "um fato providencial", enquanto que as condições históricas e socioeconômicas do Alto Solimões chamavam a Igreja "a desempenhar um papel de primeira linha para a promoção das condições sociais e, mais em geral, humanas".

A oposição àquela que dom Magalhães definia como "imensa hecatombe ecológica e humana", tinha visto a Igreja e seus frades em linha de frente, mas chegara o momento de ensinar ao povo a reivindicar diretamente os próprios direitos, a empenhar-se em primeira pessoa pela defesa da dignidade humana. Daqui nascia a força das comunidades de base que, "em nome de uma fé comum", não vivida apenas na intimidade do próprio coração, podiam se tornar lugares privilegiados de leigos preparados para "se inserirem nos reais problemas do povo, na defesa dos direitos violados".[974] Em suma, também no Alto Solimões, as comunidades de base pareceram uma "realidade promissora"; eram já presentes em todas as oito paróquias confiadas aos capuchinhos, e os mesmos religiosos tinham preparado alguns documentos (*Cartilha de educação social e política*) adequados para "instruir de maneira simples e imediata até mesmo os menos preparados,

---

973 Dentre as iniciativas empreendidas pelo Conselho e relembradas por Fr. Ennio, havia a preparação de uma *cartilha*, isto é, uma pequena gramática em que, pela primeira vez, tentou-se de dar vida a uma grafia ticuna", e a publicação de um *Boletim informativo*, em que se informam as atividades do Conselho e se debatem os problemas mais importantes que se referem aos índios": ivi, 104.

974 O ministro provincial retoma o discurso feito por dom Marzi à assembleia geral da prelazia realizada em São Paulo de Olivença, em julho de 1985: "A principal tarefa da nossa Igreja local é a formação dos leigos para que assumam os papéis compatíveis com seu estado. Nós [...] viemos de uma outra realidade; eles, ao contrário, nasceram aqui, sabem como se mobilizar e, um dia, quando não estivermos, podem muito bem nos substituir": ivi, 102.

e iniciá-los ao conhecimento e à responsabilização, partindo sempre de referências bíblicas".[975]

Uma análise substancialmente confirmada no relatório que o Vice-Provincial, Fr. Mario Monacelli, apresentou ao Capítulo que se celebrou em Assis em 1988. Em particular, ele sublinhava a criticidade da situação de Manaus, onde "a falta de postos de trabalho, o trabalho escravo, as invasões de terra, o elevado custo de vida, a expansão caótica da cidade", estavam na origem de formas extremas de pobreza, de "miséria, fome, promiscuidade, droga, menores abandonados... morte".[976] Por parte dos frades, havia tanta boa vontade, mas a idade, as doenças, a solidão, além de "um pouco de cansaço em consequência da idade", tornavam mais complexa a resposta pastoral; as comunidades de base, quase cem, faziam dos recursos reais e indispensáveis, e os capuchinhos trabalhavam incansavelmente para organizá-las segundo determinadas características que, além da oração, do culto dominical e da catequese, levassem à formação de consciência político-social e sindical, à compreensão dos conflitos pela terra e à organização dos índios. Fr. Mario não escondia os riscos que o ativismo suscitava, e denunciava as intimidações sofridas por alguns confrades; por isso, pedia à província um forte apoio, até mesmo econômico, dado que o propósito da Assembleia Latino-americana dos Capuchinhos (Alac) de não receber fundos exteriores para sua manutenção ainda estava muito distante, e que grande parte dos recursos financeiros provinham da Úmbria. De fato, foi apenas graças à colaboração dos benfeitores da província foi possível construir uma pequena quadra a serviço da paróquia de São Sebastião, terminar a casa de Benjamin Constant, adquirir um barco.[977]

No mesmo relatório, Fr. Mario comunicava a intenção de abandonar definitivamente Porto Velho, onde assumiriam o controle os capuchinhos do Rio Grande do Sul, e de abrir uma outra casa em Humaitá, cidade de cerca de 30.000 habitantes, unida a Manaus por uma

---

[975] *Ibidem*.

[976] M. Monacelli, Relazione della Viceprovincia dell'Amazzonia, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 59 (1988), 189. O relatório de Fr. Mario evidenciava a explosão populacional de Manaus, que já contava mais de 1.300.000 habitantes; mas os sacerdotes eram apenas 103 e, em consequência, existiam bairros com 34.000 habitantes sem nenhum padre católico, mas com diversas Igrejas protestantes.

[977] Este último foi doado pela Diocese de Foligno a Fr. Tomás: ivi, 196.

estrada de mais de 600 quilômetros de comprimento; era intenção da Vice-Província abrir na nova sede uma casa de formação, um projeto que também aprovou o ministro provincial após a visita à nova igreja.[978] No fim dos anos oitenta, Fr. Ennio voltou ao Amazonas para sua segunda visita pastoral; foi a ocasião para aprofundar e refletir sobre diversos aspectos do apostolado dos confrades, com mais rigor e precisão. Certamente, o aspecto mais perturbador foi a visita ao leprosário de Manaus, "abandonado a si mesmo", que lhe fez apreciar a escolha havia tempos feita pelos seus missionários em favor desses doentes, mas, na ocasião, o contato com essa dura realidade se manifestou a seus olhos de maneira mais nítida o problema das vocações: "Se a América Latina em geral – escreve Fr. Ennio – sente a falta de clero (em média há um sacerdote para cada dez mil habitantes), o Brasil, e sobretudo a Amazônia, sofre a escassez em modo dramático".[979] Só naquele ano, ou seja, após setenta e sete anos de vida, a prelazia tinha tido os primeiros dois sacerdotes diocesanos locais, lamento em parte consolado pela acolhida definitiva na Ordem de três jovens amazonenses: Fr. Gustavo Alves Filho, em Tabatinga, Fr. Paulo Xavier Ribeiro, em Amaturá, e Fr. José Frank Ribeiro, em Manaus.[980] Na realidade, o problema da promoção vocacional começou a ser afrontado de maneira orgânica somente a partir dos anos setenta, quando a custódia passou a ser Vice-Província e foi construído o Seminário Seráfico do Amazonas; até então, as vocações esporádicas eram enviadas a outras províncias.

No triênio 1980-1983, além de um segundo seminário, foi criado o postulantado, o noviciado e o pós-noviciado, e assim a Vice-Província passou a ssumir todo o encargo da formação; no decurso dos anos, o fechamento de uma ou outra casa de formação dependeu do número de jovens, da falta de formadores ou de outros fatores ocasionais, mas uma estrutura formativa estável era já planificada.[981] A

---

978 Ivi, 198-199.

979 E. Tiacci, Visita Pastorale alla Viceprovincia Amazzonense e alla Missione dell'Alto Solimões Brasile, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 55 (1989), 52.

980 *Ibidem.*

981 O postulantado, em geral, durava um ano, às vezes feito antes do estudo da filosofia, outras vezes depois, outras vezes, ainda, durante; o noviciado, por sua vez, era organizado na casa de Tabatinga, e só excepcionalmente os noviços eram enviados

missão era organizada em dez casas, reagrupadas em 5 fraternidades, das quais duas no Alto Solimões e uma em Humaitá; periodicamente, realizavam-se assembleias gerais, também com a participação de leigos, e na prelazia agiam cerca de cem comunidades de base, que tinham contribuído para fazer crescer uma discreta consciência político-social.

A Vice-Província, "com o gosto que os brasileiros têm por siglas" – escrevia Fr. Ennio – era denominada Viprocam, e "a mentalidade missionária tendente ao individualismo – segundo o juízo do Vice-Provincial – estava se abrindo à de fraternidade. Também a pastoral voltada aos índios, em particular aos Ticuna, prestava-se a passar da boa vontade e da ação solitária e meritória de Fr. Arsênio Sampalmieri àquela metódica e coletiva de outros missionários, "dispostos até a aprender sua não fácil língua".[982] Talvez foram essas as razões pelas quais, em setembro de 1990, dom Adalberto Marzi confirmava, em uma carta ao ministro provincial, a vontade, havia tempos amadurecida, de renunciar ao serviço pastoral.[983] A renúncia se deu em 12 de agosto de 1990, seguida pela quase que imediata nomeação de dom Alcimar Caldas Magalhães à guia da prelazia do Alto Solimões.[984] A apresentação do seu sucessor ocorreu em São Paulo de Olivença, em 18 de novembro, em uma cenografia original, para a qual era mobilizada toda a prelazia.[985] Seu último com-

---

por um biênio em algumas casas da província do Nordeste; os pós-noviços, em um primeiro momento, eram inseridos na comunidade de São Sebastião mas, em seguida, conforme as indicações do Ministro Geral, foi aberta uma casa em um dos bairros mais pobres da cidade. M. Monacelli, Relazione intermedia della Viceprovincia dei Cappuccini dell'Amazonas al Ministro Generale dell'Ordine, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 56 (1990), 160.

982 E. Tiacci, *Visita Pastorale alla Viceprovincia Amazzonense*, 55.

983 Dom Adalberto Domenico Marzi al M.R. Padre Provinciale dei Cappuccini dell'Umbria, Manaus, 14, settembre, 1990. A carta foi publicada em: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 56 (1990), 167.

984 Escrevia dom Adalberto: "A minha renúncia representa o meu dever de colocar o interesse da Igreja sobre o meu interesse pessoal, quer ser um ato de amor à minha Igreja do Alto Solimões [...]. a minha saúde, particularmente após a última doença, segundo o parecer dos médicos, exige comportamento tranquilo e regulado, que evite qualquer esforço físico. Espero de tornar-me útil em maneira diferente e em um campo mais limitado". *Dom Adalberto Domenico Marzi al M.R. Padre Provinciale dei Cappuccini dell'Umbria*.

985 Tiros ao ar que saudaram a chegada de dom Alcimar, arcos triunfais, cantos e, para encerrar a procissão das ofertas, "durante a qual cada paróquia levou ao altar a representação gráfica do próprio território em placas de isopor que, montadas entre si,

promisso foi acelerar os tempos para a elevação à Diocese da prelazia do Alto Solimões, de modo a se poder celebrar tanto a elevação da Diocese quanto a tomada de posse do novo bispo. Mas os longos tempos previstos aconselharam diversamente e, assim, em 18 de novembro de 1990, o novo bispo dom Alcimar Magalhães toma posse da prelazia; somente em fevereiro de 1992, na presença do núncio apostólico no Brasil, dom Carlo Furno, dos bispos do Amazonas, do provincial dos capuchinhos umbros, Fr. Celestino Di Nardo, dos missionários, do clero, dos religiosos e religiosas, além dos representantes de todas as comunidades paroquiais e de base, a prelazia do Alto Solimões vem proclamada oficialmente Diocese, na igreja de Tabatinga, desejada e construída justamente por dom Marzi.[986]

Quem compreendeu a fundo o alcance da cerimônia realizada em 18 de novembro de 1990 na Igreja de São Paulo de Olivença foi Fr. Ennio Tiacci; ele, com uma mensagem aos frades da província e da Vice-Província, aos irmãos da OFS e às irmãs enclausuradas, assinalou que a passagem do báculo das mãos de dom Adalberto às de dom Alcimar não foi "uma simples passagem de poderes ou, mais moderadamente, de 'ônus de serviço", mas foi "a entrega de uma Igreja já adulta da parte de um bispo estrangeiro a um bispo local".[987] Fr. Ennio tinha intuído que um ciclo histórico se era encerrado, que após oitenta anos a missão começava a se tornar "Igreja madura e autossuficiente". Provavelmente, foram muitos na província a pensar que chegara o momento de suspirar aliviados, de desfazer os estreitos vínculos que tinham acompanhado, com o sacrifício de homens e o consumo de energias, o nascimento e o desenvolvimento da missão; mas não era esse o pensamento do ministro provincial, que logo após esclarecia o nexo de reciprocidade que havia já se instaurado entre a província e sua missão: ambas tinham necessidade uma da outra para prosseguir

---

'construíram' a prelazia". E. Tiacci, Dom Alcimar succede a mons. Marzi, In: *Voce Serafica di Assisi* 70/2 (1991), 20-23.

[986] Um apanhado da inauguração oficial da nova Diocese em: *Voce Serafica di Assisi* 71/2 (1992), 22.

[987] A circular encontra-se reproduzida no *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 57 (1991), 308-310.

adiante e renovar a eterna mensagem de São Francisco, isto é, "de se antecipar nos passos do pobre, para que ele não seja agredido".[988]

E as ajudas continuaram a fluir para o Amazonas. Na reunião do definitório de 24 de fevereiro de 1991, foi deliberado de se atender à solicitação da Vice-Província para se construir cinco pequenos barcos em substituição aos transportes fluviais já inadequados e perigosos para o serviço de evangelização ao longo das margens dos rios. Foi Fr. Pietro Bianco Epis a apresentar ao provincial e aos confrades do definitório o orçamento das despesas, enquanto que Fr. Benigno Falchi se encarregou de justificar o pedido, sublinhando sobretudo que a renovação da "pequena frota de transportes" era necessária dadas as novas modalidades de evangelização: o velho barco, escrevia Fr. Benigno, podia até servir quando a *desobriga* "era feita por um frade e seu motorista". Agora, na nova concepção de "desobriga-visita-vida", havia a necessidade de um pouco mais de espaço.[989] Para dar espessura e nova energia à nascente Igreja local do Alto Solimões, um dos primeiros atos do bispo dom Alcimar foi a ordenação de dois jovens capuchinhos amazonenses, Fr. José Frank Ribeiro de Paula e Fr. Paulo Xavier Ribeiro, na catedral de Manaus, domingo, 1.º de dezembro de 1991.

No início do novo ano, o minsitro provincial, Fr. Celestino Di Nardo, acompanhado por Fr. Antonio Biagioli, partiu para o Amazonas; a ocasião da elevação da prelazia a Diocese lhe consentiu também de efetuar a visita pastoral à missão e de presidir o Capítulo da Vice-Província, que se realizou em Manaus de 24 de janeiro a 7 de fevereiro.[990] Uma

---

[988] Ivi, 309.

[989] Ivi, 315. Os barcos solicitados deviam ser encaminhados às residências de Atalaia do Norte, que nunca tinha tido um que, em sua jurisdição, contava cerca de 6.000 quilômetros de rios para visitar; de Belém do Solimões, que utilizava o "velhíssimo barco de Tonantins, construído por Fr. Francisco 25 anos antes"; de São Paulo de Olivença, que usava o barco do bispo, naturalmente, quando estava dispnível; de Amaturá que, há cinco anos, após o fim do barco construído em 1968, estava sem barco; de Santo Antônio do Içá, onde o velho barco construído por Fr. Reinaldo "estava quase no fim".

[990] Uma síntese da visita pastoral com algumas reflexões em: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 58 (1992) 92-96. Na primeira quinzena de março de 1990, visitou a comunidade dos frades capuchinhos umbros o primeiro-ministro italiano Giulio Andreotti, em visita oficial às Américas. A missa foi celebrada exclusivamente para ele e sua comitiva, em italiano, fora do horário normal. Ao retornar do Brasil, Andreotti não só agradeceu com uma carta os capuchinhos

assembleia importante que, por meio de um convênio, fixou alguns pontos fundamentais das relações entre a Vice-Província e a recém-nascida Diocese, relativos ao pessoal, à formação, ao apostolado e às relações econômicas; na respectiva autonomia, as duas instituições declaravam de colaborar nas atividades pastorais, sociais e organizativas para uma presença mais significativa entre as populações ribeirinhas e entre os índios.[991]

Justamente a situação desses últimos, cúmplices talvez das celebrações do 5.º centenário da descoberta da América magnificadas triunfalmente na Europa, continuava a ser um espinho no flanco da Igreja brasileira, que tinha, sem medo, levantado a sua voz em defesa dos índios; também na missão não faltaram situações de forte contraste que tinham, por exemplo, forçado Fr. Arsênio Sampalmieri a abandonar Belém do Solimões e levado à contestação pública a ação de Fr. Benigno Falchi em Benjamin Constant, acusado de ter corajosamente denunciado as injustiças e abusos a dano dos índios Ticuna. Se, em Manaus, no dia da Imaculada, uma vivíssima manifestação pedia o direito à vida para todos, na Úmbria se multiplicaram as iniciativas em favor dos índios da Amazônia; bem no início dos anos noventa, constuiu-se em torno de dom Adalberto e um grupo de leigos o CSA (Centro de Solidariedade de Assis) que, em colaboração com a Vice-Província, pretendia promover iniciativas e projetos que se relacionavam à educação dos povos em vias de desenvolvimento. A associação acolheu o grito de alarme lançado em Assis, em 23 de maio de 1990, pelos bispos da Amazônia em defesa da vida e do ambiente, promovendo várias iniciativas; uma das primeiras foi "Um professor também para eles", um projeto que previa a coleta

---

de Assis, mas escreveu no semanário *Sorrisi e Canzoni TV* (n. 13, 1-7, aprile, 1990): "Mas em um campo os italianos estão na vanguarda. Seja na cidade de Manaus como em centros menores a milhares de quilômetros, há mais de um século trabalham a serviço do povo pobre, frades e freiras, nossos conacionais, dentre os quais uma comunidade de capuchinhos umbros que me comoveu". Andreotti tra i nostri frati a Manaus, In: *Voce Serafica di Assisi* 69/2 (1990), 22-23.

[991] V. Di Carlo, *Filo diretto con* l'Amazzonia, ivi, 71/2 (1992) 24-29. Uma colaboração aprovada e encorajada pelo próprio ministro provincial que, de volta da visita pastoral, na quaresma de 1992, escreveu uma carta circular na qual convidava a acolher e a fazer próprios, "em nível de província e de fraternidades locais, fraternidades da OFS, centro missionário e comunidades paroquiais", os projetos da Vice-Província e da Diocese. O texto da circular está em: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 58 (1992), 92-98.

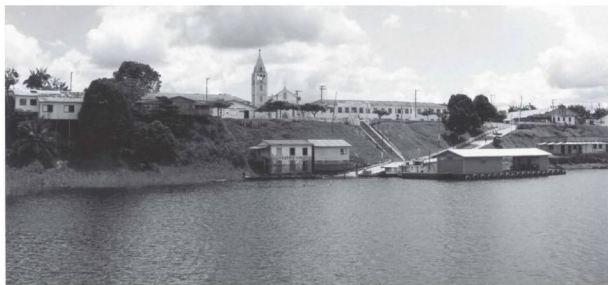
de fundos para pagar um professor e adquirir material escolar para dar uma escola às comunidades da Diocese do Alto Solimões.[992]

Em fins dos anos oitenta, o verdadeiro problema se tornava Manaus, onde se refugiava grande parte das populações expulsas do interior ou jovens em busca de trabalho; em poucos anos, ela atingiu os quase dois milhões de habitantes, com a consequência de ver crescer de maneira anormal periferias constituídas por barracos de madeira, papelão, palha, plástico, privadas de qualquer serviço higiênico. Diante de tal fenômeno, a igreja de Manaus buscou predispor uma resposta adequada, confiando às paróquias tradicionais a assistência, do ponto de vista religioso e social, dos bairros em formação; à paróquia de São Sebastião foi confiada um bairro da cidade chamado "Jorge Teixeira". Foi constituída uma equipe formada por uma enfermeira, um professor, um catequista, um músico, um liturgista, um assistente social e um sacerdote, que, na primavera de 1989, iniciou seu apostolado. Uma barraca sem paredes foi o primeiro refúgio, mas um trabalho lento e constante levou, depois de quatro anos, a ter bem organizadas e operantes treze comunidades, cada qual com responsáveis pela catequese, liturgia, aspectos sociais e instrução. Foram construídos salões polivalentes, edificada uma igreja em alvenaria e uma escola, onde eram acolhidos mais de 800 jovens.[993] A cada professor era dado 80 dólares por mês, considerando que seu número aumentava a cada ano, por conta da expansão demográfica do bairro, e a despesa a ser afrontada era considerável; em parte, veio em socorro a província, mas muito concorreu a contribuição de entes privados e de associações paroquiais, em particular da comunidade de San Fatucchio que, por meio da incansável ação de Lamberto Pasqualoni e do pároco frei Remo Serafini, conseguiu doar ao "Teixeirão" oito estruturas polivalentes, aptas para funcionar contemporaneamente como igreja, escola e hospital, e uma pequena central elétrica fornecida e montada pela Flaei/CISL.[994]

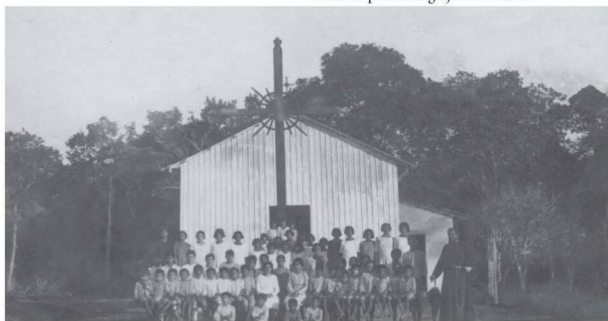
---

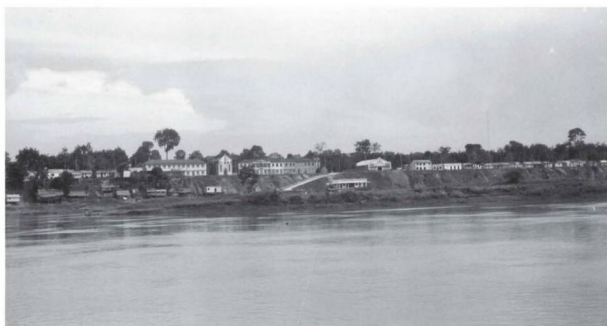
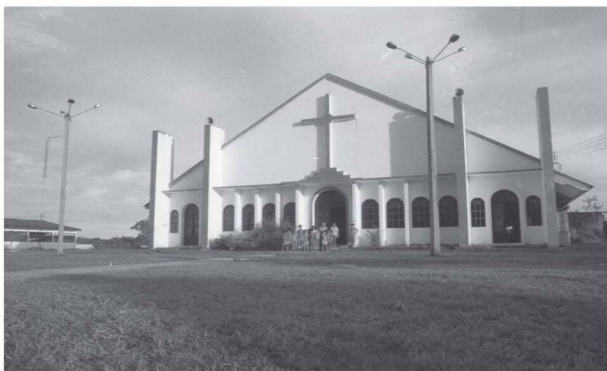
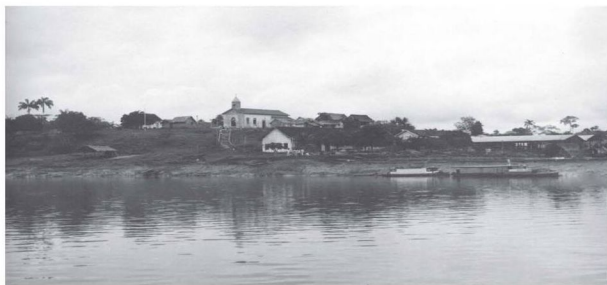
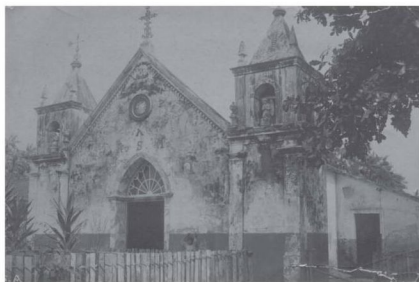
[992] L. Benedetti, È nato il 'Centro solidarietà Assisi', In: *Voce Serafica di Assisi* 73/3 (1994), 25.

[993] M. Monacelli, Il 'Teixeirão' di Manaus chiama i Cappuccini dell'Umbria, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 59 (1993), 117-120.

[994] V. Di Carlo, Filo diretto con l'Amazzonia, In: *Voce Serafica di Assisi* 75/3 (1996), 20-27; Idem, *Filo diretto con l'Amazzonia*: ivi, 73/3 (1994), 26-31.

Amaturá. A missão

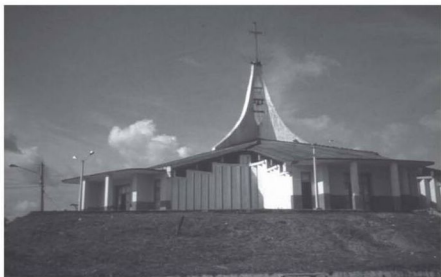
Amaturá. Armazenamento de água

Grupo de alunos com frei Fedele da Alviano em frente da primeira igreja de Amaturá

Igreja de Amaturá

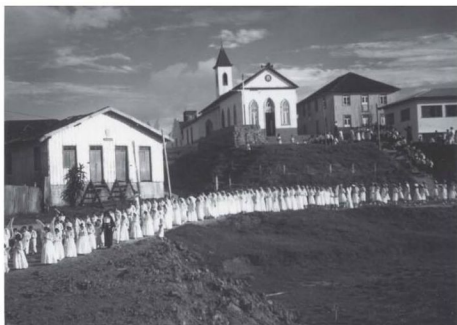
Amaturá (1978)

As três igrejas de Atalaia do Norte

No sentido horário da parte superior: Belém. Primeira igreja e interior.
Nova igreja. Primeira residência de tijolos.

Benjamin Constant. Igreja velha

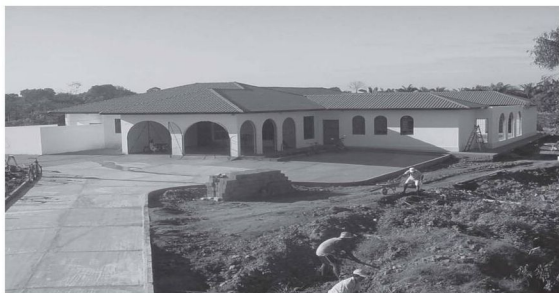
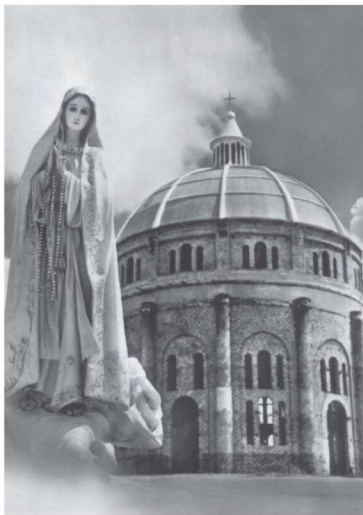
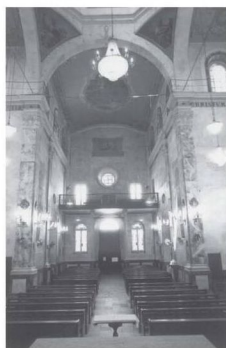
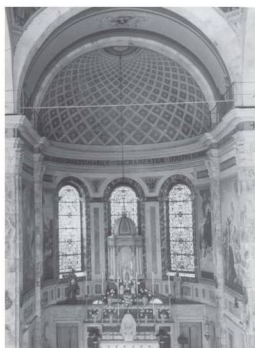
Benjamin Constant. Primeira casa dos missionários

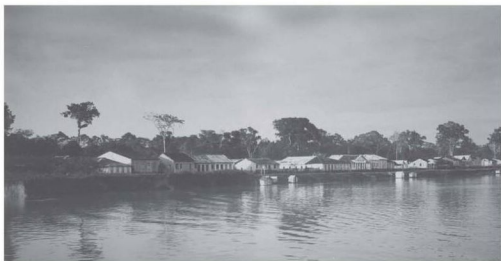
Benjamin Constant

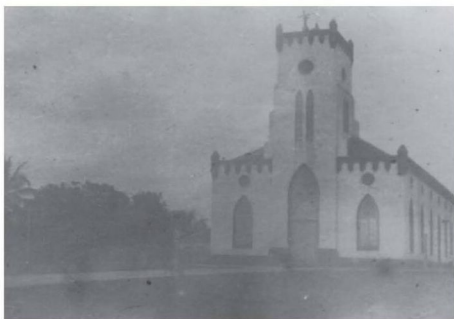
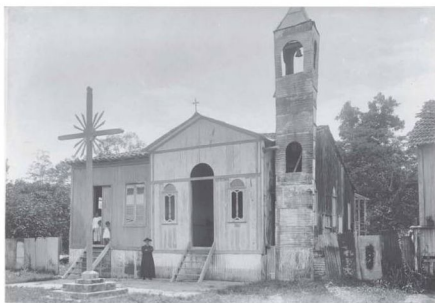
Benjamin Constant. Escritório da paróquia

Benjamin Constant. Nova igreja

Benjamin Constant. Noviciado

Benjamin Constant. Monumento a frei Ludovico de Lionessa

Benjamin Constant. A missão

Humaitá.
Igreja e casa

Manaus.
Paisagem

Manaus. Nossa Senhora de Fátima

Manaus.
Igreja de
São Sebastião

Manaus.
Mosteiro
das irmãs
capuchinhas

Remate de Males

Igreja destruída

S. Antônio do Içá

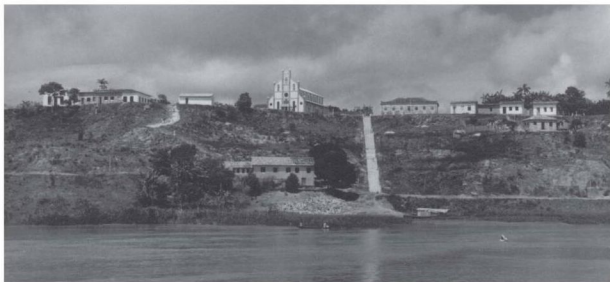
S. Antônio do Içá.
Igreja velha

S. Antônio do Içá. Festa do padroeiro

S. Antônio do Içá. Igreja antes da reforma de 2007

São Paulo de Olivença. Igreja velha e interior

São Paulo de Olivença. Sede da prelazia

São Paulo de Olivença. Nova igreja

Tabatinga. Igreja dos Santos Anjos

Tabatinga. Capela no distrito militar

Tabatinga. Marco da fronteira entre Brasil e Peru

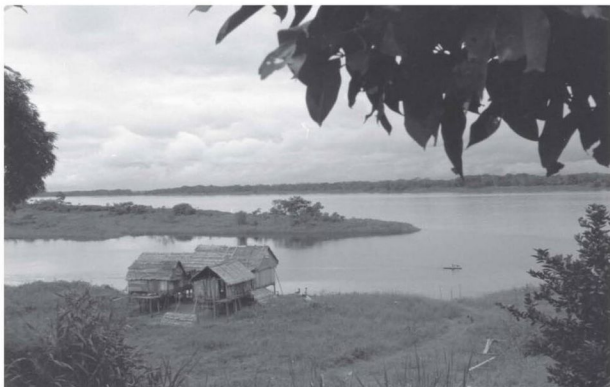
Tonantins velha vista do rio

Tonantins.
Interior da primeira igreja

Tonantins.
Igreja de Villa Velha. Praça Frei Ambrogio

Tonantins. Igreja e colegio

Tonantins. Igreja do Sagrado Coração (1922)

Tonantins. Capela provisória (1975)

Remate de Males. Última casa

Pôr do sol na Amazônia

RUMO AO CENTENÁRIO

Na metade dos anos noventa, as casas religiosas na Vice-Província eram sete, três das quais na cidade de Manaus (convento-paróquia de São Sebastião, no Centro; seminário seráfico, no bairro de Petrópolis, e pós-noviciado, no bairro do Coroado), a casa do noviciado, em Benjamin Constant, e três paróquias em Amaturá, Santo Antônio do Içá e Humaitá; de acordo com o novo bispo, dom Alcimar, que tinha solicitado tal mudança, os frades tinham deixado Tabatinga, onde, por quinze anos, tinha trabalhado Fr. Ciro Aprígio, para cedê-la a Pe. Elias Augusto José, nomeado pároco da catedral da Diocese, deixando São Paulo de Olivença. Parece clara a tendência dos frades capuchinhos em diminuir sua presença no Alto Solimões, para dar espaço ao clero diocesano; eram três as paróquias ainda confiadas a eles: Benjamin Constant, Amaturá e Santo Antônio do Içá, mais a de Humaitá, onde residiam Fr. Bernardino Vagnarelli e Fr. José Frank Ribeiro de Paula; um dos motivos pelos quais foi aberta aquela casa foi de se iniciar um movimento vocacional para a Ordem capuchinha, mas até então o objetivo permanecera sem êxito, pois nenhuma vocação tinha vindo daquela região amazonense e, por isso, no futuro, os superiores da Vice-Província teriam avaliado se permanecer ou não em Humaitá. A questão das vocações e da formação inicial permanecia ainda um nó complexo a ser desfeito; mais evidente foi nos anos precedentes o êxodo dos pós-noviços, e uma seleção mais atenta dos candidatos a serem admitidos ao seminário era necessária; com efeito, foi determinado de se acolher apenas aqueles que já frequentavam cursos superiores de estudo ou então já inseridos em alguma atividade pastoral paroquial. Para fazer frente à carência de formadores, alguns frades foram enviados para participar de cursos de formação organizados pela Conferência dos Religiosos do Brasil, ou mesmo na Itália para participar daqueles oferecidos diretamente pela Ordem;[995] a diminuição

---

[995] Foi o percurso realizado pelo jovem Fr. Paulo Xavier, que frequentou antes o curso de seis meses organizado pela Conferência dos Religiosos do Brasil e, sucessivamente, em setembro de 1993, dirigiu-se à Roma para seguir o curso promovido pelos superiores maiores da Ordem e reservado aos formadores; Fr. Tommaso Ottaviani, Relazione

dos frades forçou o fechamento do noviciado de Tabatinga, além de tudo pouco acessível, e sua recolocação em Benjamin Constant.[996] O pós-noviciado foi, por sua vez, estabelecido no "Ininga" (Manaus); em 1994, ali residiam sete frades que frequentavam o instituto filosófico-teológico da cidade.

Essas mudanças logísticas e a aplicação do "Estatuto da Formação", aprovado no VI Capítulo da Vice-Província em 1992, causavam boa expectativa no futuro da atividade formativa. De resto, a atividade dos capuchinhos era já amplamente conhecida, graças a sua participação em numerosos programas radiofônicos e televisivos; Fr. Francisco Areque dirigia um programa religioso transmitido por uma rádio local e, junto a alguns jovens, tinha dado vida ao jornal *Kairós*, muito apreciado pela autoridade eclesiástica e pelo público católico.[997] No interior, apesar de terem reduzido a presença, vem-se aperfeiçoando e especializando a atividade pastoral dos capuchinhos; em particular, fazia tempos, havia se evidenciado a dificuldade dos catequistas em entrar em sintonia com os jovens e, em consequência, a necessidade de se preparar um novo catecismo que apresentasse a mensagem cristã em maneira acessível, mais encarnada na vida e nas exigências dos jovens do Alto Solimões. Foi Fr. Benigno, junto com Fr. José Luís Viana e irmã Josefa Vasconcelos, missionária capuchinha, a preparar os textos do novo catecismo. Apesar de a pastoral indigenista, com a criação da Diocese, ter sido confiada a um padre diocesano, os capuchinhos não tinham abandonado a assistência aos índios; particularmente difícil, após a partida de Fr. Arsênio, apresentava-se a situação em Belém do Solimões, que confiada aos cuidados de Fr. Celso Caldas. Também Fr. José Luís Viana era ocupado com a assistência aos índios residentes ao longo dos rios afluentes do Solimões, e fazia-o por meio das tradicionais *desobrigas*; uma atividade sobretudo de tipo sociorreligioso que,

---

della Viceprovincia dei Frati Cappuccini dell'Amazonas al 163° Capitolo Ordinario della Provincia dei Cappuccini dell'Umbria, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 60 (1994), 160-170, em particular 162.

996 Na casa liberada será aberto, alguns anos depois, um Centro de Espiritualidade e Formação para religiosos, sacerdotes e leigos. Vice-província dos Capuchinhos do Amazonas. Relazione al Capitolo di Verifica della Provincia Serafica di Assisi, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 61 (1995), 149.

997 Ivi, 167.

todavia, suscitava a desconfiança da Funai, organização governamental empenhada na defesa dos direitos dos índios.[998]

Fr. Tomás Ottaviani, eleito Vice-Provincial em 1992, desempenhou tal encargo até fevereiro de 1995, quando, no VII Capítulo eletivo, na presença do ministro provincial, Fr. Celestino Di Nardo, foi eleito novamente Fr. Mario Monacelli;[999] em maio do mesmo ano, a Vice-Província recebeu a visita do Ministro Geral, Fr. John Corriveau;[1000] logo em seguida, Fr. Mario partiu para Assis, para participar do Capítulo avaliativo, onde expôs aos confrades reunidos não só o estado da Vice-Província, mas também os projetos que pretendia realizar. No centro das atenções, os desafios lançados por uma economia que provocava o subdesenvolvimento, inflação e desemprego, que concentrava a riqueza nas mãos de poucos grupos multinacionais, e que os capuchinhos, em sintonia com a Igreja do Brasil, respondiam mantendo firme a profunda convicção da validade da opção preferencial pelos pobres e oprimidos. Em Manaus, por meio da pastoral social, ativada por voluntários, foram viabilizados vários projetos (saúde, alimentação, emprego) que, movendo-se da fase da assistência para atingir aquela do trabalho estável, tinham o objetivo de conquistar para o indivíduo indigente uma autonomia que lhe permitisse de viver com dignidade; foram anos em que foi posto em campo um vasto empenho para uma nova evangelização, na convicção de que a contribuição específica dos capuchinhos fosse uma providencial ocasião de renovação e de reproposta do carisma original; por isso, foram desenvolvidas e encorajadas todas as iniciativas que iam em tal direção, sem perder excessivas energias para salvar estruturas e situações já marcadas por um inevitável crepúsculo.

---

[998] Ivi, 169.

[999] Cf. a carta que, de Manaus, no dia 11 de fevereiro de 1995, Fr. Celestino enviou ao Ministro Geral Fr. John Corriveau, para comunicar o êxito do Capítulo e informá-lo dos temas que tinha tratado, em: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 61 (1995), 137.

[1000] Dado que o ministro provincial Fr. Celestino Di Nardo, havia regressado há apenas três meses do Amazonas, a acolher o minsitro-geral foram Fr. Aldo Ambrogi e Fr. Gino Lalli; cf. *Saluto e accoglienza di p. Aldo Ambrogi, delegato della Provincia Umbra, al Ministro Generale in visita alla Viceprovincia dei Cappuccini dell'Amazzonia*: ivi, 146.

A visita pastoral que Ministro Geral Fr. John Corriveau, acompanhado pelo definidor para a América Latina, Fr. Andrés Stanovnik, e pelo secretário Fr. Charles Serignat, efetuou nos dias 7-11 de maio de 1999, com a presença também do ministro provincial, Fr. Celestino Di Nardo, foi ainda um evento importante para avaliar a nova estrada tomada pela missão dos frades umbros. Na realidade, de todas as vice -províncias que foram criadas nos anos setenta, somente a do Amazonas permanecera como tal, enquanto todas as outras tinham atingido a estatura de província. Nesse sentido, a visita, reforçada pela presença do provincial e do definidor Fr. Valério Di Carlo, adquiriu, como notou o Vice-Provincial, "um significado particular". As impressões do Ministro Geral foram largamente positivas; em relação a quatro anos antes, ele sublinhou o crescimento em qualidade e quantidade do percurso formativo, recomendou de se reforçar o postulantado e o pós-noviciado para se atingir, com o tempo, a autossuficiência formativa.[1001] Solicitou, em seguida, de se formar a economia das casas e o plano financeiro com critérios modernos, tendo sempre atualizados o balanço e o orçamento anual; contudo, para atingir o limiar de se tornar província, era indispensável, segundo o Ministro Geral, criar todas as estruturas necessárias e, em particular, ampliar a casa dos pósnoviciado (Ininga) e do seminário, mas, sobretudo, compreender que a Vice-Província abraçava todo o Estado do Amazonas, e não só o Alto Solimões, incluindo o Javari e seus afluentes; "precisam conhecer todo o Amazonas, o campo é imenso, é uma imensa missão", especificava o Ministro Geral, lembrando a todos os frades que, como exclamou Fr. Mario Monacelli, com a criação da Vice-Província, o campo de trabalho aumentara.[1002]

Temas retomados e aprofundados no importante compromisso da assembleia da Província Seráfica, realizada em Foligno, de 23 a 25 de junho de 1999, e à qual tomou parte tanto o Vice-Provincial, que

---

[1001] Na circular, escrita após a visita juntamente com o ministro provincial, Fr. John Corriveau sugeriu a oportunidade de se "fazer a etapa do postulantado em um período de dois anos", e de dividir o pós-noviciado em duas fases: "a primeira, com aqueles que vivem os três anos da profissão temporária, e a outra, com aqueles que professaram os votos perpétuos e que continuam os estudos em vista do sacerdócio": *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 65 (1999), 160.

[1002] *Ibidem*.

fez um longo e articulado relatório, concordado com Fr. Celestino, quanto o bispo dom Alcimar. A reflexão, que envolveu toda a assembleia, tratou de algumas temáticas inevitáveis da nova relação que, de fato, se criara entre a Província, a Vice-Província e a Diocese; assim como se apresentava inevitável uma reflexão, após quase cem anos de presença, sobre a natureza e a finalidade da presença capuchinha no Amazonas, à luz das exigências dos tempos e do espírito da vocação franciscana. Havia já se tornado claríssima, ao menos na América Latina, a reviravolta conciliar e a passagem do *Jus comissionis*, segundo o qual a igreja confiava à total responsabilidade de institutos religiosos a cristianização de um território, às "Igrejas locais", que, mesmo se valendo da obra missionária de ordens religiosas, eram responsáveis em primeira pessoa pela evangelização. A reviravolta valia também para os missionários capuchinhos que, após quase cem anos de presença dinâmica, dedicados à fundação de igrejas, tornavam-se colaboradores, cuja presença se justificava prioritariamente como formadores de líderes locais, de clero, de catequistas, de leigos comprometidos com o progresso social, econômico, político e religioso da Diocese. Dessa reviravolta fundamental nascera a exigência, já em 1974, por ocasião do I Capítulo dos capuchinhos do Amazonas, de celebrar um convênio entre a Vice-Província e a Igreja particular do Alto Solimões, um acordo renovado no VI Capítulo de 1992 entre o bispo dom Alcimar, o ministro provincial Fr. Celestino Di Nardo e o Vice-Provincial Fr. Tomás Ottaviani; um documento que se apresentava não como um mero ato jurídico, mas como um comum empenho que, na preservação da própria autonomia, favorecesse a colaboração entre as duas instituições nas atividades pastorais, sociais e organizativas, em particular relacionadas às populações ribeirinhas e aos índios.[1003]

A assembleia de Foligno foi um momento importante na história da missão dos capuchinhos umbros; o testemunho dos missioná-

[1003] O mesmo convênio previa também que Diocese e Vice-Província trabalhassem para atingir a própria autonomia econômica, "baseando-se sobretudo no trabalho, em iniciativas e realizações do clero diocesano e dos religiosos", sem falar, contudo, que ambas as instituições ainda precisavam de recursos econômicos da província que, em todo caso, deveriam passar sempre pela Vice-Província. Assemblea della Provincia Serafica, Foligno, 23, 24, 25, giugno, 1999. Relazione del Viceprovinciale dell'Amazzonia, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 65 (1999), 157.

rios estimulou toda a província a uma mobilização em favor de uma área considerada o pulmão do mundo, com o rio de maior volume de água do planeta, com uma abundância e uma variedade de flora, fauna e minerais sem comparação, mas ferida mortalmente pela ganância de poucos. Na realidade, o encontro de Foligno foi preparado por meio de um debate, proposto pelo próprio provincial, nas páginas do "Encontro Fraterno", e ao qual tomaram a palavra várias vezes Fr. Emanuele Sambuco, Fr. Paulo Xavier e Fr. Benigno Falchi;[1004] pareceu evidente então que as tradicionais modalidades de contrato e de ajuda não eram mais suficientes; não só não bastava como podia ainda atrasar o crescimento das comunidades locais e o envio de missionários, como já não era mais possível se refugiar na frase tantas vezes repetida: "Façam, pois nós temos sempre ajudado e ajudaremos".[1005] Afrontar a questão da Amazônia, para dom Alcimar e Fr. Mario, o Vice-Provincial, significava antes de tudo afrontar o problema humano das populações que viviam na floresta, e entender o que significava a sua biodiversidade, seus recursos hídricos e minerais, no contexto internacional; investir nessa terra significava "projetos a longo alcance e a longo prazo", não pensar em dar o que sobrava, mas acreditar na "gestão de um amplo conjunto de ações" que deveriam cruzar o caminho da solidariedade e da formação com aquele dos frades.[1006] Em suma, tratava-se de despertar a consciência missionária da província, propondo não uma Igreja imóvel, estática, mas que buscasse o encontro com o povo, com a cultura, com a diversidade; uma igreja missionária que reconhecesse a alteridade das populações indígenas e que reconquistasse uma incidência positiva na história. A grande aposta era tornar, gradativamente, suas estruturas eclesiais independentes dos missionários estrangeiros e, portanto, de promover as vocações autóctones, de criar institutos de formação superior especializados em antropologia, exclusão social e ecologia. Por isso, na ocasião da Assembleia de Foligno, foi apresentado um "Projeto vocacional de interesse e gestão da província úmbria", que poderia "dar benéficos frutos" até a própria província; de fato, era esse o raciocínio, pois a consistente queda vocacional que se

[1004] O texto das contribuições encontra-se em: ivi, 191-218.
[1005] Ivi, 166.
[1006] Ivi, 164

registrava no mundo desenvolvido, também na Úmbria, poderia ser resgatado por meio de uma adequada promoção vocacional na Vice-Província, onde havia condições sociais favoráveis e, sobretudo, material humano.[1007]

A análise, talvez muito otimista, partia da constatação de que as famílias amazonenses, apesar de problemáticas do ponto de vista afetivo, eram fundamentalmente sãs e religiosas, e frequentemente consideravam uma grande honra ter um filho religioso ou sacerdote, enquanto que a falta de perspectivas sociais impulsionavam os jovens a buscar "soluções mais comunitárias que pessoais"; de resto, os quase cem anos de presença dos missionários capuchinhos não passaram sem deixar traços profundos e – escrevia Fr. Mario – no Alto Solimões não havia paróquia que não tivesse uma igreja dedicada a São Francisco, não raramente construída por iniciativa popular, e para muitos dos jovens o grande desejo era conhecer Assis, e, por isso, "era mais do que compreensível a busca pelos nossos seminários".[1008] Os dados, então, estavam do lado da Vice-Província, que podia, justamente naquele ano, contar com 42 jovens, dos quais 21 aspirantes em Petrópolis (Manaus), 5 postulantes em Santo Antônio do Içá, 6 noviços em Benjamin Constant, dez pós-noviços no Ininga (Manaus);[1009] uma realidade que obteve até o elogio do Ministro Geral. Já em 1999, dos 21 religiosos residentes nas quatro fraternidades, eram apenas nove os missionários italianos,[1010] uma situação bem compreendida pelo jovem

[1007] Ivi, 167.
[1008] Ivi, 69
[1009] Ivi, 159.
[1010] Em Manaus, na fraternidade de São Sebastião, residiam Fr. Francisco Areque Neto, Fr. Evaristo Matteucci, Fr. Miguel Arcanjo Gama, Fr. Fulgêncio Monacelli; na casa do pós-noviciado, no Ininga, residiam Fr. Gino Alberati e Fr. Salvador M. Nascimento; no Seminário Seráfico de Petrópolis, Fr. José Bernardo Magalhães de Lima e Fr. Dárez Narbone do Nascimento Silva. Na fraternidade São José de Leonissa, em Benjamin Constant, residiam: Fr. Pietro Bianco Epis, Fr. Filipe Dominici e Fr. Benigno Falchi; em Tabatinga, o responsável pela casa era Fr. Pietro Bianco. Na fraternidade Santa Verônica Giuliani, em Santo Antônio do Içá, sede do postulantado, residiam: Fr. Celso Caldas e Fr. Nélio de Jesus Pinto; em Amaturá, Fr. Ciro Aprígio, Fr. Henrique Sampalmieri e Fr. Húmilis Valgas. Na fraternidade São Leopoldo Mandié, em Humaitá: Fr. José Frank Ribeiro de Paula, Fr. Bernardino Vagnarelli e Fr. Paulo Córdova do Nascimento: ivi, 179-183. A confirmar tal tendência, em 13 de setembro de 2000, foi ordenado, em Iauareté (São Gabriel da Cachoeira-Amazonas), à presença

Fr. Paulo Xavier que, em um artigo, consegue exprimir o espírito dessa nova geração de missionários, que se movem "nos passos do Vaticano II", e se nutrem "de amor incondicional, desprovido de preconceitos históricos".[1011] São conscientes de que o primeiro objetivo é o de "construir uma comunidade eclesial", mas, para fazer isso, devem colaborar para eliminar alguns tradicionais obstáculos que, após mais de noventa anos, ainda impedem a igreja de plantar "a sua tenda no Alto Solimões". Em particular, existia ainda o problema dos indígenas do Javari, necessitados de uma presença missionária constante e de uma evangelização que respeitasse sua cultura e seu modo de viver; havia os povos destribalizados da floresta e dos rios (caboclos), ainda sem escolas, saneamento, transporte, que não conseguiam se inserir no mercado sua produção agrícola e pesqueira a um preço justo e, por isso, eternamente forçados ao nomadismo. Muitos deles, no fim, deixavam sua terra e sua cultura, para se imergir "no terror de cidades implacáveis". Tarefa dos missionários era a de estimular a organização dessas comunidades, formando cooperativas, mas, sobretudo, de tutelá-las no processo de legalização das terras, "deles arrancadas com violência por poderosos desconhecidos".[1012]

Com efeito, será Fr. Paulo Xavier a ser eleito Vice-Provincial no IX Capítulo ordinário eletivo, realizado em Manaus, de 5 a 9 de fevereiro de 2001, com a presença do ministro provincial Fr. Ennio Tiacci;[1013] o percurso podia já ser considerado concluído com sucesso: após noventa anos ao vértice da igreja e da missão amazonense, havia dois frades autóctones e, quase como que a querer sublinhar a continuidade e a tradição, um dos primeiros atos dos novos supe-

---

de três bispos (dentre os quais mons. Marzi), o primeiro sacerdote indígena. Tratava-se de Fr. Salvador Moreira do Nascimento que, no início de junho de 1997, esteve como estudante na Itália, para frequentar um curso de língua italiana na Universidade para Estrangeiros. Filo diretto con l'Amazzonia. Il primo sacerdote indio, In: *Voce Serafica di Assisi* 77/2-3 (2000), 27. A presença dos missionários italianos se reduziu ulteriormente em 2008, com o falecimento de Fr. Mario Monacelli.

[1011] P. Xavier, *Uno sguardo sulla Missione*: ivi, 78/5 (2001), 25-27.

[1012] *Ibidem*.

[1013] Ata do IX Capítulo ordinário eletivo dos capuchinhos do Amazonas, In: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 68 (2001), 430-450. Um balanço do triênio em: Fr. Xavier Ribeiro, *Relatório Vice-Provincial Triênio 2001-2004*: ivi 71 (2004), 301-332.

riores foi a de iniciar a causa de beatificação de Fr. Miguel Ângelo de Marenella, falecido em 1995 em conceito de santidade, escrevendo a carta ao Ministro Geral.[1014] O lema escolhido para o capítulo, *É tempo de construir fraternidade*, tornou-se o horizonte e o compromisso do novo Vice-Provincial que, tomando a palavra no simpósio *Amazzonia chiama Assisi*, delineava o campo de atividade dos missionários na evangelização dos grandes centros urbanos, levada adiante pelo clero, pelos religiosos e pelos leigos, em estreita e sincera colaboração, para a construção de uma sociedade aberta ao diálogo e consciente; sem esquecer os povos indígenas e, em particular, a bacia do Javari, onde era necessário lançar-se com renovada coragem "para uma verdadeira e própria primeira evangelização".[1015]

Uma perspectiva social, partilhada e aprovada por todos os missionários,[1016] que foi aprofundada por ocasião da assembleia da Vice-Província, realizada de 8 a 12 de julho de 2002, e a qual pôs ao centro de sua reflexão justamente o tema da *Justiça, Paz e Ecologia a partir da Minoridade.*[1017] E, junto com o Javari, o tradicional compromisso com

---

[1014] Cópia da carta, enviada pelo provincial, Fr. Ennio Tiacci, e pelo novo Vice-Provincial, Fr. Paulo Xavier Ribeiro, ao Ministro Geral, de Manaus, em 11 de fevereiro de 2001, está em: ivi, 68 (2001), 458-459.

[1015] *Ciò che i missionari hanno offerto alla Missione e quello che potranno offrire*, ivi, 69 (2002), 250-255.

[1016] A tal propósito, escrevia Fr. Benigno Falchi, traçando uma crônica sintética da centenária presença dos capuchinhos umbros no Amazonas: "Todavia, existe ainda um enorme desafio para os missionários. A missão nascera, inicialmente, como missão Javari, e tinha tido a sua base de apoio justamente em Remate de Males [...]. Sem o estímulo da borracha, o Javari rapidamente se despovoou, e foi feito objeto de depredação, pela indústria da madeira. Também os missionários relaxaram suas atividades nesse rio e nas suas dezenas de afluentes que lhe constituem o vale. As periódicas visitas dos missionários (*desobrigas*) mantiveram em pé a fé dos poucos caboclos ali residentes e que trabalham periodicamente. Porém, ali permanecem uma dúzia de tribos pequenas e dispersas, algumas das quais ainda no estado primitivo, que esperam uma atenção maior por parte da missão. E é exatamente nesta direção que se moverão os missionários no início deste milênio": *Cento anni di storia. I Missionari Cappuccini in Amazzonia*, a cura di p. Benigno Falchi: ivi, 239-248.

[1017] Ivi, 409-417. O ano de 2002 foi também o marco em que se iniciaram oficialmente as celebrações para o centenário, com uma mesa-redonda (20 de setembro de 2002), realizada em Assis na Sala della Conciliazione, e a apresentação do musical *Francisco de Assis* no Teatro Lyrick de Santa Maria dos Anjos (22-26 de setembro), com a apresentação do livro de Fr. Valério Di Carlo, *Assisi risponde all'Amazzonia*, Assisi, 2002,

os Ticuna, na consciência, muitas vezes expressa pelos missionários, de que "salvar uma cultura amazônica é salvar a própria Amazônia"; depois de Fr. Fidélis, que ainda era recordado pelos índios como "o papai que falava com os macacos", depois de Fr. Jeremias Di Nardo, que havia reunido suas lendas, e depois de Fr. Arsênio, que em 27 anos de presença estável em seu meio conseguiu compreender que o verdadeiro segredo da língua ticuna estava na sua tonalidade mais que na estrutura gramatical,[1018] chegava a Belém do Solimões, em 2006, Fr. Paolo Maria Braghini. Após experiências intermitentes no Amazonas, frequentemente acompanhado pelos jovens da associação Rami, que havia fundado em Assis junto com Fr. Carlo Chistolini, disposto a repropor a tradição missionária das *desobrigas*,[1019] Fr. Paolo se estabeleceu em Belém do Solimões, junto aos Ticuna, em uma missão que remete à tradição, mas que também permanece aberta ao futuro, e representa o símbolo da nova missionariedade dos capuchinhos no Alto Solimões: restaurar o ecossistema amazônico que tutele, do mesmo modo, o hábitat e a salvação do homem, para recordar que todo empenho pastoral deve surgir da análise da realidade, e que, diante de um mundo chamado a ser o tecido histórico do Reino, a pobreza contradiz a essência da fé cristã, e o pobre é uma vítima do pecado social; por isso, o dever do cristão e da Igreja é tornar o excluído o sujeito de uma sociedade inclusiva e solidária, porque o Reino de Deus é um Reino de justiça para todos.

Um horizonte comungado pelo novo ministro provincial, eleito em 2007, Fr. Antonio Maria Tofanelli que, todavia, não quer sacrificar a fraternidade evangélica, eixo da vida religiosa e da ação pastoral dos capuchinhos, e convite constante aos homens a promoverem relações fraternas entre si e a unirem suas forças, para melhorar o desenvolvimento da pessoa humana e o verdadeiro progresso social. Por isso, tão logo eleito, foi ao Amazonas para inaugurar, oficialmente, junto com o Ministro Geral Fr. Mauro Jöhri, o mosteiro de *São Damião*, das mon-

com um CD (*Amazzonia chiama Assisi*) em anexo, no qual foram inseridas músicas e mensagens, em grande parte dedicadas ao Amazonas.

[1018] *Cento anni di storia*, 248.

[1019] P. M. Braghini, Desobrigando sul Javari, In: *Voce Serafica di Assisi* 80/4 (2003), 23-29. O jovem Fr. Paolo M. relata à revista a viagem e as aventuras de 36 dias de navegação.

jas clarissas capuchinhas sacramentárias, construído justamente para celebrar os cem anos de presença da Província Seráfica nessa terra e testemunhar o crescimento da comunidade e da Igreja.[1020] O valor e o significado da celebração do centenário parecem, enfim, ser justamente repensar o modo de ser missionários, para continuar, com renovada generosidade e paixão, fiéis ao desígnio franciscano, o projeto vivido nos últimos cem anos.

[1020] Le contemplative di Manaus, In: *Continenti* 14 (2008/1), 24-27. O mosteiro, localizado na área chamada Cidade de Deus, é o primeiro de todo o Amazonas, e foi finalmente aberto em 15 de novembro de 2007.

APÊNDICE PRIMEIRO

Prefeitos apostólicos
1910 – Fr. Agatângelo (Mirto Mirti) de Espoleto[1021]
1910 – 1938 – Fr. Evangelista (Filippo Galea) de Cefalônia
1938 – 1945 – Fr. Tomás (Tullio Frescura) de Marcellano
1946 – 1950 – Fr. Venceslau (Nazareno Ponti) de Espoleto

***Prelados* nullius**
1950 – 1952 – Fr. Venceslau (Nazareno Ponti) de Espoleto – administrador apostólico – bispo eleito (morreu na vigília de sua ordenação episcopal em Manaus, em 28 de junho de 1952)
1953 – 1955 – Fr. Cesário (Minali) de Colognola – administrador apostólico – 1955 – 1958 – bispo
1959 – 1961 – Fr. Adalberto Domenico Marzi de Spello – administrador apostólico – 1961 – 1990 – bispo
1990 – 1991 – Fr. Evangelista Magalhães (Alcimar Caldas Magalhães)[1022]

Bispos da Diocese do Alto Solimões
1992 – Dom Alcimar Caldas Magalhães

[1021] Fr. Agatangelo havia sido *proposto* como prefeito apostólico da Prefeitura do Rio Negro, com decreto de 30/11/1909, e retirado em seguida "para correções". A morte levou-o no dia 28 de julho de 1910, não se efetivando assim a comunicação e a aceitação da nomeação. Esta notícia, sobre a expectativa da nomeação do prefeito apostólico da Prefeitura do Rio Negro, está presente também em *Relazione* do Fr. Raniero de Gualdo Tadino, de 1957, 19. Sem forçar os critérios históricos, eu diria que não foi prefeito apostólico *in facto esse*, o foi ao menos *in fieri*. Todavia, o primeiro prefeito, de maneira oficial, foi Fr. Evangelista de Cefalônia.

[1022] 12 de setembro, data de transferência da Diocese de Carolina (Maranhão) à Prelazia do Alto Solimões; 18 de novembro, data da tomada de posse da nova Diocese: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica* 56 (1990), 104 e 108; 57 (1991), 308-310; 14 de agosto de 1991, elevação da Prelazia do Alto Solimões à Diocese e nomeação do primeiro bispo diocesano: *L'Osservatore Romano*, 25/8/1991, 1.

Superiores regulares

1910 – 1936 – Fr. Evangelista de Cefalônia
1936 – 1939 – Fr. Domingos de Gualdo Tadino
1939 – 1948 – Fr. Venceslau de Espoleto[1023]
1948 – 1952 – Fr. Silvestro de Pontepáttoli

Custódios do Amazonas

1952 – 1956 – Fr. Silvestro de Pontepáttoli
1956 – 1959 – Fr. Miguel Ângelo de Marenella
1959 – 1962 – Fr. Miguel Ângelo de Marenella
1962 (jan.-set.) – Fr. Samuel de Intermésoli
1962 (out.) – 1965 – Fr. Tomás de Foligno
1965 – 1968 – Fr. Tomás de Foligno
1968 – 1971 – Fr. Pio de Casacastalda

Vice-provinciais

1971 – 1974 – Fr. Silvano Monini de Città di Castello
1974 – 1977 – Fr. Evangelista Magalhães
1977 – 1980 – Fr. Evangelista Magalhães
1980 – 1983 – Fr. Benigno Falchi
1983 – 1986 – Fr. Gino Alberati
1986 – 1989 – Fr. Mario Monacelli
1989 – 1992 – Fr. Mario Monacelli
1992 – 1995 – Fr. Tomás Ottaviani
1995 – 1998 – Fr. Mario Monacelli
1998 – 2001 – Fr. Mario Monacelli
2001 – 2004 – Fr. Paulo Xavier Ribeiro
2004 – 2007 – Fr. Paulo Xavier Ribeiro
2007 – 2010 – Fr. Paulo Xavier Ribeiro
2010 – Fr. Paolo Maria Braghini

[1023] Na realidade, a sede não permaneceu vacante, porque Fr. Venceslau era o superior regular quando foi nomeado prefeito apostólico em 16/11/1946. Continuou a sê-lo mesmo depois de sua nomeação, como consta da redação "da nova disposição de pessoal de toda a missão", de 11 de abril de 1947. Na lista dos superiores regulares, conservada em Aviprocam, mons. Venceslau, de 1946 a 1948, consta como superior regular, além de prefeito apostólico.

APÊNDICE SEGUNDO

Lista dos frades missionários no Amazonas no período 1909-2009

Ano	*Missionários*	*Falecidos*
1909	Agatângelo Mirti de Espoleto, Domingos Anderlini de Gualdo Tadino, Hermenegildo Ponti de Foligno, Martinho Galletta de Ceglie Messápico, Francisco de Désio (Milão), Júlio de Nova (Milão)	
1910	José Massi de Leonissa, Evangelista Galea de Cefalônia	Júlio de Nova, Agatângelo de Espoleto
1911	Paulo de Massa (Lucca), Antonino de Frascaro (Frascaro), Alessandro de Piacenza (Alessandria)	
1912	Jocundo Gerini de Soliera (Lucca), Ludovico de S. Giovanni Rotondo (Foggia)	
1915		Francisco de Désio
1919	Venceslau Ponti de Espoleto, Lucas Pachini de Gualdo Tadino, Antonino Peverini de Perúgia, Ludovico Paciucci de Leonissa, Diogo Compagnucci de Ferentillo, Pacífico Fuschiotti de Panicale	
1920		Jocundo de Soliera
1926	Fidélis Schiaroli de Alviano, Ambrósio Giulioni de Gaifana	
1929		Lucas de Gualdo Tadino
1930	Diogo de S. Marco in Lamis (Foggia), Rogério de S. Elia (Foggia)	
1932	Xavier Andreani de Perúgia	
1934	Pio Dolci de Casacastalda	
1935	Tomás Frescura de Marcellano	
1937	Estanislau Antonelli de Leonissa, Mateus Capitoli de Acquasparta	Martinho de Ceglie Messápico
1938		Evangelista de Cefalônia, Hermenegildo de Foligno
1940	Silvestro Galmacci de Pontepáttoli	
1941		Rogério de S. Elia

Ano	*Missionários*	*Falecidos*
1944	Celestino de Itu (São Paulo)	
1945	Timóteo de Porangaba (São Paulo)	Tomás Frescura de Marcellano
1947	Miguel Ângelo Pigotti de Marenella, Roberto Cialoni de Sanseverino, Filipe Dominici de Montenero, Reinaldo Altieri de San Salvo	
1949	Lourenço do Porto	
1950	Marcello Falini de Piedicolle, Samuel Di Diodato de Intermésoli	
1952		Mateus de Acquasparta; Venceslau de Espoleto
1954	José Berrettini de Grello, Adalberto Domenico Marzi de Spello, Anastácio Giaggioli de Montecastelli, Reginaldo de Pedro Afonso (Maranhão-Pará)	Xavier de Perúgia
1955	Tomás Ottaviani de Foligno	
1956		Fidélis de Alviano
1957	Jeremias di Nardo de Intermésoli, Sílvio Vagheggi de Arezzo	José de Grello, José de Leonissa, Domingos de Gualdo Tadino
1958	Silvestre Scica de Palata, Silvano Monini de Città di Castello	Antonino de Perúgia
1961	Evaristo Matteucci de Morano, Arsênio Sampalmieri de Rivodutri, Benigno Falchi de Grutti	Silvestro de Pontepáttoli
1962		Samuel de Intermésoli
1964	Henrique Sampalmieri de Rivodutri	
1965	Fulgêncio Monacelli de Grello	Ambrósio de Gaifana
1967	Leone Amore de Palermo (Palermo)	Diogo de Ferentillo, Ludovico de Leonissa, Diogo de S. Marco in Lamis
1968	Pio Conti	
1969	Gino Alberati	
1972		Estanislau de Leonissa

Ano	*Missionários*	*Falecidos*
1973	Valério Marchesini de Verona (Veneza), Húmilis Valgas de Curvelo (São Paulo), Ciro Aprígio Vieira de Carmo do Rio Claro (São Paulo)	
1974	Valério Di Carlo, Mario Monacelli	
1975	Amadeu Guimarães de Corumbá (São Paulo), Marcelino Ruivo de Angatuba (São Paulo)	
1976	Luís Domingos Liberali de Veranópolis (Rio Grande do Sul)	
1977	Bernardino Vagnarelli	
1978		Sílvio Vagheggi
1979		Pacífico de Panicale
1982	José Luís Viana de Poço de Caldas (São Paulo)	Pio Dolci
1983	Mansueto Giovanni Bozić de Vipaco (Veneza)	
1984	Mateus Benedicto da Silva de Poro Alegre (Paraná-Santa Catarina), José Carlos Morara de Arapongas (Paraná-Santa Catarina), Pio Simão Boscheco (Paraná-Santa Catarina)	
1985	Constantino Visintin de Merano (Trento), Milton Batista de Almeida (Brasil Central)	Reinaldo Altieri
1986	José Vieira da Silva (Paraná-Santa Catarina), Gilberto Matos Teixeira (Ceará-Piauí)	
1987	Ernani de Paula (São Paulo)	
1988		Leone de Palermo
1989		Roberto Cialoni
1990	Pietro Bianco Epis	
1995		Miguel Ângelo Pigotti
1996		Anastácio Gaggioli
2001	Lourenço Colombara (Veneza)	Adalberto Marzi; Filipe Dominici; Jeremias Di Nardo
2002		Ciro Aprígio Vieira
2005		Marcello Falini
2006	Paolo Maria Braghini, Vilson José da Silva (Paraná-Santa Catarina)	Evaristo Matteucci
2007	Francisco Freitas de Sousa (Ceará-Piauí), Marcos Antônio Cruz Vieira (Ceará-Piauí)	Mansueto Bozić
2008		Mario Monacelli
2009		Lourenço Colombara

Lista de missionários capuchinhos nativos[1024]

Ano	*Missionários*	*Falecidos*
1944	Lourenço do Porto[4]	
1951	Francisco Arce de Lábrea, Félix de S. Paulo de Olivença	
1955	Miguel Arcanjo Carvalho Gama	
1956	Alberto Alves de Araújo	
1960	Evangelista Caldas Magalhães	
1965		Lourenço do Porto
1978	Francisco Areque Neto	
1980	Celso Caldas de Souza	
1983	Gustavo Alves dos Santos Filho	
1985	José Frank Ribeiro de Paula	
1986	Paulo Xavier Ribeiro	
1992	Nélio de Jesus Pinto, José Bernardo Magalhães de Lima	
1994	Salvador Moreira do Nascimento, Paulo Córdova do Nascimento, Dárez Narbone do Nascimento	
1997	Carlos Acácio Gonçalves Ferreira	Francisco Arce
1999	Lourival José da Costa Bezerra Filho, Francisco Coelho de Oliveira, Sebastião Fernandes Filho	
2000	Jomeson Souza Aparício, Ricardo Luiz Farias de Santana	
2001	Assílvio Pessoa Sabino	
2003	Germano Haradou Hernani	
2004	Regivaldo Silva do Nascimento, Aceme Leal Morais, Mário Ivon Ribeiro	
2005	Billy Graham Maciel Costa, Paulo da Silva Santos	
2007	Manoel Messias Gomes, Smaley Ferreira Sarmento	
2008	Felipe Gentil da Frota, Pedro Jesuíno Cavalcante	
2009	Afrânio José Menezes de Macedo, Elias Franco Augusto Simão, Luiz Gonzaga dos Santos Ribeiro Júnior, Wilton Paulo da Silva Veiga	

1025

[1024] O ano é o da profissão temporária, que determina a incardinação efetiva na Ordem Capuchinha e, portanto, na Vice-Província.

[1025] Foi o primeiro sacerdote capuchinho da Missão: *Bollettino Ufficiale per i Frati Minori Cappuccini della Provincia Serafica*, luglio, 1964-agosto, 1965, 96-98.

ÍNDICE DE NOMES PESSOAIS

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

P

R

S

T

X

Z

O presente volume é fruto de um projeto de pesquisa, iniciado em junho de 2005 com o convênio entre a Província Seráfica dos Frades Menores Capuchinhos da Úmbria e o Departamento de Ciências Humanas e da Formação da Universidade dos Estudos de Perúgia que previa a reconstrução histórica dos cem anos de presença missionária dos frades úmbros na Amazônia. Baseado na convicção que a recorrência centenária não deveria transformar-se numa recordação hagiográfica, mas sim favorecer um estudo do passado que fosse útil para projetar o futuro, o volume examina as modalidades de implantação da missão, com particular atenção ao modo como os religiosos viviam, muitas vezes inconscientemente, o contato com culturas diferentes da própria. Utilizando fontes inéditas, em particular a correspondência dos missionários com a cúria provincial e geral e relendo a abundante literatura dos relatórios da missão, o livro aprofunda a imagem do missionário e o seu apostolado, a concepção da luta contra o protestantismo e as outras religiões, o sentido das práxis que ocorrem ao longo da missão. Uma história da Missão como relação com as "outras" culturas, traçada por um período histórico, o século 20, que vê o progressivo dissolver-se dos tradicionais modelos missionários, conotados por uma forte impregnação entre instituições eclesiásticas e civis e a afirmação, ao menos a partir do Concílio Vaticano II, sobretudo num contexto especial como o da América Latina de então, de uma evangelização que abandona os horizontes do civilizar e torna-se promoção humana. O volume evidencia como, por outro lado, a obra do missionário não permaneceu circunscrita ao campo da fé, mas sempre produziu um encontro intercultural, no qual entraram em jogo estruturas culturais, convicções morais e costumes sociais.

Mario Tosti é professor titular de História Moderna na Universidade dos Estudos de Perúgia, e docente de História da Igreja Moderna e Contemporânea no Instituto Teológico de Assis (Itália). Estudou história das instituições eclesiásticas, da cultura e da sensibilidade religiosa entre os séculos 16 e 19 e publicou vários ensaios que tratam da relação entre a cultura católica e os processos de laicizarão do Estado e de secularização da vida social influenciados pela Revolução Francesa. Ocupou-se ainda de história das estruturas sociais, com sensibilidade para o universo dos trabalhadores pobres do campo com atenção aos modelos de comportamento e à mentalidade.

De 1999 a 2006 foi responsável científico por programas de relevante interesse nacional na Itália (Prin), financiados pelo Ministério da Universidade e da Pesquisa Cientifica, a respeito do censo de santuários cristãos da Itália central, a relação da Igreja com o Iluminismo e as missões franciscanas entre a Europa e o Mediterrâneo, com particular atenção à atividade dos Capuchinhos da Província da Úmbria. Desde novembro de 2001 é presidente do Instituto para História da Úmbria Contemporânea (Isuc).

Para compreender profundamente o esforço de evangelização e a atividade social e caritativa dos Frades Menores Capuchinhos da Úmbria, que há quase 100 anos estão a serviço da "Igreja sobre o Rio", como vem definida a diocese de Alto Solimões, no Amazonas, parece útil definir o quadro da Igreja latino-americana entre os séculos 18 e 19. É notório que o fim do domínio colonial (a partir de 1824 o domínio espanhol sobre o continente sul-americano pode-se dizer extinto) provocou um radical e violento processo de desarticulação e desmembramento da Igreja latino-americana.

ISBN 856421838-0

Secretaria de
Estado de Cultura

TRABALHANDO PARA CRIAR OPORTUNIDADES

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de Cultura